
CINCO IRMÃOS
O outro lado
da cidade guarda segredos.
E prazer sem limites.
FENÓMENO
BOOKTOK
PENELOPE DOUGLAS
Autora *bestseller* de PAIXÃO PROIBIDA e PUNK 57

Índice

Capa

Ficha Técnica

Nota da Autora

Cara leitora

Banda sonora

1 – Krisjen

2 – Krisjen

3 – Iron

4 – Krisjen

5 – Krisjen

6 – Krisjen

7 – Krisjen

8 – Trace

9 – Krisjen

10 – Krisjen

11 – Krisjen

12 – Army

13 – Krisjen

14 – Army

15 – Krisjen

16 – Dallas

17 – Krisjen

18 – Krisjen

19 – Krisjen

20 – Krisjen

21 – Krisjen

22 – Macon

23 – Krisjen

24 – Macon

25 – Krisjen

26 – Macon

27 – Krisjen

28 – Macon

29 – Krisjen

30 – Macon

31 – Krisjen

32 – Macon

33 – Krisjen

34 – Macon

EPÍLOGO – Krisjen

AGRADECIMENTOS

Dallas

Penelope Douglas

CINCO IRMÃOS

Tradução
Luís Filipe Silva

Ficha Técnica

Título: Cinco Irmãos
Título original: Five Brothers
Autora: Penelope Douglas
Tradução: Luís Filipe Silva
Revisão: Domingas Cruz
ISBN: 9789895811625

QUINTA ESSÊNCIA
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01
E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

© 2024, Penelope Douglas LLC
Excerto de Tryst Six Venom © 2021, Penelope Douglas LLC
Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reprodução
total ou parcial, sob qualquer forma.
Esta edição foi publicada com o acordo de Berkley, uma chancela da Penguin
Publishing Group, uma chancela da Penguin Random House LLC.
Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.com

Para 1438 Garfield Avenue

Nota da Autora

Cinco Irmãos é um romance autónomo que decorre no mesmo mundo de um dos meus outros livros, *Tryst Six Venom*. Não há necessidade de o ler primeiramente, mas talvez ajude. Os irmãos Jaeger têm grande destaque nessa obra.

Cara leitora

Este livro lida com assuntos emocionalmente difíceis, que incluem consentimento dúbio, referências a abuso doméstico, assédio sexual e conversas sobre suicídio. Sugere-se àqueles que considerem estes temas perturbadores ponderarem o seu bem-estar antes de decidirem prosseguir a leitura.

Banda sonora

«Afterlife» por Avenged Sevenfold
«Blood in the Water» por Ayron Jones
«Careless Whisper» por Seether
«Coming Down» por Five Finger Death Punch
«Happy Together» por Filter
«Heron Blue» por Sun Kil Moon
«High Enough» por Damn Yankees
«In the Woods Somewhere» por Hozier
«Raise Hell» por Brandi Carlile
«Shout» por Tears for Fears
«Shout 2000» por Disturbed
«Something in the Way» por MXMS
«Take the World» por She Wants Revenge
«Twist of Fate» por Olivia Newton-John
«Waking Up Beside You» por Stabbing Westward
«Where the River Flows» por Collective Soul
«Whispers in the Hall» por Chromatics
«Your Woman» por GYM

1
Krisjen

*N*ÃO *andes sozinha de noite.*

Agarro a bainha da saia axadrezada e olho para trás. A estrada escura e deserta desaparece no negro vazio, como um túnel formado pelo arvoredo. O luar da meia-noite reflete uma luz minúscula que torna azul as folhas, enquanto a brisa de meados de outubro me abana o cabelo sobre a face.

Viro-me para a frente e continuo a andar. O coração pulsa com força no peito.

Não andes sozinha de noite.

Os pais nunca chegaram a dar-me este conselho, julgo eu, embora o tenha aprendido com a experiência. O mundo está cheio de coisas que nos querem fazer mal, só porque podem. Porque lhes facilitamos a vida.

As mulheres não devem ser muito musculadas. Não vale a pena serem espertas nem aprenderem a gerir o dinheiro. Não têm de saber como se abre caminho pela multidão, nem a orientarem-se numa cidade ou no aeroporto, nem a escolherem o carro que querem comprar. Se houver um homem no carro, que seja ele a conduzir, e façam a reserva do restaurante sempre no nome dele.

Estes, sim, foram os conselhos que os meus pais me deram.

Tudo na vida se traduz em poder. Eles não me ensinaram propriamente a evitá-lo, mas que os homens gostariam mais de mim se não mostrasse que o tinha.

O bosque que a estrada atravessa torna-se mais denso, e pressinto figuras que não existem. Escondidas nas árvores. A observarem-me. Como se o perigo farejasse a nossa falta de proteção, manifestando-se nesse preciso tempo e local. Não é verdade que os assassinos em série dos acampamentos de verão sabem sempre quando uma das raparigas se afastou demasiado do grupo? E não importa qual seja o acampamento de verão. Ele até pode estar noutro qualquer.

No entanto, olho para cima, a noite semilímpida exibindo um borrifo de estrelas tão luminosas que fico contente por me encontrar sozinha. Na profundeza desta estrada escura, longe das luzes da povoação.

Aperto a saia escolar nas mãos, o material macio colando-se à pele húmida. Os seios roçam no tecido.

Júpiter ficará visível daqui a poucos meses. Não me recordo que astros se avistam, nesta época do ano, mas é bom vê-los, sejam quais forem. As vilas costeiras da Flórida durante a época dos furacões não são propriamente agradáveis, pois há sempre nuvens.

Não ouvi o motor que se aproximou pelas minhas costas.

– Precisas de boleia? – diz uma voz.

Viro a cabeça de imediato, com o coração em sobressalto. Olho para a pessoa, encontrando olhos verdes que me observam do lugar de condutor da carrinha. Desvio-me da estrada para o cascalho da berma. O veículo abranda ao meu lado.

O braço cai por cima da porta, e ele não traz camisa, expondo todos os centímetros do bronzeado que lhe cobre o peito, pescoço e músculos.

Trabalha no exterior, sem dúvida. E não deve usar camisa, pois não há marcas na cor da pele.

Um rapaz do bairro de lata da vila.

Traz um boné de basebol com a pala virada para trás, por cima do cabelo preto totalmente esticado, e os olhos rebrilham daquela forma que hoje já reconheço. Um olhar que os homens sempre me lançaram, mesmo quando ainda não tinha idade apropriada.

Engulo em seco.

– Não, obrigada.

Continuo a andar, desejando que ele acelere e se ponha a andar, mas isso não acontece. Os músculos das minhas pernas ficam tensos e preparam-se para fugir. Vou-me afastando aos poucos, sentindo os olhos dele nas minhas costas.

– Sabes o que te fazia bem? – pergunta, e vejo pelo canto do olho que a carrinha se acerca novamente. – Uma miúda como tu devia ter namorado.

Uma madeixa do meu cabelo cor de avelã flutua ao vento e volta a tapar-me a cara. Aperto novamente a saia, a fralda da minha camisa branca esticada quase até à bainha.

– Alguém que tomasse conta de ti e te levasse de carro aos sítios – diz. – Gostavas de ter um homem?

As palavras dele arrepiam-me a pele. Olho em frente, fixa na estrada. Mais escuro. Mais vazio. Ninguém sabe onde estou.

– Anda cá – pede, quase num sussurro.

A minha boca fica seca.

Não é um pedido.

Ouço a porta ranger ao abrir-se e paro, virando-me lentamente, vendo-o sair do carro.

Foge.

Com a porta aberta, deixa cair o queixo, e aproxima-se pé ante pé, como se eu fosse um animal a quem tenha de pôr a trela para que não fuja.

Foge, ordeno a mim mesma.

Dou um passo atrás, mas ele alça a mão e apanha a madeixa pendurada sobre a minha face.

Contudo, não olha para o cabelo, e sim para os meus olhos.

É novo. Pouco mais velho que eu, mas mais alto, sem dúvida. Mais amplo.

Está muito perto.

Viro-lhe as costas, mas, antes de dar um passo, sou agarrada e puxada para trás, contra o peito dele. Solto o ar, e sinto a mão dele no meu peito, a outra já a deslizar para entre as pernas.

Ele solta um bafo sobre a minha orelha, esfregando-me a fenda por baixo das cuecas.

– Oh, céus, tens aqui coisa boa, não tens?

Geme.

Contorço-me, a choramingar.

– Não…

Enfia a mão por dentro das minhas cuecas, afagando-me enquanto inspira entredentes.

– Entra na carrinha – faz-me virar e liberta-me, mas puxa-me para o carro antes que eu consiga fugir. – Agora sou eu o teu homem – rosna.

Olho para um lado e para o outro, e empurra-me, a porta aberta impede-me a fuga para o lado esquerdo, e ele bloqueia a fuga pela direita. Enfio-me na carrinha de costas, rastejando o mais possível para o lado oposto, até embater na porta.

Agarro no puxador atrás de mim, mas a tranca desce nesse instante. Puxo para cima e para baixo, tentando sair, mas ele olha-me fixamente, entrando e fechando a porta com determinação. Não sou capaz de mexer um músculo. Aperto as coxas.

O olhar desliza pelo meu corpo, desce até às pernas e ao que está à vista, com a saia levantada. Puxo-a para baixo.

– Porra – murmura, a língua retorcendo-se na boca.

Põe a carrinha em marcha e acelera.

– Para onde me levas?

– Para um sítio onde possa dar atenção à minha nova namorada – responde.

Os olhos dançam-lhe, atentos à estrada, um fio de suor escorrendo pelo peito. Vejo-o deslizar por cada ondulação dos abdominais.

O cabelo preto fica mais escuro ao redor da orelha, do suor acumulado, e vejo-o morder o lábio inferior, atento à estrada. Pescoço liso e jovem. Leva o braço esticado e agarrado ao volante, fletindo todos os músculos. Não tem tatuagens. Apenas uma cicatriz na sobrancelha – uma pequena fenda na qual não cresce pelo.

Enterro as unhas no assento ao meu lado.

Devia fazer uma tentativa séria de fugir. Bater-lhe. Dar-lhe pontapés.

Ele sai da estrada e entra num acesso de terra batida, e vira bruscamente para um terreno rodeado de árvores. É onde as pessoas trazem os seus todo-o-terreno para passear. O bosque está cheio de percursos.

Mas, durante a noite, encontra-se abandonado.

Somos apenas nós.

Estaciona e desliga o motor, e o interior do carro fica completamente escuro.

Sinto mãos nos meus tornozelos, e ele puxa-me para baixo, no assento, ajoelhando-se a seguir entre as minhas pernas, posicionando-se por cima de mim.

– Quero ir para casa – digo.

Ele não responde.

Enfiando a mão dentro da minha saia, baixa-me as cuecas, fazendo-as deslizar ao longo das pernas, pelos sapatos, e aprecia a minha pele desnuda.

– Meu Deus, és mesmo uma putinha linda.

Levanta-me a camisa, dobra-se e enfia um dos mamilos na boca, começando a chupá-lo, enquanto me esfrega entre as pernas com a mão.

– Mmm – geme.

Agarro no pulso dentro da saia com ambas as mãos, procurando afastá-lo, mas contrai os músculos e não se demove. Excita-me o mamilo com a língua, transita para o outro seio, e eu empurro-lhe o peito, a choramingar. Ele não presta atenção, continuando a deliciar-se.

É como se eu não existisse.

É como se sirva apenas para o seu gozo.

Morde ao de leve o mamilo, e um choque desce-me pelo estômago até ao interior das pernas. Solto-lhe o pulso e arrasto os dedos para cima, pelo estômago, até à cintura da saia.

– Ah, a tua coninha molhada agora já me quer… – baba-se.

Pois, sim, querido.

Agarro no cabo da faca que trago escondida na saia e levanto o braço, encostando-lhe a lâmina ao pescoço.

Ele para.

Sinto o cabrão de um sorriso na minha garganta.

A sua respiração quente contra a minha pele ficou mais acelerada, mas ele mantém-se imóvel por cima do meu peito, enquanto eu levanto a cabeça, como se pairasse, e o enfrento.

– Sai de cima de mim.

Meu Deus, a forma como ele parou sem resistir. Foi fantástico.

Posso fazer com ele tudo o que me apetecer.

Aos poucos, recosta-se para trás no assento, e eu acompanho-o, mantendo-lhe a lâmina encostada ao pescoço, e passando a perna por cima das coxas dele.

Monto-me em cima daquele colo.

– Mãos no tejadilho – ordeno.

Ele levanta os braços, mal conseguindo respirar, e põe as palmas das mãos por cima da cabeça.

O volante magoa-me as costas, mas debruço-me para trás, sentindo os mamilos já duros e espetados contra a camisa, roçando naquela peitaça quente.

Ele sustém a respiração, enquanto enfio a mão livre no bolso das suas calças. Retiro algumas notas dobradas e mostro-as, sorrindo ligeiramente antes de as enfiar no bolso da camisa.

Forço ainda mais a lâmina contra a sua pele.

– Mãos atrás da cabeça.

Ele trespassa-me com o olhar, mas obedece.

Eu podia fugir agora, se quisesse. Duvido que me tentasse agarrar. Nem tirar a arma. Um tipo como ele – giro e habituado a ter o que quer – não vai arranjar sarilhos por minha causa.

Eu podia ir-me embora.

Mas não vou.

Remexo-me, deslizando ao encontro do inchaço nas calças dele, levando a mão àquela peitaça.

– Pensando bem – provoco-o, apoiando-me nos joelhos, tentando nivelar a boca dele com o meu peito, que se espeta sob a camisa. – É para isto que serves, não é?

Forço-me contra a boca dele, e ele aproveita o convite, afastando o colarinho da minha camisa, fazendo-a deslizar-me do ombro até expor o seio. Desata a chupá-lo. A língua ardente mordisca-o, espevita-o com leveza, e eu agarro-lhe a nuca, prendendo-o contra mim para garantir que não para.

Baixo-me e beijo-lhe a boca, murmurando-lhe sobre os lábios:

– Abre as calças e tira-o cá para fora.

Roço as ancas nele, a ofegar e a gemer, enquanto ele puxa o cinto e desabotoa a braguilha.

Ele tenta agarrar-me nas ancas, mas eu forço a lâmina sobre o pescoço.

– Não me toques.

Ele afasta as mãos, e eu ataco-lhe a boca, sentindo a carne ardente e dura do caralho esfregar-se no clítoris.

Encaro-lhe os olhos.

– Ainda queres possuir-me? – murmuro.

Anui, a boca abrindo-se com uma respiração ofegante.

– Porra, sim.

Abrando, rodando as ancas, provocando-o, mas ele já está pronto. Dobra-se, tentando alcançar o porta-luvas, e eu beijo-lhe o pescoço, trepo da maxila à têmpora.

Mas então ele fica parado, e eu, por fim, deixo de beijá-lo.

Espreitando para trás, vejo que segura uma caixa de preservativos virada para baixo. Indicando que está vazia.

Atira-a para o chão, e remexe no conteúdo do porta-luvas, procurando uma unidade que possa ter caído por acaso. Papéis e guardanapos e ferramentas que não reconheço deslizam para o chão, mas, quando para, tem a mão vazia. Nada.

Não tem nada. Nenhuma proteção.

Fico tensa.

– Ainda sobravam dois – digo-lhe.

Ele fita-me com um olhar condoído. Varre o compartimento com a mão novamente, mas em vão.

Deixo cair os braços.

– Trace…

Ele endireita-se, e deita a cabeça para trás, entrelaçando as mãos ao alto.

– Merda – murmura para o tejadilho.

O coração cai-me aos pés. Estivemos juntos há três dias. Ainda havia dois preservativos na caixa. Os irmãos dele não usam esta carrinha.

Perscruto-lhe o olhar, mas ele desvia a cara.

– A sério?

Sem esperar que responda, desmonto-o, regressando ao meu lugar e pousando a faca.

– Vá lá – pede Trace numa voz mansa. – Não fiques zangada comigo, Krisjen.

Ele procura-me a mão, mas eu afasto-a, apertando os dois botões da camisa que desabotoei anteriormente para fazer o papel de potencial vítima de um assassino em série, na estrada escura no meio de nenhures.

Ele hesita, mas o ambiente, entretanto, esfriou. Aperta a braguilha, tal como o cinto, e a nossa brincadeira regressa à realidade – aquela em que tenho dezoito anos, formada por uma escola católica que já não frequento, e ele tem vinte, tentando não tornar inimiga uma das melhores amigas da irmã, pois sabe que nos cruzaremos constantemente ao longo da vida.

– Não me faças sentir mal, por favor – diz, suavemente. – Também não pensei que andasses apenas comigo. Não estás apaixonada por mim, pois não? Sou mesmo parvo.

Fecho os olhos, mas quase rio, porque ele é mesmo parvo.

E não estou apaixonada por ele.

Mas já não me posso mentir mais. Não sou realmente, para ele, uma pessoa especial. Talvez não passe da rapariga que, hoje, lhe respondeu ao SMS.

Mas gosto dele. Vai ao encontro destas minhas fantasias de fazer-de-conta, nas quais acabo por dominar aquele que queria dominar-me.

Inclino a cabeça, esfregando a vista cansada.

– Krisjen, a sério – pega-me na mão. – Desculpa. Não julguei que estivéssemos nesse ponto.

– Não peças desculpa – digo, retraindo a mão. Só me faz sentir mais patética. – Tens toda a razão. Não vamos casar um com o outro.

Fito-o nos olhos, dizendo o nome na mente. *Trace Jaeger.*

E Milo Price. O meu ex-namorado. Os dois homens com quem fui para a cama.

Sempre pensei que haveria apenas um. Aos doze anos, imaginava assim a minha experiência do verdadeiro amor: beijos apaixonados ao pé de falésias à beira-mar enquanto o meu vestido soprava ao vento. Ele seria um poeta. E

também um duque, em segredo. Teria um castelo. Ou seja, eu achava mesmo que isso iria acontecer, pois nutria ideias grandiosas, sem ter em conta o quão desesperada sou por atenção.

Mas não se passou assim. Foi durante o ano de finalista; umas amigas convidaram-me para o baile do 11.º ano, e acabámos numa festa, durante a qual me entreguei ao meu namorado num leito desconhecido, coisa que terminou passados onze minutos.

Fui para a cama com dois homens.

Haverá mais.

Trace não será o último.

– Outros quererão fazer-me o que tu me fazes – murmuro.

– Mas da mesma forma?

– Se calhar com mais força.

Ele solta um trejeito trocista, recostando-se no assento.

– Bem, aparece quando quiseres, se precisares de um intervalo do teu futuro marido, daqui a cinco ou dez anos. Quando sentires falta do bom e do melhor.

Ele tenta fazer-me sorrir, mas não reajo. Espreito pela janela. *Daqui a dez anos…* Meu Deus, ainda precisarei de Trace para me sentir viva?

Uma imagem surge-me no espírito, embora entenda logo que não se trata da minha mãe, mas de mim própria. Usando o penteado dela. As roupas dela, a vida dela.

Ele tenta agarrar-me a mão.

– Vem cá.

Resisto.

– Vem cá – murmura.

Mas eu afasto a mão, com delicadeza, antes que ele lhe pegue.

Trace gosta de agradar. Odeia que as pessoas estejam zangadas com ele. Produto de anos a tentar esquivar-se dos quatro irmãos mais velhos, uns verdadeiros tornados.

Macon, Army, Iron e Dallas.

A irmã dele, Liv, namora com a minha melhor amiga, Clay, mas Liv é muito calma, quando comparada com o resto dos Jaeger. O que também se deve, acredito, aos vários anos a esquivar-se aos cinco irmãos mais velhos, uns verdadeiros tornados. Embora ela os adore infinitamente.

Os pais deles faleceram há coisa de oito anos, com um intervalo de dois meses. Macon, o mais velho dos filhos, viu-se obrigado a abandonar a carreira militar e voltar para casa, para criar os irmãos. Os irmãos mais velhos de Trace

são praticamente as únicas memórias que tem da infância.

– Podíamos ter uma saída romântica – diz ele. – Ficaste com o meu dinheiro.

– Referes-te à tua mesada? – tiro as notas dobradas do bolso do peito, a de vinte dólares que está à vista, e, conhecendo, a de um dólar por dentro. Devolvo-as antes de vestir as cuecas.

Ele enfia as notas no bolso.

– Eu também ganho dinheiro por fora, sabes.

Está bem, abelha.

– Não vamos sair os dois só por te sentires culpado.

– Bem, continuo disponível para sexo – acrescenta, lançando-me aquele sorriso adorável. – Afinal, a ideia foi tua, e agora apetece-me mesmo – aponta para a tesão nas calças. – Aquela parte de me roubares foi mesmo excitante.

Faço um ar carrancudo, mas o que me chateia é ter vontade de sorrir. Ele esforça-se para me pôr bem-disposta, e por algum motivo, apetece-me indicar-lhe que agradeço o esforço.

Afinal, também gosto de agradar aos outros.

– Estava a tentar ser uma durona, como a tua irmã e a Clay – murmurei, a espicaçá-lo.

Achei que me estava a sair bem, mas agora estou na dúvida.

Ele toca-me na cara.

– Ainda bem que não és violenta – diz, mansamente. – Gosto disso, de seres assim meiga connosco. Não mudes.

São palavras muito simpáticas, mas esta forma de ser não me leva a parte alguma. Só me torna um alvo fácil.

– Não mudes, *okay*?

Yeah, pois. Como queiras.

– Leva-me para a tua casa – arregaço as mangas e coloco o cinto de segurança. – O meu carro ficou lá.

– Krisjen…

– Está tudo bem, Trace. – Não olho para ele. – Não somos um casal. Nunca fomos.

Menti a mim mesma. Causei isto a mim mesma.

Aposto que, deste o primeiro dia, fui vista como um alvo de engate. Uma noite, na primavera passada, acompanhei Clay ao bairro do outro lado da linha ferroviária, a dita Baía de Sanoa, o lugar original da colónia de St. Carmen.

Hoje em dia, para fins oficiais, somos todos St. Carmen, mas a Baía – onde Trace vive com a família – não gosta que lho digam. É uma gente possessiva com a terra, e querem governá-la de forma independente.

Eles são selvagens.

Nós somos discretos.

Eles são pobres.

Nós não somos.

Eles são Pântano.

Nós somos Santos.

Clay apaixonou-se por Liv, a rapariga rebelde do lado errado da vila, e eu perdi a cabeça com um dos irmãos da rebelde.

Mas, para mim, não foi amor, como aconteceu com Liv e Clay. Trace não me traz em pensamento, assim que abandono a cama dele, e, para ser completamente justa, também não trago grande coisa em pensamento.

Ele liga a ignição, e, ao entrar na estrada, vira para a esquerda, rumo aos pântanos.

Passamos pelos portões da minha casa, e eu olho-a de relance para confirmar que as luzes do piso superior continuam desligadas, antes de Trace virar para o acesso escuro e mais uma vez à esquerda, atravessando a ponte que liga ao pantanal.

Tiro o telemóvel e mando uma mensagem ao meu irmão.

Deixei o carro na Baía. Volto já.

Marshall tem quase treze anos. Tem sempre os auscultadores enfiados nos ouvidos, e não ouvirá Paisleigh se esta acordar.

Aparece uma resposta. **Como é que sabias que eu estava a usar o iPad antigo**?

Rio-me para dentro. Porque és esperto, tal como eu.

Tirei-lhe todos os aparelhos, quando os meti na casa há cerca de duas horas, mas não lhe pedi aquele em particular, que ele julgava ter em segredo. Mas devia tê-lo feito. Se os meus pais tivessem sido mais rígidos com a minha hora de deitar, talvez frequentasse agora a faculdade, juntamente com as minhas amigas.

Mas também sei que Mars fará o que lhe apetecer. Sou rígida a ponto de ele perceber que eu quero que durma bem, mas não a ponto de levá-lo a esconder-se de mim continuamente. Avizinham-se lutas mais importantes do que iPads e telemóveis.

Se for igual a mim.

Adoro-te. Um abraço ao Jason.

Não te metas com a minha almofada, ele riposta.

Solto uma gargalhada, e noto que Trace me observa pelo canto do olho. O meu irmão tem uma almofada com a cara do Jason Momoa. É uma almofada bonita.

O telemóvel vibra com uma mensagem. **E flores bonitas**, provoca-me Mars. **A mãe tirou-as do lixo**.

E eu voltei a colocá-las ali, digo na minha resposta. **Boa noite. Vai dormir. Adoro-te**.

Volto a enfiar o telemóvel no bolso, aumentando o volume do rádio de Trace, enquanto ele acelera, distanciando-me das rosas brancas no caixote de lixo da minha casa.

Adoro receber flores, mas não de desconhecidos.

Fico tentada a contactar o meu pai ou os meus avós, para lhes contar que a minha mãe está a tentar arranjar-me marido, mas não sei se ficariam preocupados.

E não vou pedir nada ao pai. Se nem sequer pensa em sustentar a família, duvido que se interesse que a solução da mãe seja casar-me com um tipo rico.

Pingos de chuva caem sobre o para-brisas, mas abro a janela, para sentir o aroma do vento. As luzes mansas de St. Carmen e do brilho difuso dos candeeiros a gás da Main Street desaparecem do retrovisor lateral, assim que Trace sai da passagem superior. Saltitamos por cima das linhas do comboio, e a estrada ganha cascalho e castiga os pneus à medida que nos adentramos no território selvagem da baía.

Casebres construídos há mais de um século servem o melhor peixe fresco e o *gumbo* da área; passamos por terrenos baldios, os alpendres escuros das casas escondidas espreitam pelos arbustos.

Esfrego as mãos no colo.

Uma parte de mim adormece quando aqui entro. Talvez seja do calor, que me ataca um pouco mais, ou talvez da terra, caótica e desprezada, como se a natureza a tente reivindicar.

Durante séculos, os seminolas e os espanhóis apoderaram-se dela, defenderam-na, viveram nela, batalharam entre eles, até, por fim, construírem em conjunto.

E quando chegaram outros europeus, querendo ocupar o pântano e as lindas vistas do mar, a Baía tornou-se uma nação à parte – uma muralha contra o mundo.

Com o passar do tempo, as comunidades deixam de colaborar, não havendo mais necessidade, mas a Baía é única neste caso. Passados quinhentos anos, ainda lutam para sobreviver. Eis um objetivo comum que os tem unido.

St. Carmen também tem a sua paixão, mas não é nem de perto tão divertida.

Trace acelera pela estrada de terra batida, passando por casas e lojas na rua principal, e depois faz meia-volta, parando diante da sua própria casa. Meia dúzia de carrinhas e veículos diversos encontram-se estacionados em frente, e as luzes das janelas do rés do chão estão acesas.

Saltamos para fora, e espreito para a vedação, junto à qual vejo o meu *Rover*.

– Filho da mãe! – alguém berra do interior da casa. – Ia morrendo!

Inspiro profundamente. *Iron Jaeger*. Um dos irmãos mais velhos de Trace. Identifico-lhe a voz por eliminação. É o único que raramente ouço gritar, e conheço as vozes de todos os restantes. Se fosse Macon, o mais velho, provavelmente virava costas e desaparecia a correr.

A porta de entrada abre-se e dali jorram vários tipos, que correm pelo acesso em direção à estrada de terra agora molhada da chuva. As namoradas deles esperam nos carros, a rirem-se, abrigadas do tempo.

A música no interior faz a casa vibrar, enquanto a bandeira dos seminolas se agita por cima da porta da garagem. Hera e musgo trepam pela fachada cor-de-rosa, feita de estuque velho, da deteriorada mansão construída pelos missionários espanhóis, e inspiro profundamente, como sempre faço, porque este ar quase se pode cortar às fatias.

Atravessando o arco da pesadona porta de madeira, ouço uma das persianas do segundo ou terceiro piso a bater, fustigada pelo vento. Berros cortam o ar, e encolho-me, pois mais pessoas vêm a correr na minha direção.

Salto para o lado, Trace agarra-me nos braços e desvia-me da passagem. A música cala-se enquanto eles correm pela porta.

– Mas que raio é que aconteceu? – murmuro.

Mas Army Jeager, o segundo irmão mais velho, responde:

– Um jacaré saltou para a piscina.

Aproxima-se, enfiando uma *T-shirt* pela cabeça. Tem o cabelo preto encharcado, gotas de água escorrem pela enorme tatuagem em forma de polvo e caem pelo lado esquerdo do peito. Julgava que ele raramente usava *T-shirt* por

saber que ficava tão bem sem ela, mas acabei por entender que preferia poupar tempo. Quando os irmãos não lhe dão cabo da cabeça, está a cuidar do filho pequeno. Com vinte e oito anos, é o único que já tem descendência.

– O Iron caiu lá dentro quando tentámos tirar o bicho – acrescenta.

Só podia. Um dos Jaeger está sempre a ponto de morrer por algum motivo.

– Mas estão todos bem? – pergunto.

Mas ele faz um gesto, que isso não interessa, e agarra num taco de basebol guardado atrás do cabide de pé.

– Sim, fiquem de olhos bem abertos. Fugiu, mas pode estar em qualquer parte. Vamos à procura dele.

Ora, que maravilha. Olho para o fundo, reparando que Iron emborca uma cerveja, músculos tensos e roupas completamente encharcadas. Tem o cabelo negro esticado para trás. Começou a deixá-lo crescer neste verão, e mostra ainda um profundo bronzeado em toda a pele exposta. A veia no pescoço destaca-se sobre a tatuagem.

Mas então outro Jaeger manifesta-se.

– Ora que bom – comenta Dallas num tom sarcástico. – Basta o Trace ligar, que vens a correr.

Os olhos verdes de Dallas estão sempre a olhar para mim como se me imaginasse em chamas.

Viro a atenção para os restos da festa e os estragos na sala de estar.

– Viemos de carro, se queres saber.

Trace solta um riso e atira uma lanterna ao irmão.

– Vai com cuidado.

Dallas agarra-a, puxando o cabelo para trás e enfiando um boné de basebol. É um ano mais velho que Trace. Vinte e um anos. E não gosta de mim.

Não gosta mesmo *nada* de mim.

Army, Iron, Dallas e Trace. Perfazendo quatro.

O filho pequeno de Army, Dex, faz berreiro no piso de cima.

– Porque é que o puto ainda está acordado? – vocifera Dallas.

– Porque vocês só fazem barulho, porra – rosna o pai, avançando para a porta.

Uma rapariga chama-o.

– Army, francamente. Queres que espere no antigo quarto da Liv ou não?

Espreito para o semi-rabo de cavalo encavalitado na cabeça da rapariga, o batom vermelho-vivo que combina com a saia apertada e a camisa. Cruzo os braços, para disfarçar a mancha de tinta, pois ajudei Paisleigh a pintar o trabalho de casa antes de sair.

Mas Army diz-lhe sem rodeios:

– Não entres no quarto da minha irmã.

Desaparece pela porta, ao lado de Dallas, e Iron prepara-se para os seguir, emborcando o resto da garrafa.

– Como estás? – pergunto-lhe.

Ele não me encara, apenas abana a cabeça e suspira, pousando a cerveja.

O meu pai é o juiz de distrito, e Iron aparentemente está sempre a passar pelo tribunal, detido por isto ou por aquilo. Invasão de propriedade, furto, e, ultimamente… assédio. Iron adora andar ao murro. Com vinte e quatro anos, comporta-se como uma criança.

Infelizmente, a sorte dele esgotou-se no passado verão. A última detenção envolveu uma fiança, uma data de julgamento, e por fim, um pedido de clemência. Vai passar algum tempo na cadeia. É obrigado a apresentar-se daqui a uma semana.

Não fui responsável pela sentença, mas, por outro lado, se calhar não devia estar na casa dele.

– Iron, vens ou não vens? – chama Dallas.

Iron lança-me um olhar, que se suaviza com um traço de sorriso. Uma serpente enrolada à volta de uma ampulheta marca-lhe o lado do pescoço, e mais tatuagens distribuem-se pelo corpo. Nunca me demorei a analisá-las, mas sei que tem uma palmeira com a latitude e longitude da Baía de Sanoa no braço, e um enorme jacaré no fundo esquerdo das costas.

Encolhe os ombros.

– É o melhor que há a fazer, não achas?

Eu faço um sorrisinho de volta, pois sempre gostei dele. Talvez mais do que de Trace. Iron é completamente diferente com as mulheres e as crianças. Uma vez vi-o parar e estacionar a mota, pegar nas compras de uma velhota, colocá-las nas bolsas do veículo e deixá-las na casa dela, evitando assim que ela as carregasse. Foi engraçado, pois a mulher julgava inicialmente que era um roubo e começou a bater-lhe. Agora são amigalhaços, e ela pede-lhe ocasionalmente que leve o marido, que se encontra numa cadeira de rodas, à terapia física. Mas não de mota, obviamente.

Os motores arrancam, assinalando a partida de Iron, Dallas e Army. Trace fica para trás, e não faço ideia de onde poderá Macon estar, mas vi a garagem fechada ao chegar. Estando em casa, é ali que se encontra.

Sem pais.

Apenas cinco irmãos.

A viverem na mesma casa.

Penso que alguns gostariam de mudar-se, mas não saberiam o que fazer da vida sem aquele convívio diário.

– Bebes?

Lanço um olhar a Trace, que abre as tampas de duas cervejas. A mesma ampulheta com uma serpente nela enrolada cola-se à pele, forjada em ferro e presa com três faixas finas de couro em volta do pulso direito. Todos os irmãos usam a mesma pulseira. É o brasão de família dos Seis Tryst. Tryst deriva do nome da mãe, Trysta, e Seis porque foram seis filhos. Não sei quem terá inventado o nome. Mas não me parece que tenham sido eles a batizarem-se a si mesmos.

Trace oferece-me uma garrafa. Odeio cerveja. Seguramente, já lhe disse isso.

– Onde estão as minhas chaves? – pergunto.

– Sabes bem onde estão.

Ele tem uma garrafa em cada mão, e bebe demoradamente de uma delas.

Fito-o com um pestanejar.

– E poderias ir buscar-mas, por favor? Como um cavalheiro?

Na minha anterior visita, fomos passear no barco deles, e depois ele deu-me boleia para casa a partir de lá. Agora preciso do carro.

Mas ele está a meter-se comigo.

– Podes ter deixado ficar outras coisas. Mais vale irmos ver.

Arqueio a sobrancelha, percebendo que me quer enfiar no quarto dele. Começo a subir as escadas.

– Referes-te ao meu vibrador? – resmungo. – Usei-o aqui mais do que na minha casa.

– És mesmo rude.

Ele segue-me pelos degraus, enquanto eu abafo o riso. Não me costumava vir com ele, mas para ser justa, também não esperava que isso acontecesse.

Nem creio que ele se tenha esforçado o suficiente.

Li algures que a maioria das mulheres não atinge o orgasmo com a penetração, e, portanto, eu devo fazer parte desse grupo.

Costumava pedir-lhe para abrandar, e depois era eu que me fazia vir. Acabei por usar muitas vezes o vibrador.

Mas ele sabe beijar. Tocar-lhe e sentir-me ao lado dele fez-me bem e, durante algum tempo, senti-lo ajudou-me a esquecer os problemas.

Sim, durante algum tempo.

No cimo das escadas, passo pela porta fechada do quarto da sua irmã, e faço um sorriso, pois irei vê-la daqui a poucas semanas, quando vier passar o feriado do Dia de Ação de Graças. A casa de banho e o quarto de Macon ficam à direita, e a porta dele também se encontra fechada, e mais adiante, discirno o quarto de Iron e Dallas, à esquerda do de Trace.

O quarto de Army está fechado, o filho parou de chorar e há uma porta no canto, ao fundo, que se mantém sempre trancada. Nunca vi ninguém entrar ou sair daquela divisão.

– Porque não querias vir à festa? – pergunta Trace, entrando no quarto depois de mim, enquanto eu me aproximo da secretária, que é na verdade um espaço para acumular tralha.

Começo a vasculhar nas coisas, à procura das chaves.

– Referes-te à festa de hoje ou à de ontem?

Cruzo o olhar com o dele, muito rapidamente, e Trace sorri. Desvio-me, sentindo aquele ardor familiar na barriga. O sorriso fácil foi o que me levou à certa, quando começou há seis meses este caso, que era para ser apenas uma noite.

– A minha vida não se centra em ti, Trace.

Portas batem no rés do chão, e a casa fica mais silenciosa enquanto os motores desaparecem pela rua.

– Oh, não diga isso, menina Conroy – pousa uma das cervejas, e aborda-me pelas costas, agarrando-me a cintura. – A menina adora descer ao piso da criadagem para ser servida.

Abano a cabeça, levantando uma caixa de equipamentos e retirando uma peça de automóvel cheia de óleo.

– Não precisas de mim – digo-lhe. – Raparigas a cirandar pela casa é o que não faltam.

Espreito para a cama revolvida.

Ele afaga-me a orelha.

– Gosto de pensar que, durante os próximos cinquenta anos te vou encontrar na vila – diz-me –, armada em mansa esposa do Sul, quando sei o bem que ficas debaixo de mim. Vou ver-te. Vais ver-me. Vamos sorrir um para o outro quando nos cruzarmos no passeio, e recordarmos. O relógio não para, Conroy. Mais vale gozarmos enquanto podemos.

Há uma leveza naqueles vinte anos que adoro, mas que também me faz sempre hesitar. Nunca fala a sério e, depois de andarmos enrolados há seis meses, começo a desconfiar que seja um ato propositado.

Paro de procurar as chaves.

– Sabes que não penso em ti nessa forma, não sabes? Como um criado?

A família dele tem mais dinheiro do que a minha, a este ponto. Os meus pais estão encalhados num divórcio litigioso, e o meu pai não nos paga nada enquanto durar. Os Jaeger, pelo contrário, não devem ser tão pobres como gostam de parecer.

Mas Trace continua a brincar:

– Chiu, não estragues a fantasia.

Vislumbro as chaves na mesinha de cabeceira e pego nelas, virando-me para ele.

– Vou para casa.

– Voltas um dia destes?

A pergunta apanha-me desprevenida.

Não.

Não tenciono voltar.

Aqui não há nada que seja bom para mim, e é altura de endireitar a minha vida. Há que fazer planos. Definir um rumo. Talvez a faculdade?

Mas ainda não faço ideia do que quero ser na vida.

Nunca almejei tornar-me advogada, corretora de bolsa, presidente de uma empresa.

Só quis poder levantar-me de manhã cheia de alegria. Saber que teria um impacto positivo na vida de alguém.

E quero um homem que me respire. Que me deseje loucamente e precise de mim.

Não encontrarei nada disso no quarto de Trace.

– Vamo-nos cruzando na vila – sorrio um pouco. – Durante os próximos cinquenta anos.

Ele segura-me a cara, o nariz quase roçando o meu.

– Tens de levar daqui mais uma boa memória.

Desvio a boca, preparada para lhe afastar a mão, mas alguém bate à porta.

– Trace? – é uma voz feminina.

A porta abre-se e eu espreito por cima do ombro dele, quando me solta. Uma morena enfia a cabeça no quarto, alguém que acompanhava a namorada de Army. Acho que se chama Carissa.

Ela vê-me, sorri, morde o lábio inferior.

– Precisam de alguma coisa? – pergunta-me.

Encaro-a, especada. Precisamos *de alguma coisa*?

Porque havia…

Viro-me, mas ele observa-me sem dizer nada.

Ele inclina-se para mim, pousa as mãos sobre a secretária, uma de cada lado, e olha-me fixamente.

– Diz-lhe que hoje sou para ti – pede.

O quê?

Demoro segundo e meio para entender que ela é o plano de reserva. Empurro-o e desato a andar para a porta.

Filho da puta. Se não ficar eu com ele, ficará ela?

Escancaro a porta, e a rapariga desvia-se do caminho.

– Podes ficar – diz-me ela. – Brincamos as duas.

– A Krisjen não tem coragem para isso – diz Trace como se eu não estivesse aqui. – Ou tem?

Não vou responder à provocação.

– Tenho, sim – lanço-lhe um olhar. – E talvez experimente um dia. Mas não contigo.

E saio de rompante, batendo com a porta nas costas.

Filho da mãe. Passa-me pela cabeça a ideia de ligar para a irmã dele e contar-lhe tudo, mas ela não ficaria nada espantada, e ainda me resta alguma dignidade.

Além de ela o adorar, daqui ao fim do mundo.

Trace sempre foi deliberadamente irresponsável, mas simpático, ao contrário de Milo. Pouco atencioso, mas nunca tive a impressão de que isso fosse pessoal. E, como não o amava, também não me incomodou.

Contudo, aquilo foi pessoal. Estava bem ciente de que ele não iria ter saudades minhas quando acabássemos, mas não é próprio dele esfregar-me isto na cara.

A chuva fustiga as janelas, e encaminho-me pelas escadas, descendo, mal reparando que a casa ficou, entretanto tranquila e apagada. Surgem relâmpagos e eu prendo as chaves no punho, abrindo a porta de entrada. Dou um passo, mas paro, lembrando-me do jacaré.

Olhando em volta, perscruto o quintal e a estrada de terra do outro lado da vedação, descobrindo as luzes do quartel de bombeiros ao lado e a garagem ao fundo da rua. Música faz vibrar as paredes do bar distante, à esquerda, mas a maior parte dos veículos abandonou a casa dos Jaeger, e não vejo ninguém – nem nada – cá fora.

Adoraria que me acompanhassem até ao carro, mas não vou pedir ajuda a Trace. Salto para o pátio, fechando a porta atrás de mim, e corro para o meu carro. Gotas batem-me na cabeça, contorno a frente da viatura, mas antes de conseguir carregar no botão e destrancá-lo, pressinto problemas. O carro não está nivelado. Olho para o pneu da frente, do lugar do condutor, notando que está vazio e tem um corte na borracha. Ali mesmo. Sem tirar nem pôr.

Deixo descair a cabeça, a resmungar.

– Porra!

Droga, Aracely. Francamente. Ela nem se interessa por Trace. Fiz-lhe algum mal?

E sei que foi ela. Já fez esta merda à minha amiga Amy durante o verão, com quem simpatizo, porque Amy meteu-se com Dallas e Iron. Ambos ex-namorados de Aracely.

Percebo que a irrite ver uma Santa a dormir em casa. A divertir-se com os homens dela (na sua perspetiva). Mas Trace nunca lhe pertenceu, e julguei que gostava de mim.

Deve ter pensado que me aturaria até partir para a faculdade, mas, como não fui, é uma forma de me informar que passei do prazo.

O vento agita-se, a chuva cai lateralmente, e eu entro no carro e tiro o telemóvel.

Marco o número do serviço de reboques da Maker Street, mas o telefone toca e toca. Desligo e volto a tentar, mas desta vez ouve-se o gravador de chamadas.

Começo a ligar para Clay mas paro. Ela teve de trabalhar esta noite. E tem aulas.

O meu polegar paira por cima do telemóvel. Mãe, pai…

Milo viria buscar-me, sem dúvida. Qualquer um me viria buscar, mas vão dar uma curva. Conseguirei conduzir com um pneu em baixo?

Acho que estraga a jante ou algo assim, mas carrego no botão e ligo o motor. Engatando a mudança, acelero e quase caio para a frente, agarrando o volante com ambas as mãos para me apoiar.

– Porra – explodi.

Desligando o motor, volto à chuva e corro para o outro lado, confirmando que o pneu traseiro do lado do passageiro também está vazio.

Levo as mãos ao alto.

– Céus, Aracely. Afina, queres que não volte ou queres que fique por cá? – berro para a rua vazia, imaginando-a escondida no arvoredo, a assistir.

Grande merda.

Trancando o carro, corro para dentro de casa e subo as escadas. Ao abrir a porta do quarto de Liv, encontro alguém a dormir em cima da cama e paro.

Virado para baixo, sem camisa… não sei quem seja, mas não posso passar aqui a noite.

– Vá lá – queixo-me em surdina.

Apanho a manta que se encontra no fundo da cama, fecho a porta e volto a descer para o rés do chão. Ouço risos seguidos de gemidos algures nas minhas costas, e dou um pontapé no sofá antes de largar as chaves sobre a mesinha de café, descalçar os ténis e deitar-me de costas, tapando-me com a manta.

Vão julgar que sou patética, quando me encontrarem de manhã. Nem consigo trocar de pneus quando a chuva parar, pois agora preciso de dois. Oxalá consiga falar com um serviço de reboque nessa altura.

Escrevo uma mensagem ao meu irmão.

Problemas com o carro. Fiquei encravada na Baía. Só regresso quando for manhã.

Estico a mão para trás, encontrando um dos inúmeros carregadores espalhados pela casa e enfio-o no telemóvel.

As gotas de chuva capturam o luar pelas janelas, e relâmpagos inundam a sala durante um segundo. Descem pelas escadas, vindo de cima, ténues sons: um riso, uma batida, um rangido. Não consigo evitar olhar fixamente para o teto e ficar à escuta. Qualquer pessoa julgaria que me incomodo pelos sons pertencerem, provavelmente, a Trace, mas, na verdade, só me questiono se, comigo, os sons que ele fazia também se ouviam aqui em baixo.

Lembro-me que, uma vez, ouvi Liv e Clay. No ano passado, quando fizemos o jogo de lacrosse na vila da equipa adversária. Elas eram inimigas – detestavam-se mutuamente –, mas pertencíamos à mesma equipa, e partilhámos uma noite o quarto de hotel. Eu fiquei numa cama com Amy, e elas na outra, juntas. Despertei a meio da noite e confirmei finalmente as minhas suspeitas. Afinal, não se detestavam nem um bocadinho. Juro que até ouvi o suor debaixo dos lençóis enquanto elas estavam naquilo.

Sentindo Amy remexer-se ao meu lado, ativei o despertador do telemóvel e fingi acordar. Permitir que Amy as visse não seria a forma mais desejada por Clay para contar ao mundo o seu interesse por raparigas.

Ou talvez goste apenas de Liv. A necessidade de estarem uma com a outra continua forte. Nunca senti nada igual por ninguém.

Nunca senti que alguém me quisesse assim, mais do que tudo na vida.

– Mais?

Mas não é Trace quem o diz.

Embora seja alguém.

Uma das muitas fantasias parvas.

Recuo, e ele avança para mim com um brilho especial nos olhos.

– Só mais um bocadinho – provoca-me.

Os meus olhos pousam sobre o peito nu, descem até às calças de ganga, descaídas ao nível da cintura, e sinto o cheiro da água no cabelo, porque entrou na nossa piscina quando acabou de cortar a relva.

Fecho os olhos, respirando profundamente e o meu estômago já sente aquele ardor.

Ele transpõe a distância que nos separa, e eu recuo, chocando com a porta fechada do meu quarto.

– Não tens de avisar o teu chefe? – pergunto.

Sinto os mamilos levantarem-me a camisa, enquanto ele leva a mão ao meu queixo e faz deslizar o polegar pelo meu lábio inferior.

– Eu explico que tive de ficar mais um pouco para negociar a minha gorjeta.

A gorjeta… ah, oh, pois. Tiro algumas notas do bolso e estendo-lhas, mas ele limita-se a sorrir ironicamente, pegando no dinheiro e atirando-o para a cómoda.

O intervalo entre as minhas pernas lateja fortemente e enfio a mão debaixo da manta, pressionando o lugar.

Ele enfia os dedos ásperos por dentro da bainha da minha camisa.

E o coração acelera contra o peito, enquanto a minha mão imita esse gesto.

Sustenho a respiração, enquanto ele me levanta a camisa, mais acima, mais, por cima dos seios, e a deixa ficar aí o seu olhar aquecendo-me a pele.

O ar fresco da casa atinge-me os mamilos, e sinto-os retesarem-se para o alto. Puxo a manta para baixo e esfrego-me cada vez com mais força.

Ele agarra-me as coxas e levanta-me contra o corpo dele.
– Abre as pernas – rosna de mansinho.
Eu afasto-as.

Eu afasto-as.

E prendo-lhe a cintura com elas, enquanto ele me conduz para a cadeira da minha secretária, dando lambidelas nos meus lábios sem parar.

Aperto um seio, martelando o clítoris enquanto balanço as ancas para cima e para baixo, ao encontro da mão, deitando a cabeça para trás.

Monto-o em cima da cadeira, e ele agarra-me nas ancas puxando-me ao encontro do caralho.
– Abre a boca e dá-me a tua língua, miúda, e não vás contar à tua mãe o que andámos a fazer enquanto ela estava fora.

Monto a mão tal qual o monto a ele, sentindo o olhar dele fixo nas minhas mamas, agarrando-lhe uma mão cheia de cabelo com força. Mexo-me com maior rapidez, os meus peitos balançam para cima e para baixo. Mordo o lábio inferior para não fazer barulho. Mas a respiração começa a ficar demasiado acelerada e rasa.
Meu Deus, eu…
Eu…
Abro os olhos de repente, deparo-me com uma silhueta no corredor entre as escadas e a sala de estar, e enrubesço de imediato.
Merda. Com um arfar, afasto as mãos do corpo, estico a camisa para baixo, e arregalo a vista, enquanto ele se aproxima.
Que porra é esta?
Ele leva uma cerveja aos lábios e emborca-a, para tomar um gole.
Trace?
O coração bate com força contra o peito.
– Oh, meu Deus – murmuro.
Não consigo engolir, tenho a garganta demasiado seca.

Tento espreitar por entre a escuridão. Não é Trace. Este é mais alto, embora não consiga identificá-lo. As divisões estão pretas como carvão, com a camada de nuvens que esconde a lua.

Ora que bom. Que grande merda.

Tem de ser um dos Jaeger. Calças de ganga. Sem camisa. *Tal qual o meu sonho.*

Puxo a manta para tapar a parte de baixo, embora a camisa continue subida.

Tento acalmar a respiração, esfregando os olhos.

– A Aracely cortou-me os pneus – explico. – Vou-me embora mal consiga chamar o reboque.

Quem quer que seja, nada diz e, depois de um instante, arrisco lançar nova espreitadela. Ele continua ali.

A observar-me, acho eu.

Semicerro a vista para o tentar reconhecer.

– O que é? – solto. – Porque estás aí parado, a olhar para mim?

Endireito-me, sem tirar a manta de cima do corpo, e estico as pernas para fora do sofá.

– Podes gabar-te disto – digo-lhe, procurando no escuro os sapatos. – Um dia, quando eu for daquelas que usam saltos altos dos finos, que custam mil e quinhentos dólares, e armar em importante, porque casei com um advogado ou um bancário que sabe a cola e promove os valores familiares na igreja ao domingo, nesse dia podes dizer que me apanhaste a masturbar no teu sofá, combinado?

É um comentário engraçado e não levaria a mal se ele se tivesse rido. Devo repetir, para que ele o grave?

Volto a olhar para a figura, esperando alguma reposta.

– Quem está aí? – pergunto.

Não lhe vejo a cara. Está a observar-me há quanto tempo?

– Queres que me vá embora? – quase murmuro. – Ir a pé para casa?

Ele não reage. Mas a cabeça inclina-se um pouco para o lado.

– Podes dar-me uma boleia? – insisto. – Assim liberto-vos o sofá.

Ele continua parado.

Céus. Qual é o problema deste tipo?

Não bastava a noite ter corrido mal, fiquei empanada na casa de Trace, na qual sou bem-vinda, desde que desapareça ao raiar do dia. O problema é que não me sinto muito mais confortável na minha casa.

– O Trace está lá em cima a comer outra – digo numa voz baixa, vendo a garrafa encostada ao corpo. – O mais estranho é que isso nem me chateia.

Encaro-o, abanando a cabeça e sentindo os olhos encher-se de lágrimas. Nem sei porque lhe contei tal coisa. Talvez assim desapareça.

– Eu vinha para aqui, porque realmente não tinha mais nada na vida – rio-me num tom baixo, mas só por um segundo.

Sinto picadas no pescoço. Baixo os olhos, recordando as gargalhadas que demos, eu e Trace. E como também julguei que, embora sem o amar, ele não se andava a rir com mais ninguém, pois eu também não o fazia.

– Acho que… – esmurro a manta. – Acho que eu evitava pensar que não significava nada, sabes? Caso contrário, eu seria tão superficial como…

Não acabei a frase. Os problemas maternais de cada um não interessam ao Menino Jesus.

– Porque farei isto? – pergunto realmente a mim mesma, mas ainda o sinto ali, a observar-me. – Porque é que as coisas *têm de ter* um sentido? Porque é que tem de ser, ou copo cheio ou copo vazio? Se ficar aquém, então para mim não vale nada. Porquê?

Treme-me o queixo, e devo parecer-lhe uma rapariga ridícula. Que motivos tenho para me lamentar?

– Vazia…

A palavra sai-me num murmúrio, e nem consigo ver se ele respira, com a garrafa presa nos dedos e encostada à perna. Mas, não se afasta.

Levanto-me e dobro a manta.

– Não tenho dinheiro para pagar a faculdade – continuo a falar – porque o meu pai levou o dinheiro todo, e se não fosse isso, os miúdos…

Calo-me, fitando o soalho em que tombam as minhas lágrimas.

Engasgo-me com as palavras.

– Não os posso deixar sozinhos com ela.

Depois do que ela me tentou fazer, não posso de modo algum confiar nela. Nem no pai. Escondo o facto de ele morar agora com a namorada na Barony Lane, a menos de dois quilómetros de nós, e não em Atlanta, como julgam os meus irmãos. De que outro modo lhes explicaria a razão para, de repente, o pai não os querer ver?

– A mãe quer que me case com o Jerome Watson – custa-me falar, com as lágrimas alojadas na garganta. – Tem trinta e dois anos e é advogado de fiscalidade empresarial, com quem só falei uma vez e que procura uma esposa

bonita, para ter vontade de a foder sem parar, e saudável, para tomar conta da casa dele e andar prenha anos a fio, e jovem, para ser demasiado ignorante e ingénua para o contrariar.

As lágrimas continuaram a fluir, mas não me sinto triste.

– Tenho medo – expiro. – Jamais pensei que tornar a vida mais fácil para a minha família implicaria passar a vida com alguém que não amo.

Pestanejo com força, demoradamente.

– Mas vale a pena preocupar-me? – obrigo uma gargalhada a sair. – O desfecho será o mesmo, faça eu o que fizer. Mais vale ajudar a minha família, e afogar as mágoas em sapatos bonitos e malas, já agora.

Como se isso me fosse distrair do facto de me ter vendido com plena consciência do facto, pois, ao contrário do que ele e a minha mãe tenham conversado a respeito do *meu* futuro, nem sou ignorante nem ingénua.

Deixo cair a manta, enxaguando as lágrimas. *Que se lixe*. Vou dormir para o carro.

Mas nesse instante, ele encontra-se aqui, o corpo encostado ao meu e as mãos apertando-me a cintura.

Arquejo.

– Não – tento afastar-lhe as mãos.

Basta. *Basta*. Deixo cair a cabeça para trás, sobre ele, tentando empurrá-lo, mas não sei se me debato para me soltar ou porque quero bater em alguém. As lágrimas escorrem-me pelo rosto, e respiro com força.

Mas então sinto.

A sua respiração superficial contra a minha têmpora. E os braços que aos poucos me envolvem e me apertam contra ele.

Lentos. Apertados. Fortes. Calorosos.

Fico muito quieta, o calor dele cobrindo-me as costas enquanto o peito dele sobe e desce ao encontro da minha coluna, e eu descontraio-me o suficiente, sentindo-o segurar-me. Um braço envolve-me o estômago, o outro sobe para me afagar a cara, enquanto roça a boca no meu cabelo.

– Ainda não estamos mortos – murmura contra a pele da minha têmpora.

E então vira-me a cabeça, e antes que consiga ver-lhe a cara, a boca cobre a minha, engolindo o meu queixume. A língua mergulha-me na boca, e fico incapaz de respirar enquanto ele me segura com força e me mantém encostada ao corpo dele.

Foda-se…

Os meus pulmões gritam, um fogo irrompe na minha pele. Tento respirar, afastando a boca e inalando ar, mas demora apenas um segundo antes de ele me agarrar o cabelo e morder-me o pescoço.

Solto uma exclamação, e a eletricidade assola-me, descendo pelas coxas e subindo até ao alto da cabeça. O coração pula à garganta enquanto ele me puxa a camisa por cima da cabeça, atirando-me os braços para cima com o ímpeto do gesto.

Descolando a boca da minha pele, ele procura-me a barriga e abre o fecho da saia, e eu olho para baixo, reparando nas mãos dele, no escuro. A mesma pulseira Jaeger que todos usam – três fitas finas de couro castanho, entrelaçadas – envolve-lhe o pulso, com o emblema da serpente enrolada em volta da ampulheta no centro.

Cai-me a saia e ele pega-me na mão, orientando-a para o interior das coxas, onde gentilmente me desfaz das cuequinhas até que as pontas dos meus dedos tocam no clítoris molhado.

– Continua – murmura, beijando-me o cabelo.

Um suor ligeiro cobre-me a testa, e não consigo mexer-me. Nem consigo sequer pensar.

Ele devora-me o pescoço e amassa-me o peito, enquanto um calor intenso me invade entre as pernas e se estende pelo corpo. Ofego, gemendo.

– Meu Deus! Para, para, por favor. Não consigo respirar. Não consigo respirar.

Mas ele impulsiona-se contra mim, pelas costas, as calças de ganga criando uma fricção deliciosa contra o meu traseiro. Quase tocam na pele sensível ali dentro.

Mordo o lábio inferior com força, sentindo uma dor aguda.

Mas não sou capaz de parar. Quero lá saber. Solto as cuecas por completo das pernas, antes de me encostar contra ele, pousar a cabeça no seu peito, e esfregar-me lentamente, ao ritmo da minha mão e sabendo que ele assiste.

Volto a fechar os olhos, adorando a sensação das mãos dele em mim, cheirando a pele quente que me faz pensar em madeira e terra e combustível e óleo. Adorando a forma como os rapazes Jaeger ficam musculados à conta do trabalho, este trabalho que impregna a roupa deles.

Ele endurece mais, pousa o queixo no alto da minha cabeça, segura-me a anca direita com uma mão e aperta-me o traseiro com a outra.

Rodo o botão, começando a sentir o ardor. Mais um pouco. Inspiro com força. Mais um pouco. Gosto que me observe. Os seus dedos enfiam-se na minha pele, escavando, puxando-me, querendo que me foda a mim mesma com mais vigor.

– Ah – gemo. – Ah – rebolo-me e ressalto com mais rapidez e força, e então…

Ele rosna, puxa-me com força ao encontro do corpo dele, e tira-me outra vez a respiração, ao beijar-me.

Mas antes de conseguir vir-me, ele faz-me descer para o sofá, barriga para baixo, e dobra-se atrás de mim. Imediatamente, dobro o joelho, abrindo-me, e ouço-o tirar o cinto.

Aperto o sofá na mão fechada, o estômago colado à pele fresca.

A mão dele enterra-se no sofá, junto ao meu ombro, e gemo, sentindo os dedos deslizarem ao longo da minha coluna.

Sinto o bafo da respiração dele na minha orelha.

– Krisjen – murmura, e sinto arrepios por todo o corpo. – Não contes ao Trace.

Trace quer lá saber, mas aceno com a cabeça na mesma.

Ele orienta a cabeça do pénis para dentro de mim, agarra-me de cada lado, onde as coxas se unem às minhas ancas, e impulsiona-se.

Estico-me e grito por um instante, antes de ele me tapar a boca com a mão.

O peito dele bate repetidamente nas minhas costas. E depois para de se mexer – e de respirar – e penso que vai dizer alguma coisa, mas nada diz. O nariz encosta-se ao meu cabelo e inspira.

A cona contrai-se à volta dele, e eu desloco-me um pouco para aliviar a pressão. Entrou mesmo até ao fundo.

E depois… ele ergue-se, agarra-se novamente e começa a impulsionar as ancas. Vez e outra, lento no começo, deixando-me ajustar a ele, e depois fica tão rápido e duro que mal me consigo suster.

O cabelo cola-se às minhas costas, e eu aperto as pernas em volta dele, adorando a sensação daquelas mãos que me agarram. Disse que vinha para aqui por não ter mais nada na vida, mas, foda-se, só quero ter isto na vida.

Ele agarra-me pelas ancas, chupa-me os ombros, morde-me as costas, e é muito difícil não gemer em bom som. Se nos virem, bom proveito. Só não quero é que pare.

O orgasmo torna a crescer, apoio-me nos cotovelos e começo a investir para trás. Ele inclina-se para mim, o suor pinga nas minhas costas, e um bafo quente banha-me o cabelo.

Sinto tudo. O ar espesso contra a pele. As nuvens por cima da casa. A pele do sofá debaixo de mim, agora húmida do meu suor.

As mãos seguram-me como se ainda não estivesse morta.

Lágrimas fazem arder as minhas pálpebras, e sorrio quando ele se baixa, apertando-me a nuca e puxando-me a cabeça para trás, ao encontro da sua. Agarro-lhe na mão, sentindo as tiras de couro e o metal quente no pulso.

Arqueio as costas, correspondendo aos impulsos enquanto ele entra e sai, e depois inspiro com força, uma vez, duas até… as minhas coxas se incendiarem, o meu âmago romper-se, e o orgasmo explodir dentro de mim. Solto gemidos por entre os dedos que me cobrem a boca, ficando, foda-se, tão molhada que aquilo se espalha por mim. O corpo dele sacode-se várias vezes, de forma curta, solta um rosnado sobre a minha orelha, e sinto-o vir-se dentro de mim.

Oh, meu Deus, exalo com força. *Oh, meu Deus.*

Inspiro e expiro, tentando acalmar-me, colapsando no sofá, exausta.

Mas, antes de conseguir recuperar o fôlego, ouço a voz dele contra o meu ouvido.

– Um dia – diz ele, apertando-me a garganta –, quando fores daquelas que usam saltos altos todos finos, que custam mil e quinhentos dólares, armada em importante, porque casaste com um advogado ou um bancário que sabe a cola e te exibe como um troféu… – passa a ponta da língua pela minha orelha. – Pensarei se aquela criança que ele está a criar será meu filho.

Reviro os olhos, a minha cona aperta-lhe o caralho uma última vez, mas ele sai de dentro de mim, veste as calças e aperta o cinto.

Fico ali caída por um instante, o meu corpo já a sentir a sua ausência. Quando me viro, ele já se foi embora.

– Porra – perscruto a sala de estar escura e vazia. – Mas afinal quem era ele?

2
Krisjen

DESPERTO com um sobressalto, e não mexo nem um músculo, vendo o sol jorrar pelas janelas. E sentindo o calor da sala.

Inspiro com força, sentindo imediatamente a dor no pescoço, com a cara e estômago deitados num sofá de pele.

Sofá de pele.

Este não é o meu sofá. Passo os olhos em volta, avaliando a sala. É a sala de estar dos Jaeger.

E as memórias da noite passada abatem-se sobre mim como uma enxurrada.

– Oh, merda – viro-me ao contrário, a manta a roçar-me na pele, e o meu pescoço estala por ter adormecido numa má posição.

Pisco os olhos, feridos pela luz que entra pelos cortinados. O dia amanheceu. Apalpo a manta, sentindo o meu corpo. Ainda estou nua. Merda, deixei-me dormir.

– Sim, eu penso nisso – ouvi a voz de Trace e vejo-o atravessar o átrio enrolado numa toalha, abrindo a porta para Carissa, a rapariga que aparecera no quarto. – Até breve.

Ela sai, e eu procuro a roupa rapidamente, encontrando a camisa da escola e enfiando-a.

Foda-se, onde foi parar a minha saia? Busco pelo chão.

Oh, meu Deus. O que fui eu fazer?

– Aquele é o carro da Krisjen? – pergunta. Tem metade do corpo fora da porta, dirigindo-se a alguém, e aproveito para me dobrar e apalpar o espaço debaixo do sofá, à procura do resto da roupa.

O aroma do *bacon* e do café permeia o ar, desperta-me água na boca, e deduzo que alguém se encontra na cozinha. Alguém desceu as escadas e passou por mim, semitapada no sofá. Cerro os dentes.

Trace regressa para dentro, fecha a porta e eu enfio-me no sofá, com a manta à cintura para tapar a metade despida.

– Oh, olá – ele encontra-me ali.

– Olá.

– O que fazes ainda aqui? – pergunta.

Não consigo acalmar a minha respiração.

– Ah… – procuro palavras. – Os pneus do carro. Estão furados. Queria esperar, a ver se a chuva passava e conseguia chamar um reboque.

Ele senta-se na beira do sofá.

– Não, a gente trata disso. Ainda sirvo para alguma coisa, *okay*?

Ele encara-me com aquela vulnerabilidade afável no olhar que derrete qualquer uma.

Estou um pouco zangada com ele, ao contrário do que disse ao… irmão dele, seja lá quem for.

Oh, meu Deus, nem sequer sei quem foi.…

Mas devia estar mais zangada com Trace. Contudo, não estou. O que aconteceu depois de ter saído daquele quarto sobrepôs-se ao que acontecera antes.

Amarroto a manta na mão, olhando para ele, mas sentindo ainda o outro dentro de mim.

Ele inclina a cabeça.

– Sentes-te bem?

– Perfeitamente. Já devia ter partido – começo a endireitar-me. – Saio daqui a pouquinho.

– Não tenhas pressa – interrompe-me. – Krisjen, não ligues ao que eu disse ontem, está bem? Sou uma besta.

– Não faz mal. Sem problemas.

Morde-me a culpa, porque estou realmente contente por ter saído do quarto dele ontem à noite. O que aconteceu a seguir foi mesmo bizarro. Fá-lo-ia de novo? Sim.

– Mas comigo, vinhas-te, sim? – pergunta-me, perscrutando-me. – Tipo, não andaste a fingir durante todo o verão, pois não? Estavas só a provocar-me?

Finalmente solto um riso. Não quero mentir, mas não tenho coragem para destroçar o rapaz. A sério, nunca me importei realmente. Também não me vinha com Milo. Acontece que gosto que me toquem. De me sentir próxima da pessoa.

Mas ontem à noite…

No sofá…

Nem sabia que aquilo podia existir.

Tenho total confiança de que Trace melhorará com o tempo, mas não creio que entre nós chegasse a esse nível.

Ele ergue-se, soltando um trejeito reprovador.

– És tão mazinha para mim. Contigo tive sempre orgasmos.

Solto um escárnio, mas mal ele se enfia na cozinha, despacho-me a encontrar a saia. Descubro-a ao lado da mesinha de café e pego nela. Levanto-me, visto-a e corro o fecho.

Dallas contorna o corrimão assim que termino, e abranda quando me vê. Fico hirta.

O olhar dele nunca abandona o meu quando passa por mim e, embora tenha olhos da mesma cor de Trace, a expressão é completamente distinta.

Olho para baixo e vejo uma pulseira no seu pulso. O coração cai-me aos pés. Quem a usou ontem à noite, também a usaria de manhã.

Ele entra na cozinha e eu atiro-me para a casa de banho. Atravesso o corredor, entro na casinha sob as escadas. Fecho a porta, tranco-a, levantando a saia e sentando-me na sanita.

Meu Deus. Como é que não o impedi, ontem à noite? Usar um preservativo, ao menos? Não fiquei grávida, isso é certo. Tomo a pílula desde os catorze anos, mas todos os Jaeger são bem rodados. Exceto Liv, claro.

Agarro no papel higiénico e esfrego-o, sentindo a viscosidade entre as pernas quando ele saiu de dentro de mim. Acabo de me limpar, descarrego o autoclismo e miro-me no espelho.

Respiro outra vez com força, mas fico ali a ver, especada, processando o acontecimento.

Uma pulseira. Peito desnudo contra as minhas costas. Alto. Com um cheiro fabuloso e sabia a carne com um toque de *bourbon*. E da cerveja que ele acabara de beber.

Não falou muito, além dos murmúrios, tinha mãos ásperas e havia imenso fervor na sua língua. Uma descrição que encaixaria, provavelmente, em todos os irmãos.

Foda-se.

Olho para baixo e observo o meu corpo. Ainda não há marcas visíveis, mas sinto-as. Uma sensibilidade entre as pernas, uma marca vermelha na nuca de quando foi apertada. Tenho os braços doridos e o couro cabeludo a queixar-se, mas não sinto dores sérias. É difícil evitar um sorriso com a inventariação. São evidências de que me teve nas suas mãos.

Terá sido Trace? Ele não teria problemas em abordar-me assim. Nenhum dos outros me lança sequer um segundo olhar. Não recordo nenhuma tatuagem, e Trace ainda não as tens, mas a verdade é que não lhe vi muito da pele. Só as mãos, os pulsos, talvez um braço. Iron tem ali uma tatuagem. Teria conseguido distingui-la no escuro?

Pego na escova que pertence a alguém na beira do lavatório e aliso o cabelo, depois na pasta dentífrica e deposito um bocado no dedo, que esfrego contra os dentes antes de enxaguar a boca.

Tenho de me ir embora. Se foi Dallas, não se mostrará nada afável pela manhã. *Meu Deus, que não seja Dallas*. Ele odeia os Santos. Nunca me tratou sequer com respeito, quanto mais com simpatia. Na opinião dele, só servimos para uma única coisa.

E espero realmente que não lhe tenha dado precisamente essa coisa ontem à noite.

Saio da casa de banho, dobro a manta da sala, e procuro as chaves na mesa do café.

Mas não se encontram ali.

Dou uma volta completa, a olhar para o chão, e depois ponho-me de gatas, e procuro debaixo do sofá. Nada. Alguém as levou?

Ouço o riso de Trace, seguido do praguejar de Dallas. E na cozinha está pelo menos outra pessoa. Solto um queixume, compondo roupa e cabelo, e depois acerco-me pé ante pé para espreitar pela porta.

Army encontra-se ao fogão, a fritar *bacon*, com um pano de cozinha pendurado no bolso das calças de ganga, o sol dourando o cabelo castanho-escuro e a pele das costas. Os tentáculos do polvo tatuado cobrem-lhe a omoplata.

Dex, o filho dele, com um ano de idade, está aos saltinhos no colo de Trace, tendo deixado os *Cheerios* e a banana por acabar em cima da cadeira de bebé. Os ténis brancos novos com o símbolo da *Nike* não lhe saem dos pés porque já aprendeu a andar, e os tios mal podem esperar pelas promessas que isto trará. Futebol, trepar às árvores, passear os cães… mas parece-me que ainda demorarão anos até estar pronto para estas atividades. Embora isso não os impeça de lhe comprarem sapatos.

As minhas chaves estão em cima da bancada, e sinto os olhos de Dallas atentos a mim quando ocupa o lugar à mesa. Acerco-me de Army, esticando o braço sobre o fogão.

– Com licença.

Ele espreita por cima do ombro, vendo-me agarrar no molho de chaves e virar-me para sair. Não faço ideia como veio aqui parar.

Mas Trace puxa-me para a mesa.

– Senta-te.

Eu afasto-o.

– Para.

– Eu arranjo-te os pneus depois do pequeno-almoço – diz. – Senta-te e come.

– Eu desenrasco-me – encaminho-me para a porta. – Não preciso que me ajudes.

– Já lhe tratei dos pneus.

Levanto o olhar, vendo Iron entrar na cozinha. Cruza o olhar com o meu, o suor cobrindo a nuca e o peito, e só reparo que fiquei imóvel até os pulmões arderem da falta de ar. Ele contorna-me, avançando para a mesa, e nem me mexo.

Como é que sabia que eu tinha problemas com os pneus? Isso deve explicar a transição das minhas chaves para a cozinha.

Mas antes de poder agradecer-lhe, ouço a voz de Dallas.

– Já lhe trataste dos pneus?

Noto o desagrado na voz.

– O avô dela vai enfiar-te na cadeia durante quarenta e dois meses, Iron. Quarenta, se te portares bem, o que não vai acontecer.

– Talvez ganhe alguns pontos ao arranjar o carro da neta – diz Trace na brincadeira e puxa-me pelo braço.

Tombo na cadeira ao lado dele, mas pus-me de pé prontamente.

Não quero ficar.

– Não estou a brincar! – ouço o berro de Dallas. Ele lança-me um olhar furioso do outro lado da mesa. – Desaparece daqui. Além disso, o Macon não gosta de miúdas à mesa.

– A Clay come à mesa – salienta Trace.

– A Clay não é uma queca de ocasião para a Liv! – Dallas arqueia o cenho, olhando-me. – Infelizmente.

– Porra, basta – rosna-lhe Army. – Porra para isto. Estou farto das tuas merdas – larga o prato com o *bacon* em cima da mesa. – Podemos comer em paz desta vez?

Dallas abre a boca.

– Cala-te – rosna Army antes que Dallas volte a argumentar.

A mesa fica em silêncio, enquanto Army volta a sentar o filho na cadeirinha e todos enchem os pratos. É quase cómica, esta forma de se digladiarem sem interrupções, e de Dallas me ter insultado várias vezes no decurso de trinta segundos, mas continuo a vê-los mais como uma família do que no passado. Desde que os conheci, há seis meses, já os vi juntarem-se às refeições mais vezes do que a minha família, na vida inteira.

Olho para o outro lado da mesa, onde Iron se sentou ao lado de Dallas. Sei que disse a Trace que me conseguia desenrascar, mas não iria ser fácil.

– Não tinhas de fazer aquilo – digo a Iron. – Mas agradeço imenso.

– Sabemos ser cavalheiros, de vez em quando – acrescenta Army, junto a mim.

Olho para cima, vendo o prato cheio que ele me oferece, com um sorriso invulgarmente meigo.

– Senta-te.

Um chupão marca-lhe a pele debaixo da orelha, ainda fresco e vermelho-púrpura. O meu coração dá um pulo e fico a observá-lo, procurando recordar se beijei o pescoço do homem ontem à noite. Aceito o prato distraída, e ocupo o lugar vazio à cabeceira.

– Come – diz-me Iron. – O carro tem alguns problemas, deves levá-lo a um mecânico. Acompanho-te quando acabarmos de comer.

Anuo, mas não sinto fome. Tenho o estômago às voltas. Ninguém fala, e olho em volta, encontrando Dex a sorrir-me. Pisco-lhe o olho, e lembro-me dos meus irmãos. Tiro o telemóvel, e envio uma mensagem a Mars, indicando-lhe que não tardo a chegar a casa.

Quando levanto o olhar, reparo que Trace me observa e depois desvia a vista.

Então noto que Dallas me dá um relance, seguido de Iron e Mary. As pulseiras refletem a luz que entra pelas janelas. Couro e ferro. Com o mesmo símbolo tatuado no pescoço de Iron e no lado direito do peito de Dallas.

A minha vista flutua de um pulso para o próximo, como se fosse capaz de reconhecer a sensação da pele ou do desgaste do couro pelo olhar. Em que pulso estava afinal a pulseira ontem à noite?

– Encontraram o jacaré? – pergunta subitamente Army.

Levanto a cabeça, deparo-me com Macon, que entrou na cozinha. O mais velho e o chefe da casa.

Ele tira a *T-shirt* suada e sebenta e atira-a para o anexo da lavandaria. Vejo-o encher um copo com água, as suas costas largas bronzeadas e tonificadas, e ele faz aquele gesto em que os músculos se contraem de ambos os lados da coluna

vertebral, como se estivessem recortados. As calças de ganga continuam descaídas, olhando para o líquido no copo, como se não estivéssemos presentes.

Apresenta um golpe vertical de sete centímetros nas costas, no lado direito – uma ferida antiga –, e outro, mais pequeno, no antebraço. Estes são os que estão visíveis. Macon não usa tatuagens, mas cicatrizes. Talvez da época em que foi fuzileiro naval. Talvez originárias da Baía. Tem trinta e um anos e é o único da família, além de Liv, que tem olhos castanhos. Herdados da mãe.

Reparo que Dallas me observa, e que se limita a abanar a cabeça.

Macon senta-se à cabeceira da mesa, e Army pousa um prato diante dele.

– Devias ter-me deixado ir contigo – diz-lhe Army. – Nunca conseguirias lidar com o animal sozinho.

Macon nada diz, apenas começa a comer.

Dallas abre a boca, mas Macon interrompe-o antes que tenha oportunidade de falar.

– Cala-te e come.

Lanço um olhar a Dallas, tentando ocultar o meu divertimento, pois eu sei que se preparava para fazer queixinhas da minha presença à mesa.

Mas, quando desvio o olhar, vislumbro o pulso de Macon.

E a sua pulseira.

O meu sorriso cede, e levanto a vista, vendo-o ignorar-nos enquanto mastiga.

Não pode ter sido ele. Não teria sido ele.

O meu estômago oscila. Está no pulso direito. Tal como Trace. Tal como o tipo de ontem à noite no sofá.

Percorro a mesa com o olhar. Todos usam a pulseira no braço direito.

– Liguei ao Collins e ao Barrow – indica Iron ao irmão. – Perguntei-lhes se podíamos esperar até ao meio-dia e deixar a relva secar um pouco.

Macon anui, a chuva da noite anterior tinha-lhes alterado os planos, mas já deviam estar habituados. É o clima da Flórida.

– Então passa pelo Trade Winds um dia antes – pede – e repara o solário.

Iron remexe-se no assento.

– E desta vez veste uma camisa – resmunga Macon. – Não quero voltar a receber mais um telefonema daqueles chatos de merda.

Mordo os lábios para não sorrir, todos estes lugares ficam em St. Carmen. Os Jaeger aceitam que paguemos pelos arranjos dos jardins, limpeza das piscinas e trabalhos de carpintaria, mas fora isso, não querem lembrar-se de que existimos.

– A Mariette ligou – diz-lhe Army, sentando-se finalmente. – A última pessoa que contratou já se despediu e ninguém quer o turno do dia.

Macon enche o garfo de comida.

– Liga à Aracely.

– Não atende.

– Trata do assunto – murmura Macon.

Tem olheiras pronunciadas e o braço parece pesar cinquenta quilos quando levanta a caneca de café. Afasta o prato, mal tendo comido, e levanta-se para sair da cozinha. Voltando para a garagem.

Não te preocupes, Dallas. Pois garanto-te que Macon nem notou que eu estava aqui sentada.

Levanto-me, colocando o meu prato perto de Trace, pois sei que o acabará.

– Espero lá fora – digo a Iron. – Não precisas de ter pressa.

*

A Baía de Sanoa nunca dorme. Brincam miúdos nos lugares em que, na noite passada, os pais e os irmãos mais velhos se divertiam. Nunca percebo se esta gente acaba de chegar do trabalho ou está de partida. Há sempre música a jorrar da casa ou da garagem de alguém. Sempre do restaurante de Mariette e sempre do bar ao lado, a partir das quatro horas da tarde.

É uma comunidade, ao contrário do meu bairro. Aqui, só me desagradam as estradas de terra batida. Fazem-nos recordar que a Baía é apenas o bairro de lata de St. Carmen, em vez de uma povoação com direito próprio. Se assim fosse, teria autonomia sobre as suas receitas e poderia pagar o mínimo indispensável – tal como iluminação pública e passeios.

Iron enfiou-se sob o capô levantado do meu carro, e ouço falar, embora não entenda nada do que diz.

Passou assim a manhã. Prestável como nunca o vi.

Mas o meu avô vai enfiá-lo na cadeia durante três anos e meio. Talvez a sedução de ontem à noite tenha sido uma forma excelente de se vingar da minha família? E agora sente-se culpado? Terá sido ele?

Army também se mostrou muito atencioso, ao pequeno-almoço. Normalmente, anda sempre atarefado, com demasiadas coisas entre mãos, gere um negócio e tenta evitar que Macon se enerve, e não vejo que interesse possa ter em mim um pai solteiro de vinte e oito anos. Mas hoje de manhã estava calmo. Sorria-me. Porquê?

Dallas mantinha-se irado como sempre. Não pode ser ele.

Trace também fez um ar culpado quando me viu no sofá.

Mas acompanhou a rapariga à porta, por isso duvido que tenha vindo à minha procura, deixando-a sozinha no quarto. Ele não terá sido. Nem pensar. Conheço a sua forma de ser, e não era a mesma.

Macon foi o único que se comportou normalmente hoje.

E não me parece que seja do estilo de dormir com as amigas da mana. É mais velho do que eu.

– Krisjen.

Só pode ter sido Army ou Iron. Certo? Pensando nisso…

– Krisjen!

Pestanejo, despertando do meu pensamento. Iron continua enfiado debaixo do capô, mas agora olha para mim. Meu Deus, estive a pensar em voz alta?

Mas ele limita-se a sorrir ironicamente, daquela forma que torna os olhos da cor do trevo.

– Não fazes ideia do que estou a dizer, pois não? – pergunta.

Dizer? O quê? Ah, o carro.

Encolho os ombros ligeiramente.

– Será que podes escrever, para eu dar ao mecânico? Não sou eu que vou arranjar isto.

Ele ri-se baixinho, endireitando-se e fechando o capô.

– Vou levar-te a casa. Deixa-o aqui mais alguns dias, que eu trato do assunto.

– Não te preocupes – digo, com toda a simpatia do mundo. – Não tenciono voltar.

Ele encara-me, e não quero que as minhas palavras sejam entendidas como insulto. A noite passada terminou muito melhor do que tinha começado, mas tenho de dar um rumo à minha vida. De me antecipar à mãe, caso contrário o rumo será decidido por ela.

Mas ele enfia as minhas chaves no bolso.

– Eu levo-te o carro quando terminar.

– Porque é que queres arranjá-lo? – examino-o, tendo sem dúvida uma noção do motivo, mas decidindo que não o forçaria a explicar. Se ele não referir a noite passada, ou não foi ele, ou não significou nada para si, e, portanto, não dou parte de fraca: – Posso dar uma palavrinha ao meu avô, mas bastava-te pedires-me. Embora aquilo que eu diga não o influencie em nada. Ele mal nota que eu existo.

– Não quero falar do teu avô, nem que tu intercedas por mim – ele tira uma *T-shirt* pendurada no guiador da mota e veste-a. – Avisou-me quando me prenderam pela primeira vez, e avisou-me da segunda, e eu não fiz caso. Mas também não sei se, voltando atrás, teria agido de outro modo.

Não está a mentir. O meu avô deu-lhe várias oportunidades.

Mas o meu avô também sabe, tal como eu, que se o apelido de Iron fosse Ames ou Collins ou Price, o seu único castigo passaria por ser alvo da chacota do círculo de conhecidos do pai, durante a pausa do charuto no campo de golfe, o momento em que todos eles se queixam dos filhos.

A cadeia raramente melhora a personalidade de alguém. O mais provável é que Iron passe o resto da vida a entrar e sair da prisão.

Aproxima-se de mim, pega na minha mochila e enfia-a na bolsa da mota.

– Gostava que aparecesses por cá na minha ausência, pode ser?

Hesito.

– Não tens de foder o Trace nem seres amiga dele – Iron encara-me. – Ele está sozinho. O Dallas anda sempre de mau humor. O Army é muito mais velho e tem um filho, e o Macon não fala com ninguém. Seria bom para o Trace ter-te por perto. Sei que se porta como um palerma, mas só tem vinte anos.

Sempre gostei de Trace. Mas não quero que me pisem. Nós os dois começámos da forma errada. Não podemos simplesmente tornarmo-nos amigos.

– As memórias que ele tem da nossa mãe são de quando ela já estava muito mal – diz-me. – Nunca teve carinho, ao contrário de nós, ou mesmo da Liv por ser a única menina. O Trace perdeu muita coisa. Precisa de uma mulher cá em casa.

De quando já estava muito mal…

A mãe deles suicidou-se há mais de oito anos. Dois meses depois de o marido morrer de ataque cardíaco.

Mas sofria de uma depressão há muito mais tempo. É tudo o que sei. Trace não fala do assunto, e nunca insisti com Liv para que me contasse pormenores. Eram tão novos, que duvido que soubessem realmente a extensão do que acontecera à mãe deles. Só Macon e Army é que têm bastantes memórias dela.

Limito-me a abanar a cabeça.

– Não posso pagar-te o arranjo do carro – admito. – E tenho os meus próprios problemas, Iron. O Trace ficará bem. Tudo vai ficar bem.

– Nada esteve bem alguma vez – murmura, baixando os olhos por um instante. – Eu já me habituei a isso, mas o Trace ainda é novo.

Observo-o, e ambos nos calamos.

Ele está preocupado. Sei que ele provavelmente não evitaria a sua situação, mesmo que voltasse atrás no tempo; Iron tem de encontrar um motivo para bater em alguém, embora também não se sinta bem com o que fez. Será que

finalmente se compenetrou que a família precisa dele, e que, dali a uma semana, estará ausente durante anos?

Ele pigarreia, retirando novo molho de chaves, que não são as minhas.

– Tens outro carro em casa? – pergunta.

– O velho *Mercedes* do pai.

– Anda?

– Sim – anuo. – Costuma andar.

Ele suspira, e faz um sinal para que suba para a moto, atrás de si.

– Não tens de me pagar nada – diz. – Preciso de me manter ocupado esta semana.

Ele liga a mota, e eu pego no capacete que me entrega, enfiando-o na cabeça e apertando a presilha, sentada atrás das suas costas. Abraço-o, de forma apertada, e ele arranca pelo verde do pântano, passando pela linha de caminho de ferro e entrando na estrada de duas faixas, momento em que os pneus finalmente encontram o asfalto.

Impulsiona o acelerador, e a mota dispara em frente. Aperto os braços à volta da sua cintura, encostando o corpo ao seu.

Está quente. E tenso debaixo das minhas mãos.

Amy, a minha amiga, disse que ele era bom. Que nem ele nem Dallas a deixavam dormir um único segundo.

Imaginá-lo com ela e compará-lo comigo – se realmente foi ele ontem à noite – é-me desconfortável e afasto esse pensamento.

Não vale a pena remoer no assunto. Não voltarei a este lugar.

Atravessamos para a aldeia principal de St. Carmen, um varredor limpa as folhas das palmeiras e as flores arrancadas pela tempestade da noite passada, e vejo vasos com fetos e plantas perenes a baloiçar nos suportes dos candeeiros da rua. As lojas começam agora a abrir, e eu descontraio os punhos fechados, pousando as pontas dos dedos contra o estômago dele. O vento faz-me esvoaçar o cabelo nas costas. E embora me invada a noção de que estou basicamente a desperdiçar a vida enquanto Clay e todas as minhas amigas avançam nos estudos e planeiam um futuro, obrigo-me a apreciar este instante. Sabe muito melhor do que estar na escola. Ou em casa.

Oxalá ele continuasse sem parar. Descendo pelo litoral. Até às Keys. Cuba. A qualquer lado.

Tenho demasiada culpa dentro de mim. *Devia estar ocupada com isto. Ocupada com aquilo. Não devia sentar-me. Não devia acordar tarde. Não devia beber nem ir a festas nem me esquecer de fazer ginástica*. Descanso a cara nas

suas costas, cerro os olhos e lanço-me ao vento.

Mal reparo que já cheguei a casa. Vejo o portão aberto.

A mãe está em casa. *Ora, que bom*.

Ele entra lentamente no meu acesso, e eu reparo no *Maserati* novo da mãe, estacionado do lado direito. Embora esteja farta dela, também me diverte imaginar a reação do pai, tendo de pagar a primeira prestação do carro que ela comprou, pois continuam casados.

Iron trava atrás dele. Daqui não somos avistados pela casa. É simpático da sua parte, querer evitar que me recebam aos gritos, pois nenhum progenitor gosta que a filha volte para casa – e de manhã – na companhia de um Jaeger.

Contudo, fico ali sentada, sem me soltar.

– Não é estranho que goste muito mais da vila, agora que todas as minhas amigas partiram? – pergunto-lhe.

Sinto-o tirar alguma coisa do bolso.

– Quero dizer, a Clay continua na vila – continuo, ao desmontar –, mas anda ocupada. Não tenho de me cruzar com muitos rostos familiares da escola. Só me vou sentir embaraçada quando o pessoal voltar nas férias e eu ainda esteja na mesma.

Ele acende o isqueiro, murmurando com o cigarro entredentes enquanto o acende.

– Pelo menos, não estarás na cadeia.

Nuvens de fumo erguem-se no ar. Não me recordo deste cheiro ontem à noite. Iron não fuma muito, mas não há dia que ele passe sem um cigarro.

– É verdade – afirmo.

Se estivesse na pele dele, andaria deprimida, sabendo onde estaria dali a uma semana. Preferiria que me prendessem logo, para não sofrer com a antecipação.

– Pode sempre piorar – espreita-me por cima do ombro. – E às vezes, piora. Vive um dia de cada vez. Este pode ser o último, certo?

Este dia pode ser o último. O lema dos Seis da Tryst. Recordar que o tempo é o bem mais precioso e que não está à venda.

Mesmo que tentemos, o relógio não para, anda e anda. Sem abrandar.

– Não sei se isto ajuda – digo-lhe –, mas lamento.

– A culpa não é tua.

– Eu sei. É que… – Nem sei bem o que estou a tentar dizer. Ele cometeu um crime. Múltiplas vezes. Desperdiçou todas as oportunidades que lhe foram dadas. A escolha foi sua. – É que… sei que és boa pessoa.

Apesar de se meter em sarilhos.

O olhar dele suaviza-se, e percebo que as ideias lhe voam pela cabeça quando me olha. Por fim, desmonta e enfia a mão na bolsa, cigarro pendurado dos lábios.

– Sei como é que me vais compensar – diz-me. – Refiro-me ao arranjo do carro. A Mariette precisa de ajuda no restaurante e tu não tens emprego.

Ele retira a minha mochila.

Mas eu abano a cabeça.

– Já te disse. Eu não pretendo voltar.

– Farta de buscares amor nos sítios errados?

– Isso é uma canção, não é?

Ele contorna a mota e segura as alças da mochila. Enfio nelas os braços, sentindo-lhe os dedos roçarem pela minha pele – que se retesa, e um formigueiro espalha-se.

– Também gosto mais da vila nesta época do ano – afirma numa voz baixa. – Os putos foram para a faculdade e a malta do Norte que vem para aqui passar os invernos ainda não chegou. Por um bocado, é apenas nossa. É só o que muda. É sempre verão. Mas as noites arrefecem um pouco, e as ruas ficam tão calmas que até se ouve o vento nas palmeiras. O ar cheira bem. Saímos finalmente para a rua. As gentes locais podem andar à vontade.

Uma provocação brinda-lhe a voz e juro que sinto o bafo da respiração no meu pescoço.

Ele tem razão. Nunca encarei o assunto daquela forma. Santos ou Pântanos. Pertencemos ambos à mesma terra.

– Eu parece-me que vou ter saudades tuas, miúda – quase sussurra. – Espero que te tenhas ao menos divertido na Baía de Sanoa. Enquanto lá andavas.

Uma pontada golpeia-me no fundo da barriga, e viro-me, mas ele já voltou a montar na mota. Vejo-o desaparecer em grande velocidade e, por um segundo, o tempo abranda, ao sair, virar e desaparecer atrás das sebes.

Sinto um nó contrair-se no estômago. Eu disse que não queria saber mais daquele lugar, mas subitamente penso que não sei quando voltarei a vê-lo. Quase dou um passo, como se conseguisse alcançá-lo, mas enxoto esta vontade e entro em casa.

Terei saudades dele.

Já no interior, ouço o temporizador do fogão, e acorro para a cozinha. Bateman, o «ama» de Paisleigh, tira uma bandeja de bolos acabados de fazer do forno, e desprendo a respiração. Tinha-me esquecido que hoje era o dia dele.

– Olá – cumprimento, largando a mochila na cadeira ao lado da minha irmã, que se senta na ilha. Inclino-me para ela. – O que estás a fazer?

– A desenhar dinossauros.

O cabelo dela, um tom mais claro que o meu, está penteado numa dupla trança invertida à francesa, feita obviamente por Bateman ao tirá-la da cama. A minha mãe deve ter parado de pentear os filhos quando eu nasci.

Espreito para o triceratops a andar debaixo de um arco-íris.

– Boa – comento. – Mas sabes que a cor deles não era a púrpura?

– Não sabemos, com toda a certeza, de que não era – responde com a convicção dos cinco anos. – Ninguém realmente sabe qual era o aspeto deles, só fizeram deduções a partir dos nutrientes encontrados nos ossos e outras coisas, como o clima e a vegetação que havia.

Frequenta realmente uma boa escola.

Dou-lhe um beijo na testa.

– Venceste.

A miúda continua a desenhar e pergunto a Bateman:

– Ela está no quarto?

Ele anui, lançando o olhar para cima.

Agarro no telemóvel e encaminho-me para as escadas. O emprego na Mariette seria o paraíso em vez disto.

Percorro as notificações enquanto subo pelos degraus, vendo imagens de Liv e Clay tiradas hoje ao pequeno-almoço. Sorrio. Liv encontra-se na vila. Não esperava que regressasse antes dos feriados. Frequenta a faculdade de Dartmouth, bem a norte. Clay está louca por ela, mas faz mesmo muito frio e, portanto, escolheu uma escola perto de casa.

Mas a verdadeira razão deve passar por querer ligar-se aos pais. Perdeu o irmão mais novo para uma leucemia, há anos. Eles estão em processo de divórcio, mas acabaram por ficar mais próximos e ela não quer perder isso.

E também vejo um pedido de amizade de Jerome Watson.

Fecho os olhos, saindo da rede social.

Passo pela porta fechada do quarto do meu irmão, parando à entrada do da minha mãe, que nesse momento emerge da casa de banho, trazendo um vestido branco elegante com mangas curtas e decote quadrado, que lhe acentua a silhueta.

É um vestido meu.

Ela traz alguns artigos de higiene num estojo de viagem. Está a planear passar a noite fora de casa. Levanta a cabeça.

– Oh, já chegaste – diz, animada. – Ainda bem. Senta-te.

Arrasto-me para a cadeira do toucador, e reparo que as joias estão ali amontoadas. O que é que se passa?

– Vou levar o teu irmão à missa – diz-me. – E tu vens connosco.

Ela não voltou a pôr os pés numa igreja desde que o pai nos abandonou há quase um ano. Para evitar os olhares e a comiseração falsa. Hoje o motivo é outro.

Jerome Watson vai estar presente.

– Porque não te casas tu com ele? – pergunto-lhe.

Tem quarenta anos, só mais oito do que ele. Uma diferença menor do que entre ele e eu.

– Porque não quero mais filhos – responde.

Eu também não quero nenhum nos próximos tempos, isso é certo.

– Não vou à igreja, e não aceito pedidos de amizade por parte dele. Para de o encorajares.

Ela corre o fecho do estojo de pele, tira os óculos e aproxima-se do toucador, à procura do perfume.

– Graças a ele, os teus irmãos poderão ficar comigo, e não com o teu pai, mais aquela cadela de aluguer – diz ela, sem perder o ritmo. – Fará com que eu não envelheça num lar, com os cremes para dentaduras e pratos especiais para quem madruga. Vai garantir que tenhas o estilo de vida a que te habituaste. Terás tudo, Krisjen – encara-me, borrifando-se com *Guerlain,* e arqueando a sobrancelha. – Vens comigo à igreja e depois ele dá-te boleia para casa. Podem parar para almoçar e, no final da semana, vais convidá-lo para participar do nosso churrasco, no qual hás de rir muito e brincar com os teus irmãos e mostrar-lhe que és boa rapariga, antes de lhe ofereceres aquelas *focaccias* com cebola caramelizada, rosbife e queijo de cabra que sabes fazer tão bem.

Ela debruça-se, plantando as mãos nos braços do meu assento. Desvio-me, pois está muito próxima.

– Depois avançam para uns jantares, e vou permitir que voltem cada vez mais tarde, e vais usar vestidos cada vez mais justos e curtinhos, e, por fim, hei de dizer-te que chegou a hora de o seduzires, porque ele vai querer provar o material antes de comprar.

Dobro os lábios entre os dentes, para me impedir de tremer.

– Farás o que tens de fazer, e vais dar-lhe a volta, percebes?

Engulo em seco com dificuldade. Recuso dar-lhe o prazer de uma briga.

– Não sou maluca – diz. – Sei que isto é mau de se dizer, e quando tinha a tua idade, provavelmente até quereria dar cabo da minha mãe se me dissesse tais coisas, mas a treta de «seguir o coração com convicção» raramente dá bom resultado. Seres adulta é foderes quem não te apetece nada foder, porque muito pior do que isso é uma vida de pobre. Garanto-te que, por muito que o odeies, hás de odiar ainda mais que a Paisleigh cresça nos Apartamentos Vista View. Precisamos de ti, percebes?

Foda-se…

– Deixaste o Milo dar-te uma queca porque querias um namorado popular – ela senta-se na cama e calça os saltos altos. – O próximo que te compre bolsas e sapatos.

Todos os músculos do meu corpo se contraem quando ela desaparece na casa de banho. Volto a ter a fantasia em que enfio tudo numa mochila e me faço à estrada. Para onde quer que vá. Seattle. Montana. O Alasca.

Mas jamais abandonaria Paisleigh nem Mars.

Não quero que os meus pais morram, mas às vezes tenho outras fantasias, em que desaparecem misteriosamente. Contudo, fugir ou rezar não me ajudarão em nada. Tenho de encontrar uma forma de resolver a situação. Sou esperta.

Saio do quarto dela, tomo um duche rápido e troco de roupa.

Não aguento ficar em casa hoje. Preciso do pai.

Se ao menos lhe desse dinheiro e visitasse os filhos… por mim, não tem de vir. Sou crescida.

Mas preciso dele. Se ele tivesse tido uma atitude justa, eu ainda teria hipótese de escolha.

Estou ciente da ironia da situação. Imploro a um homem que me salve de outro.

Não, eu resolvo isto. Preciso de pensar. Mas não na igreja.

Desço as escadas e tiro uma banana da taça da fruta. Abraço Paisleigh.

– Queres passar o dia comigo?

Ela anui de imediato.

Pesco a carteira do interior da mochila, agarro nas chaves do carro velho do pai, e ponho-a ao colo rapidamente.

– Prepara as roupas e o almoço dela para a escola amanhã e depois estás livre, pode ser? – digo a Bateman.

Ele semicerra a vista.

– Tens a certeza? – mas entusiasma-se com a ideia de um dia de folga inesperado.

– Sim – e praticamente saio a correr com Paisleigh antes que a mãe desça.

Enfio a miúda no banco traseiro do *Mercedes*, prendo-a à cadeirinha e depois desço o tejadilho, pois é um dia de sol.

– Ena! – ela solta risinhos. – E toca a música bem alto!

– Como quiseres, princesa – arranco o motor, com a velha cassete do pai ainda no leitor. Olivia Newton-John começa a cantar nos altifalantes, enquanto rumamos para o único lugar em que me sinto segura, berrando as letras enquanto passamos por cima da linha de comboio.

3
Iron

ENTRO em casa, atirando as chaves para o prato ao lado da porta. Resmungo com a pseudotesão que ainda trago dentro das calças. Foda-se, juro que ela fez aquilo de propósito. Encostando-se a mim, apertando-me com força, respirando contra o meu pescoço… distraiu-me e quase passei um semáforo vermelho.

Aracely encontra-se na sala, a limpar uma das mesas do fundo. Repara que entrei, atira-me o pano, e vem ao meu encontro. Os cabelos soltos no carrapito desgrenhado batem-lhe na cara, e o *eyeliner* com asas tornam mais *sexy* os olhos castanhos. Ainda me consegue dar a volta. É uma pena que seja uma doida dos cornos.

– Cortaste os pneus da rapariga? – pergunto.

– Olha, só assim é que ias conseguir armar-te em herói – arrulha. – Quando ia na mota, ela apertou-se contra ti, assim juntinha, tal como eu costumava fazer?

E depois afaga a lata de verniz de madeira da mesma forma que costumava… afagar-me.

Rio-me. Rompi com ela quando éramos adolescentes, para não ter de aturá-la todos os dias, e, contudo, aqui estamos.

– Até pensava que as tuas parvoíces eram divertidas – digo-lhe –, mas depois fiz dezoito anos e tornei-me adulto.

– Mas não és tu que vais para a cadeia? – riposta, tirando um objeto do bolso de trás. Mostra um par de cuequinhas de algodão branco. – Encontrei-as no sofá.

– Minhas, não são.

Ela estica o braço e puxa-me a orelha.

– Au! – afasto-me. – Celli, porra….

Ela enfrenta-me.

– Para uma gaja de Saint Carmen, julguei que usasse coisas mais chiques.

Refere-se a Krisjen.

Atira-me as cuequinhas, as quais apanho, com esta resposta:

– Uma gaja de Saint Carmen sabe bem que ninguém compra rebuçados para chupar o invólucro.

Ela faz uma careta e vira-me costas, e eu não contenho um sorriso ao vê-la partir. Vou ter saudades dela.

Pagamos-lhe para limpar a casa duas vezes por semana, mas acho que sinceramente o faria de graça. Está determinada em tornar-se parte da família.

Já andou com Dallas e comigo, mas não duvido que alguém há de casar com ela, um dia. Eu é que não serei. É excessivamente possessiva. Mesmo depois de termos acabado, há seis anos.

Embora também se deva a ter dado boleia para casa a uma Santa. As mulheres da Baía são territoriais. Não gostam que as ricaças venham roubar-lhes os homens. Mesmo que só dure uma noite.

Duvido que Krisjen seja rica. Não pedi que me pagasse pelo arranjo do carro, pois somos amigos. Mais ou menos. Mas por que motivo não tinha dinheiro? Algo se passa.

Entro na cozinha, guardando a roupa interior no bolso, e abro o frigorífico, bebendo um gole do jarro com o sumo de laranja.

Army fecha a lancheira de almoço de Dex e atarraxa a tampa da garrafa de água.

– Ela fez-te perguntas sobre as cuequinhas? – pergunta-me.

Noto o riso na voz dele.

Sorrio, anuo e guardo o jarro.

– Eu depois levo-as à Krisjen.

Ou não. Pelo que entendi, não a verei novamente. Antes de ter de me ausentar.

Army fecha a porta da máquina de lavar loiça, liga-a e veste a *T-shirt*.

– Muito bem – exclama. – Vou deixar o puto com a Jasmine e depois sigo com o Dallas e o Trace. Podes vir comigo na mota, a não ser que queiras adiantar trabalho nas piscinas do Clube da Baía e de Fox Hill.

– Eu não vou – tiro o telemóvel do carregador, para verificar se tenho mensagens. – Já saí disso – digo-lhe.

Sinto os olhos dele pousados em mim.

Recuso-me a encará-lo.

– Iron… – diz.

Mas ignoro-o.

– O Macon está na garagem?

– Iron…

Hesito, e depois espreito por cima do ombro.

– O que foi?

Ele encara-me, e sei o que vai dizer antes que abra a boca.

– Sabes bem – ele abana a cabeça. – O enterro é teu.

Aproximo-me da porta e abro-a, vendo Macon ao fundo, na garagem, entretido com uma *Wagonner* verde dos anos setenta. O dono desta é um cliente habitual. Um colecionador em St. Carmen que só confia em Macon para a arranjar.

Este é o tipo de trabalho a que mais se dedica atualmente. Gere o lado profissional dos nossos serviços de jardinagem e limpeza de piscinas, mas raramente sai de casa para os realizar. Army é o patrão que os clientes veem. É mais fácil de abordar. Macon há meses que não atravessa a linha ferroviária e, antes disso, raramente o fazia.

Fecho a porta e desço os três degraus, enquanto Dallas passa pela garagem aberta com a geladeira do dia que acabou de encher com a mangueira. Ouço a aba da caixa da *pick-up* ser destrancada e o berreiro de Dex durante o trajeto de Army pela rua até à ama.

O telemóvel de Macon toca, e lanço a vista para ele e para o aparelho que finge ignorar. Uma garrafa de *bourbon* meio vazia repousa sobre a caixa de ferramentas, atrás de si.

Endireito os ombros.

– Os construtores hão de aparecer, quer atendas a chamada quer não.

Ele não levanta os olhos.

Aproximo-me, limpando o suor da nuca.

– Ouve, encontrei uns problemas no carro da Krisjen – digo-lhe. – Hoje vou ficar por aqui e tratar do assunto.

– Não vais, não – diz ele, ainda a rodar a chave inglesa. – Precisamos de ti no trabalho.

– Os rapazes desenrascam-se sem mim.

Ele aperta o parafuso, e os músculos do braço fletem-se tão vincadamente que quase dou um passo atrás.

– Já não basta fazeres-me perder um trabalhador durante três anos – afirma – como nem sequer contribuis com a tua parte, entretanto?

– Tenho mais oito dias de liberdade, que gostava de gozar.

Ele olha para cima.

– Oh, mas já gozaste bastante – salienta. – E perderes a liberdade foi o preço que pagaste, ou não te passou pela ideia? – larga a ferramenta e vira-se, vasculhando numa gaveta e tirando um alicate de ponta de agulha. – Diz-lhe que entregue o carro a um mecânico de Saint Carmen. Não vamos perder tempo com ela só porque achas que te pode dar uma queca – e depois volta a parar, com um esgar. – E estou farto dessas gajas todas aqui em casa. Entendes? Ao menos a Aracely contribui com alguma coisa, porra. Parem de trazer essa gente.

Ele volta a dedicar-se ao trabalho, enquanto eu fico ali, a vê-lo, derrotados todos os argumentos que trazia. Era escusado falar com ele. Como sempre. Há oito anos que recebeu o fardo de nos criar e, desde então, anda zangado com o mundo.

Embora não me recorde de que anteriormente tivesse sido diferente. Quando tinha dezasseis anos, só queria que ele sorrisse. Ou elogiasse alguma coisa que eu fizesse. Mas foi sempre um fantasma.

Desconfio que nem chorou nos funerais dos pais.

– Macon… – murmuro.

Ele retira a tampa do motor, virando-a e pousando-a na bancada.

Repito um pouco mais alto.

– Queres fazer o favor de olhares para mim?

Despeja os parafusos dentro da tampa, e vira-se de novo para o carro, como se eu já tivesse saído da garagem. Odeia-me.

Respiro fundo e estico o queixo.

– A Krisjen não tem dinheiro – digo-lhe. – Precisa que lhe repare o carro.

– Eu trato-lhe da merda do carro – rosna. – Até parece que ando o dia todo com as mãos nos bolsos. Vai trabalhar, mas é. Tarda nada, vais passar os dias sentado, e precisarás que te envie dinheiro.

Engulo o cabrão do sabor amargo na boca, porque está cheio de razão. Está sempre cheio de razão, foda-se, e eu sou sempre um merdoso.

De acordo com todas as interações que tive com ele, ao longo dos últimos oito anos, sou um inútil.

Já me sinto bastante estúpido. Se pudesse voltar atrás e mudar as coisas, quem me dera não me ter metido naquela luta. Não teria ficado bêbado, não daria rédeas ao meu mau feitio, e muito menos, não agrediria a pessoa errada a ponto de a pôr no hospital por um motivo de que já nem me lembro.

Sabia que era um erro. Sei que é um erro, de todas as vezes, mas não sou capaz de parar.

Ir para a cadeia não me preocupa, mas sim a possibilidade de que não aprenda.

– Fiz merda – sinto a vista arder com as lágrimas que me fodem o juízo. – Só faço merda.

Mas ele não me concede sequer novo olhar.

Enfio a mão no bolso e deixo as chaves de Krisjen sobre a mesa.

– Alinhar os travões – digo-lhe –, o radiador tem um furo, e o óleo parece lama.

Um trejeito de escárnio atinge-lhe os lábios, e eu quase sorrio, mas paro a tempo.

Ao sair da garagem, Trace está a subir para a caixa aberta da carrinha e Army atravessa a estrada sem Dex.

– Passa-me as chaves – estico as mãos.

Army sorri, abanando a cabeça, pois percebe que Macon terá vencido. Atira-me as chaves, que eu apanho.

– Não te rias – digo.

– Olha, não é vergonha nenhuma – provoca-me. – Sou mais velho do que tu e mesmo assim acagaço-me quando estou ao pé dele.

– Também não é motivo de orgulho.

– Não, embora continuar vivo seja.

Army começa a virar-se, mas reparo que Dallas está perto da carrinha, a lançar-nos olhares de lado e tentando enfiar a cerveja na geladeira antes que Army repare.

Puxo Army pelo braço, para o distrair e dar tempo suficiente a Dallas.

– Olha.

Army para e vira-se para mim.

– Tens de tratar da Aracely – digo-lhe.

Ele faz um ar perplexo.

– Não é minha namorada.

– Mas queria ser – dispo a *T-shirt* e enfio-a no bolso traseiro. – Há de dar-te ouvidos. Diz-lhe que pare de dizer parvoíces, por favor.

Ele sorri.

– Ou seja, aproveitar-se de uma princesa de Saint Carmen? – brinca, pois sabe que ela cortou os pneus de Krisjen. – Tal como *todos* nós gostamos de fazer de tempos a tempos? Desde quando é que te ofereces para levar alguém a casa?

– Sou um cavalheiro.

Ele arqueia a sobrancelha.

– Bem, sou o *mais* cavalheiresco daqui.

Solta um trejeito de troça.

– É bem possível.

– Bem, a mim, ninguém me pede para ser cavalheiro – diz Dallas, aproximando-se do meu lado. – Isso é garantido.

Ele sorri para Army e o olhar do nosso irmão mais velho saltita entre os dois, vendo Dallas pousar o braço em cima do meu ombro.

– Ouve – Army suspira. – Sei que vocês são os putos do meio, mas as vossas fases rebeldes já deviam ter terminado há muito tempo, por isso, parem, porra, que estou exausto – e depois dá um piparote na cabeça de Dallas. – E tira a merda da cerveja da geladeira. São oito da manhã e não sou parvo.

Ele afasta-se; Dallas e eu encaminhamo-nos para a *pick-up*.

– Podemos começar já a beber – queixo-me.

– Só ao meio-dia – aperta-me o ombro. – Assim, tens um objetivo na vida.

Ele sobe para a traseira com Trace, e eu abro a cabina, atirando a *T-shirt* para o interior.

– Caramba, ainda faz tanto calor. Acho que vou acampar hoje à noite na praia. Não aguento esta merda mais oito dias.

– O Macon chateia-me tanto como a ti – acrescenta Dallas. – Bem podes ficar por cá e servires de travão, porque depois vou ter eu de aturá-lo sozinho nos próximos três anos e meio.

– Porra, porque é que tem de andar sempre chateado? – digo em surdina.

– Mudou quando se viu obrigado a fazer de nosso pai, em vez de irmão – comenta Dallas.

Discordo. Nunca foi um irmão igual a Army.

– Pois tem de se acalmar – digo. – A raiva dele não me impede de ir para a prisão.

– Ele não está zangado.

Viro-me para Trace, que fez o comentário. Tem os cotovelos pendurados na caixa lateral da carrinha.

– Está preocupado – diz-me. – O que restará ao Macon quando sairmos de casa?

Ele olha para trás de mim, e eu sigo-lhe o olhar. Macon atira um par de pneus para fora da garagem. O sol bate-lhe nas costas, a cabeça pesa-lhe uma tonelada.

– Não tem mulher que goste dele – continua Trace. – Nem filhos a correr de um lado para o outro. Só nos tem a nós. A Liv foi-se. Tu vais também – diz, olhando para mim, e depois vira-se para Dallas: – E tu, quanto tempo tencionas

ficar por perto sem o Iron? – Não aguarda pela resposta. – Hei de ser o próximo, e o Army é o único que vai restar, por causa do Dex. O que fará o Macon com a vida dele, nessa altura?

Esfrego os dedos nas palmas das mãos.

Mas antes de poder remoer os comentários dele, ouço a voz baixa tornar-se um resmungo.

– Mas que merda…?

Olho para cima e descubro o motivo da pergunta.

Milo Price encontra-se a sair do pequeno motel ao lado do bar, no fim da rua.

Um ardor enche-me as entranhas. Um sentimento que bem conheço e muito adoro.

Traz apenas umas calças de ganga. Encosta-se a uma coluna e acende um cigarro.

O motel tem seis unidades, quase sempre vazias, exceto durante uma hora aqui e ali quando tipos como ele pagam para se divertirem na zona pobre.

– Mas o que é que ele está aqui a fazer? – Army aproxima-se, atirando o cinto de ferramentas para a *pick-up*.

Dou um passo em frente, mas paro, passando diante de mim um *Mercedes-Benz* descapotável branco dos anos noventa. Música aos berros, e Krisjen encaminha-se diretamente para o Mariette's, enfiando-se perfeitamente num lugar diante do estabelecimento.

– Porque é que ela voltou? – pergunta Dallas.

Olho para o ex-namorado dela, ainda em frente ao motel, e reparo que ele já a viu. Mas quando devolvo a atenção a Krisjen, ela continua distraída.

Dallas e Trace saltam da caixa aberta, e eu fecho a porta da carrinha. Avançamos em grupo para a estrada. Krisjen sai do carro, a quase cem metros de nós, tira uma criança do assento traseiro e leva-a pela mão para o interior do restaurante. Milo fica a observá-la, e eu aguardo até que ela entre, antes de avançar para ele. Não é bem-vindo nesta zona, e pouco tem a ver com a rapariga. É mesmo imbecil, se acha que pode mostrar a cara depois do que fez.

Com os meus irmãos na esteira, encaminho-me diretamente para o filho da mãe.

Ele vê-me aproximar e endireita-se.

– Calma, meu – um cabrão de um sorriso dança-lhe nos lábios. – Não quero chatices.

– Iron… – Army tenta acalmar-me.

Mas não lhe dou ouvidos.

– Não és bem-vindo nas redondezas – cuspo.

Milo dá uma passa, bem visível e vermelha a cicatriz que a namorada da minha irmã lhe deixou na cara na primavera passada. Espanta-me que se tenha esquecido do aviso para ficar longe deste lugar, se a vê todos os dias no espelho.

– Eu paguei – assegura-nos.

Camila Gonzalez sai do quarto, a seguir a ele, compondo as copas do *top* de alças. Para quando nos vê.

– Volta para dentro – rosno.

Raios a partam.

Ela enfia-se de novo no quarto, e eu dou um passo para Milo.

– Não te metas com as nossas mulheres.

– Mas vocês podem divertir-se à brava com as nossas? – lança um olhar para o Mariette's e o *Mercedes* ali estacionado, indicando Krisjen. Ri-se com troça. – Gostam delas porque são jovens, têm tudo no lugar e rapam-se entre as pernas. Soltam risinhos e gostam do cor-de-rosa, mas, porra, sabem bem, não sabem? A tua irmã concorda. Também gosta das ratas das Santas.

Dou um salto, mas uma mão trava-me o braço por trás.

– E ficam molhadinhas quando olham para um caralho com cinto de ferramentas – Milo estremece de riso. – Mas, Iron, elas não ficam aqui muito tempo. As nossas mulheres precisam de dinheiro para manterem aquele ar.

– A Clay não precisa do dinheiro da Liv – digo-lhe. – E se fosses bom na cama, saberias que vêm para aqui à procura daquilo que não lhes consegues dar.

Ele puxa um bafo do cigarro e solta o fumo, os olhos nunca se desviando dos meus.

– Sabem que há um círculo de troca de esposas em Saint Carmen? – diz-nos. – O meu pai fodeu as mulheres de toda a gente. Uma noite segui a minha mãe a uma festa em que ela foi a rainha da noite.

Franzo o cenho.

Começo a perceber porque é que ele é um perfeito marado. Céus, aquela gente é horrível.

– As pessoas casam por muitos motivos – explica –, que não seja por amor, e depois são infelizes. Para não se irem abaixo, partilham uns com os outros. Dentro do círculo de amigos, claro está, pois não correm o risco de se apaixonarem e separarem famílias. Fazem negócios entre si, por isso todos têm muito a perder e motivos de sobra para ficarem calados.

Será verdade? Porra, passam mulheres de uns para os outros?

Milo baixa a voz, provocando-nos.

– Ouvi dizer que o Jerome Watson anda atrás da Krisjen – faz um sorriso amplo, e algo trepa pela minha garganta e sinto as entranhas tornarem-se tijolos. – A atenção que ela há de ter como esposa em Saint Carmen. Se calhar, um dia, ainda me calha na rifa.

Mordo os dentes e ele solta um suspiro, recordando-se de um momento.

– O que mais gosto na Krisjen – murmura – é que ela bate de volta, quando apanha.

Lanço-me a ele, agarrando-o pela nuca e empurrando-o contra o chão. *Filho da puta*.

Sou agarrado por trás.

– Não, porra! – berra Army, passando o braço pelo meu pescoço e puxando-me contra ele.

Rosno, debatendo-me para me soltar, e ele atira-me para o lado, e aproxima-se de mim.

– Para com isso! – berra. – Ele está a ver se te atiça!

Army vira-se, e eu lanço um olhar a Milo, sabendo que devíamos ter acabado com ele em maio.

Army aponta o dedo a Milo.

– Pisga-te daqui, já!

Milo recua, dirigindo-se para o carro, mas detém-se para cuspir no nosso solo.

– Aproxima-se a tua última semana, Iron – respira com força. – Quando saíres, já nada disto vai ser teu.

E eu entendo-o perfeitamente.

Vejo o carro sair da Baía, e limpo o suor do lábio.

Porque é que não nos deixam em paz? Têm tudo. A nossa terra agora é um mero quinhão do que foi em tempos, e mesmo assim, querem mais.

Tudo isto terá desaparecido quando eu sair.

Vejo Krisjen trazer bebidas para os clientes na esplanada, e avanço para ela.

– Iron – chama Trace.

Ignoro-o, e Krisjen volta a entrar.

– Krisjen – chamo-a.

Ela vira a cabeça, encontra-me e revira os olhos.

– Eu sei… – entra no restaurante, e eu sigo-a. – Só demorei uns três segundos depois de teres partido para perceber que não queria sujeitar-me hoje à minha mãe, por isso aproveitei a tua oferta. Mas só hoje – anui, como se me tranquilizasse. – Não volto a este lugar. A sério.

Está a ser brincalhona, mas não é o momento certo.

– Tens de ir.

Ela vira-se e encara-me, e sinto que os meus irmãos param atrás de mim.

– A sério – digo-lhe. – Vai-te embora.

Alguém solta um suspiro forte. Talvez seja Trace. Quer ficar do meu lado, mas não entende o que estou a fazer.

Krisjen franze a testa, endireitando-se porque a confrontamos em peso.

– Que se passa? – pergunta-nos.

– Ouviste o que ele disse – indica-lhe Dallas. – Vai.

– Merda, não somos uma atração turística – saliento. – Caralhos para vocês montarem até se fartarem. Vai brincar com outros pobres.

– Iron, para com isso – vocifera Trace. – A Krisjen não é dessas.

– Para eles, somos uma anedota – digo por cima do ombro. – Para todos eles. Aproveitam-se de nós.

– Pois, tu e o Dallas, e todos vocês, quando andavam atrás das gajas de Saint Carmen, o que queriam era amor? – ela funga de desdém. – Vai contar a história a outra.

– A diferença é esta… – aproximo-me dela, baixando a voz. – Eu casava-me contigo.

O peito dela cede um pouco.

– Se te amasse – digo-lhe. – Ficaria tão orgulhoso se fosses minha. Tal como qualquer um de nós. Tu apresentavas-me às tuas amigas? Vinhas de bom grado viver connosco neste pardieiro?

Um nó forma-se na garganta dela, mas a expressão severa não vacila.

– *Se* amasse algum de vocês, sim, talvez.

Dallas ri-se de gozo atrás de mim, mas ela não me resiste mais. Arrancando o avental à cintura, agarra na miúda, que assumo ser a irmã, e sai espavorida do restaurante.

– Não! Não quero ir! – berra a miúda. O caderno de rascunhos cai-lhe das mãos e os lápis de cor ficaram sobre a mesa.

– Desculpa – diz Krisjen com a voz embargada. – Está tudo bem.

– O que foi que eu fiz?

– Nada, minha querida. Está tudo bem.

Trace pega no caderno, e acompanhamo-la à saída, pelos degraus do restaurante.

– O Trace leva-te o *Rover* quando estiver pronto – digo-lhe.

– Vou levá-lo agora.

– Não pode andar.

Ela volta-se para trás.

– Estou-me a cagar!

Army ri-se baixinho, e eu sigo-a enquanto se encaminha para o *Rover*, que continua estacionado diante da nossa casa. Deixa o *Mercedes* do pai no Mariette's. Ela tenciona realmente levar a irmãzinha num carro inseguro?

– És mesmo casmurra – provoco-a. – Sempre apreciei isso. Mas ninguém pode acusar-vos de serem espertas. Isso é certo.

Ela enfia a irmã no banco traseiro, fecha a porta e vira-se para mim.

– Vês isto? – agarra-se entre as pernas. – Nasci com as ferramentas necessárias para ter uma porrada de filhos que arrasem com este sítio de merda.

– Ohhhh – Trace ri-se.

Army funga.

– Porra.

– Calem-se – rosno-lhes. Não tem graça nenhuma.

Viro-me para ela.

– Ele batia-te? O Milo? Apanhaste dele, certo? Várias vezes?

Incendeia-se um fogo nos seus olhos. Ela sabia que estive na festa do farol, na primavera passada, e viu. Aparentemente, Milo não aprendeu nada com o castigo que levou.

Aperto com ela, fazendo-a retroceder para dentro do carro.

– Sabes bem o que ele tentou fazer à minha irmã na primavera. E, se tivesses falado antes disso, se revelasses o que ele era, talvez não tivesse tido sequer oportunidade de tentar mais nada.

– Revelar a quem? – ela berra. – Aos polícias contratados pela câmara municipal, onde a mãe dele senta o traseiro?

Encaro-a fixamente.

– Ou ao meu pai, que anda a tentar convencer o primo do Milo para o substituir como juiz distrital? – diz a seguir, com a vista já lacrimejante. – Ou talvez à direção escolar que aceita os donativos da família? Ou às minhas colegas, que nunca ficaram do meu lado nesta matéria? A quem é que revelo?

Um rubor bonito enche-lhe as faces, e quase sinto o calor do bafo dela, enquanto contém as lágrimas.

– Devo ser estúpida – o queixo treme-lhe, mas tem ar determinado. – Pois talvez ele tenha dito as coisas certas uma certa noite, quando eu julgava que só o tinha a ele, e nada mais, e senti pena dele – ri-se das suas próprias ideias iludidas. – Ou se calhar queria acreditar que ele gostava de mim. Se calhar era

ingénua e acreditava em ideais amorosos e terei pensado que o facto de haver violência dentro dele não significava que fosse má pessoa e que valeria a pena tentar.

As palavras dela abalam-me. *Há violência dentro de mim*. Mas não sou mau. Não sou como ele…

– Ou se calhar até gostava – sorri amargamente. – Pois nada me parecia estar bem, mas quando se tornava realmente mau, correr sangue fazia-me sentir que tinha sobrevivido, e isso dava-me algum poder.

Apalpo o osso torto do dedo médio da mão direita que parti numa briga. A narina esquerda pela qual já não respiro, pois não sarou bem depois de outra altercação. E todas as cicatrizes de todas as vezes em que sobrevivi, sangrando, pois foi quando me sentia forte.

– Ou se calhar quis aquilo – continua – porque depois podia bater-lhe também, o que a senhora George, a vizinha do lado, nunca foi capaz. Sem independência financeira para partir com os três filhos. Não abria a boca, apesar de o marido quase a ter matado, porque estava presa a ele. E se calhar às vezes só queria que o Milo se fizesse a mim para eu poder dar-lhe de volta, e ao senhor George, e ao meu pai, e a toda a gente que pisa nos mais fracos.

Uma lágrima escorre-lhe pela face.

Ela está a arrasar comigo.

– Oxalá todos vocês pudessem ter o dinheiro que sempre quiseram, para entenderem que isso não basta – diz ela. – Gostava de vir aqui porque ninguém tenta disfarçar as nódoas negras. As vossas mulheres têm motas, e toda a gente está sempre a rir-se ou a gritar. É… diferente. Queria amigos, e vocês não descartam as pessoas – a voz dela baixa até ser um murmúrio, e noto que se esforça para não chorar. – É um bom lugar.

Vira-se, mas eu agarro-a. Puxando-a contra mim, envolvo-a com os braços e enterro o nariz no cabelo dela.

Ela tenta afastar-se.

– Para com isso.

Não a largo.

– Desculpa – fecho os olhos com força, sentindo as lágrimas. – Desculpa. Sou uma besta. Céus.

Ela treme nos meus braços, e eu afasto-me, observando-a.

Ela abana a cabeça, recusando olhar para mim.

– Deves achar que não tenho nada cá dentro.

– Não acho isso.

Ela tenta virar-se, mas não a deixo.

– Não és estúpida – digo-lhe. – Não é culpa tua que tenhas um coração sensível e tentasses entregá-lo àquele gajo. Nem sei porque é que me zanguei contigo há pouco. Desculpa.

Estou lixado comigo mesmo, com a merda dos meus erros, e detesto a família dela, mais o círculo de amigos, mas gosto de Krisjen.

Ela descola-se de mim, abre a porta do carro.

– Deixa-me ir.

Mas eu fecho a porta com força.

– Tu não vais voltar para lá hoje.

Ela vira-se com um esgar.

Encaro-a fixamente.

– Não te quero ao pé daquela gente.

4
Krisjen

Mas qual é o problema dele? Como se não me sentisse à partida uma perfeita incapaz, por ter servido às mesas apenas durante dez minutos, antes de ir atrás de Iron para a Baía, após ter dito que não havia de regressar.

Agora ele tenta pôr-me fora daqui.

Mas depois…

Oh, espera, não, fica.

Abano a cabeça, a boca dele tão próxima que lhe sinto a respiração. Tenho mesmo de aprender um dia que os homens não valem tanto esforço.

– Mas que raio se passa aqui? – vocifera Macon, e vejo-o, pelo canto do olho, sair da garagem aberta.

Os irmãos ficam ali parados, mas não falo. O assunto não me diz respeito.

Por fim, Army responde:

– Nada! – e empurra Trace para a *pick-up*.

– Então, vão trabalhar!

Os olhos de Iron não abandonam os meus, e sorrio ligeiramente – sabendo que não devia – porque ele tem de partir, e agora eu também posso.

– Iron, vamos andando! – berra Army. – Estamos atrasados – ouço os restantes entrarem na *pick-up*. O meu sorriso cresce, o desafio pairando entre nós.

Iron estica a cabeça, olhando para Macon.

– Passa-me a tua faca.

– Para quê?

– Passa-me, Macon, e não faças perguntas!

Iron estende a mão e Macon hesita, ouvindo o motor do veículo. Remexe no bolso e tira uma faca de bolso, atirando-a para Iron.

Este apanha-a no ar, roda-a e encaminha-se para o restaurante ao fundo da rua.

Ficamos a vê-lo dirigir-se para os degraus, mas então para junto ao *Mercedes* do meu pai, abre a faca, e é quando percebo o que tenciona fazer.

– Não! – rosno, mas é tarde demais.

Iron dobra-se, esfaqueia o pneu esquerdo da frente, enterrando a lâmina pela borracha, para abrir o corte.

– Ah! – berro, enquanto os outros desatam a rir na *pick-up* atrás de mim.

Iron volta a correr, atira a faca para Macon e sorri:

– Trocas aquele também?

– Filho da… – resmunga Macon, acorrendo para junto de mim, e ficamos ambos a ver o cabrão do Iron Jaeger saltar para a traseira da carrinha.

– Mas o que é que te passou pela cabeça? – berro.

Ele brinda-me com um sorriso branco.

Cerro os punhos.

– Estupor!

Ele lança a cabeça para trás, rindo-se.

– Vai, vai, vai! – berra ele para Army, dentro da *pick-up*.

Army acelera, e partem aos berros.

– Hooo! – berra Trace.

– Que grande porra! – grita Macon.

– Posso chamar um Uber! – grito também.

– Voltamos às cinco da tarde! – diz Iron, apoiando-se nos joelhos enquanto avançam. – Diz à Mariette que queremos o do costume, e podes fazer aqueles cogumelos recheados que trouxeste no Quatro de Julho?

– Não faço a ponta de um corno!

– Mas vou para a cadeia, Krisjen.

Faz-se de coitadinho, como se eu sentisse pena dele. Trace esconde a cara nas mãos, incapaz de conter o riso.

Desaparecem ao fundo da rua, e ficamos ali os dois, Macon e eu. Paisleigh solta risinhos no interior do carro.

– Céus… – diz Macon, entredentes. – Filho da…

Olho para ele, cuja carranca está mais vincada, tendo virado costas à *pick-up* que acabou de partir e encarando-me.

Encolho os ombros.

– A culpa não é minha.

– É que… – range, levantando as mãos como se fosse estrangular alguém antes de apontar para o Mariette's. – Enfia-te no restaurante e faz o que tens a fazer. Ou ainda expludo, juro por tudo.

Não tenho hipóteses de contrapor, porque volta para a garagem, mas nem sei se teria dito alguma coisa. Devia ir-me embora. Se tivesse carro.

Dou um pontapé na pedra, observando o *Mercedes* que agora se encontra tão inclinado como o meu *Rover*, ontem à noite. *Meeeerda* para os rapazes.

Que porra!

Puxo a miúda para fora do carro e regresso com ela ao Mariette's, berrando para Macon ao passar pela garagem.

– As gorjetas ficam para mim!

*

Espreito para o relógio por cima da ementa na parede e apresso o ritmo, pousando as sanduíches diante das duas velhotas e recolhendo o prato de entradas agora vazio.

Queria despachar-me antes das cinco horas, para que Iron, se me encontrar ainda aqui quando voltar, não se ponha com comentários.

Mas o dia passa depressa. É a minha *estreia* no mundo do trabalho, mas não acho assim tão mau. Sinto-me prestável e gosto disso. Sirvo bebidas. Aponto pedidos. Reencho os copos de refrigerantes. Levanto os pratos.

É giro. Gosto das pessoas.

E o melhor é que me mantenho ocupada. A outra empregada saiu mais cedo, e, portanto, não paro desde o meio-dia, e embora seja cansativo atender a tantas mesas sozinha, também é estranhamente satisfatória esta minha capacidade de me desmultiplicar. Encher copos na mesa quatro, garfo limpo para a mesa oito, comida pronta para a mesa treze, molho picante para a mesa um…

Hoje fiz isto. E fi-lo bem feito. Como aluna, não era grande coisa, e pior como atleta, mas reajo bem sob pressão. Quem diria.

– Então, voltaram? – pergunto, pousando ementas diante de dois cantoneiros que já tinham estado ao almoço.

O que está à minha direita sorri, o *mullet* loiro sobressaindo do boné de camionista, mas a verdade é que nele resulta.

– Gostamos da tarte – brinca.

O outro ri-se, e eu pouso as águas na mesa, lançando um olhar à aliança no dedo dele.

– Bem, não se esqueça de levar uma fatia para a sua mulher – respondo.

O outro solta um risinho, e afasto-me sem olhar para trás.

Limpo algumas mesas e disponho os vários lugares quando as abas da porta de tela se fecham nas minhas costas.

– Krisjen! Foi tão divertido! – exclama a minha irmã. – Adoro aqueles barcos!

O quê? Quando me viro, vejo-a correr na minha direção, e abraça-me o pescoço ao levantá-la nos braços. Jasmine Cabrera entra com o filho de cinco anos e Dex num carrinho. Ela toma conta de alguns miúdos das vizinhanças, durante a ausência do marido, que passa meio ano a combater incêndios por todo o país. Agora está no Arizona, julgo.

Observo-a.

– Levaste-a num aerobarco?

– Não cobro nada por tomar conta dos miúdos.

Ia abrir a boca, mas arrependo-me, apesar de ser inadequado que Paisleigh, Dex, e inclusive ela – grávida de quatro meses – andem numa daquelas coisas. A minha irmã está feliz da vida, e ninguém morreu, e, portanto, deixo passar.

Enfio Paisleigh numa cadeira e coloco o prato de macarrão e queijo, que tinha pedido, diante dela, enquanto os outros se sentam e começam a comer. Jasmine tem o filho de Army no colo, enquanto lhe dá de comer, e olho para o rapaz, notando que tem olhos azuis, ao contrário do pai. Deve sair à mãe, onde quer que esta esteja.

O miúdo mastiga enquanto olha para mim, e deito a língua de fora, cruzando a vista. Ele não para de olhar.

Volto a verificar o relógio. São quase cinco e meia.

– Come, miúda – digo a Paisleigh.

Envio uma mensagem ao mano. **`Não tardo a chegar`**.

Depois ativo a câmara e agacho-me ao lado da maninha, no modo *selfie*. Ela solta logo risinhos e imita-me, fazendo uma careta antes de eu tirar a fotografia.

Envio-a a Mars e à mãe. Embora esta nem sequer se tenha dado ao trabalho de me telefonar, para garantir que Paisleigh se encontra bem. Amanhã os miúdos estarão na escola, pelo que será mais fácil para mim, caso decida manter este emprego. Não tenho de me preocupar que Paisleigh estava em casa e seja ignorada por ela.

– Krisjen! – ouço gritarem nas minhas costas.

Sobressalto-me, reconhecendo a voz de Trace. Por instinto, abro o TikTok e ponho-me a filmar as minhas expressões faciais, pois imagino que seja capaz de, mais tarde, criar algo engraçado.

– Krisjen! – volta a berrar Trace. Reviro os olhos, ouvindo vários pares de botas a esmagarem o chão atrás de mim. Levanto a câmara para o ver, mais aos irmãos.

– Onde está o jantar? – pergunta.

Espreito por cima do ombro.

– Na cozinha. Vai tu buscá-lo. Não vou servir-te diante de toda a gente.

– Só em privado? – lança um sorriso, e todos se sentam. Percebo que Iron me observa. – Estou mesmo sujo – berra Trace. – Queres tomar um duche?

Ainda segurando o telemóvel, avanço para a mesa dele e recolho a gorjeta que tinha ali sido deixada. Trace levanta-se e faz menção de me agarrar, mas eu prendo a perna atrás da dele e puxo-a, fazendo-o tombar na cadeira.

Os irmãos riem-se e eu afasto-me.

– Se ele só quer estar contigo à noite, então não passa de um… – e baixo a voz, ao sussurrar para a câmara – fodilhão.

– Ohhhh – ri-se Trace, entrando no jogo.

Army senta-se com o filho nos braços. Iron – noto através da câmara – está concentrado no meu traseiro.

Deve ter sido ele, ontem à noite. Só pode ser. Terá reparado em mim antes? Sou muito boa a perceber estes sinais.

Mas daqui a dias vai passar três anos engaiolado. Qualquer uma pode representar um petisco agora.

Paro de filmar, encurto o vídeo e acrescento uma música de fundo. Publico-o e guardo o aparelho no bolso traseiro, notando que entram novos clientes pelo canto do olho.

– Olá, o que fazes aqui? – pergunta uma voz conhecida.

Viro-me e descubro que se trata de Clay e Liv, acabadas de entrar. Faço um grande sorriso, com um calor nas entranhas enquanto envolvo Liv nos braços. E apesar do facto de se terem passado apenas oito semanas desde que partiu para a faculdade, sinto algumas lágrimas despontarem. Não me importo que a vila esteja vazia das colegas de escola, mas dela sinto falta.

Pigarreio, e recuo um passo.

– É uma história comprida – explico. – Mas precisavam de ajuda e eu estava disponível. Tencionas ficar muito tempo na vila?

– Não… – ela prende os polegares nas presilhas das calças de ganga. Tem os mamilos espetados num dos *tops* de alças de Clay, que ela deve ter pedido para usar pois ter-se-á esquecido do calor que aqui faz. Em Dartmouth não tardará a nevar. – Volto esta noite – diz-me ela.

Apanhou um voo para passar o fim de semana com a namorada. Que adorável. Tenho ciúmes.

– Mas ainda bem que estás aqui – ela esfrega-me o braço. – O Trace tem-se portado bem?

– Céus, não – retiro o avental. – Mas toda a gente gosta dele, mesmo assim.

– Liv! – exclama Army.

Ela olha para os irmãos e depois murmura para Clay.

– Dá-me um minutinho.

Aproxima-se da mesa, e Clay pede-lhe:

– Traz uma tarte!

Espero até Iron se levantar e abraçar a irmã, antes de puxar Clay pela mão para o extremo do balcão, ao fundo do restaurante.

Ainda bem que me resta uma amiga que ficou numa faculdade próxima.

– Tenho de te contar isto – sento-me, mas ela permanece de pé. – Ando mortinha por contar a alguém.

– Desde que não estejas grávida… – diz ela.

Mostro-me estarrecida, e não digo nada, a boca aberta como se não tivesse forças para lhe contar.

Os olhos azuis dela ficam esbugalhados.

– Meu Deus, não.

Faço um trejeito trocista.

– Estou a gozar contigo.

Ela suspira, descontraindo-se.

– Bem, então o que é?

Olho em volta, para garantir que ninguém nos ouve, e baixo a voz, inclinando-me para ela.

– Tive sexo com alguém ontem à noite. Não foi o Trace.

Ela encara-me como se aguardasse o resto da confissão.

– Está bem… ah, estavas protegida?

– Bem, acontece que…

– O Trace já sabe?

– Não… não temos esse tipo de relação.

– Pronto, então quem foi?

Um nó prende-se no meu pescoço.

– Porra, *não* faço ideia.

Ela fica atónita.

– O quê?

Não contenho um risinho.

– É difícil explicar, mas com a escuridão da sala e os ângulos e…

– Pronto, tudo bem – ela levanta a mão para me interromper. – Então não lhe viste a cara? Tipo, a sério? Onde foi?

– Na casa dos Jaeger – hesito antes de terminar. – Sei que foi um deles. No sofá – vejo os olhos dela ficarem novamente abertos. – Deixei-me ir completamente. Não sei, Clay, foi o melhor que já tive. Tudo. Cada segundo.

Um brilho atinge-lhe a vista.

– A sério? – brinca. – Melhor do que com a cabeça do chuveiro?

Oh, céus. Enfio a cara nas mãos. Eu contei-lhe aquilo, a sério? Foi há muito tempo. Ela, Amy e eu fazíamos margaritas. Eu falei demais.

– Não sei – lamento-me. – Será que eu reagi melhor a ele? Ou se calhar eu estava na minha e ele na dele, e foi excelente desta vez, mas não volta a ser assim; não faço ideia, mas foda-se, foi espetacular.

E quase nada se relacionava com a parte em que esteve dentro de mim. As mãos, os braços, o calor da boca dele na cara – no meu cabelo –, a forma como se encostou às minhas costas e me envolveu, uma parte de mim deixou de sentir falta. Era assim que devia ser a primeira vez. Todas as vezes.

Céus. Um ligeiro suor desce-me pelo peito e…

Clay enfia algo no meu campo de visão, e eu pestanejo, enquanto ela estala os dedos para me chamar a atenção.

Divaguei por instantes.

– E tens a certeza de que foi um dos Jaeger? – insiste.

Anuo.

– Usava a pulseira, e já estive com o Trace as vezes suficientes para perceber que não era o seu modo de agir.

Ele é uma possibilidade, mas improvável.

– O que faço? – pergunto-lhe, baixando o tom de voz novamente. – Ou seja, não espero uma segunda volta, mas queria saber quem foi.

– Pergunta-lhes.

– Ah, claro. Seria hilariante. «Rapazes, qual de vocês deixou a marca da vossa mão no meu traseiro, ontem à noite?»

Alguns dos clientes viraram-se na minha direção e eu calo a boca. Merda. Voltei a falar alto. Reparo que Iron e Army olham para mim.

Clay sacode-se de riso.

– Ele deixou a marca da mão?

Mostro-lhe os meus capilares púrpura-avermelhados, massacrados, por cima da clavícula.

– Ele deixou marcas em todo o lado – digo. – Queres ver o interior das minhas coxas?

Liv aparece mesmo atrás de Clay e arqueia uma sobrancelha, olhando para mim.

Engulo em seco.

– Entraste na conversa fora de contexto. Desculpa, miúda.

De qualquer modo, ela tem noção.

Liv aproxima-se de Clay com o olhar divertido.

– O que se passa?

– Queres mesmo saber? – Clay estica o sorriso entre os dentes.

Liv passa para dentro do balcão, dirigindo-se à cozinha.

– Talvez não – murmura. – Vou buscar a tarte.

Sorrio, quando já está de costas, e olho para Clay.

– O que é que eu faço? Como é que descubro qual deles foi?

– Bem, suponho que ele te tocou com outras partes, além da pila, ontem à noite, certo? – insiste. – Tenta perceber qual deles é que se mostra mais à vontade contigo. Pousando as mãos em ti. Olhando para ti de forma diferente. Provocador.

Espreito para a mesa dos rapazes, Trace ordenando seis pacotes de açúcar, rasgando-os de uma só vez, e despejando o total do conjunto no chá gelado.

– Alguém mais, além do Trace, começou a ser assim, hoje? – pergunta.

Iron mastiga o chá dele.

– Talvez – murmuro. – O Dallas, acho que podemos eliminar, não concordas?

– Pareceu-te ser ele?

Fito as costas de Dallas com um travo amargo na boca.

– Bem, não foi uma queca de ódio, mas… foi agressiva, diria – lanço um olhar a Clay. – Céus, se foi ele, não vou querer saber. Mas não seria ele, pois não? Detesta os Santos.

Ela quase se retrai, inclinando a cabeça para o lado e pensando.

– Não sei se isso é verdade. Eu não o riscaria da lista, a sério.

– Oh, meu Deus.

– Tranquila – ela ri-se baixinho. – Aposto que foi o Iron. Oxalá pudesse ficar pelas redondezas e ver o desenlace da história.

Obrigada, mas não. Prefiro deslindar eu esta confusão, em que só eu me meteria, sem amigas a assistir.

Liv regressa com uma caixa de tarte, que segura pelo cordel.

– Tenho de ir – diz-me Clay.

Ergo-me e acompanho-a até à porta.

– Para o farol?

– Para a casa da mãe. Ela está fora – faz uma dancinha. – Vamos nadar na piscina sem roupa antes de a Liv ir para o aeroporto.

Já vi miúdas a nadarem nuas na piscina dos Jeager, mas é claro que Liv quererá estar com Clay nua em privado. É compreensível.

– Divirtam-se – digo-lhe.

Dá-me um abraço.

– Vais ficar bem? Podemos ficar por perto, se te sentires desconfortável…

– Vão – empurro-a para a porta. – Passo a noite no meu lado da vila, não fico nesta zona.

Liv dá-me um abraço rápido e então ambas partem, entrando no velho Bronco de Clay. Hei de ver Liv no Dia de Ação de Graças, mas… esta foi a última vez que ela viu Iron fora da…

Sinto um aperto na garganta.

Três anos e meio.

Mas em vez de tristeza e pena, o que sinto a respeito dele é raiva. Depois cruzamos os olhares, sentindo o dele concentrar-se em mim, por pressentir que algo se passa. Eu acabo por simplesmente dar atenção a Paisleigh. A miúda já acabou de comer e dedica-se a rasgar o guardanapo em tiras, para depois as juntar como um *puzzle*.

– Pronta para irmos? – pergunto.

– Amanhã podemos voltar?

– Amanhã tens aulas.

Ela lança a cabeça para trás num desapontamento dramático, como se o jardim de infância fosse um inferno em vida. Pego no caderno e nos marcadores, enfiando tudo na mochila. Agarro-lhe na mão e tento sair, mas embato contra uma figura e olho para cima. Dois homens entraram no restaurante, vestidos descontraidamente com calças largas, numa patética tentativa de se enquadrarem no local, se não fossem da marca *Cucinelli*. Coisas que o meu pai usa, e não os turistas.

Vestem camisas de manga curta engomadas, e sinto o cheiro do couro que todos os ricos adquirem ao longo do dia. Das pastas. Dos sapatos. Dos assentos do *BMW*.

O loiro-escuro não olha para mim, mas conheço-o. Aperto a mão de Paisleigh.

– Ai – queixa-se ela.

Ocupam um assento numa mesinha junto à janela, e eu escondo-a atrás de mim, aproximando-me dos Jaeger.

– Algum dos meus carros já está pronto? – pergunto a Army.

– Não sei. Eu…

– É possível – interrompe Iron, começando a levantar-se. – Anda, eu acompanho-te. O Macon precisa de comer.

– Tudo bem, eu desenrasco-me sozinha.

Não queria voltar a discutir com ele. Deixou-me aqui pendurada com a minha irmã, hoje. É claro que podia ter pedido boleia, mas ele não pensa nas consequências e não achei graça.

Ele olha-me fixamente.

– Eu levo-te.

– Já ajudaste bastante – riposto.

Trace devora a comida, Dallas junto à janela com a sua sanduíche e ar sempre tenso. Army já quase terminou. Nos dias úteis, não almoçam, e o meu estômago queixa-se, informando-me que também me esqueci de comer.

Estico o braço e pego na comida pousada sobre o balcão, a que vou levar para Mars, Paisleigh e para mim própria, mas paro e inclino-me ligeiramente, com voz baixa ao encarar Army.

– Os dois tipos junto à janela – digo-lhe. – Um é do departamento de saúde. O outro é o Garrett Ames.

Vira o olhar para a mesa a meio do restaurante, o último pedaço do hambúrger preso entre os dedos. Engole.

– Como sabes que o primeiro pertence ao departamento de saúde?

– Frequenta a minha igreja.

– Vais à missa? – pergunta Dallas.

Trace troça da resposta, e eu contenho um revirar de olhos. Eles literalmente enviaram a irmã para a mesma escola católica.

Cruzo o olhar com Army novamente.

– O Garrett Ames não frequenta lugares destes, é o que quero dizer – murmuro. – Só para informar.

Não entendo o que esperam encontrar aqui, nem o motivo da presença dele, e logo com um inspetor de saúde, mas não vieram pela comida. Se os Jaeger conseguem invocar magia, torcer certos braços e subornarem pessoas para manterem aquilo que têm, convém-lhes despacharem-se.

Vejo que Iron fita os homens, com os ombros tensos e o maxilar apertado.

– Acompanha-me – digo-lhe, mudando de ideias.

Ele não parece ter-me ouvido. Nem imagino o que lhe passará pela cabeça.

– Acompanha-me – rosno.

Ele precisa de sair daqui, antes de acrescentar cinco anos à sentença. Céus.

Levantando-se da mesa, ele agarra no telemóvel e no saco de papel castanho agrafado que está em cima do balcão. Saímos do estabelecimento, Iron mantendo aberta a porta para que eu e a minha mana passemos.

– Tencionas voltar amanhã? – pergunta ele, abrandando o passo para irmos lado a lado, pois não posso andar mais depressa que Paisleigh.

– Porquê?

Ignoro se perguntei porque devia aceitar aquele trabalho, ou porque quer ele que o aceite, mas Iron limita-se a olhar para o chão e espanto-me ao vê-lo tentar esconder um sorriso.

– Não devia ter dito aquelas tretas hoje – diz-me –, mas portaste-te bem, miúda. Quando acordar amanhã, prefiro que estejas por perto, e não longe.

Portei-me bem? Em que sentido?

A porta da garagem dos Jaeger está aberta, e dela emana luz. Macon debruça-se debaixo do capô aberto do veículo, com o braço completamente enterrado nos mecanismos. Ambos os meus carros estão à entrada.

– Como está a ir? – pergunta Iron quando entramos.

Macon rebusca no bolso e atira-me as chaves do *Mercedes*. Solto a mão de Paisleigh para as apanhar.

– Obrigada.

– O outro demora mais uns dias – diz ele.

Tiro do bolso o valor das gorjetas que ganhei hoje. Desde a troca de palavras desta manhã que o meu humor arrefeceu. Coloco a pilha de notas dobradas sobre a beira do carro.

– Isto é o que ganhei com as gorjetas. Posso transferir-te a diferença pelo Venmo, ainda esta semana, se me disseres quanto é que vai custar.

Hei de arranjar o dinheiro.

Tiro o saco de comida a Iron e aproximo-me, pousando-o sobre a mesa enquanto ele olha para o dinheiro.

– Elas ganham assim tanto? – pergunta a Iron como se eu não estivesse aqui.

Iron esboça um sorriso.

– A *Krisjen* ganha assim tanto.

Tento virar-me, mas reparo na garrafa quase vazia de *Jim Beam* ao lado da comida. Sem copos. Depois olho para o enorme caixote de lixo Rubbermaid de cor cinzenta, e olho de relance para Macon, antes de retirar algumas toalhas de

papel e encontrar pelo menos dois outros sacos de comida por abrir do Mariette's.

E o gargalo de outra garrafa vazia.

– O Garrett está no restaurante – conta-lhe Iron. – A Krisjen diz que o homem que o acompanha pertence ao departamento de saúde.

Macon continua a vasculhar no interior do capô.

– Não faças de conta que vais tomar conta do assunto. Eu trato disso, tal como tenho feito todos os malditos anos em que eles aparecem no Baía.

Agarro novamente na minha irmã pela mão, e mantenho as chaves e o saco de comida na outra.

– Descubram alguma coisa que eles queiram mais do que isto – penso em voz alta, olhando para todas as matrículas antigas presas ao teto. Maine, Dakota do Sul, Arizona… É bizarro que eu tenha estado nas Ilhas Fiji e em Atenas, mas nunca tenha visto o Grand Canyon nem o Monte Rushmore. – Ou deem-lhes um motivo para que este local deixe de ser atraente.

Levo a minha irmã pela mão, enfio-a no carro, coloco-lhe o cinto, e pouso a comida cuidadosamente no assento do passageiro.

Mas antes de entrar, olho para cima.

Macon observa-me, debruçado sobre o motor, e eu hesito.

Ele nunca olha para mim.

Sou capaz de contar as vezes em que sequer me dirigiu a palavra.

Borboletas esvoaçam no meu estômago, mas antes de conseguir entender aquele olhar, ele regressa ao trabalho e volta a retesar o maxilar sempre tenso.

Entro no carro, a testa fresca do ligeiro suor.

5
Krisjen

Nem me apercebo de que acelero à saída da Baía, até pisar um buraco e quase espetar a cabeça no tejadilho.

Abrando, verificando o retrovisor, como se estivesse a ser perseguida por ter irritado Macon.

Porque estaria ele a observar-me? Não pode ser boa coisa.

Embora não fosse indesejável chamar a atenção de alguém com aquele aspeto, mas desconfio que ninguém deseja ser alvo do pensamento de Macon. Tenho quase a certeza de que evita estabelecer contacto visual direto por compaixão, pois *sabe* que assusta as pessoas. Se se vira para nós, ficamos imediatamente desconfiadas de que nos apanhou a portar-nos mal.

Terei dito alguma coisa inconveniente? Não me lembro.

Nesse instante, o meu telemóvel toca e regresso imediatamente ao momento presente. Conduzindo com uma mão no volante, enfio a outra na bolsa. Lá descubro finalmente o aparelho, e espreito para Paisleigh no banco traseiro. A cabeça dela balança sobre o assento, olhos a começar a fechar-se.

O nome de Marshall ilumina-se no ecrã e deslizo o dedo para atender.

– Olá – digo. – Vou a caminho. Trago jantar.

– Podes vir buscar-me?

O carro entra na faixa errada, e corrijo-o, com uma torção do volante.

– O que foi? Onde estás?

Verifico o relógio no tabliê do pai, mas continua a indicar 2:04, de quando parou de funcionar há anos.

– Fox Hill – responde.

Aperto o telemóvel. Ninguém joga golfe até tão tarde. E os pais de família encontram-se em casa a jantar.

Restam apenas os golpistas, os traficantes, os *playboys*… e os miúdos de doze anos que têm «vítima» escrito na testa. Porra.

– Chego daqui a dez minutos.

Desligo antes de berrar com ele.

– Merda! – murmuro-grito, largando o aparelho e acelerando. Voo para o clube de campo, mas abrandando na Main Street, pois uma multa apenas me atrasaria mais.

A via rápida curva para a direita, mas sigo a direito, passando pelas duas colunas de pedra até entrar no acesso escuro. De cada lado da entrada privada há árvores, que imediatamente resguardam os visitantes num espaço tranquilo, como se estivéssemos no campo profundo.

Sem desacelerar, passo em velocidade pela guarita do segurança. Os membros costumam ser registados quando entram, mas depois das seis da tarde de um domingo está vazia.

Avançando para a sede do clube, estaciono atrás de um *Audi* preto que – segundo sei – pertence ao pai de Clay, pois é novo e uma aparente fonte de fricção entre ele e a mãe dela – a futura ex-mulher. Por causa de manterem o dinheiro parado, até decidirem que parte pertence a quem. Porque é que os casais em processo de divórcio consideram que aquele é o momento mais adequado para comprar um carro vistoso? Oxalá que fique para ela. *Força, senhora Collins*.

Abro a janela, desligo o motor, e inclino o retrovisor, vendo a cabeça de Paisleigh pender do pescoço como uma bola de espirobol. Agarrando no aparelho e nas chaves, saio e fecho a porta, ligando para o meu irmão.

A respiração dele soa-me pesada ao ouvido.

– Já cheguei – digo-lhe, garantindo que a minha irmã continua adormecida. – Onde estás?

– Piso de cima.

– Então desce.

– Não me deixam.

Estaco de imediato.

– Quem?

Mas ele limita-se a troçar.

– Mas ainda não percebeste?

Ele desliga e eu guardo o telemóvel no bolso, no instante em que os aspersores de rega se ativam. O porteiro espreita pela esquina, a ver se avanço, mas eu fico parada.

Sei quem está ali em cima, e tenho uma vaga ideia do que pretende. Também sei que, embora seja um pouco estúpido, usa a coerção como forma de poder.

Milo.

Tranco as portas do carro e avanço, decidida, para o clube. Rafe acorre para me abrir a porta, a outra mão atrás das costas, e sorri-me.

– Vigie a minha irmã, não se importa? – peço-lhe.

Ele endireita-se, lançando um olhar ao meu carro.

– Perdão?

– Está a dormir no banco de trás – digo, já no interior e subindo as escadas. – Não demoro! Prometo!

– Miss Conroy!

Mas ignoro o protesto dele, contornando o corrimão e percorrendo o corredor à direita.

Painéis de mogno nas paredes rebrilham na suave luz dos castiçais e eu passo pelo quadro do meu avô a segurar um charuto e ao lado de um Grand Danois com pelo prateado. Ele não possui um cão daqueles. Nunca possuiu. Tem quatro King Charles *spaniels* e os charutos dão-lhe vómitos.

Projetam-se da parede chifres de veado. Desvio-me para que não me espetem o olho. Empurro a porta ao fundo do corredor, fazendo-a abrir-se quando penetro na sala Wainwright, e encontro o meu irmão, ao lado da mesa para duas pessoas, à minha espera.

Os olhos azuis animam-se um pouco, mas logo descem para o chão. Sabe que fez merda. Espeto o queixo na direção dele.

– Como vieste aqui parar?

– Fui eu que o trouxe.

Milo está sentado à mesa, jogando paciência e avaliando uma mão de cartas, qual rei perscrutando mapas e planeando uma guerra.

Como se soubesse jogar algo diferente do Go Fish.

O meu ex-namorado também decidiu não saltar imediatamente para a faculdade, preferindo fazer um estágio no gabinete de advocacia do irmão mais velho, embora provavelmente gaste toda a energia mental logo de manhã, quando tenta fazer o nó da gravata.

– Então, é isto o que agora fazes na vida? – pergunto-lhe, olhando para os amigos dele, que não conheço, sentados nos sofás ao lado da lareira. Dois rapazes, uma rapariga. Caras novas, porque quase todas as nossas amizades da escola saíram da vila no outono, quando começaram as aulas. – Aproveitando qualquer situação para os teus prazeres mesquinhos?

Milo sorri, o cabelo preto penteado com preceito, reluzente, sem um fio à solta.

– Só queria trazer-te esta noite para este lado da vila. Ao lado a que pertences.

Como é que soube que eu estava na Baía de Sanoa?

Aproximo-me, olhando para baixo. Ele ainda não me dirigiu a atenção.

– Estás a cagar-te para mim – digo numa voz baixa. – Como sempre. É só orgulho ferido, porque gosto mais deles do que de ti.

O sorrisinho dele congela, observando as cartas, e por um momento tudo para, pois conheço-lhe o olhar. O seu olhar irado, e à beira da violência.

Não devia ter dito aquilo. Só atrairá as atenções para os irmãos de Liv.

– Sabias que a tua irmã vai para a cama com um Jaeger? – ele olha para Mars.

Mas eu ordeno ao meu irmão:

– Vamos andando.

– Daqui a um ano, já não estarão lá – Milo continua a dispor as cartas. – O governo vai expropriar-lhes as terras e vendê-las, pois valem mais como atração turística. Os Seis da Tryst já foram.

Lanço um olhar furioso ao meu irmão.

– Já.

Mas quando cruzo o olhar com o dele, reparo nas pupilas. Estão enormes. O azul mal se vê.

Debruço-me sobre a mesa, passando a mão pelos resíduos brancos sobre o vidro.

O coração lateja nos meus ouvidos.

– Filho da puta – murmuro.

– Foi ele que quis – explica Milo.

Tremo de cima a baixo. Macon saberia lidar com a situação. Como um espartano. E limito-me a berrar palavrões? Quero uma faca. Uma arma. O que for.

Varro o braço pela mesa, e lanço-lhe as cartas para o chão, e depois enfrento-o.

Aos poucos, ele endireita-se, e sei que a sala inteira nos observa. Ficamos ao mesmo nível, os olhos fixos em mim, ligeiramente mais alto com aquele sorriso.

E então…

Estica o braço, e eu encolho-me, recuando para me proteger do golpe.

Mas este não acontece.

Ele baixa o braço e desata a rir, acompanhado pelos amigos. A sala enche-se de riso.

Deixo cair as mãos, retesando o maxilar.

– Nem sequer entendes, pois não? – provoca-me. – Tu é que tens todo o poder do mundo. Eu, não.

Agarra-me entre as pernas e eu berro, afastando-o, mas ele puxa-me contra si, apertando-me.

– Podias pôr um fim nisto tudo – ofega contra mim. – Se aprendesses a usar a cabeça, verias isso. Tens todo o poder e não fazes ideia de como o usares.

Que merda está ele a dizer?

– Mas nunca foste muito esperta – beija-me, a boca húmida desperta-me o vómito.

Contorço-me, tentando libertar-me, e corro para a porta.

– Mars! – berro.

Saímos, com o meu irmão na minha esteira, mas recuso-me a dar a Milo a satisfação de me ver fugir. Agarro o miúdo pelo pulso, quase enterrando as unhas na pele dele.

– Krisjen – começa ele, mas não é uma tentativa de me fazer abrandar, e sim, de pedir desculpa. Não estou assim tão zangada com ele, embora saiba que eu e Milo tivemos um romper difícil. Não está a par de toda a história, mas conhece o suficiente, e jamais devia ter atendido o telefonema nem entrado no carro de Milo.

Mas não é culpa dele, e sim minha. Iron tinha razão.

Arrasto o meu irmão pelas escadas e através do átrio, mas ouço uma voz masculina atrás de mim.

– Menina Conroy.

Paro, recordando-me que o pai de Clay costuma estar no clube. Mas quando me viro, vejo que afinal não se trata dele. Jerome Watson aproxima-se, vindo do salão. Todos os lugares do bar atrás de si estão cheios, ocupados apenas por homens.

Observa-me com um brilho nos olhos, e eu não largo o pulso do meu irmão. Oxalá fosse o pai de Clay.

Ele para, com a camisa branca enrugada, embora enfiada nas calças pretas do fato. A gravata e o casaco estarão algures esquecidos no bar. Sorri, apenas alguns cabelos louros desalinhados na têmpora. Ainda tem cabelo farto, o que é bom.

– Senti a sua falta na igreja, hoje – diz.

Olha para Mars e enfia a mão no bolso, tira uma nota de vinte dólares e mostra-a ao rapaz.

– Olha, porque não vais comprar um doce?

Mas empurro Mars para a porta, entregando-lhe as chaves.

– A Paisleigh está dentro do carro. Espera ali por mim.

O miúdo lança um olhar preocupado a nós os dois, mas faz o que lhe peço. Volto a encarar o homem mais velho.

Tem os lábios curvados num sorriso.

– O seu TikTok foi giro.

Arqueio a sobrancelha. Ele tem TikTok? *Ena*.

Acerca-se de mim, e embora jamais recuasse perante Milo, deste tipo não tenho problemas em afastar-me. Recuo um passo.

– Não precisa de ter medo de mim – diz-me. – Gostaria que fosse a pessoa que acabará por me conhecer bem.

A minha língua parece lixa. Não quero conhecê-lo.

Ele observa-me, e sinto-me nua. Sei o que ele quer. Sei o que lhe promete a minha mãe. Não tenho de fazer nada que eu não queira. Isso é um facto.

Mas também não é solução.

Ele baixa a voz.

– Podemos combinar um encontro?

Abro a boca para recusar, mas depois fecho-a. O que disse Milo? *Tens todo o poder do mundo*. Não sei a que se referia, mas disse-o com propósito.

Jerome Watson está relacionado com toda a gente capaz de fazer e desfazer a Baía.

Antes de pensar demais no assunto, ouço-me responder-lhe:

– Talvez.

Talvez venha a ser-me útil.

Ele sorri e afaga-me a cara. Mas não me beija.

Volta para o bar, e eu esfrego a cara, para expulsar aquele toque, ao sair do clube.

Rafe abre-me a porta, e eu caminho para o acesso. Mars ocupa o lugar do pendura, a brincar com o telemóvel, enquanto a forma escura de Paisleigh continua adormecida no banco de trás.

Mas não entro no carro. A que se referia Milo?

Tenho de pensar.

Avanço para o *green*, um intervalo entre duas árvores, e fico parada enquanto o extenso disparo do aspersor passa por cima da minha cabeça. Cai água sobre mim e fecho os olhos, deitando a cabeça para trás. Um par de falcões soa nas árvores, ao fundo, do outro lado do campo, e mantenho-me ali parada, ouvindo o aspersor fazer outra volta, e depois outra.

Há uma saída. Milo referia-se a isto. Não sei se para mim ou para os Jaeger, mas se ele mentisse não teria sido vago. Foi vago para me provocar.

O problema é que realmente não sou muito esperta. Ainda tenho um aneurisma se tentar decifrar isto.

– Odeio esta gente – digo a mim mesma. Tantos joguinhos. Espero que Clay mantenha Liv afastada, porque tenho pena de quem case com um Santo. Em particular, se for Jaeger.

– Krisjen? – chama uma voz.

Abro os olhos e dou meia-volta quando Army Jaeger emerge por entre a sombra do arvoredo.

Endireito os ombros, vendo-o aproximar-se com as mãos nos bolsos e os olhos sempre fixos. Como se jamais pestanejasse.

Usa uma *T-shirt* verde-floresta, que lhe delineia os músculos do peito, e sempre gostei da forma como o cabelo dele parece estar sempre uma ou duas semanas mais comprido do que devia.

O que fará aqui?

Limpo cabelos e água da vista, lançando um olhar a Rafe que continua à porta, mas não vejo mais ninguém. Observo Army.

– Mas vocês são o piquete de urgência? – resmungo. – É preciso cortar urgentemente a relva a meio da noite?

Ele ergue o sobrolho.

– Isso foi injusto.

Mas noto o sorriso sob a ofensa fingida.

– Desculpa – rio-me.

Iron fez-me espetar as garras. E depois Milo. E depois Jerome.

Ele tira um maço de notas do bolso e entrega-mo.

– Só queria devolver-te isto.

Aceito-o, intrigada. Reconheço a nota rasgada de cinco dólares como fazendo parte do dinheiro que tinha deixado a Macon.

Tento devolvê-lo.

– Quero pagar o arranjo.

– Pagaste. Estiveste a trabalhar. Só precisávamos disso.

– E o meu *Rover*?

Ele fica calado, como se aguardasse que eu respondesse à minha própria pergunta. O carro do pai só tinha um pneu furado, mas, de acordo com Iron, o *Rover* precisava de mais reparações. Vai custar bastante.

Depois entendo.

– Não vou trabalhar no Mariette’s a tempo inteiro – digo-lhe, enfiando o dinheiro no bolso. – Não pertenço ali.

– Tem pouca classe para ti?

– Não foi o que eu disse.

Ele semicerra as pálpebras, avança para o meu espaço pessoal e eu recuo, mas ele continua a vir.

– Deixa-me dizer-te isto, Conroy – nunca me tinha tratado pelo apelido. – A Mariette trabalha naquele restaurante desde os onze anos. Nunca saiu do Estado, muito menos do país. Afinal, não tinha escolha; sabes como reagiu? Fez das tripas coração. Passa sete dias por semana naquele local, e criou uma porra de uma cultura ali dentro. Não é apenas um restaurante, é um lar. As crianças celebravam ali os aniversários. Vários casais fizeram ali copos de água, e uma porrada de gente perdeu a virgindade na casa de banho ou no estacionamento. Não vou aceitar que uma miúda rica me diga que o local em que a Mariette passou três quartos da sua vida não vale nada, nem que é boa demais para servir ali às mesas.

Levanta as sobrancelhas, desafiando-me, enquanto baixa o olhar, como se aguardasse que eu percebesse a dica.

Não percebi que tinha a boca aberta até sentir a secura, e sou obrigada a engolir para criar saliva. Ele é sempre tão calmo.

– Referia-me… à Baía – sinto a nuca quente. – Não pertenço à Baía, pois estou a usar-vos para fugir às minhas responsabilidades. E ao meu futuro. Gosto demasiado do local, para ser sincera. É a isso que me refiro.

Ele olha-me fixamente.

Nunca me considerei demasiado boa para o Mariette’s. Sei que quero alcançar outros objetivos na vida, mas também não sinto que trabalhar como empregada de mesa seja indigno. Mas tenho de agarrar a vida pelos cornos e descobrir uma forma de escapar aos meus pais sem abandonar Mars nem Paisleigh.

Army acaba por soltar uma gargalhada baixinho e a expressão suaviza-se.

– Também gostamos que estejas por lá – diz-me. – Tu até te enquadras. Os tipos que serviste hoje ao almoço estão agora no bar ao lado, a falar do teu sorriso. Um disse que era «muito giro». Outro disse «agradável». Até acho que surgiu a palavra «encantadora».

Sorrio, rindo-me em surdina. É bom ouvir essas coisas.

– E outros falam das tuas pernas – acrescenta.

E baixa o olhar para elas, o que desperta o rubor na minha cara.

Ele reparou nas minhas pernas.

Dos vários irmãos, Army é o que mais me intriga. Não tem passatempos. Não tem interesses que eu conheça. Não tem amigos próprios, além dos que partilha com os irmãos. Não caça. Não pesca. Não lê. Não cultiva a sua própria cerveja nem cria bizarras esculturas de jardim de metal. Não anda a cavalo como Iron. Não perde tempo nos barcos como Trace. Não festeja sem parar como Dallas.

Está a trabalhar. Ou em casa. Sempre disponível para quando precisarem dele. Como um bombeiro.

Precisamente como um bombeiro. É indispensável.

Macon cuida da terra, da parte financeira, e detém o poder, porque consegue fazer o que mais ninguém se atreve. Nem sequer Army.

Mas é com Army que os irmãos mais novos falam.

É a ele que contam as más notícias, confiando que em seguida as passará a Macon, porque Army é o único capaz de defrontar o irmão mais velho. Contém-no. Acalma-o. Descreve o facto com as palavras certas para surtir um impacto suave. Manipula a bomba. Army tem de andar calmo, pois a casa precisa de um adulto emocionalmente estável.

Com quem desabafará ele?

Cruzo os braços e desvio os olhos, desconfortável sob o escrutínio constante.

– O semestre já vai adiantado para começares a frequentar a faculdade – salienta. – Junta-te a nós até entrares em janeiro.

Mordo o canto da boca. Não sei se chegarei a frequentar a faculdade, mas é possível.

– Precisamos de ti – a voz dele é firme. – Ou seja, se não sabes o que queres fazer por ti mesma, faz algo útil pelos outros. É melhor do que andares sem rumo, não achas?

Ele parece um dos meus professores.

Adoro o bairro do outro lado dos carris, mas o que disse ontem à noite ainda se aplica. Não há ali nada que me sirva neste momento.

Mas tenho de arranjar emprego. Não quero ficar em casa o tempo todo, onde Milo, a mãe ou Jerome Watson me possam encontrar sempre que quiserem.

Não quero ir às compras nem passar o tempo na praia nem ver Netflix. Quero estar com pessoas.

É preferível do que andar à solta durante três meses. Mas só enquanto os miúdos estão na escola. Dando-me tempo para encontrar uma forma de ficar próxima dos meus irmãos – à minha maneira, não à maneira da minha mãe.

– Vou pensar no assunto – digo.

Um trabalho é uma boa ideia, mas posso arranjá-lo em St. Carmen.

Army anui lentamente, como se percebesse que estou apenas a ser simpática, mas o que pode ele fazer? Hão de encontrar empregadas. Nem entendo porque *me* tenta convencer a voltar.

Vira-se para se ir embora, mas eu interrompo-o.

– Como sabias onde me encontrares?

Supus a início que a presença dele se devia a questões de jardinagem e outras relacionadas à empresa deles, mas ele disse que me queria devolver as gorjetas. Não teria ido primeiramente à minha casa?

Ele volta-se para trás, com ar de quem sustém a respiração e tentando não sorrir.

Aproxima-se de mim, e diz, com um murmúrio, inclinando-se para o meu ouvido.

– Temos câmaras no clube.

Fico atónita.

– A sério? E dizes-me isso assim? Podes confiar em mim?

Porque havia de admiti-lo? A minha família frequenta este lugar. Bem, frequentámos. O meu pai ainda deve pagar a mensalidade dele.

Mas Army limita-se a examinar-me.

– Podemos estar na posse de informação confidencial sobre a tua malta. Sobre o Milo. O Garrett Ames.

Dou um passo final na direção dele.

– E sobre o meu pai?

Ele sorri.

– Talvez – diz, provocadoramente. – Quem sabe?

Oh, meu Deus. Terão informações que eu talvez possa usar.

Ou coisas que quererei apagar. Em particular, as relacionadas com a minha família. Fala-se muito em Fox Hill. Devem ter recolhido bastantes conversas interessantes.

O meu peito sobe e desce.

Ele retira-me o telemóvel do bolso e inclui o número dele nos contactos.

Olho para cima, para a cara dele, e depois baixo a vista, para o peito que está ao nível dos meus olhos. O esterno dele faz uma curva sob a *T-shirt*, e eu fico quente de cima a baixo.

– Não vou para a cama contigo – digo-lhe. – És muito velho para mim.

Só para estarmos conversados.

Ambos sabemos que qualquer mulher que ande com a sua família, e não seja parente, é um potencial alvo. Se me quer lá todos os dias, é bom que entenda que estou fora. As mulheres adoram um pai solteiro e jeitoso, mas é um pouco estranho que nunca se fale da mãe do filho dele.

Ele não responde, nem sequer me olha, só combate um sorriso que lhe curva a boca.

– O que foi? – pergunto.

Sorri como se tivesse um segredo.

Abana a cabeça, mas isso só o faz rir-se mais.

– Nada.

Devolve-me o telemóvel, que eu aceito, roçando nos dedos dele.

O tempo abranda enquanto as engrenagens da minha mente se movem. Não acho que tenha sido Army ontem à noite. Ele disse: «Pensarei se aquela criança que ele está a criar é meu filho.»

Army já tem um filho, não teria antes dito «um dos meus filhos»?

Depois começa a afastar-se, enquanto fico a vê-lo pelas costas.

Realmente não é boa ideia que eu passe cinco dias por semana, oito horas por dia naquele local.

Hesito antes de dizer:

– Tenho de ajudar a levar os meus irmãos à escola pela manhã – informo-o. – Diz à Mariette que só chego por volta das sete e meia.

Que raio estou eu a fazer?

Ele espreita por cima do ombro.

– Tudo bem.

– Amanhã converso com ela sobre os meus horários – acrescento. – E fico com o que ganhar. Mais os arranjos do carro.

Ele anui uma vez.

– De acordo.

*

Cinco dias por semana. Oito horas por dia. É mesmo otimista da minha parte.

Passou-se agora uma semana, e ainda não tive um dia de folga. Cada dia é mais comprido do que o anterior. Ontem passei quase doze horas no restaurante, mas os meus irmãos foram a uma festa de aniversário num parque com trampolim, levados pela tia e pelos nossos primos, e, portanto, não me senti culpada por chegar tarde a casa. Há sempre mais trabalho para fazer. Todos os dias. Há que descarregar o conteúdo das entregas, guardá-lo no armazém,

alguém ficou doente, alguém saiu mais cedo e não conseguiu limpar as mesas atribuídas, acabaram os refrigerantes, chegou um autocarro de turismo, alguém tem de ensinar a minha substituta… eu. E eu só comecei há alguns dias.

De vez em quando, clientes muitos especiais têm o privilégio de receberem a comida à mesa, favor que Mariette não faz a toda a gente.

Hoje até ajudei na cozinha, antes da correria do almoço. Acredito que ela quase me pontapeou dali para fora quando perguntei:

– Mas limas da Flórida não são limas como as outras? – Vinte minutos depois, saí de lá a suar e plenamente consciente de que não eram de todo.

Adoro este trabalho. Sou capaz de trazer um garfo limpo, voltar a encher o copo, recordar os pedidos de uma mesa de seis pessoas sem os anotar, carregar cinco pratos de uma só vez, e entregar o bisque de camarão à mesa oito, a carne de vaca à mesa um e a cerveja à mesa onze, efetuando uma dança mágica e bonita pela sala. Finalmente faço algo bem feito.

– Krisjen! – berra Mariette pelo postigo entre a cozinha e a área de atendimento. – Já te avisei a respeito dos patins!

Deslizo pelo corredor entre as mesas, um prato de comida em cada mão como uma atleta.

Mariette murmura algo em espanhol, mas, felizmente, não entendo.

– A quem sirvo isto? – pergunta a nova miúda, Summer.

Coloco o hambúrguer diante de Bud Kyler, e pego no prato dela com a mão livre.

– O lagostim é sempre para o Davey – pouso-o diante dele e do amigo que têm vindo todos os dias da semana ao almoço.

Ele sorri, e eu pisco-lhe o olho.

– Precisa que lhe encha o copo?

Ele anui.

– *Coca-Cola*.

Pego no copo, entrego-o a Summer, e avanço, rumando para a janela e deslizando para a esquerda.

– Ela sabe mesmo usar os patins! – diz Miguel Padron.

Corro para trás do balcão, enfio mais palhinhas no avental, encho uma terceira *Coca-Cola*, tirando as outras duas a partir do dispensador de bebidas.

– Sim, sou mais rápida com os patins, Mariette.

– Deixa a rapariga usá-los, Mariette! – berra alguém do fundo.

– Para me processar quando partir a perna? – cospe em resposta a minha patroa.

Largo as *Coca-Colas* na mesa três e rodopio, patinando de costas.

– Processaria o Macon, pois o estabelecimento é dele, e nem eu sou assim tão estúpida.

Mãos subitamente agarram-me a cintura, apanhando-me, e eu sobressalto-me, olhando por cima do ombro.

Macon olha-me do cimo da sua altura, e o calor do corpo dele golpeia-me de imediato.

Engulo em seco, enquanto as telas do mosquiteiro se fecham atrás de si. Ia chocando contra ele.

Um formigueiro espalha-se pela minha pele, e um choque atinge-me no baixo-ventre. Paro de respirar por um instante.

Nunca antes me tinha tocado. Nem sequer um aperto de mão ou um roçar de ombros.

Retraio o risinho nervoso e viro-me.

– Tenho aqui o teu almoço – digo-lhe.

Lanço-me para o balcão para agarrar a caixa do *take-away* debaixo do aquecedor, onde coloquei o pão em separado da carne, para que não ficasse empapado, mas ele detém-me antes que a alcance.

– Não tenho fome – diz. Retira o correio do suporte na parede e começa a passar as cartas. – Aquece-o depois para o jantar, e deixa-o lá em casa quando te fores embora.

Para que ele se limite a deitá-lo no lixo?

Enfio as mãos nos bolsos. Nem lhe tinha dedicado nenhuma conjetura, quando reparei em toda aquela comida por consumir no caixote do lixo da garagem, na semana passada, mas ele só comeu dois almoços no restaurante desde que aqui sirvo. Nas outras vezes, deixou a comida esquecida em cima da mesa da garagem. Ao jantar, ele não costuma juntar-se aos clientes, nem eu lhe entrego nada em casa. Nem mais ninguém do Mariette’s, que eu saiba. Não faço ideia se ele sequer toma o pequeno-almoço. Os irmãos devoram tudo. O que é que se passa com ele?

Macon treslê os envelopes, repõe-nos no suporte e encaminha-se para a porta da cozinha. Desvio-me dele, reparando que Macon passa os olhos pelos patins antes de desaparecer.

Trace e Army entram logo a seguir, e o primeiro berra:

– Comida!

– Como estão? – alguém de uma mesa cumprimenta ao passarem.

– Olá, meu – Trace aperta uma mão.

Despertam uma ronda de saudações.

– Olá!

– Tudo fixe?

– É amanhã, certo?

– As bebidas começam bem cedinho! – Trace bate palmas por cima da cabeça.

Amanhã é dia de festa. A última noite de Iron. Dia das Bruxas.

Olho para a porta, procurando descobrir se ele os acompanha.

E então, ele aparece. Entra de rompante, com as suas calças de ganga e *T-shirt* preta, o cabelo escuro a cobrir-lhe as têmporas e a pele beijada do sol a reluzir, húmida, mas não de suor: costuma enfiar-se no meio dos aspersores de rega, onde quer que trabalhe, para se refrescar. Sorrio para mim própria, imaginando a sua figura.

Encaminha-se para a cozinha, lançando-me um relance e logo desviando a vista. Finge que não repara em mim, mas só depois de garantir que estou presente.

Observo-o passar pela cozinha, dirigindo-se às traseiras.

– Não entres aí! – grita-lhe Mariette.

Ponho-me em bicos de pés, vendo-o encolher os ombros na cozinha.

– É só um!

– Um inteiro! – berra Trace pela janela do aquecedor.

– Iron Jaeger! – rosna ela.

– Hás de ter saudades minhas! – sorri para Mariette e mergulha no anexo.

Hesito, orgulhosa de mim mesma por não ter posto os pés naquela casa durante a semana.

Mas ele está sozinho, e raramente anda sozinho, e preciso de saber quando é que o carro ficará pronto, e não vou perguntar a Macon. Não tenciono chateá-lo.

Desloco-me sobre os patins pela cozinha, passo pelas grelhas, e esgueiro-me para o frigorífico, enquanto ele percorre as prateleiras, à procura do *cheesecake* de lima da Flórida que não se encontra na ementa.

Não olha na minha direção, mas sabe que estou presente.

Ofereceu-me um passeio pela praia há algumas noites, e eu a modos que me arrependo de ter recusado.

Mas sei bem o que teria acontecido quando chegássemos lá. Hoje é mais seguro. Daqui a dois dias, ele ausentar-se-á durante mais de três anos.

Terei saudades dele.

Na mesa que ocupam, mesmo sem Macon, não parece faltar ninguém, mas vou odiar ver apenas três dos irmãos para o jantar.

Aproximo-me dele. O ar fresco sabe-me bem.

– Porque é que… a Mariette não é dona do restaurante? – pergunto-lhe.

Ele tira uma caixa cor-de-rosa, procurando atrás dela.

– É a dona, para efeitos práticos. Não interferimos na forma como gere esta casa.

– Mas recebem uma parte.

Deslizo para a frente dele, tapando-lhe a vista. O meu peito roça no dele, e ele observa-me, o calor preenchendo o espaço entre nós.

– Aonde queres chegar? – pergunta-me.

– Só acho interessante que faça todo o trabalho de uma proprietária, mas não o seja – provoco-o. – E depois tem de partilhar os lucros com quem não trabalha aqui. Este tipo de acordos é comum aqui na Baía?

Não faz o estilo deles, aproveitarem-se das suas gentes. As minhas acusações vagas não têm uma finalidade vincada. Só quero passar algum tempo com ele.

Mas tem de haver um motivo para os Jaeger insistirem em controlar o restaurante e o bar adjacente. O resto faz sentido. Uma oficina de automóveis. Um armazém. Um *drive-in* degradado na costa, a poucos quilómetros para norte, e vários terrenos com pessoas a morar, e a quem cobram renda.

Mas este lugar pertence a Mariette, em todos os sentidos, exceto no que realmente interessa. Porquê?

– O que me estás a esconder? – pergunto-lhe.

– Porque havia de esconder-te seja o que for?

– Se não me contares, vou pensar que vocês estão a extorquir dinheiro àquela bondosa senhora.

– Como o Al Capone?

Ele arqueia as sobrancelhas; o ar divertido torna-o mais novo do que Trace. Acompanho a linha dos lábios que se erguem de lado, roçando a barba por fazer no maxilar, enquanto algo se agita no meu estômago. Tem um rosto mais oval. O maxilar de Trace é quadrado.

Devo ter observado demoradamente, pois ele agita-se de uma forma que o aproxima ainda mais e a voz dele fica mais grave.

– Acho que gostava que me desses hipótese de te explicar as coisas – provoca-me.

O latejar entre as minhas pernas contrai-se uma única vez com tanta força que liberto o ar contido.

Ele pousa ambas as mãos na prateleira atrás de mim, cercando-me, o nariz a centímetros do meu.

– O Trace vai incomodar-se com isto?

Não tirei ainda os olhos da boca dele. Céus, estou a arder. O meu sangue corre demasiado depressa.

– Porque não me perguntas a mim se eu me incomodo? – murmuro.

Uma corrente flui entre nós, e eu antecipo o que ele vai fazer antes de acontecer. Iron agarra no meu maxilar com a mão, apertando-o levemente, e eu inspiro fortemente quando ele começa a baixar-se, mas…

Não me beija.

Fita-me nos olhos, cheirando a relva e baunilha e à cerveja que lhe sai do bafo.

– A Mariette não pode ser dona do restaurante – afirma. – Ou melhor, não quer arriscar. Está fora do sistema.

Fora do sistema?

– Teria de pedir um empréstimo – explica. – Para pedir empréstimo, precisa de contas. Para ter contas, precisa de identificação. Para ter identificação, precisa de um cartão da segurança social. Entendes?

Fico a observá-lo.

– Sim.

É uma imigrante ilegal.

Ele solta-me e desvia o olhar.

– E não sei por que raio te contei tudo isto.

Não faz sentido. Os proprietários de negócios não têm de ser cidadãos de pleno direito.

– Ela está no país, certo? – insisto. – Porque não pede um certificado de residência permanente, pelo menos?

– Porque seria deportada mal se candidatasse, e não era suficientemente nova para cumprir os critérios da DACA.

Certo.

E quando finalmente aconteceu, já tornara o país a sua casa. Tem aqui família.

Iron prossegue.

– Manteve-se fixa durante várias mudanças de proprietários, um dos quais acabou por batizar o estabelecimento com o nome dela, porque os clientes vinham atrás da sua tarte de lima da Flórida. Há cerca de seis anos, após três décadas que ela dedicou ao restaurante, o proprietário estava prestes a perdê-lo para o banco, por isso comprámo-lo.

– Como é que arranjaram tanto dinheiro?

Não teria custado um valor com sete algarismos, mas sem dúvida seis, por baixo.

Iron limita-se a suspirar.

– Não faço ideia. Tinha dezassete anos. Foi o Macon que tratou do negócio.

O velho rumor de que Macon e Army vendiam oxicodona e ecstasy aos putos da universidade para sustentarem os irmãos, quando os pais morreram, vem-me à cabeça, mas corriam tantos rumores a respeito deles que nunca soube se devia acreditar.

Iron declara:

– A Mariette acabou por ficar no lugar que adora, tomar conta da família, e nós garantimos-lhe isso.

Entendido. Não que eu tenha jamais pensado que eles se aproveitavam da mulher, mas é mais um recordatório de como os Jaeger torcem e quebram as leis que consideram injustas, e cuja injustiça é ditada somente por eles. O que as pessoas ignoram até passarem aqui algum tempo é que isto acontece sempre em prol de outra pessoa. Macon podia ter agarrado no dinheiro e renovado a casa. Comprado um carro. Mudado da residência. Mas ficou.

– Não podes contar isto a ninguém, Krisjen.

Viro os olhos para ele, como dardos.

– Não precisas de dizer isso.

– Pois não – declara sem rodeios. – Porque, se nos denunciares, será culpa minha, pois confiei em ti.

Ele confia em mim. Os irmãos não confiariam. Ficariam lixados se descobrissem que divulgou esta informação.

Mas nunca contarei a ninguém. Mariette trabalhou no duro e vive aqui há mais tempo do que em qualquer outra parte. Esta é a casa dela.

– Quando eu regressar – afirma –, preciso que este local continue a existir, *okay*?

Aceno que sim, um nó formando-se na minha garganta ao recordar-me.

– Realmente detesto que vás para aquele sítio. Como é que não andas deprimido? Eu estaria.

Ele ri-se baixinho, novamente descontraído, e eu levanto o olhar.

– Vais ficar bem? – pergunto.

Mas ele ignora-me e pergunta:

– Vens à festa, amanhã à noite?

– Quem vai estar presente?

– Eu.

Solto um resmungo, e sorrimos ambos um ao outro, mas ele aproxima-se novamente, e eu entendo o que pretenderá se eu comparecer. Inspiro pelo nariz, acolhendo o cheiro dele, tentando reconhecê-lo da outra noite. Daquela vez, cheirava a óleo e madeira e sabia a fervor com um travo de *bourbon*, mas agora só lhe sinto água e protetor solar.

Inclina-se e quase roça a testa na minha.

– Incomodas-te? – murmura.

A parte da frente das calças de ganga roçam na minha, e tudo se incendeia.

– Incomodas-*te*? – provoca-me.

Ouço uma campainha lá fora, e pestanejo, recordando que me aguardam as mesas. Merda.

Afasto-o e viro-me para sair.

– Vocês são um perigo.

– Olha quem fala – responde ele.

Saio do frigorífico, acorrendo para a entrada.

Não irei amanhã à noite. Só me faltava isso, outra festa. Mesmo sendo a última de Iron durante alguns tempos.

E o que possa acontecer não vai resolver a minha vida, além de haver álcool em casa.

E também não quero arriscar que Aracely me corte os pneus novamente. Não tenho dinheiro para tanto.

Às cinco e meia, saio, levando o jantar requentado de Macon pela rua, mas a garagem está fechada.

Bato à porta, Aracely atende passado um minuto enquanto surgem berros ao fundo e Dex espreita a rir.

Mostro o saco.

– Jantar do Macon – anuncio.

Tento dar um passo em frente, mas ela coloca-se à minha frente, agarra no saco e deita-o no caixote do lixo exterior, ao lado do alpendre.

– Eles vão fazer um churrasco esta noite. Podes ir. Obrigada – a cara dela ilumina-se com uma expressão satisfeita. – Ou… vais fazer o «turno da noite» hoje?

Recuo, percebendo a insinuação.

Baixo os olhos, contemplando as pernas longas e macias da rapariga que traçam uma linha elegante até aos botins pretos com fivelas prateadas e um salto de sete centímetros.

– Os sapatos são bonitos.

Ela arqueia a sobrancelha, e afasta-se, mas deixa a porta aberta. Sorrio nas costas dela.

Seremos amigas. Ela é que ainda não o sabe.

Trace aparece e puxa-me para dentro. Encontro Army e Dallas na cozinha, ocupados, e Iron no chão, a brincar com Dex. O meu sorriso expande-se, ao vê-los naquela figura tão enternecedora, mas depois desvanece-se. Ele tenta passar tanto tempo com o sobrinho quanto pode.

– Fica cá – pede-me Trace.

Abano a cabeça.

– Não. Isto é uma reunião familiar. Além disso, tenho de voltar para os meus próprios irmãos.

– Trá-los também – diz ele, cheio de entusiasmo. – Ainda vamos demorar uma hora a aprontar tudo. Vai buscá-los e volta. Podem brincar com o Dex.

Paisleigh não se tem calado toda a semana, a falar da Baía de Sanoa. Está mortinha por regressar.

– Tipo, a sério – murmura Trace, acercando-se e passando o braço à minha volta. – O Macon anda mesmo irritadiço. Precisamos de tantos intermediários quantos haja.

Mmm, é tentador.

Macon desce as escadas. Traz o cabelo molhado do duche e veste uma *T-shirt*. Passa por nós e entra na sala de estar como se nem sequer nos visse, e reparo novamente nas suas ténues olheiras. Army e Dallas interrompem a conversa quando ele entra na cozinha, e depois ouço o tilintar de garrafas de cerveja e o frigorífico a fechar-se.

Army descobre-me, e estica o queixo num cumprimento, enquanto Dallas me fita como se me quisesse ver pelas costas.

Não me viro, mas sinto que Iron me observa.

– Tenho de ir para casa – acabo por dizer a Trace, e viro-me para partir. – Divirtam-se todos.

– Amanhã tens de trazer um vestido! – diz ele nas minhas costas.

Respiro profundamente durante o trajeto até ao carro do meu pai.

6
Krisjen

Vinte e um para beber, dezoito para passar a noite.

Rio-me com a imagem que aparece no meu Instagram, o estandarte que foi pendurado hoje à entrada da casa dos Jaeger.

Espreito pela janela do Mariette's, vendo o lençol pintado com letras maiúsculas e negras agitar-se na leve brisa. Trace sabe fazê-las quando quer. E não tenho dúvidas de que foi ideia *dele*.

O meu telemóvel toca, e vejo o nome de Clay. Passo o dedo no ecrã para atender.

– Olá – respondo a cantarolar, levantando os pratos sujos de uma mesa vazia. – Andas a divertir-te?

– Oh, porra, que aqui está um briol! – ouço o arrepio na voz dela. – Mas a Nova Inglaterra é supergira, e já devia saber que a Liv não teria amigas duvidosas. Até gosto delas. Mas gostaria mais delas na Flórida.

Uma parte de mim deseja que ela se decidisse a pedir transferência para a faculdade de Liv. Teria saudades dela, mas adoraria viver assim por interposta pessoa. Olivia Jaeger e Clay Collins ficam mais belas quando estão juntas.

– Vais vestida de quê? – pergunto.

– Vê no insta. Vencemos o Dia das Bruxas. E tu?

Afasto o telemóvel do ouvido para ver a fotografia que ela terá publicado, mas lembro-me que o telefonema não acabou.

– Não estou vestida – digo-lhe. – Estou a ir para casa.

– Não, tens de ir à festa.

– Porquê?

– Porque preciso de mais informações escabrosas.

Expiro com força, despejando os pratos ao lado da máquina de lavar loiça.

– Sim, às minhas custas. Céus, não tens emenda.

– Oh, atira-te sem medos – diz ela. – É o que eu faria.

– É fácil dizeres isso a partir do conforto de uma relação de compromisso quando não tens de sofrer as consequências de um comportamento irresponsável.

– Como queiras.

Podes crer, e abro a boca para lhe responder isso, mas ela interrompe-me.

– Bem, ouve lá isto – diz-me ao ouvido. – Contei a tua situação à Liv…

– Oh, Clay! Não fizeste isso.

– Espera – apressa-se a defender-se. – Ela concorda comigo. Diz que só pode ser o Iron.

– Ela vai julgar que estou a tratar os quartos dos irmãos como a dança das cadeiras.

Porque lhe teria contado? Liv pode ser minha amiga, mas em primeiro lugar é irmã deles.

Mas Clay balbucia.

– Ela está acostumada a isso, tendo crescido numa casa cheia de gajos solteiros.

– Mas sou amiga dela. É diferente – arranco o avental e atiro-o para o saco da roupa suja junto à porta das traseiras. – Não te conto mais nada.

Ela finge que não me ouve.

– Ela diz que o Dallas não te tocaria nem com uma vara de dez metros…

Eu paro.

– Mas tocou na Amy na primavera passada…

– E ela diz que é possível que fosse o Army, mas no sofá não parece ser coisa dele. Prefere a privacidade.

Deve ter razão. Nunca o vi subir nem descer dos quartos com uma mulher. Sempre vai à casa delas. Partilha um quarto com o filho pequeno, e, portanto, é de compreender.

Portanto, deve ter sido Iron.

– Bem, então… e agora? – pergunto-lhe, agarrando na minha bolsa e encaminhando-me para a porta. – Ele apresenta-se ao estabelecimento prisional pela manhã. O que faço? Apaixono-me por ele?

– Não. Entras naquela casa, vais ao quarto da Liv e tiras o fato de Chapeleira Louca do armário que ela criou na época do secundário. Depois vais até ele e armas uma discussão. Deixa-o saquear a neta do homem que o colocou na cadeia.

Céus.

Mas abrando o passo, sentindo a brisa nas pernas, escutando o agitar das palmeiras. Esta noite poderá haver tempestade.

Quero vê-lo mais uma vez. Mas porque é que fez tanta merda? Porque é que tem de partir? Macon tem todo o direito em andar zangado.

Macon…

Levanto os olhos e vejo que emana luz do interior da garagem ao fundo da rua, uma sombra passa diante da janela.

– Krisjen? – chama Clay ante a minha falta de resposta.

Demoro um segundo, mas depois pergunto:

– O que disse ela sobre o Macon?

A minha voz sai mais apagada do que estava.

Ela não reage, mas noto um som de roçar sobre o telemóvel e palavras abafadas ao fundo. Passados alguns segundos, ela volta a falar.

– Não queiras que seja ele.

Mas não é a voz de Clay no ouvido, é a de Liv.

– Se julgares que seja – diz Liv –, eu não insistiria.

Porquê?

– Além disso – acrescenta. – Ele jamais daria uma queca a uma amiga minha. Só pode ser o Iron ou o Army.

Mas não teriam falado no assunto? Ou sido mais óbvios?

– O fato é teu, agora – diz-me ela. – Aposto que vais ficar com algumas lembranças dele, depois desta noite.

– Oh, vai sujar-se, de certeza – brinco.

Ela expele um trejeito enojado e rio-me, continuando a andar.

– *Tchau*.

Desligamos e eu paro a meio da passada, ao lado do carro do pai, antes de virar para a esquerda e avançar para a casa dos Jeager. Que se lixe, ao menos despeço-me dele. Pode ser a última vez, certo?

Passo pela garagem. Macon não se encontra presente, mas o capô do meu carro está aberto, com uma lâmpada pendurada no interior e ferramentas dispostas pela berma.

A frase que Trace pintou no lençol emerge das janelas no alto, enquanto carros vão estacionando na relva crescida e a música jorra através da porta aberta. Sem olhar para ninguém, mergulho na casa e subo as escadas em passo rápido, entrando diretamente no quarto de Liv. No interior, largo a bolsa e vasculho o armário.

Liv trabalhou nos bastidores do grupo de teatro da escola durante quatro anos, e nunca se desfez dos artigos. Costumava pegar nos esboços rejeitados dos fatos e transformava-os em peças que pudesse usar. Havia um colete de *tweed* com um

corte indecente pelo qual me apaixonei prontamente da última vez que aqui estive, mas não o vejo hoje. Deve tê-lo levado consigo para a faculdade.

Encontro o fato da Chapeleira Louca, tiro-o e começo a despir-me. É uma roupa fabulosa. Ela sempre desenhou estes fatos sem autorização. Pensava que era preferível mostrar à professora de drama uma nova ideia, em vez de simplesmente descrevê-la, de modo a ser aceite. O que raramente acontecia.

Mas não se cansava de tentar.

Liv sempre procurou obter aqueles papéis que não são tradicionalmente desempenhados por mulheres. Durante muito tempo, não entendi o motivo. O público não quer ver uma capitã Jack Sparrow nem Hannibal Lecter desempenhado por uma rapariga. Não assistiria a mulheres que interpretassem Darth Vader, Vito Corleone, nem John McClane.

Norman Bates, Han Solo, Neo e o Freddy Krueger são homens, e o mundo não quer imaginar alternativas.

Mas… são grandes papéis e, se eu fosse uma atriz como ela, entenderia o apelo de os interpretar. São complexos. Os homens, numa história, são os que têm as melhores cenas. As melhores falas. As lutas épicas e as batalhas e os jogos de poder. Podem ser solitários e vilões, criminosos e doidos varridos, e ninguém se questiona o que motiva o que fazem. Pouco lhes importa o motivo. Podem matar, lutar, rebentar com o mundo… ninguém critica o Sherlock Holmes por não se ter casado nem ter filhos. Se uma mulher quer tornar-se espiã, temos de interrogar qual a razão subjacente. O que lhe aconteceu no passado para rejeitar a ideia de uma família, de um lar?

Liv não quer ser Ofélia, Desdémona, nem a enfermeira da Julieta, pois eram mulheres manipuladas, vitimizadas ou subservientes. E quantas vezes ainda nos encontramos no dia a dia a desempenhar esta treta? Não é grande desafio.

Às vezes apetece-me rebentar com alguma coisa, e nem sequer me interessa o motivo.

Acabo de vestir a saia de retalhos que me fica a meio da coxa, abotoo o colete sem mangas, nua por baixo, e enfio o casaco cintado de veludo vermelho. Apanho o cabelo, aplico um pouco de sombra azul e verde nos olhos e finalizo com um laço no pescoço descoberto, uma cartola e algum batom.

Contemplo-me no espelho antes de perceber que me encontro descalça e rebusco o armazém de Liv pelas botas, uma de cor púrpura, a outra verde.

No piso inferior ouve-se um estrondo, seguido por um grito sufocado enquanto alguém passa no corredor pela porta de Liv.

Agarrando no telemóvel, encaminho-me para baixo.

O soalho vibra sob os meus pés, a música faz estremecer as paredes, e ouço risos atrás de mim. Dois tipos que não conheço batem com força a porta do quarto de Iron e Dallas e passam por mim a correr. Salto da frente deles.

– Desculpa – pede o moreno, sorrindo e continuando a rir com o amigo, ao descerem, apressados, as escadas. Uma nódoa negra marca-lhe o pescoço, igual à que eu tive há uma semana.

A porta atrás de mim abre-se novamente e Dallas emerge, enfiando uma *T-shirt*. O cabelo tomba-lhe sobre os olhos, mas ele afasta-o para o cimo da cabeça, as madeixas escuras entrelaçadas nos dedos.

Os olhos verdes perfuram-me de passagem, e acredito que Dallas desejasse que eu fosse homem, pois poderia dar-me um murro.

«Whispers in the Hall» começa a tocar, e as luzes reduzem-se de repente, restando apenas um brilho azul que enche o piso térreo. As pessoas uivam de excitação, quando alcanço o fundo dos degraus, e olho para a direita, vendo casais a dançar no que costumava ser a sala de jantar. Mas só continha uma mesa de bilhar. Os casais unem-se, os corpos agitam-se ao encontro uns dos outros, e consigo discernir uma enfermeira morta-viva, um gato, uma conselheira do Camp Crystal Lake em mini *shorts* e meias caneladas, e um fantasma com uma ereção espetada no lençol. Bem pensado.

Ponho-me à procura de Iron, mas então recordo que Clay disse ter publicado imagens dos fatos que ela e Liv usaram. Abro o Instagram, tocando na última imagem para depois a ampliar.

Clay vestiu-se à James Bond, incluindo um traje de *smoking* e um laço. Tem o cabelo loiro, em ondulações soltas, arrepiado e comprido, enquanto Liv – o que não deixa de ser curioso – se veste como uma *Bond girl*. Com um vestido vermelho, justo e elegante, a seda brilhante expondo todas as curvas, uma racha provocante até à coxa. Rio-me sozinha. Ela reage vigorosamente contra qualquer papel de mulher submissa que é forçada a desempenhar, mas para a namorada já não se importa.

– São a Liv e a Clay? – pergunta uma voz por cima do meu ombro.

Lanço um olhar para Trace, quando ele espreita para a fotografia no meu telemóvel, praticamente repousando o queixo no meu ombro.

– Sim.

Sorri.

– É mesmo fixe.

Um tipo que usa uma caveira pintada na cara passa por nós com a mão de uma jovem na sua. O meu olhar imediatamente desce para o peito dela, incapaz de desviar a vista.

Porra.

Sobem as escadas, e cabeças viram-se por onde passam.

Guardo o telemóvel, virando-me para Trace.

– A sério que ela se vestiu como vencedora do concurso de *T-shirt* molhada? – fungo de ironia. – Genial.

Ele pendura o braço no meu pescoço, sorrindo.

– Não estás numa festinha do secundário, minha querida. Nem numa de Saint Carmen – inclina-se para o meu ouvido. – Aqui há *homens*.

Yeah, bem sei. *Já frequentei algumas festas aqui, obrigada.*

Volto a observá-lo. Calças pretas, cinto preto, sem camisa. A palavra MOLHO escrita nos abdominais em letras pretas garrafais. Depois há uma seta vertical que aponta para as virilhas.

– O que queres…? – mas calo-me, percebendo de repente. *Molho picante*. Reviro os olhos.

Ele ri-se.

– E tu, estás disfarçada de quê?

Abro a boca para responder, mas alguém responde por mim.

– Bem-vinda à festa louca do chá, Chapeleira.

Olho para cima, vendo Iron aproximar-se de nós, com um fato à John Wick tão elegante que devia usá-lo todos os dias. Fato preto, camisa branca, gravata preta, muito chiques, que lhe assentam como luva, mas sei que Iron não gastaria dinheiro numa peça feita para si. O cabelo preto está puxado para trás, mas um pouco de lado, e não tem barba por fazer como Keanu, mas ficaria mais bem-parecido, porque os olhos verdes dos rapazes Jeager são do outro mundo quando usam roupa escura.

– Vais encaixar-te perfeitamente – brinca ele, parafraseando uma frase da *Alice no País das Maravilhas*.

Pega-me na mão, e Trace solta-me, acompanhando-me do outro lado enquanto Iron me conduz.

– Por favor, digam-me que vão mesmo servir álcool a menores de idade – peço-lhes.

Trace arqueia o sobrolho.

– Vais passar aqui a noite?

– Se beber, vais ter de passar – diz Iron, estendendo a outra mão. – Dá-me as tuas chaves.

Olho para ele.

E tiro a chave do carro, largando-a na sua mão.

Guardando-a no bolso, toma a minha mão novamente e leva-nos para a cozinha, cuja bancada em forma de L está cheia de comida e a secção mais curta foi transformada num bar. Iron tira um copo, enche-o de cubos do congelador e depois levanta a garrafa de rum, olhando para mim antes de a servir.

Anuo, e, quando dou por mim, o líquido começou a escorrer por cima do gelo, até quase encher o copo. Os meus olhos arregalam-se, mas não digo nada ao vê-lo juntar um pouco de *ginger ale* ao intervalo que resta do copo.

Entrega-me a bebida, e não contenho uma gargalhada.

– Obrigada.

Só conhecem cerveja e uísque. Hei de preparar os meus próximos *cocktails*.

Bebo um gole, sentindo instantaneamente a antecipação criada pela promessa do álcool, um ardor na garganta do condimento. Iron serve um pouco de *Macallan* com gelo, enquanto Trace abre uma cerveja e a música se transforma em algo mais forte. Tomba um copo, derramando o conteúdo. Olho para cima e vejo a garagem pela janela da cozinha, cheia de gente. Macon senta-se num sofá de couro castanho.

Enterrou-se no sofá, esparramado com a cabeça pousada nas costas e o olhar ausente.

Turin Wilcott encontra-se ao lado dele, sentada sobre as pernas, procurando chamar-lhe a atenção. Tem a mão pousada na coxa dele.

– O Macon tem noção de quem ela é? – pergunto, tomando mais um gole da bebida.

É uma Santa. Vários anos à minha frente na escola. Já deve ter vinte e cinco anos. Com mais curvas, loiraça, e muito mais dinheiro, o qual tem andado a esbanjar que nem uma doida desde que rompeu o noivado.

Iron responde:

– Não faço ideia.

Vejo-a inclinar-se para ele e passar a mão pela sua camisa, tocando-lhe na barriga. As pálpebras dele tombam e a garrafa que segura inclina-se. *Jim Beam*. Mais de metade vazia.

Ele leva-a à boca e engole, fechando os olhos enquanto o álcool lhe desce pela garganta.

Franzo a testa.

– Ele não tem bom ar.

Iron ironiza, deitando mais cubos de gelo no copo.

– Está finalmente a divertir-se um pouco.

– E não nos mói o juízo – acrescenta Trace.

Olho para ambos, que só procuram divertir-se, e fico incomodada. Volto a observar Macon, sabendo que ele provavelmente os sujeitaria a abusos verbais se tentassem interferir. Ou tentassem explicar-lhe que ele anda a beber demais ultimamente.

Acho que o conhecem melhor que eu.

Pego no *shot* que Iron me entrega, e em conjunto fazemos um *tchim-tchim* antes de os enfiar pela garganta abaixo. A hortelã-pimenta arde-me ao descer, e eu fecho os olhos, sentindo a música eriçar-me a pele. Inclino-me para trás, ao encontro de um corpo que sei pertencer a Iron.

Ele passa o braço à minha volta para agarrar na bebida. O outro braço pousa na minha anca.

– Vai – diz a Trace. – Ela está comigo hoje.

Olho para Trace, que me encara, e depois para o seu irmão mais velho. Viro-me para Iron.

– Estou contigo? Quando é que isso ficou decidido?

– Ontem, no frigorífico – inclina a cabeça. – Podia ter-te possuído ali.

Trace passa por nós, abandonando-nos. Também não estou com ele.

Iron encara-me com aqueles olhos, e sinto as faces ruborizarem-se, como se lhes tocasse, embora isso não aconteça.

Estico o queixo um tudo-nada.

– Se não estiveres interessada… – começa a recuar. – Prefiro que me digas já. Tenho de apresentar-me na esquadra daqui a dez horas, e tenciono dar uma última queca. Gostava que fosse contigo.

Os meus olhos incendeiam-se, e o riso que cresce ameaça transbordar pelos poros. Ele fala a sério?

– Com certeza – provoco-o. – Vamos fazê-lo agora mesmo. No quarto ou no teu carro? Monto-te e ponho-me aos saltinhos – começo a andar e arrasto-o comigo. – Se nos despacharmos, ainda consegues encaixar outra gaja. Ou duas. Anda. Podemos voltar antes que se esgote a cerveja.

Largo a mão dele e continuo a andar, abandonando a merda da festa. Que grande erro. *Filho da puta*.

Mas ele agarra-me.

Debato-me contra ele, quando me puxa para si.

– Gostava… – arranca de dentro – que fosses tu.

Porquê?

Porque gostou da última vez?

Liberto-me, e, entretanto, as pessoas à volta já olham para nós. Talvez o queira ter, hoje. Talvez tivesse sido fácil seduzir-me, convencer-me a ficar. Num corredor escuro. Contra uma parede sozinha. Beijando-me, entrando em mim, devagar, suavemente, sem parar durante uma hora, e depois levasse consigo o meu odor, amanhã.

Não seria difícil ter-me convencido a ficar. Sabia-o bem, quando decidi vir. Mas isso não implica que não goste de ser seduzida.

Inclino o queixo para ele.

– Verdade ou consequência?

A boca dele contorce-se num sorriso, mas fica quieto por um instante. E depois responde:

– Verdade.

– Como é que me irias foder?

As sobrancelhas erguem-se de espanto, e vejo um tipo ao meu lado que se atrapalha a dançar e olha para mim.

Iron endireita os ombros.

– Quero que me montes. Na cadeira da piscina, lá fora.

Alguém perto de nós ri-se e outros à nossa volta param, apercebendo-se do nosso confronto.

Iron dá um passo na minha direção.

– Verdade ou consequência?

– Consequência.

– Abre o colete – pede-me.

Nada de «despe o casaco» nem «retira o chapéu». Vai direito à pele.

Desaperto os três botões que mantêm o colete a cobrir o meu peito, sem parar de o observar.

Mas não olha para os meus olhos. Fita a abertura, um mero centímetro, que se estende do esterno ao estômago, revelando apenas uma amostra das curvas ainda tapadas.

Sinto o pelo dos braços eriçar-se, e deixo de escutar a música. Só consigo sentir os olhos dele como uma língua que percorre aquela fatia de pele.

– Verdade ou consequência? – pergunto-lhe.

– Verdade.

– És avantajado?

As pessoas riem-se e Iron sorri.

– Pergunta à tua amiga – diz-me. – Qual era o nome dela?

Amy.

Fecho o punho direito. Ele não tem papas na língua. Está a ver se me consegue desnortear.

– Verdade ou consequência? – pergunta.

– Consequência.

– Tira o chapéu.

Assim faço, atirando-o para trás da poltrona reclinável ao canto.

Reteso a coluna vertebral.

– Verdade ou consequência?

– Verdade.

– Vais fazer-me vir?

Solta-se um fungar irónico, e mais pessoas pararam para nos observarem.

Iron dá um passo em frente, encurtando a distância entre nós e mirando-me o colete aberto. Escorre-me suor pela pele, e endurecem os mamilos contra o tecido.

– Já estás quase a vir-te, neste instante – diz ele.

Arqueio o sobrolho.

– Verdade ou consequência? – pergunta ele.

– Consequência.

– Deixa cair o casaco.

Mas é um murmúrio, e o calor cresce entre as minhas pernas.

Sustendo-lhe o olhar, tiro o casaco cintado vermelho de Chapeleira Louca dos ombros e deixo-o deslizar pelos braços até ao chão.

– Verdade ou consequência?

– Verdade – responde ele.

– Fazes minetes?

Uma mulher atrás de mim solta uma exclamação.

Iron sorri.

– Aquilo que me fazem, eu retribuo.

Novas risadas.

– Verdade ou consequência? – desafia ele.

O meu coração salta. Vou retirar alguma peça importante.

Mas não vacilo.

– Consequência.

Ele fita-me fixamente, uma brincadeira no olhar. Talvez pelo conhecimento de que isto não acabará tal como deseja, se me pedir para ficar nua no meio da festa.

Mas não o faz. Pelo contrário, agacha-se diante de mim, passa as mãos pelas minhas coxas, sobe pelo interior da saia, e puxa-me as cuecas para baixo. Eu permito.

É como se ninguém na sala pudesse respirar. Levanto os pés para poder desfazer-me da roupa interior de renda preta, enquanto ele olha para cima, para mim, e a enfia no bolso.

– Verdade ou consequência? – pergunto.

Ele sorri.

– Verdade.

Faço descer a mão, na direção dele, ainda agachado diante de mim, e toco-lhe no rosto. Quero memorizá-lo, porque, quando sair da cadeia, não terá na pele aquela cor de trabalhador ao sol.

– Eles ficarão bem sem ti? – pergunto.

O sorriso dele desfaz-se.

Noto fugazmente os murmúrios, e sinto Trace à minha direita, a pigarrear.

Iron levanta-se, finda a brincadeira, e nada divertido, pois quer dar uma queca. A culpa é sua, se só lhe resta esta noite.

– Seis da Tryst… – divago, incitando-o mais um pouco. – Cinco da Tryst quando a Liv partiu. Agora serão os Quatro da Tryst, diria, sem ti.

– Ohhhh – solta alguém.

As pessoas começam a ficar enervadas. Percebem que Iron ficou lixado.

– Consequência – diz, mudando a resposta.

– Muito bem. O que queres fazer?

– Tapar essa bocarra com fita – rosna.

Sorrio, sentindo o peito fervilhar de excitação. Olho para cima, metendo-me com ele.

– Se te tivesses dado ao trabalho de me seduzires, em vez de achares que eu estava no anzol, também te deixaria atares os meus pulsos – mordo o lábio inferior, vendo o olhar dele descer para a minha boca. – Porque, Iron, o que mais aprecio não é a foda. Fico chocada se ainda não percebeste isso. Que desilusão.

Risos e uivos explodem à nossa volta. Iron retesa uma sobrancelha. Ao menos Trace dava-se ao trabalho de fazer preliminares.

– Ou é por isso que gostas das adolescentes? – pergunto a Iron. – É que são mesmo fáceis.

Uma mulher ri-se baixinho ao lado de Trace, e eu espreito, descobrindo-o a ele e Aracely a sorrirem, divertidos.

Iron lança-lhe um olhar, e o irmão mais novo põe as mãos ao ar em jeito de defesa.

– Eu adoro-te. Estou do teu lado – diz Trace.

Iron vira-se de novo para mim, e noto que a mão dele continua no bolso em que enfiou as minhas cuecas.

– Oh, Army? – chama, mas o olhar não se desprende do meu.

– *Yeah?* – responde Army, algures atrás de mim.

– Ainda temos tinta vermelha? – pergunta-lhe Iron.

Risos excitados, e conversas explodem à volta da sala, como se fosse um sinal. Lanço os olhos para um lado e para o outro.

Depois de regresso a Iron. O canto dos lábios curva-se.

– Acho que está na hora de jogarmos à Mão Direita Vermelha.

Todos desatam a andar, e há mãos espetadas no ar, enquanto uma mulher solta um gritinho.

Mão Direita Vermelha?

Army passa por mim, adiantando-se para o irmão.

– Esta é a melhor ideia dos últimos tempos.

Encaro-o, e ele observa o irmão.

– Tens a certeza? – pergunta a Iron. – Ela ainda é nova.

Iron leva a bebida à boca.

– Já teve idade para passar as noites na cama com o nosso mano nos últimos seis meses.

– Ah, pois – murmura Army. – Todos nós ouvíamos.

Blergh. Mentirosos.

Soltam-se risadinhas, Dallas ri-se ao passar por nós, e vejo Iron emborcar o resto da bebida e tragá-la.

– Para a rua! – anuncia Army.

As pessoas mexem-se, desatando aos berros e risos ao encaminharem-se para a saída mais próxima. Algumas passam pela porta da cozinha com acesso direto à garagem, enquanto outras se amontoam junto à porta de entrada numa corrente contínua pelos degraus.

Não aguardo. Rodando sobre os calcanhares, pego no chapéu e no casaco e sigo a multidão para a rua, unindo-me à correnteza que jorra a caminho da parede lateral e da garagem aberta.

Abro caminho pela multidão de disfarces. Todos parecem saber do que se trata. Army, Trace, Iron e Dallas ocupam posições diante do público, atrás deles fica o meu carro que Macon esteve a arranjar hoje.

Army usa uma chave do porta-chaves para levantar a tampa de tinta que parece ter sido aberta muitas outras vezes. Os lados da lata estão delineados com faixas vermelhas, e a etiqueta há muito que se desvaneceu do uso.

Visto novamente o casaco e enfio o chapéu ao ver Iron mergulhar um pincel na tinta, tirá-lo e passá-lo para cima e para baixo sobre a mão de Trace – a direita.

Faz o mesmo a Dallas e Iron, e lanço um olhar a Macon, mas este não tenciona sair do sofá. Ainda tem a mão de Turin Wilcott dentro da camisa.

– Celli – chama Iron.

Viro a cabeça para ver Aracely aproximar-se e juntar-se a Iron e família.

– Isto vai estragar as minhas roupas? – pergunta uma rapariga.

– Ah, sim – murmura outra.

Inclino-me para o tipo ao meu lado.

– O que é isto?

– Mão Direita Vermelha– diz-me ele. – Como jogar à apanhada, mas com uma variante.

As pessoas começam a ir para o meio da rua.

– Dez rondas – explica o tipo. – Quando a música começar, corres para uma das quatro garagens – e aponta por cima dos nossos ombros para as edificações lado a lado. – Uma… duas – e depois faz um gesto para a garagem dos Jaeger, na qual nos encontramos, e para o quartel de bombeiros contíguo. – Três… quatro. Estarás a salvo no interior. Quando a música começar novamente, voltas a correr. Quando parar, é bom que estejas dentro de uma delas.

Verifico as quatro localizações seguras, as quais se encontram todas abertas. Numa está a ser montada uma mesa de bebidas. Ora que bom. Será esta o destino de toda a gente entre as rondas.

– Podes voltar para as mesmas garagens várias vezes – diz ele –, mas não podes ficar na mesma durante duas rondas consecutivas.

Ou seja, não podemos ficar escondidos. Todos temos de correr.

– E a tinta?

Aponta para os Jaeger e Aracely.

– Eles mantêm-se na rua. Durante a corrida, é o momento em que não estás a salvo. Hão de tentar apanhar-te e marcar-te com a tinta. Cada palmada vai custar-te uma peça de roupa.

Abotoo o colete.

– O objetivo do jogo é não sermos apanhados – declara.

Obviamente.

Posso ir-me embora. Não vai ser assim que ele me apanhará nua.

Avanço intempestivamente para Iron e enfio a mão no bolso dele, procurando as minhas chaves. Ele está a tentar armar-se em parvo? Se fodermos, terá de representar uma loucura. Não porque me ganhou como prémio.

Enfio a mão no outro bolso e sinto as minhas chaves, e também outra coisa. As minhas cuecas.

Iron olha-me de cima, o peito encostado ao meu, mas algo me prende a atenção.

Desloco a vista para a direita. Macon está a observar-me fixamente.

Outra vez.

Uma faixa encontra-se pendurada na parede, por cima da cabeça dele, e o emblema da ampulheta esvoaça ao sabor da brisa. Ele não pestaneja, mal respira, e Turin repara, seguindo aquele olhar.

Mas os meus olhos não abandonam os dele.

E durante um segundo algo dentro de mim desperta.

Tiro as minhas cuecas do bolso das calças do seu irmão e visto-as, com cuidado, passando-as por baixo da saia. Tento não olhar de novo para ele, mas não consigo evitar.

Mas a atenção de Macon já não está pousada em mim e, sim, na rua e na garrafa quase vazia ao seu lado.

– Adoro o teu disfarce, Krisjen – arrulha Dallas. – Vai ser facílimo identificar-te no meio desta gente toda.

Sim, a maior parte deles usa roupas pretas. Estes verdes e púrpuras e laranjas vão destacar-se sem problemas.

– Já te explicaram tudo, caloira? – Iron segue-me, enquanto avanço para o meio da rua com o grupo. – Tiveste uma boa educação. O que é a Mão Direita Vermelha?

– É do *Paraíso Perdido* – respondo, imiscuindo-me na multidão. – Vingança divina.

Talvez não fosse uma boa educação, mas seguramente foi católica.

Ele inclina a cabeça na minha direção.

– Já sabes onde te vais refugiar?

– Eu protejo-a – Trace agita as sobrancelhas. – Desde que ela queira que eu seja o único a vê-la nua hoje.

Eu fungo de desdém.

– És mesmo cavalheiro.

Ele deposita um beijo na minha testa, e eu desvio-me.

Encaro-os, a brisa noturna mansa, mas densa, o ar pesado. Já estou a suar.

Vejo-os a todos, no meio da rua, e enterro os calcanhares na terra, preparada para o arranque da música.

Iron sorri-me, mas depois despe o casaco e rasga a camisa, atirando a roupa para o chão. Faz um gesto aos irmãos e diz-lhes algo que não consigo ouvir, sem desviar os olhos de mim.

– Merda – murmuro.

– Malta, porque é que não posso ser uma Mão Direita Vermelha? – berra um homem à minha direita. – Quantas vezes é que vocês me querem ver nu?

– É para beneficiar o pessoal, Chon – responde Iron. – Ouviram dizer que o tens grande. Como anfitriões, temos de satisfazer-lhes a curiosidade.

Todos se riem. Quando é que foi a última vez que este jogo aconteceu?

Macon deve ter jogado pelo menos uma vez. Terá sido há muito tempo?

Uma gota cai-me na mão. Viro a cara para o alto e descubro um relâmpago cortar o céu.

– Estão prontos? – berra Army.

A multidão inteira uiva.

– Uuuuh!

O vento levanta-se, e segue-se um distante trovejar.

– Acho que vai chover – digo.

Mas Dallas limita-se a sorrir ironicamente.

– É um desporto aquático, princesa. Vais ficar molhada.

Há sons de gozo ao meu redor. *Céus, como o odeio*.

«Where the River Flows» começa a soar pelos altifalantes, surgem relâmpagos, e Iron esfrega o polegar vermelho no resto dos dedos a pingar.

– Corram! – surge o berro.

O meu coração salta-me para a boca, e não evito um sorriso, quase me engasgando de riso ao desatar a fugir.

Corro para a garagem do outro lado da rua, cada passo levando-me para as luzes brilhantes do interior e do sedã preto no meio, um modelo dos anos noventa assente em blocos de cimento.

A pequena rua enche-se de tumulto, os pés esmagam a terra molhada e corpos caem no chão.

O peito desnudo de Iron manifesta-se no canto da minha vista.

Mas um tipo qualquer choca contra o meu ombro, fazendo-me rodopiar e tombar no chão. Respiro fundo. Travo a queda com as palmas das mãos, que embatem com força.

– Ai!

Merda.

Olho em volta, à procura de Iron. *Foda-se.* Onde é que se meteu?

– Já te vi – é o que ouço.

O meu coração para; desvio os olhos para a esquerda, descobrindo a figura de Aracely que avança lentamente para mim, enquanto os outros correm desalmadamente, como se o mundo fosse acabar.

Oh, não.

Ela atira-se para baixo, tentando alcançar-me, e eu solto um grito, afastando-me a rodar o mais rápido que consigo.

Ao levantar-me, encontro Trace a deixar uma impressão vermelha da sua mão nas costas de outra pessoa, enquanto Dallas puxa uma rapariga pela nuca e dá-lhe um beijo, espalhando tinta pela sua pele como se lhe tivesse cortado a garganta.

Iron mantém-se mais afastado, a vigiar lentamente enquanto observa. Há um ar divertido no seu rosto, mas também algo mais.

Porque é que não me persegue? Afinal, não tenta perseguir mais ninguém.

Atravesso a correr a soleira da garagem do outro lado da rua, a música cala-se e eu paro, e o grupo ri enquanto se desfaz das roupas, uma mulher perdendo a timidez e retirando o fato de gata que é peça única. Outra baixa a parte de cima do fato de empregada até à cintura, e o sutiã vermelho de renda cobre-lhe os seios. Olho para ela, e começamos a rir-nos as duas.

A chuva faz levantar o pó, enquanto olho para a garagem dos Jaeger do lado oposto, vendo os rapazes cobrirem as mãos de tinta, novamente, e depois retomarem os lugares no meio da estrada.

Turin Wilcott passa a perna por cima da de Macon, montando-o e inclinando a cabeça contra ele. Pega-lhe nas mãos e pousa-as na sua cintura, como se ele não fosse capaz de tomar decisões sem ajuda.

Grito para os irmãos dele.

– Como é que se vence este jogo?

Army abana a mão para largar o excesso de tinta.

– Oh, ela está confiante, não está?

Sorri e eu pisco o olho.

– Tenho um juiz na mão. E tu, o que tens na tua?

O sorriso dele falha, Dallas abana a cabeça e Trace debruça-se, pousando as mãos nos joelhos e espalhando tinta pelas calças de ganga, enquanto ofega e me fita.

– Ela está mesmo a pedi-las, não está? – diz.

Ah, sim, estou mesmo.

Iron não para quieto, a música arranca e corremos todos para a chuva.

– Ah! – alguém grita ao meu lado, seguido de um guincho feminino.

A chuva começa a cair com força, ensopando-me o cabelo, e as pessoas pisam as poças, correndo para a frente e para trás, ao serem agarradas pelas mãos direitas vermelhas.

Aracely vem na minha direção, e não entendo porque é que está determinada em me ver nua, embora seja possivelmente para me humilhar.

Agarro nas costas da *T-shirt* de um tipo qualquer, faço-o rodopiar e travo o avanço dela, ao empurrá-lo contra si. Aracely marca-lhe a roupa, e eu fujo, ouvindo-a gritar:

– Cabra!

Seguida dele.

– Peste!

Rio-me e vejo Iron de passagem, mas continuo a correr enquanto os gritos enchem o ar.

Salto para a garagem do outro lado da rua – a do quartel de bombeiros ao lado dos Jaeger – e examino-me à procura de marcas.

Outros descartam mais peças de roupa, bebendo *shots* de bares improvisados que foram colocados em cada garagem, e Iron mantém-se à chuva, esticando o queixo na minha direção.

– És rápida.

Enterro a planta do pé, novamente preparada.

– Terceira ronda! – berra Army. – Prontos?

– Uuuuuu!

A música arranca, bem como todo o grupo, mas eu avanço lentamente, um pé à frente do outro. Iron acompanha-me, no outro lado, atravessando a multidão com o olhar fixo em mim.

Army persegue Chon, Dallas novamente a tal miúda, e Trace espalma a mão nas costas desnudas de uma jovem, várias vezes, a qual se ri histericamente, e perde todas as peças de roupa.

O meu coração dispara. O caos agita-se à nossa volta. Iron e eu deslocamo-nos em círculo, no sentido inverso ao dos ponteiros do relógio. Ele poderia atacar a qualquer instante.

Berro.

– Corre!

Ele faz um sorriso trocista.

– Não dou caça.

– Então dificilmente me irás alcançar.

Virando-me, desato a correr para o outro lado, mas Army surge subitamente no caminho, à minha frente. Travo, tentando recuar, mas ele agarra-me pelo pescoço com um sorriso malicioso nos lábios.

A tinta da mão parece gelo contra o meu pescoço.

Arranca-me o casaco dos ombros, e eu deixo-o deslizar pelos braços, apanhando-o com a mão.

– És demasiado velho para me veres nua – provoco-o.

Ele arqueia um sobrolho.

– Assumindo que ainda não te vi nua…

O quê?

Ele corre, e fico parada por um instante, enquanto gente nua passa por mim, acelerada.

O que disse ele?

Abano a cabeça e refugio-me no lugar seguro.

Ele não disse aquilo com um propósito. Pois não se refere necessariamente àquela noite. Talvez me tenha visto nua em tempos. Talvez me tenha encontrado no sofá na manhã seguinte. Encontrava-me deitada sobre a barriga, e a manta tapava a maior parte do meu corpo.

A maior parte.

Ou houve aquela vez em junho quando eu e Trace estávamos sozinhos na piscina. Era bem tarde, e deixámo-nos levar. Talvez nem toda a gente estivesse a dormir.

Aterro na garagem dos Jaeger, largo o casaco no chão e verifico se tenho tinta no colete. Nada escorre. Ainda bem. Sei que Liv me disse que o fato ficaria para mim, mas ela dedicou-lhe muitas horas de trabalho e não quero estragá-lo.

Uma mulher passa diante de mim, sem camisa e com a alça do sutiã a pender do braço, e quase não há nenhum gajo com *T-shirt*.

Os Jaeger mais Aracely estão no meio da chuva, a postos, a música arranca novamente, e um tipo qualquer ao meu lado ergue os braços

– Vão! – berra.

Corremos todos. Trace marca-me. Perco o chapéu. *Porra*.

A música para e arranca novamente, e eu corro, rindo-me ao pular por cima de alguém caído no chão, e estou a chegar ao outro lado antes de Aracely quase me atingir no estômago.

Três novas rondas, e eu perco os sapatos e uma meia, sendo perseguida por Dallas, Army e Trace, e tento aguentar o mais que posso, enquanto à minha volta se encontram todos praticamente nus.

A maioria desiste quando só lhes resta a roupa interior, e há apenas quatro resistentes.

Iron não me larga da vista.

– Vão! – berram outra vez.

A música começa a tocar, corremos, há mais Jaegers do que corredores, é uma questão de tempo.

Lanço salpicos ao saltar pelas poças na rua, a chuva escorre pela minha cara. Army vê-me, detém-se, e faz ar de quem se prepara para me perseguir. Tropeço.

E caio nos braços de Trace.

Ele ri-se e aperta-me as nádegas.

Empurro-o, contorcendo-me até ele me soltar.

– Já não tens direito a tocar-me nesse lugar! – disparo-lhe.

– *Yeah*, finjamos que foste tu que tomaste essa decisão.

Imbecil.

Vira-se na minha direção, sustendo-me o olhar.

– Quero essa saia, Krisjen.

Arranco a minha última meia, e é isso que lhe atiro.

Ele lança a cabeça para trás, rindo-se abertamente para o céu noturno, e afasta-se a correr.

– Cobarde!

Disparo ao encontro da zona segura; a música interrompe-se e encontro-me diante da abertura da garagem sozinha. Os últimos três jogadores ficaram na garagem ao lado da minha, e parece-me que o casal praticamente nu nas minhas costas, aos beijos atrás da mesa de ferramentas, já desistiu de participar.

Iron observa-me atentamente e raios me partam se vou tirar mais roupas.

Então porque é que não desisto, e pronto?

A música sobrepõe-se à chuva; corro e Trace avança para mim. Riu-me com tanta força que quase me engasgo, mas mergulho, passando sob ele a rolar.

Não tenho tempo de ver para onde foi antes de me sentir presa entre duas pernas que imperam sobre mim.

Dallas olha para baixo e estica o punho. Aperta os dedos e vejo tinta vermelha começar a gotejar. Fecho os olhos a tempo, sentindo gotas quentes – uma atrás da outra – ao canto da boca.

Abro os olhos e lanço-lhe um olhar irritado por entre a chuva.

– Devas ser mais simpático com quem te prepara a comida – rosno.

Ponho-me de pé, começando a correr, mas de repente estão todos à minha volta.

Aracely atinge-me as pernas.

Berro.

Army pinta-me as costas.

Inspiro com força.

Trace aperta-me o nariz.

Fico fula.

– Mas que porra, malta?

Rodopio.

E descubro-me nos braços de Iron, as mãos pintadas agarrando-me pela cintura.

Perfazem cinco.

Cinco marcas. Representa tudo o que trago. Mais do que tudo, pois só me restam três peças. Saia, colete e roupa interior.

A música toca, e Iron morde o canto da boca. Fito os lábios dele.

– Queres que toda esta gente me veja nua? – pergunto-lhe.

– Só gostarias que fosse eu a ver?

Talvez.

Se eu gostar dele vou querer mais, certo? Como é que ele será daqui a três anos quando sair da cadeia?

Onde é que eu estarei?

Não quero outro homem imperfeito, julgando que há de melhorar por magia. Já aconteceu com Milo.

E não quero apenas passar tempo a divertir-me. Foi o que aconteceu com Trace.

Começo a recuar.

– Devias encontrar outra pessoa esta noite.

– Ná, já passámos desse ponto – rosna, puxando-me para si.

– Não posso dormir contigo.

O olhar dele fica manso, e quase sussurra:

– Então, faz-me apenas companhia.

Uma lâmina fere-me o coração.

Mas não sou parva. Se ele me apanha na cama, sabe bem o que vai acontecer.

– O que julgas que vais obter, se me apanhares sem roupa? – pergunto.

– Uma imagem bonita na cabeça para levar comigo.

– Dessas tens bastantes.

O dobrar de um sino trespassa o ar, e espreito para ver Trace a tocar o sino de latão a chamar para a comida, no pátio do restaurante Mariette's. Alguém despeja um balde de camarões e moluscos em cima da mesa coberta de jornais e as pessoas aglomeram-se, a tirar cervejas de um recipiente cheio de gelo.

Iron toca-me no rosto.

– Quero meter-me no carro contigo e irmos juntos para um lugar muito diferente deste. Foda-se, quero acelerar a ponto de o Sol nunca nos apanhar.

A minha garganta está tão apertada.

– Não… não posso.

– Sorri para mim – diz ele.

Abano a cabeça, e não sorrio.

Se tudo o que pretende é sentir-se bem, facilmente obtém isso de qualquer uma. Não vou ficar com pena dele.

– Porquê eu? – pergunto-lhe.

– Porque és linda – diz-me. – E gira. E quero que me fodas, e poder acumular todas estas memórias para quando for mais velho. Para que possa recordar estes tempos da juventude em que tinha uma rapariga bonita nos braços antes que ela me visse velho e gasto e percebesse que merecia melhor.

O maxilar dele flete-se, mas permaneço imóvel. A chuva desliza-me pelas pernas, os meus pés afundam-se no lodo.

– Quero-te nua no banco de trás – diz-me ele. – Quero segurar-te e beijar a chuva na tua boca e aproveitar ao máximo as poucas horas que me restam.

Quer esquecer. Quer parar de pensar. Quer limitar-se a sentir.

Não me quer a mim.

– Talvez numa próxima vez – digo.

Ele semicerra as pálpebras, mas então Trace aparece e agarra-o.

– Iron, vamos. Temos de comer. A última refeição durante…

Iron afasta-o com um empurrão.

Trace tropeça, tentando equilibrar-se enquanto Iron se atira a ele.

Mas coloco-me diante dele, impedindo-o de alcançar Trace.

– Para com isso! – berro a Iron. – Tens de reagir sempre assim, porquê?

– Porque sou uma besta quadrada! – lança-me um olhar furioso. – Não sabias?

Trace desaparece do meu campo de visão, mas não me interessa se há público. Iron não precisa de uma queca. Precisa, sim, de um coice nos cornos.

Aproximo a cara da dele.

– Sabias que irias para a cadeira se fizesses novamente merda. Porque não deste ouvidos?

– Olha à tua volta, Krisjen! – ele estica os braços. – Nada se faz neste lugar de merda, a não ser beber, foder e lutar – recua. – Porque é que te interessa, afinal? O que queres de mim?

– Quero que pares de estragar tudo! – berro, a chuva escorrendo-me pelos lábios. – Para de agir como se não te importasses. Se não te importas mesmo não tens motivo para voltares!

Ele fica calado com um olhar de mágoa.

Continuo:

– Porque, se não tencionas voltar para casa mais forte, então vais tornar-te simplesmente um fardo. Porque não quero que partas, e sei que amanhã o facto de teres de ir te irá destroçar, e quero que admitas isso, porra!

Os olhos dele enchem-se de lágrimas, mas não pestaneja. De cima a baixo, é um muro.

Baixo a voz o suficiente para que apenas ele me ouça:

– Não é um lugar de merda – digo-lhe – e a Baía de Sanoa vai sentir a tua ausência. Espero que te sintas mal por deixares estas pessoas um pouco menos protegidas, e talvez não repitas a façanha.

Ele deixa cair os olhos para o chão.

– E também vou sentir a tua falta – digo.

Lentamente, ergue os olhos para o Mariette’s e depois para a sua casa, como se pela primeira vez se apercebesse de que era realmente a sua casa, e que simplesmente partir não é o mesmo que ir para a prisão, pois este último destino é um desperdício. E para quê? Por causa de uma estúpida briga num bar em que ele atacou um estudante com bons contactos, e ainda por cima resistiu à prisão?

É como se não estivesse dentro do corpo, ao recuar um passo e depois outro. Vira-se e avança para casa.

Sinto os olhares dos irmãos enquanto Iron se enfia no interior, e não sou capaz de conter a culpa que subitamente me golpeia.

Não fiz mal. Ele precisava de ouvir isto.

Mas o que está feito, feito está. Não quero que parta amanhã a sentir-se pior. Nem que se esqueça das boas coisas para as quais há de voltar.

– Krisjen! – ouço Trace chamar-me.

Mas está na hora de me ir embora. Não sei se voltarei amanhã. Devo ter perdido o emprego.

Procuro nos bolsos as chaves do carro, mas depois suspiro, pois Iron ainda as tem.

Encaminho-me para a garagem dos Jaeger, vendo que Macon ali continua com a loira. As costas dela estão encostadas à parede, as mãos trepam pelo peito masculino enquanto ele se apoia no braço e inclina a cabeça para ela.

Agacho-me para apanhar a minha roupa e os sapatos, vendo-o pender para a direita e a dar um passo para se equilibrar.

Endireito-me. Ela sussurra-lhe algo ao ouvido e depois solta-se do abraço dele, correndo para a porta da cozinha e lançando-lhe um sorriso.

Enfio as peúgas nas botas e dobro o casaco por cima do braço. Escorre água de tudo.

Macon vira-se, cruza o olhar com o meu, e sinto algo no estômago revirar-se.

Ele agarra na garrafa de *Jim Beam* da beira do carro que estava a consertar, e começo a andar para a cozinha. Tenho de obter as chaves.

Mas viro-me para Macon e digo baixinho.

– Devias despachar a miúda.

– Cala a boca.

Nem sequer olha para mim.

Nem sei porque me interessa. Nunca o vi ir para a cama com ninguém. Se calhar devia.

Subo os três degraus até à porta.

– Estás bêbado – digo, rodando a puxador. – Não vais tomar nenhuma decisão de que te orgulhes.

E entro, batendo com a porta antes que ele possa cuspir uma resposta.

Gostava de poder dizer que Iron foi o motivo do declínio de humor do Macon, mas começou no início do verão. Pôs-se a beber mais, a ficar acordado até mais tarde e cada vez mais mal-humorado.

E depois, quando Liv partiu para a faculdade em agosto, piorou. Agora que Iron também os vai abandonar, não sei o que possa acontecer.

Como se eu tivesse soluções para algum deles, certo?

Procuro-o em toda a casa, e bato à porta do quarto de Iron. Ouço uma rapariga na casa de banho e volto a descer as escadas, num ambiente silencioso e escuro.

Entrando na cozinha, espreito para a outra janela com vista para a piscina. Vejo a perna direita de Iron esticada sobre uma espreguiçadeira e o resto do corpo esparramado. Tem o pé descalço e um guarda-chuva gigante paira sobre ele.

Pousando as roupas, saio para o exterior e acerco-me dele. Contorno o assento, e noto que tem os dedos entrelaçados por cima da cabeça, a chuva mancha-lhe o corpo e escorre pelas tatuagens.

Está a morder o canto da boca, mas noto as lágrimas nos olhos vermelhos que não tenta disfarçar.

Sinto a minha própria ansiedade. Estou assustada por ele.

Céus, eu devia ter calado a bocarra. Ele só queria gozar uma última noite. Devia ter-me ido embora. Não precisava de lhe gritar.

– Estás toda pintada – diz ele, a voz mansa.

Reparo que observa as minhas roupas, e olho para baixo, para todas as marcas das mãos que consigo ver e ainda a sentir as que não consigo.

– Pois – digo, rindo-me um pouco. – Acho que passaste uma mensagem a todo o grupo.

Realmente, fizeram um ataque planeado. Talvez voltemos a jogar quando ele regressar a casa.

– Não quero que te vás embora – digo-lhe, desta vez com ternura.

A manhã há de chegar, por muito que desejemos o contrário, mas quero que Iron saiba que todos nós gostamos dele. E só desejo que leve essa sensação consigo.

Ele passa a outra perna para fora da cadeira, endireitando-se. Abana a cabeça, e vejo que os ombros se sacodem com um soluço silencioso.

– Dói-me aqui dentro – leva a mão ao coração. – Há semanas que dói, e só me apetece espetar a cabeça contra a parede, porque é como se tivesse cinco anos outra vez – a respiração fica acelerada. – Aqueles tempos em que começava a chorar na escola, porque sentia falta da minha mãe e só queria estar em casa com ela.

Também me acontecia o mesmo. O corpo é obrigado a estar num local que o coração rejeita, despertando uma sensação permanente de saudades.

– Odeio essa sensação – murmura. – Não quero voltar a tê-la – e depois olha para mim. – O Macon tem razão. Porque é que não lhe dou ouvidos?

Pois, mas Macon também não é o especialista em tudo, tal como eu não sou.

São três anos e meio. Não é prisão perpétua. Iron há de voltar.

Aproximo-me dele, e passo-lhe os dedos pelo cabelo, sentindo os ombros descontraírem-se aos poucos. Ele encosta a testa à minha barriga.

Já não procuro as minhas chaves.

– Não queria sexo – diz ele, o bafo quente na minha pele. – Queria estar esta noite com uma mulher que se preocupasse comigo.

Inspira e expira várias vezes, e entendo que está a tentar manter o controlo das suas emoções.

Afago-lhe o couro cabeludo, arrastando suavemente as unhas, e a respiração dele começa a aquecer.

– Enquanto amiga? – pergunto.

Ele mantém os olhos no chão.

– Somos amigos? – sussurro.

Inclinando a cabeça para cima, encara-me.

– Amigos.

O meu rosto descontrai-se e toco-lhe o cabelo com mais suavidade, vendo as suas pálpebras começarem a fechar-se, por que é uma sensação tão agradável.

Gosto deste Iron. Fica melhor pessoa quando se deixa de parvoíces.

E quero ser aquela que cuida dele esta noite, porque amanhã à noite ninguém o fará.

– Onze – murmuro.

Ele inclina a cabeça, olhando para mim.

– Não sou afinal tão rápida assim – digo-lhe, olhando para as minhas roupas. – Deixei que me tocassem onze vezes.

Ele sustém o meu olhar.

– Sapatos – estico dois dedos. – Peúgas, chapéus, casaco… – conto tudo o que perdi, entretanto, e passo para a outra mão. – Seis – digo.

Ele observa-me e por um instante para de respirar, pois desapertei um botão do colete.

Fica à espera.

Desaperto os botões, um de cada vez, notando que um nó sobe e desce na sua garganta, incendeia o seu olhar.

Tirando o colete, deixo-o cair no chão, e o olhar dele desce para o meu tronco nu. A chuva fria enrijece a carne dos meus mamilos, tornando-os em pontos, e as minhas entranhas aquecem em antecipação.

– Fazem sete – afirma ele, calmamente.

Mais dois.

Levando as mãos atrás, corro o fecho da saia, sustendo o olhar dele enquanto a faço descer pelas ancas. Cai no deque molhado.

– Oito.

A última peça, ele pode retirar por si mesmo.

Mas não o faz.

Faz-me rodar, a respiração prende-se-me na garganta quando me faz sentar no colo.

Deixo tombar a cabeça contra o ombro dele, enquanto Iron me enfia a mão nas cuecas e provoca a minha entrada com dois dedos.

– Krisjen – ofega contra o meu pescoço –, somos bons amigos?

Viro a cabeça, procurando-lhe a boca e levando a mão dele ao encontro do meu seio. Percorro-lhe os lábios com a língua.

– Muito bons amigos.

Abro completamente as coxas, coloco a mão sobre a dele e empurro-lhe os dedos para dentro de mim.

Ele enfia-se profundamente, puxando-me para si, rosnando.

Beijo-lhe a cara e o canto da boca, roçando os lábios na sua pele.

– Regressa – peço-lhe, meneando as ancas contra os dedos dele, fazendo-o deslizar para dentro e para fora de mim.

Ele geme, e sinto-lhe as virilhas ficarem rijas e inchadas.

Aperta-me o peito, retira os dedos da outra mão e massaja a humidade do meu clítoris várias vezes.

– Eu quero-te, Conroy – cola os lábios aos meus, a chuva escorrendo sobre os nossos corpos. – Posso possuir-te?

Volta a enfiar os dedos, e eu arquejo.

Gemo, virando a cabeça ao encontro da boca dele, rendendo-me. Abro os lábios, e ele captura-me a língua, derretemo-nos ambos, as nossas bocas regressando, querendo mais.

Mexo-me ao encontro da mão dele, mas preciso que entre mais profundamente.

Afastando-me, ponho-me de pé e baixo as cuecas ao longo das pernas. Espreito por cima do ombro, e por entre as árvores vejo ainda a multidão distante na festa do Mariette’s.

Ouço o rasgar de um embrulho, e viro-me, fazendo-o sentar-se para trás enquanto trepo para cima dele.

O olhar dele encontra-me, incendiado, estamos ambos fervorosos e frenéticos. Céus, sinto-me tão molhada.

Ele remexe no cinto, abrindo-o, e depois desaperta as calças. Tira o pénis para fora e eu vejo-o enfiar a mão entre nós e colocar o preservativo.

Dou-lhe um beijo demorado e profundo, sentindo-o dominar-me. Aos poucos, faço descer o corpo, acolhendo-o dentro de mim, sentindo a extensão afundar-se por completo.

Com a respiração ofegante, beijo-o, uma vez e outra.

– Não ouves nem fazes o que te dizem – murmuro, mexendo-me contra ele – porque há qualquer coisa dentro de ti que é boa, e um dia saberás para que serve. Prometo.

Puxo-lhe a cabeça para cima, sustendo-o contra mim enquanto o fodo. Os dedos arranham as minhas costas ao mesmo tempo que chupa e morde com força os meus mamilos.

Saltito, aceitando-o cada vez mais fundo, cada vez com mais força, sentindo as paredes íntimas contraírem-se.

– Oh, meu Deus, Iron – gemo.

Estou quase a vir-me.

Inclino-me para trás, meneio-me mais depressa e com mais intensidade; ele agarra-me as ancas, inalando através do maxilar cerrado, observando a forma como o meu corpo se mexe.

Acumula-se calor no meu baixo-ventre, espalha-se a sensação de formigueiro e ofego, o suor cobre-me a pele à medida que cresce.

O orgasmo explode, assolando-me, e deixo descair a cabeça para trás, desatando a gritar no instante em que ele me tapa a boca com a mão.

Estremeço, deslizando pelo pénis mais umas vezes, até perder as forças.

Ele puxa-me para si, novamente, a boca afunda-se na minha.

Permito aquele beijo. Preciso de um segundo…

Ele aperta-me as ancas, ofegando contra os meus lábios.

– Ainda não terminaste, pois não?

Sorrio, e abro por fim os olhos.

– Não me importava de ter mais uns tantos.

Ele retribui o sorriso, e eu solto um risinho feliz.

Abraço-o contra mim, rolando as coxas e começando a incitá-lo outra vez, as mãos dele percorrendo-me o corpo. Está tão quente.

Mas depois levanto a vista e descubro. A forma escura à janela. Alguém que se encontra na cozinha.

O meu coração dá um salto.

A forma dá uma passa no cigarro, a ponta arde enquanto nos observa, e eu abro a boca para dizer ao Iron que temos de parar, mas…

Volto a fechá-la.

Incito Iron lentamente, sentindo a sua língua e os olhos de ambos os homens pousados em mim, enquanto inclino o rosto para o céu e a chuva desliza pelo meu corpo.

7
Krisjen

As costas de Dallas sobem e descem na cama ao lado.

Está deitado de barriga, a dormir, a boca semienterrada nos lençóis, o que me espanta imenso.

Afinal, usa lençóis.

Os de Milo raramente se encontravam na cama e Trace aprendeu logo que eu jamais dormiria diretamente em cima do colchão.

Mas Iron usa lençóis. E Dallas também? Quando fazem vinte anos, os homens devem dar um salto evolucionário. A confirmar com as camas de Army e de Macon.

O braço de Dallas cai pelo lado da cama, o cabelo preto quase lhe cobre as pálpebras, e eu deslizo o olhar pelas costas destapadas até ao nível do lençol cinza, um pouco abaixo dos quadris, informando-me assim de que não usa nada por baixo. Enfiou-se literalmente na cama depois de Iron me ter colocado na sua e despiu-se comigo no quarto. Eu já estava adormecida, mas… em condições normais, não se deitaria nu, pois não? Ou seja, quando estava apenas o irmão presente.

Pelo menos, vesti a *T-shirt* branca de Iron. Ele também me ofereceu um par dos boxers dele, mas, ao fim de poucas horas, terá despertado e despiu-mo. Iron não deve ter voltado a adormecer, pois acordei sozinha há poucos minutos.

Puxo a *T-shirt* para baixo, assegurando-me de que estou tapada, e deslizo as mãos para o espaço entre as pernas, por cima das cuecas. Pouso os dedos à minha volta, e faço uma careta. Sinto-me magoada ali em baixo. Dói-me um pouco.

Trace é ligeiramente mais avantajado, mas Iron deixou-me mais dorida. Tal como fiquei dorida depois da sessão no sofá. Iron enfia com mais força. E talvez mais fundo. Possivelmente, foi ele naquela noite.

O aroma do café enche o quarto, subindo da cozinha, e fecho os olhos, esfregando-me suavemente como se ajudasse a passar a dor. Mas também não quero que esta desapareça por completo, pois será o lugar em que ele permanecerá depois de ter partido.

Abro os olhos, preparada para me levantar, mas deparo-me com Dallas. A observar-me diretamente.

Fico imóvel. Há quanto tempo acordou?

Retiro prontamente as mãos do interior dos cobertores.

– Sentes dor – murmura. – Só te torna mais bonita.

O quê?

Depois vira a cabeça para a parede e volta a adormecer.

Esta casa, apercebo-me de repente, vai tornar-se muito menos amigável sem a presença de Iron.

Desviando o lençol, visto os boxers de Iron e saio do quarto. A porta do quarto de Macon, localizado em frente ao de Liv, continua trancada, assim como a de Trace e a de Army. Penetra pelas janelas uma suave luz azulada e sinto arrepios ao descer as escadas. Devem ser umas seis horas da manhã. Às nove já não terei frio. A temperatura do dia não demora a subir.

Ouço água a correr nos canos e sinto as narinas despertarem com o aroma do *bacon* frito e o leve travo da manteiga. Viro à esquerda na sala escura e vazia e paro à entrada da cozinha. Iron está atarefado ao fogão, e eu tento falar, mas impeço-me, ficando a observá-lo.

Os músculos das costas esticam-se e contraem-se durante a preparação dos alimentos, mas os ombros estão descontraídos e todos os movimentos são fluidos. Ao pegar no sal e ao repô-lo no lugar. Ao remexer na frigideira. A torrada salta na torradeira e ele agarra-a. Sempre num ritmo fluido. *Calmo, tranquilo, sereno.*

Quiescente.

Sem turbulência.

Foda-se.

A minha boca abre-se ligeiramente, com uma sensação que sobe pela garganta. Tantas vezes desejei que ele se acalmasse, mas agora só quero que lute. Quero saber que o ânimo, dentro dele, ainda não foi derrotado.

Ele vira-se e presenteia-me com um ligeiro sorriso, e eu tombo numa cadeira, na ilha da cozinha. Dói-me quando respiro. Retirando a tampa de vidro do prato do bolo, retiro o glacê de chocolate das duas fatias remanescentes da sobremesa

que Mariette ontem me mandou trazer a Iron. Lambo o dedo, trazendo água à boca do açúcar.

Repito o gesto, mas eis que se manifesta um garfo diante do meu nariz, e rio-me em surdina, pegando nele. Iron prepara o pequeno-almoço para a família inteira, mas não o quero. É Army que faz o pequeno-almoço nesta casa, e não Iron. Este seu gesto assemelha-se a um pedido de desculpas, a uma despedida, a uma admissão da derrota. Ele que o faça, no dia em que voltar.

Ataco, enfiando todo o chocolate que me possa caber na boca, e vejo-o hesitar durante três segundos, antes de abrir a gaveta, tirar outro garfo e juntar-se a mim.

Rimo-nos, cruzamos o nosso olhar ao sentar-se diante de mim, e ambos devoramos o resto do bolo.

Começamos a correr para a meta, para ver quem fica com a última garfada, e solto risinhos porque enfiamos na boca mais do que somos capazes de mastigar e engolir. Ele espeta o último pedaço com o garfo, e sinto as migalhas à volta da minha boca enquanto me encara e mastiga.

– Precisamos de mais – afirma.

Aceno afirmativamente, saltando do banco e acorro para o congelador, enquanto ele procura nos armários. Iron escolhe canecas e colheres, enquanto eu trago todos os gelados que consigo encontrar. Há um montão de baunilha, pedaços de chocolate com cereja, bolacha e creme, e um recipiente de morango inteiro e intocado.

Montamos a mesa, vasculhando o frigorífico e os armários à procura de todas as coberturas imagináveis. Chantili, nozes e um pouco de mirtilos e quivis frescos já cortados da noite passada. Também encontramos *M&M'S*, chocolate quente, *marshmallows* e alguns granulados natalícios, mas, como me parece implausível que alguém, nesta casa, tenha confecionado bolachas para Dex, evito pensar que estes artigos devem estar ali guardados desde que Liv e Trace eram crianças.

– O que se passa aqui? – ouço uma voz perguntar atrás de mim.

Olho para cima e encontro Trace, que passa a mão pelo cabelo ainda emaranhado da cama, ao deparar-se com aquele pequeno-almoço. Ainda traz pintado no estômago restos das letras pretas do seu fato do Dia das Bruxas.

Ele abana a cabeça, liga a música e ocupa um assento, atacando de imediato a comida enquanto eu destapo os gelados e enfio neles várias colheres.

A versão de Filter de «Happy Together» começa a tocar quando Army entra acompanhado de Dex. Segue-se Dallas, e eu ocupo o lugar ao lado de Iron quando Macon aparece, as costas já cobertas de suor de trabalhar na garagem.

Todos enchem as canecas, as coberturas transitam de mão em mão, e Dex, ao ver tantos doces, começa a dar pontapés na mesa.

Macon aproxima-se, a lavar as mãos. Eu atiro um *marshmallow* para o ar e apanho-o com a boca, diante do bebé, que solta risinhos.

– Quando se tem uma bocarra dessas, qualquer coisa entra – reclama Dallas.

– E quando a coisa é pequena, até fica mais fácil – baixo a vista na direção da pila dele, mastigando o *marshmallow*.

Trace disfarça o riso. Dallas lança-nos a ambos um olhar zangado. Não contenho o sorriso. Aposto que o de Trace também é maior que o dele. Nem sei porque é que isso me agrada tanto. Espera, acho que sei.

Algo se desloca na periferia da minha vista, e todos se remexem ou se calam por um instante enquanto Macon ocupa a cabeceira da mesa. Army lança-lhe um olhar, e eu tento espreitar, mas não consigo. Trace, Dallas e Iron não estabelecem contacto visual quando ele também começa a verter gelado numa caneca.

Coloco alguns *marshmallows* diante de Dex e provo o meu gelado, agarrando-o pelo pau.

– Então… – mordo mais um pedaço. – Porque é que vocês colocam o gelado em canecas?

Trace aponta para o irmão com o queixo.

– Macon – informa-me. – Era hábito dele.

Army segura o dele pelo pau.

– É mais fácil de transportar sem que te gele a mão.

– Ou sem que o corpo aqueça o gelado antes que o comas – acrescenta Iron.

– Também é mais fácil raspá-lo das paredes da caneca – explica Army.

– E se derrete – volta a contribuir Trace –, podes sempre bebê-lo.

E emborca a caneca, demonstrando como se abocanha um pedaço de gelado.

Aperto o pau do meu gelado com força, bastante ciente da presença de Macon à mesa.

Estão cheios de razão. Raramente como gelados à mesa, mas no sofá, diante da TV. Ter um pau é fabuloso.

– Até nos faz pensar porque é que ainda existem tigelas.

Iron solta uns risinhos, e eu vejo Macon despejar um pouco de chantili na caneca, e rapidamente se vira e deposita uma gota no nariz de Dex. O miúdo dá um salto, espantado, e depois agita as mãos, animado, lançando um sorriso aberto ao tio, que lhe lança um piscar de olho tão disfarçado que sou a única a reparar.

O meu coração começa a bater com mais força, observando-os. Nunca vi aquela faceta brincalhona de Macon. Interage com Dex com doçura.

Army debruça-se e chupa o chantili do nariz do filho, e o miúdo solta risinhos.

– Não conseguíamos manter gelado de Oreo em casa quando eu era pequeno – diz Iron. – Era o meu favorito, mas também do pai.

– Sempre que a mãe comprava um pouco, o pai acabava com ele antes de raiar a manhã – diz-me Army – e o Iron ficava mesmo desapontado.

Trace faz um olhar absorto.

– Não tenho ideia disso.

– Éramos demasiado novos – lembra-lhe Dallas.

Mantém o olhar na caneca enquanto come, e é evidente que finge não se incomodar com o facto de recordar tão pouco.

– Não era sempre – acrescenta Army, virando-se para mim. – O pai tinha fases. Empanturrava-se com uma coisa e depois fartava-se. Não demorou muito até o Iron voltar a ter o gelado favorito.

– Mas isso foi porque o Macon começou a escondê-lo dele – comentou Iron.

Espreito para o irmão indicado, mas este continua a olhar em frente como se não estivéssemos ali sentados.

– Quando a mãe adoeceu – continua Iron – e era o Macon quem fazia as compras, ele escondia-o debaixo das pizas no congelador por minha causa.

A mesa emudece, e Macon é o único que continua a levar a colher à boca. Pela primeira vez, sinto que pertenço de facto à mesa dos Jaeger. Não sou a única que fica sem palavras ante a lembrança de que o irmão mais velho cuidou deles. Desde sempre.

Iron lança olhares a Macon como se esperasse alguma palavra ou admissão da sua parte.

Mas Macon respira fundo e larga a colher enquanto se levanta.

– Vai ser um dia atarefado – diz ele a toda a gente. – Não se atrasem.

Enche uma caneca de café e sai da cozinha, enfiando-se novamente na garagem.

Ninguém se pronuncia, mas o ambiente mudou e os sorrisos e animação anteriores deram lugar ao silêncio.

Soa o relógio de pêndulo da sala de estar e a realidade intromete-se: todos os irmãos enfiam as últimas colheradas na boca e levantam-se da mesa. Trace pousa a caneca no lava-loiça e depois baixa-se para retirar sacos do lixo do armário

inferior. Começa por recolher os restos da festa, enquanto Dallas sobe as escadas e se ouve a água do duche dali a poucos segundos.

Fico a vê-los, embrenhados nas lides domésticas. Estão calados, mas não por causa de Iron nem do que lhe está prestes a acontecer. Quer a casa quer o humor dos membros da família são sempre determinados pelo irmão mais velho.

E não creio que melhore na ausência de Iron.

*

UMA hora depois, encontramo-nos no estabelecimento prisional.

– Está à vontade para tirares as minhas coisas do quarto – diz Iron a Dallas. – Arranja uma cama mais larga, se quiseres.

O irmão mais novo flete o maxilar para disfarçar o tremor.

– Tudo fica tal como está – diz baixinho.

Iron aproxima-se e dá-lhe um abraço, os braços de Dallas mantêm-se caídos por uns segundos antes de retribuir o gesto.

Iron transita para o mais novo de todos e aperta-o com força.

– Muito juízo – diz-lhe, afastando-se. – Porta-te melhor do que eu, ouviste? Não ganhei nada com isto.

Trace anui e desvia a cara, pestanejando para travar as lágrimas.

É a vez de Army, pois Iron já se despediu de Dex em casa.

Macon não nos acompanhou. Não saiu sequer da garagem, e sei que Iron ficou à espera, mas tivemos de partir por fim.

– Ele odeia-me – diz Iron a Army, com o queixo a tremer ligeiramente.

Mas Army abana a cabeça.

– Ele adora-te. É por isso que não se encontra aqui.

Mordo a língua. *Tretas. «Pode ser desta», uma porra.* E se Iron morre ali dentro? E se fizer amizades mais perigosas e sair desgraçado? Do que precisa é de ter um irmão que lhe diga que terá saudades dele.

E que lhe garanta que será sempre bem-vindo.

– Cumpre a tua pena, e depois volta para nós – diz Army.

Iron dá-lhe um derradeiro abraço, e eu mantenho-me parada, hesitando em intrometer-me na situação. Nem sei se me queria aqui presente. Não sou namorada dele.

Mas ele para diante de mim.

– Obrigado por… pela tua amizade.

Solto um risinho, abanando a cabeça.

– Falo a sério – informa-me.

Aproximo-me dele e abraço-o, sentindo os braços dele à minha volta e um beijo na cara.

Digo-lhe a brincar:

– Mas não me peças para esperar por ti, está bem?

– Eu não – diz ele, soltando-me. – Mas… vais ser uma Jeager um dia destes.

Encaro-o.

– Sentes isso, não sentes, Krisjen? – os olhos dele iluminam-se. – Pertences àquela casa.

Engulo em seco. Talvez sinta isso. Talvez sinta isso porque não tenho mais nada a que me agarrar, e sinto-me demasiado temerosa para tentar. Seria uma vida fácil, refugiar-me para sempre na Baía. Adoro o lugar.

Ele espreita para os irmãos e volta-se para mim.

– Achas que vai ser o Dallas?

– Oh, vai-te foder – respondo.

Ele ri-se e abraça-me novamente.

– Volta para casa – digo-lhe.

Iron é retirado da nossa presença, o polícia da receção destrancando a porta para o agente e Iron passarem, e eu não me contenho.

– Liga assim que puderes – peço-lhe.

Iron desaparece atrás da porta e mexemo-nos em conjunto, observando-o através da janela. A sua *T-shirt* preta demora poucos instantes a desaparecer da nossa vista e eu sinto que o meu coração é arrancado. Para onde o irão levar? Irá ficar bem? Eu só queria seguir…

– O trabalho aguarda-nos – comenta Dallas, interrompendo-me os pensamentos. – Vamos lá.

Saem, e acabo por segui-los, devagar, desejando que ao menos pudesse ver onde é que Iron iria dormir. Como se fosse um acampamento de verão e eu tivesse de aprovar tudo antes de o deixar ficar.

Caminho ao lado de Army, tentando conter-me, mas não sou capaz. Isto tem de ser dito.

– Ouçam, eu sei que o Iron de certa forma merecia – digo-lhe –, mas não muda o facto de ele estar borradinho de medo.

No exterior, as nuvens tapam o céu e Trace e Dallas avançam pelo parque de estacionamento.

– Ele admira o Macon – disse –, mas o Macon nunca está disponível para os outros. Nunca o vi em nenhum dos jogos da Liv. Nem sequer apareceu na festa de aniversário do Dex. Tudo o que o Iron precisava era de uma palavra simpática

dele, e o Macon…

Mas Army vira-se, e lança-me um olhar furioso da sua altura, fazendo-me perder o raciocínio.

– Houve uma vez – declara – que precisámos do Macon, ele respondeu à altura.

– Bem, já não é assim.

– Não entendes – perscruta-me os olhos. – Eu adoro o Iron, mas ele só pensou em si mesmo. É a nossa vez, porra. O Macon precisa agora de *nós*.

Vejo-o afastar-se, percebendo que está tão zangado com Iron como Macon.

Army disfarça bem.

*

– PEDIDO pronto a servir!

Inclino a cabeça, esfregando atrás da orelha com o ombro e limpando o suor que escorre. Pego no prato, e depois no outro, dou-lhe uma olhadela e atiro-o novamente para debaixo do aquecedor.

– Isto devia ser arroz!

Não estou a gritar, é que o ambiente está barulhento. Há quinze conversas a decorrer no restaurante, para não falar em Aracely envolvida nas suas próprias discussões enquanto leva os pratos pela sala, mesmo que implique andar aos gritos.

Mas ainda bem que o local está movimentado. Ajuda-me a esquecer de Iron e do que lhe estará a acontecer agora. É como se o tivéssemos entregue há um ano e não ontem.

A cozinheira agarra no prato.

– Dá-me três minutos.

– Não tenho três minutos! – vocifero, e tiro o prato de Summer das mãos dela, despejando o arroz para o meu prato.

– Krisjen!

– O meu pedido entrou primeiro – digo-lhe. – O arroz é meu.

Levo então a comida, agarrando num frasco de *ketchup* e prendendo-o entre o cotovelo e a anca.

– Vou assumir que isto é a paga pelo incidente com os aros de cebola! – berra Summer. – Agora estamos quites!

– Afirmativo.

Pouso os pratos diante das duas senhoras, uma delas usando um tom vermelho-beterraba, que só podem ser turistas.

Largo o *ketchup* sobre a mesa onze e agarro a *Coca-Cola* que tinha deixado no bar, colocando-a diante de Sam Martinez, que só aparece no restaurante quando a mulher lhe prepara sanduíches de atum para o almoço – as quais detesta, embora não tenha coragem para lhe dizer.

– Aqui tem – digo-lhe, deixando uma palhinha limpa ao lado da bebida.

– Obrigado, moça – ele corta o bife. – Vai trazendo mais.

– De acordo.

O meu telemóvel toca, está no bolso traseiro, e eu tiro-o, vendo o nome de Bateman aparecer no ecrã. Atendo, segurando-o contra o ouvido enquanto me ponho a limpar os pratos sujos da mesa doze.

– Então, o que se passa?

– Krisjen…

Está sem folego. Faço uma pausa.

– Desculpa – diz –, mas tens de vir para casa.

Paro, endireitando-me.

– O que foi?

– A tua mãe está duas horas atrasada do almoço que tinha combinado – informa-me. – E eu tinha-lhe dito que precisava de sair a horas hoje.

Mas eu arranco o avental, abandonando os pratos. Pergunto:

– O que fazes aí hoje? Os miúdos estão na escola. A minha mãe levou-os esta manhã.

– Não – riposta. – É um evento para desenvolvimento dos funcionários que tenho no calendário desde agosto. Os miúdos hoje não estão, e eu tenho compromissos. A tua mãe garantiu-me que estaria de volta quando fossem duas horas.

Cravo os olhos no relógio por cima do balcão do pequeno-almoço. Passa das quatro.

– Consegues ficar, por favor? – pergunto-lhe. – Peço muita desculpa, é que eu…

– E a tua mãe não me paga há cinco semanas.

Hesito.

– O quê?

Bateman não responde durante uns segundos, e embora esteja grata por ter continuado a comparecer, mais ninguém o faria. Mas que porra se passa com os meus pais?

– Peço desculpa. O problema não é teu – diz-me ele –, mas não consigo falar com ela, e estou farto. Tenho mesmo de ir.

Por hoje ou para sempre? Expiro com força.

– Está… bem. Vou a caminho.

– Obrigado, querida.

Desligo e contorno o balcão, pegando na minha mala.

– Pedido pronto a servir! – chama Mariette.

Marco o número da mãe. Não estou preocupada, mas, se se encontrar a caminho de casa, poderei ao menos ficar e acabar o turno. Contudo, é o atendedor de chamadas que ouço, e desligo, imediatamente ligando para o pai, embora saiba bem que não atenderá.

– Krisjen! Pedido pronto a servir!

Espero pela mensagem de voz e aperto o telemóvel com força, afastando-me dos clientes no balcão.

– Prometo – exclamo ao atendedor do pai – que um dia não poderás sair à rua sem ouvires o meu nome. Vais arrepender-te de eu ter nascido.

Desligo, enfio o aparelho no bolso e pego na mochila. Não culpo a mãe. Ela sempre pagou a horas a Bateman, e se agora não pode é por causa das ações do meu pai.

Não gosto da forma como ela tem lidado com a situação. Podia vender as suas tralhas. A casa. As joias. Tem escolha.

E, sim, oferecer-me como isco é uma discussão completamente à parte, mas, acima de tudo, a minha mãe é uma sobrevivente, e nada disto estaria a acontecer se o pai não nos tivesse largado ao desbarato, sem um vintém.

Atiro o avental para o cesto da roupa suja, e Summer para junto a mim.

– Está tudo bem?

– Tenho de ir – nem sequer olho para ela. – Peço imensa desculpa. Hei de compensar da próxima vez.

– Hoje ficavas tu no bar – riposta Aracely.

– Podem trazer-me guardanapos, por favor? – alguém pede.

Seguido da campainha.

– Pronto a servir!

– A sério? – Summer implora-me. – Agora, não. Está cheio de gente.

– Tenho de ir – digo à nova empregada. – É uma emergência. Sei que não se faz. Peço desculpa.

– Vai – diz-me Mariette. – Não faz mal. Até amanhã.

Lanço-lhe um sorriso de gratidão. Depois volto-me para Summer, ignorando Aracely.

– Eu compenso-te. Prometo.

– Sim, sim, vais compensar.

Rio-me um pouco e descubro o *take-away* sob o aquecedor. Agarro no pacote.

– Eu levo isto – digo a Mariette.

Macon não estava em casa na hora de almoço, mas vimos a carrinha dele entrar há meia hora. Mariette deve ter assumido que ele teria fome.

Saio à pressa do restaurante e dirijo-me para a casa dos Jaeger. Não disse à Mariette que nem sei se posso voltar. Caso o Bateman não receba o dinheiro, sairá de vez, obrigando-me a ficar com os miúdos. O que havia de ser daquela casa se eu tivesse ido para a faculdade em janeiro?

Viro para a direita, entro na garagem e deparo-me com Dallas, Macon, Trace e Army, às voltas com o velho *Cadillac*. Um dourado que toda a vila sabe que pertence ao presidente da câmara de St. Carmen.

É espantoso o quanto têm os Jaeger sobrevivido por se mostrarem úteis às pessoas certas. Inimigos públicos, mas amigos privados.

– Tenho de sair mais cedo – informo Macon. Está sentado na bancada de trabalho, inspecionando algo que parece ter saído do interior do capô da viatura. – Não vou poder servir no bar esta noite.

Ele roda lentamente a chave de fendas, o parafuso cai sobre a mesa.

«Careless Whisper» de Seether é a música de fundo.

Macon não reage.

– Há problemas? – pergunta-me Army.

Macon pega no parafuso, esfregando os olhos.

Examino-o.

– N… não – respondo a Army.

Mexo-me um centímetro para o lado, para ver os olhos de Macon. Tem olheiras mais profundas, e pouso a comida diante dele, para que a veja. Sentir-se-á bem?

O meu telemóvel toca novamente, e eu atendo sem olhar para o nome.

– Onde estás? – pergunta Mars.

– Estou a ir – explico. – Não tardo nada.

– *Okay*.

– Pronto. Até já.

– Vais voltar amanhã? – pergunta-me Army.

Cruzo o olhar com o dele, a preocupação apanha-me desprevenida. Sou fácil de substituir.

Abano a cabeça.

– Não sei. Eu…

– Precisamos de saber – interrompe-me Dallas.

Começo a recuar para me ir embora.

– Vou tentar.

– Não tentes – responde ele, recostando-se sob o capô. – És substituível. Por uma dúzia de gajas que nunca me trariam um *cheeseburger* frio.

Army lança-lhe um olhar zangado.

– Os meus *cheeseburgers* sabem sempre bem.

– É porque deves ser o próximo da lista.

Macon enfia a cabeça da chave de parafusos no parafuso, rodando-a devagar sem pestanejar.

Sai do encaixe. Volta a colocá-lo.

Inspira fundo.

Expira.

Inspira. Expira.

Uma pequena volta da ferramenta.

Mais uma pequena volta.

Inspirando. Expirando.

Army não se cala.

– Para de a tratares como se fosse uma vadia.

– Ela sabe defender-se.

O maxilar de Macon flete-se.

– Dallas, cala-te – intromete-se finalmente Trace.

Macon aperta a chave de parafusos. Tem os nós dos dedos brancos. A mão treme-lhe.

O meu estômago revira-se. Saberá que estamos aqui?

– Vá lá – Dallas não se cala ao acercar-se de mim. – Onde está a paixão que mostraste ao Iron?

– Deixa-a em paz – rosna Army.

A mão de Macon treme novamente. E não para. O meu olhar move-se entre a mão e o rosto dele. Serei a única que repara no que está a acontecer?

Mas Dallas insiste.

– Deixamos a porta aberta – provoca-me. – Aposto que voltas durante a noite.

Recuo, afastando-me dele.

– Mas que porra é que te deu? – berra-lhe Army.

Mas uma voz ténue manifesta-se finalmente.

– Vai tomar conta da tua família, Krisjen.

Viro-me na direção do murmúrio. Todos os olhares se viram para Macon, enquanto este esfrega os olhos com o polegar e o indicador. Sou provavelmente a única que repara. A facilidade como ali nascem lágrimas.

– A Mariette recebe-te de volta sempre que quiseres – diz, a voz grave.

Os irmãos encaram-no com ar desconfiado, enquanto se endireita e afasta da mesa.

– Digo à Mariette que mande os clientes embora? – pergunta-lhe Army.

– Por mim, ela pode fechar a merda da porta por hoje.

Dallas desvia-se quando o irmão passa, e Trace sai do interior do capô, observando-o. Todos finalmente notam o que eu vi há minutos.

– Agora, saiam – vocifera Macon. – Todos vocês. Já.

Retrocedo para o portão de carga e descarga, os irmãos seguem-me e pisgam-se antes que Macon carregue no botão e a porta desça do alto. Trancando-se assim sozinho.

Encaminho-me para o carro, devagar, enquanto os rapazes saem para a rua.

– Não entendo como é que não encontramos empregadas que não tenham putos de quem cuidar – queixa-se Dallas nas minhas costas.

Algo de errado se passa. Não viram ainda?

Será por causa de Iron? Ou…

Mas eu acabo por entrar no carro e ficar parada durante um segundo, as lágrimas começando a jorrar, e sem entender o motivo. Está tudo a mudar.

A Baía não devia mudar, mas está a mudar.

Ele tem ar de quem está a morrer.

Liv foi-se. Iron foi-se.

Macon…

8
Trace

— TENHO umas lembranças de que o Macon teve de se despedir do emprego para tomar conta de ti – diz Army a Dallas.

Krisjen já arrancou no carro dela, e vejo-a desaparecer na dobra das árvores. Mas que raio é que a rapariga quer? Não comecei a andar com ela por julgar que seria fácil ver-me livre dela, pois teria ido este outono para a faculdade, mas por ser gira e divertida.

Por outro lado, não devia andar ainda connosco. Tem opções de vida. Porque é que parece pisar ovos?

– Para de seres um cobarde de merda – diz-lhe Army – e despeja a tua raiva em quem realmente merece.

– Não consigo.

– Deixa-a em paz.

– Mas ainda não consegui fazê-la reagir.

Respiro fundo, sentindo os ombros bastante pesados hoje.

Army entra no espaço pessoal de Dallas.

– Dás-lhe muita atenção, mais do que seria de esperar a uma pessoa que odeias.

Mas Dallas não recua.

– Não me metes medo.

Ao contrário de Macon, é o que quer dizer.

– És cansativo – Army praticamente murmura, e noto a exaustão na voz dele ao dirigir-se a Dallas. – Está a ser uma chatice dar-te atenção, e se não me dizes o que se passa, para que te possa ajudar, então o melhor é ficares calado. Ou então deixas de te preocupares com o Macon, pois agora sou eu que quer partir-te o raio do pescoço.

– Então somos os Cinco da Tryst? – provoca Dallas.

Mas Army riposta logo.

– Não, ainda somos os Seis da Tryst. Assumes que és insubstituível. Haverá mais Jaegers.

Não evito um ligeiro sorriso. Nenhum de nós consegue aturar Dallas – só Macon, e mesmo assim, não estamos absolutamente certos de que não o mate um dia. Pelos vistos, Army começa, por fim, a aprender a ser o líder.

Dallas não comenta, limita-se a cuspir no chão e enfia-se ao volante de uma das *pick-ups*. Desaparece no sentido oposto ao de Krisjen, na direção dos pântanos, e não reparei onde se meteu Army.

Tiro o telemóvel, ainda a observar a estrada quando Clay atende.

– Olá – responde ela.

– O que se passa com a Krisjen? – pergunto.

– Ãh?

Aguardo, ouvindo um buzinão, e percebo que se encontra no carro.

Krisjen não é dada a esconder as coisas. Ao contrário da minha família. Se algo se passa, Clay deve saber.

Ela acaba por soltar um suspiro.

– O pai dela saiu de casa. Há coisa de oito meses.

Tenho a sensação de que devia saber isso. Talvez Krisjen tenha referido de passagem. E eu estaria bêbado ou algo parecido.

– Levou o dinheiro todo, incluindo o dinheiro que pouparam para ela frequentar a faculdade – diz-me Clay. – Foi por isso que ela não veio comigo ao baile de debutantes na primavera passada. Não tinha dinheiro para pagar. Ele está agora numa nova casa, a quase dois quilómetros da antiga, em Barony Lane, com a nova amiga, e recusa-se a pagar pensão de alimentos até…

– Até?

Ela pigarreia, provavelmente nervosa por quebrar a confiança da amiga, mas sabe que não vou contar nada.

– Até ter a certeza de que os putos são todos dele – explica ela. – O Mars parece…

Anuo, concluindo a frase.

– Diferente da Krisjen e da Paisleigh…

Céus. Que cabrão de merda. Tem mais dinheiro do que precisa para viver e, no mínimo, sabe que Krisjen é mesmo filha dele.

Oxalá todos vocês pudessem ter o dinheiro que sempre quiseram, para entenderem que isso não basta.

A briga com Iron agora faz mais sentido. Que plano terá a mãe dela para tomar conta dos filhos?

– Ele deixou a casa à senhora Conroy – explica Clay –, mais os carros e as joias, que ela podia vender, mas não quer.

Pois passou uma catrefada de tempo a acumular aquela vida.

– E contaram-me… – Clay faz uma pausa, e ouço o motor ser desligado.

– O quê? – insisto.

Ela hesita, expirando.

– Bem, a Krisjen não me disse isto, mas o meu pai ligou esta manhã e… – diz ela.

Fico tenso, à espera.

– Alguns dos homens do clube estavam a passar uma antiga foto da Krisjen de mão em mão – ela baixa a voz como se pudessem escutá-la no carro. – Uma que ela tinha enviado ao Milo, talvez quando estavam ambos no secundário, e, parvo como ele é, não a guardou para si. O Jerome Watson anda a pavonear-se, dizendo que vai casar com ela. Ideias da mãe, porque ele é rico e…

Então, ela não pode vender as joias, mas não se importa de vender a filha. *Foda-se, que cena*.

– Ela era menor quando tirou a foto, Trace – explica Clay. – O meu pai ligou à mãe dela. Ligou ao pai dela. Nenhum atendeu. Esperou até o Watson aparecer no parque de estacionamento e pregou-lhe um murro nas ventas.

A sério? Ena.

– O meu pai conhece a Krisjen desde que era uma bebé, sabias? Ficou mesmo chateado.

– Não te preocupes com nada – digo-lhe. – E diz ao teu pai que não se preocupe. Nós tomamos agora conta disto.

– Nós?

Desligo, encaminhando-me para a casa. Gosto de Krisjen. Sempre gostei. É muito simpática para as pessoas, e não quero que a vida lhe estrague isso, pois creio que foi o que me atraiu nela. Nenhum de nós amadureceu, mas se em mim isso é patético, nela é esperançoso.

Entro na cozinha, e Army está a pegar em *nuggets* de frango. Tiro-lhe a embalagem da mão e lanço-a de novo para o interior do congelador.

– Traz o Dex – peço-lhe. – Temos de ir.

– Para onde?

– Vais ver – digo. – Pode ser desta. Vamos lá.

*

KRISJEN e eu demos uma boa vintena de quecas, mas nunca entrei na casa dela. Sei qual é, e passei por ela um milhão de vezes, mas os Conroy contratam outra empresa para lhes cuidar do relvado, e, enquanto andámos, Krisjen recusou fazê-lo ali.

Fazia algum sentido. Eu posso ser visto com uma Santa. Os pais dela não a podem ver com um Pântano.

Army estaciona, e eu atravesso o comprido acesso, mas evito, para já, a porta. Esta construção que imita o estilo espanhol possui características semelhantes à minha própria casa – as telhas de barro, o exterior em estuque, as janelas revestidas com chumbo, e a porta principal de madeira. Mas está pintada de branco, encontra-se em excelente forma, e sei, pelo que publica nas redes sociais, que tem uma enorme piscina em forma de T no quintal, com tantos metros quadrados quanto a porra da casa. Ou pelo menos é o que parece no Instagram.

Vejo-a pela janela da sala, quando a atravessa. Passo por cima do canteiro de flores e bato no vidro. Ela vira-se e descobre-me. Faço um gesto com a cabeça e dirijo-me para a porta.

Não faço ideia se a mãe dela está em casa, mas não me parece que costume estar. Seja como for, convém não me cruzar com ela.

Krisjen abre a porta, e eu entro, sem aguardar convite.

– Olá – digo, olhando em volta do *hall* reluzente. O teto ostenta um espelho. No *hall*. Abano a cabeça.

– O que se passa? – noto o espanto na voz dela.

Encaro-a. Army entra, com o miúdo semipendurado no ombro.

– Os teus irmãos já comeram? – pergunto-lhe.

– Iam começar.

Ela perscruta-me, desconfiada, como se eu quisesse ir mijar.

Dou meia-volta e avanço para a sala de estar – uma das que existem.

– O que há para comer? – pergunto.

Mas ela apenas exclama:

– Ei!

É demasiado tarde. Já encontrei a cozinha à minha esquerda e avanço para a porta.

– Cheira bem aqui – exclamo.

– Parece o cheiro dela – acrescenta Army.

Paisleigh e Mars estão sentados na ilha da cozinha, mas ainda não fomos apresentados formalmente.

Krisjen vem a correr atrás de mim, a voz insistente.

– O que é que vocês querem?

É quando paro, franzindo o nariz ao virar-me para Army.

– Estás a cheirar o mesmo que eu?

Ele anui, hesitante.

– Brócolos.

Pego no prato que está à frente da miúda, inspeciono aquela merda que é popular nos lares com mulheres. Graças a Deus que Macon eliminou essa porcaria no dia em que assumiu o comando da casa. As únicas coisas verdes que eu como são *jalapeños*.

– Krisjen, o que estás a fazer aos miúdos? – Olho para a miúda. – Apetece-te comer isto?

Mas o aluno do secundário sentado ao lado dela baixa os auscultadores.

– Quem és tu? – pergunta Mars.

Gosto da sua expressão zangada. É protetora.

Pego no queijo grelhado no prato de Paisleigh e tiro uma dentada.

A manteiga escorre pela minha língua e as minhas papilas gustativas implodem.

– Afinal é mesmo bom – digo a Army.

Tem fiambre, e o queijo está no exterior do pão. É bizarro, mas fabulosamente comestível.

Krisjen assenta as mãos sobre as ancas.

– É um *croque monsieur*.

– Croque o quê? – tento perguntar, mas tenho a boca cheia e ela limita-se a revirar os olhos.

Army pega na comida.

– A mim, parece-me fiambre com queijo – retira uma dentada, e as sobrancelhas disparam para o alto, anuindo para mim com aprovação.

– Não estamos fartos de nos vermos? – pergunta Krisjen.

Mas eu olho para os miúdos.

– Vocês preferiam gelado?

Paisleigh anui com tanto vigor que a cabeça quase salta do pescoço.

Mas Mars fica desconfiado.

– Vocês são os Jaeger – diz. Depois olha para Army. – Tu és o Macon?

– Este é o Army – diz Krisjen ao irmão, e depois aponta para mim. – E este é o Trace.

– Venham – começo a avançar para a porta. – Calcem os sapatos. Vamos fazer *sundaes*.

– Ei! – grita a miúda.

– Trace! – exclama Krisjen, mas eu ignoro-a.

Retiro Dex dos braços do meu irmão e encavalito o puto de um ano atrás da cabeça, e sigo à frente, enquanto os outros miúdos saltam dos bancos e seguem.

– Aquele é o teu filho? – pergunta Paisleigh ao sairmos pela porta.

– Este aqui? – Estendo-lhe o bebé. – Encontrei-o aqui à porta. Não é vosso?

Ela atira a cabeça para trás, desatando aos risinhos.

– Nãoooo!

Krisjen resmunga, nas minhas costas, e finalmente ouço-a trancar a porta da frente e seguir-nos.

Army e eu prendemos os miúdos nos assentos e eu ouço vagamente um queixume atrás de mim, mas Krisjen entra e arrancamos.

O trajeto é curto. Quase não saímos do bairro dela.

Viramos para a direita, subimos uma colina invulgar para a Flórida, e depois viro para a esquerda, as lanternas de gás em cada lado da rua subitamente acesas.

Uma vibração espalha-se pela minha pele. Tal como sempre acontece quando aqui venho.

A copa do arvoredo paira sobre os passeios, o brilho manso dos candeeiros ilumina o ligeiro nevoeiro, fazendo-me sentir afastado da Baía de Sanoa.

Afastado de St. Carmen.

Lembro-me do dia do meu primeiro trabalho nesta rua e, embora seja bonita, durante a noite fica muito melhor. É como se todas as casas tivessem uma mãe e uma tarte de maçã a arrefecer no parapeito da janela.

Army para diante de uma casinha de estilo Tudor dos anos 30, cuja pedra branca e marcas de desgaste revelam o encantador castanho natural e subjacente. O segundo piso mostra uma única janela com a qual o telhado se encontra na ponta, e as portadas foram claramente repintadas vezes sem conta ao longo de um século.

Uma aldrava, cujo desenho identifico como sendo de uma coruja, adorna a porta verde da entrada, e, ao contrário da maioria das casas com janelas quadradas, esta apresenta vidraças abobadadas.

As árvores projetam-se de ambos os lados do trilho que conduz à entrada, mas Army leva a carrinha pelo acesso rodoviário, até às traseiras da casa, fora de vista.

– O que estamos a fazer? – pergunta Krisjen.

Mas não respondo.

– Acompanhem-me – digo aos miúdos, abrindo a minha porta.

Paisleigh debate-se com o cinto de segurança. Mars segue-me.

Passo ao lado da entrada lateral e sigo pelo rumo da entrada principal, querendo que Krisjen a conheça por este prisma. Tirando as chaves, abro a porta e empurro-a, desviando-me para dar passagem ao grupo.

Os miúdos entram a correr, Army acompanhado de Dex, e Krisjen apressa-se atrás dos irmãos.

– Parem! – berra ela. – Não.

Mas eu puxo-a para trás e acolho-a nos meus braços.

Ela esperneia, com ar zangado.

– O que estás a fazer? – dispara. E depois grita: – Mars! Paisleigh!

– Eles estão bem.

– Mas tu és a ama? – pergunta-me. – Como é que tens a chave?

Sorrio e levo-a para dentro, como uma noiva, a ficar excitado pela forma como se irrita desde que deixou de dormir comigo.

– Põe-me no chão – lamuria-se.

– Não.

– Meu – repreende-me. – Vá lá. Eles ainda partem alguma coisa. Tenho de tirá-los daqui.

Passadas pesadas ouvem-se no piso de cima, enquanto os miúdos exploram o interior, e eu mantenho as luzes desligadas, para não alertarmos os vizinhos de que a casa, supostamente vazia, já não o está.

Ela contorce-se nos meus braços, e eu volto a levantá-la nos braços, ajustando o meu domínio. Que estranho. Nunca a senti assim pesada quando ficava por cima de mim.

– Eu nunca gostei realmente da tua casa – dou um leve pontapé à porta atrás de mim, fechando-a. – Nem da casa da Clay, nem da maior parte das casas deste lado da vila.

Encaminho-me para a esquerda, desço os dois degraus do chão de madeira, entrando na sala de estar que tem uma lareira de tijolo. O dono só deve usá-la, para criar ambiente, em conjunto com o ar-condicionado, pois o calor seria insuportável.

– A tua casa é demasiado sofisticada – digo-lhe. – Demasiado fria.

O cheiro a tijolo, assentos de pele e perfume de mulher, que provavelmente ainda estará impregnado nas poltronas almofadadas aquando da última visita dos donos, enche-me os pulmões, e nem imagino que a casa possa conter mais de

duas pessoas.

Duas pessoas a lerem nestes cadeirões. Rindo-se com um copo na mão. Comendo e tomando banho na banheira antiga no piso superior, ouvindo discos, sempre atentas uma à outra. Sem terem de gritar, nem de levantar a voz. Sem berros. Sem loiça quebrada.

– Mas esta casa… – medito, olhando em volta. – Aqui era capaz de viver.

Sinto que ela me observa, convicto de que se pergunta se estarei bêbado, porque julga que não sei admirar decorações que não se limitem às pirâmides de cerveja e espadas de Samurai. É claro que tenho duas espadas Samurai no meu quarto em casa.

Adentro-me na sala, e ela passa o braço em volta do meu pescoço para se equilibrar.

Passo pelas estantes de mogno e pelo vaso antigo em cima do pedestal no canto.

– Também adoraria ter o meu negócio, um dia – digo-lhe. – Um lugar em que as pessoas pudessem entrar, sentarem-se e conversarem com uma cerveja na mão.

– Um bar?

– Um *pub* – respondo.

– Há diferença?

– Sim, há diferença – faço-lhe um esgar. – Um bar não passa de bebidas e agitação. Um *pub* é… – hesito, olhando em redor do espaço como se a palavra que procuro estivesse escrita nas paredes. – Uma comunidade. Um lugar que pode representar um lar.

Daí a designação *pub*. Casa pública. Um sítio para convívio.

– Um lugar confortável – prossigo – onde a música não seja demasiado alta e a comida saiba bem. Uma atmosfera como a de um livro. Lareira, madeira por todo o lado… na mobília, no bar, nas paredes.

Observo a sala de estar, o corpo quente dela sob os meus dedos. É macia. Mais ainda nas coxas, o que me agrada. Consigo sentir as costelas das suas costas. Nunca tinha reparado nisso anteriormente.

Sorrio ligeiramente, continuando.

– Os clientes são como amigos, e é meu. Um lugar plácido, exceto nos sábados a noite, quando haverá música ao vivo e o chão abana porque toda a gente acompanha as letras. Gente com quem conversar. Pessoas felizes por

estarem ali. Felizes de te verem. O emprego que gostaria de ter – olho para ela. – E depois voltaria para casa, um lar calmo. Um lugar como este que também seja meu, e estou sozinho e…

Sustenho-lhe o olhar azul.

– Um lugar em que estou sozinho e…

E não tenho de sorrir se não me apetece.

Mas não digo isto em voz alta.

– O Macon não iria gostar disto – admito. – Ouvir-me dizer que me apetece partir. Ele quase se matou para manter a nossa família unida. O Dallas arruinaria o meu sonho, e o Army e o Iron não têm de ouvir as minhas lamúrias. Tu és a única pessoa a quem contei.

Ela observa-me e eu calo-me.

O que eu disse foi confrangedor?

Nem sei porque lhe contei.

– Acho que nunca te levei assim ao colo – brinco.

– Não tínhamos uma relação deste tipo.

Pois. Fazíamos refeições em conjunto. *Take-away* a caminho da minha casa. Pequeno-almoço pela manhã, às vezes. Esta deve ser uma das conversas mais longas que tivemos. Não nos queríamos propriamente para conversar.

– Ainda bem que saíste do meu quarto naquela noite – endireito-a. – Acho que toda a gente demora algum tempo até descobrir o que quer e o que vale. Há quem passe anos a contentar-se com pouco, porque é melhor do que nada, e um dia acorda e percebe que, afinal, não é melhor. Melhor é não ter nada do que ter a coisa errada.

As coisas erradas matam-nos por dentro.

Ela mantém-se ali parada, continuando a observar-me, mas não tirou a mão do meu pescoço.

– É um refúgio para o inverno – explico finalmente, apontando para a casa. – O Fred Corcoran e a mulher vêm de Boston para aqui, todos os anos em novembro, antes do Dia de Ação de Graças, mas há poucos dias vi que estavam aqui alguns criados, a limpar, lavar lençóis, abastecer o frigorífico, preparando a casa para a chegada do casal.

Faço descer a mão dela até à minha, e trago-a de volta ao *hall* de entrada, rumo à cozinha.

– Arranjei uma chave há uns anos, pois tomei-lhes conta do gato durante um fim de semana em que foram viajar – digo-lhe por cima do ombro – e nunca pediram que a devolvesse, portanto…

– E não há sistema de alarme?

– Devem ter achado que, com tanta segurança no bairro, não precisavam dele.

– E, claro, estás perfeitamente à vontade para entrares e saíres – diz ela, mais para si do que para mim.

Como jardineiro, sem dúvida. Ninguém estranha se vir a minha carrinha parada na rua. Ou neste acesso.

Ela cala-se e vira-se para mim.

– A sério que viverias aqui sozinho? Para sempre?

Parece ser contrário à minha natureza. Afinal, gosto de toda a gente, certo?

Envolvo-lhe o pescoço com o braço.

– Acho que foi por isso que gostei tanto de ti – digo-lhe em voz baixa. – Mostras sempre a mesma personalidade, estejas ou não ao pé de outras pessoas. Nunca procuras refúgio.

Eu refugio-me. Imenso.

A boca dela abre-se, como se tivesse uma pergunta, mas eu rio-me, pintando um sorriso na cara.

– É só uma fantasia, Krisjen. Jamais vou sair da Baía. Exceto para ir a Orlando – acrescento. – Adoraria ir à Disney World. Já lá estiveste?

– Ãh?

Claro que esteve. A família até ali deve ter um condomínio.

Entramos na cozinha. A luz do frigorífico banha o rosto de Army enquanto ele tira o gelado do congelador. Os miúdos sentam-se na ilha e Trace começa a tirar as coberturas do armário, pois sabe onde se encontram os artigos.

– Vivem aqui? – perguntam os rapazes. – Pensei que vocês morassem em atrelados e coisa assim.

– Mars… – repreende Krisjen.

Mas eu anuo.

– E vivemos. Isto é invasão de propriedade – depois debruço-me para Paisleigh, levando o dedo aos lábios. – Chiuuu…

Ela arregala os olhos.

– Eles não vivem em atrelados – diz Krisjen ao irmão, tirando canecas e colheres.

Abro a tampa do gelado e começo a retirar colheradas.

– Vivemos numa gigantesca…

– Espantosa… – acrescenta Army.

– Incrível… – salienta Krisjen.

– Delapidada… – digo a Mars.

– Em ruínas… – brinca Army, embora fale a sério.

– Mansão – despejo uma colherada de gelado numa caneca.

Army passa pelas minhas costas, agarra no filho, que gatinha pela bancada.

– As paredes têm buracos – diz.

– Cai água do telhado – continuo.

– Mas chove na cozinha – Krisjen sorri –, o que é fixe.

– Não temos ar-condicionado centralizado – digo aos miúdos – e a água sabe a lama.

– E há ossos no quintal – diz Army – porque os animais num raio de quinze quilómetros vêm morrer à nossa casa.

Mars ri-se enquanto enfia na boca uma colherada de gelado.

– As luzes desligam-se durante as tempestades – diz-lhes Krisjen – e faz ruídos como uma portada ferrugenta, e solta cheiros como a neblina da manhã e madeira velha.

Army olha para ela por cima do ombro, Dex tentando trepar por ele e fugir do aperto.

– O chão de azulejos de cerâmica tem uma cor vermelha linda, e as escadas são todas irregulares como uma casa do doutor Seuss – sorri para si própria enquanto prepara o *sundae* de Paisleigh. – Pois suportaram anos dos rapazes Jaeger, e das pessoas antes deles, correndo e pisando-as de cima a baixo, e arrastando móveis…

O rubor das faces dela intensifica-se a cada palavra, e cruzo o olhar com Army, ambos silenciados.

– E os miúdos aprendem a subi-las – continua ela – e tem um buraquinho com um centímetro num degrau a meio da subida, e penso que um dia ainda fico com uma lasca por causa dele, mas espero que nunca seja consertado.

Conheço esse degrau.

Ela gosta mesmo da nossa casa, não gosta?

– Porque não queres que seja consertado? – pergunta Paisleigh.

Mas Krisjen não responde à irmã. Porque a beleza encontra-se nas pequenas coisas e a personalidade reside nas falhas, e este facto, ninguém nos ensina, aprendemos com a vida.

Nunca adorei a minha casa, mas, para Krisjen, é um lugar mágico.

Os olhos do Army descem quando o Dex lhe dá uma palmada e eu acabo de distribuir o gelado.

– Como é que se orientam se as luzes se apagam com as tempestades? – pergunta a miudinha a Krisjen.

Mas deixo cair a colher, respondendo:

– Assim!

E mergulho, enfio a cabeça entre as pernas da irmã, e levanto Krisjen no ar, em cima dos ombros.

– Trace!

Tapo os olhos com as mãos de Krisjen e ouço um riso soltar-se da miudinha.

– Não partas nada – resmunga Army.

Estico os braços para o frigorífico, cego, às apalpadelas.

– Não faço promessas.

Abro a porta e tiro uma embalagem de plástico pequena, cujo conteúdo não consigo ver.

– Pronto, isto é gelado?

– N…

– Sim! – ri-se Krisjen. – É mesmo.

Mais risinhos do outro lado da ilha.

Destapo-o e começo a tirar colheradas da substância para uma caneca.

– Krisjen! – berra Paisleigh.

Mas a irmã só diz:

– Chiu.

– E cobertura – cantarolo, agarrando em algo que parece ser azeite. – Tem de ter uma cobertura!

– Oh, não – geme Paisleigh.

Ouço a palma da mão dela bater na testa.

– E agora molho de chocolate – procuro à minha direita, encontrando um frasco.

– Não, ali não – indica Krisjen, que ainda me tapa os olhos. – Para a esquerda. Mais. Mais. Ali.

Agarro num objeto que é, certamente, um moinho de pimenta.

– Krisjen, mas…

– Chiu, sei o que estou a fazer – diz ela a Paisleigh. Depois instrui-me. – Agora roda isso.

Sorrio, contente por notar novamente um tom divertido na sua voz.

– Mmm, isto vai saber tão bem – arrulho. – Mal posso esperar.

Procuro uma colher às apalpadelas, enfio-a na caneca e quando a tiro está cheia.

– Meh – geme Mars.

Paisleigh solta risinhos, esperando que eu prove.

– Não aguento ver isto – diz Mars por fim, e ouço o banco dele raspar contra o chão.

Dou uma dentada enorme nas natas azedas e engasgo-me, fingindo que vou vomitar, enquanto a miudinha desata a rir histericamente.

Debruço-me, e Krisjen começa a cair, soltando uma combinação de riso e gritinho, e destapando-me a vista.

Tento agarrá-la, mas ela cai de lado, para os braços do meu irmão. Ele segura-a, e ambos ficam a entreolhar-se por instantes.

– Sã e salva – diz ele, e estamos ambos nitidamente contentes por a vermos sorrir outra vez.

Agarramos ambos nos nossos *sundaes*, em cima da mesa, enquanto Mars vai investigar o piso de cima e Paisleigh brinca com Dex no *hall* de entrada.

– Obrigada por este momento – diz Krisjen, pousando a caneca na mesa. – Eu só não quero ser um problema para a Mariette nem para o Macon. Com os meus pais e as chatices deles…

Mas não tem de se justificar.

– É assim que a Baía sobrevive, apesar das discussões e das brigas e do barulho – digo-lhe. – Nunca sentimos que lidamos sozinhos com os nossos problemas.

E nem ela.

*

Absorvo o ar fresco; por si só, o ar-condicionado centralizado compensaria a obrigação de me casar para viver nesta casa.

– Gosto do teu quarto.

Deitámo-nos na cama dela, completamente vestidos, e este território desconhecido deixa-me um pouco inquieto. Sempre que, durante o verão passado, ela abandonava o meu leito, eu nunca me dava ao trabalho de me perguntar onde dormiria. Ainda é um pouco difícil imaginá-la nesta casa. É um espaço branco e dourado, limpo e frio. Exceto este quarto. As paredes foram pintadas num azul-bebé e a cama tem dossel, porque sempre lhe disseram que era uma princesa.

Viro-me para ela, fico meio deitado sobre o seu corpo, enterrando o rosto no edredão branco que parece azul ao luar.

– E esta cama – divago. – Cheira a júbilo e a pele de uma rapariga.

Mergulho no pescoço dela, com mordidelas suaves.

Ela solta um risinho e afasta-me.

– Para.

Recosto-me, com a cabeça dela pousada na dobra do braço, e observo-a.

– Posso ser uma pessoa melhor.

Nem sei se me refiro a sexo, ou a outra coisa, mas ela limita-se a sorrir.

– Não tenho quaisquer dúvidas. Se amares a sério essa pessoa.

Eu não sabia se queria ter sexo esta noite, mas agora sei.

Ela encara-me, e eu devolvo-lhe o olhar, mas sem qualquer desilusão. Às vezes, cansa-me que me fodam.

Army levou Dex para casa há cerca de uma hora, e eu fiquei com ela, só porque não queria voltar para a Baía. Ela não fez perguntas quando me deitei ao seu lado na cama. Precisamos de amigos. Nós os dois.

– Estás zangado comigo? – pergunta, sem quebrar o contacto ocular.

Não. Na verdade, sinto-me apenas grato por ela perceber que não sou tão pateta como o resto da minha família e os meus amigos me julgam ser. Previ que ela iria para a cama com Iron, mal pôs os pés na festa.

Mas murmuro:

– Preocupa-te mesmo que eu possa estar zangado contigo?

– Claro.

Não contenho um pequeno sorriso.

– E eu, estás zangada comigo? – pergunto-lhe.

– Não.

Aperto-a contra mim, continuando a observá-la. Nem sei por que motivo é que não fiz isto com ela antes. Sabe bem.

– Tens saudades dele? – pergunta.

Solto um suspiro e viro os olhos para o teto.

– Não sei.

Sinto que me observa, e remexo-me de desconforto. Macon, Dallas, Army… não tocamos no assunto. Iron foi-se embora. Falar nisso não ajuda em nada.

Tenho saudades dele?

– Ou seja, eu adoro o meu irmão, e espero que ele esteja bem, mas… – abano a cabeça, procurando as melhores palavras. – Sempre tive uma sensação de que aguardo alguma coisa, ou que há algo incompleto. Não me sinto diferente do que me sentia há dois meses, quando a Liv foi para a faculdade, nem há oito anos, quando os meus pais morreram. – Aperto o braço dela. – É como se sempre tivesse faltado alguém.

Sinto-a afastar-se aos poucos, moldando-se à minha figura.

Gosto dela.

Não posso ser Macon nem Army. Não posso ser Liv. Não me sinto com paciência para aprender. Com liberdade para gaguejar. Com liberdade para cometer erros. Sou demasiado estúpido para eles. Sei bem que sou. Sei que vou falhar se tentar a sério, por isso tento mostrar-me engraçado. Ou divertido. Ao conseguir tornar a casa mais luminosa, talvez Macon saiba que existo.

– Ainda bem que me contaste o teu sonho – diz ela, a respiração agitando a minha *T-shirt*. – E sabes o que também é estranho? Que o consiga antever. Não propriamente a parte de «viver numa casa de campo». Essa parte é difícil.

Rio-me baixinho.

– Mas os bancos de pele verde-floresta do bar – continua. – As velas a tremeluzirem nas paredes. Os cadeirões pretos *Chesterfield* à volta das mesas, e tu numa camisa azul atrás do bar.

– Não uma *T-shirt*?

– Não – ela levanta o queixo, assertiva. – Agora és um senhor. Um proprietário respeitável com um vasto conhecimento da história do uísque que sabe explicar qual a diferença entre deixá-lo envelhecer em barris de carvalho americano ou barris de carvalho francês.

Preciso mesmo de saber isso?

– E depois o local tem uma microcervejaria – continua. – Enormes reservatórios de cobre que se podem espreitar através da parede de vidro, e chamas à tua cerveja…

– Será uma destilaria, obrigado – replico. – Rum.

Ela sorri, e volta a aninhar-se contra mim. *Pele verde nos bancos.*… escolheria preta, mas verde tem mais classe.

– Na imaginação, é sempre melhor – digo. – Mais detalhada. É um bom sonho.

– E há de acontecer.

Fecho os olhos, preparado para adormecer com a imagem na cabeça, mas ela faz aquele gesto, em que passa a perna por cima da minha, e o calor entre as suas coxas ressalta contra a minha, despertando-me.

– Tens a certeza absoluta de que não te apetece ter sexo? – pergunto. – Pensa apenas que praticas para quando te apaixonares a sério.

Ela dá-me um pontapé, resmungando, e eu sacudo-me de riso.

9
Krisjen

TRACE adormeceu na minha cama, e não tivemos sexo. Ainda estou a sorrir, dois dias depois. Foi tão meigo. Nunca o tinha visto agir daquela forma.

Se ainda estiver por cá, conto ajudá-lo a montar aquele *pub*, um dia. Iria adorar.

Enfio para dentro da máquina de lavar a prateleira com a loiça suja e visualizo a fantasia dele.

Teria orgulho em vê-lo realizar esse sonho. Muito orgulho. Embora desconfie da parte da casa de campo. Mal cabe lá uma família. Ou os irmãos, se fizessem uma visita. Duvido que tenha pensado bem no assunto.

Deixo-me cair na cadeira ao lado do posto do cozinheiro, pegando na garrafa de bolso de Santos enquanto ele estica a massa das tartes com o rolo.

Tomo um gole, franzindo a cara ao saborear o uísque. Ele arqueia as sobrancelhas, fitando-me, pois sou uma menor ousada, não sou? Mas não comenta em voz alta, limita-se a concentrar-se na preparação da comida.

– Foi um bocado chato – rodo a tampa e pouso a garrafa de bolso. – Que dia tão comprido.

– Mas aposto que o maço de gorjetas no teu avental não é chato.

Rio-me. *Claro que não.* Bateman regressou no dia a seguir para cuidar de Mars e Paisleigh, pelo que a minha mãe lhe deve ter pagado, mas Army pôs-me à vontade: se eu precisasse de sair a qualquer momento, podia sair. Eles lá se amanhariam.

Há clientes ainda no pátio, mas o interior do restaurante encontra-se vazio, exceto Jessica, que limpa o chão com a esfregona. Passa das nove. Devia ir para casa. A mãe já deve ir na terceira vodca tónica.

– Como vai a família? – pergunta Santos.

– Não me posso queixar – posso, mas não quero. – E a tua?

– O meu filho mais velho quer ser canalizador – murmura. – Foi aceite na Texas A&M.

É impressionante. Mas…

– Nem toda a gente precisa de ir para a faculdade – lembro-lhe.

– É fácil dizer isso sobre os filhos dos outros.

Faço uma pausa para pesar aquelas palavras.

– É justo – digo-lhe. – Voltamos a falar nisto quando for a vez do meu filho.

– Combinado.

Embora numa situação totalmente distinta, ele e a minha mãe encontram-se em sintonia. Querem que os filhos tenham as melhores oportunidades, mas a diferença é que a minha mãe está disposta a fazer – ou obrigar-me a fazer – o que for preciso para as garantir.

Nem sei se me teria deixado ir para a faculdade, mesmo que o pai não tivesse levado o dinheiro todo.

E tão-pouco sei se eu própria iria, nessa situação.

Quero trabalhar, mas apenas como meio para gozar a vida. Pagar as idas ao *drive-in* com Mars e Paisleigh, e boas refeições com a família e os amigos, e roupas giras que atraiam os olhos do meu marido.

E ajudar aqueles próximos de mim com necessidades.

A faculdade seria um desperdício de dinheiro. Pelo menos, para já. Não almejo uma carreira.

Iris irrompe pela porta das traseiras, respirando com dificuldade.

– Alguém me pode dar uma ajuda no bar, por favor? – queixa-se ela, tirando embalagens de frutos secos sortidos da prateleira e empilhando-as nos braços. – Os Torres estão a chegar e trazem uma montanha de gente. Estou a organizar as mesas, mas preciso de ajuda para anotar os pedidos.

Santos espreita pelo aquecedor, talvez para tentar perceber quem é que ainda se encontra presente, porque eu já fiz um turno duplo.

Pondero durante um segundo, mas afirmo:

– Posso ficar mais um pouco.

A culpa invade-me, mas afasto-a. Os miúdos estão bem. A minha mãe criou-nos aos três até agora e não houve mortos. Só vou demorar mais um par de horas.

Iris sorri, os ombros descontraindo-se.

– Obrigada. Despacha-te, por favor.

Escrevo uma mensagem a Mars. **Vou ficar a trabalhar mais um pouco. Manda-me um SMS se houver chatices**.

E levanto-me para a seguir, mas Santos encosta um saco castanho ao meu peito.

– Leva isto, antes de tudo.

Agarro no jantar de Macon, e ainda não contei a Mariette que ele quase nunca o come.

Contudo… ele continua a deixá-la fazê-lo.

Enfio o telemóvel no bolso de trás das calças, arregaço as mangas da minha camisola preta com capuz, e saio do restaurante, vendo as luzes acesas da garagem ao fundo da rua.

Ainda não me cruzei com Macon, hoje, nem vi as carrinhas dos rapazes estacionadas à porta. É preferível quando Army ou Trace lhe fazem companhia na garagem. Odeio estar sozinha com ele. Não gosta de mim.

Ao contrário de todos os outros.

Mas, quando viro à direita e rumo diretamente à garagem, deparo-me com o capô levantado do meu carro, uma luz de trabalho pendurada no interior e a coluna *Bluetooth*, em cima da prateleira, a tocar uma versão alternativa de «Something in the Way» dos Nirvana.

Mas não encontro ninguém ali dentro.

– Ó de casa? – entro pé ante pé, espreitando à volta do carro, à procura de pernas. A porta da cozinha está aberta e chamo outra vez. – Ó de casa?

Mas ele não se encontra ao alcance da voz. Estico o braço e pouso o saco na mesa de trabalho, mas então escuto uma exclamação distante.

– Por favor!

Paro, arrebitando as orelhas perante os soluços abafados.

– Não! – vocifera o homem novamente.

A voz não me é familiar.

Desloco a vista para a porta das traseiras da garagem e reparo que se encontra ligeiramente aberta.

Mantendo os meus passos leves e silenciosos, encaminho-me para ali.

– Por favor, deixa-me sair!

Mas que raio? Obrigo os pés a prosseguirem, e esgueiro-me por aquela porta, abarcando a piscina com o olhar, mas sem ver ninguém. A voz provém das árvores. Atravesso o deque e entro no matagal, descobrindo uma luz.

– Por favor, Macon – suplica um homem.

Macon surge à entrada de um contentor. Igual aos que se atrelam aos camiões, sem janelas e com um cadeado externo. Esteve sempre aqui? Nunca reparei.

Agarra um homem pelo colarinho, e vejo deste lugar os músculos das costas de Macon retesados e as veias do pescoço inchadas. Avanço um passo, mas a folhagem estala sob os meus pés, e atiro-me para a esquerda, escondendo-me atrás de uma árvore.

A minha pulsação acelera, e fecho a boca pois estou ofegante.

Passado um instante, ouço o rosnado de Macon:

– Onde está a comida que comprámos para a tua família?

– O F-Fisher tinha convidado amigos e, ah… – o tipo arqueja. – Não, Macon, por favor!

Espreito pela árvore, e assisto-o a enfiar a cabeça do homem num barril de petróleo, que espero esteja cheio de água.

O homem debate-se, apoiando-se na superfície lateral do barril e tentando contrariar a força de Macon.

Mas este só o larga quando assim decide. Ele tira-o da água, e examino o tipo, questionando-me se já o vi.

Há muita gente que mora no interior do pântano e que desconheço.

– Olha para mim! – morde Macon, e puxa-lhe novamente a camisa. – Olha para mim!

O homem respira com dificuldade, as pernas flácidas.

– Esgotaste as tuas oportunidades – diz-lhe Macon. – Já fui simpático, já fui firme, mas desta vez acabou-se. Se beberes mais um copo, ou gastares dinheiro em qualquer coisa que tire comida da mesa dos teus filhos, eu acabo contigo. Porra, mato-te.

O homem soluça.

– Não é só o álcool, meu. Eu… é que… tenho um problema com as drogas também.

– Cala-te – Macon enfia-o novamente na água.

O homem é um deles. Não é inimigo. Macon está a tentar endireitá-lo. Será que o mataria realmente?

Macon puxa o homem pela parte de trás do colarinho, enfia-o no contentor e eu acorro para a próxima árvore e depois para a seguinte, tentando espreitar para o interior deste, deparando-me apenas com um *futon* e uma luz talvez criada por um candeeiro. Macon fecha a porta com estrondo e tranca-a, e o tipo ali enfiado começa a bater do outro lado.

– Por favor! – suplica. – Por favor, deixa-me sair!

– Três dias – diz Macon. – Quando essa merda toda sair do teu organismo.

– Não consigo parar – soluça com força. – Macon, não fui sempre assim. Conheces-me. Por favor, meu. Tenho medo.

A mão de Macon assenta na porta metálica, a cabeça pendendo lentamente. O peito sobe e desce numa respiração pesada.

– Macon… – continua o tipo. – Dói-me!

O meu estômago revira-se, enquanto observo Macon Jeager ali parado. Os ombros dele sacodem-se algumas vezes, o semblante a ceder lentamente enquanto baixa as suas defesas.

Pois ignora que é observado.

– Por favor… – suplica o tipo.

Pestanejo, uma lágrima derrama-se. Limpo-a imediatamente.

Ele deve ter noção que uma desintoxicação mal feita pode matar o doente. E os outros saberão que ele mantém este tipo aqui preso?

O homem berra e esmurra a porta, e Macon vira-se, tencionando afastar-se. As sobrancelhas comprimem-se e a boca abre-se um tudo-nada, como se não fosse capaz de respirar.

O tipo não desiste, e Macon fecha novamente os olhos, como se a única forma de encarar algo positivo seja deixar totalmente de ver.

Apoiando-se no barril, mergulha uma mão na água e salpica a cara e a nuca. Dirige-se para casa, e eu contorno a árvore para continuar fora da sua vista.

Mas ele para de repente, e fita o trator corta-relvas com um par de latas de cerveja nos suportes. Trace devia ter cortado a relva há uma semana. Olho em redor, para o tamanho das ervas daninhas e da relva. Se cortou, não parece nada.

E Trace também não guardou o aparelho. Macon passa a mão pela água da chuva que se acumulou no assento.

Raios te partam, Trace.

Macon avança para a garagem, arrancando a corda do gancho junto à porta e desaparece no interior.

Algo não faz sentido. Macon vai estrangulá-lo.

Corro atrás dele. Espreito para dentro da oficina, vendo-o ligar o interruptor, fechar a porta da garagem e subir os três degraus que fazem ligação à casa, pela cozinha. Leva a corda na mão.

Hesito.

Trace não se encontra cá. Não vi as *pick-ups* deles na entrada da casa.

O que pretenderá fazer?

Desato a correr, entrando em casa e ouvindo imediatamente passos no piso de cima. Começo a subir lentamente, atenta à medida que avanço.

A mãe deles observa-me das várias fotografias durante a subida. Há oito anos enforcou-se, dois meses depois da morte do marido.

Mas, pelo que entendi, não foi a morte dele que a levou ao suicídio. Pelo contrário, mantinha-se viva para cuidar dele e, quando partiu, não viu motivos para ficar. Trysta Jaeger.

Macon tem bebido demasiado nos últimos meses. Não come. Raramente sai de casa. Pouco me importa se parece normal aos outros, a mim não parece.

Por que raio não acabou Trace de cortar a relva? Ou arrumar o aparelho? Já tem quase vinte e um anos. Macon não é obrigado a andar sempre atrás dele.

Alcanço o cimo do patamar, vendo vapor escapar-se pela fresta da porta da casa de banho, e ouço o chuveiro.

Mas não tem as luzes acesas. O que está a fazer às escuras?

Espreito para a porta do lado, a porta fechada do quarto dele. Que pertenceu aos pais.

Foi ali que ela se matou. No quarto em que Macon dorme todas as noites.

Aproximo-me da casa de banho.

Ele está bem. Sempre teve estas cismas. É um pouco assustador. Nunca foi feliz. Nem sorridente. Nem fazia conversa.

Inclino-me, tentando escutar uma mudança no fluir da água. Algo que indique que ele se está a lavar ou a usar o champô, mas não há qualquer alteração.

Pouso a mão sobre a porta de madeira, debatendo-me se a devo entreabrir o suficiente para espreitar, mas nesse preciso momento, abre-se de rompante e eu endireito-me. Macon sai, aproximando-se de mim.

Recuo.

– Desculpa – digo. – Desculpa.

Ele encara-me, trazendo apenas uma toalha em volta da cintura, mas ainda não se encontra molhado. O chuveiro continua aberto. Merda. Reparou que eu o seguia?

– Só queria garantir que estavas aqui – tento engolir, mas sinto a boca como lixa. – A tua comida está…

Aponto para o fundo, enquanto o observo com atenção, mas o raciocínio cede ante aquele olhar duro. Macon dá um passo em frente e o medo apodera-se de mim. Estou sozinha em casa com ele.

E ele raptou uma pessoa, que mantém trancada num contentor nas traseiras da casa.

Baixo a cabeça, o olhar dele forçando o meu para o chão.

Mas então… o latejar entre as minhas pernas pulsa uma vez, com força, e solto todo o ar dos pulmões, quase gemendo.

Virando-me, corro, tentando não tropeçar pelas escadas, sentindo o seu olhar queimar-me as costas. Alcanço o piso inferior, agarro no puxador, e abro com força a porta de entrada, atirando-me para o pátio.

Dou alguns passos e olho para trás, aliviada por não vir no meu encalce com aquela corda, pronto a estrangular-me e arrastar o meu corpo de volta para dentro de casa, por ter visto o que não devia.

E depois respiro fundo e, após alguns segundos, reviro os olhos.

Céus. *A sério, Krisjen? Não foste nada exagerada.*

Os rumores não passam de rumores. Nunca vi nenhuma prova de que tivesse feito as coisas que lhe são imputadas, muito menos matar alguém. E talvez não seja legal manter aquele homem aprisionado contra a sua vontade, no quintal, mas é por bons motivos. As pessoas da Baía normalmente não têm dinheiro para uma reabilitação.

Não é da minha conta.

Deve ter pensado que eu era uma parva. O medo desapareceu de repente, e foi substituído pelo embaraço. Não devia ter entrado em casa. Foi uma estupidez.

Ele tinha um ar…

Incrível.

No quintal parecia vulnerável. Como se algo lhe apertasse as entranhas, como se estivesse sozinho e tudo o ferisse. Como se a vida lhe fosse pesada, e porque será que nunca me ocorreu essa possibilidade? Ninguém repara nele, no quanto sofre.

Depois de um breve relance à casa, cujas luzes estão todas apagadas, avanço para o bar pois agora não quero partir.

Mas apresso o passo, até corro, uma vez que Iris me disse para me despachar e deve andar à minha procura.

Assim que abro a porta do bar, uma velha canção dos Avenged Sevenfold castiga os altifalantes, tendo a festa já começado. Não me desfaço da minha pequena camisola, pois a temperatura encontra-se bastante abaixo dos trinta graus que prefiro e entro para dentro do balcão, pego num pano da loiça e começo a esfregar os copos que estão a secar. Um a um, empilho-os nas prateleiras.

– Afinal, podes ir-te embora – ouço a voz atrás de mim. – Eu dou uma ajuda.

Espreito por cima do ombro, deparando-me com Aracely, atando um avental à cintura. A multidão de pessoas é muito barulhenta, e descubro Trace e Dallas ali metidos. Army entra pela porta, sem o filho, envergando uma nova *T-shirt* preta. Consigo perceber que é nova porque os vincos da loja ainda estão um pouco visíveis. Os seus braços encontram-se mais bronzeados. Foi um dia em cheio.

– Fico mais um pouco – digo-lhe.

– Não quero partilhar as gorjetas.

– Nem precisas.

Não vou permanecer o tempo suficiente para as receber em excesso.

Viro-me para ela, dobrando a toalha e pousando-a. Ela fica lixada porque eu não aceito tornar isto um despique. Um dia temos de apanhar as duas uma piela.

– Ei – chama alguém ao fundo do bar.

Encho rapidamente um copo com gelo, despejo uma dose de *Jack Daniels* e agarro na torneira do dispensador dos refrigerantes, misturando a bebida com *Coca-Cola Diet*. Coloco-lhe uma palhinha e faço deslizar o copo pelo bar para Aracely.

– Por minha conta – digo-lhe.

Não lhe dou hipótese de me mandar à merda.

Atravesso o bar e deparo-me com Trace. Começo a sorrir, lembrando-me do seu *pub* com as cadeiras *Chesterfield*, mas depois obrigo-me a ficar séria, recordando, entretanto, que deixou o corta-relva à chuva.

– O que queres? – riposto.

Mas ele parece não notar o meu tom de voz.

– Vodca tónica, duas *Landsharks*, e a noiva quer um…

Olha para trás de si, para uma mulher que presumo seja a senhora Torres. Ela veste calças de cabedal pretas e justas, corpete com estampado de animal e um véu branco. O cabelo comprido e escuro chega-lhe ao nível dos braços e aplicou um batom vermelho vivo. *Dragon Girl* da NARS. Um dos meus tons favoritos.

Mas o homem ao meu lado responde por ela.

– Cuba Libre com *Coca-Cola Diet* – indica ele a Trace.

Ela encara-o com uma adoração plena nas faces coradas.

– Obrigada, amor.

Deve ser o noivo. Usa calças de ganga e uma camisa havaiana.

Entrego as bebidas, e Trace aceita-as sem pagar, portanto anoto tudo num papel para manter a conta.

Outros aproximam-se, pedem *cocktails* e eu encho quatro jarros, entregando-os, mais alguns copos adicionais aos homens. Ninguém paga, por isso continuo a anotar o que sirvo.

– Para os noivos! – Trace ergue a cerveja.

A multidão junta-se a ele, Army com a vodca tónica que preparei, e Dallas com uma das *Landsharks*.

– E a mais uma década de fazerem sexo em toda a parte, exceto na porra da vossa casa!

Urros enchem o bar, e são tão barulhentos que nem ouço a música. Rio-me.

O noivo puxa a noiva para si, e ela ri-se, acompanhando os outros.

– Gostamos muito de vocês – diz-lhes Trace. – O Macon não pode vir, mas entregou-me o cartão de crédito, por isso peçam o que quiserem. É por nossa conta!

Ele levanta ainda mais a garrafa, os berros enchem o ar, e de súbito, o bar enche-se quando uma música de Brandi Carlile começa a tocar na *jukebox*.

Estico-me e coloco gelo em cinco copos, onde adiciono vodca, molho tabasco, molho inglês, e uma mistura de *Bloody Mary*, enquanto Iris fica do lado oposto, a anotar todos os pedidos de comida. Há quem queira argolas de lulas fritas, outro pede palitos de queijo, e fico contente por o sistema de atendimento ser exatamente igual ao do Mariette's, caso contrário desataria a arrancar os cabelos.

Aos poucos, a multidão vai escasseando, as pessoas recebem a primeira rodada, e Trace corre para dentro do bar, tirando outra cerveja.

Faço mais uma marca para manter registo das bebidas que leva. Se o inventário não corresponder no final da noite, não serei eu que levo na cabeça.

Ele tira a tampa da cerveja e deposita um beijo na minha cara, enquanto eu abro quatro *Coronas*.

– Não estavam já casados? – pergunto-lhe quando ele volta a contornar o bar.

– Repetiram os votos – informa-me. – A cada dez anos, é o que dizem.

Observo o senhor Torres que tenta colocar uma cereja cristalizada na boca da esposa, mas ela não para de rir. Ele rodeia-lhe o pescoço com a mão, puxando-a para si, e acaba por lhe aplicar um beijo na boca.

Afasta-se dela e avança para o bar, dando uma palmada nas costas de Trace.

– O Macon não precisava de ter feito isto.

– Mas quis – diz Trace, fazendo-me sinal e entregando-me o cartão de crédito para guardar. Enfio-o no copo vazio ao lado da caixa registadora. – Ele tem grande apreço por ti.

– Como é que ele está? – pergunta Torres. – Mal consegui pôr-lhe a vista em cima nas últimas semanas.

Mas Trace simplesmente anui, levando a garrafa aos lábios.

– Está bem. Cheio de trabalho. Queres mais uma rodada?

Reparo na rapidez com que Trace muda de assunto, mas o senhor Torres não nota. Encosta-se para trás, a abanar a cabeça.

Mas Trace empurra a bebida de Torres para a boca deste com uma ordem:

– De um só trago.

Torres emborca o resto do uísque puro, e eu começo a preparar-lhe outro. Entrego-lhe o novo copo, no instante em que uma mulher enfia os braços à volta de Trace.

O olhar dele vira-se logo para mim, mas eu desloco-me ao longo do bar, a arrumar os copos e garrafas vazios.

Não quero saber.

Ele não é meu, nem eu sou dele.

Mas evito olhar para ali, pois incomoda-me um bocadinho, e sei que não devia.

Deve ser uma coisa de gajas, certo? Territorialidade persistente? Possessividade? Não quero que eles me esqueçam?

Solto o ar dos pulmões. Hei de ultrapassar isto.

Ele condu-la para a pequena pista de dança, e começam a dançar. Ela cola o corpo ao dele e envolve-lhe o pescoço com os braços. Tem um cabelo escuro mais comprido do que o da noiva, a pele lisa no fundo das suas costas brilha sob as mãos masculinas. O *top* de seda verde cai-lhe bem na pele morena.

– Connosco, nunca ficarás assim tão bem, como ela ao lado dele – diz uma voz familiar.

Contenho o meu queixume, enquanto vou limpando o bar.

– Oh, não sabemos isso – olho de relance para Dallas, que se encontra ali com uma garrafa de cerveja vazia. – Ainda não fiz a ronda por todos vocês.

Revira o olhar, pois sabe que isso nunca acontecerá e que estou só a armar-me. Abro outra cerveja e entrego-lha, afastando-me antes que solte mais comentários.

A *jukebox* repete todas as músicas, e eu perco tempo a tentar aguentar-me quando Aracely me chama para a ajudar a limpar o vomitado da casa de banho. Ela pontapeia, furiosa, a porta da divisória, e esta atinge-me o nariz; quando a dor amansa e confirmamos que não vai sangrar, ela paga-me um *shot*, embora não peça desculpa.

Os noivos começam a curtir na pista de dança, e eu vejo a mão de Trace a subir aos poucos pela camisa da rapariga. Dallas observa-me sempre que olho para Trace. Desconfio que um dia irei acabar na bagageira de Dallas.

Acabo de lavar a loiça, limpo o bar e despejo o lixo no caixote. Encosto-me ao balcão enquanto a festa continua e as empregadas começam a dançar e a conversar.

Mas de vez em quando, viro a cabeça e espreito pela janela. A casa esteve às escuras, mas a porta da garagem voltou a abrir-se e a luz encontra-se acesa. Está acordado. E mantém-se ali.

Não sei o que me preocupa tanto. Estou a levar o comportamento dele muito a sério. Bebe demasiado. Isso afeta o apetite. E sem dúvida a sua disposição. Esse é o cerne do problema.

Não devia tê-lo tentado impedir de ir para a cama com Turin, no Dia das Bruxas. Era o que todos estavam a fazer. Todos estavam a beber. Ele precisa de se sentir próximo de alguém.

Mas porque não quis vir ao bar, hoje? Porque é que nunca sai?

– Trabalhaste um turno completo – diz Army, aproximando-se do bar. – Aliás, dois turnos completos. Devias ir para casa.

Fito-o, e endireito-me.

– Os meus irmãos já estão na cama, e se eu for para casa, tenho realmente medo de que a minha mãe tenha convidado o Jerome Watson e me faça uma emboscada.

Ele solta uma gargalhada, mas não pede que me explique.

Já lhe falei de Jerome Watson? Sei que contei a alguém.

Seja como for, ele não coloca mais perguntas.

– Adorei a forma como descreveste a nossa casa aos teus irmãos – os olhos dele brilham sob as sobrancelhas escuras. – Fez-me sentir novamente um certo orgulho. Talvez dê demasiado valor às coisas dos outros, ou talvez… talvez eu só precise que me lembrem de ver a beleza à minha volta. A das pequenas coisas – olha-me fixamente. – Tu tornas as coisas bonitas, Krisjen.

Torno?

Põe-se de pé.

– Vamos agora ao clube de *strip*. Devias vir connosco.

– Sou menor de idade.

– Eu sei – sorri. – Eu garanto que não haverá problemas. Não é bem a minha cena, mas acho que gostaria de te ver experimentar.

Há um brilho de malícia no olhar e, por um segundo, duvido que me agrade. Sou legalmente adulta, mas ele é dez anos mais velho que eu. Macon nunca me convidaria para um clube de *strip*. Acredito que ele consideraria isso inadequado.

Viro o olhar para a janela, encontrando a luz ainda acesa, e algo dentro de mim fica quente.

– Acho que terei ciúmes se for – murmuro.

– Por veres o Trace a olhar para as dançarinas? – pergunta.

Abano a cabeça, voltando a encará-lo.

– Por vos ver a todos olharem para as dançarinas.

O seu sorriso suaviza-se, o silêncio prolonga-se entre nós. Passado um instante, ele baixa a voz.

– Esta é a minha única noite de folga. O Dex vai ficar em casa da ama. Devias vir.

Ou seja, esta noite está sozinho no quarto. Olho de relance para a pulseira dele, como se pudesse identificar nela a que tive na mão, naquela noite.

Julgava que tinha sido Iron, mas…

Não senti o mesmo.

– Posso perguntar… – hesito, mas atiro-me de cabeça. – Quem é a mãe do Dex?

Os olhos dele turvam-se, o lindo verde torna-se cinzento.

– Não tem mãe.

Abro a boca, tentando reformular a pergunta, mas ele percebeu à primeira. Se quisesse, teria respondido.

– Desculpa.

– Também eu.

Devo conseguir descobrir através de Liv ou Trace, mas a mensagem de Army é nítida: não vai falar dela.

Começa a afastar-se.

– Devias vir hoje.

Todos começam a sair do bar, entrando para os carros com os recipientes de álcool abertos, e apetece-me ir. Todas as outras mulheres irão.

Retiro o avental, recolho as minhas gorjetas do restaurante e guardo-as no bolso de trás, acompanhando as pessoas para a rua.

– Até amanhã – digo a Iris, sem perguntar se posso sair. O lugar está quase vazio, e encerrá-lo pertence ao turno dela.

Passo pelo parque de estacionamento, os pneus derrapam pelas poças de água dos carros que transportam o grupo, e Army para dentro da *pick-up* e fica à espera da minha decisão. Dallas acompanha-o no banco da frente, Trace e a rapariga atrás.

Mas eu desvio os olhos e continuo a andar, até que ele finalmente arranca, segundo confirmo pelo canto do olho. Para o clube de *strip* sem mim.

Encaminho-me para a luz da garagem. Macon não devia passar tanto tempo sozinho.

10
Krisjen

Os faróis traseiros vão desaparecendo, à medida que se afastam. O troar dos carros desvanece-se, a Baía fica deserta, calma, e eu entro na garagem de Macon. O meu *Rover* está levantado na plataforma, a quinze centímetros do chão, e faltam-lhe dois pneus.

O carro não devia demorar tanto tempo a arranjar, mas não me queixo. Ele anda cheio de trabalho e é uma sorte tê-lo à mão. E de graça.

O altifalante na prateleira toca uma música de Hozier e eu contorno a viatura. Partes da tinta foram lixadas, todos os lugares em que havia raspões ou amolgadelas. Não fui mantendo um histórico de todas as vezes que o carro de alguém batia no meu, nem *talvez* das poucas vezes em que conduzi entre arbustos e bosques, às voltas com as amigas e causando distúrbios como uma parva.

A porta do lado do condutor já não tem o risco de meio metro na tinta prateada em que reparei uma manhã depois de sair de casa no verão passado. Por coincidência, mandara Milo passear (novamente) na noite anterior. Ambos os acontecimentos estariam relacionados.

Macon emerge da casa, detendo-se no cimo das escadas. Traz um pano seboso na mão e uma peça do carro na outra. Pigarreio.

– O Iron substituiu os dois pneus que foram danificados – disse eu, contornando o carro. – Qual é o problema dos outros dois?

Não vou ficar nervosa. Se ele me mandar sair, assim farei. Vejamos o que acontece.

Mas ele desce as escadas, dizendo:

– Estavam carecas.

Sigo-o com o olhar, avaliando as olheiras escuras que já se tornaram permanentes. Julgava que se enfiaria na cama, após o duche. Vejo o saco de comida em cima da mesa, intocado.

Agacho-me, apanhando um pedaço de lixa do piso de betão.

Mas um silvo alcança-me os ouvidos, e fico imóvel de imediato, a arfar. Uma cobra está encolhida num lado da porta da garagem, cinzenta com manchas pretas. É uma…

É uma…

Oh, merda.

Viro os olhos para Macon, mas ele já está lá. Debruça-se e eu abro a boca, querendo gritar-lhe que não se mexa, mas ele puxa pela cauda do animal, agarra-lhe o pescoço, e só o vejo entrar na rua e atirar a cobra para o matagal do outro lado da estrada.

Respiro com força, o coração martela-me o peito, mas ele vira-se e volta para a mesa de trabalho, sem olhar para mim.

Era uma…

Era uma…

Mas que raio? Há vida selvagem nas redondezas, mas aquela era uma víbora. Uma cobra cascavel. Na sexta classe, fizemos um projeto sobre os perigos da vida selvagem da região. Recordo-me bem.

Levo a mão à boca, pronta a vomitar.

Passo o olhar em volta, procurando outras. Não acontece com frequência, pois não? Não as vemos em St. Carmen.

Olho de relance para Macon. Ele agacha-se no lado oposto do carro e começo a ouvir o som da lixa a raspar a tinta, como se o que acabou de acontecer não pudesse ter acabado mal.

Como se ter ido atrás de um jacaré à solta, sozinho, não fosse também um ato negligente.

Não para de brincar com a morte.

Demora algum tempo, mas desloco-me para o lado oposto ao dele, junto ao carro, e ponho-me a lixar a pequena marca que ele, provavelmente, ignorava que existisse. Não era obrigado a arranjar-me a pintura, mas é demasiado tarde para tecer comentários. Agora tem mesmo de a reparar.

Passo o papel por cima do pequeno raspão, mas após alguns minutos, o braço começa a doer-me. Mudo de posição, e aplico os músculos. As pontas dos dedos formigam da fricção.

Espreito-o através das janelas do lado do passageiro, mas quando ele olha para cima, baixo a vista. Ele não me expulsou. Interpreto-o como um bom sinal.

Mas logo a seguir, encontro-o ao meu lado. Olho para cima, e vejo um par de luvas na mão.

– Estou bem – garanto-lhe.

– Calça-as – diz. – As mulheres deviam ter mãos macias.

Arqueio um sobrolho.

– Porquê? Por sermos delicadas?

Por favor…

Mas ele despeja:

– Porque são mães.

Volto a encará-lo e pela primeira vez ele pestaneja. Depois baixa o olhar.

– Mesmo quando não o sejam.

Não sei o que isso significa, mas paro o que estou a fazer. Não sou mãe. Nem serei tão cedo.

Esfrego o polegar pelas pontas dos dedos, reparando que continuam macias, apesar de as lavar centenas de vezes por dia no restaurante. Paisleigh gosta de sentir em mim o cheiro da loção que Mariette coloca ao lado do lava-loiça.

Aceito as luvas, e depois ele dá uma palmada no carro, junto ao tejadilho, para indicar outro raspão que eu ainda não tinha notado.

Considero este sinal como um convite a ficar.

Ele acaba de polir o raspão no cimo do tejadilho causado pelo ramo da árvore em que embati, e eu lixo a pintura à volta das cinco pequenas marcas feitas pela garrafa de *Coca-Cola* que Mars atirou ao ar e que acidentalmente tombou em cima do capô. Macon põe-se a substituir as duas jantes, e eu examino o carro uma última vez à procura de mais defeitos.

O «High Enough» dos Damn Yankees desata a tocar e, de súbito, não consigo parar de sorrir. Aplico-me naquele raspão mais uma vez, perdida em pensamentos.

– O meu pai costumava ouvir esta música – comento. – Quando era pequena.

Ele agacha-se no outro lado do carro, voltando a apertar as porcas das rodas.

– Ele tinha um *Corvette* dos anos oitenta que comprou durante a faculdade – continuo -, e eu nem podia tocar no carro, mas ele comprou-me um daqueles carros motorizados infantis, e eu punha-me a arranjar o meu, enquanto ele mexia no dele – imagino o cenário na minha cabeça. Ele posicionado na entrada da garagem, e o meu carro logo atrás. – Era cor-de-rosa… o meu, quero dizer… e eu gosto de cor-de-rosa, mas o carro tinha uns quinze tons de rosa. Era horrível – rio-me sonoramente, acompanhada de lágrimas. – Ele bebia uma cerveja e eu uma garrafa de refrigerante de morango. No acesso da garagem. Com a música aos berros. Uma brisa suave.

Engulo, sentindo as agulhas na garganta. Era perfeito.

Não o vejo há meses.

– Ele era uma pessoa diferente na época – comento, a voz mais baixa. – Deve ter-se esquecido das coisas que adorava.

As suas faixas de cabelo, o seu *Corvette*, os seus sonhos…

– Um dia também me hei de esquecer daquilo que adoro – recomeço a lixar. – A vida apodera-se de nós, e pronto. Perdemo-nos. Aquela pessoa que fomos aos cinco anos é que representa a nossa verdade. Antes de a vida começar a arrasar-nos.

O meu pai jamais andaria obcecado com carteiras de ações quando era puto. Desejava outras coisas.

Vejo a mãe de Clay, que agora anda à solta. Comprou uma casinha à beira-mar. Aprendeu a jardinar. Usa calças de ganga e come gelado no passeio.

A regredir, opina a minha mãe. Uma crise de meia-idade, refere.

Mas não é. A mãe de Clay não está a ter uma crise de meia-idade, mas a recordar-se da sua verdade.

Encaro Macon pelas janelas, e vejo-o ali sentado, imóvel.

Não quero vender nenhuma parte minha a Jerome Watson. Não quero perder tempo.

Acerco-me dele, e Macon repara, mas começa a montar o pneu outra vez. Já havia montado os outros, e agora removia as porcas daquele quarto. Em que Aracely espetou a faca. Roda a chave inglesa, afrouxando o primeiro parafuso.

– Posso tentar? – peço. – Para aprender? Para quando tiver uma avaria na estrada e esteja sozinha?

Ele abre a boca, inspirando o que parece ser o início de um suspiro, e endireita-se, sem me olhar.

Inclino-me, pego na chave inglesa com ambas as mãos e puxo; o parafuso roda sem dificuldades. Vou torcendo até que se solta, e depois encaixo a ferramenta noutro parafuso. Volto a agarrar com as duas mãos, e puxo, mas desta vez não se mexe. Puxo mais uma vez com todas as forças. Macon deve ter afrouxado o último. Puxo várias vezes, resmungando, mas então paro e olho para cima.

– Sabes que mais? Devíamos gravar um TikTok.

Mas ele comenta:

– Sai daí.

Assim faço e vejo-o pisar a haste comprida da chave inglesa com uma das botas de proteção, e depois aplicar-lhe o peso do corpo para afrouxar o parafuso, exemplificando-me.

A haste desloca-se e ele sai de cima.

– Que fixe – lanço-lhe um sorriso rasgado. – Obrigada.

Ele não retribui o sorriso. Afasta-se, e eu volto a agachar-me, rodando a chave inglesa até o parafuso saltar.

Espreito por cima do ombro.

– E obrigada pelos pneus.

Ele abre o saco de comida que lhe deixei há horas, fareja-o, faz uma careta e larga-o em cima da bancada de ferramentas.

Não sei porque é que simplesmente ele não lhe diz para preparar um bife ou um guisado ou mesmo uma omelete. Algo leve, se está farto de hambúrgueres. Basta mandar um SMS.

Deslocando-me para junto do pneu, dobro-me de joelhos e estico as mãos, agarrando-o por trás. Puxando para um lado e para o outro, solto-o do eixo, mas Macon junta-se a mim antes que me caia em cima dos pés.

Ele tenta agarrá-lo, mas impeço-o.

– Pega no outro lado.

Ele comprime os lábios e levanta a outra ponta, recuando com rapidez; avanço rapidamente para não o largar.

– Porque não foste para o clube como toda a gente? – pergunto, quando pousamos o pneu em cima dos outros três. – Não gostavas de ir?

Ele vai expulsar-me a pontapés daqui a pouco se não calo a boca.

Sacudo o pó das mãos, fitando as suas costas viradas para mim, enquanto ele carrega no botão junto à porta da garagem, para a fechar, e desliga a luz do teto. A lâmpada pendurada no capô do meu carro ainda brilha. Aparentemente, terminámos por hoje.

Aproximo-me do lavatório e lavo as mãos com sabão.

– Vou contigo, se não quiseres ir sozinho – digo-lhe.

Mas ele abre a torneira e vocifera:

– Disse-te para usares as luvas.

Contempla a sujidade nas minhas mãos e pega numa espécie de escova que tem as cerdas cinzentas e gastas. Despeja-lhe sabão.

Pegando-me numa das mãos, esfrega-a, esforçando-se por ser gentil, a avaliar pelos nós dos dedos brancos e lábios comprimidos.

– Já foste a um clube de *strip*? – pergunto, encarando-o.

O calor do corpo dele aquece-me.

Sorrio.

– Não te imagino num clube desses.

– Porra, Krisjen, eu estive no exército.

O meu coração bate com força. Sabe o meu nome. É a segunda vez que o diz.

Não sei porque é que isso me espanta, mas a verdade é que o faz. *Foda-se, Krisjen, eu estive no exército*.

Krisjen.

Sabe quem eu sou.

– O que foi? – ouço-o perguntar.

Levanto a cabeça, encontrando-o o seu olhar atento, e percebo que esbocei um sorriso.

Enxoto o sentimento.

– Nada. Então, apetece-te ir?

– Não.

Encolho os ombros, murmurando:

– Eu cá apetecia-me.

– Para quê?

– Porque é que não queres?

– O que tens a ver com isso?

O que tenho *eu* a ver com isso? Nem sei. O que faço aqui neste instante?

– Mas que porra – atira a escova para o lavatório. – Disse-te para usares a merda das luvas.

Aprecio o rosto dele enquanto Macon deposita um sabão diferente nas minhas mãos e as esfrega. Tem uma pequena cicatriz na parte de trás do maxilar. Um sulco com alguns traços – parece uma estrela cadente. Nunca reparei nela.

Embora tenha reparado em tudo o resto.

O franzir constante do intervalo entre as sobrancelhas. O cansaço naqueles olhos. A tensão nos músculos e o stresse e a raiva que dele se desprendem em ondas cada vez mais intensas, sempre que o vejo.

Ele não é um homem fácil, mas é bom. Sei que é. Alimentar aquelas pessoas. Ajudar as famílias delas. Sacrificar a vida, tendo voltado para casa e criado os irmãos.

– Acho que alguém devia fazer-te sorrir, apenas isso.

A minha voz está tão baixa, porque o meu coração bate com força, a ponto de me doer.

– Ficaria feliz se as pessoas à minha volta obedecessem ao que peço, por uma vez que fosse – resmunga, lavando as nossas mãos. – Vocês não ouvem porque não vos ocorre que já vivi mais anos e que sei umas merdas.

O cheiro dele invade-me as narinas, e esforço-me para não envolver os dedos dele nos meus. Um formigueiro sobe-me pelos braços, desenrolando-se a partir das mãos em que nos tocamos.

– Alguém devia tomar conta de ti – murmuro, baixando a vista. – Durante a noite.

Ele para e fica ali quieto, e pode afastar-me se quiser, porque é assim que trata as pessoas. Até que estas desistem. Não quero ter medo dele.

– Tomas conta de toda a gente, o dia inteiro – digo baixinho. – Alguém devia amar-te.

O peito dele sobe e desce, e eu baixo a vista para o cinto castanho de pele que lhe aperta a cintura estreita. A pele dourada.

– Tocar-te… – mas apenas consigo dizer as palavras sem voz. Não creio que consiga ouvir.

Devia ter uma mulher. Apenas uma, pois o corpo dele não se pode estragar. Está destinado a uma pessoa especial.

Lá no fundo, também Army, Trace e Iron – e inclusive Dallas, se essa pessoa for suficientemente corajosa –, mas Macon… a ele só quero vê-lo soltar a respiração.

Ele não precisa de gajas. Precisa de uma mulher, de quem possa transportá-lo a grandes distâncias, atrás de uma porta fechada.

– Não sei dançar – fecho a torneira e seco as mãos. – Ao contrário das miúdas do clube, não sei fazer-te uma *lap dance*, mas… consigo dobrar-me ao meio.

Ele cruza o olhar comigo, a tempo de me ver agarrar na bacia, ao nível das ancas para me segurar, enquanto me curvo para trás, e toco com o rabo de cavalo nos calcanhares.

Imediatamente me endireito e agarro no porta-chaves pendurado no bolso dele, agitando as mãos num passe de magia.

– Também consigo fazer desaparecer as tuas chaves.

Atiro-as para trás das costas, ao acaso, como se ele não visse para onde foram.

Ele franze o cenho.

Estico o dedo, salientando:

– Consigo assobiar a «Avé Maria». A música *inteira*.

E desato a soprar as primeiras notas. *Aaaaaaa-véééééé Maaaaaaariiiiiaaaa.…*

Um vislumbre de divertimento atravessa o olhar dele, e surge finalmente um sorriso, algures. Conheço bem demais o seu ar carrancudo para saber que não é isto.

O corpo de Macon torna-se imponente ao pé do meu, os ombros largos prendem-me num espaço do qual não tenciono sair.

Sinto borboletas no estômago.

– Eu também sei… – sinto as faces corarem. – Fazer outras coisas.

De repente, não sou capaz de o encarar. Fito a barriga dele e murmuro:

– Coisas que não se fazem no Flamingo Flo's.

Ele não se mexe, e embora praticamente fique com náuseas ter a sua plena atenção, também me sinto em chamas.

– Não fiques zangado, pode ser? – sei que jamais se riria de mim, mas, por outro lado, não gosta que o pressionem.

Cruzando os braços à cintura, pego na bainha da camisola e levanto-a por cima da cabeça, arrancando com ela a *T-shirt*. Mantendo a vista ainda cabisbaixa, deixo a roupa deslizar pelo braço, para o chão. Aguardo apenas os segundos suficientes para confirmar que ele não me vai impedir, e de seguida, apenas vestida com um sutiã de renda azul-clara, começo a desapertar as calças de ganga.

– Não tens de me tocar – digo-lhe. – Só não olhes para a minha cara.

Mas olha. E aquele olhar incendeia-me as faces.

– Podes abrir a água? – peço, despindo gentilmente as calças para ele. – Morna, se for possível?

Sinto o olhar dele descer-me pelo corpo, para o laço das minhas cuequinhas a condizerem, até ao sutiã que não esconde os pontos duros dos mamilos.

Ele inclina-se, e sustenho a respiração quando abre a torneira atrás de mim. Ouço a água cair no lavatório.

– Muda para a mangueira – peço.

Ele faz uma pausa, mas depois… empurra a alavanca, e a água altera o fluxo, emergindo da mangueira e caindo no chão de cimento. A corrente desliza pela garagem, levada pela ligeira inclinação do pavimento, e eu inclino-me, com a mangueira na mão.

Faço descer as cuecas ao longo das coxas, estico a perna, exponho-me e deixo que a água se derrame sobre o clítoris. Vejo-a molhar-me, a provocar a pele macia e, logo a seguir, surge um forte latejar, o calor enche-me até ao fundo, e estou molhada.

O que pode acontecer de pior? Que berre comigo? Que me faça sentir estúpida?

Enfiando o polegar na abertura da mangueira, faço a água espirrar com força, banhando-me o bico, e sabe tão bem que até fecho os olhos.

Vou ao encontro do fluxo, respirando intensamente e balançando o corpo o mínimo possível; faço rodar o esguicho em círculos lentos por cima do clítoris, várias vezes.

Quem me dera que me tocasse. Eu permitiria.

Tento não levantar a vista, mas acabo por fazê-lo e encontro o seu olhar, fixo no meu rosto. O coração esmurra-me o peito. Ele não observa o espetáculo. Observa-me a mim. Aquilo que lhe pedi para não fazer.

Mas não me impede.

A água escorre-me pelas pernas, encharca-me a roupa. Inclino-me para o lavatório, e observo a água que cai em cascata sobre o meu corpo.

– Tentei usar os dedos – digo-lhe. – E um vibrador, mas prefiro isto. Às vezes, fico no duche durante bastante tempo, deitada na banheira com a cabeça do chuveiro, e… faço isto a mim mesma, sem parar.

Uma onda de prazer assola-me o corpo, e eu suspiro, o peito cedendo.

– Metes-me medo – sussurro-lhe. – Medo do que diziam de ti, em voz baixa, quando andava no secundário, e mais medo ainda do que pensava a teu respeito, quando nem sequer te conhecia – a minha mente evoca a ideia de Macon Jaeger: apesar de ter uma casa cheia de familiares, uma tribo inteira consigo, sempre o imaginei sozinho contra o mundo.

– Mas sobretudo… – arquejo. – Medo quando olhas para mim, e de só me teres olhado umas cinco vezes desde que entrei na tua casa – molho os lábios, observando os dele e odiando saber que todas aquelas histórias omitiram o facto de que se mata a trabalhar, e praticamente nem dorme. Recordo todas as vezes que os nossos olhos se cruzaram. – E medo desta certeza: que só teria ido àquele clube com os teus irmãos se tu também lá estivesses.

Queria ter ido. Mas não iria sem ele.

– Esta não é a primeira vez que vês o meu corpo, pois não? – pergunto, mas sem o conseguir encarar. – Eras tu que me observavas no deque da piscina, naquela noite?

Army, Trace e Dallas tinham ido para o Mariette’s ao terminar o Mão Direita Vermelha.

– Penso em ti – murmuro. – Alguma vez pensaste em mim? Sabes sequer que existo?

Inclino-me, o cimo da minha cabeça debaixo do seu queixo.

– Segura isto – peço-lhe, orientando a mão dele para a mangueira.

Ele agarra no objeto, e solto o rabo de cavalo, observando o peito dele subir e descer mais rapidamente quando, a seguir, desprendo o sutiã e o largo no chão.

Tento recuperar a mangueira, mas ele larga-a e a água começa a formar um rio que escorre pela garagem. Macon encosta a testa à minha pouco antes de levar a mão à parede e carregar num interruptor; ouço uma máquina ligar-se.

Respiro fundo, e olho-o nos olhos, sabendo o que vai agora acontecer. O meu coração acelera quando ele transfere o fluxo de água novamente para a torneira, lava a ponta da mangueira e depois encosta a extremidade do comprido tubo cinzento ao meu clítoris.

O tubo começa a aspirar, sobressalto-me e ele agarra-me pelos quadris com a outra mão, segurando-me contra o objeto

– Ah – começo a gemer, apoiando-me nas costas do lavatório com ambas as mãos e deixo tombar a cabeça para trás. A carne a ser-me puxada e contorço-me, embora não pare de tentar colar-me ao tubo. Abano-me, o meu cabelo tomba sobre o rosto, a sucção cria-me tonturas. *Meu Deus. Foda-se.*

Isto é muito, muito melhor do que a água.

Envolvo o braço à volta do seu pescoço, prendendo-lhe a cintura com o outro, enquanto encosto a cabeça à sua clavícula e arremesso as ancas, o orgasmo a crescer, e, foda-se, a vir.

Solto um ganido, o fervor assola-me o baixo-ventre até… assentar. Sustenho a respiração, fico hirta e agarro-o com força, gritando enquanto o orgasmo me invade. Sinto o estômago às voltas, deixo cair a cabeça para trás, aguento.

Fecho os olhos, deixo a onda amansar, adorando a sensação daquele olhar no meu corpo.

Macon desfaz-se do tubo a vácuo, e eu encosto-me ao peito masculino, agarrada ao cinto. O mundo paira com leveza. Rodopia.

E quando ele retribui o abraço, o mundo fica acolhedor. Como uma manta. Como um duche. O Paraíso.

Desejo tanto contemplá-lo. Pedir-lhe que me enfie no banco de trás do meu carro, aqui na garagem, e que entre em mim. Abro a boca para falar, mas ele levanta-me as cuecas.

– Foi muito relaxante – fala sobre a minha têmpora. – Obrigado.

Os nossos peitos acompanham-se no ritmo, e ele tira algo do bolso, olho para baixo e vejo-o enfiar uma nota de vinte dólares na fita das minhas cuecas. O meu estômago contrai-se.

– És boa rapariga – diz.

E então ele deposita um beijo na minha testa e regressa à cozinha, fechando a porta atrás de si. Deixando-me sozinha com as calças de ganga à volta dos joelhos e sem ter olhado para a minha cara nem enunciado o meu nome.

Cerro os dentes para impedir o queixo de tremer.

11
Krisjen

NÃO fiquei chateada. Já se passaram alguns dias e ainda penso no que aconteceu, mas não fiquei chateada. Macon não voltou a olhar para mim desde aquela noite, nem a tratar-me pelo nome. Não começou a sorrir nem deu a entender que o sucedido contribuiu para a sua boa disposição. Hoje de manhã, ao sair do carro para o emprego, ouvi-o gritar com Trace, e Mariette anda em polvorosa, depois que recebeu uma chamada dele sobre um assunto qualquer, que a enervou sobremaneira. Todos os dias me entrega a refeição, para lhe levar, e todos os dias a deito no caixote do lixo à porta do restaurante.

Ele não sente falta da comida, pois não ligou para se queixar. O que come durante o dia não faço ideia.

Pronto, fiquei um bocadinho chateada. Humilhei-me. Porque é que fiz isto a mim mesma? Porque terei pensado que seria eu a única pessoa com quem ele se abriria, finalmente? Porque tornar Macon Jaeger feliz representaria algo importante. Porque sou arrogante e presunçosa. Uma adolescente rica, treze anos mais nova que ele, e que jamais experimentou a verdadeira dor. Nem sabe o que significa ter de lutar pelas coisas.

Achavas que ias ser profunda ou outra merda dessas, não era?

Céus. Mordisco o canto da boca.

Ou não passe de um imbecil de merda que me pagou pelos meus serviços, pois nada represento na sua vida.

Vinte dólares… esfrego os olhos cansados… todas as noites são mal dormidas.

– Olá…

Clay entra no bar e ocupa um dos muitos bancos vazios diante de mim. Ela tem cabelo de praia, o que é muito invulgar em si. Mas adoro-o.

– Serve-me – pede, largando a *Prada* no banco ao lado dela.

Levanto as sobrancelhas.

– Por favor? – faz beicinho. – Eu curo a ressaca na cama da Liv. Não vou conduzir. Prometo.

Inspiro e, descruzando os braços, afasto-me do bar com um empurrão. Encho um copo com gelo, pego na sua vodca predileta, misturo-a com gin tónico e junto uma lima espremida. Empurro a bebida pelo balcão na direção da minha amiga, que, tal como eu, ainda não tem idade para beber.

Ela geme ao levar a bebida aos lábios, dando três goles.

– Hoje descobri que adoro trabalhar com os mortos – diz, pousando de novo o copo.

Eu desfaço-me num sorrisinho. Clay trabalha numa funerária enquanto frequenta a faculdade *online*.

– Temos uma pessoa que faz a maquilhagem, sabes? – pergunta, mas não é bem uma questão. – E também trata do cabelo. Mas não, a filha da falecida quer ser ela a fazer isso, portanto deixo-a entrar. Levo-a para a sala e ela passa-se porque a mãe está nua.

– Estava nua?

– Claro que não, tinha um lençol a tapá-la! – faz-me um ar zangado como deve ter feito com a coitada da filha desgostosa. Clay não aprecia que lhe digam como deve agir. – Mas a filha queria que a vestíssemos, e eu tento explicar que não posso colocar-lhe a roupa do enterro antes da maquilhagem e do penteado, para que não fique suja de pó facial nem de batom.

Faz sentido. Bem, agora já sabe que tem de avisar o próximo cliente que quiser tratar do cabelo e da maquilhagem do familiar. Aprendeu uma coisa nova, mesmo que não queira admiti-lo.

Clay retrai-se.

– Acho que não tenho a paciência necessária para isto.

– Tens, sim – enfio os cotovelos em cima do bar e aproximo-me. – Só não estamos habituadas a atender clientes, Clay.

A não ser quando vestimos elegantes vestidos de festa para os jantares de caridade, em que cada prato custa mil dólares. É assim que criamos empatia. À distância. Com um livro de cheques.

– Sabes que escolheste uma carreira bizarra? – brinco, ainda incapaz de imaginar aquilo com que ela tem de lidar diariamente. – Mas, se eu partir à frente, ninguém mais poderia tratar tão bem de mim como tu.

– Meu Deus – ela lança a cabeça para trás. – Por favor, não digas isso. E, por favor, não indiques explicitamente o meu nome no teu testamento, porque não serei capaz de negar-te a tua derradeira vontade, mas também não terei coragem

para a cumprir. Felizmente, a Liv não se importa que o corpo dela seja tratado pela minha patroa, se lhe acontecer alguma coisa – ela estica a mão para pegar numa ementa. – O que não se aplica, porque também morrerei com ela.

– Vocês discutiram o que querem que aconteça, na eventualidade de uma falecer?

– Faz parte do meu trabalho – ela vira a ementa, lendo o verso. – O Macon nem quer que lhe façamos um velório. Vai logo para a cremação. É mesmo dele, nada de alaridos.

Endireito-me.

– Ele disse isso?

– Ná, escreveu no testamento – diz-me ela. – Mostrou-me a Liv. Aliás, o Macon andou a alterá-lo, no verão passado.

Fico ali parada, enquanto Clay passa os olhos pelos aperitivos, sem reparar no meu ar chocado. Ele mudou o testamento recentemente? Por que motivo?

A perda de apetite. O cansaço. A bebida. As mudanças de humor. Estará doente?

Ou antecipará uma morte prematura? Muitas pessoas adorariam que morresse. Gente que cobiça os terrenos, e que sabem que, dele, nada levariam, mas os cinco irmãos são menos capazes de se defenderem. Jamais iriam aos extremos a que Macon se presta para manter as propriedades.

Mas depois Clay arranca-me com força dos meus pensamentos.

– Gambas com coco! – berra, com ar radiante. Cruza o olhar com o meu, espetando a ementa em cima do bar. – Olha. Duas doses, por favor.

Suspiro.

– Vou ter de dar um salto ao restaurante para te trazer isso.

– Ohhh, eu sei – Clay finge lamentar-se como paga do meu comentário. – Escolheste uma carreira bizarra.

Fungo de ironia, mas apreciei que me tivesse respondido à letra. Viro-me e introduzo o pedido no sistema de restauração.

– Eu é que não estou habituada a atender clientes.

– Não foi o que me constou.

Estico os olhos por cima do ombro. O que foi que ela disse?

Clay faz um sorrisinho divertido, dobra o joelho contra o bar e cruza os braços.

– O Iron?

Resmungo em surdina.

– Merda. Quem é que te contou?

– A Liv.

– O Iron contou-lhe? – solto.

– Foi o Trace que lhe contou.

– Ai – acabo de escrever o pedido dela e viro-lhe as costas, sentindo o sorriso presunçoso sobre mim.

– Então, era ele? – insiste. – No sofá? Era o Iron?

Encho um copo com gelo e sirvo-me uma bebida.

– Pode ter sido. Não lhe perguntei, e foi bom entre nós, mas… na verdade, acho que não foi, a sério.

Um rubor invade as minhas bochechas quando o admito. Não quero sentir vergonha, mas Clay só dormiu com uma pessoa. Desconheço que importância terá o facto de eu dormir com mais homens, mas algumas pessoas consideram isso importante, e logo eu também devia considerar. O que é que Liv pensará desta situação?

– Não sei – tomo um gole, recostando-me de novo no bar. – Estou cada vez mais confusa. Talvez me recorde de uma sensação ou de um odor dessa noite que nunca existiu realmente. Talvez recorde coisas a mais.

Sentia-me mesmo em baixo naquela noite, e, portanto, é natural que me tenha sabido melhor do que noutra situação.

Mas não foi apenas o meu estado de espírito. Foi também o que ele fez.

– Quem quer que tenha sido – digo-lhe, baixando a voz –, foi como se falasse comigo sem palavras.

Fodemos, sim. Mas com intimidade.

– Merda – solta Clay.

Anuo.

– Pois.

Precisamente.

– Bem, pronto – diz ela. – Vais ter de descobrir quem foi.

Sorrio, e ela retribui, e eu preparo nova ronda de bebidas.

*

A Academia Marymount dispensou hoje os alunos ao meio-dia, mas restam alguns retardatários no parque de estacionamento. Outros deambulam pelos corredores. Faltam dois dias para o feriado de Ação de Graças, o meu preferido desde sempre, embora fosse a única da família com esta opinião. Não havia pressão para nos vestirmos de determinada forma, como no Dia das Bruxas, nem para enchermos a casa de compras, como no Natal. Bastava uma casa cheia de

gente e de comida apetitosa. Mas este ano, com a situação ruinosa da minha família, o dia será uma merda, embora faça das tripas coração para que as crianças não se ressintam. Está previsto passá-lo na casa dos avós, embora o convite não incluísse a minha mãe. E aposto que o pai nem sequer lá põe os pés, para não ter de lidar connosco.

– Krisjen, olá! – ouço vozes.

Olho para cima, e descubro Cate Laurel, Emaline Truax e Antoinette Viega, caloiras que conheci no ano passado, o meu ano de finalista. Atravessam o corredor na minha direção.

Cate vem dar-me um abraço.

– O que tens feito? Sentimos a tua falta.

Nunca saímos em grupo.

Olho de relance para o balneário feminino, esperando que a minha ex-treinadora ainda não tenha saído.

– Oh, a trabalhar – sorrio, contente por ter posto batom. Mas o que trago vestido é uma treta. – Como empregada de mesa.

Toni fica atónita.

– Porquê?

Rio-me para mim própria. E respondo com outra pergunta:

– Quais são os vossos planos?

Tiraram o uniforme e aplicaram maquilhagem. Para casa é que não vão.

Cate inclina a cabeça.

– Ainda andas com o Trace Jaeger?

Ergo as sobrancelhas.

– Onde é que eles vão estar hoje à noite? – tenta saber.

Hesito, sentindo uma corrente de ar no corredor das portas duplas abertas à entrada.

– Em casa, acho eu. Vai cair uma tempestade.

Ela sorri, e os rostos das outras duas iluminam-se.

Oh, não.

Bem, até que entendo, pois também invadi a Baía no ano passado, mas…

Deixo o olhar cair para o estômago exposto de Emaline, para os calções curtinhos de Cate.

Conheço a Baía, hoje em dia. Está mudada.

– Não atravessem para o outro lado – aviso-as.

– Não prometemos nada – Cate começa a recuar, e as outras seguem-na. – Andamos entediadas. Sabes como é.

– Não tocamos no Trace – diz Emaline. – Mas é caça aos outros.

– Qual deles é o pai solteiro? – pergunta Antoinette às amigas. – Esse fica para mim.

Nem sequer sabe o nome dele.

Risos enchem o corredor, quando se viram para trás e saem a correr pela porta.

Abanando a cabeça, aproximo-me da porta do balneário e abro-a.

Que venham, se quiserem. Os rapazes sabem tomar conta deles. Nem sequer lá passo esta noite. Acabei o meu turno.

Entro no balneário, e o cheiro do couro do basquetebol ainda permeia o ar denso dos duches que as alunas tomaram há pouco. Não se vê ninguém, e as fileiras estão vazias, a não ser pela ocasional toalha e sapatos abandonados.

Tenho saudades, em parte. Do secundário. Ainda não havia pressões para me tornar alguém.

Mas limitam-se a isto, as minhas saudades.

Dirigi-me ao gabinete da treinadora, porque, embora o meu lacrosse não fosse dos melhores, sempre fui uma jogadora de confiança. Comparecia sempre, dava o meu melhor e Reva Coomer concordou em escrever-me uma carta de recomendação para a faculdade, caso precisasse. Na semana passada, enviei-lhe um *e-mail* em que aceitava a oferta. Continuo a não ter grande interesse por continuar a estudar, mas talvez seja a única forma de encontrar um rumo. Aceitarei inclusive frequentar uma instituição próxima, de modo a poder cuidar de Paisleigh e Mars.

Mas, ao aproximar-me do gabinete da treinadora e espreitar pela janela, reparo que se encontra vazio. Rodo a maçaneta e abro a porta. Não estava trancada. Ainda deve estar por perto. Mandei-lhe um SMS, informando-a que iria buscar a carta por volta das três horas.

Claro que ela podia enviar por *e-mail*, mas quis cumprimentá-la em pessoa. De todas as aulas, as dela foram as que menos detestei.

Atravesso o gabinete e abro a porta do lado oposto, espreitando para o corredor a que só os treinadores têm acesso. Em frente, ficam os gabinetes dos treinadores dos desportos masculinos, e mais além o balneário respetivo.

Milo está sentado no gabinete do treinador Davenport, com Ana Moreno ao colo. Ela ainda anda no 11.º ano.

Vejo-os entrelaçarem os dedos, e depois ela começa a comer-lhe a boca, lenta e profundamente. Que nojo.

Que idade terá? Dezasseis anos? Tiro o telemóvel e seguro-o ao nível da cara, avançando para a janela, fazendo de conta que estou a filmar. Embora não o faça porque ela é menor de idade.

Mas Milo é um imbecil.

Ana vê-me e sai de cima dele num ápice, recuando com os punhos fechados.

Milo olha para mim e dá-lhe uma indicação, e ela escapa-se pela porta contrária. Tento conter o sorriso, enfiando o telemóvel no bolso.

Ele contorna a secretária e abre a porta do corredor, e eu levo a mão atrás, pronta a agarrar a maçaneta do gabinete de Coomer e pisgar-me, se for preciso.

Ele para, encostado à ombreira e cruzando os braços no peito.

– O que estás a fazer?

– O que fazes tu aqui? – solto.

– Sou assistente dos treinadores.

– Deixam-te à solta ao pé das meninas do secundário?

Ele teve literalmente de ir para casa para terminar o ano de formatura, na primavera passada, e embora não tenha havido uma queixa formal, todos conheciam o motivo.

Mas o sorriso dele espalha-se, mantendo os lábios cerrados.

– Mmm – anui. – E elas continuam na mesma – observa-me de cima a baixo, pois em tempos fui igualmente ingénua. – À parte estas, não há gente da Baía, como no ano passado – salienta.

Liv Jaeger foi a única aluna da Baía que frequentou esta escola.

– Sabes que metade destes pais estão interessados em derrubar aquele pardieiro – diz-me Milo. – Todos gostariam de saber como é que os Jaeger conseguem travar a vinda dos construtores.

– Não sabem?

Ele sorri.

– Sim, agora já sabem.

O que significa isso? Não disse a ninguém que há câmaras em Fox Hill. Terão encontrado alguma?

E depois percebo. Cate, Emaline e Antoinette não são as únicas que esta noite irão visitar a Baía.

– Vai haver um confinamento – lembro-lhe. – A polícia vai parar aquelas cabeças de vento antes de atravessarem a linha férrea.

Os canais começam a transbordar quando se avizinha uma grande tormenta. Será imposto um recolher obrigatório.

– Aquelas cabeças de vento – responde ele – já foram tuas colegas. Consideras-te uma Jaeger, agora?

Se Macon tem câmaras no nosso território, será possível que os Santos tenham instalado também câmaras na Baía? St. Carmen tenciona causar problemas hoje na zona. Provocarão tumultos. Propositadamente.

– Os noticiários locais nem vão ter mãos a medir, amanhã – comenta Milo.

– Porque me estás a contar que hoje vão acontecer coisas? Sabes que os avisarei.

Ele recua para dentro do gabinete.

– Quantos mais forem, melhor – e fecha a porta, encaminhando-se para o balneário masculino.

Filho da puta.

Rodopiando, retiro o telemóvel, já esquecida de Coomer.

Clay atende, mas começo a falar antes que ela tenha hipótese de dizer olá.

– A Liv está na vila?

Clay demora um segundo, mas depois responde:

– Acabou de chegar. Porquê?

Foda-se. Preferia que não estivesse presente para assistir, mas o feriado não tarda, e obviamente, viria passá-lo cá.

– Preciso da vossa ajuda, esta noite – digo. – E preciso que ambas confiem em mim.

12
Army

CÉUS, não quero ir para casa

É onde ele está. Está sempre lá, foda-se, e nunca sai. É como ficar preso num quarto a arder. É impossível ignorá-lo. É impossível não pensar no tempo que resta até que o fogo nos alcance.

Dispo a *T-shirt*, uso-a para secar o suor das costas e da testa, antes de atirá-la para o interior da *pick-up*. As nuvens escondem o sol, e o vento refresca-me a pele.

– Acho que ela até me pagaria – comenta Trace.

Sigo-lhe o olhar, vendo Elaine Bertrand, com um perfeito sentido de oportunidade, encaminhar-se para a piscina que acabámos de limpar, passando pelas sebes que acabámos de aparar, vestida com um biquíni branco. Olha-nos de relance, sustendo o olhar, o tempo suficiente para não restarem dúvidas do que pretende. A jovem esposa de Daniel Bertrand não seria uma obrigação.

Aperto a correia que segura o equipamento.

– Eu receberia mais.

– Apostamos?

Ele olha-me do alto da caixa aberta da *pick-up* com as sobrancelhas erguidas.

– Meu, cala-te, mas é – abano a cabeça. – Se fizeres isso por dinheiro, estamos ambos mortos.

E Macon também acabará comigo.

Dallas atira os sacos do lixo cheios de aparas para dentro da *pick-up*, enquanto Trace pula para o chão, o suor colando-lhe o cabelo às têmporas.

– Mas tu já o fizeste, não foi?

Interrompo-me com um olhar atónito.

– Quantos rumores é que correm por aí a meu respeito e do Macon?

– Não, este rumor é apenas a teu respeito.

Resmungo.

– Ora que bom.

Pego na geladeira que está no meio do acesso da casa e empurro-a para o chão do banco traseiro.

Trace segue-me.

– Sabes, eu cá não me incomodaria com isso – diz-me. – Tinhas a minha idade quando tu e o Macon se viram a braços com um bando de putos para criar. Sem falar em toda a gente da Baía de quem cuidavam. Se fizeste o que tinhas de fazer, então…

Não olho para ele, sentindo todos os músculos em mim ficarem tensos.

– Então o quê?

– Então fico contente – diz. – Quero dizer, não é contente de *felicidade*. Preferia que não tivesses sido obrigado a isso, mas fico grato. Eu jamais seria capaz de fazer tudo o que fosse preciso para cuidar de nós.

Nunca tudo o que foi preciso. Não chegou a esse ponto.

Respiro fundo.

– É quando te põem à prova que descobres aquilo de que realmente és capaz – baixo a voz até murmurar. – E do que não és.

– Então, sempre…

– Não fodi em troco de dinheiro – disparo. – Imbecil.

Ele sorri, e reviro os olhos. Trace nunca faz perguntas. Habitualmente.

Sei que todos eles estão a par dos rumores a respeito do que eu e Macon fomos obrigados a fazer para pagar as contas. Alguns são verdadeiros, outros nem por isso, mas não quero reviver nenhum deles. Iron era suficientemente crescido para se lembrar de algumas coisas, e por isso nem pergunta. Dallas não se imiscui em temas pessoais, e Liv simplesmente faz vista grossa, porque ter consciência do quanto nos dispusemos a fazer para lhes garantir uma vida só lhe traria mágoa. O passado está fechado.

Quem diria que Trace seria o único com coragem para descobrir?

– Bem, eu sei do que sou capaz – intromete-se Dallas, avançando para nós. – Nem me importava que me pagassem para dar uma queca.

Lanço-lhe um olhar.

– O Macon só precisa de um motivo para acabar contigo.

Mas ele limita-se a escarnecer, colocando a mão debaixo da saída da geladeira e enchendo-a de água. Deita a cabeça para trás, espalha a água no cabelo, alisando-o.

– Ele mal consegue levantar o traseiro daquele banco na garagem. Já olhaste bem para ele? Ultimamente, anda mesmo com mau aspeto.

Mas não é a primeira vez que fica com ar de desgraçado; eles é que são muito novos para se recordarem. Fecho a portinhola traseira, ignorando Elaine, que não parou de olhar para nós.

Macon não daria cabo de Dallas se este andasse a foder em troca de dinheiro de que já não precisamos. Somente pensaria que, afinal, não valeu a pena.

Trace olha para mim.

– O Macon tem algum problema? – pergunta.

– Não.

– Iria dizer-nos se tivesse?

– Não.

Trace dá-me uma palmada na cabeça, e eu rio-me e contorno a traseira da carrinha enquanto ele me persegue.

– Pensa nisto! – saliento. – Se ele matasse o Dallas, seria menos uma boca para alimentarmos. E com o Iron fora de casa, restaria um quarto disponível. A Krisjen podia viver connosco.

Trace tenta vir contra mim, mas eu espeto a mão na cabeça dele e mantenho-o à distância.

– Quando é que lhe dás uma queca – berra-me Dallas – para ela poder passar depois para o Macon, acabar de dar a volta e ir-se finalmente embora?

Trace para, olhando para Dallas.

– Não te metas com ela.

– É boa rapariga – acrescento, encaminhando-me para o lado do condutor. – E não lhe vou dar queca nenhuma.

– Mas olhas para ela.

Olho de relance para Trace, mesmo tendo sido um comentário de Dallas. Iron já se meteu com Krisjen. Criei Trace como um pai. É diferente.

– É linda – é tudo o que digo. – Sou uma pessoa visual.

Trace ri-se, abrindo a porta por completo e pulando para o assento ao meu lado. Dallas enfia-se na parte de trás.

– Não faz mal – diz-me Trace. – Também não descolava os olhos dela durante algum tempo. E é uma Santa. Elas têm aquele travo excitante, porque não as podemos ter. Como se fosse proibido – ele olha para mim. – Como tu te deves recordar.

Hesito, a mão sobre a chave na ignição.

– Porque é que me estás a chatear os cornos?

Ele sabe que não deve tocar no assunto.

– Ela é boa – diz ele, parando de sorrir. – É mesmo boa. O melhor que já tive, lamento dizer.

Lamenta porque não a ama e desejava poder amá-la.

– Quando não estamos a fodê-la – continua –, pensamos em fodê-la.

– Não fales assim dela – ligo o carro, esperando assim calar a conversa.

Ela trabalha duramente, é de fiar, de confiança, e gira de morrer. E é esperta. Mais do que gostaria que fosse.

Não nutro segundas intenções a respeito dela. É uma miúda. Mas é uma pessoa e amiga dele. Não devia falar dela como se fosse um objeto de descontração.

– Acho que precisas de outra Santa – diz ele. Antes que lhe possa dizer que se cale, ele volta-se para Dallas. – E talvez tu também precises de uma – sorri-lhe. – Ela gosta de morder.

Que porra.

– Passa-me uma cerveja – vocifero a Dallas.

Trace ri-se, mergulhando no telemóvel enquanto Dallas enfia a mão na geladeira e me entrega uma lata por cima do banco. Abro-a e tomo um gole, pousando-a no suporte das bebidas e engatando o modo de condução.

Mas depois Trace rosna:

– Ah, porra!

E eu travo.

– Que grande merda! – berra, e vejo-o colocar o cinto, o que nunca faz.

– O que foi? – pergunto.

– Aquela gaja! – rosna. – Sempre a chatear-me!

– Quem?

– A Krisjen! – diz, como se não a tivesse louvado há segundos. – Temos de ir para a casa dela, porra.

– Mas aproxima-se uma tempestade.

Ele exibe o telemóvel, e não entendo o que vejo, a não ser a figura de Milo e uma rapariga parecida com a nossa irmã. Liv e Milo. Na mesma foto. Na casa de Krisjen.

Acelero, nem sequer atento aos outros carros quando nos enfiamos na estrada, e viro logo para a esquerda.

*

PEÇO a Trace que envie uma mensagem a Macon, informando-o de que chegaremos tarde a casa. Já está a escurecer, e é preciso trazer Dex da ama e dar-lhe o jantar.

Não faço ideia o que terá passado pela cabeça de Liv – nem da Krisjen.

Quando estacionamos junto à casa dela, o portão encontra-se escancarado e o acesso rodoviário cheio de carros.

Trace suspira.

– Foda-se…

Yeah. Algo se passou. Krisjen jamais celebrou uma festa na sua própria casa. Desde que a conheço.

E até entendo que Milo, ao tomar conhecimento, tenha aparecido, mas ela bebia um copo com ele. Numa foto publicada há duas horas. Duas horas, merda. Sabe-se lá o que aconteceu desde então.

Liv também estava presente – com Clay –, depois do que ele lhe fez na primavera passada? Não faz sentido.

Krisjen também não nos convidou. Ela frequenta todas as nossas festas.

Contorno as árvores bem arranjadas no centro do acesso e estaciono ao lado de um *BMW* preto, sem me interessar se o bloqueio. Saltamos e aproximamo-nos da casa, mas eu avanço diretamente para o quintal. Um casal está aos beijos no banco traseiro de um descapotável, e eu olho rapidamente em volta, à procura da polícia ou dos pais.

Dobrando a esquina da casa, enfiamo-nos por entre dois ciprestes que integram um muro de privacidade, e entramos no pátio traseiro.

Se é que lhe podemos chamar isso.

Tem praticamente o tamanho de um campo de futebol americano. Um bonito azulejo de pedra que recorre a tons leves e elegantes, quase como um padrão do Tetris. Um quadrado, unido a um retângulo, ligado a outro quadrado. O arvoredo confere sombras a três áreas de lazer distintas, duas com braseiros. Um manancial de foliões dança e circula, a conversar e a beber.

Reconheço algumas caras. Gente que se formou ao mesmo tempo que Liv e veio da faculdade para passar o feriado em casa. Gente mais velha e também… muito mais nova.

Krisjen está enfiada na piscina ao nível da cintura, vestindo um biquíni amarelo, e conversa com a minha irmã, que se recosta nos braços de Clay.

Perscruto o deque, mas não encontro Milo.

Trace tenta ir na direção dela, mas impeço-o com o braço. Sou eu que avanço: ele e Dallas seguem logo atrás.

Acerco-me da beira da piscina, e Liv é a primeira a virar-se, seguida de Krisjen.

Fixo-me nela.

– O que estás a fazer? – pergunto.

Entreabre os lábios, mas só consegue soltar:

– Olá.

Vários cabelos que se desprenderam do carrapito que usa no alto da cabeça dançam diante daqueles olhos azuis – os quais se arregalaram, agora, quando me viram. Um tudo-nada assustados.

Agachando-me, enrolo o indicador, indicando que venha até mim.

Obedece, devagar, porque sabe que fez asneira.

– Nem acredito que eles vieram – comenta alguém na piscina, mas mantenho a atenção concentrada em Krisjen.

– O Callum também veio? – pergunta Dallas.

Mas Clay intromete-se.

– Não se preocupem com o Callum. Duvido que venha passar o Dia de Ação de Graças.

Dallas cala-se. Baixo a voz para que Krisjen seja a única a ouvir.

– Convidaste o Milo?

– Não propriamente.

– Mas deixaste-o entrar?

Hesita.

– Não precisavas de ter vindo – é a resposta dela. – Só queria o Trace e o Dallas.

Arqueio a sobrancelha. Então publicou a foto de propósito. Queria a presença de alguns Jaeger. Mas não a minha?

Deixo a vista deslizar pelo corpo dela. Ter Milo por perto. Vestida desta forma. Porquê?

Já me sinto suficientemente lixado com a presença de Liv, mas a minha irmã sabe defender-se. Krisjen não. Não de uma forma em que saia a ganhar.

É branda. E gosto que seja.

Flito o maxilar.

– O que festejavas com ele?

– Não acho que te deva dizer.

Franziu as sobrancelhas, preocupada, e eu baixo a mão, agarrando-a por debaixo dos braços e levantando-a da piscina. Ela solta um gritinho, Liv e Clay acorrem para me impedir, mas eu consigo apoiar os pés de Krisjen na berma.

Observo-a.

– Mudemo-nos para um lugar privado, em que me possa zangar.

Pego-lhe na mão e puxo-a, e somos acompanhados pelos olhares alheios, ao passarmos pelo braseiro, e a seguir, pelo grupo de pessoas junto à entrada das traseiras.

Ela segue-me, segurando-me a mão com tanta força como aperto a dela, e um raio de alegria anima-me o coração.

No entanto, assim que entramos em casa, paro. Que porra é esta?

Néon brilha por toda a parte neste espaço, de outro modo, escuro. Nas barrigas das pessoas, nas pernas expostas, nas costas…

A maior parte das luzes está apagada, e descubro uma luz negra montada sob o candeeiro da cozinha. Avanço, passo pelas escadas, entrando no átrio apinhado de corpos nus e suados, pintados de amarelo, púrpura e rosa, e que se bamboleiam ao som da música. Há pessoas com fatos de banho, outras com roupa interior.

Paro novamente, o brilho difuso das luzes colorindo de azul o papel de parede das escadas. «Your Woman» ecoa pelos altifalantes, e até me espanta que ela me consiga ouvir quando pergunto:

– O que se passa aqui?

– É uma festa de luz negra – responde. Aproxima-se de mim, olhando em volta, algo satisfeita consigo mesma. – Disse às pessoas que trouxessem pouca roupa, e eu forneceria os marcadores.

Uma rapariga em *topless* permite que usem o corpo para desenhar, um tipo assina-lhe o traseiro enquanto uma rapariga lhe pinta os mamilos. Algumas pessoas exibem desenhos vulgares e palavras imbecis, enquanto outras trazem figuras exóticas e flores e sinais de «Classe de…»

– Algumas são bonitas, não são? – pergunta.

Viro-me para ela, e noto que também se encontra coberta. Não tinha reparado, na piscina.

Tem o desenho de um coração na face, abdominais traçados à mão na barriga, e eu sorrio, ao ver o símbolo da Mulher Maravilha ao peito. Escreveram-lhe palavras ao longo dos braços, e decifro algumas. *Linda. Cheira bem. Feliz. Doce. Amável. Lugar seguro. Quem me dera ter-te beijado.*

– Um tipo qualquer do meu ano de finalista escreveu-me isto – ela passa os olhos pelo braço direito. – Era muito calado, mas acho que o tratei com simpatia e, portanto, lembrou-se de mim.

Examino-lhe o rosto, pegando no queixo e esfregando com o polegar as marcas dos salpicos espalhados pelo canto da boca.

– Foi o Milo que desenhou esta parte?

Impeço-me de esfregar com demasiada força, pois quero limpar tudo.

– Porquê? O que diz? – pergunta.

Mas ela não viu o que ele fez?

Inclino-me, o marcador cor-de-rosa sai lentamente, mas está a borrar. Ela observa-me, e eu a ela, e uma vontade apodera-se de mim. Não penso. Mergulho e chupo-lhe levemente o canto da boca.

Ela pousa as mãos abertas sobre o meu estômago, com a respiração aos soluços, mas não me afasta.

Sou meigo, lambendo-lhe a pele, e a minha boca mal roça a dela.

Céus. Não toco numa Santa há demasiado tempo.

Endireito-me, mantendo o olhar fixo no seu, e continuo a limpar-lhe a boca com o polegar, enquanto escolho um marcador da tigela situada à minha direita. Traço uma linha grossa no meio da testa, cinco pétalas de margarida debaixo do olho esquerdo e uma série de triângulos a partir do nariz, passando pelo lábio superior, até ao queixo e ao pescoço. Afasto-me e coloco a tampa no marcador.

– O que foi que desenhaste? – pergunta.

– Não faço ideia.

Pintura de guerra, talvez? Ficou gira.

Tira-me o marcador da mão, ela puxa uma cadeira, coloca-a diante de mim e salta para cima dela. Destapando um marcador, aplica-o como se fosse batom, prende-me no seu olhar e apetece-me erguer as mãos e sentir-lhe as coxas.

Mas não o faço. Fico a observar.

Atirando o marcador para o lado, Krisjen agarra-se ao meu pescoço, e sustenho-a enquanto me envolve a cintura com as pernas e se cola a mim.

Ela beija-me o ombro, deixando a impressão dos lábios, como evidência de que aqui estive e de que só ela me tocou.

Apertando-me ainda mais nos braços, inclina-se para o meu ouvido.

– Trancámos o Milo numa arrecadação, na dispensa – diz-me.

Não murmurou, mas ninguém nos consegue ouvir com esta música alta.

– Todas estas pessoas tencionavam ir para a Baía, esta noite. Ao cemitério – depois recua e encara-me nos olhos, dando-me oportunidade para responder.

O cemitério. O nosso cemitério.

– Porque não nos disseste? – pergunto-lhe.

– Porque teriam protegido a vossa propriedade – diz-me ao ouvido novamente. – Sabe-se lá o que teria acontecido então.

– Então, deste uma festa como forma de os convenceres a ficar?

– Praticamente – anui, orgulhosa de si mesma. – Também prometi que os Jaeger estariam presentes, e isso garantiu a presença das mulheres, afastando-as da Baía.

Então ela precisava realmente de nós aqui.

– Foi por isso que publicaste aquilo – digo, mais para mim mesmo. – Sabias que o Trace iria ver.

– E que havia de vir e trazer o Dallas, pelo menos, e os dois maiores reacionários, sem contar com o Iron, estariam aqui, e não na Baía, caso o Milo e amigos acabassem por ir, por conta própria.

E quando ela disse, «Não eras obrigado a vir», não estava preocupada comigo. Ela sabe que eu não desato aos murros, se os Santos invadirem a Baía.

Mas não quereria Trace e Dallas presentes se Milo estivesse aqui, pois não? Desencadeariam indubitavelmente uma briga.

E depois faz-se luz. *A dispensa.*

– Tiveste de livrar-te do Milo antes que o Trace aparecesse – penso em voz alta.

Ela sorri com orgulho de mãe, como se o filho tivesse descoberto a pólvora.

– Ao Milo pouco lhe interessa o lugar do confronto. Ele ataca onde quer que possa enfiar um Jaeger na cadeia. Mas, agora, o Milo está a pensar na vida, fechado na dispensa, vocês apareceram, conforme prometi a toda a gente, e a Baía encontra-se segura. A sério, fazer com que tudo isto tenha acontecido é de génio.

Sacudo-me de riso, apertando-a contra mim.

– Gosto de pessoas que pensam como eu. Faremos uma boa equipa.

Não recusaria a ajuda dela para tomar conta de Iron, Dallas e Trace.

– Mas… – saliento. – Se alguém tiver a intenção de cavar as nossas sepulturas, preciso de ser avisado no futuro.

Sei exatamente o que procuravam no cemitério.

Ela riposta:

– Não precisas, não. Saberás que vai correr mal se tentares impedi-los. Os Santos nem sempre vencem, mas nunca pagam pelo mal que causam. Dás tempo ao tempo.

Abraço-a, detestando o facto de um Santo julgar que tem direito a manipular-me ou à minha família.

Mas ela pode manipular-me sempre que quiser. Gosta de nós.

– Além disso… – ela começa a mexer-se ao som da música nos meus braços. – Os Santos? Cavarem? Dois metros de terra? À chuva? Ná.

Rio-me.

– Limitar-se-iam a partir as lápides – diz, mas apressa-se quando tento contrapor: – Entendo que sejam antigas e sagradas, mas os corpos não teriam sido mexidos.

Contudo, não se deixarão demover para sempre. Desde que a merda do navio atracou que nos fodem o juízo.

– Obrigado – inspiro a tinta corporal com cheiro a fruta, e fito-lhe os lábios de néon púrpura. – És boa nisto.

– No quê?

Abano a cabeça, tentando encontrar as palavras.

– A… seres uma amiga.

Ela sorri, uma luz linda banhando-lhe o olhar.

– Obrigada.

Meiga e sincera, agradece como se fosse o melhor elogio que recebeu na vida. Envolve-me o pescoço com os braços, apertando-me com força.

– Mas mesmo assim, não quero que voltes a fazer isto – indico, durante o abraço. – Refiro-me ao Milo. Ele há de magoar-te. Sempre que puder.

– Está bem – concorda, e adoro a forma como cede rapidamente. – Não volto a fazê-lo.

Não sei se acredito nela, mas espero que me envolva mais cedo, quando decidir resolver o assunto autonomamente.

Continuo a abraçá-la enquanto as pessoas passam e a música vibra, e nem pensem que me apanham a dançar, mas também não me tiram daqui. Enquanto ele estiver por perto.

– Estou velho demais para esta festa – digo.

Devo ser o mais velho no grupo.

Ela recua, o sorriso mais suave.

– Também eu.

Segura-se a mim com um braço, solta o carrapito com a outra mão.

– Mas se lhes pedir para se irem embora – declara –, o Trace e o Dallas ouvirão as pancadas do Milo nas paredes da dispensa. E sabes o que vai acontecer depois.

O cabelo castanho solta-se à sua volta, mas mal lhe presto atenção, sentindo o calor do interior das suas pernas aquecer-me o estômago.

– Então, quanto tempo devíamos esperar? – entro no jogo.

– Até a chuva parar.

Os chuis não deixarão ninguém entrar na Baía que ali não pertença.

– Então, o que fazemos? – pergunto.

– Parece-me que já estamos a fazer alguma coisa agora.

Aperto as coxas de Krisjen com mais força, ela encosta o corpo ao meu, e uma sensação de *déjà vu* enche-me a mente, sentindo-me imediatamente ardente dos pés à cabeça. Céus, é tão bom senti-la.

– Porque é que o Dallas não gosta de mim? – pergunta.

Estreito a vista.

– E queres que goste?

– Claro.

A rapidez da resposta espanta-me, quase tanto como a resposta em si.

– Bem, se não gostar, não morro – salienta sem demoras –, mas espero ir convivendo convosco no futuro. Seria muito mais fácil se ele se deixasse destas brigas. Qual é o problema dele?

– Não és tu – digo-lhe. – Ele anda assim há muito tempo.

Embora tenha piorado no ano passado, mais ou menos. Há anos que se mostra intolerante, com pavio curto e irritadiço, mas admito que é uma grande besta no que toca a Krisjen. Não entendo o motivo.

– Quando os nossos pais morreram, ele tinha a idade errada – digo-lhe. – Catorze anos, era demasiado novo para ser tratado como um homem, e demasiado velho para ser protegido como uma criança. O Macon não sabia como lidar com ele. Nem eu. Ele só… queria sempre ficar sozinho, e nós deixávamo-lo – faço uma pausa. – E se calhar fizemos mal.

Tínhamos outras preocupações em mente. Era mais fácil ignorar e esperar que aquilo que o incomodava acabasse por se resolver

– Não acho que o Macon soubesse fazer de forma diferente, se pudéssemos voltar atrás – admito.

– E tu? – ela inclina a cabeça. – Como é que aguentaste aquela época? Tinhas apenas o quê, vinte anos?

Hesito. Não gosto deste tipo de perguntas.

Mas a pergunta é simpática. Liv, Dallas e Trace eram demasiado novos, e nunca quis que Macon tivesse preocupações comigo. Já lhe bastava o resto.

– É quando somos testados – digo-lhe – que descobrimos do que somos realmente capazes ou não – estas mesmas palavras, disse-as a Trace há menos de uma hora, ainda que não tenha explicado o significado e ele não tenha

questionado. Pigarreio. – Poucos meses depois do que aconteceu, o Macon e eu tentávamos manter as coisas em pé, a muito custo. As pessoas da Baía precisavam de ajuda, mas nós mal conseguíamos alimentar os nossos próprios miúdos. Os clientes desapareceram quando o meu pai morreu e St. Carmen não nos largava. Íamos perder a terra a qualquer momento – sustenho-lhe o olhar. – Foi quando estávamos na mó de baixo que apanhámos mais pancada.

O olhar dela rebusca o meu, e noto a preocupação ali gravada. Já percebeu que a história não tem final feliz.

– Estávamos numa casa – continuo – a concluir os trabalhos de jardinagem. Já era tarde. E lembro-me de me perguntar porque é que nos tinham pedido para vir a uma hora tão tardia. Normalmente, passávamos por essa casa no início do primeiro dia do mês.

Alguém guincha, mas não tento olhar. Nem me interessa sequer a festa.

– O marido chamou-nos para dentro – digo-lhe –, e começou a fazer conversa fiada. O Macon só queria vir-se embora – solto uma gargalhada fraca, percebendo que ele não mudou nada. – Foi quando ele nos fez a proposta.

Ela fica calada, esperando que eu detalhe.

– Queria que subíssemos ao quarto, mais a mulher dele – faço uma pausa. – Nós os dois. E queria assistir.

Ela fica atónita.

– Tu não…

– Mas se calhar devia. Ofereceu milhares de dólares – explico. – Mas o que se passa é isto, Krisjen. Descobri que não era capaz de fazer, mas talvez me tenha dado a esse luxo porque tinha o Macon. E ele sempre tomou conta de nós. Descobria dinheiro, sei lá como. E depois mais. E depois mais. E sinceramente nem sei se o roubava ou matava para o ter, só estava grato por não me ter sujeitado a aturar aquela gente de novo.

Nem sequer foi por causa do sexo. Até a teria fodido. Até seria pago para tal e com o marido a assistir.

Seria a humilhação, pois eles ficariam para sempre a julgar que nos podiam comprar por um valor; a vergonha de vivermos do outro lado da vila. De ter de encontrá-los, ao longo dos anos, ciente de que detinham este poder sobre nós. Eu tinha vinte anos. Quase vomitei na entrada da garagem ao sair.

Nunca deixarei que Dex se exponha a uma situação igual.

Olho para baixo, para os olhos dela, vendo aquelas piscinas azuis e segurando aquela pele macia de que tanto gosto, mais do que alguma vez admitirei, pois os Santos têm todos a mesma textura. Como se nunca tivessem trabalhado na vida,

nem malhado debaixo do sol quente.

– Presumes que o Dallas é o único que não gosta de cabrinhas ricas que nos manipulam como marionetas – aproximo a cara da dela, o meu nariz quase roça o seu. – Mas por mais meiga que te mostres agora, daqui a dez anos vais tornar-te igual a elas, não achas?

Ela solta um arfar rápido e curto, enrolando os dedos e enterrando as unhas na minha pele. Ela abana a cabeça, e eu abano-a a ela.

– Não és diferente – declaro. – Não és. Podemos fingir o quanto quisermos, mas sabemos como é que a história acaba.

Aperto-lhe as coxas, e ela solta um gemido. Descarrego nela, e nem sei a razão.

Mas sabe-me bem. Já não tenho vinte anos, e quero foder todas as filhinhas desta vila, embora tivesse dito a Trace que nesta não tocaria. Educaram-na para ser desejável. Só servem para isso.

A tesão incha-me as calças de ganga.

Mas ela responde, tocando-me na cara.

– Olha para mim – pede.

Assim faço.

– Estou a olhar só para ti – murmura.

A festa desenrola-se à nossa volta, mas é como se estivéssemos a sós, porque nada mais existe. Sou a única coisa dos seus olhos, a sua voz é firme, e ela é minha até a largar.

– Queres pagar por mim? – ouço o sorriso na sua provocação. – Tens mais dinheiro do que eu. Podes brincar connosco, agora.

Ela acerca-se, roça os lábios pela minha cara, e eu envolvo-a com os braços, qual faixa de aço.

Porra, sim.

Escondo-nos atrás do vaso com a árvore, força-a contra a parede enquanto o relógio de pêndulo ao lado começa a soar as horas. Perco a noção das badaladas e passo o polegar pela sua garganta.

– Até te deixaria pagares por mim – esfrego a boca pela curva ascendente do pescoço dela. – Embora não precisasses.

Levanto-a acima e volto a baixá-la, esfrego-me intensamente entre as suas pernas. Ela suspira, abraça-me com força, e depois cobre-me a boca com a sua, gemendo. Começo a rasgar-lhe o cimo do fato de banho, mas ela impede-me e mantém-no preso.

Céus, preciso de lhe tocar.

Rodando as ancas, esfrega-se em mim, e eu agarro-lhe no traseiro, posicionando-me entre as pernas dela, e espeto-a contra a parede. Abro a boca, enfio a língua no interior. Sinto um choque. Credo. Algo elétrico percorre os meus lábios, desce pelo meu maxilar e afunda-se diretamente no meu estômago, perdido no seu calor húmido.

Soltando a boca dela, encosto a testa à sua, fitando-a nos olhos enquanto esfrego o polegar num daqueles mamilos que sobressaem do *top*. A carne endurece, e eu quero-o na minha boca. Levantando-a ainda mais, mordisco-o levemente, e depois mordo e lambo o tecido.

Ela geme e remexe-se.

– Army…

Parece um protesto, mas começou a esfregar-se em mim.

Ofegamos e gememos, o suor embebe-me as costas, o meu caralho cresce nas calças. Beijo-a, cambaleando quando ela morde o meu lábio inferior.

Levo as mãos à cintura, desapertando o cinto e abrindo as calças.

– Não – diz ela, finalmente. Afasta-se da minha boca, e olha para baixo, reparando no inchaço entre nós.

Forço-a contra a parede, devagar.

– Não? – provoco.

Passo a língua pelo lábio inferior dela, mas estou a meter-me com ela. Não me sinto zangado, apenas frustrado.

Levo a mão abaixo, esfrego-lhe a cona por cima das cuecas, sentindo o botão entumecido.

Gemo. Porra, que ela é mesmo boa.

– Não me vais deixar gozar, é isso? – provoco.

Ela abana a cabeça:

– Não estás a gozar?

E volta a cobrir-me a boca, moldando o peito ao meu e continuando a esfregar-se em mim, separados apenas pelas calças dela e pelas minhas cuecas.

As minhas mãos voam pelo seu corpo, pelo traseiro, pelo peito, pela cara…

Ela tem razão. Estou a gozar. Se fôssemos fazer mais coisas, precisaríamos de uma cama.

Afasta-se da minha boca, o rosto condoído ao gemer, e juro que sinto a humidade dela entre as nossas roupas.

– Mais devagar – murmuro, não ousando olhar para trás. – Ou perceberão que estamos a foder.

Ainda estamos vestidos e escondidos atrás do vaso da árvore, mas não por completo.

Aperto-a com força, tentando marcar o ritmo e abrandá-la, mas sinto necessidade de acelerar. Comprimo-a tanto que até sinto ossos.

– Não consigo parar – diz ela, beijando-me vez e outra.

– Calma – agarro-lhe as ancas, tentando controlá-la. – Movimentos curtos.

Mas não obedece. Monta-me, inclinando a cabeça para trás enquanto lhe assalto o pescoço, com beijos e mordidas.

– Eu não vou para dentro de ti, está bem? – afasto-lhe o tecido, expondo a cona e absorvendo este calor, enquanto ela incita as ancas sem parar.

O meu orgasmo cresce, o sangue lateja de fervor pelo meu estômago e por entre as minhas coxas.

– Oh, céus – geme ela, em exclamações curtas e irregulares. – É tão… tão bom.

– Apoia-te em mim – mordo-lhe o maxilar. – Apoia-te bem.

Ela grita, e eu nem sequer olho para ver se alguém nos está a ver. Enfio a mão na parede, respiro fundo e tento não me vir. Mas ela sacode-se e ofega, as suas mamas tremem a cada estocada, e eu não consigo conter-me.

– Porra – exalo. *Foda-se*.

Afasto-me, bato-me com força, enquanto derramo o jato sobre a barriga dela. Krisjen geme, observa-me enquanto me venho.

O suor empapa-me a testa, e deixo cair a cabeça no ombro dela, sentindo a mão deslizar para a minha nuca.

– Desculpa – ofego. – Tentei contrariar.

– Mas eu queria que te viesses – murmura.

Levando a mão atrás, tiro a *T-shirt* do bolso traseiro e limpo-a. Ela não para de me beijar e eu não paro de sorrir.

Há muito tempo que não sentia nada tão bom.

Volto a enfiar a *T-shirt* no bolso, apertando-a enquanto ela me abraça. A festa continua à nossa volta, imperturbável.

– Vem comigo para casa hoje – peço. – Não temos de fazer mais nada. Vem e pronto.

Mas ela abana a cabeça.

– Se eu for contigo para casa, hoje, vamos fazer coisas.

– Sim, podíamos tomar o pequeno-almoço mais cedo – brinco, levantando-me e olhando-a nos olhos, baixando-a até os pés tocarem novamente no chão. – E não tenho de vir aqui à tua procura. Quer dizer, eu sei-me comportar. Devemos

sair pelo menos uma vez, antes de dormir contigo.

Ela faz um sorriso, mas é fugaz. A respiração volta ao normal, e começa a compor o fato de banho, garantindo que está tudo no sítio.

Estamos despachados. Não lhe apetece mais.

– Não estás interessada – digo.

Em mim.

Foi um momento bem passado, como Trace. Ou uma queca de comiseração, como Iron.

Mas o olhar espevita-se.

– Não – responde. – Ou seja, sim. Estou interessada. Não é isso. É que, hum… – engole em seco, e, de repente, parece-me novamente demasiado jovem para mim. – Sinto-me como se estivesse em queda livre, Army – admite. – O Trace, depois o Iron… tenho de parar um pouco.

Seguro-lhe a cara na mão.

– Então, agarra-te a um apoio.

Os seus olhos suavizam-se e ela inclina-se ao encontro do meu toque. Não sei dizer o que me atrai nela, mas nem sequer tem de haver sexo. Gosto muito de a ver pela manhã.

– Queres levar-me a tomar o pequeno-almoço antes de irmos para a cama… – diz ela, mas é como se o dissesse para si mesma. Baixa a voz e quase não a entendo. – Então, ainda não fomos para a cama…

Perscruto a expressão distante. A que é que se refere?

Ela olha para mim.

– Não foram os meus pais, pois não?

– O quê?

– A oferta de fazeres sexo com a mulher em troca de dinheiro?

Oh.

– Não.

– Nem os da Clay?

– Céus, não.

Ela anui só uma vez, satisfeita.

Compõe o cabelo e prepara-se para ir.

– Tenho de entrar cedo no Mariette’s. Aparece, vem comer.

Detenho-a.

– Quero-te na minha cama esta noite.

– Não.

– Porquê?

Ela vira-se por completo e fica de frente para mim.

– Porque eu queria uma coisa desprendida, e o Trace queria uma coisa desprendida, e então foi desprendida. E já sabia, antes de tocar no Iron, que seria uma vez sem exceção, porque ele iria partir, e então preparei-me para me despedir. Mas tu? – hesita e então beija o canto da minha boca. – Desconfio que facilmente me apaixonaria por ti. Preciso de tempo.

Muito bem. Não é a pior coisa que podia ouvir. Irrita um pouco, no entanto, que apesar da sua jovem idade, seja mais sensata do que eu.

Ela recua.

– Tenho de tirar esta roupa de banho.

Ergo uma sobrancelha e ela ri-se, apercebendo-se de que foi uma fala sedutora. Mas vai-se embora, subindo as escadas, e eu acompanho-a com o olhar até se enfiar no quarto.

Mas que raio estou eu a fazer?

Passo os dedos pelo cabelo e fico a vê-la ir embora.

Será porque ela é um tudo-nada proibida e eu só quero sentir aquilo novamente?

Ou talvez queira simplesmente sentir-me feliz, pois Macon ficará lixado quando eu tiver algo meu.

Ou talvez por ela ser simpática.

Alguém que podia manter, e que jamais me magoaria.

Gostava de combinar uma saída romântica, para perceber.

Espreito pela janela ao meu lado, descobrindo Dallas, a fumar um cigarro à entrada da garagem e Trace enfiado debaixo do capô do carro de uma gaja qualquer, enquanto conversa com ela a rir.

Abano a cabeça e encaminho-me para a cozinha. Trata-se da velha técnica «Posso abrir-te o capô?». Daqui a uns dias, ela irá ligar-lhe para verificar «este som estranho» que descobriu enquanto conduzia. É fantástico o quanto isto resulta para si.

Desvio-me de vários adolescentes, ao avançar para a cozinha, querendo desesperadamente vestir a *T-shirt*, se não estivesse cheia de esporra.

Passando pelo fogão, abro a única porta que encontro e penetro no interior. Procuro o fio do candeeiro, mas não o encontro. Dou umas apalpadelas na parede de ambos os lados da porta e finalmente descubro um interruptor. Acendo-o, não vejo Milo, mas ouço pancadas e gritos abafados.

– Tirem-me daqui!

Descubro outra porta mesmo em frente e fecho aquela atrás de mim.

Agarro no ferrolho e dou-lhe um puxão, mas está bem preso. Olho para cima, e em volta, e rapidamente descubro a chave numa prateleira, diante de umas embalagens de molho *pesto*. Krisjen trazia biquíni e não teria onde a guardar.

Pego na chave.

Milo Price é dez anos mais novo que eu. Teria sido uma atitude responsável termos feito uma queixa formal, há seis meses, pelas agressões cometidas contra a minha irmã. Mas só me apeteceu matá-lo.

Podia tê-lo feito. É mais fácil do que obter sexo em troca de dinheiro. É uma pergunta que me faço com frequência. Quem seria eu se não me preocupasse com a consequência da prisão?

Dallas, Trace, Iron… todos me consideram banal. Sei que o pensam.

Não sou banal. Preocupo-me. Constantemente. Tenho receio. Constantemente. Por eles. Por Macon. Por Dex. Alguém tem de agir com cautela. Tem de ser fiável.

Enfio a chave, rodo-a, e destranco a porta, afastando-me quando esta se abre ao pontapé. Milo sai a correr, a suar como um porco e a inspirar ofegante, como se saísse da merda de um caixão.

– Filho da puta – rosna.

Mas para mesmo antes de me ir à cara.

Está irrequieto, o cabelo escuro ensopado de suor e a camisa um pouco menos encharcada. Julgará que estive envolvido na decisão de o terem encerrado.

– Vais bater num miúdo? – desafia-me. – Ãhn?

Dou a mão à palmatória. Ele sabe que eu daria cabo dele, mas age como se fosse o inverso.

– A Clay está por perto, se preferires que seja ela – pouso a mão na cara dele, roçando pelo lado que exibe a cicatriz, antes de me afastar. – Ficaste mais bonito.

Afinal, a minha irmã não precisava da proteção dos manos. A Santa que a acompanha ocupou-se do assunto sem dificuldades. E com as suas ligações pessoais, sabia que não se meteria em apuros por lhe ter deixado marcas.

Mas Milo não tem medo.

– Sabes para onde vou agora – acerca-se, a poucos centímetros da minha cara. – Para-me, *por favor*.

Sorrio com o seu desafio. *Porque achará ele que o deixei sair da despensa?*

– Convém despachares-te – desvio-me do caminho. – Vai começar a chover.

Ele mantém-se parado durante mais alguns segundos e depois passa por mim, sem me virar as costas até sair da despensa.

– Não te demores – diz.

– Vou atrás de ti.

Ele sai e eu sigo-o, abrindo caminho pela multidão até chegar ao *hall*. A música vibra, as luzes negras iluminam os desenhos nas peles nuas, e eu varro o espaço com o olhar em busca de Krisjen.

Felizmente, não a encontro.

Descubro, contudo, o irmão dela, de doze anos, entretido em conversa com J. C., o filho de Santos. Mars não tem camisa e mostra no braço o desenho de um personagem de *anime*.

Avanço para eles e puxo o braço de J. C.

– Olha cá! – lanço um olhar ao puto. – O que fazes aqui?

Arregala os olhos e endireita-se, claramente chocado por me ver.

– O quê? Hum… – esforça-se por encontrar palavras. – Bem, eles estão sempre a passar para o nosso lado – indica, como se isso justificasse a sua presença.

Baixa as mãos, tentando esconder a cerveja, mas eu tiro-lha.

– Dá-me isso.

– Está escuro – contrapõe. – Ninguém sabe que sou do Pântano.

Mas viro o ar irritado para Mars.

– E tu, onde é que devias estar?

Este engole em seco.

– Na casa da minha avó.

Tiro-lhe também a cerveja.

– Pisguem-se daqui. Raios os parta – também não os deixaria vir às nossas festas. – Voltem para casa!

Desaparecem a correr pela porta da frente, e eu pensei dizer a Mars que devia subir para o quarto, mas a festa está ruidosa e não lhe convém dormir em casa. É preferível que volte para junto da avó, o lugar em que Krisjen deve julgar que se encontra.

Pouso as cervejas e saio para a rua, mesmo a tempo de ver um *Audi* prateado-escuro emergir do acesso e fazer-se à estrada. Se se tratar de Milo, está acompanhado. Leva duas figuras no carro consigo.

Olho de relance para Dallas.

– Vamos embora!

Ele atira o cigarro para o chão e encaminha-se para mim, Trace emerge debaixo do capô do carro da rapariga.

– O que se passa? – pergunta Trace.

– Tu ficas – indico-lhe. – Ajuda a Krisjen a enxotar esta gente.

Dallas sobe para a carrinha e eu abro a porta do lado do condutor.

Mas ouço Trace dizer:

– Não façam nenhuma parvoíce.

Enfio o corpo no assento e bato com a porta. Cruzo o olhar com o de Trace através da janela de Dallas.

– Quem, eu?

É uma pergunta legítima, e ele sabe-o. Ri-se e ligo o motor, saindo acelerado do acesso.

Hei de ser avô antes de Trace se casar. Não sou eu o imaturo da família.

Acelero pela estrada e paro, encontrando o brilho vermelho das luzes traseiras de Milo à esquerda, ao fundo da via. O carro vira, desaparecendo de vista, e eu rodo o volante, perseguindo-o.

Gotas de chuva gordas golpeiam o para-brisas como se fossem dardos, e eu ligo os limpa para-brisas, procurando identificá-lo à distância.

Há vários carros à nossa frente.

– Então, o que vamos fazer? – pergunta Dallas.

– Uma manobra de dissuasão.

Tinha de tirá-lo da casa dela. Se eu passasse lá a noite, deixá-lo-ia amargar, mas, uma vez que me ia embora, também ele não podia ficar.

Dallas aponta.

– Já o vi.

Mudo de faixa, contornando um SUV, e paro no semáforo. Milo está na faixa contígua, dois carros à frente.

– Podem ver-nos – diz ele.

Milo ajusta o retrovisor até me encontrar a vê-lo.

– Vão acelerar – aviso Dallas.

Eu não posso. Estou neste lado da vila.

– Com sorte, sofrem um acidente – digo.

Ele ri-se.

– Este tipo de jogos não condiz contigo.

– Pois, ela está a dar comigo em doido.

Comentei antes de conseguir conter-me.

Há algum tempo que penso nela. Não a devia ter convidado para o clube de *strip*. Pode levar-se uma mulher a um sítio daqueles, para uma noite de pândega, mas só quando a conhecemos há algum tempo. Jamais uma mulher que queiramos que se apaixone por nós. Que se queira impressionar.

O semáforo fica verde e Milo arranca, disparado, veloz como se os pais pertencessem à direção da câmara municipal.

Acelero, mantendo os olhos na estrada, conduzindo cada vez mais depressa.

A chuva jorra como um rio pelo para-brisas, e eu intensifico os limpa para-brisas, contraio os dedos no volante. Os faróis de Milo ficam turvos por entre a chuva.

– Não te afastes de mim – peço a Dallas – e não inventes nenhuma merda.

– Ele merece desaparecer – riposta.

Concordo, mas não quero ir para a cadeia por causa deste imbecil e tornar o meu filho um órfão.

Semicerro os olhos, tentando espreitar através do para-brisas, no escuro da tempestade.

– Porra, que não se vê nada – queixo-me.

Ele para num sinal de *stop*, estou dois carros mais atrás, e vejo-o virar para a esquerda.

Sorrio, à medida que o carro que nos separa o acompanha, e aproximo-me do sinal, preparando-me para parar.

Mas Dallas berra:

– Vai!

Passo rapidamente pelo sinal de *stop*, mas não viro à esquerda, nem sigo Milo. Em vez disso, viro o volante para a direita e piso no acelerador, voando pela rua, o pavimento a transitar de liso a irregular num instante. A água explode quando piso as poças com força, connosco aos solavancos dentro da carrinha.

Há uma estrada que dá acesso à Baía de Sanoa, para a qual convergem outras duas. Os Santos costumam seguir pela rua recém-alcatroada, que os conduz para além dos pântanos turísticos e das tretas dos aerobarcos e da pesca recreativa, e evitam esta via quase abandonada.

Batemos num buraco, Dallas agarra a pega por cima da porta para se segurar, enquanto eu colo as costas ao banco para manter o equilíbrio.

Mas ouço um guincho vindo dos assentos atrás de nós e lanço o olhar para Dallas.

Ele retribui a estupefação e então viramo-nos ao mesmo tempo para o banco traseiro. Mantendo a vista na estrada, estico a mão para o vazio e sinto dois corpos.

– Mas que porra? – berro.

J. C. e Mars levantam-se, J. C. a morder os lábios para conter o riso, enquanto Mars se mostra mais constrangido.

– Ah, merda – resmunga Dallas.

– Que porra! – vocifero. – Meus sacaninhas.

– Não pares! – berra Dallas. – Despacha-te!

Cercam-nos árvores altas e uma mata densa, e saltitamos por cima dos carris ferroviários, regressando à Baía de Sanoa. Viro para a esquerda e depois para a direita, mas não vejo faróis atrás de nós.

Uma bifurcação aparece à frente, e eu acelero o mais depressa que posso, guinando quando somos atingidos no para-brisas por ramagens baixas.

– Temos de chegar lá antes que ele dê a volta! – berra Dallas.

– Eu sei disso! Não consigo ver.

Aparece o acesso da casa de Ben Calderon, e eu viro o volante para a direita, acelerando numa pequena inclinação e travando a fundo. Uma espessa fileira de árvores tapa a vista da rua a partir desta entrada, e abro a porta, lançando um olhar ao banco traseiro antes de pular para fora.

– Trato de vocês os dois mais tarde – ordeno. – Não saiam daqui!

– *Yeah*, certo – responde J. C., mas estou com demasiada pressa para discutir com ele.

Saindo da carrinha, avanço para a portinhola da caixa traseira e abro-a. Puxando para mim um dos muitos contentores, abro a tampa e encontro os espigões.

Agarro neles.

– Vamos! – berra Dallas.

Entrego-lhe uma ponta e agarro na pega da outra ponta, abrindo caminho por entre as árvores, atento a ambos os lados. Não se veem carros. Atravesso para o lado oposto, Dallas mantém-se onde estava, e esticamos a corrente cheia de espigões ao longo da estrada.

– Isto não os pode matar, pois não? – berro.

Iron costumava divertir-se imenso a utilizar isto. Se não vierem a voar, não haverá problemas, espero eu.

Mas Dallas responde aos gritos:

– Ele atacou a nossa irmã! Gosta de bater nas mulheres!

– Certo.

Isto não pode ser perigoso, penso. Afinal, vende-se na Amazon.

Deixo cair a corrente e confirmo que está direita.

– Aqui veem eles! – grita Dallas, enfiando-se na mata.

Sigo-o, e ambos nos mantemos escondidos, mas Mars e J. C. esticam o pescoço para assistir.

Agarro nos miúdos e puxo-os para baixo.

O *Audi* aproxima-se cada vez mais, a chuva dança na luz dos faróis. *Está quase, quase.* Sustenho a respiração, temendo que uma partida estúpida dê mau resultado, o que me cria azia no estômago.

O carro passa em velocidade, e surgem estalidos como disparos. *Pop, pop, pop, pop*.

O carro guina, e os pneus expelem o ar, os sons da chuva e da borracha vazia que raspa no asfalto enchem-me os ouvidos.

O carro sai da estrada e desaparece numa vala pouco profunda, faróis traseiros espetados para o céu.

Dallas sorri.

– Funciona sempre.

J. C. vai manter a boca fechada. Olho para Mars.

– Se contas a alguém…

Ele anui, completamente de acordo.

Corro para o lado oposto da estrada, ouvindo um homem e uma mulher gritarem num tom mais zangado do que ferido, enquanto o cinto de segurança de Milo embate na sua janela e ele abre a porta de rompante.

Recuo antes que ele nos consiga ver.

– Quem é aquele? – ouço a pergunta de Dallas.

Sigo-lhe o olhar e reparo que se aproxima outra viatura.

– Tira a corrente! – digo entre um berro e murmúrio.

Mas ele fica imóvel.

– Devem ser mais dos mesmos.

Fico a observar, e compreendo, ao reconhecer o modelo e marca do carro, que ostenta aqueles faróis.

– É a Conroy! – digo-lhe. – Puxa a correia!

Não obedece. Apenas encolhe os ombros.

– Dallas!

Raios o partam.

Não tenho tempo para a parar. Ela passa acelerada, os pneus rebentam imediatamente.

Ah, merda. Macon vai dar-nos na cabeça por termos desperdiçado mais pneus.

Filho da puta.

Ela guina para um lado e para o outro, e acaba por se imobilizar, tendo derrapado um pouco. Corro na direção dela e retiro-a do carro. Trace salta do lugar do passageiro.

Seguro-a nos braços.

– Estás bem?

– A sério? – berra ela, com ar irado. – Os meus pneus!

Ela olha para a estrada e vê os espigões, e lanço um olhar à vala, mas Milo e amigalhaços continuam retidos no carro e não nos viram.

Ainda.

Temos de sair daqui.

Pego-lhe na mão, puxando-a para o arvoredo, de volta à carrinha, abandonando o *Mercedes* do pai dela.

– Onde está o meu irmão? – pergunta. – Para onde o levaste? Mars!

– Chiu – insisto

Milo ainda a ouve.

Arrasto-a para a carrinha que ficou no acesso de Calderon, com Dallas e Trace atrás de nós.

Aponto para Mars.

– Tu ficas a dormir na casa dele – digo, indicando J. C. – Vão para casa! Os dois. Agora!

J. C. pega em Mars pelo cotovelo, levando-o consigo. Não estamos longe das nossas casas.

– Despachemo-nos – ordeno, depois para Trace e Dallas: – Levem a carrinha. Encontro-me com vocês em casa, carregamos a carrinha com pneus e voltamos para recuperar o carro dela.

Eles entram no veículo e desaparecem, a acelerar. É um caminho curto até chegarem a casa.

Sinto-me muito estúpido por ter tido esta atitude tão mesquinha com aquele merdoso, mas sabe bem descontrair e não pensar em trabalho, e acabar a noite com algo bonito.

Tomo-a nos braços, e depois noto que usa um vestido branco. Sem mangas e que termina a meio da coxa, com faixas ao longo do peito e das costas, mostrando pedaços de pele. Tem o cabelo ensopado, mas mantém aquele ar impecável.

E aos poucos, começo a rodar, sustendo-lhe o olhar.

– O que estás a fazer? – pergunta, cambaleando quando tenta acompanhar-me.

– É a nossa primeira saída romântica.

Dançamos.

Faço-a rodar cada vez mais depressa, às voltas, vez e outra, e quando a deito nos braços, num movimento pronunciado, ela sorri, por fim. De forma incontrolável e incontestável.

Desconfio que vai passar a noite connosco.

13
Krisjen

— TENHO de voltar para casa – informo Army.

Ele puxa-me pela mão para a sua casa.

– Deixa-nos arranjar o teu carro, antes que o Macon desperte e descubra que lhe custámos mais quinhentos dólares em pneus.

E ele terá de pagá-los, pois estragaram-se por causa – novamente – de um dos seus irmãos.

Trace e Dallas pulam do interior da *pick-up* e Army solta-me a mão, encaminhando-se para eles. Mas eu volto a agarrá-lo.

– Não posso dormir cá esta noite.

Ele para e olha para mim, mas nem eu entendo o que tento dizer.

Aperta-me os dedos.

– Dormes no quarto da Liv – diz-me. – O teu irmão ficou com o puto do Santos. Tratamos já dos teus pneus, e podes partir logo pela manhã.

Ele afasta-se e eu tento protestar, mas a seguir ele berra a Dallas antes que o irmão alcance a porta de entrada.

– Onde é que pensas que vais? – pergunta-lhe Army.

– Vou para a cama.

– Dá-nos uma ajuda – ordena-lhe, enquanto Trace levanta a porta da garagem e começa a tirar pneus novos, a rolar.

Mas Dallas limita-se a rir em surdina, e entra em casa.

Army retesa o maxilar, mas deixa-o ir, e eu encaixo o cabelo molhado atrás da orelha. A chuva torna o piso lamacento, obrigando-me a tirar os sapatos de salto alto e ficar descalça na poça.

– Army, para – exclamo. – Posso pagar um reboque, bem como os meus próprios pneus. Mas não posso é ficar aqui.

– Não estou a tentar foder-te! – berra ele.

Trace detém-se e vira-se para mim, com olhos esbugalhados, e eu cerro os meus por um instante.

– Refiro-me a esta noite – acrescenta Army. – Desampara-me a loja e vai deitar-te.

Sinto-me envergonhada da cabeça aos pés e começo a suar. Um sorriso vestigial assoma aos lábios de Trace.

Estico o dedo do meio, dizendo sem voz:

– Vai-te foder.

Ele faz beicinho, usando o seu próprio dialeto de linguagem gestual e retribuindo:

– Mas eu amo-te.

Imbecil.

Faço meia-volta e entro em casa, atirando os sapatos para a sala de estar enquanto procuro um telemóvel. O meu ficou no carro, mas um dos irmãos deixa sempre um aparelho espalhado algures. Vasculho a sala de estar, conferindo os carregadores, e depois entro na cozinha, mas a luz do fogão e a da casa de banho do corredor apagam-se de repente. Olho em redor, procurando outra fonte de luz.

A eletricidade morreu. Espreito pela janela da sala de estar, vendo que as luzes da rua e no lado oposto também se apagaram.

– Krisjen! – berra Army. – Vai ver os fusíveis!

Nem pensar. Não vivo aqui.

Encontro um isqueiro e acendo-o, contornando o tacho na mesa da cozinha, enchendo-se de água proveniente da goteira no telhado. Decido subir as escadas, e procurar o telemóvel de Iron, que deve continuar no quarto. Não o podia levar para a cadeia.

Atravesso o corredor, a porta dele fica mesmo em frente, mas um som golpeia-me os ouvidos, e reparo num objeto sob os pés.

Baixo a chama e vejo água espalhada pelo soalho.

Que raio?

Levanto a chama do isqueiro para o alto, mas não encontro nenhuma fuga.

E depois ouço novamente o som. O choro.

Dex.

Espreitando para dentro do quarto de Army, descubro que Dex se encontra em pé no berço, e aproximo-me, para verificar se se encontra bem. Toco-lhe na cabeça cheia de cabelo castanho esticado, apalpo-lhe os pijamas, mas está tudo seco.

Afago-lhe a carinha.

– Vou trazer-te um copo de água, miúdo.

Deixando a porta do quarto aberta, escolho algumas toalhas do armário no corredor e deposito-as em cima da água.

Depois reparo na origem. Caminho até à casa de banho, os pés pisando no fluxo líquido que escorre sob a porta.

Hesito, pressentindo problemas.

Abro a porta.

Macon está sentado no chão, de costas contra a banheira, e o lavatório está tombado no azulejo. Água do cano partido jorra para o chão, e sente-se o cheiro a vomitado. O meu estômago contrai-se. O que terá acontecido?

Apoia o braço no joelho dobrado, e desviou a cara para o lado. Agacho-me diante dele, à procura de sangue ou sinais de ossos partidos.

Ele está simplesmente ali parado. Olhos abertos. Respiração calma.

– Krisjen! – Army chama por mim.

Não me mexo.

Um copo do lavatório vai rolando pela água, e apanho-o, segurando-o debaixo do jato que escorre do cano. Encho-o e depois fecho a válvula, cortando o fluxo. Pouso o copo e uma toalha de mão limpa na mesinha ao lado da banheira.

Respiro com força, pegando no rosto de Macon e tentando virá-lo para mim, mas ele recua suavemente.

Debruço-me para o cheirar. Não me parece que tenha bebido.

O que terá acontecido? Foi ele que partiu o lavatório?

Sinto que me observa, e levanto a cara.

– O que aconteceu aqui? – pergunto num sussurro. – Ficaste ferido?

Ele não responde.

– O que posso fazer?

– Ires-te embora.

Tremo internamente. Não quero ir. Estará doente? Será que se apoiou no lavatório com demasiada força? Ou caiu em cima dele?

Ou… teve um ataque de fúria e arrancou-o da parede.

Sustenho-lhe o olhar, e ele fica mais manso.

– Estás bonita – murmura.

Examino a gota que escorre pela sua cara molhada, dizendo a mim mesma que é apenas a água do cano partido. Quero tocar-lhe. Quero ajudar.

Contenho-me.

Endireito-me e afasto-me e começo a fechar a porta.

– Vou tomar conta do Dex – digo-lhe. – Estou no piso em baixo.

E rodo a fechadura interior da porta, deixando-o sozinho.

*

POUSO o copo na mesa do pequeno-almoço na manhã seguinte, ouvindo os passos de Macon no andar de cima. Normalmente, a esta hora já se encontra a pé.

Limpei a água no corredor, tratei da válvula, dei de comer e beber a Dex, e enfiei-o na cama antes de os rapazes terem acabado de arranjar o meu carro, ontem à noite.

Depois esgueirei-me para o quarto de Liv antes de eles subirem as escadas.

No entanto, depois de Trace e Army se deitarem, não fui capaz de adormecer. Saí do quarto três vezes ao longo da noite para experimentar, ao de leve, a porta da casa de banho, e de todas as vezes continuou trancada. Quase acordei Army, pois comecei a ficar assustada. Algo estava mesmo errado, e talvez deixar Macon entregue a si mesmo não tenha sido boa ideia.

Mas pela quarta vez, por volta das três horas e meia da madrugada, encontrei a porta finalmente aberta, e a casa de banho vazia. A água no chão tinha sido limpa.

Fito a bebida gelada e amarela que depositei em cima da mesa, mas depois pego nela outra vez e despejo o *smoothie* numa caneca preta. Pouso-a no lugar de Macon.

Ainda não tirei o vestido, não dormi e devo ter perdido tempo ao preparar-lhe algo para o pequeno-almoço, mas são apenas 6:00 da manhã e Mars está a dormir. Já liguei, e ele disse-me que o deixasse em paz.

Pelos vistos, divertiu-se à brava com o novo amigo da Baía. Não voltou a correr para casa. O que me faz feliz, embora não saiba porquê.

Army e Trace aparecem na cozinha, Aracely limpa a desarrumação que os rapazes fizeram ontem à noite quando entraram em casa.

– Mas que porra aconteceu ao lavatório? – berra Dallas, avançando para a cafeteira italiana.

Ninguém lhe dá resposta, e eu entrego-me à tarefa de humedecer uma toalha da cozinha antes de me sentar à mesa para limpar a lama dos pés.

Um comprido par de pernas passa por nós, e imediatamente reconheço as botas de trabalho de Macon.

– Está espalhada pelo chão – Dallas não se cala. – Algum de vocês fodeu em cima dela?

Levanto a vista, descobrindo que Dallas me lança um olhar. Macon serve-se de café, Trace enche uma taça de cereais e Army começa a preparar o pequeno-almoço de Dex.

– Dallas, já chega – diz-lhe Army.

Continuo a esfregar as pernas:

– Aliás, fodemos na tua cama.

– Ainda bem, assim podes lavar os meus lençóis.

– És apenas um fodilhão, Dallas. Não me inscrevi para ser tua esposa.

Trace verte leite e agarra uma colher; Macon senta-se.

Dallas despeja uma colher de açúcar na caneca.

– Ora, jamais casaria com uma vaca.

– Nunca conseguirias apanhar uma Santa – murmuro. – Não nos impressionamos facilmente.

– Não foi essa a minha experiência.

Olho para ele, sorrindo enquanto assento o queixo na mão.

– A sério? Conta.

Por favor. Conta-me tudo. Adoraria saber com quem andou.

Amy, claro. Isso não significa que nos conheça bem.

– Cabra – mas di-lo com ar simpático e meigo, e quase sorrio. É bom poder voltar ao normal.

Mas Army espalma um talher em cima da bancada.

– Cala-te! – berra a Dallas. – Para com isso!

– Se não, o quê? – provoca Dallas.

Mas sou eu quem responde.

– Senão, nunca mais saio desta casa.

– Já deves estar grávida, seja como for.

Deslizo para o lugar ao lado de Trace, pousando a cabeça no ombro dele, mas continuando a olhar para Dallas.

– Tio Dallas. Até gosto disso.

– Mas sabes sequer quem é o pai?

Levo a caneca de café aos lábios.

– Bem, será sem dúvida um Jaeger.

Trace funga de ironia, baixa a cabeça e começa a sacudir-se de riso.

Sou atingida por comida na testa, e sobressalto-me, vendo ovos mexidos escorregarem-me da pele para cima da mesa.

– Ohhhh – murmura Trace.

Quase que me apetece chorar, mas também rir.

– Mas que porra. Vais fazer alguma coisa? – ouço Army questionar, mas não vejo a quem.

E antes sequer de me aperceber, Dallas alça a mão, agarra-me pelo decote do vestido e levanta-me para cima da mesa.

– Um dia, recordaremos este dia e havemos de nos rir – guincho.

– Eu não vou para a cama contigo.

– Mas duche, podemos tomar, ao menos? – riposto.

O riso de Trace enche o espaço, e sinto que despejam uma embalagem inteira de açúcar sobre a minha cabeça. Exclamo, dando uma palmada sobre a mesa.

– Vais gostar de mim! Juro.

– Desaparece, foda-se! – rosna Dallas.

Mas oiço uma voz débil trespassar o tumulto, que é diferente das restantes.

– Krisjen…

Desvio-me do ataque de Dallas, tentando abrir os olhos.

Escorregam pratos para o chão.

– Krisjen?

Pestanejo, e tudo para, quando todos se imobilizam.

Macon está sentado à cabeceira da mesa, Army semi-debruçado sobre esta, uma mão no meu braço, a outra agarrando o cabelo de Dallas.

Macon encara a mesa com um olhar que me revira as tripas.

Largo o peito de Dallas.

– Serves-me outro? – pede-me Macon. Segura a caneca com o *smoothie*, virando-a e esvaziando-a pela garganta, enquanto se levanta da mesa. – E jantar, hoje – diz. – Algo diferente da porra da ementa. Por favor.

Abandona a mesa e encaminha-se para a garagem.

– Posso trazer comida da vila – diz-lhe Army.

Mas Macon abana a cabeça, e diz com a voz constrangida:

– Só pedi a ela.

*

Não me contenho e espreito continuamente pela janela do restaurante. Como se conseguisse distinguir Macon a quase cem metros do outro lado da estrada de terra batida, no interior da garagem.

Passei o dia distraída. Usei a carrinha de Trace, levei Mars para casa e dei a esta uma limpeza, enquanto Bateman trouxe Paisleigh dos avós. Ele prometeu que cuidava dos miúdos até a minha mãe voltar, o que eu agradeço, pois não quero voltar logo para casa quando entregar a comida ao Macon, esta noite.

Estou constantemente a conferir as horas, a deixar cair pratos, a esquecer-me dos talheres – alguma coisa não está bem, não o consigo ver. Nem sequer de relance, mesmo com a porta aberta.

O que terá acontecido ontem à noite? Macon às vezes perde a cabeça, mas aquilo foi…

Ele desfez-se. Colapsou no chão da casa de banho, e ali ficou, quase toda a noite.

Caso tivessem sido Trace ou Army, podia apertar com eles até me contarem, mas com Macon é um gesto fútil. Queixa-se de que tem de fazer tudo sozinho, mas duvido que sequer lhe passe pela cabeça uma alternativa. Homens como ele não se sentem machos se pedirem ajuda.

Abano a cabeça, empilhando os pratos na tina, pois o ajudante não chegou a aparecer, nem Summer. Provavelmente, estarão ambos juntos.

A voz de Macon entra-me na cabeça novamente. Só pedi a ela, foi o que disse. Duas palavrinhas que me fizeram sentir muito importante. Para quem é uma pessoa importante.

O delicioso odor da sopa enche a cozinha, e levanto a tampa da panela que ferve em lume brando no fogão.

Inspirando profundamente, quase estremeço com o calor na pele. A temperatura ronda os vinte graus. Está frio, sem dúvida, para os trópicos.

O telemóvel vibra, levo a mão ao avental, agarrando nele enquanto pouso a tampa da panela.

Bateman.

– Então, como estão as coisas? – respondo.

– Miúda, tenho de sair.

Faço uma pausa.

– Por favor…

– Está atrasada – informa-me. – Tenho de ir.

– Não faças isso, por favor.

– E ainda não me pagou.

Céus. Isto voltou a acontecer?

– Tens de vir para casa – diz ele – ou chamo o pai deles.

Sim, se conseguires que atenda, boa sorte.

Arranco o avental.

– Estou a caminho.

Desligo, vendo Mariette hesitar com uma forma de tarte semicheia.

– Só demoro trinta minutos – digo-lhe, saindo a correr. – Já volto, *okay*?

Ela solta um trejeito estrangulado e cheio de stresse, pois disse que entendia, mas estamos cheios de clientes.

– Meia hora! – berro, abrindo caminho pela porta. – Vou a correr.

Enfio-me no carro do meu pai e saio da Baía em grande velocidade. Não devia ter aceitado um emprego. Preciso de ficar em casa com Mars e Paisleigh. Pensei que Army tinha razão e que devia ocupar o meu tempo durante o período de aulas dos miúdos, mas far-lhes-ia bem serem acolhidos por uma cara conhecida, sempre que voltavam para casa. Alguém que não fosse pago para ali estar.

Acontece que não quero estar em casa, foda-se. Já não a sinto como um lar.

Atravesso o acesso, travo a fundo, diante da porta e desligo o motor, saindo de imediato. O carro da minha mãe não se vê em parte alguma. Seria de esperar. Deve andar atrás de um novo namorado, procurando um segundo marido. Os filhos são uma perda de tempo.

Bateman abre a porta mesmo antes de eu bater, rugas do stresse traçadas na testa.

– Lamento muito, querida – diz ele. – Não é culpa tua. Eu sei disso.

– Vai – digo-lhe, entrando em casa. – Também não é tua.

Amanhã é o Dia de Ação de Graças. Eu entendo. Tem os seus afazeres.

Nem devia trabalhar de graça.

Ele agarra no saco, e sai pela porta.

– Já jantaram. Não trazem trabalhos de casa para fazerem durante o feriado.

Anuo.

– Feliz Dia da Ação de Graças – e ajudo-o a fechar a porta.

Foi-se e eu hesito. Pode ter sido a última vez que os miúdos o viram.

Despediu-se deles?

Conhecendo-o, não. Assume que voltará assim que ela acertar as coisas. Afinal, cuida de Paisleigh desde os dois anos de idade.

– Krisjen! – exclama Paisleigh. Viro-me, e vejo a minha irmã puxar um dinossauro de plástico com trela. – Podemos ver um filme?

Mars sai atrás dela da cozinha, e vira para as escadas.

– Façam as vossas malas para uma noite – exclamo em voz alta, para ambos ouvirem.

Mars levanta os auscultadores.

– Ãh?

Pego na mão de Paisleigh.

– Faz a mala.

– Porquê?

– Vamos dormir esta noite com os Jaeger – cantarolo, fitando a minha irmã.

Ela arqueja, e lança um sorriso radiante.

O meu irmão contorce os lábios, porque tem vontade de ir, mas prefere considerar todas as minhas ideias uma grande chatice.

– Vamos! – desato a correr pelas escadas acima com os miúdos. – Partimos daqui a dez minutos!

Desatam a enfiar tudo o que possam precisar numa mala. Ligo a Army.

Ele atende ao primeiro toque.

– Tudo bem?

– Podes vir buscar-me?

Ele hesita um só instante.

– Onde estás?

– Em casa. Explico depois.

– E estás bem?

– Não, estou à tua espera – respondo. – Despacha-te.

Desligo, reúno uns pertences para mim, e dez minutos depois ouço uma buzinadela. Deviam estar a trabalhar neste lado da vila.

– Vamos lá! – berro aos miúdos.

Mars e Paisleigh desabam pelas escadas com toda a tralha, e eu enfio um saco de treino por cima do ombro, tiro um bastão de basebol do armário do *hall*, enquanto eles aguardam junto à saída.

Atiro as malas para dentro da caixa da *pick-up* e abro a porta traseira, empurrando-os ao encontro de Trace.

– Para que queres o bastão? – Army fita-me por cima do banco dianteiro.

– É surpresa.

Abro a porta do lado do passageiro e entro, obrigando Dallas a deslocar-se.

– Só me faltava esta – rosna.

– Segue pela Lamplight Glen – peço a Army.

Vejo-o fitar-me pelo canto do olho, mas eu aumento o volume do rádio, pois começou a tocar uma canção que aprecio.

Engatando a mudança, Army acelera e eu aperto com força o taco enquanto ele sai a despachar do meu acesso, vira à direita, e entra na Lamplight Glen. Tenho as mãos suadas, mas aumento ainda mais o volume da música, e até Dallas se põe a olhar para mim, como se desconfiasse de que o mataria se ele ousasse tocar no rádio.

– Outra vez à direita – ordeno.

Army faz uma curva acentuada, e eu ouço os pneus derraparem ao entrar disparado na Barony Lane.

– Para – peço.

– O que…

– Aqui mesmo! – exclamo.

Ele trava a fundo ao lado de um *Bentley Continental* estacionado diante de uma pitoresca casinha de tijolo ao estilo espanhol, um recanto paradisíaco para um casal apaixonado.

Saio do carro.

– O que vais fazer? – berra Army.

A música toca, o ar noturno sopra através das palmeiras no alto, e eu ganho balanço com o taco, e deixo-o cair com força sobre a janela do lado do condutor. Entra pelo vidro dentro, estilhaçando-o, e ouço um monte de palavrões vindos da *pick-up*.

– Ah, filha da mãe – exclama um.

– Vão-nos prender.

– Krisjen!

Agarro com pujança o cabo, e estico os braços atrás da cabeça mais uma vez antes de os lançar para a frente e espetar a ponta do bastão no para-brisas.

Virando-me para trás, volto a entrar na carrinha, com a atenção de todos em mim.

Trace é o primeiro a falar.

– Aquele é…?

– *Mh-mh* – respondo.

– Porque é que fizeste aquilo? – pergunta Paisleigh.

Viro o espelho para baixo, obrigando-me a respirar de forma compassada, enquanto verifico o batom que afinal não trago.

– Uma amiga deixou as chaves dentro do carro. Agora já entra.

E viro o espelho para cima.

– Era o carro do pai – diz Mars.

– Parecia, não parecia?

Army faz uma exclamação de troça, arranca e Dallas abana a cabeça.

Trace desata a rir, e eu estico a cabeça para fora da janela, cerrando as pálpebras e deixando o vento soprar-me o cabelo.

– Quem quer gelado? – pergunta Trace.

– Eu! – exclama Paisleigh.

Amanhã não os levarei aos meus familiares. O pai que chame a polícia, se quiser falar comigo a respeito do para-brisas, e a minha mãe também a pode chamar, se quiser recuperar os filhos.

*

NA manhã seguinte, abro os olhos, sentindo um corpo a meu lado. Sinto as ideias turvas, e viro-me para o lado contrário, de modo a ter espaço, para voltar a adormecer. Faz demasiado calor.

Mas mal me afasto, aterro noutro corpo.

– Que raio? – solto.

Abrindo os olhos, pestanejante, endireito-me na cama e olho, descobrindo Clay meio enfiada debaixo de mim.

Ela bate as pestanas.

– Foste tão boa.

A pessoa do outro lado ri-se, e eu olho por cima do ombro, descobrindo Liv com um amplo sorriso.

– Vocês… – saio de cima de Clay, e ambas desatam às gargalhadas.

Adormeci no quarto de Liv com Paisleigh, mas não a vejo, agora. Agarro no telemóvel para ler as horas. São apenas sete. Esfrego a vista.

– Merda.

As duas passaram estes dias na casa de Clay, e não esperava que viessem hoje.

Liv dá-me um pontapé.

– Sai da nossa cama.

Passo por cima dela.

– Bem, não vou ficar na cama do Iron.

– Porque não? – une as mãos atrás da cabeça enquanto Clay pousa as dela no peito de Liv. – O Dallas é o mais fofinho de todos. Só precisa de amor.

Sacudo os vincos da minha camisola com capuz.

– Precisa é de um murro no estômago.

– Céus, sim – ri-se Clay.

Também não caiu ainda nas boas graças dela.

Enfio a camisola e entrelaço o cabelo num rabo de cavalo. É melhor que Paisleigh não tenha saído de casa. Como é que ela se levantou sem que eu a ouvisse? Cabrinha dissimulada.

Encaminho-me para a porta, varrendo rapidamente as notificações do telemóvel. Nenhuma mensagem do pai a queixar-se dos vidros partidos.

Ainda bem.

– Limpámos o andar de baixo quando chegámos, ontem à noite – informa-me Clay. – Não os deixes desarrumarem tudo.

– Por enquanto – acrescenta Liv.

É dia de descanso para toda a gente. Os irmãos dela arranjarão forma de fazerem uma festa.

Mesmo assim, anuo, saindo do quarto.

Mal fecho a porta e me viro, sinto o cheiro do peru. Paro, fecho os olhos e inspiro. Arrepios trepam-me pelos braços. Sim.

Nunca pensei que os irmãos cozinhassem. Não por não saberem. Macon e Army, em particular, criaram os irmãos durante uma década, mas, sei lá… nesta casa, parece só haver apetite por álcool, ultimamente.

Entro na casa de banho, reparando que o lavatório foi substituído e que desapareceram as evidências do anterior percalço. Tiro uma nova escova de dentes do estojo e coloco pasta dentífrica nas cerdas.

Escovo os dentes, enxaguo e deixo a escova na chávena, ao lado das outras, embora não devesse deixá-la ali, não vá Dallas usá-la para limpar a sanita.

Abro a janela antes de sair, deixando assim entrar a brisa doce do outono, e desço as escadas aos saltinhos, delirante de energia. Não sei por que motivo, não quero saber. Merecemos um momento de distração.

Olho em volta, não vejo a minha irmã, mas finalmente descubro-a dentro da piscina, com Army e Dex. Nada à cãozinho, a cabecinha para um lado e para o outro, sorridente.

Semicerro a vista. Tem vestido o seu fato de banho.

Desato a rir. Disse-lhe para fazer uma mala com os artigos necessários, mas ela entendeu «vamos para a casa com piscina». Odeia a nossa, porque é rasa e gosta de se atirar do alto.

Dou uma olhadela ao peru, só para sentir o cheiro, e preparo café. Passo pela segunda janela da cozinha, e descubro Macon na garagem – como habitualmente –, mas depois vejo o meu irmão e paro. Está sentado ao volante de uma carrinha, e Macon inclina-se pela janela do condutor, falando com ele. Não consigo ouvir o que lhe explica.

O miúdo de doze anos endireita-se no assento, agarra o volante com as duas mãos e reteso-me, percebendo que vai conduzir.

– O quê?

Ele remexe-se, o carro dá um soluço em frente, e eu acorro para a porta mosquiteira, olhando para a garagem enquanto ele sai para a rua.

Não. Lanço o olhar para Macon, mas antes de poder gritar a Mars que trave, o miúdo vira a carrinha, acelera e estaciona junto à cerca.

Sai, com os auscultadores em volta do pescoço, e olha para cima, apanhando as chaves que Macon lhe atira. Sem dizer nada, entra no *Rover* da nossa mãe, e trá-lo para o interior da garagem de marcha atrás, parando apenas uma vez para ir um pouco à frente e corrigir a manobra.

Percebo que estou de boca aberta, e fecho-a. Há quanto tempo é que isto se passa?

Macon começa a virar-se na minha direção, mas eu enfio-me no interior da cozinha antes que me veja.

Bem, ninguém morreu. E Mars finalmente dedica-se a algo que não exista apenas no telemóvel.

Afasto-me e deixo-os a sós, verificando esporadicamente ao longo das horas seguintes se continuam ambos na garagem. Mars retoca a pintura do meu carro, envergando máscara e uma pistola de pulverização, enquanto Macon o observa. De vez em quando, Macon pega na caneca e eu noto, na mesa atrás de si, o recipiente da sopa que lhe deixei ontem no frigorífico, ao terminar o turno da noite. Enche a caneca de sopa, e mal contenho um sorriso quando o vejo mastigar. Está a comer. Ainda bem.

Preparo batatas com queijo, e Clay desce e coloca ao forno o recheio de peixe, que cheira pessimamente.

Os rapazes vão entrando e saindo, e um deles põe algo a grelhar na rua, e Paisleigh troca de roupa, e vai para a sala ouvir música e dançar com Dex.

Escolho um par de calções de ganga justos, e enrolo-os até ficarem subidos acima do joelho, e depois peço a Liv que me empreste a blusa curta de cor branca, e abotoo-a até ao pescoço. Escovo o cabelo, aplico maquilhagem, sem parar de sorrir ao pensar que jamais poderia aparecer assim vestida perante a minha avó, num dia feriado.

Desço as escadas descalça, apagando as luzes antes de me pôr a acender as velas que vou encontrando. O vento sopra pelas janelas, agitando as chamas, e tudo cheira a flores e a comida. É como se a cabeça flutuasse. Ou como se o céu pairasse a um baixo nível, e fosse possível cheirá-lo.

– O que é isto? – pergunta Army, olhando em volta para as velas acesas ao entrar na sala.

Dallas e Trace colocam a comida na mesa.

– É uma tradição na minha família – indico. – Apagamos os candeeiros e deixamos as velas acesas o dia inteiro – hesito, perscrutando-lhes a cara. – Comemoram o Dia de Ação de Graças?

Por causa do peru, assumi que sim, mas eles têm sangue seminola. Devia ter perguntado.

– Não te preocupes – diz Army por cima do ombro ao encaminhar-se para a cozinha. – Fazemos comida. É um bom dia passado em família. E somos em parte ingleses.

– E alemães – acrescenta Trace.

Seguido de Dallas:

– E franceses.

– Espanhóis, sem dúvida – acrescenta Liv, enquanto ela e Clay passam por mim.

Há montes de comida sobre a mesa, e olho em volta ao pousar o prato.

– Vocês comem piza no Dia de Ação de Graças? – pergunto, notando a dita de queijo e *pepperoni*.

– Cada um é livre de cozinhar o que gosta mais – diz-me Trace. – É uma festança.

– Batatas fritas com queijo – Liv mostra o prato, tirando uma do monte banhado em *cheddar* derretido.

Há hambúrgueres e cachorros-quentes, feijão preto e arroz, *tamales*, porco assado que deve ter sido preparado por Mariette, e sei que há bananas-da-terra algures na mesa, porque consigo cheirá-las. Há também milho grelhado à mexicana, camarão e bolinhos de caranguejo. Army transporta o peru para a mesa.

Espreito para a janela, sabendo que Macon e Mars ainda se encontram na garagem. Dirigindo-me ao congelador, tiro um pouco de gelado e um punhado de *toppings* para ele.

O canal de música infantil que Paisleigh e Dex estão a escutar começa uma variante de «Shout», e eu desato a cantar, à medida que os outros se sentam e enchem os pratos.

Os miúdos riem-se, Mars entra na cozinha e lava as mãos, e não contenho um sorriso ao preparar o prato de Paisleigh.

– Oh – arrulha ela, pois é servido um cachorro-quente no Dia de Ação de Graças.

Army trincha o peru, e eu paro um instante, para apreciar o momento. Não é eterno, mas espero que dure até ao final do dia.

Esfrego os dedos, sentindo o pequeno corte na pele, que só notei pela manhã. Talvez causado pelo vidro do para-brisas do pai.

Aparentemente, sou uma desordeira.

Apesar da forma como Milo me tratava, e apesar de lhe retribuir, nunca me considerei uma lutadora. Até hoje.

É uma sorte o pai não ter apresentado queixa. Pelo menos, ainda não houve consequências.

O que implica que, ou não sabe que fui eu, ou… sabe.

– «Shout, shout, let it all out» – canto.

A música cala-se e vejo Army com o comando na mão. Calo-me. Seguramente querem conversar à mesa.

Mas depois Macon aparece.

– Liga isso outra vez – ordena ao irmão.

Army encara-o, mas não o contraria. A música surge novamente, Macon senta-se e eu escolho o único lugar vago, baixando-me devagar para a cadeira à cabeceira da mesa. Sinto que não o devia ocupar, mas parece que me calha sempre o mesmo.

Observo a comida na outra ponta da mesa, mas Macon não olha para mim.

– À primeira família de Saint Carmen – exclama Clay, levantando o copo. O grupo acompanha-a, e eu pego no copo de *Coca-Cola* que me servi. Ela olha em volta. – As traidoras estão à vossa disposição.

Depois os nossos olhares cruzam-se e eu rio-me.

– Pois estamos…

– Uh-uh – vibra Trace.

Os copos chocam uns nos outros, prontamente emborcados – os de Dallas e Trace já cheios de *bourbon* – e atacamos a comida, provando as contribuições de todos.

Paisleigh dá duas dentadas no cachorro-quente, mas não perde tempo e endireita-se na cadeira, debruça-se sobre a mesa e tira uma fatia de piza.

– Paisleigh! – recrimino-a, mas rindo ao mesmo tempo.

Trace estica o prato, enquanto enfia na boca as entranhas de um *talame*.

– Sim, passa-me uma fatia, miúda – balbucia com a boca cheia.

Ela entrega-lhe o pedido.

– Para mim, uma com *pepperoni* – pede-lhe Liv, também esticando o prato.

Abano a cabeça e deposito uma colher de arroz com feijão preto no prato. É fantástico como os bons modos rapidamente se desvanecem na presença da família. Da verdadeira família.

Ela há de sempre recordar este Dia de Ação de Graças.

Uma corrente de ar atravessa a casa, obrigando as chamas a lutarem para não fugirem dos pavios e as cortinas a esvoaçarem como as caudas dos vestidos. Ouve-se música, Mars vai buscar uma segunda espiga de milho, e dou por mim a observar o grupo, mais do que a comer, porque nada dura, mesmo que tentemos agarrar o instante. Esta mesa não será a mesma no próximo ano.

E, mesmo este ano, deve estar diferente, pela ausência de Iron. Talvez surjam mais ausências no próximo ano. Liv passará o dia com a família de Clay, ou não virá a casa, preferindo adiar para o Natal.

Talvez Trace tente realizar o sonho, arranje trabalho numa estalagem algures com um *pub* em que aprenda o ofício.

Levanto os olhos, examinando Macon através dos fios de cabelo que me sopram na cara. Ele mergulha a colher na caneca e depois retira-a, ficando a ver o gelado derretido que escorre da ponta, e de repente sinto os meus braços como aço, iguais aos dele, e se ele se esticar e eu me esticar, havemos de suster a mesa juntos.

Mas ele não olha para mim.

Liv serve-me batatas frias das suas, que eu mergulho no molho rancheiro, e Clay verifica de tempos a tempo se estou a provar o recheio que depositou no prato, lançando-me um rápido esgar porque ainda não toquei nele.

Por fim, reviro os olhos, reúno uma garfada e enfio-a na boca, pegando no copo de *bourbon* de Trace para ajudar a engoli-la, pois não há outra comida que saiba pior.

Trace ri-se e eu tusso, engolindo mais três goles para despachar a comida.

Outra garrafa manifesta-se do nada, e Trace deita um cheirinho no meu copo – e no de Army, quando este se ausenta para levar Dex para a cama e dormir a sesta.

Conversamos um pouco, e até Dallas se mostra mais descontraído com o efeito do álcool, mas depois Clay levanta-se e Liv acompanha-a.

– Preferia ficar, mas… – Clay começa a tirar os pratos de ambas. – A Mimi fez-nos uma tarte.

A avó dela. Aquela que não aprecia que Clay seja lésbica, mas está velha e sozinha e Clay sabe que, no fim de contas, ela e Liv hão de ganhar. Elas têm tudo de que precisam. Ninguém as magoa.

Ao final de cinco minutos, já partiram, Dex foi dormir, Paisleigh e Mars saíram para brincarem na casinha insuflável dos Torres, e as velas sobre a mesa dançam com a brisa, restando poucos centímetros de pavio.

A minha mãe não ligou.

O meu telemóvel não chegou a tocar.

Paisleigh nem sequer reparou.

– Vais levantar a mesa? – pergunta Dallas.

Demoro um minuto a perceber que se dirige a mim. Pouso o telemóvel com o ecrã para baixo e levanto a vista.

Mas Army abana a cabeça.

– Ignora-o, Krisjen.

– Demos de comer aos irmãos dela – salienta Dallas. – É o mínimo que podia fazer.

Army esfrega os olhos e leva os dedos ao cabelo, com ar subitamente exausto.

Ele levanta-se da mesa, e leva consigo vários pratos vazios, os dele e os de Liv, para o lava-loiça.

– Tudo tem um preço – Dallas encara-me. – Os Santos sabem-no melhor do que ninguém.

Escolho um feijão preto à beira do prato. Esquecemo-nos dos pãezinhos. Adoro acompanhar com pão a Ação de Graças.

– Sim, estamos sempre dispostos a pagar por um gesto de bondade – murmuro.

Mas devia ter-me calado. Ele só quer uma desculpa para continuar a conversa.

– Tudo o que fazem é pelo dinheiro – cospe. – Fodem os filhos certos, e até os patrões, como forma de se elevarem na vida, porque nada tem a ver com talento, habilidade ou conhecimento. É ver quem está disposto a fazer o que for preciso para conseguir possuir mais. A casa, as entradas no clube, os cargos na administração…

Sinto a garganta apertar-se. Engulo em seco.

– Passados anos – continua –, quando tiveres parido os filhos do Jerome Watson, para que não haja dúvidas sobre quem seria o pai, obviamente, já podes ter casos discretos, certo?

Levanto os olhos. Alguns casamentos são assim, aposto.

– Encontram-se em quartos de hotel – continua Dallas –, ou talvez na casa dele na Baía…

Insinua que iria foder um dos irmãos. Talvez no motel ao fundo da rua. Enquanto trazia no dedo o anel com a pedra preciosa oferecido por Jerome Watson.

– E depois vais deixar que te espete contra a parede, porque gostas que ele cheire a trabalho manual, e que enterre as unhas sujas no teu traseiro e lamba as tuas mamas. Faz-te sentir viva.

Os olhos de Dallas reluzem. Está mortinho para que eu reaja e comecemos a discutir. Uma sensação que conheço sobejamente. A tentação incessante de espicaçar o urso, para que não te sintas culpado por despejares a tua raiva em cima de quem não te fez mal, apenas se mostra um alvo fácil.

– E sabes porquê? – insiste.

A pergunta é retórica, mas sei a resposta:

– Porque queria poder amar o homem com quem casei, na nossa casa, daquela forma.

O problema é que Dallas tem razão. Não quero ter nenhum contacto com Jerome Watson.

Se vendesse o corpo, tão certa como estar hoje aqui sentada, ele arranjaria uma amante poucas semanas depois de casarmos, e tal como Dallas afirmou, também eu acabaria por arranjar um, para eventualmente obter um pouco de felicidade – uma hora de mera distração –, uma vez por semana.

E quando terminasse, iria enfiar-me no meu *Mercedes* descapotável, branco, imaculado, com o suor dele na minha pele, e ainda a sensação de um pénis da Baía dentro de mim. Voltaria para casa, para enxaguar a culpa e a vergonha com comprimidos e bebidas, abafando os verdadeiros sentimentos antes que subissem à superfície.

Baixo os olhos, uma recordação na mente.

– Sabes, um dia vi os vossos pais na vila – digo, sentindo o colarinho roçar-me subitamente o pescoço. Mas não desaperto os botões. – Só uma vez. Eles não costumavam passar para o nosso lado.

Army colocou-se diante do lava-loiça e observa a garagem pela janela, mas sei que está atento.

– O vosso pai ia na mota – olho para Trance. – E parou junto ao Harbor Point Fishing Boat, ao lado do passeio.

É uma antiga casa flutuante, que fica num círculo de terra no meio da Main Street.

Sorrio com a lembrança.

– Ela esperava-o. Aproximou-se, baixou a cabeça e deu-lhe um beijo. Ele afagou-lhe a coxa – olho de relance para Macon, mas ele continua a mexer o gelado na caneca. – Tu devias ter vinte e poucos anos, pois eu já tinha idade suficiente para me lembrar.

Ele continua cabisbaixo, o peito mal se mexendo enquanto respira.

– Casados há tanto tempo, e ainda tinham aquela forma de estar. Ela afastou-se um pouco, e ele deu-lhe uma palmada no traseiro. Ela sorriu antes de se colocar atrás dele na mota – rio-me para mim mesma. – Perguntei à minha mãe porque é que ele lhe bateu e porque é que ela gostou.

Dallas está imóvel, e nem pestaneja. Um traço de um sorriso curva a boca de Trace.

Digo-lhes:

– A mãe respondeu: «Não te deixes enganar, miúda. Ela é que manda nele.» Anos depois, compreendi – amanso a voz. – As mulheres adoram pertencer a um homem bom.

Jamais obedeceria a Jerome Watson. Mas faria o que alguém especial me pedisse.

– Alguém que me faça apetecer estar sempre com ele – digo, mais para mim mesma. – Alguém que se ponha em cima de mim e me prenda os braços sobre a cabeça até despertarmos por completo pela manhã. Sem ter de dizer nada. Calma e tranquilamente. Eu serei a primeira coisa que ele deseja no dia.

Ninguém mexe um dedo. Army mal respira.

– E chega sempre atrasado ao trabalho – continuo – porque cometi o erro de andar por casa em cuecas e ele fica com tesão e quer possuir a mulher de joelhos.

Ouvem-se as crianças a brincarem à distância, e a brisa, levantando-se, sopra um guardanapo sobre a mesa.

– Pensei, quando era mais nova, que iria querer alcançar certas coisas na vida – digo-lhes –, mas agora não faço ideia do que quero, apenas que desejo amar alguém e a nossa família. Estar com pessoas de quem gosto e passar dias espetaculares e que a nossa casa esteja cheia com uma equipa de futebol, e deixe boas recordações nas outras pessoas, e que sorrimos dez vezes mais do que choramos.

Estou-me a borrifar para o dia de amanhã. Nunca me interessou. Só me interessa ser uma pessoa correta.

Quando me levanto, Trace acompanha-me. Paro, olhando para ele, mas o rapaz nem sequer entendeu o motivo daquela reação. Pego no prato, ele imita-me, e levamo-los em conjunto para o lava-loiça.

Mas Army já se encontra ali, interrompe Trace e tira-lhe o prato das mãos.

– Vocês podem ir. Eu fico a limpar com ela.

Macon recosta-se no assento, olhar ainda cabisbaixo, e Trace encara Dallas.

– Vão – ordena Army.

Trace lança-me um olhar, como se quisesse levar-me consigo.

Abandona-me e decorrido um instante, ouço a cadeira de Dallas afastar-se da mesa.

O mais velho permanece sentado, porque Army não lhe dá ordens.

Contorno Army para pousar o prato, mas ele agarra-me na cara com ambas as mãos. Arquejo, levantada em bicos de pés, enquanto ele une as nossas testas.

– Vai ser um de nós – diz-me. – E não o Jerome Waton. Serás nossa, ou hei de garantir que nos fodes a todos antes de te entregarmos de volta, para que nada mais se compare na tua vida. Para que sempre te arrependas de teres partido.

Pensarei se aquela criança que ele está a criar é meu filho.

Olho-o nos olhos, sentindo o corpo rijo contra o meu. Army?

Ele encosta-me ao frigorífico, pairando sobre a minha boca enquanto os dedos vasculham a minha saia.

O que…

Três segundos depois, já me despojou da blusa, a brisa que entra pelas janelas acaricia-me os seios. Levanto os braços para me tapar.

– Vamos ficar contigo – murmura. – Vai ser o Iron? O Trace? Quem desejas?

Ele beija-me, envolvendo-me a cintura com os braços, mas só dura um segundo antes de ouvir o meu nome.

– Krisjen…

Army fica hirto, tal como eu. Viro a cara, descobrindo Macon sentado à mesa, sem olhar para mim.

Mas fala.

– Vem cá.

Fica ali sentado. Sem se mexer.

– Vem cá – ordena-me de novo.

O meu coração cai-me ao estômago, e não penso sequer. Cobrindo o peito com as mãos, dirijo-me a ele, e as mãos de Army tombam.

Acerco-me da cadeira de Macon, à cabeceira da mesa, e ele levanta-se, mais alto do que eu. Inclina-me o queixo para cima, observa-me, e eu começo a sentir os seus braços em volta de mim. Apertados. A respiração dele na minha têmpora e o calor do seu peito.

Leva a mão atrás da cabeça, despe a camisa e sei que me vai levantar. Vai tomar-me naqueles braços e olhar-me nos olhos e suster o olhar.

Mas não o faz. Tapa-me com a sua camisa.

Depois encara o meu irmão.

– Sabes que ela não é a outra, certo? – pergunta-lhe, com uma expressão severa. – Percebes isso?

Olho de volta para Army e depois para Macon.

A outra? A quem se referem?

14
Army

Endireito os ombros, os músculos do corpo tão tensos que me ardem.

– Estás a brincar comigo, foda-se?

Mostro os dentes, a ferver de raiva, ao contornar a ilha, olhando para Macon.

Mas ele limita-se a desviar os olhos, e não responde. Desviando-se de Krisjen, avança para a porta da garagem, mas eu varro o conteúdo da ilha para o chão.

– Não me vires as costas – rosno. – Vai-te foder.

Ele vira a cabeça, observando os pratos e comida espalhados pelos azulejos.

– Não me viras as costas! – berro. – Acaba aqui. Nunca te dei motivos para te arreliares comigo, mas desta vez não vais esconder-te na garagem.

Ele continua a avançar para a porta.

– Limpa isso.

Um soluço aloja-se na minha garganta, e não sei porque tenho a porra dos olhos a arder. Não me sinto triste. Só me apetece matá-lo. *Porra para isto*. Agarro a mesa da cozinha com força e viro-a, e espalha-se tudo pelo chão, e a mesa tomba de lado. Krisjen retrocede para o lava-loiça, e mal reparo que Macon a puxa para trás, antes de se lançar em frente e enfrentar-me.

Mas já o antecipei.

– Queres metê-la *a ela* no assunto? – lanço um olhar irado a Macon. – Vai-te foder! Foda-se! Sou eu o único que fica ao teu lado e te protege como uma parede, para que ninguém saiba como és fraco na prática! Sempre fui o teu irmão! E tu tratas-me como se eu trabalhasse para ti!

– E trabalhas.

Estico o braço para trás e espeto-lhe um murro, o meu punho explodindo ao chocar contra o seu maxilar. A dor invade-me os nós dos dedos, até à base da mão, mas cerro os dentes para a esconder.

A cabeça dele desliza para o lado, e ele fica assim imóvel, antes de encarar-me novamente. Aproximo-me ainda mais, recusando recuar ao fitá-lo nos olhos.

– Sou tão forte como tu – digo em voz baixa, e Krisjen, atrás dele, nem pia. – Tenho-me calado. Engoli sapos porque és o mais velho e respeitei-te por teres tido a capacidade de tomar decisões que nunca quis tomar, e lidares com o trabalho sujo que evitei quando éramos putos, mas isso não faz de ti um homem.

– Tal como fazeres filhos que não podes sustentar.

Perscruto-lhe os olhos. Castanhos como os da nossa mãe. Tal como a pessoa que os originou, encontram-se sessenta metros debaixo de água. Iguaizinhos aos dela.

Surgem lágrimas.

– Gostas sequer de mim? – pergunto-te. – Gostas de nós? Sentes alguma coisa pela Liv ou pelo Trace, ou seja por quem for?

Como é ele capaz de me dizer uma coisa dessas? Sabe que eu a amei. Sabe que o meu filho sofrerá quando perceber que a mãe o abandonou. Sabe o que me espera. Que não mereço isto.

Mas a sua única resposta é:

– Não és obrigado a viver aqui.

– Macon… – ouço Trace dizer nas minhas costas. Não o ouvi entrar. Macon contorna-me ao dirigir-se para a sala.

Mas eu sigo-o.

– Ninguém vive aqui, Macon – riposto, e a coluna dele retesa-se. – Ninguém quer realmente estar aqui.

– Army, não – diz Krisjen.

Viro-me para o lugar em que ela se encontra, na cozinha. Está tão triste, com os seus olhos azuis. Azuis como os de Dex. Azuis como os *dela*.

– Queres ir dar uma volta? – pergunto.

Preciso de espairecer.

Mas Macon mexe-se, e reparo que ele volta a olhar para Krisjen. O maxilar continua fletido – totalmente tenso – mas por um segundo, noto. Ele demora-se nela demasiado tempo. Dedica-lhe atenção. Porquê?

Perscruto ambos.

– Oh, bolas – digo, e depois abano a cabeça. – Quantas vezes nos avisaste para não nos metermos com elas? E agora desejas uma. Deseja-la.

– Não a quero a ela – riposta. – Só não quero ter de dar de comer a outro filho teu.

Cabrão de um raio.

É como se tudo estivesse prestes a explodir. Não sei o que farei se Macon tentar partir, nem o que farei se não tentar.

Mas então o meu telemóvel toca, e levo a mão ao bolso, tirando-o e atendendo.

– Fala da Prisão estatal de Highland – anuncia uma gravação. – Aceita uma chamada do Iron Jaeger a cobrar no destinatário?

– Sim.

Fito Macon, e a sala calou-se. Sei que percebeu a proveniência da chamada, porque aguarda.

– Olá, meu – diz Iron, e quase choro, percebendo que tenho saudades dele.

– Como estás? – pergunto, com a voz trémula.

– Ainda vivo – ri-se. – Diz ao Dallas que entendo. Ter um namorado ajuda.

Rio-me. Não é preciso tanto. Há pessoas da Baía ali dentro, a protegê-lo. Está a salvo.

– Como é que vocês estão? – pergunta.

Encaro Macon, Dallas e Trace, que me encaram atentamente.

– Já nos conheces. Sem ti, não há festa.

– Pois… – cala-se por um instante, e quase lhe pergunto o que acontece no Dia de Ação de Graças ali dentro, mas não quero saber. Ele continua. – Oxalá estivesse convosco. Não quero voltar aqui para dentro nunca mais. Isso é certo.

– Ainda bem – abordo Macon. – Sentimos a tua falta.

– Também sinto a vossa – diz-me Iron. – Tens contado histórias ao Dex para adormecer a meu respeito, certo?

– Claro.

– O Macon ainda não fala comigo?

Tiro o telemóvel da orelha e estendo-o ao meu irmão mais velho.

Olho para ele, e ele olha para mim, e o telemóvel fica suspenso entre nós, porque esse é o meu papel, não é? Sou aquele que se preocupa. Aquele que assinou autorizações e assistiu às conferências e os levou ao médico e ao dentista e lhes comprou os fatos do Dia das Bruxas, e que merda é que ele fazia? Ah, sim. Era ele quem pagava, e absolvia-o de estar presente.

Ele não aceita o aparelho, e recuo a mão, encosto-o ao ouvido e gasto um segundo a pigarrear.

– Ele está no quarto, indisposto – digo a Iron – com uma, hm, ruiva, parece-me. Queres que o vá interromper?

– Estás a brincar? – noto o ar divertido na voz de Iron. – Não te atrevas a interrompê-lo. Porra.

Sorrio ao irmão na minha orelha enquanto fito o que se encontra diante de mim.

– Pois. Liga amanhã. Podemos falar mais um pouco.

– Está bem – diz. – Cuida-te. Diz à malta que os adoro.

– Assim farei.

Desligo, atirando o telemóvel para o sofá. Olho para Macon.

– Pediu-me para te dizer que te adora.

E vou-me a ele.

Empurro-lhe o peito, e ele cai contra a mesa encostada à janela. O vaso de vidro soprado à mão começa a tombar, e eu agarro Macon enquanto ele se tenta agarrar a mim, e ambos tombamos no chão, juntamente com o vaso. Viro-o para debaixo de mim e enterro os dedos no pescoço dele.

– Ele só precisava de ouvir a tua voz! – berro. Mas que merda? E se morrer ali dentro?

Ele empurra-me de cima dele, e eu embato na ponta da mesinha de café, que me fere nas costelas.

Macon levanta-se, agarra-me pelo cabelo antes que me consiga endireitar. Prende-me contra o soalho, o meu estômago espeta-se contra o tapete enquanto ele enfia o joelho nas minhas costas.

– Não – diz alguém. – Eles precisam de resolver isto.

– Não – exclama Krisjen.

Não vi a tentativa dela, mas é melhor que não se envolva.

Macon agarra-me a nuca, e aperta com força.

– Vai-te foder! – reúno todas as forças que tenho e viro-me para o lado. Rolamos os dois, aos murros, e nem sei bem o que estou a atingir, mas sinto um murro na barriga e outro no flanco.

– Parem! – exclama Krisjen. – Por favor!

Reparo nas pernas dela ao nosso lado, mas alguém a puxa para trás antes de lhe pedir para recuar.

– Não – diz-lhe Trace. – Ainda te magoas.

Estou por cima dele, a montá-lo, mas não permaneço mais do que dois segundos, antes de sentir as costas inclinarem-se para trás e ser atirado pelo ar. Ele faz-me rodar por cima da cabeça, atinjo a mesa de estatuetas da mãe com as botas e os vidros caem no chão. Alguns tombam com um baque surdo, outros soam como gelo num moedor.

Uma mão fechada aperta-me o coração, e lanço o olhar para trás, observando Macon apoiado num joelho, fitando a mesa e o respetivo conteúdo caído a meus pés. Não está a respirar.

Endireito-me, sentindo lágrimas nascerem, e uma libertar-se. Demora um minuto, mas olho para os estilhaços azuis que outrora foram um vaso, e os amarelos que tinham sido um jarro.

Trace e Dallas fitam o chão, Krisjen olha para mim e depois para Macon.

– Vou-me eu embora – diz-lhe.

Ela entra na cozinha, para reunir os seus pertences, mas eu agarro-a pelos calções e puxo-a para mim, encostando-a ao meu peito. Envolvo-a com o braço, e provoco Macon, encostando a face à dela.

Não foi ela a causa desta situação.

– Dallas? – digo, sem desviar a vista do nosso irmão mais velho. – Trace? Vão apanhar uma piela noutro lado.

Macon avança um passo para mim.

Trace estica a mão.

– Dá-me a Krisjen.

Abano a cabeça.

Macon vira-se para o mais novo.

– Leva-a daqui – ordena a Trace.

Trace encara-me, e volto a abanar a cabeça.

Ouço a voz sumida de Krisjen.

– Não partas – suplica a Trace.

Mas partem. Dallas à frente, e depois Trace, embora hesitante.

Talvez acreditem que só ela nos impedirá de nos matarmos um ao outro.

A porta fecha-se com um estrondo, o corpo de Krisjen treme, colado ao meu, e eu sustenho o olhar de Macon enquanto enfio o nariz no cabelo feminino.

Tudo nela é doce.

E entendo precisamente o que precisa ele.

Murmuro.

– Podíamos partilhá-la.

O olhar dele semicerra-se. A respiração dela acelera contra o meu corpo.

– Podíamos ir para o barco… – digo-lhe. – Sair para o meio do mar, esta noite, onde o mundo não existe, e fazíamos amor com ela. Na água escura. Onde ela se pode vir e berrar, tanto quanto quiser.

O vinco entre os cenhos escuros agudiza-se e fico a saber que tenho razão.

Enfio a mão debaixo da camisa dela – a camisa que ela usa e que pertence a ele – e acaricio-lhe a barriga.

– Há muito tempo que não sentes algo quente, não é? – pergunto.

Mas não preciso de uma resposta. Conheço tudo o que lhe acontece. Há anos que não vai para a cama com ninguém.

– Ela deseja-te – digo-lhe, sentindo um soluço na respiração de Krisjen. – Ela olha para ti. Já te tinhas apercebido?

O olhar dele recai sobre a rapariga, e, sinceramente, penso que ainda não se apercebera. Mas viverá noutro planeta?

Ela não prepara a minha comida.

– É tão calorosa – digo-lhe. – Faz isto comigo.

Macon encontra o meu olhar, e endireita a coluna.

– Ela tem dezoito anos, meu merdoso.

– Então leva-a tu para o barco – solto-a. – Esta noite. Só vocês os dois. Não vai recusar.

O maxilar dele fica tenso.

– Toca-lhe – suplico a Macon.

Toca-lhe, foda-se. Age como um homem, foda-se, em vez de uma máquina ou uma peça de mobília.

– Vamos sair – continuo. – Eu, tu, ela. Não pensemos na porra das nossas mágoas. Hoje, pelo menos.

Algo tem de mudar. Quero recuperar o meu irmão. Nem me interessa que ele me impeça de a ter. Oxalá que não me deixe tocar-lhe. Oxalá que a foda, por não poder aguentar mais. Oxalá que queira ficar com ela.

Em vez disso, Krisjen vira-se para mim e, antes que me aperceba, esbofeteia-me com força.

Pestanejo, mas ela repete, e por fim, ouço-a dizer:

– Não.

Sobe-me a bílis à garganta.

Ela começa a sair, mas eu impeço-a, abrindo a boca para pedir desculpa, mas Macon afasta-me dela com um empurrão. Embato na janela, ouvindo-a estalar, mas não se parte.

– Vou-me embora daqui – digo-lhe –, mas não a deixo sozinha contigo.

Pego na mão de Krisjen, mas ele agarra-me pelo pescoço e desta vez lança-me contra a parede. Fico sem fôlego, e a minha coluna vertebral esmaga-se praticamente contra o esterno.

O quadro cai do suporte, e ouço o berro de Krisjen.

– Krisjen, vai! – berro. – Foge daqui.

Mas não fico à espera que parta. Enganchando um braço em redor do pescoço de Macon, arrasto-o para o chão, e ambos damos uma cambalhota, rolando ao encontro da mobília. Sem querer, pontapeio a televisão e sinto sangue quente a escorrer-me do nariz.

Macon faz-me virar, mas enfio o punho no seu maxilar, com ímpeto suficiente para lhe tirar o equilíbro. Ele aterra ao meu lado e eu ponho-me de quatro, preparado para novo ataque.

Reparo então que não estamos sós.

Acompanho as quatro pernas vestidas de preto com a vista, reconhecendo os dois homens com farda completa, os distintivos a reluzir, prateados, e armas à cintura.

– Macon, mas o que é isto? – pergunta o polícia mais novo.

O outro adianta um passo.

– Meu, só passámos para…

Mas Macon solta:

– Levem-no!

O quê?

Sustenho a respiração, enquanto Krisjen vira o olhar preocupado para mim.

– O quê? – pergunta um deles com ar atordoado.

Macon coloca-se de joelhos, limpando o sangue do nariz.

– Levem o Army. Ele que acalme as ideias numa cela durante a noite.

Fico boquiaberto.

– Não! – exclama Krisjen.

– Céus – expulso.

O polícia mais velho, que se chama Tom Chavez, pergunta:

– Tens a certeza?

– Levem-no daqui para fora! – vocifera Macon.

Sinto todos os músculos tensos, e eu faço um esforço para ficar de pé. Eles avançam, mas eu agarro na televisão e atiro-a para o chão, rosnando.

Chavez e Marquis, o mais novo, agarram-me, cada um escolhendo um braço e obrigando-me a baixar-me para o chão.

Krisjen mexe-se.

– Macon, não faças isto – suplica-lhe. – Eu vou-me embora. Eu parto.

– Boa ideia – Macon pega-lhe no braço e empurra-a para os polícias. – Levem-na para casa.

Eles agarram-na enquanto ela berra:

– Tenho de ir buscar os meus irmãos!

Mas Macon perdeu a puta da cabeça.

– Tirem-nos da Baía!

– E o Dex? – berro como resposta.

Mas já me levaram para a rua, empurram-me pelos degraus, embora tente debater-me.

Ele há de impedi-los. Há de chamá-los já a seguir. Nunca me pôs fora de casa até hoje.

– Parem, por favor – pede ela aos polícias. E depois vira-se para Macon: – Queres mesmo fazer isto?

Mas ele nada diz.

Não os impede. Cerro os dentes molares um no outro.

– Filho da puta… – remordo.

Trace aparece a correr ao meu lado.

– O que se passou?

– Cuida do Dex! – é tudo o que grito.

Dallas aparece.

– Army?

Macon irá pedir-lhes para pararem. Não faria isto.

Mas Chaves faz-me baixar a cabeça.

– Entra no carro. Se resistires, não sais tão cedo.

Trace acorre para dentro de casa.

– Macon!

Aterro no assento, ainda agarrado à porta. Olho para Dallas.

– Toma conta dos putos.

– Não te preocupes – diz ele.

Tem o cenho vincado. Nunca vi Dallas preocupar-se com nada. Parece ter seis anos.

Marquis empurra Krisjen, mas ela escapa-se às mãos dele, para e vira-se para trás.

– Não vou a parte alguma!

– Já! – berra ele.

– Vai-te lixar.

Meio segundo depois, fizeram-na rodar, algemam-lhe os pulsos e enfiam-na no carro, presa à pega por cima da porta.

– O quê? – puxa as algemas por cima da cabeça. – Não!

– Podes contar ao teu avozinho – ele empurra-lhe as pernas para dentro. – Até nos agradece.

Bate a porta com força, os polícias entram na viatura, e eu passo a mão pelo cabelo, fitando a estrada.

Não darei a Macon a satisfação de lhe pedir que me salve. Ele que se foda daqui ao inferno.

Os polícias arrancam, levando-nos sem qualquer acusação nem autoridade, além da do meu irmão, que nunca julguei poder usar o seu poder contra mim.

– O que foi que aconteceu? – Krisjen solta um soluço.

Fungo, sentindo o cheiro a sangue nas narinas.

– Não sabias, Krisjen? O Pântano também paga luvas aos polícias.

E dou um pontapé ao assento de Chavez, que conduz.

Ele encara-me pelo retrovisor.

– Cala-te. Estamos a fazer-te um favor, meu. Não te vamos levar por causa dele, mas por tua. Até que ele se acalme.

Acontece que ele não me ia matar.

Claro que não pensei que ele me mandaria para a cadeia. Acho que não conheço tão bem o meu irmão como julgava.

Chavez nasceu em St. Carmen, mas sempre que o vejo por estas paragens, fala ao telemóvel, cheiinho de informações que obteve para o meu irmão.

O mais novo, no lugar do passageiro, Johnston Marquis, cresceu na Baía. Olha-me por cima do ombro.

– O teu filho vai ficar bem.

Krisjen adianta-se para a frente, suplicando através da divisória de plástico.

– Tenho de ir buscar o meu irmão e a minha irmã.

– Deixa-os ficar, Krisjen – solto. – Ficarão a salvo até amanhã de manhã.

– Como é que sabes? – riposta ela. – Sempre tiveste quem te apoiasse.

Rio-me, fungando outra vez ao passar a mão pelo nariz e sair com sangue.

– Oh, se chamas a isto…

É a irmã mais velha, porra. Como Macon.

Eles têm um fardo que nunca conhecerei, mas também representam um fardo que nem compreendem. Algo de errado acontece aos miúdos que se tornam pais à força dos próprios irmãos. Daqui a dez anos, talvez ela comece a culpar Mars e Paisleigh pela sua vida de merda, porque… bem, seria uma vida boa, se eles não existissem.

Certo?

Por outras palavras, somos o único motivo de Macon se ter tornado uma besta, certo?

– Tu olhas muito para ele – digo com a voz mais branda. – Não inventei isso.

Ela não responde, e viro-me para ela.

– Era o próximo?

Ela olha em frente e recusa-se a dar-me atenção.

Agarro-lhe na perna abaixo do joelho e puxo-a para mim. Ela arqueja enquanto encaixo os meus joelhos entre as suas pernas.

Ela debate-se com as algemas, os punhos cerrados. Apoio a mão na porta atrás da sua cabeça e posiciono-me por cima do seu corpo.

– Não vejo a mãe do Dex quando olho para ti – contemplo-a, a camisola a subir e a barriga à mostra. – Mas quando eu te foder, Krisjen, será por vingança.

– Army, meu… – ouço o aviso de Marquis.

Mas ele terá de parar o carro para me impedir.

– Ela é uma Santa – digo a Krisjen. – A mãe do Dex.

Os olhos dela hesitam ligeiramente.

– Deu-me um filho e depois fingiu que não existíamos, porque conspurquei os seus lençoizinhos brancos e imaculados, e o miúdo era o nosso pecado.

Ela não reage.

– Destruiu-me, Krisjen – murmuro, engolindo a merda que me trepa pela garganta. – O que é que vou contar ao miúdo quando os dois se cruzarem, um dia?

Sei que os polícias nos vigiam, mas não creio que nos ouçam.

– Ela não me quis. Ninguém me quer, porra. Porquê? – Pestanejo algumas vezes para me livrar do ardor atrás dos olhos. – Ela não me via como um homem. Forte. O Trace, o Dallas e o Iron não me temem, e o Macon não me vê sequer. A Liv não me respeita.

Adoram-me.

Não me procuram.

– Não é que as pessoas me pisem – digo. – Apenas passam por cima como se nem ali estivesse.

Toda a gente. Nenhuma pessoa precisa de mim, e não posso deixar que isso seja um fardo para Dex. Não posso obrigá-lo a encher um vazio que não se enche de outro modo.

Quando ela finalmente se pronuncia, fá-lo com voz baixa, mas ainda firme:

– Então, o que pensas fazer?

– O que achas que devia fazer?

– Devias dizer-lhe tudo o que sentes – afirma, fios de cabelo soprando-lhe sobre a boca enquanto fala. – Rapta-a, amarra-a, berra. Depois deixa-a ir. Não haverá consequências.

– Vocês os dois estão a ter uma conversa destas num carro-patrulha? – queixa-se Marquis.

Mas sorrio.

– O que é que lhe digo? – pergunto a Krisjen.

– O que queres dizer-lhe?

– Nada.

É gira, a rapidez daquela resposta.

– Não quero que se aperceba… – murmuro – que ainda sinto coisas por ela.

Ela remexe-se debaixo de mim, e ignoro se foi um gesto intencional ou produto de reflexo, mas os nossos corpos roçam-se um no outro, e agarro-lhe a anca. Toco-lhe na pele, apertando-a, muito ciente do facto de ela estar amarrada.

As putas das miúdas ricas. Porque é que me excita saber que não as posso ter?

Pairo por cima da boca dela, deslizando a mão pelo tronco dela até me deter sob os peitos.

Ela ofega, desviando-se da minha boca e mostrando os dentes.

Mas não disse que não.

Baixo a mão e puxo a tira do seu fio dental para fora dos calções de ganga.

– As mulheres usam isto quando querem chamar a atenção. A minha? – provoco-a. – Ou a dele?

Inclino a boca, pronto para a beijar, mas ela prende-me o lábio inferior entre os dentes, e morde-me com força. A dor golpeia-me, mas o caralho também reage, ao arquejar.

Ela solta-me, e eu gemo, fitando o ardor nos olhos irados.

– Ele devia ter-te possuído – murmuro.

Pego na bainha da camisa de Macon colada ao corpo dela, e levanto-a um nadinha.

Ela exala com força, e escapa-se um gemido da sua boca.

– E eu prometo-te – rosno-lhe, puxando-lhe as ancas contra mim. – Os meus irmãos foram demasiado gentis para contigo.

Curvo-me ao encontro do seu estômago, beijando-a e mordendo-a até começar a contorcer-se.

– Meu… – solta Marquis. – Para.

Porra, é que não quero saber. Aproveito este instante. Não voltará, se o deixar escapar.

Enterro o nariz na pele dela, enfio os dedos no corpo, e ela reage, tentando afastar-me, mas eu observo-a, com as mamas a espetarem-se contra a camisa à medida que o peito sobe e desce numa respiração acelerada.

Está zangada.

Sustendo-lhe o olhar, dou-lhe lambidelas no estômago.

– Aposto… – arrelio-a – que consigo fazer-te vir só com a língua.

– Army! – berra Chavez.

Krisjen deixa cair o queixo, a respirar de forma entrecortada. Mas depois lá consegue fazer um ar carrancudo e cerra o maxilar.

– Diz-me que não – murmuro.

Gosto da ideia de a ter amarrada, incapaz de me afastar. Mas consegue falar se quiser.

Aperto-lhe o seio, e ela estremece, dando-me uma cabeçada.

– Não gosto de ti.

– Quero lá saber – beijo-a vez e outra, os lábios dela não se movem nem se separam. – O teu avô tirou-me o irmão. De ti, só quero uma coisa.

O olhar dela vira-se para o meu, e por um instante fico tenso.

Não quero ser mauzinho. Não quero dizer estas merdas.

Mas também não quero que isto continue assim.

Se ela não me deseja, ficará a saber que não há segundas oportunidades. Não me deixo usar só para matar a solidão. Basta. Nem sempre estarei disponível.

Não preciso de ninguém. Fiquem, se quiserem; senão vão-se embora. Estou-me a borrifar.

Passo os dedos pelo cabelo dela, voltando a beijá-la e tentando enfiar-lhe a língua na boca. Mordo os lábios, roço-os, tomando o que quero.

– Devia enviar-te ao Iron para lhe fazeres uma visitinha – beijo-a. – Ele merece outra volta contigo.

Ela não corresponde ao beijo. Mas também não tenta afastar-se.

– Mas desconfio que só queres mais de mim – prendi-lhe o lábio inferior entre os dentes. – Alguém mais velho e experiente.

Ela desvia-se, levantando o queixo:

– Afinal, és mais velho ou mais experiente?

Rio-me, pegando-lhe no pescoço e tocando em todas as partes ao alcance. Agarro-lhe o traseiro e encaixo-nos com força.

Ela resmunga, sentindo o meu caralho contra as calças.

– Olha para mim – pede-me.

Não olho. Desaperto-lhe os calções. Geme.

– Meu, não podes fazer isso aqui! – vocifera Chavez, e sinto o carro-patrulha estacionar na berma. – Para!

Reparo em Marquis, pelo canto do olho, virar-se no banco.

– Vocês… vão mesmo…

Chavez estica o pescoço para confirmar.

– Estão eles…

Mas não lhes presto atenção.

– Miúda rica, miúda pobre – provoco-a, beijando-a, mordendo-lhe o pescoço. – Vocês são todas iguais sem roupa.

Se começar a ser um cabrão, talvez as pessoas me temam, como temem Macon. Ou que me vejam ao menos como um Dallas.

Devia portar-me como um imbecil há mais tempo.

Mas ela insiste:

– Olha para mim.

Sinto uma dor no coração, e pairo sobre os seus lábios, enquanto lhe puxo a saia para cima.

– Olha para mim – murmura. – Olha para mim, foda-se.

Não consigo conter-me.

Encontro o olhar dela, e paro, hipnotizado.

Uma madeixa de cabelo cai na diagonal sobre o seu rosto, olhos azuis cheios de fervor e um calor especial. Algo que faz parte de si desde sempre.

– Beija-me – pede.

Mergulho na sua boca, e desta vez retribui o beijo. Ambos nos deixamos aprofundar, ao nos forçarmos contra a pele do assento. Levo a mão às fitas das cuecas dela.

– Oh, céus – diz um dos polícias.

Ouço as portas do carro a serem abertas. Julgo que me vão tirar de cima dela, mas só dizem:

– Despachem-se, porra!

Descolo a boca o suficiente para lhes dizer:

– Desliguem a câmara do tabliê.

Segue-se um remexer e depois as portas cerram-se.

Não me interessa onde estejam aqueles dois, mas tenho comigo uma miúda algemada no banco traseiro, e não irei a parte alguma tão depressa.

Desço sobre ela, enfiando os dentes no seu peito, chupando-o para a boca, e raspo-os ao de leve na pele.

– Ah… – mia, o corpo ondula à minha procura.

Beijo e chupo, puxando-lhe a carne para a boca, transitando entre os seios.

Quero dar-lhe prazer. Quero que me deseje.

Mas mal estes pensamentos me ocorrem, enxoto-os. Vou aproveitar o que tenho, agora mesmo, este momento com ela. Nada mais.

Sentir e recordar e dar graças. Por algo só para mim, por uma noite.

Endireito-me, observando o suor a brilhar sobre o seu estômago, enquanto desaperto o cinto.

Ela vê-me abrir as calças.

– Olha para mim – digo-lhe, ao descer pelo seu corpo. – Não feches os olhos.

Vai-me observando enquanto desço pelas suas pernas, e lentamente descolo-lhe as cuecas, apreciando cada segundo até ficar nua.

– Não estão a observar-nos, pois não? – pergunta.

Eles. Os polícias.

Lanço a vista em volta, não vendo ninguém, não vendo nada, a não ser o arvoredo desfocado, atrás de uma cortina de chuva do outro lado do vidro.

– Não estão a observar-nos – o coração sobe-me ao peito e não consigo esperar mais. Cubro-a com a boca, chupando-lhe a pele desnuda, encontro-lhe o clítoris e mordisco.

– Ah – ela geme. – Oh, meu Deus…

Oscila as ancas, languidamente, mas com tal intensidade que também ela não aguenta mais.

– Não pares – gane. – Mais.

Lambo-lhe a bela cona com longas e repetidas carícias, massajando-lhe uma mama. Chupo-a entre os dentes, volto a acariciá-la com a língua, e depois enfio-a dentro dela.

Ela debate-se, à procura de ar, assentando uma coxa sobre o meu ombro e prendendo-me a cabeça no doce calor do seu sexo.

Pouso a outra mão na boca dela e desato a comê-la com mais vigor. Chupar e lamber, e depois usar a língua, usar o polegar para lhe esfregar o botão entumecido. Ela meneia as ancas, ao encontro da minha boca, mais uma vez, mais depressa.

– Oh, meu Deus, Army – ofega.

Desata a tremer e porra, está quase a vir-se.

Paro.

Levanto-me e debruço-me sobre ela, vendo-lhe o peito ascender numa respiração curta e rápida, e depois abre os olhos aos poucos. Descobre-me por cima, o cenho transpirado.

– Army? – parece encontrar-se à beira das lágrimas. – Por favor.

– Pedi-te para olhares para mim.

Ela tinha os olhos fechados.

Encara-me e por fim anui, compreendendo.

Quero que me veja a fazer aquilo.

Dobrando-me, mordisco novamente o mamilo, e depois mergulho-lhe na cona, e retomo lentamente.

Ela prefere de longe o ato de chupar, por isso brinco com o clítoris, parando apenas para o atiçar com a ponta da língua e assim pô-la novamente doida.

Passo por ele repetidas vezes, ouvindo a respiração irregular, e olho para cima, para a boca aberta, ofegante, que me vê comê-la.

Mordo-a, prendendo-a entre os dentes, e faço força com a língua novamente, traçando círculos em volta.

Ela inspira com força – gemendo – duas vezes e fica imóvel. Depois… começa a gritar, esfregando o clítoris na minha boca, ganindo, antes de lançar a cabeça para trás, exausta.

Neste ponto, permito-lhe quebrar o contacto ocular. Ela obedeceu, e não vou dizer-lhe nada.

Atrai-me, de certa forma, pensar que me cruzarei com ela na rua, um dia, e saberei que ainda se lembra de como uma vez a fiz vir, embora não mostrasse interesse em fodê-la. Algo que a deixará para sempre intrigada.

Inclino-me para baixo, afago-lhe a cara e beijo-a na boca. Ela retribui, a respiração tão quente.

– Gosto de ti – digo-lhe.

Os nossos olhares cruzam-se, e ela fica calada por segundos.

– Nunca me disseram isso – ela faz um sorrisinho doce. – Também gosto de ti.

As virilhas doem-me a ponto de latejarem.

– Isto… – começa a dizer na voz mais doce que lhe ouvi. – Isto ainda não acabou, pois não?

Abro-me num sorriso.

Recostando-me novamente, tiro um preservativo, rasgo a embalagem com os dentes e vejo-a observar-me enquanto enfio aos poucos esta treta.

Agarrando-lhe as ancas, peço:

– Abre mais.

Com um ar excitado nos olhos, ela expande as pernas, para me conseguir encaixar entre as suas coxas, e posicionar-me contra a sua entrada. Oriento a cabeça – uma vez, duas – e depois impulsiono-me, envolto na cona quente e escorregadia.

– Army – geme, deixando a cabeça tombar para trás.

Invisto, e já não vou devagar. Retraindo-me, volto a entrar profundamente, uma vez, duas, frenético, querendo sentir tudo.

Gemo, beijando-a, mordendo-lhe a boca, lambendo-lhe as mamas e o pescoço, perdido na sua boca e braços.

– Krisjen – arfo, investindo com mais força. – A nossa linda menina. Nossa.

– Sim – exclama.

O meu peito cola-se ao dela. Beijo-a em todo o lado que alcance, forçando-me entre as suas pernas.

Mas o espaço é muito apertado. Maldito carro. Tenho de entrar mais a fundo.

Levanto-me e ela parece chocada, até eu a virar e ela perceber o que eu pretendo. Envolvendo os dedos à volta da pega, para se agarrar sem as algemas lhe rasparem os pulsos, ela segura-se enquanto eu lhe puxo as ancas para trás e me afundo nela, outra vez.

– Oh – murmura, correspondendo às minhas investidas.

Puxo-a contra mim repetidamente, Krisjen arqueia as costas e recua ao meu encontro.

Levo a mão à frente e apalpo-lhe o seio, cheiro-lhe o cabelo enquanto fodemos o mais depressa que conseguimos, pois já não é possível sermos lentos.

– Army – exclama. – Não pares.

A noite está negra como breu, os únicos sons que existem são os da nossa pele e os gemidos dela. Ela embate-se contra mim, afundando profundamente o caralho, e faço deslizar a língua pelas suas costas.

– Estou a vir-me – anuncia.

Aperto-lhe o corpo, tentando conter-me, mas assim que ela se vem e a sua carne se contrai, rosno, deixando-me explodir.

Um fogo percorre o meu estômago e coxas, e liberto o jato.

– Foda-se! – berro.

A cona contrai-se à minha volta enquanto o orgasmo decorre, e contraio todos os músculos, enterrando-me o mais possível ao terminar.

Céus.

Odeio a merda dos preservativos, mas ela é tão apertadinha que nem noto a diferença.

Ela deixa-se cair, pendurada pelas algemas.

– Meu Deus – murmura.

Sorrio, sabendo que Krisjen se veio. Sei quando é que elas se vêm. Ficam como jiboias por dentro, quando se estão a vir. Aprendi por mim mesmo a forma de proceder para garantir que terminam sempre com um orgasmo.

Vejo manchas e o carro-patrulha começa a virar-se, mas clareio a mente, reparando que as janelas ficaram embaciadas.

Beijo-lhe as costas por cima da camisa, agarrando a pega e endireitando-a para minimizar o peso.

Preparo-me para virá-la e pedir-lhe que se sente, e assim verificar que os pulsos não ficaram magoados, mas antes que o consiga fazer, a porta do carro é aberta de par em par.

– Muito bem, saiam – riposta Chavez. – Céus, são mesmo doidos. Mas que porra é esta?

Olho para cima, e encontro um braço que penetra no carro com um porta-chaves. Uma das chaves está presa entre os dedos.

Recebo-a, libertando Krisjen das algemas e devolvendo-as à procedência.

Krisjen veste-se rapidamente, enquanto eu puxo as calças para cima, ainda com o preservativo enfiado.

– Deves-me uma – diz o polícia. – Leva-a para uma cama a sério, e acho bem que me não tenhas sujado o assento.

Sorrio, e ambos nos despachamos a sair do carro.

Assim que nos encontramos no exterior, os polícias partem, pelo que teremos de voltar a pé para casa, mas ela fica ali parada, observando-me.

E, como se reagíssemos a um sinal, desatamos ambos a rir.

Ela enterra a cara nas mãos, e eu prendo-lhe o pescoço com o braço, beijando-lhe o cabelo.

– Está tudo bem.

Ela afasta as mãos, corada. Acho que podemos assumir que os polícias não contarão nada a ninguém, mas mesmo que o façam, valeu a pena. Pelo menos para mim.

Foi espetacular, porra.

Regressamos a casa e ele até me pode expulsar novamente, mas desta vez levo o meu filho comigo.

Abro a porta por completo para ela passar, deixando-a entrar primeiro.

Encontro ainda tombada a mesinha de apoio na sala, e faço deter Krisjen ainda no *hall* de entrada. Puxando-a para mim, beijo-lhe a testa, sentindo que me cresceram músculos novos na última hora. O meu corpo parece pesar cinco quilos e não oitenta.

– Enfia-te na cama – olho-a nos olhos. – Se quiseres fazer mais uma vez, escolhe a minha.

Ela flete o maxilar, mas o súbito encher do seu peito e a excitação no olhar informam-me precisamente onde a encontrarei quando subir para o quarto.

Observo-a a subir as escadas, sentindo o fumo antes de reparar nele.

Virando-me para o lado direito, encontro Macon sentado na cadeira do canto, junto à janela. Mal lhe discirno os olhos no escuro, e ele aperta um cigarro entre o polegar e o indicador, levando-o aos lábios.

É poucos centímetros mais alto que eu, e os ombros muito mais amplos, resultado da sua passagem pelos fuzileiros navais, apesar do tempo decorrido.

Mas sinto-me maior do que ele neste instante.

– Esta casa não é tua – digo, aproximando-me da divisória entre a sala e o *hall* de entrada. – Esta era a casa dos nossos pais. E todo o dinheiro sujo que usaste para consolidar a presença da nossa família foi dinheiro que eu te ajudei a ganhar.

Tenho valor.

– Trabalho e falo com os nossos clientes – contudo – porque não sabes lidar com as pessoas, e estas não sabem lidar contigo. Tudo isto é tanto meu como teu.

Aponto para a casa, mas englobo a merda de Sanoa no gesto.

Faço uma pausa, ponderando.

– Mas também tenho noção de que sem ti, já teria perdido a Baía há anos – digo-lhe. – Não sei fazer o que tu fazes. Não tenho garra.

Os Seis da Tryst são uma bênção para uns e um alvo a abater para outros, mas, no fim de contas, todos nos respeitam, algo que não seria possível sem ele.

Embora com contribuição minha.

Dou mais um passo, sem pestanejar.

– Terei mais um filho. Talvez mais do que um, e talvez seja com a Krisjen, ou outra Santa, ou outra pessoa qualquer, mas quero que volte a haver uma família nesta casa, e tu vais ter de aceitar – cerro os dentes. – Porque sabes bem que o Dallas e o Trace serão os próximos se eu te abandonar, pois nem eles conseguem lidar contigo.

Ele fica a olhar-me e aguardo uma reação.

Mas nada diz.

Abano a cabeça, virando-me, e encaminho-me para o quarto.

Paro junto às escadas e observo-o novamente.

– Sabes…

Obrigo-me a engolir o nó na garganta.

– Odeio aquilo que tivemos de fazer naquela época para pôr comida na mesa – a minha respiração vacila um pouco. – Por outro lado, e sinceramente, são as minhas memórias preferidas, pois estávamos juntos. Éramos só nós dois, tínhamos acabado de nos tornar adultos à força, e a Liv, o Iron, o Dallas e o Trace podiam ser crianças à vontade. Jamais saberão aquilo por que passámos e o quão perto estivemos tantas vezes de acabar mortos ou na cadeia. E eu nunca quis que soubessem, porque era o *nosso* segredo. O teu e o meu – sinto os olhos arderem com as lágrimas que não deixo saírem. – Algo que tu e eu tínhamos, só nosso. Éramos irmãos, e tu falavas comigo.

A figura negra na cadeira não se mexe, e eu não vou ceder. Não abandonarei esta casa.

Subo as escadas, Krisjen emerge da casa de banho atrás de mim e envolve-me a cintura com o braço por detrás, seguindo-me para o quarto.

15
Krisjen

ARMY Jaeger tem um lado negro.

Céus. Mordo o meu sorriso. *Sabe mesmo fingir-se dócil, não é?* Talvez Macon devesse alargar-lhe a trela. Ou talvez seja por isso que não o faz.

O vento de novembro sopra pelo quarto dele, agitando as cortinas, e sinto o corpo de Army moldado ao meu. Mas também o sinto em toda a parte. As marcas deixadas pelos dentes. Os seus apertos.

Contraio as pernas, a pele dorida bem no fundo.

Ele aninha-se contra o meu pescoço, e eu arqueio o traseiro contra as suas virilhas, levando a mão atrás e afagando-lhe a nuca. Ambos gememos.

A noite passada foi agressiva. Tal como no sofá. Só pode ter sido ele ou Iron. Eu devia perguntar, mas embaraça-me não saber, e nem sei como me sentiria se descobrisse.

Macon não me teria recusado na garagem se já me tivesse possuído, e não quero que tenha sido Dallas.

Mas a culpa faz-me ficar imóvel ao fitar as cortinas que sopram.

A noite passada foi especial. Junto à piscina também foi especial.

Mas seria preferível se os amasse. A Iron, Army *e* Trace.

Viro-me, encostando-me ao peito de Army e olhando para o rosto adormecido.

Ele é o único que quis que eu ficasse. Mesmo após o sexo. Mesmo contando com Milo. Quem sabe o que levou a mãe de Dex a fazer o que fez – há sempre dois lados em cada história –, mas eu sei que Army a amava. E amava-a decentemente.

O choro de Dex acende o monitor de bebé de Dex, que foi transferido pelo pai para o quarto de Liv, na noite passada, dando-nos privacidade.

Army agita-se, e geme, a cabeça voltando a cair na almofada. Baixo o volume do aparelho na mesinha de cabeceira e começo a levantar-me.

– Eu vou vê-lo.

– Não – ele puxa-me para trás. – Eu trato disso.

– É que deixei o telemóvel no piso de baixo – preciso dele caso um dos meus irmãos me ligue. – Eu passo pelo quarto. Se ele se sujou, no entanto, venho buscar-te.

Ele ri-se contra a almofada.

– Obrigado.

Sei que está exausto, deve sentir um cansaço tão emocional como físico. O que Macon lhe fez ontem à noite pode ter sido o acontecimento mais traumático da vida de Army, sem contar com a morte dos pais.

Encontro um par de boxers seus numa gaveta e calço-o, e depois retiro a camisola cinzenta com capuz do lugar em que a deixei, em cima da cadeira, enfiando-a por cima da cabeça. Avançando para a porta, ato o cabelo num rabo de cavalo, vendo Army virar-se de estômago para baixo e abraçar uma das almofadas.

Fecho a porta ao sair, e sigo em bicos de pés até à porta contígua, que pertence ao quarto de Liv. Abrindo uma nesga da porta, descubro Dex em pé num parque de brincar portátil, olhando-me por cima da rede.

Dobro-me e levanto-o nos braços.

– Tens um ano e picos, meu – murmuro, apertando-o contra mim. – Devias estar ferrado no sono.

Mas afinal é um Jaeger. Já nasceu irrequieto.

Ele olha para mim, e eu apalpo-lhe a fralda, tal como costumava fazer a Paisleigh para perceber se estava cheia. Embora nunca tivesse trocado nenhuma.

Mas continua seca. Dex banha-me com um olhar arregalado.

– Não me olhes assim, ou depois não consigo largar-te.

Ele gargalha aqueles sons de bebé, e eu começo a embalá-lo.

– «Shout, shout» – canto. – «Let it all out.»

Prossigo, murmurando baixinho as letras que conheço e cantarolando o resto da melodia. A cabeça dele tomba contra o meu peito, sentindo-me balançar para um lado e para o outro, talvez por sentir o cheiro do pai dele na minha camisola. Aliso o cabelo escuro que já lhe cobre a cabeça, e o meu coração comove-se ao sentir aquele corpinho contra o peito. Aliso os cabelos escuros com os dedos, sentindo-o relaxar e render-se ao sono, mas canto a canção novamente, prolongando aquela presença sobre mim.

Deitando-o com a barriga para cima, encontro a chucha e coloco-lha. Ainda tem os olhos abertos, mas só um pouquinho, e tapo-o com a manta e esfrego-lhe o peito.

Saio do quarto pé ante pé, desço as escadas, ainda sentindo o cabelo macio como água nos dedos.

Mães. Mesmo quando não o sejam, disse Macon.

Abano a cabeça e entro na sala de estar, à procura da mochila. O telemóvel deve ter ficado sem bateria.

Tirando-o do bolso, entro na cozinha e sirvo-me de um copo de água.

Espreito pela janela para a noite escura como breu, e descubro olhos amarelos que me fitam do outro lado da piscina, enquanto as palmeiras, azul-escuras ao luar, dançam ao vento. Ouço um ressonar, e olho para cima, sabendo que o dormir de Trace até atravessa o teto.

Rajadas de vento percorrem a casa, abanando as persianas, como se estivéssemos dentro de um vórtice, à volta do qual se formam sempre as tempestades, e fecho os olhos – é durante a noite que mais gosto desde local. Tudo tem uma voz. Até as tábuas do soalho.

Uma corrente de ar agita-me uma madeixa para a minha cara e sinto a presença dele. Atrás de mim.

– Nos fuzileiros navais… – diz, o bafo contra a minha orelha.

Mas não é Army.

– Passarias o tempo enfiada na caserna – diz-me Macon. – Sempre a saltar de quarto em quarto.

O meu peito contrai-se, e abro os olhos, vendo o braço dele passar ao meu lado e pousar uma garrafa de *Jim Beam* em cima da bancada. Mantém a mão sobre o gargalo enquanto paira atrás de mim.

Inspirando profundamente, desloco a vista para a janela e bebo outro gole de água.

– No meu mundo – digo-lhe –, os homens também chamam nomes às mulheres. Não posso dizer que me choque o facto de haver pouca diferença entre ti e o Milo Price. Ou entre ti e o Callum Ames. Ou entre ti e o meu pai.

Não quero irritá-lo, porque depois faria a vida negra a toda a gente, mas não sou família. Não tenho de gostar dele incondicionalmente.

Viro-me, avaliando as olheiras cada vez mais vincadas, mas faço uma pausa, pois reparo na cor oca das suas bochechas. Havia raiva na voz dele, mas a expressão vacila, como se a raiva fosse resultado de um esforço consciente.

Como se fosse a última emoção que é capaz de evocar, e eu seja o alvo que ainda permanece consigo.

Pestanejo, olho para a garrafa e depois para ele.

– Esta merda não te faz nada bem.

Ele funga de desdém.

– Todos os meus irmãos com quem já fodeste, bebem.

– Bebem para se divertirem. Exceto tu.

– Aí é que te enganas – recua e deixa-se cair numa cadeira, ao lado da mesa, continuando a segurar a garrafa. – Neste momento, tenho fome – diz-me. – Apetece-me comer, e isto sabe mesmo bem.

Fico a ouvir. Ele começou a falar, e quero que continue.

– As pequenas coisas deixam-me contente – continua, com a voz rouca. – Os odores que entram pelas janelas. A temperatura mais fresca desta noite. A ligeira humidade que assenta na minha pele – engole em seco, e eu vejo o nó a descer-lhe pela garganta. – O som do vento lá fora. Sempre pensei que esta casa tinha crescido da terra, tal como as árvores.

Apoio-me na berma do lava-loiça, atrás de mim.

– Não quero estar em mais parte nenhuma neste momento – faz quase um sorriso. – Nesta cadeira, neste chão ainda manchado com borras de café entranhadas nas fendas, daquela vez em que a Liv partiu a cafeteira quando tinha quatro anos enquanto lutava com o Army.

Baixa os olhos, as pernas compridas enfiadas na ganga esticadas diante dele ao recostar-se no assento.

– Ao lado do fogão em que o pai cozinhava – sussurra –, tendo sempre garantido que eu observava e aprendia, pois sabia que um dia me faria falta.

Prossegue:

– A Baía não me preocupa, nem o facto de, daqui a um ano, o Trace se poder tornar a merda do responsável pelos terrenos do clube de campo que hão de construir na terra colonizada pelos seus antepassados. O Army viverá numa caravana. Nunca mais veremos o Dallas, e o Iron passará a vida a sair e a entrar na cadeia, porque, apesar dos meus esforços – faz uma pausa e eu oiço a tensão daquela voz –, não consegui resolver os problemas de ninguém.

Ardem-me os olhos.

Nada disso acontecerá. Não pode.

– Gosto deles um pouco mais esta noite, e detesto-te um pouco menos – levanta a garrafa, toma um gole, e pousa-a de novo sobre a mesa, enquanto o seu olhar percorre o meu corpo. – E talvez quase consiga entender o que gostam em

ti.

O calor daquele olhar aquece a minha pele.

– E onde estarás tu? – pergunto-lhe.

Ele entreolha-me novamente.

– Disseste que o Army viverá num atrelado – recordo-lhe. – O Iron na cadeia. O Dallas vai-se embora… e tu, onde andarás?

Ele fica imóvel, qual estátua. Depois volta a agarrar na garrafa.

– Ah, não acho que ficarei por cá muito mais tempo.

O meu estômago revira-se. Se ele partir, será o fim.

Levanta-se, encaminhando-se para fora da cozinha, e eu fico ali parada, ouvindo os passos alcançarem os degraus. Segue-se um momento de silêncio, e depois a porta do quarto dele fecha-se.

Reteso o maxilar, fechando os olhos. *Mas que porra significava aquilo?*

O que quis ele transmitir?

Avanço, vou subindo as escadas e paro, contemplando os quadros na parede. Fotos de família, nenhuma feita por profissionais nem em estúdios.

No pântano. Em barcos. Na praia. Na sala de estar. Os primeiros carros. As festas de aniversário.

Contudo, nenhuma delas foi tirada nos últimos oito anos. Nenhuma mostra Liv nem Trace na adolescência. Dallas usava cabelo comprido aos dez anos de idade, aparentemente.

Macon e Army constam em várias, pois foram completamente criados pelos pais, aqueles que tiravam estas fotos.

Army mais os seus belos olhos verdes.

Macon com os olhos castanhos da mãe.

A mãe deles. Encontro-a numa das imagens. Cabelo comprido e escuro, tal qual Liv, e um sorriso que não sobe aos olhos. Olhos ainda belos, apesar de encovados.

Tal como os de Macon.

Perscruto as fotos, notando que, à medida que os miúdos iam crescendo, ela aparecia cada vez em menos, e nas outras, ia perdendo peso.

Uma lágrima escorre pela minha cara, e avanço para o quarto de Army, mas não entro. Em vez disso, atravesso o corredor e aproximo-me do de Macon.

Encostando-me à parede ao lado da porta, deixo-me escorregar até ao chão e fico a escutá-lo, no quarto em que ela morreu.

16
Dallas

Na vida, antes de mais, fui poeta. Desde que era miúdo. Antes de beber. Do sexo. Antes de me iniciar na cocaína, de ranger os dentes mais vezes do que sorria, e de procurar insistentemente a próxima briga.

E a próxima.

E a próxima.

Sem ter jamais escrito uma palavra, fui um poeta. Via beleza nos locais improváveis que assustavam os meus pais. Nas linhas ferroviárias abandonadas. Nos infernos dos lares de acolhimento em que moravam os meus amigos. Nas casas em chamas, nos acidentes de mota, na destruição após passar a tempestade. Numa vida dura, numa morte antes de tempo.

Nas lágrimas. Nas mágoas. No abandono.

Eram coisas que não odiava, porque nelas havia profundidade.

Eram terríveis.

Trágicas.

Mas profundas.

E o que é profundo é belo, pois modifica-nos.

Aquilo que mais odiava eram as coisas indolentes. A que faltava o orgulho. Coisas como… Keurigs. E cartões de ponto e restaurantes que consideravam batata frita de pacote como um acompanhamento aceitável.

Os meus pais nunca entenderam. Por que tentei espreitar pela borda da campa do meu avô e ver a terra acumular-se em cima do caixão. Por que roubei o carro aos doze anos para ir ao encontro do furacão que assolou a costa. Por que gostava de batom esborratado, joelhos esfolados, cabelo desgrenhado pela manhã, e o acre na minha boca após uma noite a usá-la. Era tudo tão belo.

Até encontro beleza em saber que a minha mãe desejava não me ter tido. Saber que uma parte dela considerava que devia ter parado depois de Iron. Há beleza em saber que ela foi o começo de Trace, Liv e de mim, e que nós, em

troca, fomos o seu fim.

O mundo está cheio de coisas belas, mas quase ninguém o vê.

Exceto Krisjen Conroy.

Ela é uma das coisas mais belas que conheci. Beleza em movimento. Em tudo o que faz.

É lenta e ponderada nos gestos. Artística.

Adoro os cabelos espetados do seu rabo de cavalo e do coque, os ténis sem peúgas. Os olhos meigos, com que nos presenteia como se fôssemos precisamente aquela pessoa que ela queria encontrar. Adoro a forma como vem a pular ao chegar à bancada ou ao frigorífico, como dança na cozinha quando se julga a sós, e a forma como tem de mastigar demoradamente para engolir uma uva. Ela aprecia tudo o que a rodeia, e imagino que seria tão feliz a viver numa bomba de gasolina como num castelo.

Está apaixonada pela ideia de viver.

E é também o que desprezo nela. Ela consegue ser o que só consigo observar. É o ar que os outros respiram. Nunca serei assim tão belo.

Empurro a rapariga que está na minha cama.

– Ei – vocifero, vestindo as calças de ganga e arrancando a toalha que trago à cintura.

Ela remexe-se, a outra na cama de Iron à minha esquerda geme, adormecida.

– Levantem-se – digo-lhes.

Aperto o cinto e pego na toalha, esfregando-a na cabeça para secar o cabelo.

– Tizz – mais um abanão.

Não é o verdadeiro nome dela, mas é assim que a tratamos desde tenra idade.

– O que foi? – balbucia, virando-se.

– Sai da minha cama – atiro a toalha para o chão. – As duas, saiam.

Já são onze horas, porra.

A morena que ocupou a cama de Iron levanta-se, com os olhos ainda semicerrados e abraçando a almofada contra o corpo nu. Põe-se à procura da roupa. Tizz empurra os meus cobertores para trás e recolhe as suas coisas do chão.

– Idiota.

Yeah, yeah. Até à próxima vez em que te sintas bêbada e com tesão.

Veste-se e abre de rompante a minha porta, a ponto de o puxador chocar contra a parede. Ambas saem trôpegas para o corredor, cabelo em cima dos olhos e com os chupões uma da outra nos pescoços, lindas, mas não

propriamente profundas. A profundidade surgirá daqui a meia hora, quando chorarem durante o duche, apercebendo-se do que aceitaram fazer comigo, por vontade própria, no meu quarto ontem à noite, e desprezando-se por isso.

Antes que o meu próprio desprezo me alcance, já estarei bêbado outra vez. Foda-se, odeio o sexo.

Abro a gaveta, encontro-a vazia, e vasculho uma das gavetas de Iron para tirar uma *T-shirt* preta sem mangas e com os lados recortados. Visto-a e saio do quarto, mas assim que entro no corredor, ouço a agitação no piso inferior e vejo Krisjen passar por mim com um cesto de piquenique. Demoro um segundo a reconhecer que é o nosso. Não sabia que ainda o tínhamos. Deve tê-lo encontrado no sótão.

– O que se passa?

Ela vira a cabeça, expressão animada, mas não para.

– Dás uma ajuda?

– Em quê?

Vejo-a descer as escadas a correr, mas depois Trace passa por mim, trazendo uma velha geladeira Yeti que não sabia estar ainda na nossa posse.

– É o quadragésimo-primeiro Bug Jam! – responde por ela.

– O quê?

– Sabes o que é, com certeza – diz Krisjen em voz alta. – Preciso de vocês todos. Vai ser divertido. Vá lá!

Desço também, o calor no meu peito expande-se, mas uma raiva crescente também me aquece o estômago. Nem sequer me quero travar.

– Estou-me nas tintas para os joguinhos das elites de Saint Carmen – rosno, deslizando pelo corrimão de ferro forjado.

Army enfia as tretas de Dex numa mochila, junta protetor solar e fraldas. O puto está sentado no sofá, enfiando a mão numa chávena para depois encher a boca de pequenas bolachas de água e sal.

– O que faz ela na nossa casa? – riposto.

Ninguém me responde. Trace percorre as chaves, uma a uma, decidindo a carrinha que vai levar. Enfiou o boné de basebol ao contrário na cabeça, esticando para trás o cabelo oleoso.

Krisjen dobra uma toalha de piquenique.

Army vira-se, arqueando um sobrolho na minha direção.

– Podes dar-nos um descanso? Por uma vez que seja? Parece ser uma coisa divertida. Um descanso destas merdas que fazemos todos os dias.

– Como a Krisjen Conroy? – riposto, virando o olhar sobre a rapariga que julga morar aqui. – Vais-me foder a seguir, amor?

– Se quiseres – pia ela, imperturbável. – Ficarei a saber se tenho de fingir um orgasmo. Ou se consegues distinguir.

Trace não se contém, um risinho originando-se do fundo do seu estômago. Nem se atreve a olhar para mim.

– Há crianças presentes – indica Army, mas eu encaminho-me para a cozinha e agacho-me para abrir o armário inferior. Não consigo fazer isto sóbrio.

Mas o armário está vazio. Alguém retirou as garrafas.

Endireito-me, olhando-os por cima da bancada.

– Onde está a bebida?

– Despejei-a no lava-loiça – responder Krisjen.

Lanço o braço, fechando os armários com força e focando-me em Army.

– Ela ou eu? – solto por entredentes, ao regressar à sala. – Não aturo mais esta merda – viro-me para ela. – Quem julgas que és?

À solta na nossa casa, metendo o bedelho nas nossas coisas como uma matriarca que ninguém pediu.

– Deixa-te ficar em casa – diz-me Army – e desanuvia um pouco.

Mas Krisjen intromete-se.

– Ele vem connosco.

– Vai-te foder, minha puta! – berro. *Quem se julga ela?*

Army agarra-me pela camisa e empurra-me, mas eu rodo e desvio-lhe os braços, forçando-lhe o peito.

Prendendo-me a nuca, faz-me rodar, mas eu pego na dele mesmo a tempo, trazendo-o comigo enquanto chocamos contra a mesinha de entrada. Objetos voam pelo ar, Dex desata a chorar, e ouço a voz de Krisjen.

– Parem. Parem, por favor!

Planto a mão sobre o rosto do meu irmão mais velho, e empurro-o para longe, vendo-o tombar contra a porta de entrada.

Sinto sangue na boca e cuspo no chão, enquanto os três me ficam a observar.

Um nó desce pela garganta de Krisjen. O canto da boca curva-se-me num sorriso aberto.

Ela passa por mim, apressada.

– Tenho de ir buscar uma coisa lá acima. Dallas, ajuda.

E faço o que me pede, seguindo-a.

– Dallas! – berra Army.

Mas ouço Trace dizer-lhe alguma coisa. Não distingo as palavras.

Não entendem. Tal como os nossos pais. Ninguém entende.

Causo dor porque a dor me distrai, mas o amor causa mais danos, e ninguém vê. Eu só respeitaria Krisjen se a rapariga tivesse consciência deste facto. Sorriria, se ela soubesse o efeito que nos causará o seu abandono. Ficaria satisfeito se ela percebesse que não foi simplesmente capaz de evitar aquilo que um dia teria de acabar.

Mas ela não percebe, o que simplifica as coisas.

Krisjen vira para a esquerda, entrando no quarto da minha irmã, e eu acompanho-a, fechando a porta com estrondo atrás de mim.

– Esta é a minha família – exclamo. – E já passámos por mais merdas do que tu alguma vez conseguirias aguentar. Eles dão ouvidos a todos os rabos de saia que por aqui passam, porque a presença de uma mulher fá-los lembrarem-se da nossa mãe, mesmo que nenhum de nós tenha entendido aquela maldita mulher.

Krisjen pega na camisola preta que lhe pertence, e veste-a.

– Daqui a uns meses, perceberás que estás destinada a coisas melhores – continuo –, e que fomos apenas um devaneio. Hás de partir, e nós continuaremos aqui, a tentar sobreviver. Por favor, desaparece. Sabes que isto não é a tua casa.

Krisjen dirige-se à janela e espreita para fora, enquanto prende o cabelo num rabo de cavalo. Uma madeixa castanha cai-lhe pela têmpora, quase tocando na sobrancelha, enquanto ela baixa o queixo e examina algo na rua. O lábio inferior contrai-se um pouco.

De um modo que só eu notaria.

Adoro olhar para ela, mas odeio-a igualmente. Há dias em que quero ser como ela, e outros em que a quero fazer chorar. Que me bata.

E às vezes, quero que me apalpe no escuro.

Não faço nada com beleza, mas irei transformá-la.

Abro a boca, mas ela adianta-se:

– Lembras-te bem da tua mãe? – pergunta, ainda olhando pela janela.

Fecho a boca.

Um capô automóvel fecha-se no exterior, e ouço o ranger pesado de uma porta, próprio de um modelo dos anos setenta.

– Como era ela quando ficava triste? – insiste. – Como é que se comportava?

Semicerro as pálpebras. Mas o que tem ela a ver com isso?

– Procurava isolar-se dos outros? – continua.

Avanço lentamente para ela.

– Perdia o apetite? – pergunta.

Aproximo-me, colocando-me ao lado dela, que acompanha as andanças de Macon no exterior.

Trouxe para a rua o velho *Dodge* que tem estado a arranjar, e mantém a porta do condutor aberta enquanto procura ligar a ignição.

– Insónia? – pergunta Krisjen. – Alterações de humor?

Fico imóvel, fitando o meu irmão. Krisjen inclina a cabeça, enquanto o observa. As minhas mãos enregelam-se.

– O Macon devia parar de beber – diz-me ela. – Para beber, teria de ir ao bar.

Macon sai do carro, mas para e fica ali, imóvel. A olhar para o chão. O peito sobe e desce, como se a respiração lhe pesasse demasiado.

Cerro os dentes.

Ficamos a observar, enquanto ele roda a cabeça, estalando o pescoço, e retoma o trabalho.

Ele está bem. Porque é que ela faz esta conversa?

Krisjen vira-se e olha-me nos olhos.

– Ele precisa que o ajudem em casa, precisa de comida saudável e de dormir – declara. – E precisa de acordar com outras coisas na mente, não só com problemas. Toda a gente precisa de um objetivo. Até um dia para espairecer.

Isolar-se dos outros, disse ela.

Ele… ele sempre teve momentos de mau humor. Nada de novo.

Comeu demasiado no Dia de Ação de Graças? Chegou a comer? Não reparo no que os outros comem. Que me interessa? Eu…

Macon é capaz de tomar conta de si mesmo. Sempre foi.

– Um dia vamos falar dos teus problemas – diz-me ela –, mas hoje, se não estiveres naquele carro nos próximos dez minutos, és apenas um merdoso.

Aquilo que eu pensei dizer perde-se, e ela sai, fechando a porta de Liv. Aproximando-me da janela, espreito para fora, vendo-o andar à volta do carro. Ele não olha para cima. Nunca. Nem para o carro que passa na estrada. Nem para os miúdos que brincam do outro lado da rua. Nem para Trace a transportar as suas tretas pela porta da frente e a carregar a carrinha.

Abano a cabeça. Ela exagera. Inventa merdas. Uma forma de se integrar, inventando problemas que não existem. Macon está bem. Devia dar quecas, talvez até arranjar uma namorada, obviamente. Já teria filhos, sei lá. É dez anos mais velho que eu. Acho que assumi que, com essa idade, eu já teria uma casa própria. Porque é que ele não tem ninguém?

Porque é que ela não nos larga, porra? Eu já o teria feito. O que faz ela aqui, a tomar conta de nós? *Porque*…

Esmurro a parede, a raiva nas minhas entranhas em pleno vigor, e não sei de onde veio este sentimento. Afasto-me da janela, passando a mão pelo cabelo.

Porque é que ele não se vai embora e pronto?! Vá-se embora e viva a sua vida! Não precisava de ter ficado. Eu não teria ficado!

Ardem-me os olhos.

Ele já não ralha comigo.

Ele nunca ralha comigo. Não come connosco. Passa o tempo na garagem. Sozinho. Constantemente.

Não é culpa minha. Não lhe pedi nada. Não tinha de ficar.

Ele está bem. Está sempre bem.

Aproximo-me da janela novamente, vendo-o regressar à garagem, vestindo calças de ganga e uma *T-shirt* cinzenta. Tal como a primeira memória que tenho dele.

Sinto picadas na garganta. Macon é a minha primeira memória. Não o pai nem a mãe.

Macon.

Ouve-se um estrondo, e sobressalto-me, desviando o olhar da TV. Trace solta um grito atrás de mim, porque se assustou com o barulho. É pequeno. Ainda mal anda.

– Está sempre prenha por tua causa! – berra Macon, enquanto o pai o mantém seguro pelo colarinho contra a parede. – Deixa-a em paz!

– Para com isso! – suplica-lhe o pai. – Para!

Sacode Macon, mas o meu irmão é praticamente da sua altura. O pai não o magoa, mas estão a discutir demasiado, e Macon estragou a mesa. Ficou virada ao contrário na cozinha.

Ele abana a cabeça, o pai a prendê-lo.

– Há demasiada gente em casa – diz-lhe Macon. Berra.

Army agarra em Trace. Tenta segurá-lo no braço enquanto me pega na mão, mas eu afasto-me.

– Odeio esta casa – berra Macon. – Odeio vê-la neste estado! Porque é que não a deixas em paz?

O pai mantém-se ali, cabelo preto a transformar-se em grisalho nas têmporas. Vejo as lágrimas que mancham a camisa axadrezada atada à cintura.

Macon adora a mãe mais do que adora o pai. Está sempre zangado com ele.

O teto range. A mãe está no quarto. Passa ali o tempo. Sozinha. Muito tempo.

– Ela não pode ter mais nenhum filho – engasga-se Macon.

Ele e o pai entreolham-se, mas o pai não responde. Sai pelas traseiras, a porta de tela fechando-se atrás de si.

Olho para Macon e reparo nas manchas húmidas da T-shirt, *e ele seca a cara com a mão. Não nos encara, só foge a correr pela porta da frente.*

– Dallas, anda – ouço Army dizer.

Em vez de o seguir, avanço até à janela da sala e salto para a ala da casa que existia na época. Restam grandes pilares espetados no chão e muitas tábuas dispersas. Iron está sentado numa plataforma pregada às velhas vigas, que o pai montou para os mais velhos, os únicos a poderem usá-la. Mas às vezes Iron permite-me subir. Tem seis anos.

A luz brilha do alto, e eu coloco-me debaixo da casa da árvore, espreitando o meu irmão através das fendas. Deitou-se, entretanto, colocando os braços sob a cabeça. Música surge de algures. Cheira bem aqui. Flores.

Quase lhe peço para me ajudar, mas não o faço. Não quero que se mexa. É bom olhar para cima. Adoro Iron. É simpático comigo.

Ela não pode ter outro filho.

Estico os dedos, contemplando a casa e as vigas. Não sei para onde ir.

Doí-me a garganta. Apetece-me chorar.

O Sol põe-se enquanto estou aqui fora.

E depois… alguém me pega ao colo. Encontro-me no ar, rodopiando, em cima das costas de Macon, agarrando-me com força enquanto ele trepa para a casa da árvore. A sensação no meu estômago desperta-me um sorriso e sinto-me subitamente melhor.

Sentamo-nos no patamar. Army aparece com um saco. Iron entra, vê-nos e Army tira gelado e chávenas e colheres e molho de chocolate. Pego na garrafa porque não preciso de ajuda.

– A mãe está bem? – Iron olha para Macon.

– Está perfeita – murmura, enchendo as canecas de gelado. – O Trace já foi para a cama. Há gelado para o jantar.

Todos recebemos chávenas, e eu espremo o melaço para dentro da minha. Às carradas.

– Para de gritar com o pai – murmura Army a Macon.

– Ele que se foda.

Macon não olha para ele, mas para mim, e eu assusto-me. Mas ele estende a chávena e eu sorrio, espremendo o melaço para dentro da sua com toda a força.

Ele sorri-me ligeiramente, o que me alegra. Gosto quando ele sorri.

Army bebe um copo de uma das garrafas do pai, mas Macon tira-lho das mãos e acaba o conteúdo. Army não se zanga porque Macon é mais assustador do que o pai.

*

NAQUELA lembrança, a mãe estava grávida de Liv. Posteriormente, vim a perceber o que realmente aconteceu naquele dia. Tal como finalmente me apercebi de que havia alguns anos de diferença entre Macon e Army, e quase cinco entre Army e Iron, mas pouco tempo entre mim e Trace, e Trace e Liv. A tentativa ignorante do pai em dar à minha mãe uma razão para continuar a viver tornou-se um fardo para ela, e só piorou as coisas.

É uma experiência totalmente nova, esta de recordar as coisas como adulto. Macon tinha apenas treze anos naquele dia, mas eu considerava-o um homem. Temia-o e venerava-o mais do que a qualquer um dos meus pais, porque ele era mais forte do que eles. Um rochedo. Constante.

E de como era incrível que, nessa idade, corresse com o meu pai de casa. De como era ele que garantia que tomávamos banho e escovávamos os dentes, e tínhamos loiça lavada e lençóis limpos. O meu pai trabalhava muito e a minha mãe só…

Isolando-se dos outros, dissera Krisjen.

Alterações de humor.

Perda de apetite.

Insónia.

Foi gradual e discreto. A forma como se apartou de nós. Escondendo-se dentro de quartos fechados. Só Macon é que se apercebeu do que um dia iria acontecer.

E agora só Krisjen notou o que todos nós não vemos por estarmos muito próximos.

Dou um passo em direção à porta, mas descubro um casaco dobrado em cima da cadeira da secretária de Liv. Um velho casaco de cabedal de *motard*, que Macon deixou de usar no secundário e que Liv encontrou anos mais tarde. Passo o cabedal macio e liso pelos dedos. Os protetores desbotados dos cotovelos e

ombros. O colarinho retesado a que falta um botão. Ele usava-o muito. Numa mota. Sem capacete. Valia a pena desafiar inutilmente a morte só para sentir o vento.

Largo-o na cadeira, volto ao meu quarto e afasto os cabides. Rebusco no fundo em busca da roupa de Iron e tiro o casaco idêntico dele. Enfio-o, ato as botas, pego na carteira.

Desço as escadas e entro na garagem, tirando as chaves de Iron do anel na parede.

– Quero que venhas – ouço Army dizer.

Lanço um olhar, descobrindo Macon enfiado no capô, Trace, Krisjen e Army à sua volta.

– Sem o Iron, os Jaeger parecem ter ficado mais fracos – acrescenta Trace. – És o único que os intimida mais do que ele.

Macon não faz comentários. Perguntava-me eu como é que o convenceriam a espairecer um pouco.

– Por favor? – pergunta Army, com humor ligeiro, apesar da briga da noite passada.

Desloco a moto de Iron, desengatando o suporte enquanto Krisjen aplica protetor solar no nariz e rosto.

– Não sei porque é que acham que ele tem medo de vir – diz ela, apreciando o seu reflexo num tampão pendurado na parede. – Saint Carmen também é a vossa terra, não é?

– Era – diz-lhe Trace.

Mas eu intrometo-me.

– É – e todos olham para mim, como se não esperassem a minha intervenção. – Sei o que temos de fazer – informo-os.

Macon levanta-se, a atenção despertada.

– O quê, exatamente?

Empurro a mota para fora da garagem.

– Lembrar-lhes que continuamos aqui.

Este território é todo nosso. Esquecemo-nos disso.

– Krisjen, vens comigo? – pergunto.

Ela hesita por um segundo, mas não coloca perguntas. Sobe para a mota, atrás de mim. Entrego-lhe um capacete, mas ela atira-o para o sofá da garagem. Sorrio.

Sem perderem tempo, Trace e Army seguem com Dex, entrando na *pick-up*, e eu ligo a mota. Krisjen abraça-me pela cintura. Puxo pelo motor, vendo Trace sorrir-me, e reparo num movimento no meu espelho retrovisor, e trata-se de Macon, que veste um casaco de cabedal desbotado. Observa-nos por instantes, com ar relutante.

Mas depois vira-se e agarra nas chaves.

*

O vento irrompe contra mim, fustigando-me os óculos de sol, mas apenas resulta numa maior aceleração, num agarrar do guiador com mais potência. Os braços de Krisjen contraem-se como uma cobra.

Corro por estradas de terra batida, atravesso poças de água e pulo por cima dos carris do comboio. Observo-a pelo espelho retrovisor, Krisjen vai atenta ao cenário, com o cabelo a esvoaçar. Os meus irmãos ficaram para trás há vários minutos.

Piso as mudanças e transito para a próxima, lanço-me em frente e ultrapasso visivelmente o limite de velocidade, com a mota a roncar por baixo de nós. Ela ri-se. Eu sigo mais depressa. Ela agarra-se com mais força.

Inclino-me para a direita, e o corpo dela acompanha o meu ao contornarmos uma curva ligeira a grande velocidade, mas ela não me pede para abrandar. Acelero cada vez mais, casas, palmeiras e pessoas passam indistintas. Ultrapassamos os carros, o meu coração aloja-se na garganta, e rio-me para mim mesmo.

Há muito tempo que não conduzo uma mota.

Desconfio que nunca trouxe uma miúda comigo. É mais assustador. Adoro a forma como ela me agarra, me deixa transportá-la. Confia em mim. Porquê?

Antes que me aperceba, entramos em Garden Isle, a praia de areia branca e imaculada que os Santos adoram reservar para seu uso, ainda que prefiram invadir a nossa, porque temos um farol, mas não regras. Travo, ouvindo gritos e risos vindos do parque de diversões a menos de cem metros de distância, do outro lado do parque de estacionamento. Só reparo que o meu coração bate desmesuradamente quando sinto uma dor no peito.

Ela prepara-se para desmontar, mas eu levo a mão atrás e agarro-lhe a perna para a impedir.

O sol está forte, e uma brisa transporta o aroma da venda de bolinhos. As vendas de bolinhos são fabulosas, e nada indolentes.

Olho em frente, sem lhe largar a perna.

– Não tens medo de nada?

Army deve estar provavelmente furioso com a minha velocidade. Tal como Macon. Liv ter-me-ia gritado para abrandar. Coloquei Krisjen em perigo, mas esta nem reparou.

– Sofrimento – diz ela por fim. – Tenho medo de morrer com sofrimento.

Todos temos medo disso.

– O raciocínio deixa de funcionar quando há sofrimento – diz-me ela. – E nos meus últimos minutos quero estar consciente.

Raspo o interior da unha com o polegar.

– E tu, de que tens medo? – pergunta.

Faço uma curta pausa.

– De ti.

Ela fica parada.

Engulo um nó na garganta.

– A última mulher que viveu ali em casa, além da Liv, foi a nossa mãe.

Temos estado assim durante muito tempo. Liv nunca se preocupou com o estado da casa, ao contrário da mãe. Cozinhar, decorar…

Mas Krisjen é diferente de Liv. Krisjen é uma pessoa da qual eles começarão a depender, mas não é família. Pode dar à sola a qualquer momento.

– Ela sabia que eu passava os dias em casa – digo, e esclareço: – A mãe. Sabia que eu era o único dentro de casa. Nem sequer trancava a porta do quarto.

Tinha treze anos. A mesma idade de Macon quando ele confrontou o pai sobre o facto de continuar a engravidá-la. Estava a sós com ela, nesse dia. Ouvi algo tombar no soalho, no piso de cima. Percebi imediatamente, e não fui ver.

– Quero que te vás embora – digo a Krisjen.

Quando mais tempo ficar, mais dura será para nós a sua ida.

Espero que ela discuta, mas não o faz. Apenas diz:

– *Okay*.

O estômago cai-me aos pés. Tenta desmontar novamente, mas eu aperto os dedos na coxa dela com mais força.

– Não tens medo de mais nada?

Sinto-a observar-me, tentando encontrar o meu olhar, mas não lhe permito.

– A minha professora do segundo ano do ensino básico tinha uma irmã – diz-me ela. – Foi morta a tiro num estacionamento, a sair da loja à noite. O assassino não a conhecia. Tinha dezasseis anos.

Fico a ouvir.

– A vida não é bem o que nos acontece, Dallas, porque acontecem sempre coisas. Ricos, pobres, bons pais, maus pais, não importa, as outras pessoas são imprevisíveis. Se não conseguimos mudá-las nem impedi-las, não vale a pena preocuparmo-nos. Quando acontece, adaptamo-nos, lembrando-nos que é uma sorte continuarmos a respirar.

Pisco os olhos, sentindo-os arder. É o que eu temo. Um mundo no qual tantas coisas se encontram à mercê do acaso.

– E se eu conseguir controlar o que vai acontecer?

– Então, por favor, não sejas preso – diz ela.

E para meu espanto desato-me a rir. Uma mulher capaz de me entender.

Solto-a, deixando-a desmontar, mas mantenho-me na mota.

– Ainda continuo a querer que partas – encaro-a nos olhos. – Tanto para teu bem, como para o nosso. O Macon não nos deixa amar os Santos. E tem razão. Nunca quererás uma vida na Baía. O dinheiro vence sempre as batalhas contra o coração.

– Mas vocês têm dinheiro – diz ela. – Ou não têm?

Desvio a cara, sentindo outro sorriso repuxar-me os cantos da boca.

– Talvez mais do que eu saiba.

Macon não nos conta tudo.

Portanto, não. Ela não desistiria de muita segurança se ficasse com um de nós, mas perderia estatuto. Luxo. Temos dinheiro, mas jamais teremos criados. Nem jantares elegantes. Nem viagens pelo mundo.

– A Clay e a Liv estão juntas – salienta, despindo a camisola com capuz e atando-a à cintura. – Ele não se importa que a Liv esteja com uma Santa.

Tiro um maço de cigarros do bolso do peito.

– Será que não se importa? – acendo um, e solto o fumo. – Porque terá ele mudado de ideias, quando deixou a Liv ir para Dartmouth? Mandando-a embora e até ajudando a pagar as propinas, para que ela não pudesse usar a dívida que tinha de contrair como desculpa, optando por frequentar a escola pública e ficar perto da Clay?

As sobrancelhas unem-se, e reparo na engrenagem a funcionar na sua mente. Endireita-me e encara-me sem pestanejar.

– Ele julga que a relação acabará com a distância.

Anuo.

– O Army andou aos caídos quando a miúda dele o destruiu. O Macon fartou-se de resolver problemas que nunca deviam ter sido problemas.

– Alguma vez resolveu os teus?

Viro o olhar para ela.

Mas antes de poder responder, já ela se afastou, atirando-me um sorriso furtivo por cima do ombro.

Não lhe iria contar, mas ela já percebeu que há aqui história. Afinal, não é parva.

Dou nova passa no cigarro. Quando a Baía finalmente se ressentir das consequências de ter fodido um Santo, o qual eu devia ter deixado em paz, já terá partido. Acho.

Macon demorará anos a resolver os meus problemas.

A carrinha encosta à minha direita e ouço o barulho de outra mota ao longe. Descubro Aracely à entrada do festival, despejando tequila da sua garrafa de bolso numa limonada gelada que acabou de comprar, e Krisjen encontra Liv e Clay numa área em que as pessoas dançam ao som de um DJ. Podia pagar-lhes uma bebida a todas. Liv tem de voltar para a escola daqui a uns dias. Até agradeceria.

Podia pagar-lhes uma bebida, se quisesse ser simpático. Mas não o vou fazer. Já cresci o suficiente para um único dia

Viro a cara para o céu, encontrando as nuvens de tempestade que se aproxima, e um vento quente agita as abas das tendas. Fumo o resto do cigarro, a brisa acaricia-me o cabelo, e o cheiro do alcatrão quente enche-me o nariz. Faz-me recordar os papagaios de papel. Nem sei porquê.

– Daqui a uma hora iremos estar todos molhados – ouço Trace comentar em voz alta.

Ele acerca-se de mim, alisando o cabelo escuro e repondo o boné de basebol na cabeça.

– Sim.

Mas ninguém se interessa.

Repara no meu cigarro e leva a mão ao meu bolso do peito, roubando o maço. Acende um, e ambos ficamos a apreciar a multidão. Army envolve Krisjen nos braços e ela ri-se. Reparo que Trace os observa.

– Ainda a queres? – pergunto-lhe.

Ele encolhe os ombros.

– Às vezes.

A resposta dele espanta-me. Pensei que mentiria, fingisse que não lhe incomoda.

– Ela é boa a amar – diz-me. – Foi bastante excitante, aquilo que fez ao Iron, ontem.

Deve ter assistido de entre o arvoredo. Só sei porque me contaram.

Junto à piscina. Numa cadeira de lona. À chuva.

Iron é a única pessoa com quem me sinto realmente à vontade. Claro que não teria pejo em fazer amor ao ar livre da noite. Se alguém os vir, o problema é da pessoa. Não dele. É por isso que o adoro.

No que toca a Krisjen, só a odiei mais. *Obviamente que ela iria foder outro irmão meu, dando nas vistas à frente de toda a gente. As putas abrem as pernas a qualquer um.*

Pois, quando calha a outro, já critico. Vão dar uma volta.

Falando a sério… Ela iria magoá-lo. Iria magoar Army. As mulheres só nos causam dor. As esposas ainda são piores. A minha vida teria sido melhor se não tivesse mãe.

Vejo-a dançar e sorrir, com a minha irmã e a respetiva namorada na pista de dança.

Sinceramente, fico feliz por Iron ter tido um momento bom, antes de ir para a cadeia. Realmente feliz.

– Ela seria um espetáculo connosco os quatro – digo, antes de conseguir impedir-me.

Trace vira-se e encara-me.

Inspiro profundamente e apago o cigarro.

– Tenho tentado livrar-me dela, mas ignorei o facto de que nos pode ser muito útil.

– Mas do que estás tu a falar?

Sustenho-lhe o olhar por um instante.

– Ela faria qualquer coisa por nós, Trace. Pela Baía – volto a fitá-la, enquanto solta o cabelo do rabo de cavalo, parecendo uma maria-rapaz com calças de ganga e *T-shirt,* livre de maquilhagem. Sonho em despi-la. – Ter uma gravação da Krisjen Conroy iria garantir-nos a nossa terra e tudo o que quiséssemos, para sempre. O avô dela pagaria o que fosse preciso para manter esse vídeo bem guardado.

Ele imediatamente retesa os ombros.

– Não.

– Tu e o Army já lhe deram uma queca – digo-lhe. – Eu faço o que for preciso. Seremos bons amantes. Meigos. Levamo-la para um sítio privado e tranquilo. No barco, talvez? – não pestanejo. – Ela terá a maior noite de sempre, Trace.

Não tem de ser uma coisa má. Iremos garantir de que gostará.

– Não me digas que não te excita a ideia de conseguires ter algo antes dos teus irmãos mais velhos – provoco-o.

Ele fica a observá-la enquanto ela dança, mas depois começa a ir-se embora.

– És um filho da puta.

Ele não se vira para mim, e eu limito-me a sorrir.

– Pensa nisso – digo em voz alta.

Ele não para de andar, até se perder no meio da multidão.

Conheço Trace. Está sempre disposto a tudo, e para o resto só precisa de tempo para aquecer.

Volto a perscrutar a multidão, identificando várias pessoas da Baía e vários Santos. Milo Price está a mandar mensagens no telemóvel, e eu reparo nas câmaras colocadas no alto dos candeeiros e nos drones às voltas, filmando o que tipicamente aparece nas páginas das redes sociais da vila. Câmaras dos telemóveis gravam vídeos e a câmara em direto no cimo do centro de visitantes tem uma lente de 360º, e sei que está em pleno funcionamento.

Qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo, pode assistir-nos neste momento.

O meu corpo fica quente. Tirando o telemóvel, mando uma mensagem.

Sei que estás a ver.

A mensagem indica **Entregue** e depois **Lida**.

Sorrio, e guardo o aparelho.

17
Krisjen

Se ao menos Iron se encontrasse presente o dia seria perfeito. Devia fazer-lhe uma visita. Manter a ligação, para que ele não se esqueça que tem de voltar. Enviei-lhe ontem uma embalagem com um pouco de comida, um cartão com fotografias da noite de ostras assadas no Mariette's, assinado por todos nós, e algumas revistas. Mas quero ver-lhe a cara. Certificar-me de que ele não se mete em brigas.

– Obrigada – agarro na taça de chili e numa colher de plástico, presenteando a senhora Chadwick com um derradeiro sorriso antes de sair.

Esta é a minha parte favorita do Bug Jam anual. O concurso de chili. Há pelo menos uma dúzia de tendas repletas com o aroma das especiarias, em que algumas das barraquinhas pertencem a famílias com receitas secretas, e outras são de empresas que tentam criar contactos com a comunidade. A barraca de algodão doce é a próxima. Oferecem vinte e um sabores.

Deambulo por ali, vendo Dallas ainda sentado na mota no parque de estacionamento, rodeado por três mulheres. Abano a cabeça. Aquele tipo nem precisa de se levantar para conseguir o que quer.

Trace leva Dex sobre os ombros, e não descubro Army neste instante, mas terá referido que queria dar uma espreitadela aos carros da exposição.

Mas vou voltar na mota de Dallas. Foi divertido. Ele bem se esforçou por me assustar, mas não me importei, porque ele não se iria lesionar só para me causar ferimentos. Ou seja, não iria deliberadamente ter um acidente com a mota durante a viagem.

Mas hesito, ponderando este pensamento por um instante.

– A observá-los?

Levanto a cabeça e deparo-me com Jerome Watson. Fico atónita. Nem sequer me ocorreu que o podia encontrar hoje.

Está sentado na ponta da mesa da sua barraca de chili, e tem um ar diferente em calças de ganga. A camisa de flanela tem tons azuis e verdes, e fica mais bonito do que gostaria que fosse. Traz um avental branco atado à volta da cintura estreita.

– É de admirar, a forma como se mantiveram donos da terra durante tanto tempo.

Ele não me encara, e eu viro a cabeça para acompanhar o seu olhar. Trace e Dex dançam com Liv e Clay. Aracely chateia-se com Dallas, enquanto ele fuma outro cigarro e tenta nitidamente não desatar a rir.

– Gosto de sobreviventes – diz-me Jerome. – Não se pode dizer que os Jaeger não sejam resilientes.

Volto a observá-lo, o calor do chili trasvazando a taça e queimando-me a mão.

– Mas os anos são sempre iguais para eles, certo? – pergunta-me. – Nada muda. As guerras, o tumulto, as mesmas caras, as mesmas tretas, as mesmas estradas de terra, as mesmas casas arruinadas… vive-se na Baía, mas nada ali cresce.

Reteso o maxilar com a respiração pesada. Não é verdade. Jerome endireita-se, e eu não recuo quando o vejo encurtar lentamente a distância que nos separa.

Ele baixa o tom de voz.

– O que farás quando te cansares dos corpos deles e sentires pena de não teres aproveitado as oportunidades que te apareceram na vida? Hm? – olha-me fixamente. – Uma casa bonita? Poderes mandar os teus filhos para a faculdade e dar-lhes um futuro? Talvez criares um negócio teu? – inclina a cabeça. – Uma butique infantil – diz por fim. – Consigo imaginar-te à frente de uma loja destas. É uma coisa gira, assim como tu.

Começo a afastar-me, mas ele agarra-me a mão e assenta-a no seu peito.

– E, além disso, também tenho um corpo – murmura.

Nem consigo puxar a mão de volta, porque alguém a puxa primeiramente e me envolve nos seus braços. Fico tensa, mas olho para baixo e encontro o emblema dos Seis da Tryst numa pulseira de couro. Ele prende-me contra o peito, e encosta o maxilar à minha cabeça.

Descontraio-me. *Army*.

Jerome olha para ele por cima da minha cabeça, e eu reparo nas pessoas pelo canto do olho, observando-nos.

– Prazer em ver-te – diz-lhe Jerome. – Já faz algum tempo.

Heather Lynch e A. K. Weathers encaram-me com as limonadas geladas na mão. Devem ter vindo da universidade estatal da Flórida por causa do feriado.

– Não sei porquê – Jerome sorri –, mas lamento todas as vezes que andámos à bulha no secundário.

Secundário? Army teria uns quinze anos quando Jerome tinha dezoito.

– Foram bons tempos – continua Jerome –, mas ainda não lutámos por causa de uma mulher.

Os olhos de Jerome recaem sobre mim quando se aproxima. Os braços de Army mal se mexem, mas sinto a ligeira contração dos músculos que me abraçam. O olhar de Jerome sobe para o dele, e fica austero e vazio de emoções.

– Prometi-te em tempos que havia de possuir tudo o que fosse teu – diz a Army. – E assim será.

Agarro no pulso de Army, sentindo a pulseira sob a mão.

– Não será, não – surge a voz forte e profunda, atrás de mim.

Mas não se trata de Army.

O coração martela-me o peito. Observo os meus dedos enrolados à volta do pulso com a pulseira, o meu mindinho roçando os ossos longos nas costas da mão de Macon.

Jerome vira-se e afasta-se, regressando à barraca de venda, e os braços que me envolviam soltam-me, ao mesmo tempo que me viro e encontro a figura de Macon. Ele está atento a Jerome, com o cenho carregado. Army, Dallas e Trace observam-nos, na periferia da minha vista, e sinto um latejar no pescoço e uma vibração nas costas e nos braços, debaixo da pele, em todas as partes em que me tocou.

Sem me lançar um olhar, Macon afasta-se, e hesito até que Army finalmente se acerca e me pega na mão. Os meus dedos ficam flácidos nos seus, e mal ouço a pergunta que faz:

– Estás bem?

Só consigo anuir. Assolam-me pensamentos que não quero enfrentar.

Parecia ele. Precisamente ele.

O sofá…

Mas abano a cabeça. Não foi ele. É uma parte de mim que assim deseja…

Ao escutar a voz dele, o meu coração acelerou, e comecei a ficar agitada como aqueles brinquedos saltitões, que pulam sem parar. Foi apenas do espanto. Ele normalmente não reage assim.

Foi por causa de Jerome, sendo-lhe impossível resistir à disputa do macho mais valente do secundário. Não o fez por minha causa.

– Muto bem, malta! – alguém anuncia num altifalante. – Quem tiver equipa, encaminhe-se por favor para o parque de estacionamento leste! O 41.º Bug Jam anual irá arrancar dentro de dez minutos!

Army começa a abrir caminho, e reparo que Trace inclina a cabeça para trás e esvazia a garrafa de cerveja.

As pontas dos meus dedos ainda vibram, sentindo a pulseira dele.

Sou assolada por um *déjà vu*.

Macon permanece um mistério que tenciono desvendar, pelo que a minha imaginação corre desenfreada. Sei bem que não foi ele.

– Os participantes devem ter um mínimo de dezoito anos de idade, os espectadores…

– Então, o que te disse ele? – pergunta Army.

Abano a cabeça.

– Nada.

Macon raramente me dirige a palavra.

Mas depois percebo que Army se refere a Jerome.

– Ah, hmm…

Olho para cima e abano a cabeça para clarificar as ideias.

– Só parvoíces, a dizer que o verdadeiro chili leva feijão.

Não ganho nada em repetir as tretas de Jerome. O dia de hoje é para nos divertirmos.

– Imbecil de merda – murmura entredentes. – Se levar feijão, não é chili.

Abano a cabeça.

– Pois, não passa de um refogado.

O locutor continua enquanto nos acercamos da multidão, abrindo caminho até ao *VW Beetle* verde-claro, do qual apenas sei que foi montado em 1969 porque assisti a Trace e aos amigos a restaurá-lo, durante uma noite do verão passado.

– O recorde é de treze pessoas – diz a mulher pelo altifalante. – Que pertence ao Clube de Leitura das Senhoras do Furacão.

– Têm esse nome por causa da quantidade de Furacões que emborcam enquanto fazem de conta que discutem os livros, mas não os chegaram a ler! – diz em voz bem nítida e tom de brincadeira, Baylor Kane, finalista em Marymount e filho de uma das mães do dito clube.

Toda a gente se ri, e olho em volta para identificar os membros da equipa. Aracely, Army, Trace e Dallas. Liv e Clay aproximam-se para se juntarem a nós. Dex deve estar sob os cuidados de alguém, pois isto demorará alguns minutos.

Ponho-me em bicos de pés, à procura na multidão atrás de mim. Terá Macon voltado para casa?

– E também não é justo! – berra outro tipo. – As mulheres são mais pequenas.

– Tu também tens partes bastante pequeninas – riposta outra mulher.

– Ohhhh – surgem as vaias coletivas, seguidos de risos e uma queixa:

– Há aqui crianças!

Army puxa-me.

– Vamos lá fazer isto.

As equipas começam a aproximar-se dos respetivos carros, e o vento levanta-se enquanto ato o cabelo num rabo de cavalo e visto novamente a camisola com capuz. Olho para Dallas:

– Juntas-te a nós?

A boca dele contorce-se, mas o olhar é de divertimento. Despe o casaco e deposita-o no monte, juntamente com os outros, ao lado do pneu traseiro.

– Rapazes à frente – instrui Clay. – Não quero ser esmagada.

Macon deve ter voltado para casa. Não sei se foi boa ideia tê-lo trazido. Provavelmente, só ajudei a solidificar a sua convicção de que os Santos são frívolos e parvos.

A mestre-de-cerimónias anuncia as várias equipas, e mal mencionam a Baía de Sanoa, ordeno:

– Cabeça erguida.

Os rapazes esticam os queixos, percebendo a dica. Não evitem o contacto ocular. Deixem que vos vejam. Clay e eu soltamos vivas com toda a força – Liv é demasiado altiva para o fazer – até a locutora avançar para a equipa seguinte.

– Os ajudantes irão percorrer os vários grupos para garantirem que está tudo em segurança – diz – e para providenciar assistência a quem necessite. Tudo pronto?

Toda a gente grita e uiva, e seguem-se instruções ditas à pressa a respeito das regras para braços e pernas a que não presto atenção, mas depois a buzina rompe o ar, assolando os meus ouvidos, enquanto as pessoas começam a saltar para dentro dos carros.

O início é demasiado rápido e não se entende o que está a acontecer, mas os homens avançam em primeiro lugar, enfiando-se nos assentos e saltando para a traseira.

– Krisjen! – chama Army. Encontro-o já no lugar do passageiro, e faz-me sinal para o teto de abrir. – Enfia-te por cima. Senta-se ao meu colo.

Trace levanta o banco do motorista, espremendo as pernas no espaço mais apertado possível, enquanto Aracely se lança em peso contra a porta de Army para a conseguir fechar. Apoiando-me na janela aberta do lado dele, trepo para o teto do carro, pronta a enfiar as pernas, mas puxam-me para o banco de trás. Solto um guincho.

– Ei! – rio-me, entrando na brincadeira. Dallas remexe-se debaixo de mim, e Army lança-lhe um olhar do banco da frente.

– Temos de usar isto como se fosse um quebra-cabeças – vocifera Dallas. – Os mais pequenos no chão.

Empurra-me para baixo, entre as suas pernas, mas acabo por ficar numa posição estranha, de lado, a perna esquerda torta e que não me deixa endireitar.

– Temos de colocar alguém desta forma! – é a instrução de Trace. Ele vira-se no assento diante de mim, e eu levo as mãos atrás, garantindo que não me pisa o cabelo. Retraio-me. Isto não parece nada seguro.

– Ela não vai conseguir respirar! – berra Army, e eu espero que se refira a mim. Preciso de mais espaço.

Tento mexer as pernas, mas esbarro contra outras pernas, e vejo os pés de Aracely descerem contra mim. Esquivo-me.

– Cuidado com a minha cabeça!

Soam aplausos no exterior, procuro virar a cabeça, mas só encontro as virilhas de Dallas. Tento respirar profundamente, mas isto é ridículo. Porque é que tenho de estar no chão?

– A Aracely, para aqui! – berra Dallas. – Temos de aproveitar cada pedacinho de espaço. Krisjen, desvia-te!

Algo choca contra a minha cabeça, e eu resmungo por fim.

– Vou morrer aqui em baixo! – segurando-me na coxa de Dallas, puxo-me para cima.

– Não sejas medricas – riposta este. – Senta-te no meu colo, então.

– Sentar no teu colo? – dispara Army. – Ela não se vai sentar em nada que seja teu.

– Eu sento-me na ex-namorada dele – proponho, vendo Aracely enfiar-se pelo teto de abrir.

Segue-se uma gargalhada, e Dallas agarra-me pela cintura, procurando colocar-me em cima do colo, enterrando os dedos no meu estômago. Tento conter o riso, porque me faz cócegas.

– Larga-me! – berro.

– Não…

Mas depois já não me encontro nos seus braços, e as palavras dele são interrompidas quando me sinto virada do avesso, e me sento no colo de outra pessoa ao seu lado. O meu sorriso desaparece, e deparo-me com Macon, que encaro fixamente, ao que este retribui. Aracely consegue finalmente entrar, empurrando-me as costas e forçando-me ao encontro de Macon.

– Exato, exato, assim mesmo – ouço Trace dizer. – Aracely, senta-te ao colo do Dallas, tal como a Krisjen está no do Macon. Estas peças do *puzzle* já encaixaram no passado.

– Cala-te! – ouço-a retorquir.

Peças do *puzzle*.

Alguém me empurra novamente, e depois mais uma vez, até ficar praticamente com o nariz colado ao de Macon.

O olhar dele não abandona o meu.

Sustendo-me, pega-me nos braços e guia-os à volta do seu pescoço, cingindo-me contra o peito. Ficamos apertados.

A mão dele cobre a minha nuca, protegendo-a, e demoro apenas um instante para entender a intenção e seguir-lhe o exemplo. Envolvo-lhe o pescoço com os braços e enterro ali o rosto, enquanto o carro se abana com tantos corpos comprimidos.

– Ara, porra – queixa-se Dallas. – Ganhaste peso?

– Dallas? – pergunta ela com um sotaque cerrado, e percebo que vai falar em espanhol: – *Yo pretendi mis orgasmos contigo*.

Reconheço o riso de Army, pois ele, Macon e Iron são os únicos bilingues. Inexplicavelmente, os pais apenas ensinaram inglês a Liv, Trace e Dallas.

Os dedos de Macon entranham-se na minha pele. Fico imediatamente com pele de galinha nos braços. Fecho os olhos. *Pode ser desta.*

Dallas continua:

– O que foi que ela disse?

– Nem queiras saber – responde Army.

Não vejo Jerome em parte nenhuma. Macon abraça-me, e quando aperta os braços, faço o mesmo aos meus. Alguém embate novamente contra mim, mas não me magoa. Macon protege-me.

O espaço no interior do carro está a ficar apertado.

Não consigo respirar.

Faz calor.

Não quero sair daqui.

– Clay, tens de fazer a depilação! – ouve-se uma queixa.

– Mas fiz!

– Tira o teu pé da minha cara.

Vozes, resmungos, um insulto sobre o hálito de alguém…

Ele tem o pescoço quente. Sinto as rugas da pele daquele pescoço na minha boca. Remexo-me, tentando encostar a barriga à sua, mas acabo por me esfregar contra ele. Sustenho a respiração, ele abraça-me.

– Terminámos? – perguntam.

Não. Cerro os olhos.

– Alguém que avise! Digam que já terminámos!

– Terminámos! – ouço Army e Dallas gritarem.

– Terminámos! – diz outra pessoa.

– Oh, céus, despachem-se – resmunga Dallas. – Não consigo respirar.

Inalo-o, eu…

A buzina soa, e eu fecho os olhos com mais força… antes de os abrir por fim.

Aplausos enchem o ar, as portas dos carros abrem-se e as pessoas começam a sair aos trambolhões dos interiores. Surgem risos, e o carro começa a ficar vazio, mas eu demoro-me, sem conseguir ir ao encontro do seu olhar.

Não sei o que está a acontecer? O que pretende ele? É confuso. Detesto isso.

Mas a minha atenção não o larga.

– Foda-se, perdemos – resmunga Trace.

– As velhas ganharam outra vez?

– Não sejas assim – comenta Liv. – Como se fôssemos ganhar, contigo a ocupar o espaço de quatro pessoas.

– Porra, que está um inferno – queixa-se Clay.

O grupo acaba por sair e, hesitante, sigo-os. Junto-me a eles no exterior, e Army puxa-me para si. O Clube de Leitura das Senhoras do Furacão, rindo às gargalhadas e a delirar de alegria, aceita o troféu e o cabaz de brindes.

– Tenda da cerveja – anuncia Trace.

Army avança, puxando-me.

Mas eu não saio do lugar.

– Vai andando – digo-lhe.

Ele abre a boca para discutir, mas eu tranquilizo-o.

– Está tudo bem. Tenho de ir buscar os meus irmãos. Estão nas casas insufláveis com os amigos. A mãe foi para fora neste fim de semana – estico-me e planto-lhe um beijo nos lábios. – Até amanhã.

Viro-me para partir, mas ele puxa-me de volta.

– Olha – hesita, perscrutando-me o olhar e percebendo que algo se passa. – Deixa-me dar-te boleia.

– Não fica longe, a pé. Lá nos arranjamos – mantenho o tom de voz ligeiro, e sorrio-lhe. – Vai e diverte-te.

Ele encara-me como se tivesse mais para dizer, mas eu viro-me e parto, antes que o diga.

A culpa roí-me, mas nem sequer sei o que responderia, se quisesse explicar as minhas ações.

Não era mentira. O meu irmão e a minha irmã encontram-se nas casinhas insufláveis, e eu tenho de ficar com eles esta noite, mas podia tê-los levado na carrinha do Trace para a Baía. Eles gostam daquele sítio.

É que…

Preciso de estar sozinha.

Atravesso a multidão, mas alguém se intromete, bloqueando-me o caminho.

– Tenho a chave da carrinha. Deixa-me levar-te a casa.

Levanto os olhos e deparo-me com Dallas. Ele inclina a cabeça, mas o olhar não é brincalhão.

– Não é incómodo nenhum – informa-me, mostrando as chaves.

Olho para trás, para verificar se Army ainda está por perto, mas já se foi embora.

– Pensei que estávamos a ficar amigos – brinca Dallas.

Perscruto-o.

– O que significa essa palavra para ti?

Ele ri-se, e eu aproveito para me afastar o mais rapidamente possível.

– Até amanhã – digo-lhe.

Duvido que Dallas se voluntarie por motivos altruístas. E embora me alegre por finalmente me dirigir a palavra – e com simpatia –, tenho consciência de que terá sempre um qualquer motivo, ou que espera ser compensado pelo favor.

Ele não é complicado da mesma forma que Macon. Com Dallas, quando descobrir o que ele não quer que se saiba, aposto que muito a seu respeito fará sentido.

Por outro lado, ao contrário de Macon, Dallas sacrificará qualquer um só para se salvar. Pode ter os seus momentos bons, mas ele próprio não é uma boa pessoa.

Esgueiro-me entre uma barraca de jogos e o centro de visitantes, dirigindo-me para a zona dos insufláveis, mas assim que me vejo fora do alcance do Bug Jam, mãos empurram-me as costas, atirando-me para o chão.

Mas que porra? Arquejo, protegendo-me com as mãos, e viro-me rapidamente, para ver quem me atacou.

Milo agacha-se ao meu lado.

– Estás bem?

Está acompanhado de três raparigas, e os quatro olham-me fixamente.

Merda.

18
Krisjen

Feito Milo, com Cate Laurel, Emaline Truax e Antoinette Viega – as finalistas de Marymount – atrás dele.

Enterro os dedos na terra atrás de mim.

– Queres fazer isto aqui?

O sorriso dele encontra-se nos olhos, porque a boca mantém um traço reto.

– É rápido.

Agarra-me pelo peito da camisola e levanta-me em peso do chão, faz-me rodar e puxa-me o rabo de cavalo junto ao couro cabeludo. Queixo-me do ardor.

– Milo… – repreende uma das raparigas.

Ele atira-me contra a parede da casa de banho, e eu consigo parar antes de bater com a cara.

– Devassa dos Pântanos – rosna, virando-me para cima. – Ainda tens a esporra dele dentro de ti? – agarra-me entre as pernas. – A qual deles é que tu cheiras?

Respiro com força.

– Ah… – rebusco no cérebro. – Não sei. Não tomei banho entre o da noite passada e o desta manhã.

Atira-me novamente contra a parede verde-lima e vejo a mão dele voar, com tempo suficiente para me preparar antes do choque. Um ardor espalha-se pela minha cara, e ele apanha a pele do meu estômago com tanta força que um grito trepa pela minha garganta acima.

Mas antes de conseguir libertar-me, ele atira-me para o chão.

Aterro de barriga, uma pedrinha aguçada enterra-se na palma da minha mão.

– Chega! – diz a mesma voz. Reconheço-a agora como pertencendo a Toni Viega.

– Ela consegue enfiar a mão inteira de um homem dentro dela – Milo diz à rapariga. – Não sabias?

Baixo os olhos à procura dos Jaeger. Encontro Trace. Atrás das cabinas de jogo, na multidão. Não quero que nenhum deles me veja. Aqui, não. Em St. Carmen, não.

Virando-me, mantenho o olhar fixo em Milo, enquanto me ponho de pé.

Eu retribuía sempre as pancadas. Ele gostava, porque o deixava mais zangado.

Mas ele já não tem importância na minha vida. Vejamos se consegue fazer-me gritar.

– Devíamos ser mais meigos? – pergunta-me.

Cate e Emaline acercam-se seguindo-o e ele agarra-me novamente pelo colarinho.

Mas Toni desiste.

– Vou-me embora.

Parte, e sorrio, por entre a dor do rosto, a pele como se fosse desfazer-se.

– Levamo-la para algum lado? – pergunta-lhes Milo.

Cate faz um sorriso aberto.

– Boa ideia.

O meu peito sobe e desce com a respiração apressada.

– Sim, para que possas fazer o que os homens costumam fazer às mulheres para mostrarem que são homens, certo? – sinto um ardor nos olhos enquanto incito o meu ex-namorado.

– A língua do Trace entre as minhas pernas. As mãos do Iron apertando-me as ancas enquanto eu me meneava em cima dele. A boca do Army chupando-me com força – provoco-o. – Quando eles me chamam, eu vou, e quando me pedem, eu faço, e só precisam de chamar-me com o dedo.

Os olhos dele ardem de raiva.

Sorrio amplamente.

– Só me entristece que não consiga ter os cinco dentro de mim ao mesmo tempo.

Num movimento rápido, ele puxa-me o cabelo, esbofeteia-me, depois agarra-me o pescoço e atira-me ao chão.

Aterro com força, e sinto uma dor aguda nas costas, o ar saindo dos meus pulmões. Inclinando-se, ele volta a levantar-me, e não tenho tempo de o empurrar. A mão dele estala contra a minha cara, a força faz-me girar a cabeça e uma dor sobe-me ao pescoço. Sangue quente jorra do interior da minha bochecha.

Larga-me de novo no chão, e eu fico caída, tentando recordar o que devo fazer agora. O instinto tenta agir. Devia fugir. Gritar, pedir ajuda. Ripostar.

Os olhos enchem-se-me de lágrimas.

Mas Milo recua e diz-lhes:

– Só parem até partirem alguma coisa.

Olho por cima do ombro, esforçando-me por me apoiar de pé.

Quando me consigo levantar e procuro em meu redor, Milo já desapareceu, Cate e Emaline ficaram para acabarem o trabalhinho.

Engulo em seco, sangue escorrendo pela minha garganta.

– Já terminámos?

Emaline acorre contra mim, prende-me os braços nas costas, e Cate agarra-me os ombros e enfia o joelho no meu estômago.

A bílis sobe-me à garganta, e voltam a atirar-me para o chão. Os pés delas cercam-me, preparadas para a minha resposta.

Mas limito-me a rir sem forças, sentindo que vou vomitar ao mesmo tempo. Esforço-me para me endireitar, mas acabo por receber nova bofetada. Caio de joelhos, sem saber quem me bateu, mas levanto-me novamente.

E mais uma vez, e mais uma vez.

Sinto uma gota de sangue escorrer-me pela maçã do rosto – talvez seja uma lágrima. Os olhos lagrimejam, a visão está toldada. Sinto-me agoniada.

Empurram-me para o chão, uma pontapeia-me nas costas, a outra no estômago. Recuam, esperam por mim, impacientes, prontas. Os meus braços tremem, ao tentar levantar-me, mas tusso, sentindo o vómito subir.

Respiro com força três vezes, contraio os músculos e obrigo-me a endireitar.

Encaro-as através do cabelo que me tapa a vista, e sinto o ardor espalhando-se pelo estômago e pela minha cara.

– Defende-te – exige Cate.

Fungo.

– Ná, estou bem assim.

Uma mão esvoaça pela minha cara. Deve ser Emaline.

– Defende-te!

Gemo, e escorrem algumas lágrimas, pois não consigo impedi-las. Dói-me o canto da boca. Tremem-me os joelhos.

Cate empurra-me contra o chão, e ambas se aproximam, e contraio o estômago para me proteger, mas depois… nada acontece.

Cate é puxada para trás, agarrada pelo cabelo, e aparece Aracely, esbofeteando Emaline e fazendo-a cair.

Liberto um suspiro de alívio, e repouso a cabeça no chão, e por um instante a dor acalmou-se. Ainda bem, céus. Acho que não conseguiria aguentar mais.

Gritinhos e resmungos jorram à minha volta, e nem sequer preciso de olhar para perceber que Aracely não precisa de ajuda. Nem… um… pouco.

Recorrendo a todos os músculos que me queiram obedecer, viro-me de barriga para baixo e tento levantar-me do chão.

– Ainda te pomos na cadeia! – berra Cate, sangue a pingar-lhe do nariz.

Mas Aracely limita-se a apontar para a câmara em direto no alto do centro de visitantes:

– E até têm provas.

Veem a câmara, que terá gravado a sova que Aracely lhes deu, mas também o ataque delas à minha pessoa. E Milo.

Emaline encara a câmara.

– Merda.

Solto um risinho, limpando o sangue do nariz. Seguramente que alguém apagará a gravação oficial. Têm esse tipo de contactos. Mas é uma emissão ao vivo. Não haverá muita gente a assistir, mas, quem esteve, alguém terá gravado. Desaparecem apressadamente, dando meia-volta e voltando para o festival.

– Obrigada – digo, com alívio, a Aracely.

Ela examina-me.

– Porque é que não reagiste?

Puxo a manga para baixo, e uso-a para limpar um pouco da maçã do rosto e da boca.

– Sou uma Santa, Aracely. A forma de nos derrotar é continuar a resistir.

Um sorriso desponta, mas ela disfarça-o com um revirar de olhos. Eram quatro contra uma. De que outro modo é que eu poderia ganhar?

– Porque é que me ajudaste? – pergunto-lhe.

Até pensei que ficaria feliz ao ver-me apanhar nas trombas.

– Bem… – encolhe os ombros. – Ainda fiquei a ver um pouco.

Fungo de ironia. *Claro*.

Mas não sou doida.

– Mas depois continuaste a levantar-te, armada em heroína – continua. – Minha putéfia.

Rio-me, ela sacode-me a terra e a relva dos joelhos, e penso convidá-la para tomarmos umas margaritas na minha casa, mas não me sinto bem. As coisas dançam à minha volta, e ouço uma exclamação apagada.

– Que porra é esta?

Espreito para lá de Aracely, e vejo que Trace se aproxima a correr. Army segue-o.

Cruzo o olhar com Aracely.

– Não lhes contes. Por favor. Sabes o que acontece a seguir.

Isto não tem a ver comigo. Sou um mero isco colocado por Milo, e se eles tiverem de correr riscos, que não se deva a mim.

– Oh, meu Deus, sentes-te bem? – Clay acorre na minha direção.

Todos se apinham à minha volta, mas sinto a testa como se ardesse, e preciso de tirar a camisola. De repente, estou febril.

– Estou bem, eu… eu…

O mundo rodopia, e deixo cair o queixo, agoniada. Vou vomitar.

– Krisjen – ouço a voz de Army. Acho que me toca.

– Quem é que te fez esta merda? – explode Dallas.

Os joelhos começam a ceder-me.

– Não me sinto bem – vou cair. – Preciso de sentar…

Sou levantada nos braços antes de atingir o solo, e deixo a cabeça pender contra ele, fechando os olhos.

– Vai buscar os irmãos dela à casa insuflável – a voz de Macon vibra contra a minha orelha.

– O quê?

– Já! – berra com alguém.

Suor cobre-me a testa, o estômago revira-se enquanto o deixo levar-me ao colo.

– Aracely, quem é que lhe fez isto? – pergunta Liv assim que partimos.

– Não vi.

Assim é que é, rapariga.

Não haverá mais Jaegers na cadeia.

*

MEIA hora depois, estou sentada na sanita da casa de banho de Macon, a chupar um ponche de frutas Capri Sun. Ele disse que eu precisava de comer uma coisa fria.

Passei as pernas por cima da berma, e ele aplica uma compressa com soro fisiológico no canto do lábio, limpando-me o nariz. Os rapazes e as crianças fazem uma algazarra no piso inferior, mas não sei qual deles é o mais barulhento.

– Então, foi divertido para ti? – pergunto, baloiçando as pernas e encarando-o.

Ele segura-me o rosto, aplicando um bálsamo no corte da minha bochecha.

– Apanhaste porrada e mesmo assim, sorris?

– Ainda respiro.

Cruza o olhar comigo, nada divertido, e volta a dedicar-se ao meu rosto.

Não sei explicar. Estou ferida, mas não me dói. Neste instante, só lhe sinto as mãos.

– Ainda estás com náuseas? – pergunta-me.

Abano a cabeça, tragando o resto do sumo.

– Quem foi? – exige saber.

Deito a embalagem no lixo.

– Umas miúdas quaisquer. A Aracely e eu demos conta delas – e acrescento: – Principalmente, a Aracely.

– Krisjen…

– Foi divertido para ti? – insisto mais uma vez, tentando fazê-lo olhar para mim. – Fizeste frente ao Jerome de um modo fabuloso. Não costumo ver-te em ação. Gostei.

Ele fica imóvel e começa a respirar com alguma intensidade.

– Ele é um velho rival? – pergunto em voz baixa.

Macon descarta-se dos algodões ensanguentados e ativa uma bolsa de gelo.

– Santos contra Pântanos não são propriamente novidade.

Encosta a bolsa contra o meu maxilar, e pegando-me na mão pousa-a ali para a segurar.

– Ele agora vai querer-te mais – diz, quase num sussurro. – Porque julga-te minha.

O meu coração desata a bater com força.

– Se calhar devia ter ripostado – digo-lhe. – As mulheres da Baía sabem todas lutar?

– A minha mulher não precisará de um maxilar de aço – arruma os itens. – Só de um estômago de aço.

Evita o meu olhar, atarefa-se com alguma coisa para não ter de se virar para mim. Céus, quero mesmo conhecê-la. À mulher que lhe pertencerá.

Ele tira uma fita e cobre o corte no meu rosto. Fá-lo com jeito. Os meus pais prefeririam pagar pelo serviço.

– Às vezes, ponho-me a pensar: quanto do teu treino militar estarias disposto a usar para manter a Baía segura – pondero em voz alta, fazendo uma lista pelos dedos. – Deves perceber de computadores, de mecânica, e és definitivamente hábil em estratégia… Qual era a tua função nos Fuzileiros?

– Era médico de combate.

Rio-me, sentindo a picada quando aplica a última parte da fita sobre o golpe. *É óbvio*, devia ter previsto.

– Chegaste a ver combate?

Anui.

– Deve ter sido complicado – sinto-me ir ao encontro dos seus dedos, quando estes me tocam na pele, mas impeço-me. – Em particular, se presenciaste este aspeto. Ainda assim… tens saudades de andar pelo mundo?

Ele engole em seco, virando-se para apanhar outro pedaço de fita e depois regressa a mim.

– Quanto mais vislumbrava a extensão deste mundo, mais pequeno queria tornar o meu – diz ele. – Vi muito, viajei… E descobri que só tinha alegria naquilo que me era familiar.

Sustenho a respiração. *Não pares.*

– As pessoas que já conhecia – continua –, as estradas lamacentas cheias de memórias, tarte de lima, o sofá em que beijei a minha primeira miúda…

– Ainda o tens?

– Está na garagem.

Fantástico. Quero perguntar-lhe se também foi nele que perdeu a virgindade. Ou se foi na cama, e se essa cama ainda está aqui em casa.

Embora não o consiga imaginar numa cama. O meu espírito divaga, e imagino a cena. Num duche. Foi num duche. Ele levanta-a em peso. Ela envolve-o com braços e pernas, e ele aperta-se contra ela enquanto fazem aquilo contra a parede.

– O que foi? – ouço-o perguntar.

Pestanejo, pois devo ter feito uma expressão peculiar. Baixo a vista.

– Ah… – faço uma pausa, procurando recuperar a voz. – Obrigado pela ajuda.

Salto da bancada e encaminho-me para o quarto, mas ele apanha-me a meio do corredor e pega-me no cotovelo.

Viro-me.

– O quarto da Liv – instrui. – Tens de descansar. O Mars vai garantir que a Paisleigh toma banho, e quando for altura de se deitar, eu mando-a subir. O Mars pode dormir no quarto do Iron.

Ele desce as escadas e eu avanço para o quarto da irmã, mal me apercebendo da dor que se começa a instalar no meu corpo. Ele julgava que eu queria ir para o quarto de Army. Não sei bem para onde ia, mas sim, tenho de dormir.

Encerrando-me no quarto de Liv, tiro as calças de ganga e o sutiã, enfio os braços na *T-shirt* e abro a cama. Oxalá Liv tinha ficado com Clay, hoje.

O meu telemóvel toca. Largo os cobertores e pego nas calças para tirar o aparelho. O nome de Clay pisca na identificação da chamada.

– Olá, estou bem – tranquilizo-a antes que pergunte.

– Ainda bem – o som ambiente está calmo, portanto deve encontrar-se em casa. – Se foi o Milo…

– Eu sei desenvencilhar-me – digo-lhe, mas sorrio. Está preocupada. Pelo menos, resta uma Santa que me adora. – Dedica-te a passares a noite com a senhora Jaeger.

– Por falares nos Jaeger – provoca-me. – O Army?

Ora, que bom.

Avanço para a janela, espreito para a ala derrubada, que um monte de flores e ervas daninhas e hera procuram trepar e reivindicar.

– E quem é que te contou isso desta vez?

Mas ela responde apenas:

– A sério?

Nesse instante, uma figura entra no meu campo de visão. Macon adentra-se pelo escuro e abandonado esqueleto da casa construída pelos antepassados. Segue sozinho, para no meio da vegetação, e fica ali parado, a olhar para baixo. Para o nada.

Distingo a pulseira de couro, de onde me encontro, aquela ampulheta que reluz quando banhada pelo luar.

Quando me envolveu hoje nos braços… pousei a mão no seu pulso. Na pulseira.

A sensação foi igual à daquela noite.

Demoro a ganhar coragem.

– Poderá ter sido o Macon? – pergunto-lhe.

Ela cala-se.

– Naquela noite, no sofá – explico. – É possível que tenha sido ele?

Ela hesita, mas afirma:

– Queres que tenha sido.

É uma observação ou uma acusação?

– Existe faísca? – pergunta-me.

Quase me rio. *Faísca.*…

– É uma sensação luminosa e imensa e quente e aninha-se no meu peito, estar a sós com ele – digo-lhe, com voz trémula. Apetece-me chorar, e não sei porquê. Não me sinto triste.

Céus. Tenho dezoito anos e ele trinta e um. O que estou a fazer? Pensei que Jerome era demasiado velho para mim, mas Macon tem praticamente a mesma idade. E acho que nem me importaria se fosse ainda mais velho.

Mas Clay responde:

– Conheço essa sensação.

Pois. Malditos Jaeger. Quando Clay beijou Liv pela primeira vez, já não houve volta a dar.

Mas Macon quererá uma mulher mais adulta. Porque eu jamais crescerei. Vou pedir sempre balões para o dia de anos.

– Realmente disseste que foi o melhor da tua vida – salienta Clay. – E faz sentido. É mais velho, tem mais experiência…

Contemplo-o, aquele corpo lindo sem camisa, apenas com calças pretas. Tento imaginá-lo em cima de mim. Terá já estado comigo?

– Não pode ter sido ele – abano a cabeça. – O Macon reprime tudo.

– Há momentos que nem ele conseguirá reprimir.

*

NA segunda-feira, ainda estou a ponderar as palavras de Clay.

Macon é homem. Temos tido contactos intimidantes, e pouco calorosos, na grande maioria, mas ele não é a máquina que finge ser. De modo algum. É capaz de rir. Brincar. Deixar-se levar pelo desejo.

Ela tem razão. Ele até pode resistir fortemente aos sentimentos, mas há ocasiões em que estes rompem qualquer barreira. Quando pousa a mão no pescoço de alguém. Quando lhe beija a têmpora. Quando acaricia o peito com o polegar.

E no fim do turno, ainda a tarde está a começar, deixo-me admitir silenciosamente, em pensamentos que, se não foi ele o homem do sofá naquela noite, já não quero saber. Mesmo que não volte a acontecer entre nós, fascina-me imaginar que *possa* ter sido ele. E que ele me quis.

Subo as escadas, entro no quarto de Liv para trocar de roupa, antes de sair disparada para casa e substituir Bateman, mas, quando chego ao cimo, deparo-me com Army e Dallas, a tirarem caixas do quarto adjacente ao de Dallas e Iron. Empilham-nas no corredor. As caixas transbordam de roupa, artigos de decoração, flores falsas e jogos de tabuleiro antigos. Nesta desordem encontro também um cavalete, uma mesa de desenho e um grande frasco de vidro, respingado de tinta e cheio de pincéis.

– Chegaram cedo a casa. O que estão a fazer? – comento, procurando espreitar para dentro do quarto. A porta esteve sempre fechada. Nunca tive motivos para a abrir.

Army levanta em peso outra caixa e deposita-a no alto do monte.

– O Macon pediu-nos para limparmos o quarto.

– De quem é? – vejo uma janela com cortinados cor-de-rosa e os pés de uma cama dupla. Em cima estão uma série de telas.

– Era o estúdio de arte da mãe – diz-me.

Dallas abre a janela, e descubro Trace atrás da porta, a descartar-se de um velho aspirador.

A mãe deles pintava quadros? Não encontro arte dela exposta nas paredes da casa.

Vejo então um conjunto de peças de vidro numa prateleira. Inspiro, sustenho a respiração. Ela também trabalhava com vidro.

A luta entre Macon e Army no Dia de Ação de Graças…

Foi por isso que ficaram arrasados, quando partiram aquelas peças expostas na mesa.

Merda.

Army aborda-me, tomando-me o rosto nas mãos com delicadeza.

– Estás bem?

Hesito, dando-lhe atenção. O inchaço baixou grandemente, mas o corte no canto da boca continua a arder. Sempre que tentei comer, hoje, voltou a abrir. Mas anuo.

– Perfeita.

Ele sorri.

– Mandamos a Aracely e as amigas dela à procura dessa gente?

– Oh, ela fez-se valer – digo. – Não vale a pena.

Ele sustém-me o olhar.

– Senti a tua falta durante a noite.

Pouso a mão em cima da dele, que está encostada à minha face. Não sei o que lhe diga. Devia desejá-lo a ele. Dos irmãos, é Army o mais preparado para uma relação duradoura.

Respiro fundo, olhando em volta, para a tralha no meio do corredor.

– Há ali coisas interessantes – espreito para as caixas. – O que fará ele com o quarto?

– Espero que se destine ao Dex – Army afasta-se para pegar nas caixas que Dallas e Trace lhe entregam. – E assim eu possa voltar a ter privacidade.

E ele sorri-me, como se ambos soubéssemos a que se destina essa privacidade.

– Porque é que não lhe dizes, simplesmente, que precisavas de ter privacidade há um ano, quando o miúdo nasceu?

– E disse.

Começo a abanar a cabeça, mas depois paro. Era mesmo próprio de Macon castigar Army por ter tido um filho, mas, tratando-se do estúdio da mãe, talvez houvesse outros motivos para impor uma restrição ao quarto.

Começo a recuar.

– Tenho de ir buscar os miúdos ao «ama».

Bateman foi devidamente pago, mas não quero chegar atrasada, como a minha mãe.

Mas Trace informa:

– Os miúdos já cá estão.

– Como?

– O Mars está a fazer o jantar – diz-me Army – e a Paisleigh está a fazer os trabalhos de casa na garagem.

– O Bateman entregou-vos assim os miúdos? – solto, assombrada.

– Somos bastante persuasivos – balbucia Dallas.

Yeah. Devia ligar ao pobre coitado e confirmar que não terá chamado a polícia, queixando-se de que os miúdos tinham sido raptados.

Desço as escadas, mas depois paro, as palavras de Army entranham-se em mim. Mars está a fazer o jantar?

Dou uma espreitadela à cozinha, e encontro o meu irmão de doze anos a enrolar bolinhos de carne picada nas mãos enquanto ferve água na panela em cima do fogão. Fico emocionada. Ohhh. *Esparguete com almôndegas*. Fui eu que lhe ensinei.

Mas só digo um «olá» ao passar para a porta da garagem. É difícil lidar com pré-adolescentes. Se tentar ajudar, ou desatar com vários «gosto tanto de ti», ele ainda para e não volta a cozinhar.

– Olá – responde.

Entro na garagem, e descubro Paisleigh sentada num banco da bancada de trabalho, a baloiçar as pernas, mais os *sneakers* cor-de-rosa.

– Olá – aliso-lhe o rabo de cavalo e espreito para o trabalho dela. – O dia foi bom?

Anui.

– O Trace foi-nos buscar a casa. O Mars seguiu na carrinha com os outros, mas eu pude ir na mota do Trace!

Fico gelada, e grata por a miúda, tão concentrada no desenho de colorir, não ter reparado no meu esgar.

– Hei de dar-lhe uma palavrinha a esse respeito.

Olho em volta. O portão da garagem está levantado, tal como o capô de um carro que tem ar de anos oitenta, e há ferramentas dispersas à volta.

– Porque estás aqui sozinha? – pergunto-lhe.

Ela troca o lápis de cor por um laranja.

– O cara-de-mau esteve aqui, mas já saiu.

O cara-de-mau, *Macon?*

– Foi mau para contigo?

– Não. Deu-me gelado – começa a colorir o título da folha «Dia da Rosa Parks». – Mas foi mau para as pessoas que apareceram.

Espreito para fora, não encontrando carros nem carrinhas desconhecidas.

– O que foi que lhe disseram? – pergunto-lhe.

– Sei lá. Saiu juntamente com eles.

– Num carro?

– Não – aponta diagonalmente, na direção do quartel dos bombeiros. – Para ali.

Passo por ela.

– Não saias daqui.

Não devia meter o bedelho. Se Macon precisasse de ajuda, teria pedido. Os irmãos estão em casa.

Não teria sido Milo, pois não? Nem Jerome Watson?

Atravessando a rua, experimento a porta dos bombeiros, mas encontra-se trancada, e não vejo luzes no interior. É apenas um quartel de voluntários. Sem funcionários. Os Jaeger devem estar sempre prontos a responder, se forem chamados.

– Ah! – ouve-se um grito à distância.

Estico o pescoço para espreitar pela esquina do barracão, vendo a floresta e as compridas tábuas de madeira molhada que formam um caminho por cima da água rasa e do musgo. Há casas pelo percurso – onde Aracely mora –, mas nunca estive neste lado da Baía.

Os insetos zumbem à volta, enchendo-me os ouvidos, e percorro a ponte estreita e baixa em direção aos gritos. Altos ciprestes e carvalhos erguem-se à volta, cobrindo o pântano numa penumbra perpétua, e eu vou muito atenta a

possíveis crocodilos.

Apesar de ser o *habitat* de várias criaturas mortíferas, avanço mais devagar do que devia. Porque é que nunca aqui vim? É verde e escuro, e o odor é totalmente diferente do meu lado da vila. Como uma biblioteca sem teto.

Saio da ponte, entrando no terreno coberto de musgo, o qual só fica mais denso quando o nível da água baixa e permite que algo se enraíze na terra. Mas haverá sempre pequenas inundações.

Aproximo-me de um pequeno grupo de casas, assentes em pilares para se manterem secas durante as chuvadas mais fortes. Chega-me aos ouvidos o som de pratos que se partem, e vem da casa púrpura.

Também há duas casas brancas, uma verde e outra amarela, mas começo a subir os degraus daquela em que nasce o barulho.

Contudo, interrompo-me antes de bater à porta. É uma casa da Baía. Assuntos da Baía.

– Macon, por favor! – berra uma mulher. – Não faças isso, por favor!

Mas que raio? Abro a porta.

Espreito para dentro, avançando um pé, a vista cheia de manchas enquanto se adequa à escassa luz.

Uma mulher que me é familiar, mas com quem nunca falei, encontra-se no centro da sala, a soluçar, vista fixada no corredor com acesso ao sótão, atenta a algo que não consigo discernir. Um bebé, com menos de um ano, chora no baloiço, e à minha direita vejo a cozinha. Aracely e Summers andam de um lado para o outro, uma rebuscando nos armários, a outra, lavando os pratos.

Cruzo o olhar com Aracely.

– Vai-te embora – diz ela. – Não precisamos de ajuda.

– Macon! – berra a mulher, mas por algum motivo não atravessa o corredor para o seguir. – Ele não é capaz de evitar! Por favor!

Os berros dela condoem-me o estômago. Mas que raio se passa?

Summer fecha os armários com estrondo.

– Aqui não há nada.

Aracely dobra-se e tira outro rapazinho escondido atrás da bancada, que terá uns três anos de idade.

– Ele disse-te para comprares comida! – Aracely repreende a mulher.

Um baque e um berro abafado surge do fundo da casa, e a mulher fica aterrorizada. O que está Macon a fazer?

Levo a mão ao avental na cintura, e tiro um saquinho de uvas cortadas que preparei para Paisleigh, quando voltasse da escola. Não quero que Aracely julgue que me estou a intrometer, por isso limito-me a deixá-lo em cima da bancada, caso o queira.

– Por favor – choraminga a mulher.

Alguém tosse, engasgado, sem parar num dos quartos das traseiras.

– Já o conheces! – berra a mulher. – Só precisa de ajuda.

Lanço um olhar a Aracely, que faz uma expressão preocupada, mas não só.

Apreensiva.

Flito o maxilar, ela abana a cabeça, olhando para mim, mas eu avanço disparada pelo corredor. Eles têm medo de lhe fazerem frente. Eu não vivo aqui.

Vou olhando para os quartos por que passo, e por fim, encontro Macon na casa de banho. Paro, vendo-o segurar o homem debaixo do chuveiro, e sinto os borrifos gelados que enchem o exíguo espaço.

O homem gagueja e tosse, o ar cortado pela água que lhe cobre a cara.

Hesito, pois reconheço-o. É o mesmo tipo que Macon fechara no contentor, nas traseiras da casa. Uma garrafa de *Wild Turkey* repousa em cima do lavatório, apenas com alguns goles tomados.

O homem voltou a beber. Em vez de usar o dinheiro para sustentar a família. Depreendi isso a partir dos comentários trocados na sala.

O tipo engasga-se e vomita sobre si mesmo. Os nós dos dedos de Macon já estão brancos, com a força de sustê-lo debaixo de água.

Murmuro:

– Macon…

Não está a ajudá-lo. Está a puni-lo.

Macon limita-se a berrar:

– Aracely! Tira os miúdos de casa!

– Por favor, meu – cospe o tipo.

– Macon, estás a magoá-lo! – ouço o desespero da esposa.

Mas Macon não para. Nem deve saber que estou presente.

Levantando à força o homem do chuveiro, arrasta-o para fora da casa de banho, obrigando-me a desviar-me num salto, a tempo de o ver empurrá-lo ao longo do corredor, retornando à sala. O homem tomba no chão, a mulher agacha-se ao seu lado e tenta sustê-lo.

Aracely arruma fraldas num saco, preparando-se para levar consigo as crianças.

Pego no braço de Macon.

– Para! – murmuro-lhe.

Ele vira a cabeça, e encontra-me, mas o olhar ferve de raiva.

– Dar ordens a um viciado que abandone o vício não resulta – digo-lhe baixinho. – Mesmo que não consuma, não deixa de representar um perigo para si mesmo e para os filhos. Esta merda é um sintoma.

– Não é sintoma, é a doença – cospe Macon, erguendo o homem em peso.

O soluço gutural da esposa faz-me retrair.

– Nem sempre! – vocifero com a voz mais alta. – É como as pessoas lidam com merdas na vida que não desaparecem apenas com disciplina! Não é assim que se faz!

– Então, de que precisa ele? – riposta Macon. – Medicamentos? Terapia? Reabilitação?

Nem preciso de responder, sei bem que nenhuma destas opções está disponível para as pessoas da Baía. São homens que não falam sobre os problemas, e a reabilitação afasta as pessoas dos empregos, pessoas que não se podem dar ao luxo de perder um único vencimento.

Transito o olhar para Aracely, que me faz sinal, abanando a cabeça.

– Não – forma esta com os lábios.

– Quero morrer – diz o homem, a tremer.

– Ai, queres? – responde Macon, mas em tom de desafio.

Os olhos dele brilham, e eu sustenho a respiração por um instante.

Num único gesto, ele lança o homem por cima do ombro e leva-o em peso através da porta, com a esposa aos gritos atrás dele.

– Porra, Krisjen! – rosna Aracely. – Vê se o paras!

Fico de boca aberta, paralisada, enquanto Macon desce os degraus e avança. Porquê? O que vai ele fazer?

A mulher corre atrás de Macon e do marido, e Summer pega no bebé, enquanto Aracely agarra no mais velho.

Desato a correr atrás de Macon.

Ele atravessa a ponte e eu acompanho-o, com os sapatos encharcados de lama e água.

– O que vais fazer? – grito, enquanto Macon leva o homem de volta para o centro da Baía. – Para onde é que vais?

– Ele disse que queria morrer – responde Macon, demasiado calmo. – A família fica melhor sem ele.

– Não! – suplica a esposa. – Tu preocupas-te com ele. Eu sei disso. Ele precisa de ti. Por favor. Sempre lhe deste a mão. Não faças isso.

Sigo-os, horrorizada, à medida que Macon avança pela rua principal. A casa dos Jaeger aparece, imponente, no outro lado da estrada, na qual descubro Paisleigh, ainda entretida com os trabalhos de casa na garagem. Não repara em nós.

Macon entra no depósito de ferro-velho atrás do Mariette's, e um nó forma-se na minha garganta, quando o vejo enfiar o homem num carro, trancar a porta e tirar o comando das mãos de Santos, que se juntou ao grupo.

Abano a cabeça, o coração a correr disparado. Uivos cortam o ar enquanto Macon pressiona o botão e liga o compressor, que começa a abater-se sobre o carro, esmagando-o lentamente.

Aparecem homens, que ficam a ver, mas nenhuma pessoa acorre para o ajudar.

– Macon! – diz o tipo do interior do carro.

A mulher dele soluça baixinho.

Ponho-me ao lado de Macon.

– Para – ordeno.

– Ele só me faz perder tempo e recursos da Baía.

– Não podes matá-lo.

Ele não responde, ficando a assistir o compressor que desce. As janelas explodem, causando-me um sobressalto. Merda para isto. Vou salvar o tipo. Tenho de tirá-lo de dentro do carro.

Mas Macon puxa-me contra si. Debato-me, mas ele segura-me com força, obrigando-me a assistir.

Não sei o que pretendia fazer para ajudar o tipo, mas ninguém mais se mexe.

– Queres ir para a cama connosco – rosna Macon ao meu ouvido –, mas não te apetece acordar. Isto é a Baía – abana-me. – Não é divertido?

Os martelos vão-se apertando e achatam o carro aos poucos, o queixume estridente do metal abafa tudo o resto, inclusive os gritos do homem. Tremo e estou quase a chorar, quando o homem desaparece no chão do carro, forçado a descer.

– As pessoas estão sempre a dizer que gostavam de morrer, Krisjen – diz Macon. – Não quer dizer que queiram.

O braço dele à volta da minha cintura fica mais apertado.

– Estão apenas cansadas de lutarem para viver. Cansadas dos problemas. Cansadas de que nada mude… – faz uma pausa, a voz ficando mais mansa, enquanto o peito incha contra as minhas costas. – Cansadas do dinheiro. Dos outros. De si mesmas. Cansadas de si mesmas e dos seus pensamentos.

Abano a cabeça enquanto o carro vai sendo esmagado.

– Neste instante, ele está a recordar a cor do embrulho do presente que recebeu no dia em que fez cinco anos – diz-me Macon. – O prazer de um *cheeseburguer* saboroso. Que queria ter aberto uma loja, aprendido a surfar, ver as sequoias. Daquela vez em que se riu com tanta força ao assistir a um filme com a mãe, de como era maravilhoso acordar e sentir o cheiro da comida a fazer, e do que sentiu ao beijar uma rapariga bonita pela primeira vez – a voz divaga como se as memórias fossem também suas. – E daquela vez em que o ar da noite cheirava a flores, tinha o tejadilho aberto e a música tocava no rádio. A temperatura do vento era perfeita…

Uma lágrima escorre-me pelo rosto. É como ele o vê. Como se se recordasse por si mesmo.

Exprime-se num murmúrio:

– Neste instante, está a recordar tudo aquilo de que se esqueceu.

Larga-me e o compressor interrompe-se, o homem ainda aos berros no interior do carro.

Enquanto expiro de alívio, os homens acercam-se e arrancam a porta, tirando-o pelos pés.

Ele cai no chão, encharcado de suor, vermelho do pânico, mas sem qualquer ferimento.

Mas não o ajudam a levantar-se.

Macon acerca-se dele, descola-o do chão, e sei que se prepara para lhe bater. Ou ameaçá-lo.

Mas não é o que acontece.

Simplesmente abraça-o.

Vejo-o murmurar algo contra o ouvido do homem, enquanto este chora, e a esposa se põe de pé. Depois ele abraça também Macon, a soluçar.

– Não voltes a fazer isso – diz-me subitamente Aracely ao meu lado.

Mas não me importa.

– É um hipócrita – remordo. – Também bebe.

– Pois – ela vira-se para mim. – Porque se preocupa mais com as vidas deles do que se preocupou alguma vez com a sua.

19
Krisjen

Se o tratamento de Macon resultar para aquele homem, toda a gente acreditará que é uma forma legítima de resolver os assuntos.

O conhecimento, a habilidade, o talento, o trabalho árduo – sim, ajudam, mas que percentagem deste resultado se deve à mera sorte? Metade? Esse homem podia ficar sóbrio, encontrar a paz interior, tornar-se forte…

Também podia fazer mal a si mesmo. Macon não para de jogar com o destino. Algum dos presentes teria noção de que é um jogo arriscado?

Duvido.

Confiam nele.

Depositam toda a segurança num só homem, porque ele é a razão de haver comida quando ficam desempregados, e ninguém os despeja quando os cuidados de saúde lhes consomem os salários.

Inclino o pescoço debaixo do jato do chuveiro, tendo apanhado o cabelo no cimo da cabeça, sentindo a água quente escorrer-me pelas costas e pernas. Mas o que sei eu da vida? Não cresci aqui, com estes desafios. É por um bom motivo que ele não olha para mim nem me dirige a palavra.

A cortina do duche abre-se e levanto a cabeça, vendo Trace enfiar-se, nu, ao meu lado.

Arregalo a vista.

– Sai já!

Ele fecha novamente a cortina, esticando os braços à minha volta para sentir a água.

– Trace – rosno entredentes. – Sai já!

– Tenho um encontro – resmunga.

– Agora mesmo!

Ele afasta-me para o lado e dobra-se sob a água, para molhar o cabelo.

– Não demoro.

Arqueio o sobrolho, recuando o mais que posso. Os meus olhos descem para a pila flácida.

– Isso é verdade, nunca demoras.

– Essa doeu.

A sua postura despreocupada ao fechar os olhos e alisar o cabelo para trás debaixo da água faz-me sentir… nem sei dizer.

Como se tivéssemos quatro anos, fôssemos grandes amigalhaços, e as nossas mães nos dessem banho ao mesmo tempo.

Ele começa a aplicar o champô no cabelo, e eu pego na minha esponja, enchendo-a de sabão. Esfrego rapidamente os braços, a nuca, a barriga e os seios, e reparo que ele observou esta última parte. Trace sorri, e volto a baixar os olhos novamente, notando que está a ficar duro.

Desvio a cara.

– Podes olhar – brinca. – Sabes bem que sou maior que o Army. E o Iron.

Pois, pois.

– Sou, não sou? – arrulha.

Ugh.

Viro-me para o lado contrário, coloco o pé na berma da banheira e ensaboo a perna, antes de repetir na outra. Trocamos de lugar e eu passo o corpo pela água, retirando a cabeça do chuveiro e lavando as costas. Ele estica os braços para lavar as mãos.

E fica ali, atrás de mim.

– Sabes que te amo? – diz.

Fico hirta.

– Foste muito boa para mim – pega na cabeça do chuveiro e lava-me a coluna vertebral e a parte de trás dos braços. – Adorava o modo como a tua cara se animava, e sorrias sem parar, e eu precisava mesmo de alguém que sorrisse para mim. Fiz de conta que não tinha importância, mas és insubstituível.

Sinto um contentamento, e o queixo treme-me um pouco.

– Fico contente por ser ele – suspira, depositando um beijo na minha têmpora. – O Army é boa pessoa. Não é estúpido, não te vai deixar ir.

Penduro a esponja num gancho, e ele repõe a cabeça do chuveiro no encaixe.

Sorrio para mim mesma, a brincar.

– Bem, ele percebeu que eu seria uma boa empregada de mesa. Deves ter ficado contente quando ele foi esperto e ofereceu-me emprego. Agora podes ver-me todos os dias.

Ele ri-se, voltando a abrir a cortina do duche.

Desligo a água.

– Foi ideia do Macon – diz.

Faço uma pausa, e ele sai da banheira, agarra numa toalha e envolve-a à cintura.

– O quê? – murmuro.

Ele anui.

– Pois, foi ele que mandou o Army ir atrás de ti, naquela noite. Disse-lhe para te convencer a ficar.

Atira-me uma toalha, que eu agarro, mas só vejo o chão. Porque não me contou Army isso?

– Ainda bem que o Army obedece sempre ao nosso irmão mais velho.

Meio atordoada, ouço o riso dele, e depois Trace vai-se embora.

Imersa nos meus pensamentos, saio da casa de banho enrolada na toalha, visto o pijama e tiro os ganchos do cabelo, para soltar os caracóis que caem pelas minhas costas.

Posiciono-me à janela para ver Macon, no escuro da noite, deslocando-se através das ruínas da ala velha.

Há uma dúzia de razões para me querer por perto. E nenhuma se deve necessariamente a gostar de mim. Sei que ele é um mistério para os outros, especialmente para quem o conhece.

Acompanho-lhe a figura, desde a janela de Liv até à janela do quarto de Army, vendo-o vaguear, o luar tornando azuis as ervas daninhas altas e as palmeiras à sua volta.

Não o via desde o evento do compressor, no início da manhã.

Coloca-se debaixo de uma viga, numa antiga secção do soalho feita de terracota partida, debaixo da qual assomam pedaços de madeira e cimento. Quieto e calado, olha para longe, como habitualmente.

Mas depois reparo na inclinação da cabeça.

Como se observasse algo na escuridão.

Sigo-lhe o olhar, mas não encontro nada, do meu ponto de vista. Ele dá um passo, e depois outro, devagar e de mansinho, e então… num lesto volteio, Army acorre com um pau ou um galho na mão e varre-o pelo chão. Uma cobra salta no ar, a meio metro de Macon, e eu inspiro com força, ouvindo o berro de Army, mesmo através do vidro.

– Então, meu! – vocifera ao irmão. – Mas que porra?

Macon fica parado.

– Macon? – Army sacode-lhe o ombro. – Estás bem? O que estavas a fazer?

Com uma expressão preocupada, Army perscruta o rosto do irmão, e noto que ficou ofegante. Quanto às pulsações de Macon, duvido que se tenham alterado.

Engulo em seco. Não consigo mexer-me.

Ele preocupa-se mais com as vidas deles do que se preocupou alguma vez com a sua.

*

Os rapazes julgam que fui trabalhar. Aguardo no quarto de Liv até ver todas as carrinhas percorrerem a estrada, rumo a St. Carmen, e depois espero à porta com a mão na maçaneta.

À escuta dele.

Um estrondo no piso inferior, e sinto o portão da garagem fazer estremecer a casa. Fecha-se outra porta. Talvez a da cozinha. Devia precisar de uma bebida.

Depois, acabou-se o ruído. Aguardo mais uns minutos, confiante de que Macon entrou na garagem, e começou o trabalho do dia.

Saindo do quarto de Liv, avanço para o quarto dele. Desconheço por que motivo sigo em bicos de pés. Parando a pouca distância do meu destino, tiro algumas toalhas limpas e dobradas do armário do corredor. Se ele me apanhar em flagrante, explico que estava a repô-las na sua casa de banho.

Entrando no quarto, fecho rapidamente a porta. E olho em volta, sentindo-me imediatamente estúpida.

Temerei realmente que ele tencione fazer mal a si mesmo? Posso estar bastante equivocada. Os irmãos não andam preocupados, a ponto de intervirem, e conhecem-no há muito mais tempo.

Mas a mãe sofria de depressão, e pode ser hereditário.

Se estiver certa, o que farei? Ele não quererá ajuda.

Olho em redor, ciente de que os sinais não serão óbvios. Não encontrarei um monte de papéis com tentativas de compor uma mensagem de suicídio, mas procuro sinais de excesso de bebida e tentativas de ocultar este problema. *Garrafas de álcool vazias. Comprimidos. Drogas.*

A minha garganta comprime-se. *Ou objetos para fazer mal a si mesmo.* Embora nunca tenha visto armas letais dentro de casa.

Começo pela casa de banho, deparando-me com roupas pelo chão e um monte de toalhas. Inspeciono-as, procurando vestígios de sangue, e depois verifico o lavatório e o duche, atenta a sinais alarmantes.

Voltando agora para o quarto, descubro caixas não identificadas na prateleira superior do armário. Estico a mão para avaliar o conteúdo, e vejo que contém fotografias. Sorrio um pouco, reconhecendo imediatamente os Jaeger num passado remoto. Um Army muito jovem, com o braço à volta de Macon, que traz calças de camuflado e uma *T-shirt*, o cabelo bastante curto.

Mais fotos da família, mas obrigo-me a fechar a tampa e repô-la na prateleira. Só invadi a privacidade dele por uma questão de segurança.

Abro as gavetas da cómoda, apalpando o interior, garantindo que não há nada escondido, e depois espreito por baixo da cama e das almofadas. Abro a gaveta da mesinha de cabeceira, descobrindo dinheiro, um relógio de pulso e…

O meu coração dá um pulo ao ver, e perceber, a forma do objeto, mesmo sem ter aberto a gaveta por inteiro. Enfio a mão e retiro a pistola pela coronha, viro-a para cima.

Treme-me a mão, ao observá-la, dedo enrolado no gatilho, mas sem pressionar. Nem sei como verificar se está carregada, muito menos esvaziá-la. Engulo em seco.

Estamos na Baía. É normal que haja armas em casa. Não é despropositado, nem há motivos de preocupação. Em particular, tendo em conta as inúmeras pessoas que Macon irrita. Aliás, seria invulgar que não a tivesse. Inclusive, seria imprudente.

Além de ter sido fuzileiro naval. Foi treinado no seu uso. Duvido que lhes seja permitido manterem as armas do serviço, mas é bem possível que possua uma pistola sua, há anos.

Mas a desordem deste quarto…

Olho em volta para as roupas, toda a porcaria empilhada em cima da cómoda. Não é próprio de Macon.

Mantendo a arma na mão, fecho a gaveta e viro-me para sair, mas descubro a viga no canto da sala, enfiada entre as duas paredes. Uma pequena e fina estria fere a madeira, a cor da mancha desgastada para revelar o tom natural por baixo. É o lugar da corda. Com que a mãe se enforcou.

Contraio o maxilar. Meu Deus, porque é que dorme aqui? Saio a correr do quarto, atenta ao corredor enquanto corro para o quarto de Liv e escondo a arma no fundo do armário.

Faço uma pausa, no entanto, a mão ainda agarrada à coronha. E se a arma se destina realmente à defesa própria? Devia escondê-la? E se ele precisar dela?

Acabo por guardá-la, por ora. Um dia ou dois até avaliar o estado dele.

Deposito as toalhas no local de onde as retirei e volto para o piso inferior. Nem me dou ao trabalho de me vestir, continuo com os calções de cama e uma *T-shirt* quando entro na cozinha.

Com uma respiração controlada, forço o ritmo cardíaco a abrandar e subo a janela à minha esquerda. Inalo o ar fresco. As cortinas sopram, e eu afasto da minha mente todas as imagens e as perguntas a que não consigo responder, ou que ele não responderá se eu as colocar. Macon dorme no quarto em que ela se matou. Ele vê aquela viga todos os dias.

Abro todas as janelas deste piso, deixando entrar a brisa quente e o aroma das árvores enquanto ligo a música. «Take the World» começa a soar baixinho. Percorro a casa e decido ajudar em algumas tarefas, não porque me apeteça, mas porque me dá uma desculpa para permanecer em casa.

Tal como atirar para o lixo as cebolas verdes viscosas que estão no frigorífico.

Mas então encontro leite que passou do prazo, salsichas verdes (mas não é um verde do espinafre) e três frascos de *ketchup* abertos que não perfazem o conteúdo de um único. Antes que me aperceba, desato a retirar tudo do frigorífico e a limpar o interior, e a seguir, trato do congelador e livro-me da comida fora de prazo da despensa.

Vou buscar outro caixote de lixo para a reciclagem, tarefa para a qual irão todos contribuir. Ser-lhes-á comunicado logo à noite. Depois, aspiro o arroz espalhado pelas gavetas e pelos armários da cozinha.

Encontro velas e distribuo-as pela cozinha, acendendo-as porque gosto das chamas, e depois começo a cozer em lume brando uma ceia antecipada antes de me dedicar aos pratos.

O tempo passa, não sei quanto, mas por fim acabo de limpar e ligo a máquina de lavar loiça e limpo à mão a frigideira do pequeno-almoço; nesse instante, abre-se a porta da garagem. Macon entra, e detém-se quando me vê.

Fica a observar, e a minha vista desce de imediato para o peito suado e a pele cor de azeitona, e para a forma como as calças sem cinto lhe assentam nas ancas. Está a perder peso. Viro a atenção para a frigideira no lava-loiça.

– O que estás a fazer? – pergunta. – Porque não estás a trabalhar?

Disse-o com um tom crítico, diferente do que usa com os irmãos. Mais como se tivesse ficado desagradavelmente surpreendido.

– Eu, ah… – a minha vista fica turva, mas o meu coração começa a pulsar com força. – Só queria um dia calmo – entreolhamo-nos. – A irmã da Aracely substituiu-me.

Ele une os cenhos, fitando os pratos.

– Tens estado a fazer limpezas.

Agora o tom é de perplexidade.

– Bem, eu *sei* limpar – brinco. – Quando quero.

Ele lança-me um olhar e juro que encontro ali praticamente um sorriso.

Ele entra e sai várias vezes no decurso das horas seguintes, à procura de algo para beber, para lavar as mãos, para tirar o telemóvel do carregador.

Limpo a sala de estar e começo a tratar dos soalhos, levantando a ponta do sofá para enrolar o tapete e transportá-lo para o exterior.

Tento soerguê-lo, mas jamais conseguirei suster o tapete em cima do ombro. Arrasto-o pelo chão, paro ao perceber que alguém o puxa. Olhando para trás, deparo-me com Macon, que ergue uma ponta e o coloca sobre o ombro direito, e faço o mesmo do meu lado.

– Obrigada.

Levamo-lo para a rua e colocamo-lo em cima da cerca para arejar, e depois entro em casa e começo a aplicar a esfregona.

Ele sobe as escadas e começo a suar assim que ele entra no quarto. Vai reparar que lhe falta a arma.

Acho que todos os músculos do meu corpo se mantiveram tensos durante dez minutos, aguardando que aquela ira caia sobre mim.

Mas Macon regressa com o cabelo molhado do duche, e traz calças de ganga lavadas, embora não estabeleça contacto ocular comigo.

Expiro de alívio.

Esvazio a pá no lixo, e ele avança para o fogão, levanta a tampa da panela.

Inspeciona-a durante um instante até que pergunta:

– O que estás a cozinhar?

Bem, se não é capaz de identificar, não é bom sinal.

– Descobri numa caixa de receitas – pouso a pá e agarro no postal, mostrando-lhe. – *Ropa vieja* – tento novamente, com mais preceito: – *Ropa… vieja*?

Ele lê o pedaço de cartão e um olhar cruza-lhe a vista, e então levanta a colher.

– Carne de porco? – pergunta, verificando os ingredientes.

Anuo.

– A minha mãe usava carne de vaca.

– Oh – leio o cartão novamente, enquanto ele prova. – Aqui diz que qualquer tipo de carne serve.

– É verdade.

Vejo-o pousar novamente tampa e colher, e informo-o:

– Deve precisar de mais sal. Já notei que as minhas papilas gustativas são mais insípidas do que as das pessoas deste lado da vila.

– Não está mau – balbucia, virando-se para o frigorífico. – Quem quiser mais sal, que o ponha.

Ele pega num refrigerante e pousa-o no balcão, virando-se para mim. Sobressalto-me quando me agarra no rosto, e observo com os olhos arregalados a sua aproximação. Mas ele apenas me vira a cara para um lado e para o outro, e entendo que está a analisar as minhas nódoas negras.

– Se isto voltar a acontecer, vou assumir que sei quem foi o responsável e tomar conta do assunto, entendido?

Portanto, se não lhe contar, ele adivinhará. Não quero que corram riscos por minha causa.

Recuo e agarro num prato, sirvo arroz e refogado, e passo-o a Macon.

Mas ele abana a cabeça.

– Não tenho fome.

Pega no refrigerante, encaminhando-se para a porta da garagem e eu sento-me à mesa com o prato, tirando um garfo do cesto para comer sozinha.

Mas logo a seguir, ele bate com a porta, e avança para o fogão, para se servir.

Sorrio para mim mesma. Ele senta-se à cabeceira da mesa, e eu, no lado oposto, fico a vê-lo comer.

Macon ocupa o espaço por completo. A casa por completo. Já o vi zangado. Já o vi calado. Nunca o vi feliz. Nem apaixonado. Nem assustado.

Onde é que ele esconde estes sentimentos?

Tresanda apatia. Desapego. Indiferença. Controlo. Nada sai. Não admira que ande doente.

– O que foi?

Remexo-me no meu assento, percebendo que continuo a fitá-lo. Ele não me encara enquanto mastiga, mas sabe que o observo.

Espeto o dedo no meu prato e lambo-o, provando o molho.

– Lembro-me das histórias que me contavam de ti quando era miúda – começo a dizer-lhe. – Um homem da zona batia na mulher, e tu enfiaste-lhe a mão na roda de uma mota em funcionamento. É verdade?

Ele não responde. Nem olha para mim.

A casa está silenciosa, finalmente. Em paz.

Respiro lentamente.

– Tu e o Army vendiam droga para pagarem as contas, quando os vossos pais morreram? – repito outra história que me contaram.

Nada.

– Mantém os jacarés bem alimentados?

A boca contorce-se e eu noto. O sorriso enquanto observa a comida e vai mastigando.

Um relampejo de orgulho atinge-me.

Continuo.

– Na zona da vegetação alta, de onde se avista a ilha Del Mia, antes de se entrar na Baía, tu permites que se travem duelos – insisto com outro rumor.

Ele abana a cabeça, divertido.

Mergulho o garfo no prato, levanto-o.

– Há um tesouro escondido numa das campas do cemitério de Santa Maria.

Ainda sem comentários.

– Cortas-te, e obrigas as pessoas a beberem o teu sangue para demonstrarem lealdade – digo-lhe.

O peito dele abana-se. Desconfio que seja uma gargalhada, mas não se escapa nenhum som. Ele come mais um pouco.

– Tens um harém de esposas? – questiono.

Ele arqueia a sobrancelha, e sinto o revirar de olhos, mesmo que ele não o mostre.

– E todas as miúdas – digo-lhe – quando fazem dezoito anos têm de te ser apresentadas a ti para primeira recusa.

– Mas que porra, foda-se… – murmura para si mesmo.

– E também dizem que és secretamente dono de partes de Saint Carmen?

Olha finalmente para mim.

– Terrenos?

– Pessoas. Algumas das crianças são tuas, é o que dizem. Tens um plano para nos conquistares através da procriação.

Não é capaz de evitar. Desata a rir, cabeça pendida, garfo ainda na mão. Depois encara-me em descrédito.

– Mas que merda? – nova garfada. – Parece que sou o diabo.

Fico contente por o ver sorrir. Acredito que ele tinha noção de que as pessoas contam histórias a seu respeito, e provavelmente nunca se ofendeu com isso. Macon sabe que as pessoas são estúpidas. Sabe que, quando não nos mostramos, são capazes de inventar histórias a nosso respeito. O que funcionou a seu favor. Um ar de mistério alimenta o medo, e medo é poder.

Encho o garfo.

– Não me interessa o que tenha ouvido, nunca te considerei um monstro – digo. – Ainda bem que a Clay tem um pai disposto a pagar o que for preciso para a proteger, mas foi a Liv que sempre me fascinou, por te ter, por estares disposto a qualquer coisa por causa dela. Ainda nem te conhecia, e sabia que morrerias pela tua irmã.

Ele observa-me, e um choque perpassa-me do coração para o estômago.

– E só acreditei nas três primeiras coisas – conto-lhe, sorrindo.

Ele agarra no sal e salpica o prato.

– Mantém-te longe do cemitério, ouviste?

Rio-me, vendo o semissorriso e o olhar ligeiro. Mais ligeiro do que nunca.

E entendo, naquele instante, que não abandonarei esta família até garantir que ele encontre alguém que o ame. Até estar nos braços dela.

20
Krisjen

Escovo os dentes, esfregando o vapor que cobriu o espelho. O duche está a correr e já estou atrasada. Cuspo rapidamente a pasta de dentes no lavatório e depois escovo mais um pouco. Tenho a marca de um chupão mesmo por cima da clavícula, e a camisola está mais larga por causa da atividade íntima das mãos de Army. Sorrio para mim mesma, e cuspo novamente. É bom estar com um homem meigo. Carinhoso em público. Gentil.

Trace aparece aos tropeções, com os olhos semicerrados e o cabelo escuro espetado. Levanta a tampa da sanita, com os abdominais a projetarem-se ao lutar com o fecho e começa a urinar diante de mim.

Paro de escovar a meio.

– A sério?

Ele abre um olho, espreitando-me por cima do ombro.

– Nada que já não tenhas visto – balbucia.

Que nojo. Cuspo.

– Aposto que dizes o mesmo a todas as raparigas.

Dallas ri-se, entrando para pegar na escova de dentes. Apertando a bisnaga da pasta, escova os dentes ao meu lado, e ambos alternamos entre o uso da torneira e o enxaguar da boca.

Pouso a minha escova na caneca.

– Tenho de levar os miúdos à escola.

– Eu trato disso – diz Trace, puxando o fecho e despejando o autoclismo. Aperta-me a nuca como se fosse um abracinho caloroso sem lavar a porra das mãos.

– Tens a certeza? – pergunto-lhe.

– Sem problemas.

Imagino que tenha afazeres em Saint Carmen.

– Obrigada – digo em voz alta, vendo-o partir com os braços esticados por cima da cabeça e bocejando.

– Estou de volta à hora de jantar – diz Dallas, enfiando a escova na caneca. – Podes preparar a sanduíche que eu gosto?

– Peço à Mariette – rodo a tampa do elixir bucal para o abrir. – Vou ausentar-me.

– Onde vais?

Mas encho a boca de elixir antes de poder responder.

O chuveiro desliga-se enquanto gargarejo, e a cortina abre-se. Macon envolve uma toalha à cintura.

Olho de soslaio, apenas o tempo suficiente para um pouco de elixir me escorrer da boca. Os traços que os músculos fazem naqueles braços e ombros, deslizando em linhas suaves, e aquele tronco amplo, cintura estreita e pele morena formam um par de tons mais escuros do que a minha. O cabelo escuro, agora molhado, tomba-lhe entre os olhos e ao longo da cana do nariz, e as sobrancelhas tornam-no fabuloso quando se zanga. Apetece-me irritá-lo neste instante.

Não entendo porque não usou o seu próprio chuveiro, mas não me queixo.

– Desaparece – pede, emergindo da banheira.

Dallas limpa a boca e larga a toalha ao ir-se embora. Viro-me para cuspir o elixir e imitá-lo, mas Macon pega-me pelo braço e puxa-me para trás, antes que consiga fazê-lo.

– Tu, não.

Ele toma o meu rosto nas mãos, inspecionando os cortes e nódoas enquanto me mantenho de olhos arregalados, a boca como um balão cheio de elixir bucal que começa a queimar-me a língua.

Vira-me para um lado e para o outro.

– Está a sarar.

Anuo.

Mas depois comenta:

– Não colocaste bálsamo ontem à noite.

Como me tinha instruído…

Mas como é que percebe isso?

Virando-me, mergulho a cabeça e cuspo o elixir, limpando a boca.

– Queres um *smoothie*? – pergunto-lhe.

Acompanho-lhe a silhueta pelo vapor no espelho, que paira atrás de mim.

– Não – responde.

Paro, observando a sua presença, mais alta do que eu, pelo menos, por uma cabeça. E também não me pede para me mexer, nem partir, e mantenho-me imóvel, enquanto ele se inclina, o calor do corpo tão perto de mim que me aquece.

Algo vibra sob a minha pele, e quero sentir coisas pouco mansas ou simpáticas, e que aconteçam num quarto escuro.

– Onde está o Army? – murmura Macon.

O bafo dele arrepia-me o pescoço. Ele sabe que Army ainda dorme.

– Arranca-o da cama – ordena-me.

E depois vai-se embora.

Homens de um raio…

*

Só quando terminei o secundário notei que a saia da escola me irritava as coxas. Aliso as pregas e componho a camisa *Polo* preta do antigo uniforme escolar ao subir o acesso de Fox Hill.

Kent Sharpe, o segurança, emerge da guarita.

– Olá – saúdo.

– Olá, miúda – tira o palito da boca. – As tuas colegas já acabaram as aulas.

Ele não sabe que já me formei.

– Oh, eu sei – passo por ele, virando-me de costas para manter o contacto ocular enquanto caminho. – Esqueci-me do telemóvel no pátio.

– Não me digas.

– Pois – comento. – Importas-te se…

– Claro que não – manda-me avançar. – Fala com o anfitrião e ele traz-te de volta.

– Obrigada.

Rodando sobre os calcanhares, percorro o caminho, imensamente contente por não querer saber onde deixei o carro. Ficou estacionado na estrada. Não quero que o vejam aqui.

Ouvem-se grilos para além das zonas verdes, nas árvores, e os coaxos das rãs num lago próximo. Adoro a minha vila quando cai a noite. Tantas criaturas noturnas, assaz barulhentas. Recordam-me que começa uma festa diferente quando o Sol se põe.

Olho para a direita, vendo o *Bentley Continental* do meu pai, para-brisas já reparado, e continuo em frente. Sorrio para Rafe que abre a porta da casa do clube para me deixar passar. A vista dele recai no meu uniforme, mas não faz

perguntas.

Entrando no interior, mantenho o olhar em frente, e encaminho-me diretamente para as escadas. Tento mostrar que sei exatamente para onde vou e o que faço aqui, mas não me apresso, para não dar a entender que tento escondê-lo.

Contorno o pilar do carrilhão e dirijo-me para debaixo das escadas.

– Ainda estás aqui? – ouve-se uma voz.

Olho por cima do ombro, encontrando Louis Fine, o anfitrião que trabalha no restaurante, atravessando o átrio que dá acesso ao bar.

Viro-me para a frente e não paro.

– Sim, algumas de nós.

– Boas miúdas – arrulha. – Matam-se a trabalhar.

Mantenho o passo, dobro uma esquina e desapareço de vista, atravessando um comprido corredor. A Academia Marymount, a minha *alma mater*, dedica três dias do ano a ações de voluntariado, para obtermos os requisitos de crédito cívico da formatura. Apanhamos lixo na rua, cortamos a relva de uma pessoa idosa, ou passeamos os cães das pessoas doentes, para que os nossos pais e professores nos tirem fotografias e digam: «Vejam os bons seres humanos que estamos a pôr no mundo.»

Na prática, representa um dia de folga das aulas: fazemos o mínimo possível, convivemos com os amigos e, na primeira oportunidade, bazamos para uma festança na piscina de alguém.

Mas eu, não. Desatinava com muitas merdices no secundário, exceto com os dias de voluntariado. Ninguém escolhia os centros de apoio aos idosos, porque os velhos não se calavam, mas eu adoro falar com as pessoas.

No entanto, muitos alunos optam por passar o dia em Fox Hill. Há sempre profissionais famosos por perto, está cheio de recantos, e a comida é excelente. Com sorte e uma boa gorjeta, és servido pela rapariga do carrinho. Parece que todos os atuais alunos da Marymount já se foram embora, concluído o dia de voluntariado, por isso não encontrarei ninguém que me conheça, mas… pela mesma razão, hoje, nenhum dos funcionários estranhará a presença de uma menor, fardada e desacompanhada.

Abro a porta e entro, fechando-a de passagem. Passo por três campos de raquetebol, à direita, as bolas de borracha embatem nas paredes como trovões.

Sem interromper o passo, esgueiro-me por outra porta, percorro um corredor e, silenciosa, rodo o puxador da última porta à esquerda.

Espreito para o interior.

Filas de cacifos compridos e curtos ocupam a sala quase até ao teto, toalhas distribuem-se pelas bancadas e pelo chão, porque os ricos não se dão ao trabalho de as apanhar. O balneário das mulheres é muito mais limpo.

Um chuveiro corre ao fundo, mas, a esta hora, não se vê ninguém. Entro, fechando a porta atrás de mim.

Passando por entre dois bancos, percorro uma fila, de costas para os cacifos, e alcanço o fim do corredor. Com calma, espreito pela esquina, devagar, mas não vejo ninguém, por isso atravesso rapidamente para a fila seguinte. Paro no 17b e introduzo o código. *Um, dois, sete, oito, chave*. É o mesmo código que o pai usa para os cartões de débito, para o arranque automático dos carros e – abro o cacifo e sorrio, encontrando o que procurava – para o telemóvel. Agarro nele, fecho a porta, atravesso o corredor e escondo-me numa divisória da casa de banho.

Saco do meu telemóvel e rapidamente silencio-o, guardando-o na sala antes de abrir o aparelho do pai. Acedo primeiramente às mensagens e vejo uma conversa com Blake Tyson, a namorada, percorrendo as mensagens até encontrar as do ano passado.

Enquanto ainda morava connosco.

Na Flórida, é possível obter o divórcio sem ter de se provar o mau comportamento da outra parte, e acredito que a mãe tenha sido infiel várias vezes, por isso não sei se poderei usar isto, mas, pelo sim, pelo não, demonstrar infelicidade garantir-lhe-ia a custódia dos filhos e uma pensão de alimentos.

Desato a fazer capturas de ecrã e a enviar mensagens para o meu telemóvel, sentindo-o vibrar no bolso a cada notificação. Descubro *e-mails* do advogado dele, mas ignoro-os e encontro extratos bancários. Não os leio. Não tenho tempo. Reencaminho os documentos para mim, tendo o cuidado de apagar qualquer registo das mensagens e destes *e-mails*, bem como das capturas de ecrã.

Espreito para o balneário, guardo o telemóvel de novo com o resto dos seus pertences e fecho o cacifo.

Solto a respiração e o suor cobre-me as costas. Não sei se estou nervosa. O que pode fazer ele, se me encontrar? Mas não quero que adivinhe as minhas intenções nem que tenha hipótese de apagar o rasto.

Encaminho-me para a saída, mas paro, entretanto, olhando na direção dos duches onde ele se encontra sem dúvida a lavar-se, depois do jogo de raquetebol das quartas à noite, antes de voltar para ela.

Durante algum tempo, quando ele partiu, julguei que não nos visitava por se encontrar em Atlanta, a montar o novo escritório e a nova casa.

Depois descobri que nunca tinha saído da vila.

Seguramente tinha consciência de que nos havíamos de cruzar por acaso. Nem tentou sequer preparar-me. Como se a minha reação não o afetasse.

Como se eu não tivesse mais importância na sua vida.

Eis a rapidez como mudam as coisas.

É fantástico como as pessoas conseguem sorrir-nos, darem-nos beijos na testa e, por dentro, só sonharem em partir. Já nada me surpreende.

Pelo menos, agora conheço-me um pouco melhor, graças às ações dos meus pais. Quando tiver uma família, serei aguerrida.

Escapo-me pela porta do campo de raquetebol e volto pelo caminho da entrada da casa do clube.

O pai de Clay sacode dos ombros o casaco comprido, entregando-o ao rececionista, enquanto os convivas entram na sala de jantar em frente, animados. O meu pai traiu a minha mãe, e eu não o suporto. O pai da Clay traiu a mãe dela, e, contudo, não creio que seja uma má pessoa. A tragédia que eles sofreram – a perda do irmão mais novo de Clay – é algo que espero nunca conhecer, e que não sei avaliar.

Escolho um cogumelo recheado da bandeja, acompanhando o grupo, e cruzo o olhar com o melhor amigo do meu pai. Sorrio.

– Obrigada por defender a minha honra, senhor Collins.

E enfio o cogumelo na boca, sem parar para conversar com ele, quando se vira para mim.

O meu próprio pai estará indubitavelmente ciente de que Jerome Watson faz circular uma foto minha. Duvido que lhe tenha dado um murro.

Apresso-me a descer o acesso, mas alguém me pega pela mão.

– O que fazes aqui? – pergunta-me Army.

Viro-me para trás, mas ele encosta o dedo aos meus lábios antes que eu possa falar.

Faz-me atravessar o relvado, contornar a casa do clube, e atravesso a porta sem nome, debaixo da saliência do alpendre do pátio.

Conheço aquela sala.

A Sala Wolfe.

Faz-me entrar e descemos uma escadaria numa escuridão quase perfeita.

Avanço para uma divisão, e vejo Dallas e Trace ao lado de uma mesa repleta de garrafas de cerveja.

Army liberta-me.

– O que fazes aqui? – pergunta-me de novo.

E porque não posso estar aqui?

Em vez disso, pergunto.

– O que fazes tu aqui?

– Trabalhamos aqui, lembras-te?

Trace e Dallas não comentam.

Não deviam estar aqui. Nesta sala. Nunca estive aqui dentro. Olho em volta, reparando nas poucas cadeiras de pele e na elegante arte paisagística das paredes.

Mas é um espaço sombrio e soturno. E com pouco entretenimento. Do que vejo, pelo menos. Sem televisão, sem bar, nem sequer estantes com livros. Como se aquele só viesse do exterior. Olho para cima e encontro vários compartimentos no teto. Baixo os olhos, irrequieta nas minhas *Converse*.

– Tinha uns assuntos para tratar – admito por fim.

Já entrei no clube centenas de vezes. Esqueceram-se de que venho de Saint Carmen?

Army aborda-me.

– Porque não nos queres contar?

– Porque assim é mais divertido – sorrio. – Estou a sentir-me muito Harley Quinn. Acabei de concluir uma operação dissimulada sem ajuda.

– A Harley Quinn não é nada dissimulada.

É verdade.

– E se foi apenas uma coisa marota?

– Sem te apanharem? – insiste ele. – És a Catwoman.

– Ena – cruzo os braços. – Não fico bem de preto.

Não condiz com o meu tom de pele.

– Arriscamo-nos a que isto se vire contra nós mais tarde? – Army parece estar pronto a repreender-me.

Abano a cabeça.

– Se alguma coisa se pode virar, serei eu.

Ele aproxima-se de mim, devorando-me os olhos como se eu fosse mesmo adorável.

– O meu pai está aqui – digo-lhe. – Arrombei-lhe o cacifo e fiz capturas do ecrã do telemóvel, que mandei a mim mesma por mensagem. Do *e-mail*, dos movimentos do cartão de crédito, dos SMS…

– Apagaste essas capturas?

– Sim.

– E esvaziaste o caixote do lixo? – intromete-se Dallas.

– Não sou parva.

– Apagaste os SMS que enviaste a ti mesma? – pergunta Trace.

Arregalo os olhos, chocada, tapando a boca com a mão.

Quando Trace inclina a cabeça e abre a boca para me fustigar, deixo cair a mão e faço uma careta.

– Sim, palerma.

Sou filha da era digital.

Army bate as compridas pestanas daqueles lindos olhos.

– Fizeste isso pela tua mãe.

Encolho os ombros.

– A minha mãe tem culpa no cartório, mas merece a parte dela. Tal como os meus irmãos.

– E tu?

– Não respondo.

Acho que posso sonegar ao meu pai o dinheiro que poupou para me pagar a faculdade, mas não penso nisso. Nem sei se agora lhe posso pedir seja o que for. Tenho de examinar a informação que acabei de receber.

Mas Trace acerca-se.

– Ela tem-nos a nós – diz ao irmão.

– E nós temo-la a ela – acrescenta Dallas.

Ambos se aproximam e posicionam-se ao lado de Army, e a sala fica subitamente mais pequena.

Viro-me e agarro o puxador, mas uma mão cobre a minha nesse instante. Fito as correias de couro que lhe envolvem o pulso direito.

– Quero-a – ouço Dallas dizer atrás de mim. – É a minha vez.

Fico hirta.

– Dallas, já chega – diz-lhe Army.

Viro-me e afasto-me de Dallas, avançando para o lado oposto da sala.

Ele despe a *T-shirt* e atira-a para o lado.

Abano a cabeça.

– Para com isso.

Mas antes de perceber o que se passa, ele toma-me nos braços.

Não é rude. É um gesto suave e meigo.

O vinco entre as sobrancelhas confere-lhe um ar sofredor, o verde do olhar mais intenso do que o de Army. Como uma camuflagem.

– Dallas, larga-a – solta Army.

Mas os olhos de Dallas não abandonam os meus.

– Quero-a.

Não quer.

Quer sentir-se poderoso.

Quer a sua vez, porque julga que não me interesso por Iron. Nem por Trace ou Army.

Mas ele murmura, e só eu consigo ouvir:

– Fica connosco.

O cabelo na minha nuca eriça-se.

Ele passa o polegar pela minha face, levanta-o para o observar, e eu reparo numa fina gota de sangue proveniente do corte na minha cara. Ele mete o dedo na boca, e os meus lábios separam-se o suficiente para que me agarre na nuca e os cubra com os seus.

O meu rugido fica abafado pela boca dele, e afasto-lhe o peito, mas ele não se mexe. Sustendo-me pelas coxas, levanta-me ao colo.

– Levamos-te de volta para a tua casa – diz ele. – Cuidaremos de ti, e tu cuidarás de nós.

– Dallas…

Julgo que desta vez foi Trace, mas estou demasiado atordoada para me concentrar.

O que raio está Dallas a fazer? O que faz…

E então percebo.

Cuidarás de nós, disse ele.

– Queres fotografar-me? – pergunto.

Ele sorri, Army e Trace acercam-se lentamente.

– Para começar – diz Dallas.

– Não – responde-lhe Trace.

Seguido de Army.

– Já basta. Vamos.

– Ela que tome a sua decisão – riposta Dallas.

Mal consigo respirar.

Já estive com Army e Trace. *Porque não os devo ajudar da única forma que posso?*

É isso que passa pela mente de Dallas.

Humilhar-me é um meio para alcançar um fim.

Mas por algum motivo, ainda não recusei. Dallas não me pediria para fazer algo a que ele próprio não se dispusesse.

Ele havia de o fazer.

– Irá ajudar-vos? – pergunto calmamente. – Filmar uma Conroy vai possibilitar-vos obter aquilo que pretendem?

Ele endireita-me, pega no telemóvel e atira-o para um dos irmãos, mas não vejo quem.

Afaga-me o rosto.

– Prometo que nos esqueceremos de que a câmara sequer existe.

Ajoelha-se diante de mim, sustendo-me o olhar, enquanto desliza as mãos pelo interior da minha saia.

Dobro-me e agarro-lhe as mãos, mas não as enxoto.

– Liga a câmara, Trace – pede ele, e depois ao outro irmão. – Army, despe-lhe a camisa.

Oh, meu Deus.

Não consigo respirar, sinto-me a sufocar.

Army avança, Dallas começa a puxar-me as cuecas para baixo, e eu suspiro e fico hirta.

Merda.

Começo a afastá-lo, mas nesse instante… alguém pigarreia, e eu viro o olhar para cima.

Santos encontra-se à entrada, uma figura tão grande que tapa a porta.

Sustenho a respiração, afastando-me de Dallas e compondo as cuecas.

Que raio? O que estava eu a fazer?

Trace e Army rodopiam e Dallas põe-se imediatamente de pé. Ajusto as roupas, afasto cabelos da cara que saltaram do rabo de cavalo.

– Santos? – expele Army. – O que fazes aqui?

Engulo em seco, a boca como lixa, o rosto a arder de vergonha.

– O Macon pediu para trazê-la de volta para casa – diz Santos.

Army dá um passo em frente.

– O quê?

– Como é que ele…? – começa Dallas, mas cala-se.

Depois… todos lançam um olhar para o canto da sala, atrás deles. Imito-os, sem nada ver.

Mas ao deslocar-me para o lado, a luz de um candeeiro reflete-se num pequeno pedaço de vidro ao canto, junto ao teto, por cima do chifre de um veado.

Uma lente. Army dissera que havia aqui câmaras.

Treme-me o queixo. Macon acabou de assistir a isto?

– Como é que chegaste tão depressa? – pergunta-lhe Army.

Santos olha para os sapatos e não responde deliberadamente.

Army ri-se amargamente, abanando a cabeça.

– O que é? – pergunto-lhe. Qual é o motivo do riso?

– Ele colocou um guarda a seguir-te – diz-me Army.

O quê?

Olho atónita para Santos, sem me recordar se o tinha visto noutro lado, sem ser no restaurante. Porque teria Macon colocado um guarda atrás de mim?

– Desde quando? – pergunto a Santos.

– Desde que foste atacada no Bug Jam.

Céus.

Bem, isso explica o motivo de nos ter encontrado tão depressa. Já cá se encontrava. Macon só teve de lhe ligar.

– Vamos levá-la a casa – indica Army, pegando-me pela mão.

Mas, quando avançamos para a porta, Santos não se desvia.

– Para a Baía – ordena a Army. – Ele quere-a em casa já.

– Essa não é a casa dela.

– Para a Baía – repete Santos.

Army aperta-me a mão, como se avaliasse se os três juntos conseguiriam derrubar Santos.

Eu olho para Army.

– Ele não quer que aquilo aconteça – digo. – Portanto, jamais o usaria.

Mesmo se eu tivesse ido até ao fim.

Solto a mão da sua e dou um passo em frente.

– Vou para casa – digo ao tipo. – A minha.

– O Macon pediu-me para te levar à presença dele.

E depois agarra em mim, tirando-me o fôlego ao deitar-me em cima do ombro como um lençol molhado.

Desato aos berros.

– Estás a brincar comigo?

– Filho da mãe – dispara Army.

Mas ninguém tenta impedi-lo, Dallas e Trace ficam completamente calados enquanto me arrastam para a zona onde estacionaram as carrinhas.

*

PARAMOS diante da casa, que tem as janelas escuras e o portão da garagem fechado. Os rapazes pulam da carrinha e eu saio do *Rover* da minha mãe, com Santos no lugar do condutor. Ele não confiou em mim para me deixar conduzir,

e, apesar dos meus lamentos, teve razão. Não me apetece, de modo algum, cruzar-me agora com Macon.

Atravessamos a entrada, a persiana batendo ao vento, no alto, contra a parede, enquanto Trace e Dallas olham para um lado e para o outro, pois sentem-se tão nervosos como eu. Viramos para a sala de estar e descobrimos Macon, sentado na cadeira, uma nuvem de fumo proveniente do cigarro a erguer-se dos dedos.

Army dá um passo em frente.

– Macon…

– Deixa-a ficar aqui – é tudo o que diz.

Olho para Trace e ele lança-se em frente.

– Macon…

– Desapareçam-me da vista.

Não sou capaz de engolir. *Merda*.

A imagem do contentor que mantém nas traseiras surge-me de repente.

Olho para Army, momentaneamente imóvel, mas anuo, por fim. *Ficarei bem.*

Army hesita, mas retrocede. Dallas e Trace acompanham-no para o piso superior.

Apagando o cigarro, Macon endireita-se e acerca-se de mim. Traz as calças pretas descaídas, os braços como pesos mortos.

Recuo.

– Não me faças mal.

Ele para diante de mim, o brilho nos olhos avermelhando aquele tom castanho.

Mas continua calado. Como se não lhe apetecesse falar. Mas sim estrangular-me.

A minha voz é pouco mais do que um murmúrio, ao fitar o estômago dele, mas sem realmente o ver.

– Eu não ia fazer aquilo – digo. – Embora soubesse que resolveria o assunto.

– E quando os teus maninhos te vissem?

Ergo os olhos.

– Jamais saberiam – digo. – O meu avô nunca deixaria que o vídeo fosse divulgado.

Ele inclina a cabeça, o vinco entre as sobrancelhas substituído por condescendência.

– És a pessoa mais estúpida que já conheci.

O que significa isso?

– Eu não ia fazer – digo-lhe.

Ele tira o telemóvel do bolso e toca-lhe algumas vezes, antes de o meu apitar com uma notificação. Vasculho no interior da minha saia. Ao ler a notificação, ativo o vídeo que ele enviou.

O irmão despe-me nas traseiras do carro da polícia, no Dia de Ação de Graças. Os dentes de Army puxam-me a boca, enquanto as minhas mãos estão algemadas à pega por cima da porta.

A persiana da janela embate na casa com força, e sobressalto-me, pronta a gritar. Macon assistiu a isto?

A puta da câmara do tabliê. Pensava que estava desligada.

Deve ter obtido a filmagem da polícia. Para quê? Para me proteger?

Há dias que possui um vídeo da minha pessoa.

– Porque é que não usaste isto? – pergunto.

Mas ele não responde.

Aperto o maxilar ao entender. *Ele viu as imagens*.

O queixo treme-me.

– E se eu não for suficientemente forte? – pergunto baixinho, sem esperar que responda. – E se desistir e voltar para casa, para tomar conta de Mars e Paisleigh? O Jerome Watson está disposto a pagar bastante por mim. E se…

Mas não me sinto capaz de continuar.

Jerome Watson promete uma boa casa, roupas finas e criadagem, e a minha família continuará a viver com o conforto a que se habituaram. E se eu ceder?

Tento encontrar palavras.

– Pensei… por um minuto, que talvez fosse boa ideia usar a única coisa que tenho, se isso te fizesse ganhar a Baía, antes de voltar para eles. Antes de deixar que uma pessoa que odeio me use como quer, para o resto da vida, por causa da merda do dinheiro.

As pessoas passam a vida a foder. Por piores motivos. Eu não amava Trace nem Iron. Não acho que ame Army. Ninguém se magoaria com a minha decisão.

Mas não o teria feito. Sei disso. Teria parado, entretanto, se Santos não tivesse aparecido. Não era algo que quisesse, e alteraria a forma como encarava os irmãos. E a Baía.

Macon regressa à cadeira, cai nela, braços assentes nos apoios.

Contemplo-o, olhos pregados no chão, sem ânimo. Já não está zangado. Acerco-me dele e caio no chão, a seus pés, sento-me entre as suas pernas.

Uma vez que não se mexe nem me afasta, deito a cabeça no joelho, sentindo aquela mão pousar-me no cabelo.

Cerro os olhos, uma corrente elétrica atravessa-me o peito.

– Jamais farei nada desta natureza – digo-lhe. – Prometo.

– Se o fizeres… – afaga-me o cabelo. – Encerro-te no teu quarto.

Um sorriso espalha-se pelo meu rosto e lágrimas saltam-me aos olhos. Envolvo os braços na sua perna, e não sei se fique feliz por me impedir de fazer aquele tipo de coisas para ajudar a sua família, ou por ter insinuado que o antigo quarto de Liv passa a ser meu. Ignoro o que represento para ele, mas sei que quer manter-me por perto.

Continua a afagar-me o cabelo, e eu aperto-o contra mim, mas ele acaba por se afastar.

– Tenho de dormir – diz. – Quem me dera poder dormir.

Olho para ele, vendo-o esfregar os olhos. Tem um ar tão cansado.

– A puta da persiana, Krisjen – desabafa, e percebo que esta continua a bater com o vento. – Vai – tem a voz tensa. – Vai para a cama.

– Não me apetece.

– Agora.

– Por favor, deixa-me ficar mais um pouco – murmuro.

– Krisjen…

– Só quero estar junto a ti.

– Agora! – vocifera ele.

Sobressalto-me e ponho-me logo de pé. Apetece-me ficar. Nada acontecerá. Só não quero deixá-lo sozinho.

Quero estar onde ele estiver.

Mas não sou aquela de quem ele precisa. Nem consigo compor a minha própria vida.

Os Jaeger ficarão bem. Sobreviveram – prosperaram – muito antes de mim.

E aqui estarão muito depois.

21
Krisjen

NA manhã seguinte desconfio que Macon não conseguiu dormir o suficiente.

– Macon! – berra Dallas. – Preciso de tomar duche! Vem cá!

Detenho-me, ouvindo a discussão no quarto de Macon. Dallas, à direita, vestido apenas com uma toalha cinzenta, bate à porta fechada da casa de banho do irmão. Army passa-me ao lado, e aproxima-se dele.

– Macon! – chama.

– Mas que raio está ele a fazer? – queixa-se Dallas.

Army esmurra a porta três vezes.

– Macon! Responde-me!

Mas não há resposta.

Largo o avental do trabalho no chão e entro no quarto, ouvindo a água a correr.

– Há quanto tempo está ele ali dentro? – pergunto.

– O chuveiro está ligado desde que me levantei – Dallas bate à porta novamente. – Há pelo menos uma hora.

– Macon! – Army junta-se a ele, a esmurrar com força.

Sinto um nó no estômago. Acorro para o guarda-roupa, retiro uma camisa do cabide, e estico a extremidade curva, empurrando os homens para o lado.

Se tudo estivesse normal, Macon teria respondido. Porra para isto. Bem me parecia ontem à noite que ele estava diferente. Quando foi a última vez que o vi alimentar-se?

– Usa a outra casa de banho – digo a Dallas.

– O Trace e uma gaja qualquer estão a usá-la.

– Então usa a do piso de baixo!

– Mas não tem duche…

– Olha… – mordo, lançando-lhe um olhar.

E não tenho de dizer mais nada. Ele contorce os lábios e dá meia-volta, saindo amuado do quarto.

– Macon! – grita Army novamente.

Encaixo a ponta do cabide de arame no buraco da fechadura, procurando o pino, e empurro. O puxador roda, cedendo, e abro a porta, vendo-o de imediato.

– Saiam! – berra ele.

Army mantém-se atrás de mim, mas não tenta desviar-me para espreitar.

Macon está sentado na banheira, as costas contra a parede e as pernas dobradas com os braços apoiados nos joelhos. Tem a cabeça curvada, enquanto o jato de água lhe golpeia o corpo, um regato deslizando pelo nariz.

Fecho a porta, Army recua uns passos aos tropeções.

Olho para ele.

– Vai trabalhar.

– Mas…

– Eu trato disto – digo-lhe. – Chamo-te se houver problemas.

– Krisjen…

– Ele não te quer aqui.

Também não me quer a mim, mas não sou da família. É diferente. O que eles possam pensar é importante para ele.

As palavras seguintes de Army perdem-se, olhando para mim com uma expressão de grande dor. Ignoro se o terei magoado ou se é apenas preocupação, mas Army é esperto e sabe que Macon não quererá que ninguém o veja naquele estado. Especialmente se for outro homem.

Army debate-se por um minuto, tentando decidir qual a atitude certa. Tinha vinte anos quando a mãe se matou. Sabe que algo se passa.

Pega-me na cara, e beija-me a testa.

– Vou levar os miúdos à escola.

– Obrigada.

Sai, e eu esgueiro-me para o interior da casa de banho, fechando a porta, trancando-a e aproximando-me da banheira.

A água escorre pela testa de Macon e pela sua boca, mantendo-se cabisbaixo, e eu aproximo-me dos lábios, tentando notar o cheiro do álcool.

Mas ele sobressalta-se, como se percebesse de súbito a minha presença.

– Não.

Coloco a mão na nuca e depois na testa dele, ambas as zonas já escaldadas da água quente.

– Para – resmunga, afastando-se de mim e recostando-se aos azulejos. – Sai, desaparece.

Rodo a torneira para esfriar um pouco a água.

– Já disse que saísses! – berra-me.

Dou um pulo.

Aperta a cabeça com as mãos.

– Por favor. Sai-me daqui, foda-se.

Os olhos enchem-se-me de lágrimas, e cerro os dentes para as travar. Não sei como ajudá-lo.

Olho para cima, para a persiana corrida sobre a pouca luz que penetra pela janelinha junto ao teto.

E as luzes estão apagadas.

Tal como o quarto dele se encontra sempre escuro, quando quer ficar sozinho.

Não creio que seja uma forma de se escudar do mundo, porque, nesse caso, sentir-se-ia melhor. Só quer fingir que não existe.

Se ninguém o vir, não se encontra presente. Não está vivo.

É assim que fantasia a morte.

Estico o braço, tocando-lhe na cabeça, pousando os dedos no cabelo.

Mas ele enxota-me a mão, e eu arquejo ao ouvir as palavras que me berra:

– Sai daqui!

E depois enfia a cabeça na parede, e eu grito, agarrando-o antes que repita. Entro na banheira, agacho-me sobre o seu colo, e envolvo-o com os braços, protegendo-lhe a nuca com a mão.

Ele debate-se, tentando afastar-me, mas eu agarro-o e enterro a cara no pescoço dele.

– Não quero ninguém! – retorque. – Só quero… por favor, só quero partir. Só quero partir.

Tenta empurrar-me, mas eu agarro-me com força, a tremer.

– Não olhes para mim – pede. – Por favor, não olhes para mim. Tens de sair.

Empurra-me mais umas vezes, mas cada tentativa é mais fraca, até que desiste. As mãos tombam-lhe sem forças e ele limita-se a tremer nos meus braços.

– Por favor… não… – vira a cabeça para a esquerda, para a direita, protegendo-me do seu olhar, mas eu paro-a e acerco-me do seu ouvido, para que me ouça por cima do barulho da água. Murmuro:

– Podes deixar que uma só pessoa te veja neste estado. Só uma.

As lágrimas fluem-me pelo rosto e eu estendo a mão para trás, puxando a cortina, fechando-nos, isolando-nos do mundo. O corpo dele agita-se com uma respiração forte, mas não se tenta libertar. Encostando o peito ao dele, toco-lhe no rosto e inclino a cabeça ao seu encontro, inspirando e expirando. Repetidas vezes, até sentir o peito dele subir a par do meu, e ambos descerem em sintonia.

– Uma só pessoa – digo.

O corpo dele acalma-se, aos poucos, e passo o polegar pelo rosto, tomando-o nas mãos, sentindo a diferença entre a água quente e as lágrimas mornas.

Ele baixa os olhos para o estômago.

– Não me obrigues a sair daqui.

A água escorre-me pela cara. Ele pode ficar aqui para sempre, se assim quiser.

– Deixa-me estar contigo – é o meu único pedido.

Sento-me em cima dele, uma perna dobrada e o pé pousado no fundo da banheira, encostando a boca à sua têmpora.

Está demasiado quente.

– Tenho de te arrefecer um pouco – informo-o.

Estico o braço, rodo a torneira para a direita, juntando água fria. Ele estremece um pouco, mas não fala.

Sinto o maxilar dele fletir-se sob a minha mão; não sei quanto tempo permanecemos ali sentados, mas ouço as portas fecharem-se no piso inferior. A casa vai ficando vazia à medida que os irmãos saem para trabalhar, e os miúdos são levados para a ama e para a escola, e depois ouço os motores desaparecerem na rua.

Adiciono mais água fria e depois mais um pouco.

Quando se volta a pronunciar, fá-lo num tom suave e baixo.

– Só quero parar às vezes, Krisjen – conta-me, sem me olhar nos olhos. – Nem sempre foi assim tão mau, mas quando começa a ser, esqueço-me dos bons momentos. Não gosto de estar aqui.

Afago-lhe a face com o polegar. Aqui na Baía de Sanoa? Ou aqui, nesta vida?

Não pergunto. Não saberia o que dizer.

Só sei que também sinto o mesmo, ocasionalmente. As pessoas tornam a vida difícil. Mesmo aquelas que gostam de nós dão-nos obrigações e exigências, e não sou exceção. Somos todos culpados de dificultar a vida dos outros.

Mas há muito tempo que ele se sente assim. E ele sente-o mais intensamente do que uma pessoa normal. Há quem seja assim.

Pancadas ao longe golpeiam uma porta.

– Krisjen? – ouço alguém chamar numa voz abafada. – Estás cá?

Aracely. Acho que está a bater à porta do quarto de Liv.

Macon sobressalta-se.

– Não… – pede –, não deixes que me veja.

– Tranquei a porta – garanto-lhe.

Ergo a voz.

– Estou aqui – digo a Aracely. – Saio daqui a pouco.

Ela fica calada, e não perco tempo a imaginar o que lhe passará pela mente ao ouvir a minha voz sair do duche de Macon.

– Sem pressas – diz ela por fim, mais próxima. – Vim trazer o cheque do teu salário.

– Obrigada.

Passado um instante, escuto a porta de baixo fechar-se, e provavelmente devia ter-lhe pedido que informasse Mariette de que iria demorar.

– Podes torná-la mais fria? – pede-me ele.

Assim faço. Sinto-o suspirar profundamente e fecho os olhos. É como uma cascata no meu cabelo.

– Está melhor assim – diz.

Os ombros dele descontraem-se. Saio de cima dele, sentando-me ao seu lado na banheira.

Acaba por abrir novamente os olhos.

– Não lhes contes.

Quero prometer-lhe que não contarei, mas não sei se será correto. Ele está a piorar rapidamente. E se ele cometer um disparate, e eu ficar com remorsos por não ter tentado todos os possíveis?

– Não quero que partas – digo.

É a única certeza que tenho.

Lambendo a água dos lábios, parece que vai começar a falar, mas demora alguns segundos a dizer as palavras.

– Eu… – respira profundamente. – Não sei porque me sinto assim. Nunca foi assim – a voz fica um pouco mais forte. – E é isso que causa abalo, porque não sei como resolver.

Tenho consciência de que não há palavras mágicas.

– É esta nuvem negra que paira sobre nós e que nos persegue – diz-me ele, e noto mais lágrimas nos seus olhos. – Se temos fome, comemos. Se estamos feridos, vamos ao médico. Se estamos atrasados, conduzimos mais depressa. Eu

tenho uma casa, uma família saudável, algum dinheiro no banco, o meu próprio negócio, um meio de me sustentar a mim e aos que me rodeiam, então porque é que me sinto assim? Como é que travo isto?

Cansadas de lutar. Cansadas dos problemas. Cansadas de que nada mude… cansadas do dinheiro. Dos outros. De si mesmas. Descreveu-se a si próprio, naquele dia.

– E nesses instantes – continua – entendo exatamente porque é que ela não foi capaz de aguentar até segunda-feira, o dia em que podia consultar outro médico. Não era capaz de se sentir assim, nem mais um segundo. Só queria calar isto. Estava farta.

– Quero uma mulher. Filhos – diz-me. – Vejo-a na minha cabeça, Krisjen. Ao meu bebé dentro dela; sei que será igualzinho a ela, pois tenho a certeza disso quando a observo no chuveiro. Quero essa vida. Quero tudo isso.

Engole em seco, a cabeça cambaleando um pouco.

– Mas foi por isso que a mãe não se conteve – diz ele. – Agora entendo porque é que o fez. Ela amava-nos demasiado e não queria que víssemos a sua fraqueza, nem mais um minuto. Deixou de estar presente para nós muito antes de o corpo ter morrido, e já não suportava estar ciente desse facto. A minha mulher anda por aí algures, e eu vou deixar que encontre outro homem, porque desapontá-la será desastroso para mim. Não quero que ela assista a isto. Não quero que eles assistam a isto – as lágrimas caem, e ele fecha os olhos, virando-se para o outro lado. – Vai-te embora. Por favor, vai-te embora.

Limpo a água dos olhos. Não contarei nada a Army nem aos restantes. Ainda. Ele começou a desabafar, algo que nem era possível há um quarto de hora.

– A minha avó materna também se matou – digo-lhe. – Comprimidos. Tinha mais ou menos a idade da tua mãe, acho eu.

Foi quando a situação do casamento dos meus pais começou a correr mal.

– Eu tinha apenas dez anos e não me lembro de muita coisa – digo –, apenas do seguinte: a nossa família era chegada até que ela fez aquilo. A minha mãe e os irmãos encontravam-se constantemente, passavam as férias juntos, e era grande amiga dos filhos, os meus primos. Éramos uma família a sério.

Ele respira agora normalmente, talvez devido à água fresca.

– Mas, desde então, mal nos contactamos – digo-lhe. – Apesar de estar em sofrimento, e desesperada por um descanso, a avó funcionava como cola. Talvez pensasse o mesmo que tu, e que a tua mãe, que nos poupava a esta dor. A dor de lidarmos com ela. Poupava-nos ao sofrimento do seu sofrimento, mas… a vida dela era mais importante do que pensava – já não choro por causa disto, mas é-

me difícil não imaginar como seria agora a nossa vida, como seria agora a minha mãe, se a avó percebesse o quanto gostávamos dela. – A nossa família desmoronou-se com a morte dela. Não era um fardo nem uma fraqueza. Era muito importante para nós.

Olho para ele.

– Ninguém tem a capacidade de te convencer a ficar – não contenho as lágrimas. – Ninguém sabe o que tu sentes, e a tua vida não serve apenas para salvar as pessoas de si mesmas.

Demoro minutos a acalmar-me, pois quero dizer-lhe que não pode partir. *O que faremos sem ti? Tens de cuidar deles.*

É o que o tem mantido entre nós, até agora, mas já não basta.

Só posso afirmar aquilo que conheço.

– Virão dias difíceis, Macon. Outros como este. Quando realmente dói levantarmo-nos. Falar com as pessoas.

Apetece-me tocar-lhe – na mão, em qualquer parte – mas contenho-me.

– Mas haverá dias que ninguém conseguirá estragar – sussurro. – Haverá dias em que serás a pessoa mais forte na sala, e eles não sobreviveriam sem ti. Haverá crianças e viagens de carro e abrigarmo-nos dos furacões com uma cerveja e filmes e lutas de comida e bebés e gelados em canecas de café.

A cabeça dele vira-se um tudo-nada, e encontro-lhe os olhos.

– E manhãs cedo em camas quentes – digo – quando as campainhas do vento e da chuva cantam, e te abraças a ela, e estes sentimentos funestos estão tão distantes que não consegues parar de beijá-la. Vais adorar estar vivo.

Os olhos dele fecham-se, como se fosse uma memória, e ela existisse, e ele a quisesse.

Seguro-lhe o interior do cotovelo e, por fim, Macon encara-me. Os olhos castanhos tremeluzem, o branco agora raiado de sangue, mas, meu Deus, neste instante parece mais novo que Trace.

– Odeio que me vejas neste estado – afirma, pouco mais do que um murmúrio.

Presenteio-o com um meio-sorriso e volto a dizer:

– Podes deixar que só uma pessoa te veja assim – e ponho a face no ombro dele. – Tenho um estômago de aço.

O tempo passa, a escassa luz do sol que entra no quarto desliza pelo chão, e eu convenço-o a sair do duche, a vestir umas calças de ganga. Tapo a luz, ligo uma ventoinha para abafar o ruído e envergo uma das suas *T-shirts* e calças de fato de treino para me deitar também na cama. Apertando a almofada contra

mim, viro-me para ele e ele para mim, e ponho-me a observá-lo, até depois de adormecer. Os irmãos entram em casa, o riso dos miúdos sobe pelas escadas e penetra pela porta, juntamente com o cheiro da piza, e eu gostava que ele se alimentasse, mas não o vou acordar. Precisa de dormir durante uma semana.

Ouve-se água a correr, é hora do banho, as crianças vão para a cama, ninguém incomoda o quarto de Macon, e eu volto a acordar, viro-me para ver que já passa das onze da noite. A casa está tranquila. Acerco-me dele, o calor daquele corpo desperta a minha pele. Ele dorme, e eu saio da cama o mais suavemente possível, e abandono o quarto.

No piso inferior, encontro as divisões vazias e ao entrar na cozinha descubro Army, sentado à mesa no escuro. Entretido com um copo de uísque.

Puxo uma cadeira e sento-me, olhando-o, embora ele não retribua o gesto.

– A história que me contaste – pergunto – sobre o homem que te queria pagar e ao Macon para fazerem sexo com a mulher dele…

Ele não se mexe.

– O Macon aceitou, não foi?

Army roda o copo sobre a mesa, observando-o, o maxilar fletindo-se.

– Tu não eras capaz. Foste-te embora – digo. – Ele ficou.

O facto de não reagir serve como resposta. Agora faz mais sentido.

– É por isso que ele mal se mostra na Baía – a minha mente está a dar voltas. – É por isso que nunca assistia aos jogos da Liv.

Julgava que ela fingia compreender, mas, afinal, não era verdade. Como é que poderia compreender? Nem fazia ideia das merdas que o irmão carregava em cima dos ombros.

Army bebe um gole.

– Fazer aquilo que for preciso para sobrevivermos não é um objetivo nobre, se a alma não sobreviver também – declara. – O Macon acabou de descobrir isso.

Levanto-me.

– Ele não teve escolha, calhou-lhe essa responsabilidade, Army. – Encaro-o. – Mas tu, quando abandonaste aquela casa, quando o abandonaste dessa vez, contaste com isso.

22
Macon

Andei feliz, durante muito tempo, por ter sido o primeiro a nascer. E não por causa de, enquanto irmão mais velho, poder mandar, nem porque não tinha de partilhar as minhas coisas, nem por dormir sozinho num quarto, mas por ter sido o primeiro a sair de casa. Foi o derradeiro vai-dar-uma-curva ao meu pai, pois este julgava que o primogénito teria por obrigação cuidar dos irmãos, fazer as refeições, mudar as fraldas, lavar a roupa…

Mal fiz dezoito anos e acabei o secundário, pisguei-me de casa. Inscrevi-me no exército e distanciei-me o mais possível, nem sequer pensando na minha mãe, pois, passados tantos anos com aquela ameaça constante a pairar sobre as nossas cabeças, deixei de acreditar que ela fosse realmente em frente. Claro que não queria que o fizesse. Mas não fui capaz de continuar em casa. Sem problemas. Ela tinha uma vida cada vez mais facilitada, com os miúdos agora crescidos. Havia de se resolver.

Acabei por pagar caro. Cinco anos depois, voltei para casa, para o funeral, e dois meses depois, para o segundo. Aos vinte e três anos, era o único tutor e sustento de quatro menores, e os meus pais não nos deixaram nada, a não ser a casa.

E arrependi-me de ter partido. Não por julgar que a minha presença tivesse contribuído para a saúde da minha mãe, mas porque o fardo do filho mais velho acabou por recair em cima de Army. E ele não o merecia. Eu andava sempre zangado, às turras com o nevoeiro das minhas ideias. Mas ele é calmo e gentil, paciente e caloroso. Não merecia o stresse, merecia um irmão que não o abandonasse.

E merece Krisjen.

Traço a madeixa do cabelo que cai pelo rosto dela, ao longo do pescoço, a ponta terminando numa das minhas almofadas, e deslizo a vista para aqueles olhos adormecidos. Repouso a cabeça no braço dobrado, virado para ela, tal

como ela se virou para mim, as cortinas a ondular com a brisa matinal. Ela abriu as janelas ontem à noite. Deve tê-lo feito enquanto eu dormia, mas o ar fresco sabe bem. O aroma das flores e da terra fresca invadem o quarto, bem como o som das folhas das palmeiras a farfalhar ao vento.

Mas também lhe sinto o cheiro. Aquele perfume do champô e do coco nos lábios, e quero que me volte a envolver nos seus braços, para poder fechar os olhos e fingir que o Sol não voltará a nascer.

Ele merece-a. Mas não vou dizer a Kristen que vá para ele.

Nesse instante, ela pestaneja e vejo o olhar focar-se, até perceber que a observo.

Continuamos assim, e sei que ela tenciona perguntar-me se me sinto bem. Se preciso de alguma coisa. Mas felizmente não o faz. Estou tão cansado.

Endireitando-se, confere as horas no telemóvel e volta a encarar-me.

– Tenho de acordar os miúdos – diz de mansinho.

Fico calado enquanto ela se vira para sair da cama, mas… ela volta para trás, mergulha e deposita um beijo na minha cara.

Toda a adrenalina do meu corpo acorre a esse ponto na pele.

Ela dá uma voltinha, salta da cama e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

Endireito-me, e uma onda de náusea acompanhada de dor de cabeça golpeia-me. Reparo que me deixou um copo com água. Agarro nele, bebo-o lentamente e pouso os pés no chão, levantando-me aos poucos. As paredes inclinam-se e não sei se isso se deve ao facto de continuar de estômago vazio desde anteontem, ou por ter dormido quase um dia inteiro, mas obrigo-me a ir para a casa de banho. Encho novamente o copo, bebo-o e encho mais uma vez, bebendo até perder a sede.

Mas o vómito sobe e acorro para a sanita, despejando tudo o que acabei de beber. Não tenho comida no estômago, mas as contrações vão-me esvaziando até nada restar.

Enxaguo a boca e assento o traseiro na berma da banheira, tentando convencer o estômago a amansar-se.

A casa começa a despertar. Risos. Crianças. Portas que se abrem com rangidos e que se fecham com estrondo. Tenho saudades da presença da minha irmã. Ela impediria tais comportamentos.

Encaro o chão, procurando sentir os pés. Procurando levantar-me.

Põe-te de pé. Vá. Põe-te de pé.

Outro dia. Tal como ontem.

Levanta-te. Não penses. Levanta-te. Põe-te de pé. Trabalha. Não penses. Faz alguma coisa. Arranja alguma coisa. Um carro. Uma bicicleta. A persiana partida. A porta para o quintal. Para com isso. Mexe-te.

Mexe-te, porra.

Outro dia. Tal como ontem.

Não consigo sair do quarto. Os músculos não me sustêm.

Cerro as pálpebras, sentindo a humidade no interior.

Não quero ver ninguém. Não me sinto capaz de falar. Não me sinto capaz de aturar conversas. É como se todos estivessem às voltas, a rir, num carrossel à minha volta, e eu perdesse o equilíbrio. Prestes a cair.

Como conseguem as pessoas aguentar um dia inteiro sem se deixarem abater pela frieza da vida? Não posso ignorar este frio.

Esfrego a cara. Que merda é esta que eu estou a pensar? Não sentem porque não o sentem. Porque não é o que se passa. Porque é que eu sinto isto?

Foda-se.

A música sobe pelas escadas. A música de dança de Krisjen. Imagino-a na cozinha a dançar. O meu coração bate.

Os meus pés aguentam-me.

Levanto-me e baixo as calças de dormir. Vestindo calças de ganga e uma *T-shirt*, abro de rompante a porta da casa de banho. Não encontro ninguém ao descer as escadas, calçar sapatos e sair para a rua. Permaneço na rua durante alguns segundos antes de virar para a esquerda, rumo ao restaurante.

Abrindo a porta das traseiras, encaminho-me para o lugar praticamente vazio, deparando-me com Mariette ao balcão da cozinha. Chega sempre cedo. É como eu, prefere trabalhar em paz.

Ouve-me chegar e vira-se, com uma faca de descascar na mão. Descontrai-se então e volta a trabalhar. Sento-me nos caixotes ao lado do congelador, com a cabeça ainda a latejar.

Adoro-a. Pertence à família, mesmo que não seja do nosso sangue.

Foi a minha mãe quando precisei de uma mãe. Não aos cinco nem aos dez nem aos quinze anos. Mas quando tinha vinte e três e vinte e sete e trinta. Quando percebi que a vida só se torna mais complicada, e que não passamos de um trabalho em curso até morrermos.

Aproximando-se, agarra-me no queixo e levanta-o, inspecionando-me a cara.

Regressando ao balcão, pega numa caneca e verte-lhe chá de uma chaleira ao lado.

Traz-me a caneca.

– Bebe.

Anuo, aceitando-a.

Bebo devagar, com goles crescentes que, felizmente, se mantêm no estômago. Para ser sincero, nunca gostei de chá, mas o calor reconforta-me.

Pouso a caneca vazia enquanto ela prepara os legumes do dia.

– Com que frequência é que pensas naquilo? – pergunta-me.

Não respondo, e ela olha para mim, e eu olho para ela.

– Já fizeste alguma tentativa? – insiste.

Abano a cabeça, concedendo-lhe este pouco.

Se tivesse tentado, já não estaria aqui.

Apanha o aipo picado e deposita-o num recipiente, que tapa, e tira as cenouras lavadas do coador, colocando-as na tábua de cortar.

– Devias falar…

– Não – riposto.

Consultei um médico três vezes, mas, ontem à noite, contei mais segredos a Krisjen do que ao tipo. Era presunçoso e arrogante, e assim que cometi o erro de lhe dizer que tinha estado no exército foi o fim. Tornou-se a resposta fácil para os meus problemas, apesar de eu ter admitido que já os tinha em criança.

Sabia que havia mais ajuda algures – outros médicos –, mas não voltei a considerar a hipótese. Ando demasiado ocupado, o dinheiro é valioso, e ninguém na Baía voltaria a confiar em mim se se espalhasse. Particularmente, os homens.

Portanto, abafei tudo. Desliguei o cérebro. Nem sequer era grande esforço, em certos dias. Os sentimentos iam e vinham com igual rapidez.

Outros dias eram mais difíceis. Ultimamente, são-no quase todos. O ruído fere-me os ouvidos. As divisões são muito apertadas. A comida sabe a areia.

– A última vez que vi a tua mãe – diz-me Mariette –, ela fartou-se de sorrir e abraçar as pessoas, e tinha-se maquilhado e parecia tão bem – sorri para si mesma, mas depois o sorriso desvanece-se. – Foi quando fiquei assustada, porque percebi que ela tomara a decisão – corta as cenouras em fila. – Sentia-se feliz porque em breve tudo ia terminar.

Eu não estava presente. Army nunca me contou isso. Nunca lhe perguntei como tinham sido os dias que precederam o acontecimento.

– A minha cabeça é um inferno constante – os olhos ardem-me de cansaço. – Talvez ela pensasse que constituiria um fardo, se tivesse ficado.

– E, contudo, ninguém ficou feliz com a partida dela.

Talvez as pessoas fiquem, se eu partir. Ou não.

Talvez Dallas e Trace ficassem mais felizes, pois já podiam procurar outros lugares. Talvez Army sentisse que podia ter uma vida sua. Talvez eu tenha lixado a mente de Iron.

– Sempre foste diferente – pondera Mariette. – Mesmo em criança, eras mais calado. Viraste-te para dentro. Cismavas nas coisas mais do que os outros. Ciente da escuridão, sempre o primeiro a reparar nela. Sensível ao mundo.

Ela observa-me.

– Mas foi essa parte que nos salvou. Se ainda aqui estamos, foi por tua causa.

Encaro o meu colo, abanando a cabeça ligeiramente.

– Se eu e a minha família pudemos ficar, foi graças a ti – continua. – Se as pessoas têm comida no frigorífico e se sentem protegidas, foi graças a ti. Planeaste, antecipaste e viraste-te do avesso, jogada atrás de jogada, para proteger o que era nosso. Pensas demais e escondes-te, por isso ninguém sabe realmente quem tu és. Isso torna-te intimidante e imprevisível. Ninguém sabe fazer o que tu fazes. O Army não tem estômago para tal. O Trace e o Iron desejam outras coisas na vida, e o Dallas só quer arrasar com tudo. És o único com quem podemos contar.

Não consigo encará-la.

– As tuas fraquezas são as tuas forças – diz-me. – O que teria eu feito sem ti?

Cerro os punhos, sentindo os músculos dos braços retesarem-se repetidas vezes.

Mariette enche um recipiente descartável com sopa e entrega-mo. Aceito, o calor aquecendo-me a mão.

– Não demores a comer – ordena.

Provo um pouco, e repito, comendo pedaços de galinha e *noodles*, e ficando com mais fome à medida que como.

Sorrio ligeiramente.

– Gosto da tua sopa – murmuro.

Ela regressa às tarefas.

– A receita é da Krisjen – diz. – É ela quem prepara tudo o que comes.

O meu corpo reage.

Termino a sopa e volto para casa, encontrando Trace a colocar os caixotes do lixo na rua, e Dallas a carregar a carrinha. Army enfia o cinto de segurança a Dex, para levá-lo à ama, e Mars sai a correr de casa com o almoço e a mochila.

E nem tive de berrar com ninguém para que fizessem as suas tarefas.

Army interrompe-se e olha para mim. Viro costas e avanço para a garagem, abrindo a mangueira. Tiro a camisa, pouso-a e inclino-me, deixando a água fria escorrer por cima da nuca.

Aquilo ajuda. Corre por um minuto até me sentir tão gelado que nem consigo pensar, se tentasse, e o corpo sente uma corrente energética sob a pele. Fecho o jato e volto a vestir a camisa.

Avanço para as carrinhas, nas quais eles já estão a entrar. Hesito por um instante, mas forço-me a dizer.

– Vou acompanhar-vos.

Army para mesmo antes de fechar a porta.

– Ah?

– Trato de Fox Hill com o Trace.

Desloco-me para a outra carrinha, esticando o queixo a Trace para me atirar as chaves.

Ele suspira e transita para o lugar do passageiro.

– Bem, como é que agora consigo beber no trabalho? – resmunga. – Merda.

Army lança-me um derradeiro olhar demorado, antes de ligar o motor. Vai-se embora, para a casa da ama, e eu começo a subir para o lugar do condutor, mas ouço música. Olhando para o lado, reparo em Paisleigh e Krisjen, a dançarem junto à piscina ao som de uma música da Olivia Newton-John.

Rosa. Ela recorda-me o cor-de-rosa flamingo. E pistolas de água e casas nas árvores e relva acabada de cortar. Sinto o cheiro do protetor solar, o que me leva de volta à infância.

É como se ela fosse um eterno verão.

Entro na carrinha, com vontade de ir, pois ela estará aqui quando regressarmos.

Esta noite dorme no meu quarto.

Não é para sempre.

Só mais uma noite.

23
Krisjen

DIRIJO-ME para o pátio com os braços cheios de pratos, abrindo a porta com o traseiro. Deposito a comida na mesa quinze, agarro nos copos vazios da dezasseis e observo a estrada, vendo Paisleigh… em cima de uma bicicleta.

Fico boquiaberta. O que…?

Quase largo os copos no chão.

Ela passa, veloz, sentada na bicicleta azul de outra pessoa, tentando alcançar outro grupo de crianças.

Sorrio e rio-me ao mesmo tempo, pronta a chamá-la, mas não quero distraí-la nem causar uma queda. Quando é que ela aprendeu a andar de bicicleta?

Desconfio que esta estadia prolongada na Baía lhe faz bem. A minha mãe não estará em casa, esta semana, por isso não sabe que dei uma folga a Bateman – paga –, nem que os miúdos estão comigo e com os rapazes. Mars não se queixou e Paisleigh desejaria mudar-se de vez para a casa dos Jaeger.

Observo-a quando entro no restaurante, a sorrir, mas depois ouço um rebuliço atrás de mim e espreito por cima do ombro. Duas carrinhas surgem a toda a velocidade e ocupam os últimos lugares vagos do estacionamento do restaurante. Army, Dallas e Trace saltam do interior, e eu procuro a silhueta de Macon, não a encontrando. Pensei que ele os tinha acompanhado outra vez.

Olho de relance para a casa. A garagem está encerrada.

Regressando ao restaurante, agarro nos copos, e é então que o descubro. Encostado ao bar das refeições, a bebericar um copo de refrigerante como se tivesse sempre estado ali. A preocupação que já me invadia o peito e a mente desfaz-se.

Ei-lo, com a sua *T-shirt* cinzenta manchada de óleo e sujidade, alvo da maestria do sol, na passada semana, que lhe tingiu o rosto e o corpo com um bronzeado fabuloso. As olheiras fundas permanecem, mas pelo menos tem

dormido. Ele olha para mim, e eu faço-lhe um sorriso que ele não retribui, o que não me incomoda. Já sei interpretar a sua expressão e entendo que este dia foi dos bons.

Encontra-se ligeiramente melhor desde que começou a sair de casa. Recusou a minha oferta de marcar uma consulta para falar com um especialista, apesar de lhe ter explicado que podia fazê-lo pelo telefone e que desabafar com alguém seria a melhor forma de resolver a situação. Mas os instintos de Macon impedem-no de confiar nos outros. Ainda assim, insistirei.

Trace e Dallas passam por mim, despindo as camisas e Army abraça-me pela cintura e aperta-me contra si.

– Saudades minhas? – pergunta.

Rio-me, afastando as mãos do peito dele.

– Estás todo molhado.

Ele inclina-se contra o meu ouvido.

– Acaba de limpar as mesas e vamos tomar um duche os dois.

Mordo o canto da boca e ele aguarda.

– Mesa dezassete! Pedido pronto!

Dou um pulo e descolo-lhe as mãos.

– Salva pela campainha – brinca, enquanto me afasto.

Entro atrás do balcão, voltando a encher os copos e a pousá-los ali, enquanto agarro na comida. Não sei se Macon me observa, mas nem tenho capacidade para reparar em mais nada, além da sua presença, quando entrego os pratos aos clientes e regresso para trazer as bebidas.

Tocam-me no braço.

– Posso trocar isto por arroz e feijão?

Anuo.

– Claro.

Levo as bebidas para a mesa exterior, volto a entrar, pego no arroz e no feijão, e percorro a sala, levantando os pratos e distribuindo mais guardanapos.

Army e os rapazes sentaram-se à mesa, aguardando, e as pessoas falam comigo, mas estou demasiado distraída. Sinto o olhar de Macon.

Atento ao meu estômago, ao cabelo que me cai até aos braços, ao peito visível no *top* branco. Ao meu rosto.

Imersa em pensamentos, encontro-me no colo de Army antes de perceber o que aconteceu.

Ele sorri, apertando-me.

– A sério? – pergunto.

Há que informar o mundo inteiro de que ele está com vontadinha.

Paisleigh aparece.

– ¿Puedo tomar algo?

– Ãh?

– ¿Puedo tomar algo? – pergunta novamente.

Olho para Army, confusa.

Ele ri-se, olhando para a minha irmã.

– Sim, podes tomar uma bebida – diz-lhe. – Vai à cozinha e pede à Mariette. Ela dá-te um sumo.

Mas agarro em Paisleigh antes que ela desapareça.

– Estás a aprender espanhol?

– A Jasmine só fala connosco em espanhol – informa-me.

– Traeme una limonada – pede-lhe Army.

Ela faz-lhe continência.

– Bueno – e depois desaparece a correr, enfiando-se atrás do balcão e depois na cozinha.

Primeiro, aprendeu a andar de bicicleta. Agora é uma nova língua.

– A sério? – repito. – Ela passou menos tempo do que eu neste local, e já fala a língua?

– Os miúdos são como esponjas – acrescenta Trace.

– Tu não sabes espanhol.

– Falar não é o meu melhor dom – provoca-me, o duplo sentido bastante explícito no brilho nos olhos.

Army e Dallas riem-se com esta resposta, e eu tento não revirar os olhos.

Olhando de relance para Macon, encontro duas mulheres ao balcão; uma delas roda a cadeira na direção dele e sorri. Ele não retribui o sorriso, mas pôs-se a falar com ela. Ele acena com a cabeça, com expressão calma e respiração descontraída. Tranquila.

– O que é que ele tem? – ouço Army perguntar.

Arranco o olhar daquela cena.

Não tenho de perguntar-lhe se se refere a Macon.

– Já lhe perguntaste?

Não quero falar de Macon nas suas costas, embora a família devesse estar envolvida.

Contudo, ele desabafa comigo e não quero arruinar isso.

– Entre ti e ele, é o que quero saber – clarifica Army.

– Nada – encolho os ombros. – Só precisa de dormir.

– Passaste todas as noites desta semana no quarto dele.

Os braços arrepiam-se, ao pensar que não vejo a hora de os dias acabarem. Na forma como me olha, sem ter de explicar que não quer ficar sozinho, como pego na almofada e o sigo.

Nada aconteceu, mas acordo com os braços dele à minha volta.

Vejo-o falar com as raparigas. Ela escreve uma coisa no telemóvel dela e entrega-lho. Macon guarda-o no bolso.

Espera… o telemóvel era o dele. O que estava ela a escrever ali?

Irá expulsar-me da cama dele, hoje à noite?

– Apenas dormimos – murmuro a Army. – Nada mais.

– Ele não para de olhar para ti – declara. – Não me agrada.

Os pelos dos meus braços eriçam-se, pois noto os ciúmes na voz.

Levanto novamente o olhar, reparando que Macon me observa. Ela continua a falar, mas é a mim que ele presta atenção.

Levanto-me e viro-me para os rapazes.

– Estão prontos para pedir? – pergunto, mudando de assunto. Não sei o que devo revelar a Army a respeito de Macon, mas demorarei mais de dois segundos a decidir. Agora não há tempo para pensar.

– Já pedimos – informa-me Dallas. – Para levar e comer no bar.

No bar…

Pestanejo e afasto-me com uma volta, agarrando no copo vazio de um cliente e encaminhando-me para o balcão.

Faço uma paragem ao lado de Macon e, esticando o braço por cima do balcão, pego no dispensador de refrigerantes e começo a encher o copo.

– Não devias beber hoje – digo, com a voz mais baixa possível. – Nem teres relações com mulheres por enquanto.

Ele inclina-se sobre o balcão novamente, levando a caneca à boca. O maxilar flete-se.

– Relações…

– Tu entendeste.

Mas nem eu sei o que quis dizer. Refiro-me a um relacionamento ou apenas sexo? Penso por um segundo, imaginando-o num encontro amoroso. Ou levando alguém para a cama. Não aprecio nenhuma das alternativas.

Tento amansar o tom de voz.

– Só quero dizer que um comportamento de gratificação instantânea causa mais mal do que bem. É um penso rápido para o verdadeiro problema.

– Eu não tencionava fodê-la, Krisjen.

O meu estômago revira-se ligeiramente, como sempre sucede quando diz o meu nome.

– Esta noite não, pelo menos – acrescenta, virando-se para mim. – E farei trinta e dois anos em janeiro. Não preciso que uma adolescente me dê conselhos amorosos.

Reteso o maxilar, sentindo um nó na garganta. Os olhos ardem-me.

Uma adolescente? É assim que me vê?

Preocupo-me com ele. Dará sequer valor a isso?

– Descontrai-te, porra – diz, baixinho. – Não pretendo enforcar-me hoje.

O meu peito cede, o meu rosto desaba, e não quero que ele repare.

Desapareço de imediato, entrando apressada na cozinha, enfiando-me atrás da máquina de lavar loiça, e espalmando as mãos sobre o aço frio do tampo. Mariette e os colegas continuam atarefados mais à frente, e não se deixam distrair.

Macon enfia-se de rompante neste recanto, e eu viro-me para o encarar.

– Não faças isto, porra – diz. – Ficaste zangada? Dá-me um estalo. Não sou feito de porcelana. Podes bater-me!

Vislumbro os cozinheiros através do pequeno espaço entre os fornos, reparo que olham, mas Macon não se importa com quem possa escutar.

– Não quero bater-te – digo.

Ele encurta a distância que nos separa, e eu respiro fundo quando o sinto agarrar-me debaixo dos braços e assentar-me o traseiro sobre o balcão. Acerca-se, pousando uma mão no micro-ondas atrás da minha cabeça.

– Queres tomar conta de mim? – brinca. – Trazer-me sopa e deixar-me chorar no teu ombro, como alguém que não é homem?

– Isso não faz de ti menos homem! – berro-murmuro. – Só não quero…

Acabo por me calar. Não sei como me exprimir.

– Não quero…

– O quê? – vocifera.

– Não… eu… – gaguejo.

– O quê? – arregaça os beiços, afastando-se de mim. – Não sei como fazer isto. O que queres de mim?

– Só não quero que partas – deixo sair.

Ele tenta comportar-se tal qual a sua ideia de uma pessoa normal. A beber, a trabalhar, a ter sexo, porque não quer que os outros se apercebam do quanto sofre.

– Não quero que faças nada contra a tua vontade – perscruto-lhe o olhar. – Não a queres a ela. Não percas a tua noite naquele bar.

Talvez há dez anos, mas agora, não.

Ele avança uns passinhos para mim, com uma expressão condoída.

– Sabes lá o que eu quero – murmura, engolindo em seco. – Krisjen, eu nem te posso contar o que às vezes me passa pela cabeça.

O meu queixo treme-me. Estou assustada.

Mas sei quem ele é.

Agarrando-lhe na nuca, puxo-o para mim, o olhar dele descaído e recusando-se a encarar-me.

– Há tanta gente que eu não vejo – digo-lhe. – A minha mãe e o meu pai. O Milo. O Trace. Por muito que tente abrandar e vê-los, não sou capaz. – Tiro um pano da prateleira e embebo-o em água fria, torcendo-o depois para tirar o excesso. – Procuro sempre alcançar algo que sei que existe, mas que não consigo encontrar. É como se eles não fossem reais. Como gente estranha que passa por mim, pois continuo a andar.

Deposito o pano gelado em cima da sua nuca, sentindo-o suspirar.

– Mas a ti, vejo-te. Mesmo quando fecho os olhos, continuo a ver-te.

Ele olha para mim, e estico o queixo na direção do restaurante e da Baía mais além.

– Tu cuidas deles – digo-lhe. – Eu cuido de ti. Ponto final.

Ele sustém o meu olhar durante vários segundos, e por fim fecha os olhos e inclina-se. Coloca novamente uma mão sobre o micro-ondas atrás de mim, e a outra sobre o balcão, quase roça o meu nariz com o seu. Aquele hálito quente cai nos meus lábios.

Pouso o pano na pele dele, e passo a outra mão pelo seu pescoço e rosto.

E tudo o que existe no mundo fica em paz, quando ele se inclina. Só o consigo ver a ele, e ele só me vê a mim.

– Até aparecer mais alguém… – digo-lhe.

Ele anui.

24
Macon

ARMY vai querê-la de volta. Tem andado calado sobre o facto de que durma no meu quarto, pois sabe que ando com problemas, mas ainda a deseja. Ele certifica-se de que eu reparo, sempre que a toca.

Solto um bafo, dobrando a cabeça debaixo do jato quente do chuveiro. O aroma da vela que arde no lavatório enche o quarto, misturado com as magnólias que penetram pela janela, ao alto. Assola-me então uma imagem de mim próprio, a descer pela costa com a primeira mota, o sol no rosto. Raparigas em fato de banho na praia. Uma vela vermelha no meio da água.

Esquecera-me disso.

Mas o cheiro recorda-me esse instante. Desconheço o motivo.

Foi um bom dia. Tinha dezassete anos ou coisa assim. Liberdade.

Krisjen diz que ela apenas gosta da chama, mas sei que o odor do eucalipto se usa para aliviar o stresse, e acendeu a vela por minha causa. Ela acende outras coisas que cheiram a hortelã e citrinos e põe muita música a tocar, e mantém as janelas abertas, para que o ar fresco possa encher a casa. Tretas da aromaterapia, como se isso resolvesse os problemas, mas…

Despertam memórias e são todas boas. De repente, tenho doze anos, e escapo-me de casa à meia-noite com Army e Iron, para irmos trepar às arvores.

E o ar da casa está melhor. Mais respirável. Gosto de voltar para casa, e até os meus irmãos andam mais alegres. Tomam conta das coisas – Trace, inclusive, arrumou o corta-relva –, mas não sei se estou contente por fazerem a parte dele. Pois muito se deve ao facto de se preocuparem comigo.

Não quero que reajam como se não me sentisse forte.

Inalo o odor, recuperando várias vezes a memória daquele dia ao sol, junto ao mar, a correr no vento. Um grande dia de verão.

Agarrando com o punho a pega do chuveiro, seguro-me e empurro-a para a direita. Sustenho a respiração, pois a água demora apenas dois segundos a passar de quente a fria. Obrigando o pescoço a entrar debaixo do jato, deixo a água gelada cobrir-me as costas e depois levanto a cabeça, molhando a cara. Exalo, sinto as ideias clarearem. Céus, como ajuda. Repito este processo sempre que tomo duche.

Ela é esperta. E, sim, aprecio aquelas velas ridículas.

Assento as mãos na parede, deixando a água escorrer pelo peito. Aprecio a sua música de menina, e a forma como canta para Dex, e o aspeto do corpo dela nas minhas calças de ginástica. E a forma como os pés dela se enrolaram nos meus quando acordei.

Olho para baixo, pois fiquei com tesão.

Esmurro a pega, cortando o fluxo da água e agarrando na toalha. Seco-me rapidamente, enfio umas calças de ganga e escolho uma *T-shirt*. Deposito-a sobre o ombro, enquanto seco o cabelo. Atravessando o quarto, paro e olho para a cama, lençóis amarrotados e a cova das nossas cabeças ainda nas almofadas.

Hesito por um mero instante. Aproximando-me, puxo a roupa da cama, alisando-a, e afofo as almofadas. Não fica igual ao que fazia na tropa, mas está melhor do que ontem.

Inspiro profundamente. *Pronto.*

Encaminho-me para o piso inferior, paro a meio, olhando à volta e à escuta. A casa está silenciosa.

Não há nada.

Continuo a andar, vendo as horas no relógio de pêndulo no *hall* de entrada. *Sete e dez*.

É cedo demais para já terem saído.

Entro na cozinha e vejo Krisjen, a tirar uma frigideira do forno. Os pelos dos meus braços eriçam-se, e não tenho a certeza se se deve ao odor do bife ou por a ver.

Ela sorri-me e pega na pinça, depositando um entrecôte de novilho no prato.

Encho uma caneca de café.

– Onde está a malta?

Suspira.

– Já estavam a despachar-se quando me levantei – informa-me. – É provável que chova hoje, e queriam despachar os trabalhos antes de começar o mau tempo.

Queriam despachar os trabalhos…

Mas que grande porra. Será que querem deixar-me orgulhoso?

Ela entrega-me o prato, e eu observo-o, respondendo:

– Não sou…

Mas então fecho a boca. Ficando a ver a carne e o molho que se acumula à volta, forço-me a mudar de assunto. A imitá-la.

– Obrigado – murmuro.

Ela nada responde, apenas regressa aos pratos, e eu levo a comida para a mesa, sentando-me enquanto ela pousa um garfo e uma faca ao lado do prato.

Espeto o bife com o garfo, o estômago rosna ao sentir a suavidade da carne. Cresce-me água na boca.

Provo, e o sabor e o queimado quase me fazem gemer. Foda-se. Despacho-me a cortar novamente a carne, enquanto mastigo e engulo a primeira dentada.

Ela coloca um copo diante de mim, e começa a afastar-se, mas chamo-a de volta.

– Podias verter isto numa caneca de café ou algo parecido? Não quero que me apanhem a beber um *smoothie* cor-de-rosa.

Ela funga, tentando conter o riso, mas pega no copo e leva-o para a cozinha. Pescando uma caneca, transfere a bebida de fruta.

Dou mais uma dentada, e acumulo outra, enquanto ela se enfia na despensa. Emborco metade do *smoothie*, e a brisa faz soprar as cortinas ao meu lado.

Nova dentada, olho para cima e vejo Army, semivestido e imóvel na entrada entre a cozinha e a sala de estar.

Engulo.

– Ainda estás aqui?

Abre a boca, e depois fecha-a, olhando de soslaio para a despensa enquanto Krisjen vasculha as latas e as caixas.

– Não demoro nada – diz.

Corto o último pedaço de carne, com a veia no pescoço a latejar. Ele esperava encontrá-la sozinha. Krisjen não trabalha hoje, portanto ele deixou-se ficar para trás para dar uma queca.

– Pensei que ias para a marina – comenta.

– E vou.

Krisjen aparece, trazendo algumas latas e pousando-as sobre o balcão.

– Olá – cantarola para Army.

Ele olha para ela.

Eu olho para ele.

Ele olha para mim.

Ela volta a enfiar-se na despensa, e eu engulo a última dentada.

– Hoje, ela vem comigo – digo sem pensar. – O Ames vai gostar de ver uma coisinha bonita.

Levanto-me, trago o prato para o lava-loiça e pego na bebida.

Não quero que ela fique em casa sem mim, e não tenho tempo para indagar o motivo. Descortinarei mais tarde.

Acerco-me dele.

– Comeste? – pergunto.

Ele abana a cabeça.

Entrego-lhe o *smoothie*.

– Podes acabá-lo. Ela juntou couve-galega ou outra merda qualquer sem me dizer, e acha que não reparo.

Ele aceita, o vislumbre de um sorriso cruzando-lhe os lábios.

Army devia lutar comigo para chamar a atenção dela. Tem todo o direito, mas ainda bem que quase nunca me contraria. Em tempos, que duraram muito mais do que deviam, eu só precisava de ter alguém que fizesse o que eu lhe mandava. Alguém em que confiasse que ficaria feito.

Army é o mais longo relacionamento da minha vida. E sei que lhe estou em dívida.

Hei de devolvê-la amanhã. Só mais uma noite.

Enfio a *T-shirt*, agarro nas chaves e encaminho-me para a garagem, arrancando a tela protetora da minha mota.

*

DUAS horas depois, estamos a caminho da marina.

Ela remove o capacete e lança a cabeça para trás, deixando o cabelo esvoaçar-lhe sobre os ombros como um cobertor. Ostenta um enorme sorriso na cara, e solta risinhos.

– Sempre tive vontade de fazer isto.

Não reajo, mas intimamente, sorrio mais do que quero admitir. Ela é tão inocente. De certa forma, é uma atitude doce, pura e cativante, e de outra, também um pouco irritante. Oxalá pudesse ficar tão contente como ela, como se a vida fosse o anúncio de um champô.

Pego no capacete dela, penduro-o no guiador e corro o fecho do casaco de cabedal.

– Acho que temos peças suficientes para construir outra mota – digo eu. – Se quiseres aprender a conduzir.

– Não – responde ela, prontamente, dando a volta à mota para se aproximar de mim. – Prefiro ir contigo.

Aperto o maxilar, tentando disfarçar o facto de, subitamente, me sentir incapaz de respirar. Ela encontra-se mesmo ao meu lado, com o seu vestidinho branco, curto e justo, uma alça no ombro esquerdo, a outra caída, e os lábios pintados de cor-de-rosa.

Ela agarra-me o interior do braço e olha para mim. Dói-me o corpo todo.

Conduzo-a ao longo das docas, pelos barcos de pesca que baloiçam na água, e os iates ancorados à distância. A luz reduz-se quando uma nuvem tapa por instantes o sol, e deparo-me com Garrett Ames, emergindo do convés do iate motorizado de dezassete metros, caminhando na nossa direção enquanto guarda o telemóvel no bolso do peito.

– Sinceramente, esperava que viesse o outro – comenta. – Chama-se Army, certo?

Os olhos azuis reluzem, como se o divertisse.

– Menina Conroy – vira a atenção para Krisjen. – Fez-se adulta.

Observa-a de cima a baixo, e tiro-lhe a mão do braço, entrelaçando-a na minha.

Jerome Watson aparece atrás dele, e sinto os dedos de Krisjen contraírem-se contra os meus.

– Devíamos sentar-nos – indica Ames, apontando para o restaurante no cimo das escadas. Clientes ocupam as mesas cobertas de linho em redor das paredes envidraçadas, e fico desconfortável.

– Não – respondo.

Ames examina-me.

– Parece uma coisa suspeita, encontrarmo-nos assim nas docas.

– O meu barco – aponto para a lancha de treze metros, à nossa direita. – Não é nada de espetacular, mas podemos sair para a água. Afastar-nos dos olhares.

– Para daqui a uma semana o meu corpo ir dar à costa? – riposta.

Inclino a cabeça.

– Não trouxe um exército, só uma miudinha.

Sei que ela é tudo menos isso, mas Garrett Ames julga que as mulheres são todas cegas, surdas e mudas. Não deve representar ameaça para ele.

Ainda assim, Krisjen comenta provocadoramente:

– Estás a dizer que não consegues dar conta de um homem sozinho? Olha, eu sei dar conta de muitos homens.

Rio-me, para espanto meu. O olhar de Jerome salta entre ela e a minha pessoa, e aperto a mão de Krisjen.

– Eu sei bem que és uma mulher fatal – digo.

Varrendo o sorriso do rosto, concentro-me em Jerome.

– Você quer oitenta hectares – digo-lhe, indo direto ao assunto. Não me apetece passar aqui mais tempo do que o necessário.

– À volta disso – comenta. – Em troca, receberão aprovações da Câmara para as vossas licenças. Além disso, poderão apresentar um contrato de construção.

Terei o que sempre desejei. Estradas na Baía de Sanoa. Decentes, alcatroadas. Até que enfim.

Mas preferia não ter de forçar ninguém, e vou deixá-lo pensar que me está a dar o que eu não conseguiria obter sozinho.

– Para que se destina o terreno? – pergunto.

– Painéis solares. E você, quer as licenças para quê?

– Infraestrutura.

Ele lança-me um daqueles sorrisos condescendentes.

– Isso é como fazer as camas quando a casa está a arder?

Ranjo os dentes. Há anos que soltam graçolas desta natureza. Mas nós continuamos aqui. Não abri mão da terra. Não cedi um único metro quadrado.

Jerome adianta um passo, avaliando-me.

– A aliança com os Collins pode fazer-vos ganhar algum tempo, mas aliarem-se com ela… – aponta para Krisjen. – Os Conroy não vos beneficiam em nada.

Quase murmuro.

– Não é por isso que gostamos dela – digo em provocação.

A minha irmã tem Clay, e o pai de Clay tem-se mostrado generoso, mexendo alguns cordelinhos, mas nunca a meu pedido. E embora agradeça tudo o que me possa facilitar a vida, até agora tenho conseguido sem ajuda.

Garrett Ames sustém o meu olhar, e sei que se prepara para me ameaçar ou reajustar a minha realidade, como se eu não estivesse ciente de que tudo o que possuo um dia será seu, caso um dia eu subitamente desapareça.

Mas antes que alguém se possa manifestar, Krisjen adianta a palavra.

– Não oferece o Estado uma dedução fiscal para as terras dedicadas à energia solar?

Sim, mas… e depois percebo a intenção dela.

– É verdade – olho para Ames. – Um acre é aproximadamente… quatro mil metros quadrados. Isso equivale a quatrocentos quilowatts de painéis solares, multiplicados por duzentos acres. É um projeto de envergadura.

– Podias simplesmente arrendar os terrenos – indica Krisjen, tão inocentemente… – Ficarias a ganhar mais do que eles te darão.

Sorrio.

– É bem verdade.

Ames vira-se para ela, com um olhar duro, e depois acerca-se de mim.

– Só me interessa o projeto, se for propriedade minha. Não preciso de senhorios – afirma. – Vocês têm uma coisa de que preciso. Eu tenho algo de que vocês precisam. Pensem nisso. Dou-vos uma semana. E depois deixo de fingir que vocês têm uma palavra a dizer no assunto.

Pela primeira vez em muito tempo, sinto os braços fortes. Fogo e calor percorrem-me o interior da pele, e desejo que faça uma tentativa.

Ele dá um último passo para mim, baixando a voz.

– E sei que o Dallas gostava de foder o meu filho – conta-me.

Krisjen vira o olhar para mim.

– O Callum? – murmura.

Sim. Callum Ames. O colega dela de escola, e um merdoso predatório e arrogante.

Contudo, não respondo em voz alta. Não é da minha conta fazer alarido das andanças de Dallas. Estou contente que tenha durado apenas um mês, e que Garrett Ames não queira que ninguém saiba, tal como eu.

Callum, o filho imbecil, membro de uma fraternidade, americano de ginja, queria fazer alarido das suas conquistas femininas, quando era na verdade o meu irmão que ele realmente desejava.

Por outro lado, o rapaz só tinha dezassete anos quando andou com Dallas. Nem sei se teria conseguido safar o meu irmão, se o pai de Callum tivesse decidido acusá-lo de relações com um menor.

Felizmente, Callum foi para a faculdade, e esperemos que não regresse. Se isso acontecer, não vai correr bem. Callum ficou furibundo quando o meu irmão acabou com tudo.

– Se eles se voltarem sequer a tocar – avisa Ames –, a Baía receberá uma visitinha de gente a quem se paga em dinheiro e que sabe fazer até os ossos desaparecerem. Seguida de uma visitinha das escavadoras. Sabe o que é melhor do que duzentos acres? Dois mil.

Ele recua, voltando a dizer-me:

– Têm uma semana.

Vira-se e encaminha-se para as escadas. Jerome segue-o lentamente.

– Vocês não conseguirão sobreviver – diz-nos. – Todos o sabem, menos vocês.

Dá meia-volta, e ambos sobem as escadas para o restaurante.

Ainda de mão dada com Krisjen, volto em passos pesados para a mota.

Quero que ele se engasgue em todos os grãos de areia da Baía.

E quero que isso aconteça já. Não consigo enfrentar este tipo mais uma década. Temos mantido a terra, mas nada está a melhorar. Ou melhora, ou nem sei por que motivo lutamos.

Tenho de mudar alguma coisa.

– Um campo solar? – diz Krisjen.

– Pois, é treta.

Os homens da classe dele não são donos de energias renováveis, mas de petrolíferas. Ele quere-o para outro fim.

Alcançamos a mota e entrego-lhe o capacete.

– Arranjarias licenças num estalar de dedos – ela segura o capacete com uma mão, enrolando o cabelo para caber no interior. – Possuis informação sobre toda esta gente com poder.

Como é que ela sabe isso? Ter-lhe-ão contado que há câmaras?

Mesmo assim…

– Mas nem todos têm noção disso – saliento. – Quanto tiverem…

– Tornam-se mais agressivos.

– Precisamente. Não ficarão à espera de que os ataque.

O olhar mostra preocupação.

– Poderiam matar-te?

Não respondo, mas monto a mota.

– Não lhes dês espaço de manobra – diz.

Não lhes *dou* espaço de manobra?

– Achas que eu…

– Entendeste.

Calo-me, fitando-a. *Não lhes facilites o trabalho,* é o que quer dizer. Como se eu queira que me matem.

– Entendi – digo-lhe, suavizando o tom de voz.

Começam a tombar pingos de chuva, e a pele de Krisjen, no vestido branco, quase faísca.

Lanço-lhe um pequeno sorriso.

– Estás bonita.

Ela enfia o capacete, aperta-o, e depois levanta o vestido o suficiente para montar atrás de mim.

Agarra-se à minha cintura num abraço apertado.

– Não te preocupes, Krisjen – ligo a mota –, não serão homens daqueles que acabam comigo.

Desprendo o descanso, espreitando por cima do ombro.

– E tu não sais da Baía desprotegida, a partir de agora – exijo. – Tornaste-te um alvo, tal como nós, e sabe-se lá o que podem fazer.

– Deixas a Liv, a Clay e a Aracely irem e virem sem entraves.

Foda-se.

– Achas que não me sei defender – continua ela. – Quando quero, até consigo.

Não vou discutir este tema.

– Não sais da Baía sem a proteção masculina.

Cai a chuva, os pingos visando o solo cada vez mais depressa, e eu inclino a cabeça para trás, sentindo a água fria e a massa linda e acolhedora do corpo dela contra o meu.

Qual âncora.

– Importas-te de dar umas voltas? – pergunto-lhe. – À chuva?

Ela ficará encharcada, mas desconfio que vai adorar.

E, como seria de esperar dela, responde:

– Toda a noite, se quiseres.

Arranco, e pela primeira vez desde há muito, é aqui que quero estar, e em nenhuma outra parte.

25
Krisjen

MACON entra na garagem e trava. O meu corpo inclina-se contra ele, e seguro-me com força, um constante sorriso no meu rosto desde que saímos das docas.

Desliga o motor, e eu saboreio a sensação de o ter nos braços uma derradeira vez antes de o soltar. Saltando da mota, desaperto o capacete e estremeço, rindo-me ao ver a chuva desprender-se de nós. Estamos ensopados até aos ossos.

Ele é o primeiro a subir os degraus. Carrega no botão para encerrar o portão da garagem, e batem-me os dentes ao entrarmos na cozinha escura.

Acorro para a ilha e retiro uma toalha de cozinha limpa da gaveta, uso-a para secar o resto da água do cabelo. Não penetra luz da sala de estar, a casa está muito tranquila.

Liberto-me dos sapatos e aperto a toalha contra o peito.

– Onde é que está esta malta?

Ele despe o casaco e pendura-o nas costas da cadeira.

– Não devem ter ido longe.

Levanta os braços, tirando a *T-shirt* no mesmo movimento, e eu aprecio o estômago bronzeado e firme, o recorte dos músculos que ali se fletem, e as costelas espetadas contra a pele.

De imediato, coloca-se diante de mim, arranca-me a toalha e seca a cara e pescoço.

– Porque não me disseste que tinhas frio? – pergunta.

Recupero a toalha, como se fosse a substituição de um cobertor, e solto uma gargalhada.

– Não queria que parasses.

Ele encara-me.

– Pois, nem eu.

Divertimo-nos. Fomos a toda a parte. Quase duzentos quilómetros pela costa, o dia inteiro, entrando e saindo de bairros e zonas comerciais movimentadas. Entre chuva e sol, até darmos meia-volta e sermos assolados por uma chuva torrencial a caminho de casa. Quase lhe disse para ir em frente. Nunca estive no Cabo Canaveral. Podíamos ter encontrado um quarto. Ele devia sair da vila de vez em quando, nem que fosse por uma noite.

– Os teus irmãos estão aqui?

– Ficaram a dormir na casa dos avós – pouso a toalha. – Tens fome?

Ele não responde, e eu levanto o olhar. Ele observa-me intensamente, os olhos afáveis entranhando-se em mim.

Não pestanejo. A casa ficou tão silenciosa.

Estou gelada. Quero tirar o vestido.

– Devias tomar um duche quente – sugere-me com uma voz quase inaudível.

Por um instante, sinto um cordão invisível que me puxa e me acerca dele. Ele vai tocar-me. Nunca me viu como sendo uma miúda, pois não? Não sou demasiado nova para ele.

Mas ele agarra na sua *T-shirt* molhada e parte, a ânsia no meu baixo-ventre quase impercetível quando comparada com o frio que sinto no resto do corpo.

Céus, o que se passa comigo?

Podíamos ter ido para um quarto? Terei realmente pensado nisso depois de tudo o que ele sofreu?

Subo para o piso superior, vejo-o fechar a sua porta e mergulho no quarto de Liv. Deixo cair o vestido no chão e descolo a roupa interior molhada. Enfiando uma *T-shirt* preta e calções-pijama, apanho o vestido e entro na casa de banho.

Deposito-o em cima do suporte do chuveiro para secar, agarro na escova colocada na prateleira, e começo a alisar as madeixas húmidas, expondo-as ao secador de cabelo.

As pernas tremem dos arrepios de frio. A temperatura manteve-se nos vinte graus durante o dia, mas juntando a chuva, o vento e a roupa minimalista, afetou-me mais do que a Macon, que ao menos tinha calças de ganga e um casaco vestido.

Mas desconfio que ele gostou do dia. Não parava, e de vez em quando apreciava a vista, tal como eu. Trace raramente me levou na mota. Preferia ir sozinho.

E Dallas tentou assustar-me, acelerando e pondo-me à prova, quando fomos ao Bug Jam.

Terá Army uma mota? Iron tinha. Não conduz nada mais.

Não são um gangue, mas parecem. Devia arranjar-lhes uns símbolos para afixarem nos casacos, em jeito de brincadeira. A ideia faz-me sorrir.

Mas depois Macon aparece, e eu perco o sorriso, acabando de me secar e desligando o secador.

Pouso-o e penteio-me enquanto ele se aproxima do lavatório e molha a sua escova de dentes. Lanço-lhe um olhar, virando-me para as suas calças de pijama, e depois desvio os olhos. Guardo a escova, e pego na minha escova de dentes.

A casa de banho enche-se com o som das escovadelas e da água corrente, mas ele despacha-se primeiro, enxaguando a boca.

– Disse-te para te ires preparando – indica, limpando a escova.

Cuspo.

– Estou cansada – respondo numa voz baixa.

Enxaguo a boca, e ele arruma a escova no suporte próprio.

– Vai buscar a tua almofada.

Vejo-o sair da casa de banho pelo reflexo no espelho. Não sei quando é que se tornou hábito que eu tinha de dormir todas as noites consigo, mas agora é o que mais gosto de fazer.

Limpo a boca com as costas da mão e saio também, desligando a luz. Enfiando-me no quarto de Liv, agarro na minha almofada.

Mas recordo o que ele me disse naquela vez no duche. *A minha mulher anda por aí algures…*

Penso nisso com frequência. Como ele deseja certas coisas, mas se impede de as procurar porque julga que o ciclo acabará nele.

Embora me queira na sua cama por recordá-lo de como sabe bem ter uma companhia calorosa. Não quer estar sozinho.

Vou deixar que encontre outro homem…

Deixo cair a almofada na cama e puxo a *T-shirt* por cima da cabeça. Tiro os calções, pego na almofada e aperto-a contra o peito nu. Ainda vestida com roupa interior, tento abrandar a respiração, enquanto atravesso o corredor, contemplando aquele quarto por entre os cabelos que me tapam o olho esquerdo.

Entrando, deparo-me com Macon ao lado da mesinha de cabeceira, de costas viradas para mim enquanto configura o despertador.

Quase não sou capaz de falar por um segundo.

– Estás… estás quente – afirmo numa voz gentil.

Ele vira-se, o olhar descendo para a almofada que cobre a minha pele nua.

– Certo? – engulo em seco. – Como um duche?

Ele pode aquecer-me. O coração pulsa nos meus ouvidos.

O ligeiro vinco entre as sobrancelhas aprofunda-se, e não consigo entender a reação. É como se não gostasse do que vê.

– És muito atrevida – afirma ele, arqueando o cenho. – Para uma adolescente.

Pois. Está chateado. Acha que lhe dou demasiada atenção. Por pena.

Dou meia-volta para sair, mas ele passa por mim e arranca-me a porta da mão, mal tento abri-la.

– A última Santa na minha cama partiu sem qualquer castigo.

Clay. Ofego.

Invadimos a casa deles na primavera passada, e ela deitou-se na cama dele enquanto Callum Ames lhe tirava uma foto.

Uma brincadeira.

Completamente vestida, obviamente. E Macon não estava presente.

Humedeço os lábios.

– Não quero abandonar nunca mais a tua cama – murmuro. – E também quero que apagues o número dessa mulher do teu telemóvel.

Os dedos dele brincam com as madeixas do meu cabelo.

– Queres fazer por mim o mesmo que ela?

Anuo.

Uma baforada intensa fustiga-me o ouvido e ele levanta-me, encostando-me ao seu corpo, enterrando o rosto no meu pescoço. Largo a almofada, gemendo e inclinando a cabeça para trás, fecho os olhos e estendo a mão para lhe tocar no rosto.

– Macon…

Aquelas mãos deslizam pelo meu corpo, cobrindo-me os seios, e eu coloco-me em bicos de pés, tentando manter o contacto enquanto a sua boca se move ao longo do meu pescoço – tocando, roçando, mordendo, respirando…

Levanta-se de súbito, e arrasta-me com ele, os meus pés no ar.

– Como consegues ter tanto poder? – rosna, enfiando uma mão nas minhas cuecas, entre as pernas. – Porra, só pioras tudo isto.

Sorrio. Sinto a pele a arder sob a superfície, tudo a vibrar.

– Eu sei – gemo.

A boca dele abandona o meu pescoço, e capturo-lhe os lábios com os meus, cortando-lhe a respiração.

Rodando nos seus braços, deixo-o enfiar as mãos nas cuecas, mas por trás, agarrando-me o traseiro e forçando-me contra ele. A sua saliência dura investe contra mim, incendiando-me o baixo-ventre.

Trepo para os braços dele, enquanto me faz apertá-lo com as pernas. Prendo-lhe a nuca, para me suster, quase roçando o nariz no dele.

– Oxalá tivesse sido eu, na tua cama, naquela noite. O que me terias feito, se me tivesses encontrado?

Ele estica a mão e ouço a porta ser trancada.

– Apanhavas com tanta força que até desmaiavas – solta.

Sinto o coração às voltas no peito, adoro o duplo sentido da frase. Quem me dera que fosse eu, naquela cama. Oxalá desse atenção aos meus instintos, pois foi nele que reparei, desde o início. A primeira vez em que o vi, de perto, na garagem, durante a caça ao tesouro, só pensava que era um homem bastante inteligente, ao contrário das outras pessoas, que o temiam. Que Macon não era um zé-ninguém implacável e mesquinho, causador de problemas. Só pensava, durante o tempo em que ele teve Clay nas suas garras, que ele era mais forte do que qualquer outra pessoa.

Ergue-me mais acima, sustendo-me pelas coxas, e encara-me.

– Estás com pena de mim? – pergunta. – Diz-me que não se trata disso.

Afago-lhe o rosto, fitando profundamente os olhos cor de chocolate.

– Diz-me que queres foder – pede.

– Queria tanto foder naquela noite na garagem – declaro. – Queria que me tivesses enfiado no banco de trás e fazer lentamente, vezes sem conta – endureço a voz. – E não quero que mais ninguém te toque.

Sei que a mulher com quem Macon conversava ontem no Mariette's, pouco significa, mas ela é das redondezas e está à mão de semear, se ele assim quiser.

Não me agrada nada.

– Tomarei conta de ti – digo-lhe. – Do teu restaurante, da tua comida, e hei de montar-te bem cedo, de manhã, deixar-te tirar as minhas cuecas a meio da noite se acordares duro.

Abato-me sobre a sua boca, provando aquele sabor antes de me deslocar lentamente pelos seus lábios, agarrando-lhe o cabelo na nuca. Ele geme, cinge-me contra si, enfiando a língua, obrigando os meus dentes a separarem-se.

Um formigueiro desce até aos meus dedos dos pés.

– Meu Deus…

O calor da sua boca espalha-se por mim, e eu mexo-me mais avidamente, sem me fartar. Beijo-o e mordisco-o, e depois empurro a sua cabeça para trás, para lhe possuir o pescoço. Beijo-lhe a veia e subo até ao maxilar, saboreando-o com a ponta da língua. A barba por fazer roça nos meus lábios, e perco a razão, mordo-lhe o maxilar.

– És meu – digo. – Sou eu que toca em ti.

Ele abraça-me com força, dedos possessivos enterrando-se no meu traseiro e cintura.

– Foda-se – murmura. – Foda-se, Krisjen, temos de parar com isto. Não tens vida comigo. És nova de mais.

Beijo-o cada vez mais intensamente.

– Quem decide isso sou eu – arrasto as unhas pelos músculos das suas costas. – E não me recusas nada. Deixas-me ter o que eu quiser – planto pequenos beijos na sua face, no maxilar, no canto da boca. – Pertenço-te.

E cobre-me a boca com um beijo demorado e profundo, que nenhum de nós é capaz de interromper.

Ele beija-me a testa, a face, e eu quero que ele acelere, invista com mais força, mas, por outro lado, não quero ser fodida. Logo na primeira vez. Adoro a lenta agonia da antecipação. Em que ele descobre o meu corpo e eu descubro o dele. Quando é que me vai chupar? Tirar o resto da minha roupa? Abrir-me as coxas?

Põe-me no chão, cheirando o meu cabelo ao pegar-me nos dedos e guiá-los por dentro da bainha das cuecas. Força-me as pontas contra o clítoris.

– Faz – murmura. – Ficas bonita quando te fazes.

Quando foi que me viu…?

O sofá surge-me à mente, mas depois recordo. Masturbei-me para ele na garagem. *Com a mangueira.*

Ele enfia a mão numa gaveta da cómoda e retira um pequeno aparelho, que me entrega.

Seguro o vibrador cor-de-rosa choque, com a palavra «Vibe» inscrita de lado. Olho para ele.

– Isto é meu.

Tirou-o do meu saco? Quando? Rebusco no cérebro, mas não me lembro da última vez que o vi.

Ele murmura-me ao ouvido.

– Desculpa. Só não queria que o usasses com mais ninguém.

Lembro-me de fazer uma graçola, na primavera passada, em frente à família de Trace, sobre o facto de usar o vibrador quando ele me deixava insatisfeita. Macon estava na sala, e não esqueceu o comentário. Sinto-me corar e ficar excitada ao mesmo tempo.

Pegando-me pela mão, conduz-me para a cama. Olho para ele ao rodar o botão e ouvir o vibrador animar-se.

O olhar de Macon engole-me por inteiro, e não vejo nada além dele. Mal me lembro de ter entrado na cama, deitar-me de barriga para baixo e enfiar o vibrador nas cuecas, encostado ao clítoris.

O peito dele arfa pesadamente, e as minhas coxas incendeiam-se.

As gotas de chuva castigam as janelas e as paredes, mas os únicos sons que se ouvem na sala são os meus gemidos, esfregando-me contra o vibrador.

Balanço as ancas, apoiada sobre um cotovelo, prendendo o brinquedo entre a cama e o meu corpo, e estico a mão por trás, baixando as cuecas. Ele observa-me, extasiado, e eu impulsiono-me, esfrego-me, desço a mão para manter o vibrador no lugar. Espalham-se formigueiros pela barriga, sinto o orgasmo desenvolver-se. Gemo, deixando cair a testa na cama e mantendo o brinquedo encaixado no clítoris.

Sonho com os dias em que ele fique a trabalhar e eu não aguente mais, e ele chegue a casa, apanhando-me a brincar na cama dele. E depois, subitamente, não consegue ignorar-me, pois avança e fecha a porta para me castigar tão duramente que a cama até se parte.

Fodo com mais intensidade, meneando as ancas, o calor dos seus olhos banhando o meu traseiro. Espreito-o por um instante, e vejo a saliência dura do caralho delineada nas calças de pijama, crescendo, enrijecendo.

Enfio a outra mão entre as pernas, e seguro o vibrador com ambas. O orgasmo atinge o pico, suspiro um pouco, e um arfar entrecortado solta-se de mim, enquanto me lanço uma única vez, com força. E outra. E outra…

Ele vira-me para cima, tira-me o brinquedo e gemo enquanto me arranca as cuecas.

– Macon… – arquejo, e depois gemo. – Não.

Não me vim.

Mas, passado um segundo, já está a lamber-me os mamilos, a enfiar-me um dedo. E depois outro, esticando-me e aprofundando-se.

Enterro as unhas na cama dele. Sim.

Um telemóvel toca, em cima da cómoda. É o dele. Não uso aquele toque. Mas Macon ignora-o, e acaba por se calar, enquanto a boca fervorosa desce para o meu estômago e pousa entre as minhas coxas. Deslocando dois dedos para dentro e para fora, beija-me o clítoris, lambe-o, beija-o novamente. Estremeço, as coxas assoladas por um tremor.

– Por favor… – suplico.

Mas o telemóvel volta a tocar, e Macon morde a minha pele externa, frustrado.

Grito com força, agarrando-lhe a cabeça para o manter no local, mas ele afasta-se. Dirigindo-se à cómoda, olha para o telemóvel e desliza o dedo, pousando-o de novo.

– É o cabrão do Trace – rosna, ignorando a chamada.

Endireito-me, apoiando-me nas mãos esticadas para trás, em cima da manta.

– Volta para a cama.

Vira-se, e reparo no suor que brilha sobre o pescoço dele, olhando para mim sem pestanejar. Mas só demora um instante, e logo baixa as calças e agarra no pénis.

O meu olhar intensifica-se, observando a forma como se afaga e o aproxima de mim, em jeito de ameaça.

Deita-se na cama, e eu recosto-me, segurando-lhe as ancas, orientando-o para o interior das minhas pernas.

O telemóvel toca novamente.

– Foda-se para o puto – solta, olhando na direção do aparelho ainda em cima da cómoda.

Mas eu arqueio-me, beijando e lambendo-lhe o maxilar.

– Não o mates.

Ele pega-me nos pulsos e puxa-me de volta, prendendo-os por cima da cabeça.

– Não te preocupes, amor – diz-me, pairando sobre a minha boca. – Ele trouxe-te até mim.

Céus, sim. Adoro saber que Macon me deseja. De saber que gostou do que viu há meses, e que desejou ter-me.

O telemóvel volta a tocar e Macon sai disparado da cama, dirigindo-se ao aparelho, mas tudo lateja em mim, e preciso que me penetre neste instante.

– Macon… – queixo-me.

E ele vira-se, vê-me de coxas abertas e molhada, à sua espera.

Macon deixa a merda do aparelho tocar e regressa, ajoelha-se entre as minhas pernas e agarra-me nas ancas, puxando-me para baixo. Devia ter-lhe dito para silenciar o telemóvel, mas não posso aguentar mais.

– Oxalá todos os rumores que contam a meu respeito fossem verdadeiros – afirma. – Se tivesses sido entregue à minha apreciação aos dezoito anos, ninguém mais te teria.

Força a cabeça do pénis contra a minha entrada, inclina-se sobre mim, e investe. Solto um berro, inclino a cabeça para trás à medida que ele me amplia e me enche, a cada impulso entrando mais e mais.

– Foda-se – murmura, prendendo-me novamente os pulsos por cima da cabeça. – Teria ficado contigo para mim.

Rodo as ancas, procurando a sua boca, e nenhum de nós tenta ser lento, pois o fervor no quarto intensifica-se cada vez mais.

– Faz o que quiseres comigo – murmuro. *Pois eu fico com o que quero, e quero-o a ele.* Céus, como o quero.

Encontro os seus lábios, saboreio a sensação daquela pele e o gosto da sua boca.

– Abre-te mais, Krisjen… – pede.

Estico por completo as coxas, enquanto ele me beija a boca, o pescoço, e volta a encher a boca com o meu seio. Brinca com o mamilo, e eu arqueio-me, mantendo-o na sua boca. *Céus, adoro que faça aquilo.* Desprendo os pulsos, agarro-o pela cintura e puxo-o para dentro de mim, enterrando o pénis no fundo.

Gemo, e ele rosna, esticando-se em cima de mim para me observar o corpo enquanto fodemos.

O telemóvel toca. Ignoramo-lo.

– Macon… – gemo.

Volta a tocar. Ele ferve de raiva. Mas eu suplico:

– Não pares.

Olho fixamente os seus olhos, a minha mão na nuca dele, mas o toque começa novamente.

Ele afasta-se num solavanco.

– C’um caralho!

E choro um pouco, quando o fervor me abandona, abandona a cama.

Macon agarra no telemóvel, derrubando artigos de cima da cómoda com o gesto, e atende.

– Foda-se! – rosna, aproximando o aparelho do ouvido. – O que queres?

– Os Santos acabaram de passar a linha para este lado! – ouço o berro de Trace de onde estou.

Macon fica ofegante, virando-se para mim e regressando à cama.

Mordo o lábio inferior e então… viro-me, deixo cair a cabeça para fora da cama e agarro-o na boca quando ele se aproxima.

– Oh, foda-se – geme, ao perceber a minha intenção.

Mantém-se junto à cama enquanto lhe faço a mamada, inclinando-se um pouco, enterrando o caralho na minha boca. Acaricia-me o peito com a mão.

– Pois, ‘tá, eu… – gagueja Trace, e eu percebo que Macon acabou de soltar a exclamação ao telemóvel. – Viraram para a esquerda. Acho que se dirigem para o cemitério.

– E o que tenho a ver com isso? – Macon esfrega o polegar pelo meu mamilo direito, bombando na minha boca, devagar, para que não me aleije.

Geme novamente.

– Oh, meu Deus.

– Mas tu estás… – Trace começa a perguntar, mas cala-se. – Não importa – faz uma pausa, e continua. – O que queres que façamos?

– Recuem.

– Mas…

– Ouviste – riposta Macon. – Deixa-os em paz.

– Estão à procura do tesouro.

– Que não está no cemitério – diz Macon.

Os meus olhos arregalam-se, e ele afasta o telemóvel do ouvido, atirando-o para cima da cama.

– Agora já não está – murmura para si mesmo.

O tesouro? Foi um dos rumores sobre os quais lhe perguntei, naquele dia em que comemos na cozinha. Afinal, é verdadeiro?

Dou voltas à ponta com a língua, provando nele o meu sabor. Um sabor que adoro, pois implica que esteve dentro de mim.

– Saibo bem – comento baixinho.

Ele dobra-se e levanta-me, põe-me de joelhos e aperta-me contra o corpo.

– Pois sabes – murmura sobre os meus lábios.

Beija, e chupa o meu próprio sabor dos lábios, enquanto enfia os dedos no meu traseiro.

– Então o tesouro é verdadeiro? – pergunto, recordando o que acabou de dizer a Trace. – Aquela malta vai desfazer o lugar.

Cinge-me contra si.

– Vai ser preciso algo mais dramático para me arrancar desta cama.

Beijamo-nos, os nossos braços apertam-se mutuamente com intensidade, não sei que membros são meus, e quais lhe pertencem. Adoro este momento consigo. Adoro que não haja nada melhor do que esta noite. Adoro…

Um estrondo invade o ar, seguido de outro, e sobressaltamo-nos, afastando as bocas.

Ainda abraçados, viramos os olhos para a janela, descobrindo o brilho de uma explosão para além do Mariette’s. Na estrada? Talvez no pântano?

– Oh, meu Deus – murmura ele.

O fogo começa a arder com pujança, e fico sem respirar por um instante. Trace.

Dallas, Army…

Viro-me para Macon.

– Temos de ir.

*

Puxo o capuz da gabardina de Liv por cima da cabeça enquanto corro ao lado de Macon para a rua. Entramos numa das carrinhas, com a água a escorrer-lhe pela cara e pela *T-shirt* preta, e ele roda a chave.

Vira o volante para a esquerda, e eu seguro-me ao tabliê e à porta enquanto ele inverte o sentido e acelera pela estrada, rumando ao bar e ao motel. O portão do quartel dos bombeiros está aberto, e desapareceu o pequeno camião do interior. Alguns dos bombeiros voluntários já devem ter ido, velozes, para o incêndio.

Em vez de virar para a esquerda, passar pelo Mariette's e dirigir-se para o local da explosão, Macon enfia-se num parque de estacionamento lamacento e mantém o motor ligado.

– Acompanha-me.

Salta da carrinha, e eu abro a porta que range, saindo.

Subindo pelos degraus, Macon empurra a porta do restaurante, e sigo atrás dele.

No interior do restaurante, as pessoas gritam e aplaudem, e nós olhamos em volta, procurando caras conhecidas, mas só vejo empregados, turistas e gente da Baía.

Logo a seguir, encontro-os. Army, Dallas e Trace surgem pela porta da cozinha e atravessam a sala de refeições. Solto um suspiro de alívio.

Macon enfia-se dentro do balcão, tira uma pistola, verifica se está carregada e encaixa-a na parte de trás das calças. O coração sobe-me à garganta.

A arma. A que estava guardada na mesinha de cabeceira. Ainda não a repus no sítio. Ainda bem que não se lembrou de a procurar, antes de sairmos de casa.

Ajeita a *T-shirt* por cima da pistola e avança para a porta, seguido dos irmãos.

Os outros esgueiram-se pela porta, mas eu barro-lhe o caminho.

– É uma manobra de distração – digo-lhe.

Ele limita-se a murmurar:

– Fica aqui no restaurante. Não te quero sozinha em casa.

Nem sequer olha para mim, tentando passar-me ao lado.

Mas eu repito:

– É uma manobra de diversão.

Os responsáveis, quem quer que sejam, só querem chamar a atenção dos Jaeger para se dedicarem, algures, a outras manobras. Não querem lutar. Ele não precisa da arma.

Ele estica o braço para empurrar a porta, mas eu pego-lhe na mão, aproximando-me da sua boca.

– Toma cuidado.

Mas ele sacode a mão, para me afastar.

– Aqui, não.

Passa por mim, abandonando o Mariette's, e eu fico a vê-lo partir, a todos eles, nas *pick-ups*. Arrancam rapidamente, e pressinto olhares alheios nas minhas costas, mas quando me viro ninguém olha para mim.

Bem, talvez três pessoas.

Procuro pela sala e descubro que Jessica me sorri. Summer também olha, mas sem sorrir.

Continuo à procura. *Aracely, onde está?*

Santa Maria. Tal como Trace vaticinou. Se tiver razão, Aracely já se encontra no local.

Saio a correr do restaurante, desço os degraus de madeira e mergulho na chuva. Piso as poças de água, despertando salpicos, e sigo pela escuridão da estrada de terra, entrando na noite. O arvoredo acerca-se de ambos os lados, e estou ciente das zonas húmidas para além das árvores à minha direita. Mas mantenho-me na estrada.

Corro, sem ver vivalma. As carrinhas dos rapazes desapareceram há muito.

Mas não avanço para a explosão. Desço um pequeno caminho à minha esquerda, puxo o capuz para trás, perscrutando os sulcos dos pneus que passaram por aqui recentemente. A estrada é minúscula, mas *BMW* e *Audis* cabem perfeitamente, e nem sequer raspam nos ramos laterais.

Afasto o cabelo dos olhos, sentindo a água ensopar-me os *sneakers* e os dedos dos pés. Surgem lápides mais adiante, e pulo por cima de uma fila estreita de árvores. A cambalear, entro no cemitério, procurando carros, lanternas, pessoas à volta, mas não encontro nada.

Sei que Aracely deve estar próxima. Ela deixou passar uma oportunidade, no início do ano, para enfrentar um Santo. Desta vez, não se coibirá. Agacho-me, mantendo-me baixa, e avanço pelas ervas altas e pela trepadeira que cobre as

antigas campas.

Vejo os nomes inscritos há centenas de anos no granito, que se vai afundando no solo com o abatimento da terra, enquanto outros se encontram tão apagados e corroídos pelo tempo que as letras perderam a nitidez. Estive aqui em tempos, com Liv e Clay, porque a história de campas usadas como esconderijo era, afinal, verdadeira. Há caixas de álcool numa das criptas. Macon compra ilegalmente a bebida que serve no bar, porque St. Carmen gosta de lixar o fornecedor habitual, e ele precisava de um esconderijo. Liv sabia identificá-lo. Uma noite, no verão passado, fizemos uma rusga.

Mas um tesouro? Duvido que seja verdade. Eu não acredito. Se tivesse bastante dinheiro, Macon tornar-se-ia possivelmente a pessoa mais importante a sul de Washington, D.C. Porque não haveria de usar este poder?

Antevejo duas lanternas a dançarem na escuridão, mais adiante, e depois acendem-se faróis. Paro de imediato.

No entanto, antes que me avistem, alguém me agarra e me puxa para o chão. Troco um olhar com Aracely, e descubro a irmã dela, e outros da matilha habitual, distribuídos ao longo das campas e escondidos atrás das lápides.

Agacho-me ao seu lado, atrás de um sinal.

– Estás do nosso lado ou do deles? – pergunta-me.

Lanço-lhe um olhar.

– O que te parece?

Ela enfia-me um objeto na mão, e olho para baixo, o luar espreita por entre as nuvens e revela-me um par de socos-ingleses. *Com espigões à volta*.

Fico atónita.

– A sério?

Ela encolhe os ombros, pega num bastão de basebol e deita-se de lado para espreitar.

Encaixo as peças nos dedos, caso precise de esmurrar alguém, mas não tenho interesse em causar sangue.

– Sabes que o Macon não aprovaria isto – digo-lhe.

Ela lança-me um olhar malicioso.

– A um homem só peço que me proteja da prisão perpétua. Ele que limpe as provas quando eu me despachar.

Ah. Até concordo. Partindo do pressuposto que os expulsamos antes que os irmãos apareçam. Iron não precisa de companhia no cárcere.

Veem-se lanternas a dançar no ar, em busca pelas sepulturas.

– Como é que irão saber em qual das campas devem cavar? – pergunto a Aracely.

Ela apoia-se num joelho e corre o fecho do casaco.

– Se não fores tapadinha de todo e tiveres ao dispor uma quantidade infinita de recursos, tudo é possível – limpa as mãos enlameadas nas calças de ganga e encaixa um gorro na cabeça. – Fazes a lista das sepulturas, encontras os conquistadores e depois descobres que um deles tinha uma amante e que as cartas de amor que trocaram estão hoje no Museu de Saint Carmen. Se uma mulher, nessa altura, nos deu três filhos e partilhou a nossa cama durante vinte e oito anos, confiamos nela, mesmo na morte.

Meu Deus.

– Achas que o tesouro é verdadeiro? – pergunto-lhe.

– Ele disse-te que era falso, por sinal? – espeta-me um olhar. – Ou não?

Fico boquiaberta. *Céus.*

E sempre o tiveram na sua posse? Ou foi uma descoberta recente? Toda a Baía saberá que é verdadeiro? Será que ela própria já o viu? Tantas questões que me passam pela cabeça.

Ela puxa o gorro para baixo, e percebo então que se trata de uma máscara, cobrindo-lhe o rosto, exceto os olhos. Os amigos imitam-na prontamente, e todos se preparam para o ataque. Faço o mesmo.

Olho de relance para Aracely.

– Não lhes vais cortar os pneus, pois não?

– Não, quero que se vão embora.

Sensata.

– Então, o que vamos fazer? – pergunto.

Ela olha para mim, sorri abertamente, e então…

Põe-se de pé num salto, os restantes seguem-na, em grupo seguem a berrar a plenos pulmões com as mãos no ar.

Que raios? Estico o pescoço e assisto à correria deles, a grande velocidade, pelo cemitério. Visando os invasores.

Os feixes das lanternas agitam-se na nossa direção, e eu antevejo um rabo de cavalo loiro a saltar para um lado e para o outro, enquanto a rapariga foge.

Levanto-me, disparada, correndo atrás de Aracely, respiração a condizer com a velocidade. *Isto é uma parvoíce*. Alguém se vai magoar. Ou ser preso.

Carregamos sobre eles por entre a chuva, Aracely esticando os braços para trás, pronta a esmagar a cara de algum oponente.

Um adolescente – creio que ainda frequenta Marymount – foge de costas, levantando as mãos.

– Não, não, não, não!

Aracely faz cair o bastão, e observo, horrorizada, esmaga o capô do *Tesla* do tipo, criando uma amolgadela como uma cratera.

– Oh, meu Deus! – Emaline Truax larga a pá, que já tem uma camada de terra entretanto remexida. Faz rodar o machado que trouxeram como defesa, mas vou-me a ela antes que consiga atacar. Empurro-a e o machado cai numa poça, mas depois ouço um rosnido e viro-me para trás. Um tipo posicionou-se nas costas de Aracely e tenta arrancar-lhe o bastão das mãos. Vou a correr, e salto-lhe para a espinha.

– Ah! – rosna ele.

Envolvo-o com o meu corpo, prendendo-lhe a cabeça num mata-leão, praticamente a única manobra que conheço das lutas com os meus irmãos.

Ele livra-se de mim, e eu aterro no solo, os espigões dos meus socos-ingleses enterrando-se no lodo.

Portas de viaturas fecham-se, faróis acendem-se e pneus giram, sinal de que os intrusos estão em fuga. Uma carrinha, e depois mais outra, aceleram, desaparecendo.

Aracely vira-se para mim. Sorrio, vendo-os enfiar a cauda entre as pernas e fugir. Também sorrio. Liv e Clay teriam orgulho no que fiz.

Trace salta da *pick-up*.

– Conseguiste enxotá-los? – pergunta a Aracely.

Coloco-me de pé e tenciono aproximar-me, mas Aracely puxa-me para o lado.

– Cuidado.

Olho para baixo, e descubro que tinham começado a cavar um patético buraco. Leio os dizeres da lápide. *El… des…. a… fio? El desafio*. O desafio? A ousadia? O duelo? Devia perguntar a Paisleigh. Ela já conhece mais espanhol do que eu.

– Obrigada – digo a Aracely.

Mas alguém me agarra pelos ombros e me faz rodar.

– Estás bem?

Olho para cima, ao encontro dos olhos de Army.

Mas é Aracely quem responde.

– Sim, estou bem – diz-lhe ela, afastando-se. – Caso estejas preocupado. Um dia.

Vejo-a pegar no bastão e dirigir-se para fora do cemitério, a fagulha de mágoa na expressão bastante nítida. Mas ele não reparou. O tremor nos olhos da rapariga quando Army passou por ela, como se não existisse.

Não tenho forma de a seguir. Macon vem ao nosso encontro, maxilar cerrado e faz um olhar duro quando me vê.

– Disse-te para ficares no Mariette's. Que ajuda pensavas que ias dar?

Army baixa as mãos, mas duvido que Macon tivesse reparado nele. Olha para mim como às vezes se dirige a Trace.

Engulo em seco.

– Afugentá-los antes que vocês aparecessem.

– Tenho eu o hábito de agir de forma tão estúpida, que precise de me protegerem de mim mesmo? – repreende-me. – Podiam ter-te feito mal. Seres capturada. Achas que me importa se perder lápides, meros buracos na terra – aponta para o solo. – Porque só me interessam os resultados a longo prazo, mas parece que ninguém da minha casa entende isso!

Sobressalto-me, o rosnado ferindo-me o ouvido. Acho que os meus pais nunca me gritaram daquela forma. Jamais.

E também não me magoariam tanto como ele me magoa.

– Só quis ajudar – explico. – Só…

– Quando precisar da tua ajuda, peço-a – responde secamente. – Não preciso de amas. Entendes?

Retraio-me, e quero refugiar-me algures. Encara-me como se fosse estúpida.

Gosta de mim na cozinha e no quarto, mas em mais parte nenhuma.

– Leva-a para casa – ordena.

Santos, que se aproximou sem que eu notasse, dá um passo em frente.

Não sou capaz de encarar Macon.

– Trouxe carro – respondo, passando por ele.

– E confirma que ela não sai de lá – diz em voz alta.

Santos pega-me pelo pulso, mas antes de conseguir soltar-me ouço uma voz.

– Tira a mão de cima dela – diz alguém.

Olho para Trace. Faz um ar duro e determinado – mais determinado do que alguma vez o vi ser – e tudo se cala. Até a chuva.

Santos solta-me.

Trace aproxima-se uns passos do irmão. Macon vira-se para o confrontar.

– Podes tratar-nos, a nós, dessa forma – diz Trace. – Porque até merecemos, às vezes, mas ela não é propriedade tua.

Ardem-me os olhos. Macon coloca-se frente a frente com o irmão, enfrentando-o.

Trace não se demove:

– Não vou ripostar – diz-lhe –, mas nunca mais recuarei.

Quase sorrio.

– Com ela – diz ele a Macon –, tens de agir com meiguice.

– Quere-la de volta? – desafia-o Macon.

Querer-me de volta. Como se eu fosse um objeto sem voz.

Desvio a cara, mas noto, pelo canto do olho, que Trace se vira ao encontro do meu olhar.

– Posso ter-te de volta? – pergunta.

Abro a boca, mas não respondo. Não me apetece retomar a relação com Trace, mas também adoro o facto de me ter pedido. Como se algo mudasse nele.

Adianta-se, pega-me na mão, e diz:

– Dou-te uma boleia para casa.

Prepara-se para me levar consigo, mas eu puxo-o para mim e dou-lhe um abraço apertado. O meu peito enche-se de uma sensação, que não sei identificar, mas que é boa. Oxalá tivéssemos começado desta forma. Como amigos.

– Também te adoro – murmuro.

Dispo a gabardina de Liv e viro-me para Macon, acercando-me dele.

– Não tencionavas ficar comigo, afinal?

Ele olha-me, pasmado.

Obrigo-me a engolir o nó no pescoço.

– Se eu fizer amor contigo… – baixo a voz – duvido que volte a querer fazer com outra pessoa. – Encaro-o com desespero, queria que os outros desaparecessem, pois só assim ele me tocaria. – Vais ficar comigo?

O peito dele cede com força.

Quero que fique comigo, mas algo o impede. Talvez seja a minha idade. Talvez considere que a sua saúde se tornará um fardo para mim.

Talvez seja outro o motivo.

Mas não poderei dormir na cama dele hoje.

– Aracely – peço por cima do ombro. – Dás-me boleia para casa?

Começo a andar ao encontro dela. Entramos ambas no seu carro, e tranco a porta, pois não confio em mim se ele tentar agarrar-me.

Trace tem razão. Ele tem de ser meigo comigo.

Arrancamos, música no rádio, e quase peço à rapariga para parar umas cem vezes. Ele é bastante orgulhoso. Não virá atrás de mim. Prefere sofrer durante décadas, a admitir que precisa de mim a seu lado. Não virá a St. Carmen.

Jamais atravessaria a linha de comboio por causa de uma mulher.

Em breve, estamos fora da Baía e subimos a ladeira do meu bairro, debaixo de chuva constante, mas ligeira.

Aracely não abriu a boca uma única vez.

Finalmente, desabafo.

– Estás apaixonada… pelo Army – encaro-a. – Desculpa. Não tinha percebido.

Ela segura no volante com ambas as mãos e mantém o olhar fixo no para-brisas.

– Não era suposto que soubesses. Nem ele sabe.

– Mas comigo não tens papas na língua – comento. – Porque é que pisas ovos ao pé dele? Diz-lhe e pronto.

– Já disse – responde. – Quando tinha quinze anos.

Ah.

– Ele tinha dezanove, e riu-se na minha cara. Voltei a dizer-lhe aos dezoito anos, e de novo aos vinte.

– E não andavas com o Iron e o Dallas nessa altura?

Namorou com ambos, algures por aí.

Mas ela limita-se a pescar um cigarro do maço sobre o tabliê.

– Sim, mas… não era amor. Nem sequer da parte deles.

Observo-a, ficando cada vez mais curiosa a seu respeito. A intenção dela não era aproximar-se da família, mas de Army. Conforme pudesse. Ao limpar a casa, servir no restaurante, namorar com Iron e Dallas…

Talvez Army sentisse falta dela se Aracely deixasse de estar disponível. Parece-me ser o tipo de mulher que, ao contrário de mim, sabe exatamente o que quer da vida.

Entramos na minha rua, e ela diz:

– Mas consigo arranjar melhor. O pai da Clay não está agora solteiro?

Solto uma gargalhada. Estamos perto do portão, e consigo ver por entre as grades que as luzes da casa estão apagadas. Paisleigh e Mars foram passar a noite com os avós, e se o portão continuar trancado, a mãe ainda não voltou.

– Cinco-cinco-oito-três-zero-dois – indico a Aracely.

Ela fita-me, arqueando o sobrolho por um segundo, talvez espantada por lhe ter dado o código. Todas as minhas amigas o têm.

Introduz os números e aguarda pela abertura do portão, antes de entrar com o carro. Transpondo as curvas do meu acesso, para diante da porta.

Penso convidá-la a entrar e bebermos umas margaritas, mas ela adianta-se.

– Como era ele? – pergunta, fitando o volante. – Army?

Baixo os olhos.

– Não me perguntes isso, por favor.

Mas ela contrapõe.

– Deves-me uma. Foi bom?

Tiro o cinto de segurança, mas não saio.

– Ele é grande? – murmura debilmente, como se fosse uma criança. – Onde é que nos toca?

Não é o facto de perguntar, mas o tom da voz, que me condói. Quer saber, para imaginar como se comportaria Army consigo.

– Terás tudo aquilo que desejas – cruzo o olhar com o dela. – Não diria isso a qualquer pessoa, mas, no teu caso, não há forma de falhar.

Saio do carro e debruço-me, espreitando pela janela.

– Ele não vai resistir – digo-lhe. – Quando se apaixonar por ti.

Um sorriso espreita no canto dos seus lábios, e eu fecho a porta, encaminhando-me para a casa.

26
Macon

— Faz-me um favor, meu – Dallas passa a mão pelo cabelo. – Por favor?

A música estremece com força, e desloco a vista pela sala, mas não tiro a imagem dela da mente.

– Dá uma queca – diz-me, apontando para as mulheres na mesa ao lado da *jukebox*. – Escolhe uma delas. Ou duas. Precisas de substância. De uma *mulher*. Não de uma miúda.

Uma miúda…

Precisamente.

Krisjen Conroy age como a porra de uma criança. Tal qual Trace. Em vez de admitir que se portou indevidamente, amua e vai-se embora. O que me passou pela cabeça? Os meus dias, na companhia dela, seriam todos assim. Aturaria um incessante manancial de tretas só porque me sabe bem fodê-la?

Mordo o interior da boca. Com força.

Uma miúda.…

Aquela miúda… é a porra de um planeta.

Céus, nunca desejei nada com tanta intensidade como a desejo. A luz que escorre pelas janelas do meu quarto banhou-lhe a pele com um tom púrpura. Só vi estrelas. Outro mundo.

– Pensei que agora gostavas dela – queixa-se Army a Dallas.

– E gosto – reponde. – Mas ela nunca iria ficar. Nenhuma delas fica.

Uma loira com um rabo de cavalo espevitado, usando um *top* amarelo, corresponde ao meu olhar. Fecho os punhos debaixo dos braços.

– Ela vai casar com um ricaço – continua Dallas –, e no final não passará de um cumprimento passageiro na rua. Um dia, havemos de lhe cortar a relva.

Ela adoraria isso, não era? Pagar-me para ir à casa dela.…

– É a eles que pertence – continua.

Acolhendo-me no hall *de entrada, reluzente e branco, para me passar um cheque…*

– Não a nós – termina.

Deixo cair os braços e avanço disparado, vendo a loira na mesa endireitar-se com um sorriso nos lábios.

Mas viro-me para a direita, afastando-me dela e saindo pela porra da porta.

– Macon! – chama Army atrás de mim.

Seguido do berro de Dallas:

– Aonde vais?

Tiro a chave do bolso e avanço para a *pick-up*, mas ocorre-me uma ideia e acabo por entrar em casa. Subo a escadaria, mergulho no quarto e abro a porta do armário. Tirando a mala da roupa, corro o fecho e retiro o fato preto que usei nos funerais dos pais.

Deixei de ir a funerais, depois desses, e não voltei a tocar nesta roupa desde então, orgulhando-me de ser um mero trabalhador. Nunca tentei armar-me em mais importante do que o resto da Baía de Sanoa.

Mas quero que ela me veja com outro ar, e não sei porquê. Não tenho vergonha de ser um trabalhador. Trace usa calças de ganga e *T-shirt*, tal como Iron.

Army usa camisas o menos possível, e Dallas sabe que consegue uma queca apenas com um sorriso.

Só quero que ela saiba que não sou como eles.

Saco a arma que recuperei do Mariette's do bolso de trás das calças de ganga, e avanço para a mesinha de cabeceira, preparando-me para a deixar na gaveta, quando noto que falta a que ali deixei guardada.

Os meus irmãos sempre souberam onde estava. Encontra-se ali há anos.

Ela enfia-se na minha cama durante uma semana, e agora a pistola desapareceu.

Acho que tenho de a procurar. Preciso de recuperar a arma.

Sorrio ligeiramente, colocando a do Mariette's na gaveta, em substituição e dispo-me.

Visto o fato, escolhendo uma camisa preta e uma gravata preta, e aliso o cabelo com os dedos. Pego nas minhas chaves, desço as escadas e saio de casa, avançando para a carrinha. Subo para o lugar do condutor e arranco, atravessando os carris em direção a St. Carmen.

A terra batida torna-se betão em ruínas que lentamente se transforma em asfalto novo, e deixo de ouvir os pneus queixarem-se.

As montras das lojas encontram-se escuras, a chuva tremeluz como pirilampos debaixo dos candeeiros públicos, e concentro-me na estrada, ao passar por desvios que não escolho há anos, e por lojas em que nunca fui suficientemente bom para entrar.

Ainda me espanta que tenha optado por enviar Liv àquela escola. Acho que sabia que era a porta de saída. Não tinha ainda dinheiro na época de Dallas, e Trace não mostrou interesse em estudar. Além disso, devia-o a Liv.

Não crescemos juntos, e, portanto, ela nunca me conheceu bem, e eu raramente lhe facilitava a vida. Ela tinha objetivos, e eu queria uma pessoa da família na faculdade.

Mas também garanti que ela nunca iria dar motivos à escola para me chamar e ser obrigado a visitar este local. Queria pisar este lado da vila o menos possível.

E aqui estou eu… ansiando por uma das suas filhas.

Viro para o acesso da casa dela, descubro um par de luzes acesas, e acelero, contornando o relvado central. Os pneus guincham ao parar diante da porta.

Saltando para fora, deixo as chaves no interior e endireito a gravata.

Carrego na campainha.

Verifico as horas pelo telemóvel: 23:03.

Ela disse que os irmãos tinham ficado com os avós. E se a mãe voltar cedo, então, ora bem. Acho que esta noite é que é.

Krisjen aparece na janela lateral, mas rapidamente regressa para dentro.

– Não quero ver-te – diz em voz alta.

Estico os braços e agarro na ombreira.

– Bem, eu quero ver-te!

– Não quero saber!

Porra, mas está a brincar comigo? Tem ideia do quanto me custa pôr os pés neste pardieiro de merda?

– Volta para casa! – berra.

Mas a voz está distante.

Como se se tivesse afastado da porta.

Ainda bem.

Nem demoro a pensar. Solto a ombreira, dou um passo atrás, lanço o cabrão do meu sapato elegante de pele, e dou um pontapé na puta da porta.

É necessário aplicar dois outros pontapés para forçar a madeira, entretanto rachada, a ceder, e entro intempestivamente, encontrando-a no meio do *hall*, a respirar pesadamente, olhos arregalados, recuando, mantendo a separação entre

nós.

O alarme castiga-me os ouvidos, com um trinado sonoro.

Avanço diretamente para ela.

– Estás doido? – rosna.

Céus, fica mesmo gira com um rabo de cavalo.

– Desliga o alarme – vocifero.

Ela cruza os braços ao peito, e não se mexe.

Semicerro as pálpebras, enquanto o som estridente do alarme me trespassa o cérebro.

Mas que cena.…

Um telefone toca, e viro os olhos para a parede, onde se encontra afixado um aparelho fixo, ao lado do alarme.

Ela continua parada.

– Atende – digo-lhe.

Aparecerão seguranças se não o fizer.

Mas ela limita-se a inclinar o queixo para baixo, um desafio naqueles estupores de olhos lindos.

Filha da mãe.

– Krisjen…

O telefone toca outras quatro vezes e depois cala-se. Ela sorri para si mesma.

Virando-se, introduz um código no alarme e os apitos cessam. Rodando de novo para mim, flexiona o maxilar.

– O tempo de resposta é para aí de três minutos – diz ela. – É melhor despachares-te e dizeres o que tens a dizer.

– Quem disse que queria falar?

Ela abana a cabeça.

Sacana.

Dois segundos depois, estou diante dela, tomando-lhe as ancas nas mãos e encarando-a de perto.

Ela faz-me uma careta.

– Não és suficientemente velho para mim.

Beijo-a, tomando-lhe a cara nas mãos e transitando para os lábios, ansiando por me perder novamente nela. Encosto-me a si, e ela geme contra a minha boca.

Onde fica o quarto dela?

Mas ela afasta a boca.

– Não posso ser eu a razão para continuares vivo – expira. – Não sou capaz de tomar conta de ti. Nem sei tomar conta de mim mesma.

– Não quero que tomes conta de mim! – rosno, puxando-a para mim. – Não quero que me prepares sopa nem limpes a minha porcaria nem me digas o que devo comer e que não devo beber! Não quero que te comportes como uma mãe! – pairo sobre os seus lábios, esfaimado ao reduzir a voz até ao nível de um murmúrio. – Quero que sejas uma namorada.

Franze as sobrancelhas, com ar condoído, mas o olhar dela na minha boca é igualmente desesperado. Ardente e doce e louco.

Mas intenso.

Tão intenso.

Fui feito para ela.

– Toca-me – encosto a testa à sua. – E beija-me e vem para a cama com roupas bonitas, ou sem nada, ou com a merda das minhas calças de fato de treino, tanto faz, pois tudo te fica bem – faço deslizar a boca pela sua bochecha até à sua têmpora. – E sorri-me quando te sentires feliz, e ralha comigo quando estiveres zangada, e vem comigo, de mota, à chuva – regresso àqueles olhos. – Arrasta-me para merdas estúpidas como peças de teatro e noites de jogatina entre casais e enfia a tua língua na minha boca sempre que possas.

Ela solta todo o ar que tinha nos pulmões, lágrimas banhando-lhe a vista, e descubro um sorriso oculto na sua teimosa boca.

Os olhos dela descem novamente aos meus lábios, ela aproxima-se e então…

Luzes vermelhas banham-lhe o rosto.

Recua, e eu olho para trás, descobrindo os cabrões dos faróis vermelhos e azuis da bófia do bairro.

Viro-me para ela, mas retrocedeu, com uma expressão tímida.

– Acho que não tens estes polícias no teu bolso – provoca-me.

Acompanho os passos dela.

– Manda-os embora.

– E faço-os pensar que me podem deixar sozinha contigo?

Recua, contorna as escadas, e vou atrás dela. A porta de entrada pende das dobradiças, a ombreira arrombada. É uma invasão domiciliária óbvia. Serei detido.

– Krisjen… – admoesto-a.

Ela faz um sorriso de troça.

– Vou contar ao Trace.

Como se fosse o protetor dela. Está a espicaçar-me.

Arqueio uma sobrancelha.

– Ensinei o rapaz a partilhar.

– Mas queres a tua vez, é isso?

A minha vez? Abro-me num sorriso, as luzes da polícia a aproximarem-se.

Ela hesita, vendo o meu ar divertido.

– O que foi?

Abano a cabeça.

– Nada.

Ela continua a retroceder, e eu acompanho-lhe os passos todos.

– E se estiver grávida? – pergunta.

Paro, o coração acelerado.

– E estás?

– Posso estar – afirma. – De um dos teus irmãos.

Não.

Não seria.

– Seria meu – digo-lhe.

Ela solta uma gargalhada.

– Achas que o Trace concordaria contigo, que o filho era teu?

Oxalá cale aquela bocarra sobre ter o filho de outro.

– Seria meu – mordo as palavras. – O Trace fez uma vasectomia aos dezoito anos. Ele não quer ter filhos.

Ela abranda os passos. Não sabia.

– E o Iron e o Army usam sempre proteção – informo-a. – Precisava de sentir-te.

– Mas não te vieste dentro de mim…

Inclino a cabeça e o peito dela contrai-se.

Não me vim dentro dela… hoje.

Ela engole em seco.

– Foste tu.

Sim.

A respiração dela fica entrecortada e recua mais um passo.

– Filho da puta. Como foste… Porque é que me afastaste? Eu era tua! – olha-me fixamente, com mágoa. – Eu teria sido tua num piscar de olhos. Milhares de vezes! Agiste como se não me quisesses possuir na garagem, na noite em que arranjávamos o carro. Porque não disseste nada?

– Sabias que era eu – coloco-me diante dela. – Sempre soubeste. Achas que não reparei em ti há meses? Como prendias a respiração sempre que eu entrava numa sala? E soubeste-o na manhã seguinte, quando me sentei à mesa, porque o

teu coração teve um choque, tal como o meu – perscruto-lhe o olhar. – A hiperconsciência mútua que partilhamos. Soubeste, mal aconteceu, que não querias que fosse outra pessoa.

Ela abana a cabeça, em negação.

Ouvem-se pancadas na porta partida.

– Alguém em casa?

– Estás grávida? – pergunto num murmúrio.

Ela não para de abanar a cabeça freneticamente.

– Porque é que não disseste nada?

– Se tiveres um filho meu, nunca mais te largo, Krisjen.

Ela olha para mim.

– Porque não disseste que foste tu?

E o meu olhar desce para a boca cor-de-rosa, aqueles lábios que envolveram os meus há meras horas.

Sinto um desejo tão grande por ela.

– Não te livras de mim, por muito que queiras.

– Vamos entrar! – berra um homem.

Ela humedece os lábios, os olhos saltitando entre a minha pessoa e a porta, e envolvo-a com os braços. Escancaro a porta do compartimento debaixo das escadas e enfio-nos no interior.

– Segurança Carsten? – chama o guarda, já no interior. – Alguém em casa?

Encerro-nos dentro da sala escura e encosto-a à parede, o gemido dela embatendo-me nos lábios.

– Está? – alguém chama.

Ela abre a boca, mas eu toco-lhe com a minha.

– Chiu…

Sapatos chiam contra o chão de mármore do outro lado da porta, palavras abafadas, o calor dela passa pela minha mão, e subitamente não consigo respirar. Tenho vontade de penetrá-la.

– O Pântano não me deixa passar além dos carris – morde ela.

Mas pego-lhe na cabeça.

– Agora também és Pântano – digo. – És nossa.

Os olhos enchem-se de lágrimas, e capturo-lhe a boca, o gemido dela atravessa a minha garganta, e ela cede-lhe, retribuindo o beijo.

Um homem chama novamente.

– Segurança Carsten!

Ela afasta-se da minha boca, ofegante, enquanto lhe mordisco o maxilar, o pescoço, e depois aqueles estupores de lábios. Ela suspira.

– Macon…

Levanto-a nos braços, orientando-lhe as pernas em volta de mim.

– Como é que podia dizer-te que fui eu?

Ela envolve-me o pescoço com os braços, beijando-me.

– Ó de casa? – chama um homem, e passos golpeiam as escadas por cima de nós.

– Não me ouviste entrar em casa naquela noite – digo-lhe. – Sempre de um lado para o outro.

Sentia-me uma merda, e entrei e vi-a, bela no sofá. A mão dela debaixo do cobertor. A camisa levantada e as mamas e a pele…

– A forma como te tocavas – explico – era como devia ser. Como sempre devia ser, quando alguém te toca. A forma como o teu corpo se mexia, a forma como respiravas… – capturo o seu lábio inferior entre os meus dentes. – É por isso que estamos vivos. É assim que deve ser.

Já tinha visto mulheres que se tocavam a si mesmas, mas ela foi tão meiga. Até senti o calor daquele corpo do outro lado da sala. Esqueci-me de tudo – de todos os meus problemas – durante alguns minutos.

– E depois começaste a falar, e tudo o que me estava a preocupar desapareceu, e o meu íntimo apoderou-se de mim – digo. – Queria-te debaixo da minha pele e o teu cheiro no pensamento. Não conseguia raciocinar. Agi como quando estamos a morrer. Enfurecemo-nos, e também o senti em ti. Tinha de te abraçar.

Ela olha para mim, tanta beleza e amor naqueles olhos.

– Não podia permitir que acontecesse novamente – digo-lhe. – Não podia manter-te e trazer-te para as minhas merdas.

– Está aqui alguém? – grita um dos guardas.

Ela beija-me docemente, roçando a boca sobre a minha.

– Não fui feita para mais ninguém – murmura, cingindo-me. – Pertenço a ti.

As mulheres adoram pertencer a um homem bom.

Serei um homem bom?

– Morde-me – suplico por cima da boca dela. – Sente-me entre os teus dentes.

Afastando os lábios, ela prende-me o lábio inferior entre os dentes. O meu caralho agita-se.

Ela inclina a cabeça e leva os lábios ao canto da minha boca. Um toque que quase não o é. Macio, suave, rápido. Fecho os olhos.

– Mais uma vez – digo-lhe.

Ela repete o gesto, e uma corrente elétrica percorre-me a pele. Beija-me a face da mesma forma. O meu maxilar, a minha têmpora, o intervalo entre as sobrancelhas, o outro canto da minha boca…

A respiração dela, o suor, o sabor… tudo entra em mim.

Levanto-lhe a saia um centímetro e o caralho incha-me ao descobrir-lhe os seios. Céus, quero comê-la da cabeça aos pés.

A minha mão assenta num seio, e beijo-a, interrompendo-lhe o gemidinho.

As mamas esmagam-se contra o meu peito… Tenho de possuí-la sem demoras.

Endireitando-a, pouso a mão na sua barriga e empurro-a contra a parede. Com a outra mão, desabotoo-lhe os calções e abro-lhe o fecho. Depositando os lábios sobre a sua têmpora, digo-lhe:

– Despe-os.

Debatendo-se contra mim, empurra os calções pelas pernas, a saia levantada acima dos peitos.

– Agora as cuecas – digo-lhe.

Sustendo-me o olhar, ela fá-las deslizar até aos pés.

Levanto-a mais uma vez, dobro-lhe as pernas à minha volta, e carrego-a em peso, deitando aquele corpo numa mesinha. Vejo cadeiras suplementares da sala de jantar ali guardadas, um antigo relógio de pêndulo e algumas caixas de cartão.

Dispo o casaco, rasgo a camisa, e largo tudo no chão enquanto ela arqueia as costas, esticando as mamas para o céu, porra, que dá vontade de comer. Passo os olhos para baixo, o caralho lateja dolorosamente ao ver aquele lugar que me sabe tão bem.

Uma mistura de um gemido, uma exclamação e um queixume escapa-se-lhe da boca.

– Macon… – quer-me.

E eu baixo a cabeça, mordendo a macia carne da cona.

– Ah – exclama, apertando as coxas.

– Alô? – chamam os homens novamente. – Quem está aí?

Foda-se.

Lambo-a e saboreio-a, chupando com força porque não sou capaz de parar. Não consigo parar, porra. Mordo-a em toda a parte, os meus dentes anseiam senti-la, e depois enfio a minha língua dentro dela.

– Ah! – berra ela novamente.

– Segurança Carsten! – anunciam. – Identifique-se!

Que porra. Posso possuir esta mulher sem que uns cabrões me incomodem?

Desaperto o cinto e abro com um puxão as calças, puxo-a para a ponta da mesa, tapo-lhe a boca com a mão e forço a cabeça do caralho contra a sua pequena e apertada entrada.

O gemido dela vibra pela minha mão, e dobro-me, chupando um mamilo antes de transitar para o outro.

E depois enfio-me, deslizando para as profundezas.

– Oh – geme debaixo da minha mão.

Fecho os olhos, o calor espalhando-se pelo meu estômago e ao longo das pernas. O meu coração quer saltar do peito.

Deslizo para fora e depois para dentro de novo, uma vez e outra, sempre mais depressa, até que a mesa começa a embater na parede e as coxas dela quase lhe tocam nos seios.

As mamas saltitam para todos os lados, e não consigo entrar o suficiente.

– Foda-se – solto. – Krisjen…

Beijo-lhe os mamilos, o bafo quente molha-me a mão que lhe tapa a boca enquanto rodo o polegar sobre o clítoris, lenta e docemente.

– Queres que pare? – pergunto-lhe.

Ela abana a cabeça.

– Vais dar-me ouvidos a partir de agora?

Ela abana a cabeça.

Sorrio. *Claro que não*.

Invisto contra ela, entrando e agarrando-lhe o cabelo da nuca, ao mergulhar no fundo da sua boca, beijando-a.

– Oh, Macon – geme, contorcendo-se quando me sente mexer-lhe no clítoris. – Céus, eu… eu…

Está a vir-se.

– Não faz mal – rosno. – Que se foda. Grita.

Eu endireito-me, libertando-lhe a boca, e fodo-a com vigor, puxando-a contra o meu caralho repetidamente.

Ela solta gritos, o corpo tenso, os músculos enrijecidos, e a cona contrai-se ao meu redor, enquanto deslizo para dentro e para fora.

– Oh, meu Deus! – berra, deslizando para cima e para baixo, sobre o tampo da mesa.

O caralho lateja com o fervor, a esporra começa a jorrar, e um gemido forte prende-se-me na garganta.

Mas batem então à porta.

– Alô?

Não paro.

A mesa bate contra a parede, e apoio ali a mão, enquanto a fodo. O corpo dela começa a ficar mole, sinal de que o orgasmo está a esvair-se.

– Só um minuto! – vocifero aos polícias.

– Quem está aí? – um deles exclama. – O que se passa?

– Ainda não terminámos! – berra ela, inclinando a cabeça para trás. – Só um minuto, por favor!

Estremeço, jorro, e liberto um gemido pesado, vindo-me dentro dela enquanto continuo a investir com força.

– Foda-se – deixo a cabeça pender para trás, e agora entro e saio cada vez mais devagar, enquanto o orgasmo me percorre e tudo começa a descontrair-se.

Mas antes que termine por completo, ela endireita-se num ápice e envolve-me com os braços, o cabelo, molhada de suor, e beija-me.

Abraço-a, tocando-lhe em todas as partes que consigo alcançar. *Céus*.

Ela recua, mas mantém a boca a poucos centímetros da minha.

– Eu…

Mas o que ela tencionava dizer esvai-se nos seus lábios, embora eu adivinhe.

Não há palavras.

Além do facto de querer repetir isto um milhão de vezes. E mais lentamente, muito mais lentamente.

Recuo, abotoando as calças, e ela salta da mesa, e veste apressadamente a minha camisa preta com os botões em falta.

Abre a porta e dá um passo para fora, e eu mantenho-me para trás, apertando o cinto.

– Menina Conroy, encontra-se bem? – ouço um dos polícias perguntar.

– Sim, está tudo perfeito – ela ri-se. – Lamento imenso a situação. O meu namorado… bem…

– O seu namorado? – pergunta o outro.

Abro a porta por completo, vendo que os guardas reparam em mim ao colocar-me ao lado dela.

– Macon Jaeger – comenta um.

Conheço-o, mas não me lembro do nome dele. Mas ambos sabem quem *eu* sou.

– Está… tudo fixe? – pergunta-nos aquele que reconheço.

– Sim – anuo, passando o braço por cima do ombro dela para que saibam que me pertence. – Lamento. A culpa foi minha.

Ambos olham para trás, para a ombreira arrombada e depois para ela:

– De certeza?

Ela deixa-se suster no meu abraço e pousa uma mão possessiva no meu estômago.

– Estou bem – sinto-a corar. – Obrigada.

Hesitam, mas acabam por anuir e virarem-se.

– Temos de ligar aos seus pais, para os informar da nossa intervenção – indica um deles, a caminho da porta.

Krisjen anui.

– Desejo-vos boa sorte.

Ela avança para as escadas, lançando-me um olhar.

– Vou para o duche. Despacha-te.

Baixo o olhar para o peito que espreita pela abertura da camisa que se esqueceu de manter fechada, e sinto o corpo ficar novamente com calor.

Viro-me para o guarda, um traço de divertimento passando-lhe pelas expressões. Acompanho-os à saída.

– Eu depois prendo a porta.

– Não façam disparar os alarmes de incêndio, está bem? – brinca um deles ao saírem.

Não consigo evitar um sorriso cúmplice.

– Faremos os possíveis.

*

As cortinas brilham num tom branco do luar que entra no quarto, e eu aperto-a contra mim enquanto observo a cama de dossel. Há tecido branco enrolado na estrutura, que tomba dos quatro postes como a cama de um conto de fadas.

Os lençóis dela parecem feitos de água. Macios e preciosos e suaves, como a nuvem destinada a uma boneca.

– Tenho de levar-te para a minha casa – digo-lhe, penteando-lhe o cabelo com os dedos. – Este quarto é enervante.

Um risinho manso desprende-se dela, mas não tira a cabeça do meu peito.

– Porquê?

– Lembra-me de que estás muito longe da minha idade – observo todo o tecido. – O que costumo esquecer, considerando o que acabei de te fazer.

Ela ainda tem um manual de matemática na mesinha de cabeceira, por amor de Deus. Começo a sentir-me constrangido, recordando que me montou de costas.

Ela levanta a cabeça.

– Nunca estiveste com ninguém que tivesse uma diferença de treze anos?

Quase sorrio, porque não, não estive, mas logo de imediato o sorriso desvanece-se, porque não é verdade.

Ela fita-me, o ar divertido apaga-se.

– Desculpa – pede.

– Porquê?

Ela baixa o olhar, abrindo a boca para falar, mas depois fecha-a. E fico tenso.

Engole em seco.

– O Army… contou-me, ah… – encontra o meu olhar. – Contou-me a oferta que um casal vos fez, aos dois.

Desvio a cara.

Mas não consigo mexer-me. Ela está em cima de mim.

– Ele não entrou em detalhes – continua –, mas deduzi que tu devias…

– Não tenho doenças – afirmo. – Se é isso que te preocupa.

Ela não hesita.

– Não estava preocupada – diz-me. – Sei que nunca me porias em risco.

Mas mantém o olhar fixo no meu, e o quarto torna-se subitamente pequeníssimo.

– Quantas vezes? – pergunta-me.

Cerro os dentes e ranjo-os por um instante.

– Não quero falar no assunto.

Mas ela insiste.

– Quantas vezes é que fizeste isso?

– O que disse eu, Krisjen?

Ela cala-se, mas agora parece estar distante, não obstante se encontrar nos meus braços.

O passado é deprimente, não posso mudá-lo. Porque perder tempo a remoê-lo?

Se não tivesse ido longe demais, talvez não houvesse problemas, mas o que aconteceria então? Sustentei a minha família, e fá-lo-ia novamente se fosse preciso.

Talvez.

Não sei ao certo.

Tenho dificuldade em respirar, e sem pensar, agarro-a com mais força.

Não era o sexo que me custava. Eu só não apreciava a invisibilidade. Não era uma pessoa para aquela gente. Jamais me cumprimentariam em público. Jamais abririam a porta para a minha irmã passar, nem pensariam novamente em mim, mal abandonasse as suas camas.

Fecho os olhos, a ofegar enquanto aninho a cabeça dela no meu peito.

– Algumas vezes – respondo por fim num murmúrio.

– Algumas, tipo três, ou tipo dez?

A minha garganta está mesmo seca.

– Tipo seis – digo.

Aguardo nova pergunta, mas ela limita-se a ficar ali, o braço pousado sobre o meu peito, a mão no meu ombro.

Respiro fundo.

– Ela passou a indicação às amigas – digo a Krisjen. – Não durou mais do que alguns meses. Fui pago e usei o dinheiro para comprar outras coisas que não me importasse de vender.

Algumas tratavam-me com bondade. Falavam comigo, pelo menos, e tornou-se claro que tinham vidas tão infelizes como a minha. Precisavam de resolver uma data de merdas e, inclusive, conseguimos esquecer-nos dos nossos problemas, durante um curto período.

Mas as outras… meu Deus.

Era tudo tão horrendo, na Baía da época. Uma das mulheres de St. Carmen queria que eu fingisse ser filho dela. Outra gostava de me bater. Demasiado.

– Sempre tive momentos na vida em que não estava confortável, mas céus – continuo –, senti-me pessimamente quando saí daquela primeira casa, Krisjen. Completamente inútil.

Em miúdo, comportava-me tal qual os meus irmãos, mas não no que tocava ao sexo. Nunca no que tocava ao sexo. O sexo era importante. Esse foi sempre o meu problema. Tinha de ser capaz de estar envolvido.

– Era fácil lavá-lo do corpo – digo-lhe –, mas não da cabeça, e enfiara-me num buraco do qual não conseguia sair. Odiava este local. Odiava ver o mundo – prossigo, confessando o meu íntimo, expondo-me por completo, porque, assim, Krisjen ficará a saber de mim, inclusive mais do que Army, e quero que seja ela a pessoa que melhor me conhece.

– Não tinha dinheiro para pagar as contas – continuo. – O Dallas bebia, a Liv e o Trace discutiam sem parar… A casa era uma enchente de problemas, assim que passava a porta. – Empurro para baixo o nó na garganta. – Não foi a

primeira vez que pensei no assunto, mas… foi a primeira vez em que realmente tive vontade de o fazer.

Como um cobarde de merda. Quando estamos na mó de baixo, temos dificuldade em recordar uma época em que nos sentimos bem, e vinha-me embora, depois de cada uma daquelas mulheres, a pensar que a vida seria sempre assim.

Não seria, e vieram os dias bons, mas às vezes cansa-me imenso.

– Ele ficou a ver – murmuro. – Dava indicações sobre como a devia tratar. Com dureza. Indicava o que queria que eu lhe fizesse, onde a beijar, com que força…

Sinto uma das lágrimas de Krisjen banharem-me o peito.

Liberto o ar dos pulmões com dificuldade, a minha mão envolve-lhe o cabelo e fecha-se delicadamente.

– Portanto, alheava-me na minha mente e pensava noutra pessoa. Noutra rapariga.

– Quem?

Encolho os ombros.

– Ninguém em particular. Uma Santa. Alguém que eu não iria ter. Doce e inocente – esfrego-lhe o couro cabeludo. – Sempre com o brilho do sol nos olhos e sorrisos calorosos – esfrego o meu polegar na sua face. – Mal sabia eu que ela existia verdadeiramente.

Ela levanta a cabeça e encara-me.

Suavizo o olhar.

– Tenho sonhado contigo desde há algum tempo.

Aqueles olhos bondosos sorriem-me:

– Bem, nessa altura, eu teria dez ou onze anos, mais ou menos.

– Oh, meu Deus.

Ela ri-se e trepa para cima do meu corpo, montando-me. Ela tinha de me recordar a sua idade, nos meus vinte e quatro anos.

Apoiando-se numa mão, segura-me a cara e olha-me nos olhos.

– A vida um dia há de acabar contigo.

Eu encaro-a.

– Há de matar-nos a todos – afirma. – Mas és um monstro, estás a ouvir? Terão de arrancar-te à força deste mundo. Na tua mente, és forte, e no teu corpo, também, e tu… – prende-se num olhar duro que me tira o fôlego. – Tu. Não. Paras. *Nunca* hás de parar.

Não pestanejo.

– Todos saberão… – diz-me – que, se não estiveres morto, é porque ainda não chegaste ao fim.

Inspiro profundamente, agarro-a quando mergulha contra a minha boca. Beijo-a, arqueando-me, a intensidade dos lábios dela percorre os meus, entra na minha cabeça e no meu corpo.

Fico duro debaixo dela, e ela baixa a mão, agarrando-me o caralho.

– E não sou tão doce e inocente como julgas – brinca.

Arquejo enquanto ela me acaricia, e agarro-lhe o traseiro com ambas as mãos, forçando-a contra o meu corpo. Céus, podia fodê-la mais duas vezes esta noite.

Mas encontro-lhe o olhar, e ergo-me para lhe mordiscar a boca.

– Não és doce e inocente? A sério? – provoco.

Retiro-me, observando o olhar de desilusão quando me recosto na cama. Agarro num boneco de peluche entre as almofadas dela, levanto-o.

– Que merda é esta?

Ela senta-se, exibindo o belo corpo nu, mas faz uma expressão, oh, tão doce e inocente.

– Um taco – ela retira-mo, e segura-o junto ao corpo de forma protetora. – Obviamente.

Pego noutro, que ela me retira das mãos.

– Um burrito – afirma.

E outro.

– Brócolos.

Ela retira-os a todos e sinto-me tentado a perguntar-lhe o que a levou a comprar um brócolo de peluche, mas então ela iria explicar, e não me interessa, desde que os mantenha longe da nossa cama.

Puxo-lhe os bonecos das mãos e atiro-os para o lado. Pegando-lhe nas ancas, levanto-me e chupo-lhe os seios, enquanto me enfio dentro dela pela quarta vez hoje.

Ela ofega, subindo e descendo pelo meu caralho.

– Devia repreender-te e dizer que temos de ir dormir – diz-me.

– Mas estou duro novamente.

– E sou eu que tomo conta de ti.

Encosto os lábios aos dela, enfiando a língua na sua boca, ansiando por mais. E mais e mais.

– Nada até mim – pede.

Mais.

Não paro. Nunca hei de parar.

27
Krisjen

Ele recua quando lhe tento enfiar a gravata à volta do colarinho.

– Não vale a pena – diz. – Vou só para casa.

Mas eu sorrio, sentindo as faces corarem, subo para a cadeira, diante dele, vestida apenas com a roupa interior, e ele apalpa-me o traseiro com ambas as mãos, puxando-me para si.

– Eu gosto disto – tento fazer-lhe o nó da gravata, algo que aprendi na primavera passada, quando Clay levou uma para o baile das debutantes. – Estas roupas, em ti, despertam-me a mesma vontade que sentes quando me vês com roupa interior.

Remexo-me ligeiramente, roçando a coxa contra as suas virilhas, que começam a enrijecer.

Ele acerca-se, apoderando-se do meu mamilo com os dentes, e o meu estômago reage tão rapidamente que solto um arfar-risinho. Ele chupa e beija, e eu fecho os olhos, sentindo o corpo começar a despertar novamente.

Sou uma verdadeira desordem. Uma desordem exausta, feliz, delirante. Preciso de pentear o cabelo, de lavar o corpo. Ele passou mais tempo dentro de mim do que fora, durante a noite.

E já sinto falta dele.

A mãe de Clay avisou-nos que os jovens – em particular, as raparigas – se apaixonam com demasiada facilidade. Com demasiada rapidez. Julguei que amava Milo. Mesmo na sua crueldade.

E depois aprendi. E continuei a aprender. Sempre que Macon se sentava à mesa. Encostado à bancada da cozinha. A entrar na sala. A levar uma garrafa aos lábios. A passar a mão pelo cabelo. A olhar para mim. A não olhar para mim.

A trabalhar demasiado na garagem. A esquecer-se de comer. A deslocar-se pela casa durante a noite.

O que será que o distingue dos outros?

– Krisjen… – murmura, o bafo quente acariciando-me a pele.

E eu tomo-lhe a cabeça entre as mãos, passo os lábios pela sua testa.

Aqui está a diferença. Consigo sempre entendê-lo. Mesmo quando nada diz.

Felizmente, não estou grávida. Por enquanto. Só queria antever como é que ele reagiria.

Mas quero garantir que me ama, e confirmar que deseja uma criança. O que disse hoje de manhã na banheira, sobre o ficar preocupado de poder faltar à esposa e aos filhos…

Quero certificar-me de que a ideia lhe dá felicidade.

Volto para o trabalho, vestindo-o enquanto as mãos dele viajam pelas minhas coxas e sobem à minha cintura.

Aperto a gravata e dobro-lhe o colarinho.

– O Garrett Ames vê um rapaz que não merece sentar-se à mesa – digo, procurando-lhe os olhos e fortalecendo a voz. – Mas tu és um homem que trabalhou no duro para chegar ao nível dele, e… aonde tu não te sentas.

Sustém-me o olhar, e eu aliso todas as pregas e verifico que a dobra da lapela do casaco está vincada como uma navalha.

– Estas roupas são a prova de que obterás tudo o que quiseres – declaro. – Comigo resultou, ontem à noite.

Ele funga.

– Gosto de pensar que é isto que as pessoas da tua casa veem – digo –, mas que só eu vejo o que te vai na alma, quando passas comigo a noite.

Ele apressa-se a ocultar o sorriso que o consome, puxando-me para si e enterrando a cara nos meus seios.

Lambe-os, e eu debruço-me, de modo que ele ascenda pelo peito e alcance o pescoço.

Os nervos entre as coxas ativam-se como se fossem a porra de relâmpagos.

– Só mais uma vez? – suplico.

Ele resmunga, enterrando os dedos no meu traseiro e chupando-me o pescoço com força, antes de se afastar como se estivesse com dores.

O caralho avoluma-se dentro das calças, e eu começo a choramingar, batendo as pestanas.

Ele ri-se. Mas ordena-me:

– Faz as malas, junta os miúdos, e tudo o mais que te fizer falta. Entendes? Podem ficar no antigo estúdio de arte da minha mãe. Até terminarem as renovações. Depois ocuparão os seus próprios quartos.

Juntar os miúdos…

– Mas os meus pais… – replico.

– Sabem onde nos encontrar se quiserem voltar a ser pais.

Fito-o fixamente, uma espécie de latejar percorre-me a pele, fico quente e excitada e cheia de admiração por ele. De um momento para o outro. Acolher três Conroy na sua casa. É um bom homem.

Mas depois o que ele disse finalmente bate-me:

– Espera lá… quais *renovações*?

Ele aponta.

– A ala antiga. Vamos reconstruí-la. O Dex precisará de um quarto. Tal como o Iron, quando regressar.

Encaro-o demoradamente.

– Vais fazer-me comprar mais fatos, é isso? – lamenta-se, pois já deve ter percebido a emoção que me assola ao tomar conhecimento daqueles planos, de levantar a cabeça, antever o futuro…

Anuo freneticamente, mergulhando na boca dele, mas sem o beijar de imediato. Mantendo-me ali, a pairar, a respirar um pouco, antes de pousar os lábios nos seus.

Ele está a tentar. Eu só precisava de saber.

Macon balbucia entre beijos.

– E nada da merda dos *tacos* na nossa cama, por favor.

Acidentalmente beija-me os dentes, porque desato a sorrir. Mordo-lhe os lábios.

– Mas talvez te compre um jacaré de peluche – brinca ele. – Porque é o que tu és. Um pequeno jacaré.

Continuo a morder-lhe a boca, o maxilar, o pescoço…

– Nhac, nhac, nhac…

Ele solta uma gargalhada enquanto me mordisca os seios e agarra o traseiro.

– Krisjen…

A minha pele anseia por ele. Já sinto uma ausência nos braços.

– Macon… – gemo, arqueando as costas e deixando pender a cabeça, para que me possa chupar. Aperto a cabeça dele contra mim. – Mais uma vez.

Um guincho chega-me aos ouvidos e abro os olhos, descobrindo a minha mãe, de pé, na ombreira da porta.

– Oh, meu Deus – arquejo, saltando da cadeira. Macon liberta-me com relutância, enquanto eu agarro na almofada e a uso para tapar o corpo. *Merda*.

– Oh, meu Deus – exclama a minha mãe.

Olho de relance para Macon, mas ele não presta atenção a nenhuma de nós. Começa a analisar o teto, enquanto compõe o casaco, imperturbado.

– Mãe… – mas não sei o que lhe diga.

A mala de viagem dela ficou caída no chão, os olhos dela enchem-se de ira enquanto me observa a mim e a Macon. Há dias que era suposto ter regressado. Eu bem sabia que podia aparecer a qualquer momento. Nem sei por que motivo terei descurado este facto.

Ela vai passar-se porque estou com um Jaeger. Se me apanhasse assim com Jerome Watson, daria pulinhos de contentamento.

Tento mandá-la embora antes que reaja.

– Mãe, eu…

Mas depois ouço a voz de Macon.

– Olá, Cara – ele saúda a minha mãe.

Fico com um nó nas entranhas. O quê?

Olho para ele. Conhece-la?

Ela entra de rompante no meu quarto, o cabelo caindo-lhe em cascata, em ondas soltas da permanente que fez há uns anos. Costuma alisá-lo, mas é óbvio que esteve na praia. Numa ilha, algures. Voltou bronzeada.

– O que estás a fazer? – berra a Macon. Depois vira-se para mim. – O que te fez ele? O que foi que te contou?

– Como…?

Ela bate-lhe no peito. Ele recua um pouco, mas não cede. Como se já o previsse.

– Não podes ficar com a minha filha! – barafusta. – Como te atreves? Pensaste que podias ficar com uma de nós? Pensaste que podias pôr as mãos nela?

Dá-lhe uma bofetada, e fico tensa, o meu cérebro a decifrar aos poucos a novela que se desenrola perante mim.

Ele esfrega o maxilar, virando a cabeça novamente para ela.

– Em tempos, gostavas que eu pusesse as mãos em ti.

O coração cai-me aos pés, e a sala inclina-se ante os meus olhos.

– O que… – respiro fundo, compassadamente, ao recordar o que ele confessou na noite passada. *As amigas dela*, palavras suas.

Macon olha para mim, mas não para os meus olhos.

Ele disse que a mulher o passou às amigas. Uma delas era a minha mãe. Porque não me contou?

– Nem penses que vais fodê-la! – berra a mãe.

Mas abano a cabeça, e Macon vira-se para mim e tapa-me os ouvidos com as mãos. Cinge-me contra ele, enquanto ela guincha.

– Como te atreves!

A voz está abafada, mas mesmo assim, percebo tudo. Fecho os olhos.

Ela magoou-o. Abusou dele.

Porque é que ele não me contou?

Abraço a almofada. Quais são as probabilidades de ele se ter apaixonado pela filha da mulher que o obrigou a ter sexo consigo?

Sustenho a respiração por um instante. Quais são as probabilidades de que eu tenha ido por acaso para a cama com o mesmo tipo?

Viro-me para ele.

– Há quanto tempo sabes quem eu era?

O maxilar de Macon retesa-se.

Afasto-me das mãos que me tapam as orelhas.

– Há quanto tempo?

– Ele visou-te de propósito! – afirma a mãe.

Macon sustém o meu olhar, abanando a cabeça devagar.

– Porque nos odeia – continua ela. – Porque gosta de jogar com as nossas mulheres como se fôssemos brinquedos.

– Não havia nada de que gostasse em ti – sibila-lhe ele.

Ele acerca-se novamente, pega-me na cara e encosta a minha testa à sua.

– Entra no meu carro – sussurra ele. – Não te vistas. Não tragas nada. Entra no carro e mais nada.

– Ela não vai a parte alguma…

Ele descola-se de mim e aproxima-se da minha mãe, obrigando-a a recuar.

– Não quero ouvir a tua voz. Abre a boca outra vez, e arrependes-te.

Ela começa a respirar aos soluços, visivelmente abalada.

Pela primeira vez, desde há muito, recordo-me da reputação que o acompanhava. Havia um motivo para ser temido. Talvez não o fosse ainda, quando ela pagou a um jovem que precisava desesperadamente do dinheiro, mas a vida não o tornou um monstro. Foram as pessoas como ela.

A mãe recua e retira o telemóvel.

– Vou chamar a polícia.

Sai a correr do quarto.

Mas ele permanece quieto.

Rebusco-lhe o olhar.

– Há quanto tempo sabes quem eu era? – pergunto-lhe.

Ele olha-me do alto, e quando retesa os ombros, percebo.

– Sempre soube quem tu eras.

A minha mente enche-se com todos os instantes em que me encontrei em sua casa, à sua mesa, a trabalhar no seu restaurante, a levar-lhe refeições, a atirar-me a ele naquela noite na garagem…

Macon sabia de quem eu era filha.

– Enviaste o Army naquela noite para me oferecer um emprego – digo, recordando o que Trace me contou. – Tencionavas usar-me?

– Tive amplas oportunidades de usar-te, se realmente quisesse isso – afirma. – Podia ter-te deixado fazer aquele vídeo com os meus irmãos.

Ele volta a segurar-me o rosto.

– Mandei o Army no teu encalce naquela noite porque gostava de ti – sussurra. – Porque queria mais de ti. Porque nunca tinha visto uma mulher ser tão branda consigo mesma, nem tocar-se daquela forma. Porque não queria que estivesses longe da minha vista, nem por um dia.

Treme-me o lábio. Porque não me contou? Pensaria sequer em fazê-lo?

Não noto que cai uma lágrima dos meus olhos até ele a limpar com o polegar.

– Queria-te perto de mim, pois percebia quando começavas a chorar, que este lugar acabaria por te destruir e, pela primeira vez desde há muito, senti-me protetor. Queria-te na Baía, para te manter em segurança.

Acredito nele. É uma atitude muito sua. E Macon não é pessoa que tenha necessidade de mentir.

Mas acredito em toda a gente. É esse o meu problema. Assumo que as pessoas são todas boas e honestas, que têm intenções puras, e não me ocorre uma única vez em que essa postura me tenha dado bom resultado. Sou ingénua e estúpida, isenta de chico-espertice, como Clay ou Liv. Ou Aracely.

Penso que os unicórnios existem, mas Macon pegaria fogo a uma árvore de Natal.

Ele abana a cabeça, lendo o meu olhar.

– Não faças isso. Não.

– Quantas vezes?

Ele pestaneja com força.

– Krisjen, por favor.

– Quantas? – vocifero.

Preciso de saber quantas vezes estiveram juntos. Possuiu-a no chuveiro? Onde é que ela lhe tocou? Será que a beijou?

Com os lábios comprimidos, ele responde:

– Algumas.

– Algumas, à volta de três, ou algumas à volta de dez?

Ele baixa os olhos.

– Algumas, no sentido de não querer pensar nisso.

Rio-me com amargura, retrocedendo.

– Ela deve ter gostado.

Ele devia ser bom, pois ela queria-o de volta. Porque é que não me contou? Conhece todos os homens com quem dormi. Já o sabia antes de termos feito. Não preciso que me entregue uma lista, mas eu ter sido informada de que a vaca da minha mãe estava envolvida!

Avança aos poucos para mim, mas eu recuo, e aquele passo destroça-me a alma.

Amo-o.

Mas estou confusa. Preciso de raciocinar.

– Krisjen, eu era um miúdo – suplica – com um fardo inexplicável em cima dos ombros. Nunca quis pensar mais naquilo! E decorridos anos apareceste tu. Na minha casa. Constantemente. Com os teus pés descalços e o teu sorriso bonito. A tua música, as tuas velas, o teu coraçãozinho sempre feliz, e nunca imaginei que isto fosse acontecer!

Largo a almofada, cobrindo a cara com as mãos. Imagens assolam-me, os dois na cama, juntos. Devem ter conversado. Feito preliminares. Trocaram risos. Uma parte dele deve ter gostado, certo?

Ohhh, céus. As lágrimas correm-me. Não consigo pensar em mais nada. É tudo o que vejo. Vou sempre vê-los em pensamento. Estou a ficar agoniada.

– Devias ter-me contado – soluço. – Devias…

– O quê? – rosna. – Devia ter feito o quê?!

Sobressalto-me, deixando cair as mãos e encarando-o com um olhar lacrimejante.

– Devia ter-me mantido afastado de ti? – berra, acercando-se. – Devia ter-te deixado ir? É isso que eu devia ter feito? – E varre o braço pela minha secretária, despejando toda a minha tralha no chão. – Deixar-te ir, porra, sem mais nem menos?!

Fico ofegante, enquanto as canetas e os lápis rolam por cima da cadeira e caem no chão.

Ele agarra-me, enrolando um braço à minha cintura, e com a outra mão segura-me o rosto. Beija-me intensamente, rouba-me a respiração, mas solta-me antes que me debata.

Fita-me nos olhos.

– A tua mãe só tem ciúmes que tu não precises de me pagar – diz numa voz baixa, cheia de desdém. – Foi mesmo um prazer para mim.

E atira-me para trás, limpando-me da boca e tirando uma nota do bolso.

Recua, pousando a nota no canto da minha secretária antes de sair pela porta.

– Vou informar o Dallas que é a vez dele.

28
Macon

Saio intempestivamente de casa, arrancando a gravata e abrindo a camisa à força.

Os botões que ainda restavam da noite passada saltam para o chão. *Ela que se foda.*

Deu quecas em quase todos os quartos da minha casa, dormiu com membros da família que vejo todos os dias. E fê-lo com gosto. Nunca tive vontade de conhecer Cara Conroy. A ponto de mal conseguir olhar para a sua filha quando esta começou a namorar com Trace na primavera passada. Sempre que via a rapariga, recordava-me da existência de St. Carmen. Uma sensação que Clay nunca me transmitiu.

Abro a porta da carrinha e entro, ligando o motor e saindo do acesso a toda a pressa.

O dia nasceu, entretanto, tendo já amanhecido, e não sei que horas são. Talvez os rapazes já tenham saído para o trabalho.

Sinto as mãos a tremer, embora desconheça o motivo. Porra, não estou irritado. Nem chateado. Não sinto nada. Ela não é nada. Nada de especial.

O trânsito aparece-me desfocado e pestanejo, sentindo os olhos húmidos. Esfrego-os para limpar a vista. *Provavelmente, já estão a trabalhar*.

A estrada prolonga-se até ao horizonte, as árvores passam numa vertigem e conduzo em piloto automático. Braço esticado com a mão no volante, o outro encostado à porta, deslizando a respetiva mão pelo cabelo, sem parar.

– Não – tentei desviar-me. – Não gosto disso.

Passei a língua pelo interior do lábio, saboreando sangue.

Ela apertou-me o pescoço.

– Só tens de ficar com tesão – pede-me. – É a tua tarefa.

Não consigo respirar. Dói-me. Um latejar na cabeça. Foda-se.

Soa uma buzina, e desperto, guinando para a berma. Paro e deixo cair a cabeça sobre a mão, retesando todos os músculos disponíveis para manter a dor à distância.

Há anos que não pensava no assunto. Sempre que aparecia, expulsava-o, não por ser terrível aquilo que fui forçado a fazer, mas por me ter tornado o que queriam de mim.

Há quem foda em troca de dinheiro constantemente, mas elas não pagavam para ter sexo. Pagavam para foderem um criado. Uma não-pessoa.

Nunca tivera sexo com uma mulher de quem não gostasse. Com quem não tivesse primeiramente conhecido, e de quem gostasse. Nunca eram quecas de uma noite. E não me sentia mal depois.

Passado algum tempo, comecei a ver Krisjen tal como ela era. Bela. Uma boa pessoa. É esperta e fabulosa. St. Carmen deixou de existir na sua presença.

A última coisa que merece é a minha pessoa. Devia ter alguém bom. Alguém sem um passado destes.

Jamais sairei deste lodaçal em que existo.

Ela jamais me verá da mesma forma.

Nem sei como encontro caminho para cama, pois não me recordo das ruas nem dos semáforos, mas deslizo pela porta de entrada, ouvindo:

– Olá.

Viro a cabeça, vendo os meus irmãos erguerem-se das cadeiras, completamente vestidos. Parecem desfocados, mas reparo no sorriso de Trace. É como se tivesse cinco anos novamente.

– Porra… – diz, olhando-me de cima a baixo com ar aprovador. Trago a camisa rasgada, e não sei onde deixei a gravata.

– Passaste lá a noite – ouço a voz de Dallas. – Deves ter…

Mas todos se calam, os sorrisos desvanecem-se quando reparam no meu olhar. Viro as costas e avanço para as escadas.

Estou a suar. As roupas colam-se-me à pele. O teto está demasiado baixo.

– O que aconteceu? – Army aproxima-se de mim.

– Nada – subo as escadas, receando encará-lo. A mão treme-me. Agarro-me ao corrimão para a controlar.

– Porque é que vocês não vão…

– Só quero tomar um duche – digo, sentindo a pulsação acelerada no meu ouvido. – Apareço mais tarde.

– Macon…

– Vão trabalhar. Todos vocês – exclamo, tentando manter um tom ligeiro. – Não tardo.

Estou incapaz de respirar.

Abre-se a porta e viro-me, dando um olhar demorado ao rosto de Trace. Ergue os sobrolhos.

– Enche a geladeira de cervejas – forço um sorriso. – Vai ser um dia quente. Merecemos, não achas?

– Pois, sim – ele faz um sorriso aberto e sai animado pela porta, seguido de Dallas, e viro-me, rumando ao alto.

Army continua ali, a observar-me. Sei que está.

– Macon…

– Irei atrás de vocês – informo, sem olhar. Alcanço o piso superior e avanço para o quarto. Entro, fecho e tranco a porta.

Vejo a mesinha de cabeceira e mal me sinto aproximar-me dela. Mas não abro a gaveta.

Ainda não.

Sento-me na cama, deixando a luz do sol, que Krisjen sempre deixa entrar no quarto, penetrar-me na mente. Retraio-me com o brilho pelo canto do olho, e pela forma como me aquece demasiado aquele lado da cara. Não há nuvens no céu. Odeio céus límpidos.

Assento os cotovelos nas coxas, deixando cair os braços sobre as pernas e inclino a cabeça.

Tenho terra entranhada na unha. Qual semente ali plantada.

O suor embebe-me o corpo. Faz tanto calor.

E cada folículo queixa-se à vez, como se arrancado do interior da pele.

O cabelo tapa-me a vista. Tenho os sapatos sujos. Sinto-o através do couro.

Estou farto de estradas de terra batida. Só de pensar que vou percorrê-las mais uma vez é um fardo de dez toneladas sobre os ombros.

Sempre a mesma coisa, sempre.

E a comida e as gentes e os anos e as conversas. Tantas conversas. Porra, sempre a mesma coisa, a toda a hora. Todos os dias.

Amanhã não será diferente. Nem a próxima semana.

Ardem-me os olhos quando fito a gaveta. Sinto vagamente o telemóvel a vibrar, mas cancelo a chamada sem ver quem era, e largo-o na mesinha de cabeceira.

Krisjen tinha razão. Não seria capaz de me manter vivo. Acabaria sempre neste ponto. Julguei que, se a possuísse, progrediria, deixando de procurar motivos para me manter neste mundo, por causa deles. Por causa da Baía. Falhei, aqui. Só tretas, de dia para dia. Sou uma bosta.

As pessoas não me amam. Têm medo de mim. Precisam de mim. Os meus irmãos podem ser chegados, mas deve-se apenas ao facto de nunca sairmos deste local. Todos os minutos da nossa vida. Aqui ando, a ocupar espaço, por causa deles.

O telemóvel vibra novamente. Pego nele, ignorando a chamada.

Concentro-me no puxador de madeira da cómoda.

Estaria despachado num minuto. Até menos. Acabaria de vez.

Só quero que isto acabe.

O sol torra-me a vista e fecho os olhos.

Habituar-se-iam a viver sem mim. Talvez até se sintam culpados pela onda de alívio derivada da minha ausência. Hão de sentir esse alívio.

Nunca fui gentil. Paciente. Bondoso. As pessoas aturam-me. Fui sequer meigo com ela?

Fui.

Era a sério.

Ela também sentiu.

Gostava de mim.

Estava sempre atenta, mesmo quando eu fingia não ver.

Abano a cabeça. *Não.*

Não.

Ela é bondosa. Sabe ser bondosa.

Era comiseração, merda.

Sou muito menos do que é capaz de alcançar, e ela sabe-lo.

É apenas bondosa.

Ela não quereria…

Engulo em seco… *continuar contigo…*

Resmungo, enterrando as unhas no cabelo… *daqui a cinco anos.*

– Krisjen… – arquejo.

Abro a gaveta, o coração a esmurrar o peito, a cabeça a latejar, mas ouço uma voz.

– Macon?

Olho para o telemóvel em cima da mesa.

– Macon, estás aí?

Iron?

Pego no telemóvel, e é como se pesasse vinte quilos quando o levo à orelha.

– Estás aí? – pergunta novamente.

Não sou capaz de falar, estou ofegante. Afasto o aparelho do ouvido, vendo um número que não reconheço.

– Como é que tu… – pigarreio. – Como é que tu me estás a ligar?

– Um amigo tem um telemóvel.

Tinha saudades da voz dele.

– Julguei que se visses um número identificado como sendo da prisão não atenderias.

Tem razão. Não teria atendido. Detesto que saiba isso a meu respeito.

– Precisas…

Mas calo-me, prestes a perguntar-lhe se precisa de dinheiro, mas decido calar a merda da boca. Ele pode ter o que quiser.

– Não tens tido problemas? – pergunto, as lágrimas corroendo-me a voz.

– Até agora, sem chatices.

Andava preocupado com a ida de Iron para a cadeia, mas não por causa da sua segurança. Quando alguém como ele vai para a cadeia, normalmente é o início de coisas piores.

– Sabes – começa ele –, pus-me a lembrar daquela vez que me levaste ao Festival Aéreo na praia de Cocoa.

Recordo bem. Areia. Dia límpido. Cadeiras de lona, miúdos com abafadores de ouvidos, fãs da aviação com binóculos e geladeiras.

– Só nós os dois – a voz suaviza-se, e percebo que sorri. – Eu quis ir no ano anterior, mas o pai estava sempre ocupado. Sei que ele tentara, mas lembras-te de como era.

Sim. Os meus pais tinham malas. Guardadas no sótão, sempre por usar.

– Nunca fomos a lado nenhum, e eu só queria assistir ao festival, depois de ter visto aquelas fotografias na Internet – diz-me. – Não pensei que fosse verdadeiro. Como se os aviões e os pilotos e as pessoas que viviam aquelas aventuras todos os dias só existissem nos filmes. Foi a primeira vez que me apercebi da dimensão do mundo. E do que as pessoas são capazes de fazer.

Nem sequer usamos as malas agora. Não vamos a parte alguma. Nem pedem para irmos.

– Aqueles aviões a voarem em formação – prossegue. – Aquela gente fardada…

Ouço, ainda recordando os sons dos jatos que cortavam o ar.

– A Baía era tão cansativa, mas aquele dia foi cheio de energia – Iron faz uma pausa e prossegue: – A música, a multidão… já não deves lembrar-te disto, mas jamais esquecerei de como foi um dia bom.

Pois foi. Ruído desprovido de stresse. Foi uma distração. Não pensei nos problemas da casa durante todo o dia. E lembro-me de me ter apercebido deste facto quando voltámos.

– Também foi um dia bom porque não paravas de sorrir – diz. – Senti-me especial. Como se fosse um momento que ambos partilhámos, e não sei porque representou tanto para mim, mas aconteceu e não me esqueci mais. Acho que ficámos mais próximos por causa disso.

Fecho os olhos.

– Tenho tido demasiado tempo aqui para pensar – diz. – Esqueci-me que sonhava em tornar-me um daqueles pilotos. Ser um herói. Fazer coisas corajosas – hesita. – Agora já não me aceitariam, pois não?

Uma faca corta-me o coração.

Agora é um criminoso. O exército não aceita quem tenha sido condenado.

Ele respira com força, e eu agarro o telemóvel, esquecendo-me da gaveta.

– Não percebemos o quanto desejávamos uma coisa – diz-me – até ficar fora do nosso alcance.

Fito os sapatos.

– Estou farto dos arrependimentos. Farto de meramente sobreviver – acrescenta – Mas hei de ser um piloto. Não sei como – o tom é sólido e determinado. – E não me importa que não me apoies, mas cada um de nós tem o seu caminho a percorrer, e o meu será um caminho novo.

Algo estica a minha garganta.

– Não voltarei à nossa casa para só existir – declara. – Entendes?

Sorrio, só um pouco.

Se não estiver morto, é porque ainda não cheguei ao fim.

Sou capaz.

Se ele é capaz daquilo – de seguir em frente –, então também eu serei. Um dia será o último: ninguém é eterno. Hei de realizar bastante antes de partir.

Mostrarei à família que é possível erguermo-nos. Ainda tenho outra luta pela frente.

Enchendo o peito de ar, levanto-me da cama e tiro o casaco.

– Vou construir-te um quarto novo – digo. – Se não voltares para casa a tempo, pinto-o de alfazema.

Ouço um risinho abafado.

– Bem… também gosto de pêssego.

Sorrio.

– Até logo.

– Sim.

Desligo, dispo a roupa e envolvo uma toalha à cintura. Abrindo a porta do quarto, berro:

– Aracely!

Poucos segundos depois, ouço os passos dela nas escadas, até surgir à porta. Os olhos descem para a minha toalha, e quase desvia a vista.

Retiro a camisa e estendo-a na sua direção.

– Cose-os…

Mas calo-me e tento corrigir-me.

– Poderias, por favor, coser os botões da camisa? – peço-lhe educadamente. Depois entrego-lhe as calças e o casaco. – E leva este fato a um alfaiate para medir o tamanho. Ele que me faça outros três. Escolhe tu o tecido. Camisas, gravatas…

A cara dela enche-se de espanto, mas não aguardo pelas perguntas. Pego no telemóvel que estava na cama e entrego-lho também.

– Põe a carregar. E marca uma hora da próxima semana, na minha agenda, para nós os dois trocarmos uns dedos de conversa. Vais começar a tratar da minha agenda, e falaremos de passares a gerir o Mariette's – o meu cérebro está repleto de objetivos a cumprir, tanto que a boca não consegue acompanhá-lo. – Vou dar-te o controlo conjunto do restaurante a ti e à Mariette. Percebeste?

Os olhos dela arregalam-se, mas depois noto. O sorriso. Anui.

Recuperando as calças da mão dela, retiro a carteira e exibo um cartão de crédito.

Entrego-lho.

– Vai às compras e envia uma mensagem aos meus irmãos que o jantar é às seis horas, e que estejam em casa a horas. Nada de pararem nos bares.

Ela pega no cartão.

– O que queres que prepare?

– Hoje cozinho eu.

Deixa cair os braços e, por um instante, quase larga também a roupa. Entrego-lhe as calças novamente e afasto-me.

– E… – disparo em resposta – começa a organizar uma… tipo, uma festança do bairro ou algo parecido. Vamos reunir toda a gente. A malta toda da Baía.

Os olhos dela ficam esbugalhados.

Semicerro os meus.

– Estás a anotar isto?

Ela remexe-se por um instante e depois aponta para a cabeça.

– Não me esqueço – murmura.

Sigo para a casa de banho, mas aponto para o fato nas mãos dela.

– E manda limpar isso.

– Tens a certeza?

Lanço-lhe um olhar antes de fechar a porta, sabendo que será capaz de sentir nele o perfume de Krisjen.

Rodo o manípulo do chuveiro, tiro a toalha e entro no jorro de água, inspirando com força ao ser banhado pela água fria.

Obrigo-me a inspirar profunda e controladamente, cerrando os punhos e sentindo o frio despertar-me o corpo.

Só mais um dia.

Posso ficar mais um dia.

Como fez a minha mãe.

29
Krisjen

QUERIA ter ido com ele – mal saiu da minha presença.

Mas não interpretaria esta reação como uma vingança? Há forma de que não odeie tudo aquilo que lhe faço recordar?

Encosto-me à parede, abraço os joelhos e sentindo os calções e a camisola que, entretanto, vesti, ignorando se era a do Estado da Flórida ou do Hilton Head. É cinzenta.

Tantas vezes, as que não olhava para mim. Nem me dirigia a palavra. Obviamente.

Não se devia ao facto de eu ser uma Santa, mas por ser eu própria. Parte dela. Ele olhava para mim e via o cabelo dela. O nariz dela.

Uma lágrima escorre, molha-me o rosto. Ele não suporta a minha presença.

Entrelaço os dedos e inclino a cabeça, repousando-a nas mãos, sacudindo-me com lamentos que não liberto.

Terá pensado que eu era uma cabra, às voltas na casa dele como se esta fosse a porra de um parque de diversões.

Mas quando finalmente olhou para mim…

Quando o descobri abatido pela mágoa e vi as lágrimas.

Quando passou a noite agarrado a mim, e depois me soltou, acordando, apercebendo-se.

E depois abraçou-me imediatamente na noite seguinte. E na outra. E na próxima.

Quando finalmente começou a falar comigo, e só me queria perto dele. A mim, e a mais ninguém.

Tentou não me ver. Tentou não se aproximar. Tentou nem olhar ou falar comigo.

Não queria vingança.

Não queria que eu acabasse por descobrir, sabendo o que sucederia.

Sabia que a descoberta me traria mágoa.

Nunca o mereci.

Levantando a cabeça, observo as cortinas, soprando na brisa que entra no quarto escuro. Pouco passará do meio-dia, mas as nuvens estão baixas, colorindo as minhas paredes com uma mistura de cinzento e tons azulados.

Acompanho a luz, passando pelo tecido pendurado sobre a cama de quatro colunas e por cima das recordações – um carrossel, animais de peluche e fotografias de festas, viagens e cerimónias. Passando pelas medalhas e fitas que recebi por cada prova de natação ou concurso de ortografia em que participei.

Porque cada artefacto equivalia a nova adição ao currículo da minha vida, uma prova de que estava viva. Que fazia coisas. Que alcançava feitos, que me valorizava.

Provar que tinha a melhor vida possível distraía-me da evidência de que este quarto jamais comportaria todos os meus fracassos.

Agora sei que só um é que me interessa.

Pondo-me de pé, enxaguo uma lágrima debaixo do olho e atravesso o quarto. Arranco o quadro de avisos da parede, seguido da minha prateleira de cinturões de karaté conquistados aos oito anos. Faltam os dos últimos cinco níveis, porque entretanto desisti, mas continuo a exibi-los como se fossem uma grande conquista.

Atiro o carrossel para cima da cama, reúno os animais de peluche e deito para o monte todas as fotografias que não contenham pessoas de quem goste. Agarro nas cortinas da cama e puxo-as, rasgando-as, enrolando-as e juntando-as à tralha. Unindo os quatro cantos do cobertor, tiro a trouxa de cima da cama e enfio-a no armário. Alguns artigos irão para o lixo e outros não sei se quero voltar a vê-los. Neste momento, só me apetece que me desapareçam da vista.

Observo-me ao espelho, a primeira vez nesta manhã. A marca dele ficou no meu pescoço, e os meus lábios estão inchados. Passo-os entre os dentes, sentindo-os bastante doridos. Não reparei quando acordei ao lado dele. Tiro o telemóvel do bolso traseiro – não há chamadas nem mensagens.

Saio do quarto, levando-o na mão, compondo o cabelo emaranhado atrás da orelha enquanto desço as escadas. A mãe ainda não entrou no meu quarto, mas sei que se encontra em casa. Macon não será capaz de a distinguir de mim daqui a uns anos. *Saltos altos dos finos, que custam mil e quinhentos dólares, casada com um advogado ou um bancário…*

Faço as contas de cabeça sem demoras, recordando-me que o meu pai julga que Mars não é filho dele, mas o meu irmão nasceu muito antes de os pais de Macon terem falecido. Macon encontrava-se longe, nos fuzileiros. Não terá sido ele. Graças a Deus.

Uma liquidificadora soa na cozinha, e eu aproximo-me, encostando-me à ombreira e cruzando os braços.

A mãe segura a tampa enquanto a mistela amarela roda como um remoinho dentro da máquina, e sinto o aroma da tequila e de citrinos.

Ela desliga a liquidificadora, olha-me de soslaio e enche o copo sem hesitar. Transpondo a distância que nos separava, entrega-mo e eu aceito.

Estranhamente, não sinto raiva dela. Nem um pouco.

Levo a bebida ao nariz, para cheirar o *Cointreau* e o xarope de agave. A mãe faz margaritas inesquecíveis.

– Sempre foste uma excelente mixologista.

– Ainda bem que tenho um dom.

O meu dom ainda não deu ar da sua graça.

Ela regressa à ilha, enche um copo para si. Não provo o meu.

– Sabes, nunca pensei realmente acerca do assunto porque não tinha realmente alternativa – digo-lhe. – Mas se me tivessem perguntado, diria que eu gostava de ti mais do que do pai. Ainda gosto. Sabes porquê?

Ela encaixa o jarro na base da liquidificadora e levanta os olhos, ao meu encontro.

– Porque no fim acabas por ganhar – respondo. – Voltas a erguer-te sem ajuda de ninguém. A única qualidade que espero ter herdado.

Ela bebe demoradamente, e eu dou um passo em frente, pousando o copo e mantendo a ilha entre nós.

Ela baixa os olhos.

– O caso só durou…

– Não foi um caso – cerro os punhos contra as costas da cadeira de ferro forjado, até os dedos me doerem. – Tu e as tuas amigas vitimizaram um jovem que acabara de perder os pais e procurava sustentar cinco irmãos.

Ela encara-me sem mudar a expressão.

Continuo.

– E isso não te incomoda, tal como não te incomoda que te odeie por causa disso. Só te importa que eu obedeça.

Por isso é que quer que ele se mantenha afastado. Ora, eu até posso foder Macon Jaeger à minha vontade. Pagar-lhe para ter alguma diversão. Um dia destes. *Depois* de ter dado um par de filhos a Jerome Watson e tornar a casa dele um lar. Então, ela encorajar-me-á a procurar toda a diversão que me apetecer. Discretamente.

– Eu aceito encontrar-me com o Jerome Watson – digo-lhe.

Ela ergue as sobrancelhas.

– E o pai vai aceitar o acordo de divórcio.

– Como…

– Queres mesmo saber? – solto. – Serás devidamente compensada.

Um sorrisinho cruza-lhe os lábios, contente por me ver tomar conta das coisas.

Ah, estou a tomar, sim.

Mas ainda não terminei.

– Mediante duas condições – digo-lhe. – Mudas-te para a casa nas Keys até nova indicação. E… – endureço a voz. – Entregas-me esta casa.

– O quê? – pergunta.

– A mim.

– Deves estar a brincar…

– Ou conto a toda a gente o que lhe fizeste – digo.

– Achas que isso chocará alguém? – tem ar de quem se quer rir. – Achas que o teu pai e o resto da vila não têm segredos a esconder?

Pouso o telemóvel em cima da ilha.

– A toda a gente.

A expressão abate, e o olhar vira-se para o aparelho.

Ela respira e expira durante vários segundos, o maxilar retesando-se várias vezes.

– O Mars e o Paisleigh…

– Vão viver comigo, por ora – respondo. – Falaremos do tema da tutela quando encontrar o pai.

Trocamos olhares, e sou capaz de ler tudo o que lhe passa pela cabeça. Os filhos são a sua moeda de troca. Não quer abrir mão disso. Os outros membros da família terão pena dela – e irão dar-lhe dinheiro – enquanto houver crianças para criar.

E lá no fundo, ela preocupa-se a sério. Não tanto quanto Mars e Paisleigh merecem, mas se algo nos acontecesse, choraria. Genuinamente, acho.

Mas também sei que já não quer esta vida. Casou com ele, nunca pensando que acabaria por fugir com outra mulher. Deu-lhe um lar, filhos, e uma imagem de família respeitável, e ele deu-lhe uma existência. Foi ele que faltou ao prometido.

Ela quer ser livre. Afinal, ainda é nova.

Além disso, quem tem tomado conta dos miúdos, durante 85 por cento do tempo nos últimos nove meses, tenho sido eu e Bateman. Ela já se encontra longe.

– Está bem – diz. Um tom de voz seco, mas concorda.

Vira-se e retira uma frigideira, colocando-a sobre o fogão.

– Queres que te prepare o almoço?

– Faz as malas – digo-lhe. – Desaparece já.

Ela vira-se para trás, chocada.

Começo a afastar-me.

– Aviso-te, quando falar com o pai.

Saio da cozinha, virando logo à direita e dirigindo-me para o escritório do pai, passando pelo quarto escondido sob as escadas. Não espreito nem olho para trás, não vá ela querer perseguir-me para discutirmos. Sei que se irá embora. Ela deseja receber o que eu lhe prometi.

Da minha parte, tampouco discutiria. Não sinto qualquer raiva. A raiva aplica-se quando se pensa que a relação ainda pode resultar.

Entro no escritório do pai, deixando a porta aberta e atravesso o tapete até alcançar a secretária. Sento-me na cadeira dele, abro com força a gaveta esquerda do fundo, e folheio as pastas até encontrar a que indica *Automóveis*. Retiro-a.

Tenho de encontrar o livrete do meu carro para o poder vender. Um *Rover* velho não nos servirá para sempre, e precisarei de um carro novo, embora de um modelo mais económico. E não quero a viatura velha do meu pai. Dele, nada quero. Espero conseguir vender o *Rover* por quarenta mil dólares. Encontro o documento, tiro-o e ponho-o de lado, repondo a pasta na gaveta.

Mas descubro outra com a etiqueta *Contas*. Travo a minha mão. Tenho a certeza de que ele não levou consigo nada de valioso, mas, por outro aldo, quem é que me garante? A minha mãe e eu não somos muito espertas nestas coisas. Se ele escondeu dinheiro – bens –, convinha ter uma noção. Assim, saberei o quanto lhe posso pedir, pois ele não quererá ser exposto pelo advogado de divórcio da minha mãe. Ocultar bens é ilegal.

Sonegando um cigarro do maço em cima da secretária, acendo-o e vou folheando os papéis, mas o coração cai-me aos pés mal começo.

Demorarei uma eternidade a entender o que acabo de encontrar, e há tantas contas. Artigos para as empresas dele, documentos sobre os investimentos da família, ações, obrigações, imóveis e, embora tudo se encontre em seu nome, exceto a nossa casa, que ele ofereceu à mãe, não tenho forma de saber se existe algo de que ela não tenha conhecimento. Nunca se quis envolver. Deixou-o fazer como bem entendia. Confiou-lhe o dinheiro.

Enfio tudo numa pasta que manterei na minha posse, caso ele regresse à procura disto, e uso o telemóvel para ligar ao pai de Clay. Talvez me possa ajudar a entender isto.

Mas depois leio o termo *Bens* e hesito. Espreitando para a gaveta, encontro outra pasta e retiro-a.

Bens Domésticos.

Abrindo-o, percorro um manancial de certificados de autenticidade e apólices de seguros – sobre arte, prata de lei, joias, inclusive peças de roupa.

Encontro o meu nome.

E outra vez.

E o meu coração desata a bater, quando entendo o que tenho entre mãos.

Agarro no telemóvel e acedo à captura de ecrã que tirei da mensagem de *e-mail*. Não examinei ainda tudo, mas passo rapidamente as imagens, pois lembro-me de ter visto algo.

Paro. *Não, foi um SMS.*

Percorro as mensagens trocadas com a namorada dele, encontrando uma que li na diagonal, mas que não me chamou a atenção da primeira vez.

Está tudo? Pergunta-lhe ela.

Não faço ideia a que se refere, mas imagino que tinham falado pessoalmente e que isto era a continuação da conversa.

Há mais, responde ele. **Mas não está em meu nome nem no dela. Hei de recuperá-lo mais tarde da Krisjen.**

Um tremor acumula-se, sobe-me à garganta, e desato a tremer. E depois… rio-me.

Planto as mãos abertas sobre a mesa, o fumo do cigarro formando espirais no ar enquanto inclino a cabeça e desato às gargalhadas que não consigo calar.

Pego no telemóvel e mando uma mensagem a Clay e Aracely.

Obtive recentemente uma garrafa de vinho por seiscentos dólares. Venham já para aqui. As duas.

Caraças.

Sorrio. Isto não altera o meu destino, mas garantirá que Mars e Paisleigh possam governar o deles. Largo o telemóvel sobre a secretária, cruzo os braços e dou uma enorme passa ao cigarro. *Sim, porra.*

– Oh, meu Deus!

Viro os olhos para a porta e deparo-me com Paisleigh.

– Vou contar à mãe que estás a fumar.

Solto uma nuvem de fumo e sorrio à minha irmãzinha.

– Tenho uma ideia melhor – apago a beata. – Dancemos.

*

NÃO tenho de vender o meu *Rover*. O pai ocultou bens, afinal. Poucos, mas suficientes.

Mesmo à justa.

– Tenho de confessar – comenta Jack Hewlitt – que você teria conseguido um melhor valor num leilão.

Assino os documentos, entregando-lhos um de cada vez. Ele inclina-se sobre a beira da sua secretária, que uso para escrever, sentada numa cadeira.

– Não me convém esperar tanto tempo.

Passei os dois últimos dias a liquidar dois quadros, uma escultura, a coleção inteira de vinhos, e até encontrei uma pequena conta em meu nome. Transferi o dinheiro para outra conta, a que o meu pai não tem acesso. Não lhe perguntei porque é que ele pôs tanta coisa em meu nome. Acabei por entender o motivo.

Sabia que a havia de deixar. Há muito tempo.

E assumiu que eu não descobriria nada antes que o processo de divórcio ficasse concluído. Quase acertou.

Não encontrei nada em nome de Mars nem de Paisleigh, e ainda sou dona de outras coisas, mas não vou desfazer-me de tudo para já.

– Não lhe convém esperar? – diz o senhor Hewlitt, num tom de provocação. – Vai sair do país?

Faço um sorriso minúsculo.

– Não vou a parte alguma.

Entrega-me uma cópia do documento e aperto-lhe a mão.

– Prazer em fazer negócios consigo.

– Igualmente – comenta. – Estes irão trazer-me um bom lucro. Obrigado.

Um *grande* lucro. Vendi-lhos por um valor muito menor ao que o meu pai pagou, e a arte não se desvaloriza.

Levanto-me, o brinco ondulando contra o pescoço, e humedeço os lábios, pois o batom que me cobre a boca está seco como argila. Enfio o antebraço nas pegas da mala *Gucci* e levo comigo a papelada.

O telemóvel toca, e aceno em despedida a Jack.

Pescando o aparelho do interior da mala, reparo no nome do pai no visor. Troquei-o há meses, de *Pai* para *Lachlan Conroy*.

– Está? – respondo.

– Não paras quieta.

Estremeço ligeiramente com o tom lacónico. Quase me esqueci da sua voz.

Tem uma forma de se exprimir como se estivesse sempre a correr entre reuniões. Um pouco apressado. Distraído. Incomodado. Não tem sotaque, mas acrescenta-o propositadamente. Apenas em certas palavras, aqui e ali. Talvez uma inflexão no final de uma frase. Às vezes parece escocês. Na maior parte do tempo, resulta numa bizarra mistura do inglês britânico e do de Boston.

– Krisjen, escuta…

– Não. – Avanço lentamente, dirigindo-me para a porta de entrada da galeria. – Pedimos-te que aparecesses. O Mars e a Paisleigh só queriam que aparecesses, mas agora que estou a vender uma propriedade que ocultaste em meu nome… agora é que mereço a tua atenção?

Está em meu nome. Tenho dezoito anos. Ele bem se pode desunhar e tentar recuperar o que ainda não vendi, mas terá de encontrar primeiramente os bens. Escondê-los foi o meu primeiro passo.

– Temos de falar – diz-me.

Concordo.

– Sala Wolfe – declaro. – Hoje, às oito da noite.

– Como é que sabes que essa sala existe?

Desligo, saio pela porta e encontro-me no passeio. A pergunta devia ser: como é que ele sabe que essa sala existe?

Ainda bem que não continuei o telefonema. Parte de mim ainda se lembra dos tempos em que era um bom pai, e isso dói-me. Paisleigh nunca conheceu essa sua versão.

O vento sopra-me o cabelo, desce pela faixa de estômago que fica descoberta nesta blusa branca sem mangas. Dou passadas firmes, nos saltos altos, uma atrás da outra, com calças brancas justas, e mal reparo nos rapazes até me aproximar deles.

Army. Dallas. Trace.

O meu coração ressalta. Foram apenas dias, mas passaram-se como anos. A Baía parece tão distante.

Army não traz camisa. Na Main Street de St. Carmen, isto é praticamente proibido. Trace veste uma *T-shirt* verde. A condizer com os olhos.

Vejo-os, eles veem-me, e abrando, pensando que irão parar. O tempo interrompe-se, enquanto aguardo.

Mas não param.

Nem eu.

Army passa por mim, os olhos familiares seguindo-me por cima do ombro.

Trace e Dallas contornam-me, olhando de relance, mas prosseguindo sem trocarem uma palavra. O meu coração ressente-se.

Nem sei se continuei a andar, ou como é que alcancei o carro ao fundo da rua, mas, quando volto a olhar para trás, já desapareceram.

E é assim que as coisas podem mudar de um momento para o outro.

30
Macon

— Um pouco mais para cima – indico a Santos.

Ele resmunga, soltando o ar.

– ’Tá bem.

Levantamos a viga, o sol castiga-nos enquanto a equilibramos no alto do andaime, e eu aparafuso uma cavilha na madeira. A ferramenta manual treme, indicando que ficou apertada.

– Acabaste? – pergunta.

– Sim.

Santos solta a viga, tira uma bandana do bolso e limpa a cara. Lá em baixo, as pessoas trabalham, atarefadas, e as paredes vão-se erguendo rapidamente enquanto Dallas aparece com uma carga de placas de gesso laminado.

– Cinco quartos a mais? – ri-se Santos. – Estás a fazer planos?

– Antecipar o inesperado.

– Pois, é assim que os bebés acontecem.

Volta a rir-se, e não me importo. O novo acrescento na casa irá encher-se mais rapidamente do que pensamos, e quero estar prevenido. Iron sairá da prisão, e não quero que a falta de espaço sirva de desculpa para Army se ir embora. Nem Dallas nem Trace. Liv sempre terá aqui um quarto, mas ao menos posso contar com ela para não me trazer sobrinhos imprevistos até se encontrar mesmo preparada.

– Sabes – diz-me Santos –, a irmã da minha mulher pinta interiores. Quando for altura de decorar, posso trazê-la para te dar uma palavrinha.

Rodo a chave de fendas, apertando a cavilha.

– É bonita. E boa rapariga.

Observo a viga.

– Não seria um encontro amoroso – garante-me. – Mas, talvez uma noite em que ficassem a trabalhar até tarde, podias aproveitar. Ainda te deves lembrar de como é que se faz.

Levanto a vista, vendo-o sorrir. As pessoas da Baía devem julgar que agora sou um tipo divertido, porque comecei a falar mais e até saio de casa, de vez em quando. Sorri a um miúdo, ontem. Porra, ele pensou que eu o ia comer ou algo parecido.

Santos ri-se ante a minha falta de resposta, e transitamos para a próxima viga.

Nesse preciso instante, vejo Jasmine acompanhada de Dex, ambos passam pela casa.

Desço.

– Olá, o Army já regressou? – pergunta.

– Não deve tardar – levanto o miúdo nos braços. – Deixa-o ficar comigo.

Ela entrega-me também o saco.

– Pagaram-te? – pergunto.

– Ele tratou do assunto hoje de manhã – Jasmine esfrega as bochechas de Dex, despertando um grande sorriso no miúdo. – Boa semana para vocês – quase cantarola.

Dex solta risinhos, e eu levo-o para o interior, ouvindo o relógio de pêndulo anunciar com badaladas as quatro horas da tarde. Paro diante do instrumento para escutar. Ele fica atento, percebendo que o ruído se origina do aparelho, e eu fico a observá-lo, porque tem um ar fofinho. Ele adora. Já decidi que procurarei um relógio de cuco para lhe oferecer no Natal. Um com dançarinos que soltam cerveja. Ele vai adorar.

Largo o saco do miúdo e encaminho-nos para a cozinha, pousando-o sobre a bancada e abrindo a torneira, cuja temperatura confiro. Encho-lhe as mãos de sabão, despejo um pouco nas minhas, e demonstro-lhe, como sempre fazemos, como se deve ensaboar e lavar os dedos.

Ele tenta enfiar a mão na boca, mas eu retiro-a, e ajudo-o a enxaguar-se.

– Pa-pá, pa-pá.

– Está a chegar, puto – tranquilizo-o.

É giro como ele tem o cabelo do pai e os olhos da mãe. Eu também tenho os da minha mãe. Oxalá que Dallas, Trace e Iron se reproduzam com mulheres de olhos castanhos. Estou farto de me encontrar em minoria nesta casa.

Secamo-nos, e eu pouso-o na cadeira de bebé, pegando nos brócolos cozidos a vapor, no abacate picado e nos pedaços de frango grelhado, misturados com maionese e molho rancheiro que Army deixou ficar esta manhã. Espalho tudo no

prato dele e o miúdo desata a comer, enquanto lhe encho um copo com água.

Acerco-me das janelas da cozinha e levanto-as, passando depois para a sala de estar e repetindo o feito. Fecho os olhos e inspiro, descontraindo os ombros.

Mas não abro os olhos. Ainda bem que ela se manteve afastada. Faltou ao prometido para com Mariette, e não veio recuperar a escova de dentes, o cheque do salário, o vestido.

Foi-se. Sem problemas. A melhor forma.

Abano a cabeça e descerro finalmente a vista. Pondo música a tocar no telemóvel, regresso à cozinha e vejo Dex, aos pontapés, começar a comer, enquanto eu fatio o pão.

A porta da entrada abre-se e fecha-se, e Trace aparece na cozinha.

– Acabaste cedo – comento.

– O que há para comer? – levanta a tampa da panela sobre o fogão, cheirando o chili. – *Mmm.*

– Ligou a Tech Advantage – disponho o pão sobre a mesa, enquanto Army e Dallas entram, e cada um se serve de uma tigela. – Querem que façamos uma limpeza amanhã para um evento da próxima semana.

– Tenho uma… – Trace começa a desculpar-se, mas interrompe-se. – Nada.

Perscruto-o por um segundo, e depois puxo a cadeira de bebé de Dex para o canto da mesa, colocando-o entre mim e Army. Sentamo-nos e Dallas ataca o chili com a colher.

– Vai acontecer alguma coisa na praia – explica-me. – O Trace quer estar presente.

Mas Trace intromete-se.

– Não faz mal. Eu trato desse trabalho.

Ele fita a comida e eu não sei o que raio está a acontecer. Ou seja, sei que há anos que lhe digo, aos gritos, que tem de crescer, mas agora que se encontra a crescer finalmente… franzo as sobrancelhas.

Dallas intervém novamente.

– Eu substituo-o.

Trace encara o irmão boquiaberto. Franzo ainda mais as sobrancelhas. *Que. Porra. É. Esta*.

– Tens a certeza? – pergunta-lhe Trace.

Dallas encolhe os ombros, enchendo a boca de comida.

– Não tenho outras obrigações.

– Obrigado – Trace finalmente faz um ar feliz. – Fico a dever-te uma.

– Mas que raio aconteceu na minha ausência? – diz uma voz.

Levantamos coletivamente as cabeças, e deparamos com Liv à ombreira, mãos enfiadas nos bolsos.

– Olá! – Trace põe-se imediatamente de pé, agarrando-a pelo abraço, como se ela não tivesse estado connosco há meras três semanas.

Trace volta a sentar-se e ela despe o casaco preto, encaminhando-se para o fogão e retirando uma tigela.

– Mal saio de casa para a faculdade, e vocês de repente ficam uns meigos?

– O que fazes aqui? – pergunta-lhe Army.

– Natal.

– É este mês? – Dallas passa o olhar pela mesa. – Merda.

Ela enche a tigela de chili, cheirando-o antes de tapar a panela.

– *Bleh*, o que fizeram à minha receita?

– Fui eu quem te ensinou a cozinhar isto, mal-agradecida – murmuro.

– Bem tentaste – riposta.

Ela passa a perna por cima da cadeira na ponta da mesa, como se montasse um cavalo, e senta-se. Levanto a cabeça por um instante.

– A mesa fica vazia sem ti e o Iron – Trace passa-lhe o pão. – E a Krisjen.

– Obrigada – ela tira uma fatia e olha em volta. – Onde está a Krisjen? No Mariette's?

Mastigo e a mesa fica calada. Ninguém voltou a mencionar o nome dela desde aquele dia. Sabiam que não deviam tocar no assunto.

– Vimo-la na vila, hoje – comenta por fim Dallas. – Estava diferente.

– Estava magnífica – acrescenta Army.

– Parecia feita de vidro – murmura Trace por cima da comida. – Porra, um vidro lindo e brilhante.

É um tom irritado.

– Todas as Santas têm esse ar – comenta Dallas.

Empurro a colher pelo chili, sentindo os olhares pousados em mim. Quando olho para cima, é Liv quem me observa.

– Mas quando nos amam – reflete Liv –, nunca tivemos nada mais macio entre mãos.

O meu coração para.

– Ou seja, ficam bastante agradecidos por terem quem lhes dê ternura – ela praticamente murmura.

Sinto a pulsação no estômago, e vejo Krisjen na minha mente. Na minha casa, na banheira ao meu lado naquele dia, no meu restaurante…

– Pois, bem – Army levanta-se. – Que se lixe.

Leva a tigela para o lava-loiça e, tal como Trace e Dallas, nunca me perguntou o que aconteceu entre mim e Krisjen, mas, ao contrário daqueles dois, duvido que se interesse. Mereço a indiferença. Ele gostava dela. Mesmo que se tenha oferecido para a partilhar, porra.

– Estava aqui a pensar que podíamos ir dar uma volta, hoje à noite – comenta Liv. – Todos temos as nossas motas. Há quiosques de comida na praia Delgando, e está um tempo quase perfeito.

Trace arrebita-se, mas sinto o olhar dele em mim, como se esperasse a minha permissão.

Acabo de mastigar e levanto-me.

– É uma boa ideia.

Trace dá uma palmada na mesa.

– Sim, boa.

– Nada de namoradinhas – é a indicação de Dallas.

Army vira-se.

– O Dex pode deitar-se depois da hora habitual, e pedirei à Aracely para vir tomar conta dele.

– Mas antes vou adiantar o trabalho mais um pouco – digo-lhes.

Dallas levanta-se.

– Eu ajudo.

Aponto para Trace.

– Tu lavas os pratos.

Começo a levantar-me, ouvindo Liv e Dallas discutirem nas minha costas.

– Nada de namoradas? Não posso dizer à Clay que ela não pode vir, Dallas.

– Ela não pode vir!

– Queremos-te só para nós durante um bocado – indica Trace.

– *Blegh*, está bem.

Abano-me com uma gargalhada e saio de casa. Encaminho-me para o anexo, calço as luvas e olho para Santos.

– A irmã da tua mulher… – digo. – Quando as paredes estiverem prontas a pintar, chama-a.

Ele sorri e eu começo a trepar pelos andaimes.

*

Descemos as escadas.

As botas dos meus irmãos raspam os degraus de betão atrás de mim, ao atravessarmos a porta preta não identificada. Inclino a cabeça e contorço o pescoço.

Decorreu uma semana.

Garrett Ames pretende que respondamos à sua proposta de aquisição dos terrenos da Baía de Sanoa.

E ele só aceita conversar no seu território.

A Sala Wolfe.

Trata-se de um espaço de reuniões secreto e subterrâneo, onde decorrem as verdadeiras festas do clube de campo Fox Hill. Fica no nível inferior da casa do clube, mas quem passe pela entrada, no campo de golfe, assumirá que se destina à criadagem. Ou a arrumações. Poucos membros – ou respetivas famílias – sabem o que acontece ali dentro.

Mas Liv sabe. Army não queria que viesse connosco, depois de Milo Price e Callum Ames a terem tentado magoar, ali dentro, na primavera passada, mas desta vez está acompanhada por nós.

E Milo Price ficou com uma cicatriz. Por ora.

Ambos irão pagá-las. Ainda não o sabem.

Bato à porta duas vezes e, no mesmo número de segundos, esta abre-se.

Garrett Ames acolhe-nos com um sorriso. Delicodoce. Como cuspo misturado com açúcar.

– Entrem, por favor.

Desvia-se para nos dar espaço, e eu olho de relance para Jerome Watson e outro homem, sentados numa mesa com cinco lugares. Este é vagamente familiar, mas antes de conseguir reconhecê-lo, Garrett adianta-se.

– Estou espantado por terem concordado em nos reunirmos aqui.

– Bem – comenta Trace –, queríamos ver isto por dentro.

E depois começa a olhar em volta, com ar embasbacado, como se tivéssemos vontade de jogar golfe, um dia, bastando para tal sermos poupadinhos.

– Ena – arrulha.

Contenho o meu sorriso, embora me sinta orgulhoso.

– Lamentamos o atraso – pouso o capacete na mesa-redonda e ocupo um dos lugares vagos. – Fomos dar uma volta para espairecer.

Jerome Watson observa-me com ar divertido.

– Todos os Seis da Tryst? Ah, não. Esqueci-me de que só restam cinco.

Por enquanto, cabrão.

Os meus irmãos puxam cadeiras ao longo da sala, e embora me sinta tentado a apreciar demoradamente este lugar infame em pessoa, retraio-me. Não precisam de outro indício de que nunca aqui estive, pois sabem-no bem.

– Vamos despachar o assunto – Army escolhe uma cadeira, desabotoa o casaco do fato e senta-se. – Os mercados estão prestes a abrir em Tóquio e preciso de fazer chamadas.

Nunca reparei no cheiro do cabedal dos casacos Jaeger, todos juntos – o meu, o de Army, o de Dallas, que usa o de Iron, e o de Liv, vestindo um que já me pertenceu (Trace prefere sempre *T-shirt*) –, mas sinto-o nitidamente. Os músculos dos meus braços têm três metros de grossura.

Um assistente mantém-se junto à parede, atrás de Ames, mãos unidas à frente do corpo, pronto a servir uma bebida ou puxar uma cadeira.

Olho de relance para a outra pessoa na mesa, e o meu pulso intensifica-se um nível.

Lachlan Conroy.

Sabia quem era o pai de Krisjen, mas devia tê-lo reconhecido.

Ela herdou os olhos dele. O que fará aqui?

– O negócio continua em cima da mesa – começa Ames, e demoro um minuto a trazer o olhar de volta ao assunto entre mãos. – Duzentos acres, sabem o que me disponho a pagar – declara. – Estou a ser simpático, porque assim é mais rápido do que ir através do governo, mas posso sempre usar a via governamental.

Não tenho autoridade para vender a terra. Pertence a vários residentes da Baía de Sanoa. Mas sou o diretor da assembleia comunitária, bem como a causa de não terem vendido ainda as propriedades. Tenho forma de os persuadir.

Ou dissuadir.

Examino a cicatriz que ostenta no maxilar. Um sulco com três linhas. Como uma estrela cadente. É indistinta. Não é o primeiro pormenor que se nota nele quando o conhecemos, mas já me tinham contado.

Os olhos dele reluzem.

– Hei de consegui-lo, Macon.

– Pelo triplo do preço que me ofereceu.

– O que ofereço para vos pagar é o dobro do que irão dar-vos quando o governo se apoderar das terras.

Ele tem razão. Sabe-o, e sabe que eu sei.

Desvio a vista para o lado, mas perscruto o canto da sala, no cimo, junto ao teto. A lente de fibra ótica escondida nos chifres do veado. Grava tudo.

E a julgar pelo que se passou nesta sala ontem à noite, desconfio que não sabem da sua existência.

– Essa cicatriz no seu maxilar – tamborilo os dedos sobre a mesa. – Tenho a mesma cicatriz. Uma marca deixada pelo anel do meu pai, quando nos batia.

Army mexe-se na cadeira à minha direita, e vejo-o olhar para mim. Nenhum deles sabe como obtive a minha. Tenho várias marcas. Tal como toda a gente.

– Comigo foi um acidente – digo a Ames. – Estávamos ambos irritados, dei-lhe o primeiro murro, mas não há muita gente com essa marca. O que aconteceu, para o seu pai lhe fazer isso? – inclino a cabeça. – Ele não era tipicamente violento.

O meu pai bateu-me duas vezes na vida e em ambas as vezes foi em defesa própria. Esqueceu-se, naquele dia, que usava o anel.

Ames encara-me inexpressivamente.

– Fazemos negócio?

– Foi por causa da minha mãe? – insisto. – Quando eu tinha dois anos, ela serviu como criada na casa dos seus pais durante um período, estou certo?

A respiração de Dallas torna-se mais pesada, atrás de mim.

Prossigo:

– O meu pai contou-me que uma noite, ela chegou a casa e não quis voltar a trabalhar para vocês. O que foi que você lhe fez?

Liv salta disparada da cadeira, mas estico o braço e puxo-a para baixo.

– Tentou aproveitar-se dela, não foi? – digo. – E conseguiu?

Sinto a irritação emanar de Army e Trace, e ouço os nós dos dedos de Liv estalarem. Ames tentou meter-se com a nossa mãe, e o filho, Callum, tentou o mesmo, com a nossa irmã em abril passado.

– Se tivesse conseguido – digo-lhe –, suspeito que hoje, não estaria tão zangado.

Desde sempre que é um empecilho para nós.

– O Callum tem também um gostinho pelo outro lado da vila – pigarreio. – É o seu herdeiro, estou certo?

Os olhos dele perfuram-me como um predador.

– O seu filho *único* – digo. – Correto?

Não está correto. Ele tem outro filho. Um, pelo menos. Seria um grande problema para Garrett Ames se Callum descobrisse este facto.

Mas antes de Ames poder reagir, ouvem-se pancadas na porta.

Fico tenso. Santos ficou no exterior. A um grito de distância, se precisarmos.

O anfitrião atravessa a sala e abre a porta. Jerome Watson ergue-se da cadeira, mesmo antes de eu olhar.

– Krisjen – exclama.

Viro os olhos por cima do ombro, vendo-a pela primeira vez desde há dias.

Vidro. Ela tinha o mesmo ar no ano passado, quando andava na escola com Liv? Usa uma saia preta de ténis e uma camisa a condizer, justa e sem mangas. Aprecio cada centímetro de pele dourada do pescoço, braços e coxas. Estive ali, em todas as suas partes. Há meros dias.

O que faz ela aqui?

– Trouxe roupa de golfe – observa Watson.

O olhar dela encontra o meu, mas continua, como se não me reconhecesse.

– Gosto de jogos noturnos – diz-lhe ela.

Ele indica-lhe uma cadeira.

– Também eu.

Ela não ocupa o lugar que lhe é oferecido, e eu tento não olhar para ele com ar carrancudo. Ter-me-á convidado por saber que ela ia aparecer?

Liv olha em volta, e noto – tal como eu – que procura entender o que se está a passar.

– Krisjen… – começa o pai dela.

Mas ela interrompe-o.

– Já falo contigo.

Coloca-se diante da mesa, dirigindo-se apenas a Watson.

– Quero um quarto só para mim.

Fico imóvel. *Que merda é esta?*

– Até estar preparada para partilhar o teu – diz-lhe ela.

Uma tonelada abate-se sobre o meu peito, mas não tiro a vista da mesa. Jerome sabia que iria encontrar um de nós, hoje, e decidiu matar dois coelhos com uma cajadada. Queria que eu assistisse a isto.

Liv endireita-se.

– Krisjen, o que estás a fazer?

Krisjen não reage.

Jerome Watson não parece nada perturbado.

– E que mais? – pergunta.

– Os meus dois irmãos acompanham-me.

– O quê? – manifesta-se o pai dela. – Onde está a tua mãe?

Mas ninguém lhe responde. A minha cabeça está às voltas.

– A tua irmã – diz-lhe Jerome. – O teu irmão já devia andar na escola, com a idade dele.

– Mas o que se passa aqui? – vocifera o pai.

Boa pergunta. Krisjen percebeu que tem melhores alternativas para o seu futuro. Não devia importar-me. Ela nunca mentiu. Sabia que havia de ceder.

– Porque é que eu ainda havia de querer-te? – pergunta-lhe Watson, subitamente fazendo-se difícil.

Ele pode não saber que ela fodeu Army e Iron, mas sabe que andou com Trace. O meu estômago revira-se, cheio de nós.

Ela que se foda.

Reteso o maxilar antes de falar.

– Quer te cases ou não com ela – digo-lhe –, devias provar o material. Confia em mim.

Ficando assim a saber que também a possuí.

O pai dela esmurra uma vez a mesa, e Dallas ri-se em surdina. Krisjen não se mexe.

Levanto-me, pegando no capacete, e os meus irmãos imitam-me. Que se lixe. Eu não pretendia dar nada a Ames, mas agora será a guerra. Hão de todos sofrer.

– Hei de ter a terra – diz Ames, avisando-me, antes que eu saia.

– Então será a mal – aviso numa voz baixa. – Apetece-me uma briga. Uma briga demorada, estridente e dispendiosa.

– Pode haver perdas.

– Se não te importares de perder – digo-lhe.

Trace ri-se, e Dallas estica os braços no ar.

– Ah, isto vai ser divertido.

Dou um pontapé na cadeira, ouvindo-a tombar atrás de mim.

– E a bolsa de Tóquio está fechada hoje – informo Ames ao sair. – É sábado no Japão.

31
Krisjen

FICO contente por ele ter partido sem demoras.

É com esforço que evito contemplá-lo quando passa por mim. Absorvendo o facto de que será a última vez que o vejo, sabe-se lá por quanto tempo.

Mas hei de vê-lo. Talvez num semáforo daqui a um ano. Nas redes sociais de Liv quando ela estiver em casa, no próximo verão. Talvez ele tenha um filho, um dia, e eu também, e o encontre do outro lado do campo, quando ambos os rapazes jogarem em equipas contrárias.

Mas hei de vê-lo. Ele ainda não chegou ao seu fim, e isso satisfaz-me. Satisfaz-me ter essa noção.

Mas continuo a sentir as minhas entranhas a sangrar.

Suspiro, ouço a porta fechar-se, e olho para o meu pai.

– Vais criar os miúdos? – pergunto-lhe. – Com a tua namorada?

Ele levanta o queixo, evidentemente desconfortável por discutir o assunto diante dos colegas. Mas não temos nada para discutir.

– Eles ficam comigo – informo-o, tirando o cheque de um molhe que encontrei na sua secretária. – Diz que sim.

– Precisamos de falar.

– Falaremos – pouso o cheque, já preenchido, em cima da mesa. – Diz que sim.

Ele inspira e expira três vezes, e depois anui uma vez, discretamente.

Até pode querer compensar-me a mim e a Paisleigh, assim que tenha voltado a casar e montar casa nova, mas não acredita que Mars seja seu, e não me interessa, porque não vou argumentar. Ou nos inclui a todos, ou nada feito.

Deslizo o cheque na direção dele.

– E paga-lhe para ela não te chatear.

Ele baixa a vista para o cheque, avaliando o valor considerável, mas justo, que escrevi. Ela não vai aceitar menos do que aquilo.

– Deixei-lhe a casa para que a vendesse – afirma.

– A casa em que vivem os teus filhos? – riposto. – Vai-te foder.

Garrett Ames solta um risinho e depois toma um gole do uísque.

– Krisjen, que modos são esses? – rosna o meu pai num quase sussurro.

Ficou embaraçado.

Não recuo.

– Tira a tua *Montblanc* – ordeno-lhe.

Tira a porra da tua caneta e assina o cheque e acaba-se isto. Ficará livre.

Ele não interrompe o contacto ocular até tirar a caneta e começar a assinar.

Atira-o para mim, e eu pego no telemóvel, inicio sessão na minha conta bancária e fotografo o cheque, para o depositar de imediato.

Guardo o cheque e o telemóvel.

– Se for careca, o próximo será maior.

Ele flete o maxilar, mas não abre a boca, guardando a caneta no bolso do peito.

– Pede ao teu advogado que prepare a papelada – digo-lhe. – E trá-la quando vieres visitar os teus filhos no sábado. Garanto que ela os vai assinar num instante.

– Krisjen.

– Sai, por favor – peço.

E eu levanto os olhos para a parede atrás dele, tendo a conversa acabado. Dois já estão, falta um.

Abotoando o casaco do fato, ele sai e bate a porta com força.

Jerome faz um trejeito de reprovação.

– Pensava que fosse mais simpático.

Inclino a cabeça.

– Vocês são mesmo umas peças.

Ele ri-se, mas eu não.

– Porquê a mudança de opinião? – pergunta.

– Bem, eu não vou para a faculdade.

Tiro mais um artigo do bolso da saia e adianto-me.

– E prometo-te que terás tudo aquilo por que pagaste – digo-lhe, colocando a chave sobre a mesa. – Com mais uma condição.

Jerome estica a mão para a apanhar.

– E qual é?

Afasto-a dele.

– Não é para ti – e empurro-a para Garrett Ames –, mas para si.

Ele pega nela e vira-a, examinando-a.

– E o que abre esta chave, minha menina?

*

VOU-ME embora rapidamente, receando que tentem obrigar-me a ficar. Conheço as histórias, ouvi falar das partilhas entre os adultos. Nunca perguntei à minha mãe, e não perguntarei a Clay se desconfia que os pais participavam nessas coisas. Eu não quero saber.

Não quero envolver-me nisso.

Os adultos…

Como se agora não pertencesse também ao grupo.

O meu plano funcionou às mil maravilhas. O vento soprou-me de feição. As lágrimas enchem-me os olhos, não obstante as vitórias.

Ele foi-se embora. Sem pestanejar. Deixou-me ali sozinha. Com aqueles homens. *Naquela* sala. Céus…

Desço o acesso em direção ao *Rover*, mal notando as pessoas no campo de golfe.

– Krisjen! – ouço um grito.

Olho para a direita; uma multidão de jogadores de golfe noturnos está reunida a menos de cem metros de distância, e uma pessoa agita o taco no ar. Parece-me ser Clay. Mas Liv juntou-se a ela?

Vesti-me para jogar no evento bianual de angariação de fundos – quanto mais não seja, serviria de desculpa para sair da reunião, caso Jerome tentasse reter-me –, mas só me apetece voltar para casa. Preciso de pensar.

Sei que fiz o que era correto. Certo? É o correto. É uma treta, mas é correto. Ele agora estará seguro.

De repente, encontra-se aqui.

Diante de mim. Avançando na minha direção, assim que me aproximo do carro.

– Ele tem dinheiro suficiente para ti? – pergunta Macon, subindo a inclinação do acesso, vindo até mim.

Não se foi embora. Não pestanejo, mas sinto as lágrimas no peito. *Ele ficou.*

– Estás com bom aspeto – murmuro.

É verdade. As olheiras mantêm-se, mas estão mais débeis. Tem dormido de noite.

Mal tinha entrado no acesso e avistado as motas estacionadas, fiquei nervosa, mas também alegre por o encontrar em cima da sua. Ao lado da família.

Ele detém-se quando me alcança, o corpo encostando-se ao meu ao observar-me.

– Quantos metros quadrados te prometeu ele?

Céus, adoro aqueles olhos. Todos reparam nos olhos verdes dos irmãos, mas os de Macon fazem-me sentir que estou abrigada numa cabana, no meio da floresta, debaixo de uma manta, e chove lá fora. Qual memória, mesmo que não o seja. Nunca estive numa cabana.

– Vocês trouxeram as motas – comento, incapaz de conter um sorrisinho. Ainda bem que ele começou a sair. Tem um ar forte.

– Ele também tem irmãos? – pergunta.

Treme-me o queixo. Ele tem tão bom ar.

– Não sei – admito. – Mas não quererá que mais ninguém me toque. Pelo menos por enquanto. Até…

Ele encosta a testa à minha.

– Até? – arqueja.

Mas já percebeu.

Agarrando-me com ambas as mãos, ergue-me e força-me contra a árvore. Envolvo-o com as pernas.

– Que rumor a meu respeito era aquele, que disseste ter ouvido? – sussurra ele por cima do meu maxilar. – Que fazia filhos a torto e a direito?

Seguro-lhe no rosto com as mãos.

– Amo-te.

O cheiro dele enche-me a cabeça, e fecho os olhos, o meu cabelo é uma cortina entre nós.

– Podias trazer um dos nossos na barriga, agora mesmo – diz ele, a boca dele pairando sobre a minha. – Afinal, eu e os meus irmãos divertimo-nos muito contigo.

Roço o nariz no dele.

– Amo-te – murmuro.

– Ele vai usar-te até não poder mais.

Beijo-o com doçura nos lábios, e sinto o corpo dele tremer sob as minhas mãos.

– Amo-te.

– Seria o pai de todos os teus filhos – murmura.

Pressiono os lábios contra a sua testa, traçando beijos pela têmpora abaixo, até ao canto da boca.

– Convoca-me, quando te apetecer tê-los – Macon respira com força, enterrando os dedos na base das minhas coxas. – Farei o que for preciso, com gosto.

Inclinando-se, beija-me a testa, pousa-me no chão e deixa-me ali.

– Amo-te – digo em silêncio quando ele já não está.

32
Macon

VASCULHO a cozinha do Mariette's e Aracely acompanha-me de perto.

– Quando é que muda a ementa?

– Janeiro.

Percorro o inventário, conferindo os números e o custo.

– Estás a receber pedidos?

– Já estão tratados – afirma.

Estico o braço, passando-lhe os documentos. Ela devia ter-me perguntado, antes de desatar a comprar uma data de tretas que não sabia se eu aprovaria.

Mas não foi para isso que a contratei? Para tomar a iniciativa?

E não perdeu tempo. Nos dois últimos dias, alterou a ementa do restaurante, mudou as contas para um novo sistema a que consigo aceder através de qualquer dispositivo, e contratou uma nova empregada. Para substituir Krisjen.

Atravesso a porta das traseiras do restaurante vazio, o ar da noite está frio e repleto de música.

– Também tenciono falar com a Mariette sobre aumentar as horas do expediente, a partir da primavera – diz nas minhas costas.

– Conforme quiseres.

Ficarmos abertos mais tempo custará mais dinheiro, e precisaremos de mais funcionários, mas veremos se ela consegue fazer com que compense. Ao final do primeiro mês, saberei.

Desaparece algures, e eu olho em volta, vendo Torres encaminhando-se para o bar com o braço em volta da esposa.

– Macon, entra! – chama.

Lanço-lhe um olhar zangado, fazendo-o rir-se e entrar no bar. Nunca me diverti nos bares. Ele sabe bem disso.

Se entrar, irei embebedar-me. E as saudades dela serão intoleráveis.

Gabriela Minor pontapeia uma bola de futebol ao longo da rua com a maninha de seis anos. Paro, verificando a hora no telemóvel.

Passou das dez. Olho para ela. Ela olha para mim.

Depois bate as palmas.

– Pronto, hora de dormir! – diz à maninha.

Pega na mão da miúda e ajuda-a a trazer a bola para casa aos pontapés. Eu também me desloco para a minha.

Devia ter orgulho nela. Sei que é uma treta ter de fazer de ama toda a noite enquanto a mãe trabalha, e que aos catorze anos só queremos enfiar os putos na cama para vermos TV em paz. Ela brinca com a irmã como eu nunca fiz com os meus irmãos. É boa rapariga.

Ouço a música antes sequer de entrar no *hall*, mas logo que entro desligo a *playlist* da TV e atiro o comando para a mesa. Trace endireita-se no sofá, e desconfio que tem uma rapariga de cada lado, mas não olho.

– Vão para a piscina – digo-lhes.

Rumo para a cozinha e Dallas sai acompanhado mal entro. Não vejo Army. Deve estar no piso superior com Dex.

Enchendo um copo com água, emborco-o, volto a encher, bebo mais.

As luzes da piscina, vistas pela janela, brilham debaixo da água, e há quem se atire ali para dentro, sem hesitar, as cadeiras de lona enchendo-se rapidamente ao mesmo tempo que a casa se esvazia.

Este é o momento do dia que costumava adorar. A família na cama. A casa tranquila. O mundo na cama. O mundo tranquilo.

Parece que foi há uma eternidade, quando ela enfiava os pijamas e agarrava a almofada, mas não a usaria. A almofada dela seria eu, nas noites em que dormia no meu quarto.

Alguém entra na cozinha, o reflexo assombrando o meu na janela.

Viro a cabeça e descubro Summer, uma empregada do Mariette’s. Treinada por Krisjen. Loira, vinte e poucos anos, pernas compridas e bronzeadas com calções, os pés em patins. Olho para baixo, o coração a bater no peito.

– Eu procurei a Krisjen para os devolver, mas servem-me – roda os pés para trás e para a frente, sustendo-se na bancada atrás dela. – Devíamos todas usá-los.

O braço dela roça no meu e a vista está repleta de fervor, observando-me, expectante.

Lambe os lábios e inclina a cabeça, e se eu não lhe fitar a cara, quase podia jurar que é Krisjen. A mesma pele linda. As mesmas coxas tonificadas.

Engulo o resto da água num único gole e saio, subindo as escadas e abrindo a minha porta. Antes de conseguir fechá-la, ouço Van Morrison a tocar no quarto de Army. Significa que está a embalar Dex para o adormecer.

Deixando a luz desligada, abro o chuveiro e baixo as calças até ao chão. Entro no duche, lavo corpo e cabelo, vergando a cabeça sob o jorro de água, deixando que o calor deslize pelas costas.

Amo-te.

Assento o antebraço na parede do duche, inclinando a cabeça. Ainda sou capaz de sentir o murmúrio contra a minha boca. Ela não parou de repetir, roçando os lábios nos meus.

Sentirei falta daquilo. Mais do que do resto. Dos beijos dela. Instintivamente, abro a boca, sentindo a língua dela que procura entrar, como se estivesse presente.

Viro para baixo a manivela da torneira, preparado para introduzir a água fria, como é meu hábito no final de cada duche, porque o frio expurga todos os pensamentos da minha cabeça, mas não consigo abri-la. Obrigo-me a fazê-lo, mas a temperatura quente está perfeita. Ela encontra-se aqui, o local em que é suposto estar. Até sinto o seu sorriso contra a minha boca.

Acabo por fechar a água, envolver uma tolha à cintura e dirigir-me para a cama. Largo um rasto de água por onde passo, atento à música da piscina. Sento-me na beira e deixo cair a cabeça nas mãos, odiando sentir este desejo tão intenso por ela. Odiando a ânsia no peito, a dor no coração.

Amo-te.

Porra, ela não parava de dizer aquilo.

Ardem-me os olhos, e, portanto, cerro-os, sem reparar que a porta se encontra aberta até a luz entrar pelo corredor. Olho fixamente para um par de patins brancos com rodas cor de laranja, e quando ela se posiciona diante de mim, faço deslizar as mãos por aquelas pernas macias. O toque dela pousa na minha nuca e sobe, e encosto o cimo da cabeça naquelas coxas.

Amo-te.

Continuou a dizer aquilo como se não tivesse concordado em pertencer-lhe, a ele, poucos minutos antes. Será que ela me quer? Será que me quer, mesmo depois de tudo o que lhe fiz?

Roço as pontas dos dedos pelas pernas dela, subindo, ouvindo a respiração tornar-se profunda e soltar um pequeno gemido.

Levanto a perna de Summer, e depois a outra, tirando-lhe os patins e segurando-os nas mãos.

– Sai – digo-lhe.

Ela permanece parada, à espera, mas não lhe olho para a cara. Devia deixá-la ficar. Os meus irmãos não a expulsariam dos quartos, mas eu não consigo ver ninguém na minha cama, sem ser Krisjen. Ainda não.

Não me apercebo de que Summer tenha partido, mas o quarto volta a ficar escuro, e eu contemplo os patins.

Krisjen não me deseja. Quer foder-me. Por dentro e por fora.

Seguro um patim em cada mão.

– Descobriste novas formas de me destroçares.

Uno os patins com um laço nos atacadores e pouso-os ao lado da porta. Arrancando a toalha, puxo os cobertores da cama para me deitar, mas um ruído intermitente surge no exterior e eu paro. É o aviso que fazem os camiões grandes durante a marcha à ré.

Afastando a cortina, estico o pescoço, mas só consigo ver as pessoas à volta da piscina a apreciarem a música. Trace atravessa o deque, olhando na direção da rua como se tivesse descoberto alguma coisa.

Em menos de um minuto, visto calças de ganga e desço as escadas a correr, e depois calço sapatos. Ao abrir a porta, encontro imediatamente trabalhadores a colocar sinais e cones. No camião, está escrito *Departamento de Transportes*.

– Foda-se, o que foi agora? – murmuro, saindo para a rua.

Avanço pela estrada, enfiando a *T-shirt* pela cabeça e aproximando-me de um dos tipos com uma camisa amarelo fluorescente. Pelo canto do olho, reparo que Trace e Liv também se encaminham para aqui.

– O que é isto? – pergunto.

O operário olha para mim, com a cara cheia de terra, pois deve vir de outra obra. Aponta para um segundo homem, e eu dirijo-me para este.

O tipo usa um colete amarelo por cima de uma camisa de mangas compridas azul-ultravioleta.

– O que é isto? – repito. – O que está a acontecer?

Ele vira-se para mim.

– Peço desculpa pelo ruído – diz-me, apontando para outro operário. – Não demoraremos. Prometo. Só estamos a trazer material para o início da manhã.

Manhã? O quê?

– Acontece que começamos bem cedo – explica, por cima do motor da carrinha. – Por volta das cinco horas.

Olho de relance para Trace e depois para Dallas. Ambos retribuem com uma expressão vazia

– O horário é este – diz o homem, atirando-me um maço de papéis.

Folheio-os, notando que são todos iguais. Para distribuir e afixar, possivelmente.

Leio por alto o aviso. *Construção de via*. Avenida Atlantic View, Estrada de Bay Hawk, Seminole Point, e Seascape Court. Durante as duas próximas semanas. Encerramento da rodovia.

Estão a asfaltar a estrada.

– As ruas têm de estar desimpedidas – explica o homem –, incluindo o parque de estacionamento, amanhã. – Aponta para o Mariette's. – Sei que é uma chatice, mas iremos despachar-nos. Não seremos um incómodo demorado.

– Então, passámos seis anos a fazer petições à câmara municipal, de repente, sem aviso, isto vai ser feito?

– Nunca sei antecipadamente para onde me mandarão, caro senhor – ele começa a seguir os colegas, que colocam cones para desviar o trânsito. – Alguém intercedeu em seu favor.

Troco um olhar com Clay, que se encontra ao lado de Liv.

– Foi o teu pai? – pergunto-lhe.

Ela abana a cabeça, mas está nervosa.

– Vemo-nos ao raiar do dia – berra o tipo, acenando e continuando a trabalhar.

A carrinha dá uma volta, virando para a direita, em direção a Bay Hawk, e eu preciso de saber se vamos ter passeios, sinais de trânsito, iluminação pública…

Isto não é coincidência.

Aproximo-me dos meus irmãos, o ruído da carrinha desvanecendo-se.

– O que foi que ela fez?

Encaram-me, Dallas e Trace entreolhando-se, e não sei quem saberá o quê, mas alguém deve saber alguma coisa.

– Ela ofereceu a casa em troca – responde, por fim, Clay. – O Garrett Ames não nos incomodará durante os próximos cinco anos.

Não incomodará? Não travará as minhas tentativas de obter estradas nem tentará roubar-me as terras?

Durante cinco anos?

Semicerro os olhos.

– E o que é suposto que eu faça, durante esses cinco anos?

Ela encolhe ligeiramente os ombros.

– Encontra uma forma de a terra ser mais valiosa para o governo do que o destino que o Garrett Ames lhe ia dar – diz. – Ela ganhou-vos tempo.

Não faz sentido.

– Ele desistiu de um negócio de nove algarismos em troca da casa?

– Não – mas é Liv quem responde, agora. – Caso contrário, a Krisjen iria dar-nos *a nós* a casa. E nós podíamos usá-la para um montão de atividades que fariam baixar os valores das casas no bairro.

As minhas ideias andam às voltas. *Sim, podíamos*. Ele não quereria que fôssemos donos de casas em St. Carmen.

– E o Jerome Watson fica com Krisjen – acrescenta Liv.

Olho para os documentos na mão, amarrotando as pontas no punho fechado.

– Ela não tem de se vender a ele – diz Clay. – Os pais esconderam alguns bens em nome dela. E Krisjen tem estado a liquidá-los. Jamais se venderia a ele pelo dinheiro.

Engulo o nó na garganta.

– Mas faria qualquer coisa por ti – murmura-me Trace.

Não é dito em tom acusatório, mas é o que sinto.

Sempre quis estradas para esta gente, toda a minha vida. Até supliquei, mas não aceito obtê-las desta forma. Ela não pode simplesmente aparecer e salvar-nos. Essa missão cumpre-me a mim.

Tenho de falar com ela.

Poucos minutos depois, a minha família regressou à festa, e já atravessei novamente a linha de caminho de ferro. O portão da casa dela está aberto, mas não me interrogo o motivo. Acelerando o passo, descubro uma carrinha grande diante da casa, indicando *Mudanças Bayside*.

Clay não brincou. Ela doou a casa.

As janelas estão escuras e a carrinha foi fechada e trancada durante a noite, mas a rampa está descida. Ainda estão a tirar a mobília. Ainda posso travar isto.

Esmurro a porta vezes sem conta. Vá lá.

Ninguém aparece. Onde estará ela?

E as crianças?

Volto a bater, mas não há resposta. Não está ninguém em casa.

Tiro o telemóvel e marco um dos muito números que jurei nunca mais voltar a contactar.

– Está? – atende Cara Conroy.

Caminho de novo para a carrinha.

– Estás na vila?

Ela hesita, e pode ter perdido o meu número, mas identifica-me pela voz.

– Não estou longe. Porquê?

– Two Locks – digo-lhe. – Daqui a uma hora.

33
Krisjen

Porque é que não acerto? Tudo o que faço, corre mal.

E já tentei seguir a receita várias vezes.

Espeto o dedo no interior e levo-o à boca, chupando o recheio. Nem sequer se aproxima da tarte de lima do Mariette's. Mas que raio é que ela usa?

Pego no caderno em que ela escreveu a receita e leio-a atentamente. É falsa. Só pode ser. Eu também guardaria o segredo para mim.

Junto mais sumo de lima e mexo.

– Estás a ouvir-me? – pergunta Clay. – Não podes ir em frente com isto.

Está sentada na ilha da cozinha da nova casa de praia da mãe, a ver-me cozinhar. Passei aqui dois dias com Mars e Paisleigh, enquanto procuro um lugar mais modesto. Não se deveu à necessidade de abandonar a casa, mas, realmente, nunca foi um lar. Ao contrário da casinha que Trace nos mostrou, daquela vez. Quero que vivam num sítio como aquele.

Raspo o recheio com o dedo, voltando a provar. Os nervos do meu maxilar arrebitam-se e encolho os ombros. Pelo menos tem mais vigor. Verto sumo.

– Krisjen!

Olho para cima e recomeço a mexer.

– Ele não me ama – digo-lhe.

Já lhe confessei várias vezes, e ele não retribuiu uma única vez.

– É o que tu julgas? – riposta ela. – Então não havia de te amar?

– Não sabes tudo, Clay – despejo o recheio num molde de tarte. – Ele não precisa de mim. Estou em dívida para com ele.

– Krisjen…

Mas o meu telemóvel toca, e pouso rapidamente a tigela na bancada, grata pela interrupção.

– Está? – atendo de imediato.

– Olá, sou eu – diz Bateman. – Os miúdos não chegaram a aparecer na casa dos teus avós.

– O quê?

Afasto-me da tarte, conferindo o relógio na parede. São quase sete horas. Há quatro horas que terminaram as aulas. Mars enviou-me um SMS a informar que tinham chegado.

– A tua avó não estranhou – continua ele. – Tratando-se dos teus pais, julgou que tivesse havido um mal-entendido, mas encontrei os trabalhos de casa da Paisleigh no meu carro e liguei-lhe para saber se podia passar por casa e entregá-los. Ela tem de fazê-los para segunda-feira. Foi aí que percebemos que ninguém sabia onde estão os miúdos.

Enfio os pés nas sandálias e agarro nas chaves.

– Ligaste aos meus pais?

– Aos dois – responde. – O teu pai não atende e a tua mãe disse… que estão na Baía.

– O quê? – solto, sentindo o olhar de Clay fixo em mim. – Porque haviam de estar…

– Não sei – diz ele, parecendo ofegante. – Queres que chame alguém?

Enfio a bolsa por cima da cabeça e indico a Clay:

– Tenho de ir.

Atravesso a porta de tela, descendo os degraus do alpendre a correr.

– Ainda não – digo-lhe. – Mas mantém o telemóvel por perto, caso precise de falar contigo.

– Tenho de desligar. Informa-me quando os encontrares.

– Adeus – e desligo.

O que fazem os miúdos na Baía? E como é que a minha mãe sabe?

O que se está a passar?

Entro apressadamente no carro, o céu negro sem estrelas visíveis. O ar denso atravessa as janelas abertas, mas deixo o cabelo esvoaçar-me contra o rosto, ocupada a tentar telefonar enquanto rumo para a Baía.

Mars não atende. A mãe não atende. Hesito, ponderando se ligo para Army. Não quero lidar com Macon.

Embora acabe por ligar-lhe.

O telemóvel toca e toca. Não há atendedor automático.

Acorro para a Baía, o trovão deslizando pelo céu, enquanto ligo a Mars e à minha mãe incessantemente.

Vejo um clarão de faróis, e olho pelo espelho retrovisor, descobrindo um carro atrás de mim. Abrando, vendo-os aproximarem-se até ficarem a par com o meu carro, e reconheço a *pick-up* de Army. Solto a respiração, mais aliviada.

Ele estica o queixo, como sinal, e eu paro na berma. Ele imita-me, estacionando à minha frente.

Army salta da carrinha e avança para mim, inclinando-se pela janela aberta.

– Ia buscar-te.

– Onde estão o Mars e a Paisleigh?

– Levo-te até eles.

Semicerro as pálpebras.

O olhar dele percorre-me o corpo, mas com um ar paternalista e não lúbrico.

– Segue-me – indica.

Abro a boca para responder, mas volto a fechá-la. Só preciso de encontrar os meus irmãos, e logo me preocupo em descobrir o que se passa.

Vejo-o entrar na carrinha, que não tem outros ocupantes visíveis, e hesito apenas um instante quando ele acelera.

Acompanho a traseira da viatura, e depois viro para a direita, mas em vez de continuar para a Baía, ele vira à esquerda. Entra na marina, desacelerando por causa das lombas. Sigo-o, o coração batendo com mais força. Está algo errado. Eles não se encontram aqui. O que fariam neste lugar?

Para num canto, e eu estaciono ao lado, desligando o motor e saindo num ápice.

Ele espera por mim junto à caixa aberta da carrinha.

Olho para um lado e para o outro, escuto os barcos a balançarem na água, o peso sólido do ar.

– Army…

– Está tudo bem – afirma. – Os miúdos estão a salvo.

Sigo-o pelo passadiço, entrando na doca, passando por barcos desportivos e iates, e parando diante de um barco de pesca em alto-mar. Ele sobe para o convés, e estica-me a mão para me suster. Olho para o lado, mas não vejo ninguém dentro da cabina.

Ignoro a mão dele e salto para o barco, passo por Army e abro a porta deslizante.

Paro.

Vários homens enchem a sala de estar, e olho em volta, reconhecendo a maioria deles, no instante em que viram as cabeças para mim.

Jerome Watson. Garrett Ames. Um advogado que se chama Stewart Cole.

Trace. Dallas.

Macon encontra-se no centro, usando um fato escuro com uma camisa azul-marinho e gravata preta. Tem os braços cruzados ao peito.

– Ficas com a casa – diz ele.

Mas não se dirige a mim.

Está a falar com Garrett Ames.

– Cinco anos são meus – continua. – Quando terminar o prazo, se a terra não se tiver valorizado em trezentos por cento sobre a vossa oferta inicial, é vossa. Sem condições.

Entro a correr.

– Não.

Mas prosseguem como se eu não estivesse ali.

– Repita isso – exige Garrett, apontando para todos os presentes. – Repita diante de todos nós.

– *Sem* condições – repete Macon.

Mas que porra? Ele faz ideia do trabalho que tive para o proteger?

Macon transita o olhar para Jerome Watson.

– Para de olhar para ela.

Olho de relance, notando que Jerome desvia a vista.

Garrett Ames estende a mão, e Macon aperta-a, embora o gesto não seja amigável. Ambos sabem que Macon não faltará à sua palavra. Garrett só quer garantir que os restantes são testemunhas.

Um segundo depois, partiram, deixando apenas os Jaeger ainda no barco.

Vou ao encontro de Macon.

– O que fizeste tu?

– Comprei-te de volta – vira-me o queixo para cima. – Não estavas à venda.

Abano a cabeça. Ele tirou-me do negócio, mas envolveu todos os habitantes da Baía em troca. Porque é que o fez? Cinco anos para valorizar a terra é obra, mas pode não bastar. E se não for capaz? Eu não valho isso.

– Onde estão os meus irmãos? – pergunto.

Ele pega num cigarro e isqueiro.

– A fazer as camas novas e a decorarem o novo quarto.

O estúdio de arte da mãe…

Recuo em direção às portas.

– Vou levá-los para casa.

– Em casa estão eles – acende o cigarro. – Tenho uma procuração. E tu?

– O quê? – exalo.

Procuração. Só podia tê-la obtido junto dos meus pais.

Faz deslizar um documento pela mesinha de apoio. Adianto-me, pego nele e leio-o enquanto aguarda.

A minha mãe é a outorgante. Cedeu-lhe autorização para atuar em nome de Mars e Paisleigh na sua ausência. Não significa que a custódia lhe pertença, mas Macon detém mais poder do que eu. Ainda não consegui legalizar esta situação com os meus pais.

– Paguei bastante por ti – murmura. – Vem cá.

Quanto dinheiro é que ele lhe pagou por isto? Sem falar no que lhe dei, do valor que obtive do meu pai. A mãe deve estar muito confortável neste momento.

Ouço Dallas ao fundo.

– Toda a Baía pagou por ela.

Viro-me para Macon.

– Quanto? – pergunto-lhe. – Quanto é que lhe pagaste?

O fumo enovela-se ao subir para o teto, e ele cruza o olhar com o meu.

Puxo os atilhos do cafetã, deixando-o cair no chão. Fico apenas com o fato de banho que usei na praia no início do dia.

– O suficiente para que todos vocês se sirvam de mim?

O peito sobe e desce, com uma respiração pesada, e eu levo a mão atrás das costas, puxando os cordões do *top*. Arrancando-o do corpo, fico na sala em *topless*. Os rapazes ficam calados nas minhas costas.

– O suficiente para fazerem o que quiserem?

– O suficiente para te por prenha – murmura. – Quero um filho, e quero que seja teu.

Quase me engasgo com a baforada de ar. O coração cai-me aos pés, e mal noto que apagou a beata e me levantou nos braços. A sala anda às voltas.

Ele está a falar a sério?

– Esperem lá fora – indica aos irmãos.

Ele leva-me consigo, fecha-nos numa sala das traseiras e volta a pôr-me no chão. Não consigo olhar para ele. Tenho medo.

Ele alisa os meus caracóis e afaga o meu queixo com o polegar.

– Serias a mulher dele?

Tento falar, mas demoro algum tempo.

– Ou a tua vingança – digo calmamente. – É isso que eu sou?

Será que me ama? Será que me quer?

As mãos dele deslizam pelo meu tronco, por cima do umbigo, à volta das minhas ancas e pelas minhas costas acima. Depois, trá-las para a parte da frente e roça os polegares sob os meus seios.

Mas o que realmente sinto é o olhar dele. Nada é tão bom como o facto de me ver. Puxa-me para si e beija-me a testa.

– Até quando terei de pagar? – pergunto.

Ele baixa-me as cuecas, faz-me recuar para a cama e sentar-me, antes de despir a roupa.

– Até morreres.

Arrasto-me pela cama, mas ele desce sobre mim, forçando-me contra os cobertores. Pouso as minhas mãos no peito dele enquanto ele me olha, já duro e insistente entre as minhas pernas.

Enterro as unhas, e ele inclina a cabeça.

– E se eu tivesse vontade de me tornar a senhora Watson? – provoco-o, erguendo o queixo. – E se o quisesse?

Ele empurra-me a perna para o lado, grunhindo quando a virilha se força contra o meu âmago quente.

– Se me dizes isso novamente, porra… – resmunga.

E depois impulsiona as ancas, entrando em mim. Arquejo, sentindo o pénis duro no meu interior, expandindo-me.

Empurro-lhe o peito, mas não o afasto. Ele começa a menear as ancas, enfiando-se entre as minhas pernas, deslizando para dentro e para fora, e depois mergulha a cabeça e chupa-me o mamilo direito.

As minhas pálpebras tremelicam.

Vejo-o lamber e morder, enquanto se impulsiona cada vez com mais ímpeto, fodendo-me como se fosse meu dono.

– Tenho medo de ti – murmuro. – Um pouco.

Ainda.

Se lhe disser *isso* novamente, porra – provocá-lo com Jerome Waton – o que fará? Matará alguém?

– Mas acho que também gostas de mim – ele solta a respiração sobre a minha pele. – Só um bocadinho. Não gostas?

Não é propriamente uma pergunta. Ele conhece a resposta.

As minhas pernas abrem-se por completo, rodeio-lhe a cintura com os braços e arqueio-me para cima, prendendo-lhe o lábio inferior entre os dentes.

Ele treme, lentamente.

– Também tenho medo de ti.

Eu sei.

Virando-nos, sento-me sobre o pénis dele e mergulho, beijando e lambendo-lhe o estômago, o peito, o pescoço. Depois rodo as ancas e volto a aceitá-lo dentro de mim, olhando-o enquanto me meneio lenta, docemente.

– Ela não tentou tocar-te, pois não? – pergunto.

Não quero que Macon precise, nunca mais, de falar com ela.

Ele enterra os dedos nas minhas ancas, inclinando a cabeça para trás ao tentar guiá-las cada vez mais depressa.

– Ninguém me toca, apenas tu.

Apenas eu.

– Krisjen – geme. – Mais depressa.

– Não.

Quero-o lentamente.

Ele solta:

– Foda-se.

Lenta, suavemente, deslizo para cima, para baixo, ao longo do caralho, o meu orgasmo incita-me enquanto me esfrego. Ele observa, e então sinto-lhe os músculos contraírem-se.

– Mais depressa – suplica entredentes.

Deixo a cabeça dele pender para trás, adorando a sensação de o ter dentro de mim.

Saltito, e ele endireita-se e envolvemo-nos ambos, os braços à volta um do outro. Fodo-o, agarrando-o contra mim, sentindo o calor acumular-se no meu estômago. Impulsiono as coxas contra ele sem parar, embatendo a minha boca na sua quando me começo a vir.

Eu gemo, lamurio-me, sons abafados pelo beijo, mas quando o orgasmo me abala, abro os olhos e vejo-o olhar. Olhar para mim.

Rolo as ancas, lenta e docemente, lábios cobrindo os seus enquanto ele me agarra o traseiro, me força contra as suas virilhas e… se derrama todo dentro de mim.

Rosna ao encontro da minha boca, não retribuindo os beijos que lhe deposito nos lábios, sentindo-o latejar entre as minhas pernas.

Ele deixa-se cair de costas na cama, e puxa-me consigo, e só me apetece enroscar-me nele até ao fim da vida. Ele deseja-me. Sei que me deseja.

Será que me ama?

Inclino-me sobre ele, beijo-lhe os olhos, o intervalo entre estes, as faces. Tomando-lhe a boca, beijo-a, desloco-me pelos lábios, saboreando todos os segundos.

Afasto-me e olho para baixo, e por um instante, juro que vi um sorriso, logo apagado. Ele pestaneja e a expressão endurece, e sai de dentro de mim.

Sentando-se, passa as pernas por cima da cama e agarra nas roupas, começando a vestir-se.

Fico sentada, de pernas cruzadas, cobrindo-me com o lençol.

– Olha para mim.

Ele mantém-se de costas viradas. O que houve?

– Macon, olha para mim.

Ele abana a cabeça.

– Como és capaz de olhar para mim? – pergunta, pouco mais do que um murmúrio.

Levanta-se, enfiando as calças e sem olhar ainda para mim.

– Irei sempre ver-te – afirmo, mas tenho a voz carregada de lágrimas. – Mesmo quando cerro os olhos.

Já lhe disse isto, há menos de duas semanas.

Ele volta a ocupar o assento e calça meias e sapatos. Cubro-lhe as costas, abraçando-o.

– Sei que me odeias. O que te fez ela…

Ele enxota-me os braços e agarra na camisa em cima da mesinha de cabeceira, voltando a pôr-se de pé.

– Sabia exatamente quem tu eras, quando dormiste ao meu lado naquelas noites, Krisjen.

Recosto-me enquanto ele enfia os braços na camisa.

– Quando vinhas comigo na mota, e te sentavas à minha mesa e me davas de comer e enchias a minha casa com a merda do teu perfume, sabia quem tu eras desde o primeiro dia.

E, mesmo assim, desejou-me. Sabendo que era filha dela.

Então porque não o diz? *Diz que me amas.*

Como poderia deixar de olhar para ele?

– Fui feita para ti – murmuro.

Olho para as costas dele e aguardo uma resposta. *Diz. Por favor.* Se me ama, tudo estará bem.

– Veste-te e pronto – ele endireita-se, ignorando a gravata, mas vestindo o casaco. – Eles dão-te boleia para a casa – vira-se para mim enquanto ajusta o casaco, mas continua sem me olhar. – Se não dormires comigo, dormirás sozinha – diz. – Agora vives connosco.

Prepara-se para partir, e eu envolvo os meus joelhos com os braços.

– Vou buscar a minha almofada.

Ele para, a mão na maçaneta.

Sorrio com alguma tristeza.

Estarei na cama dele. Estarei sempre na cama dele.

Eu conheço a minha forma de pensar. Ele julga que há um excesso de passado, e que sou demasiado jovem. Mas está apenas constrangido pelas suas próprias tretas. Sente-se demasiado culpado para me reivindicar, mas não é capaz de abandonar. Não quero perder tempo. Será que ele me quer como eu o quero?

Engulo contra o aperto da garganta.

– Quando era mais nova, julgava-me grande coisa – afirmo.

Ele continua sem se virar para mim.

– Diziam que eu era esperta – conto-lhe. – Que seria capaz de conquistar o mundo e quem me conhecesse. Tornar-me-ia alguém importante e ninguém ficaria imune à minha esfera de influência.

Os adultos dizem sempre aos miúdos que são importantes. Queremos acreditar nisso.

– Mas acontece que… – prossigo. – Não sou peça única. Nunca fui muito esperta. Jamais serei astronauta nem capitã de navio nem professora de Biologia ou de Filosofia. Não sou boa atleta, e não me importo de ver as montanhas e as óperas e o Alasca apenas na TV.

Nada disto representa o que eu almejava na vida. Não pretendo alcançar nada do que me disseram para alcançar.

– Ninguém se lembrará de mim quando morrer – digo –, e nunca serei uma figura que os miúdos na escola sejam obrigados a estudar.

Deixo cair os olhos, o calor espalhando-se pelas faces e o meu pulso a acelerar dolorosamente.

– Só quero poder amar-te – e não passa de um murmúrio. – Isso, farei na absoluta perfeição.

34
Macon

ABANDONO o quarto, fechando a porta com força. Enfio a base da palma da mão nos olhos, procurando conter as lágrimas. *Céus, como te amo, foda-se*.

Ela é perfeita.

E sei, sem sombra de dúvida, que não devia ficar com ela. Nada conhece das oportunidades que se lhe apresentam. Daqui a cinco anos, não vai amar-me. Falei a sério? Quero ter um filho com ela?

Não quero que ela o tenha de mais ninguém.

Foda-se. Se calhar, agora é que é.

Agora *é que* é.

Não consigo parar. Nem tentarei, e se me matar um dia, não se irá dever à minha cabeça de merda. Será no decurso de lhe arruinar a vida, porque, apesar de tudo o que correrá mal, o tempo que passarei com ela valerá a pena.

Abotoo a camisa, enfio-a nas calças, aperto a gravata, abandonando o barco.

Clay está sentada no capô da minha carrinha, com a minha irmã recostada entre as coxas.

Atiro as chaves a Army.

Trace, Dallas e eu avançamos para as portas.

– Leva a Krisjen para casa – digo a Liv. – A nossa casa.

– O que estão vocês a fazer?

Estico o queixo a Army.

– Vamos andando.

Ele sobe para o lugar do condutor.

– Macon? – Liv segue-me. – O que estás a fazer?

Abro de rompante a porta do lado do passageiro.

– Vai para casa.

Ela observa-nos, Clay salta do carro e coloca-se ao lado dela enquanto entramos em conjunto e Army carrega no acelerador, recuando.

Liv conhece-nos, e isso inclui ter noção de que não deve insistir nas perguntas. Ela tem muito a perder. Eu não a quero envolvida.

Olho uma derradeira vez para o barco, imaginando Krisjen em casa quando lá chegar, mas ela não vai estar na cama porque não me dá ouvidos, porra. Sorrio um pouco. Se ela quiser, discutirei com ela a noite toda. Desde que não me abandone.

Arrancamos, e baixo o volume da música, apercebendo-me de Trace no espelho retrovisor. Ele traz um boné de malha, uma camisa de padrão xadrez a espreitar do colarinho do casaco de cabedal fechado até acima. Nunca o vi usar uma camisa de cor.

Tem o rosto virado para a janela.

– Não eras obrigado a vir – digo-lhe.

Ele anui, continuando a espreitar para fora.

– Eu sei.

Tal como Krisjen e Liv, nunca quis quebrar a ilusão de que éramos boas pessoas.

Army olha-me de soslaio e fica atento à estrada.

– Tens a certeza de que queres fazer isto? – pergunta. – Quanto mais fazemos estas coisas, mais fácil se tornam. É um caminho escorregadio.

Passo os dedos pelo cabelo e aperto a gravata.

– Já o devia ter feito na primavera passada – declaro. – Ele é uma ameaça para a nossa segurança.

– E é impossível pará-lo – intromete-se Dallas, atrás de mim. – Enquanto estiver inteiro.

Dallas e Iron representam um lado da moeda. Dentro deles existe um desapego. Se se convencem de que só há um rumo a seguir, ninguém os demove.

Army e Trace são o lado oposto. Leais, mas a consciência deles ocupa-lhes muito espaço interior.

Liv é uma mistura de ambos. Há que fazer certas coisas, mas ela aceita que ficará com a consciência pesada.

Não sei bem a que lado pertenço. Sempre me senti mal em magoar alguém, mas também me sinto assim enquanto assisto à TV.

– Eu faço-o – anuncia Dallas.

– Quem faz sou eu – digo.

Não quero que ele suje as mãos além do necessário.

Olho para Army.

– Tens o Dex. Não precisas de estar aqui.

Da última vez, ele não tinha uma criança de quem cuidar. Entendo perfeitamente se quiser escusar-se.

Ele concentra-se na estrada.

– Todos temos coisas a perder.

Observo-o pelo canto do olho ao transpormos a linha de caminho de ferro, a chuva a cair no para-brisas, e o silêncio dele enche o carro, de um modo que nem Dallas nem Trace notam.

Não falámos muito durante a semana passada. Duvido que eu soubesse iniciar a conversa, tal como ele.

Ele sabia onde o meu pensamento andou durante estes últimos dias.

Nessa manhã, regressei da casa de Krisjen.

Ele viu-me subir as escadas, e percebeu.

Fiquei contente quando ele se foi embora, mas agora só penso nisso.

Ele foi-se embora.

– Desculpa – murmuro.

Army vira os olhos para mim, e abro o guarda-luvas, tirando um par de luvas pretas de pele.

– Por tudo – digo-lhe, calçando-as. – Pertence-te a ti tanto como a mim. Podes ficar com o que quiseres.

Ele lança-me olhares, tentando não perder a estrada de vista.

Engulo, sentindo agulhas na garganta.

– Mas ela não, está bem?

Ele fica calado. Não diz nada.

Está zangado.

Mas depois diz.

– Quero um quarto só para mim.

Sorrio para mim mesmo.

Sim, acho que ter de partilhar um quarto com o Dex é ridículo.

– Vais ser o primeiro a escolher – garanto-lhe.

O novo anexo estará terminado antes do verão. Mars partilha presentemente o quarto com a irmã mais nova, mas também precisará de um espaço só para si. Tal como Iron, quando voltar para casa. Sobram dois quartos.

– É uma má altura do ano – diz-nos Trace. – Os níveis da água encontram-se baixos e os jacarés…

– Ele não será encontrado – indico.

Sei o que o preocupa, mas já passámos por isto. E não dúzias de vezes como dizem os rumores. Apenas uma vez.

Nada consegue sair do pântano.

Retornamos à Baía, contornando o centro da vila e penetrando no mato verde-escuro. Salgueiros e carvalhos esticam-se por cima da água que brilha à luz ténue do luar e a chuva salpica a superfície escura. Um animal agita-se debaixo da superfície, despertando ondulações.

Paramos na berma da estrada, estacionamos, e saímos do veículo, caminhando até à ponte de madeira na floresta negra.

Milo Price senta-se de joelhos no meio, Santos agarra-lhe o colarinho.

Paro diante dele, os meus irmãos atrás de mim.

– Onde estava ele? – pergunto a Santos.

– No motel.

Olho para o merdoso que tentou agredir a minha irmã e que fez Krisjen sangrar. O motel não é um bordel, mas ele age como se fosse. Embora seja um bom sítio para alguém desaparecer durante umas horas. Tipos como ele podem pagar quartos de hotel chiques, mas a sujidade de um colchão sujo e muito usado contribui para se excitarem.

Avalio a cicatriz que lhe traça a face. Produto da namorada da minha irmã, mas não colocou um ponto final no assunto. Ele devia ter noção de que o acabaríamos por capturar. Não confiamos na capacidade da polícia de St. Carmen em proteger os cidadãos, à parte os imbecis de St. Carmen.

Milo sorri-me.

– Tiveste de esperar que eu viesse para estas bandas.

Anuo.

– Câmaras de tráfego, e tretas como essa.

Há câmaras em toda a parte. Se rastrearem a última localização dele, poderiam ligá-lo a nós, mas ao vir para a Baía, as câmaras de trânsito perdem-no de vista muito antes de atravessar os carris. Podia ter ido para qualquer parte. Não há provas de que tenha vindo para aqui.

– Bem, despachemos o assunto – despeja. – Será preciso mais de cinco de vocês para me darem uma sova que eu não aguente.

– Não vou bater-te

O sorriso dele fraqueja, no entanto… não mostra medo.

Santos passa-me uma faca de caça, um calor percorrendo-me os braços ao recebê-la. Contraio os dedos em volta do punho.

– Posso perguntar uma coisa? – encaro-o do alto. – Porque pagas por isso? Refiro-me ao sexo.

Nem sempre fode mulheres da Baía, mas quem quer que ela seja, desloca-se até ao motel, e paga.

– Não me parece que tenhas problemas em arranjares gajas de graça – continuo. – Será porque se torna um trabalho, para elas? Agradarem-te?

Jamais o perguntei às mulheres que me pagaram.

Mas ele abana a cabeça.

– Não – indica-me. – Quando lhes pago, são como animais – faz uma pausa. – Animais da quinta.

Os meus dedos à volta do punho anseiam.

Encolhe os ombros.

– Acabo de comer, e basta-me enfiar o prato badalhoco e peganhento debaixo do chuveiro para a próxima queca.

Fico com a boca seca.

Agarro-o pelo colarinho, arrancando-o a Santos.

– Agradeço a sinceridade.

Levo a mão com a lâmina atrás, concentrado na garganta dele, mas nesse instante ela intromete-se entre nós os dois. Outros passos correm pela ponte, nas minhas costas, que só podem pertencer à minha irmã e a Clay.

Krisjen agarra-me a camisa pelo estômago, e olha-me com ar suplicante.

– Sai-me da frente – rosno. – Não cometerei os mesmos erros do meu pai.

Se ele tivesse posto a minha mãe em primeiro lugar, ela não teria passado vinte anos a apodrecer por dentro. Não darei a Milo Price hipótese de alcançar o seu objetivo da próxima vez que tentar ferir a minha irmã ou Krisjen. A família está em primeiro lugar.

Lanço um olhar irado a Price, mas noto a voz de Krisjen, perdida em lágrimas:

– O único erro que podes cometer seria arriscares-te a que te tirem de mim.

Ninguém me tirará dela.

– Olha para mim – suplica, e reparo em Liv pelo canto do olho. – Olha para mim.

Encontro os olhos azuis de Krisjen.

– Amo-te – murmura. – És a única certeza que eu tenho. Amo-te tanto. Ele não tem nada do que tu tens – murmura. – Olha para o tanto que tens.

O olhar dela passa em volta, e não tenho de acompanhá-la para saber que a minha família está presente. Os meus irmãos, a minha irmã, os amigos… a salvo, vivos.

– Nós estamos em primeiro lugar – ordena, e inclina-se, murmurando. – E o dia dele há de chegar.

– A Krisjen e eu sabemos travar as nossas próprias guerras – acrescenta Liv.

A minha mão com a faca começa a tremer. Isto tem de ser feito. Ele tem de partir.

– Não me deixes – suplica. – Não queres ver-me – encosta o corpo ao meu – através de um pedaço de vidro.

A imagem em que converso com ela na prisão, incapaz de lhe tocar, passa-me pela cabeça. Uma imagem de que durma sem mim.

Não são coisas que um homem faça.

Ranjo os dentes. Ela tem razão. Garantir que estarei sempre ao seu lado encontra-se em primeiro lugar.

Baixo a lâmina e liberto Milo. Envolvendo-a nos braços, cinjo-a contra mim e colo a boca à sua, agarrando-lhe a nuca e apertando-a tanto que ela se queixa.

Céus, como a amo. Enterro a cara no cabelo dela. Amo-a tanto.

– És esperto – murmura-me ela ao ouvido. – Hás de encontrar uma forma de te veres livre dele. Dá tempo ao tempo.

É isso mesmo. Seguro-a contra mim, encostando os lábios à testa dela.

– Diverte-te com a tua puta – despeja Milo. – Grande pedaço de merda dos pântanos.

Cerrando os punhos, afasto-me de Krisjen, sustendo-lhe o olhar.

E ela percebe.

– Macon…

– Não o mato – volto a beijá-la e depois empurro-a para trás de mim, largo a faca, agarro Price pelo colarinho e planto-lhe um murro nas trombas como um martelo.

– Meu Deus – exclama a minha irmã.

Milo cai no chão da ponte e volto a erguê-lo, batendo-lhe com tanta força que um jorro de dor me invade os nós dos dedos, como se tivesse sido esfaqueado.

Atiro-o a Santos.

– Enfia-o na carrinha.

Ele carrega-o em cima do ombro ao longo da ponte. Seguimo-lo.

– O que vais fazer? – pergunta Krisjen.

– Levá-lo a casa.

Subimos para a cabina do veículo, Santos e Milo na frente, e Dallas com Trace e as mulheres atrás.

Army conduz, e a chuva começa a tombar, mas chegamos ao centro da vila de St. Carmen antes de começar o aguaceiro. Passamos por restaurantes, a loja de roupa em que Liv trabalhou, e o Harbor Point Fishing Boat. Contornamos a rotunda.

As pessoas estão a comer no passeio, debaixo de toldos, veem-nos passar, e julgo que o interesse é despertado pela minha carrinha, e não o facto de irmos em excesso de velocidade. Parando num lugar de estacionamento, Army ignora o parquímetro e saímos os dois, dirigindo-nos para a traseira do veículo. Abro a portinhola, tiro Milo das mãos de Santos e nem sequer me dou ao trabalho de o pôr de pé. Arrasto-o enquanto ele esperneia e se tenta levantar, até à esquadra da polícia, e vejo Chavez descer lentamente, um degrau de cada vez, as escadas.

Deposito Milo no fundo das escadas.

– Diz aos teus chefes que não deitem lixo na Baía – digo ao agente.

Milo cospe sangue, e tosse quando se tenta endireitar.

– Prenda-o – solta.

– Cale-se – avisa-o Chavez.

Milo cambaleia até se pôr de pé.

– Prenda-os!

Viro-me, descobrindo Krisjen, mas os olhos dela arregalam-se de repente.

– Macon!

Viro-me para olhar, e descubro Milo a avançar contra mim, com o punho fechado. Faz-me tombar, e embato contra o passeio com a maçã do rosto. Retraio-me, o corte na pele espalha-se como um incêndio pela cara. Tento levantar-me, abanando a cabeça para clarear as ideias, mas discirno algo pelo canto do olho e volto-me, a tempo de lhe apanhar a perna, antes de conseguir pontapear-me.

Agarro-o, puxo, e levanto-me, com uma direta ao maxilar dele.

Milo tomba no chão, e eu endireito-me, uma multidão à nossa volta. Chavez mantém-se nas escadas.

Ando à volta de Milo, à espera de uma nova tentativa.

Ele levanta-se, vira-se para mim e então… desata a correr.

Embate contra mim, força-nos contra o passeio e eu sinto o cascalho da rua espetar-se na minha perna. Raspo os cotovelos na estrada.

Rolamos, fico por cima dele, sangue a escorrer do corte na cara para cima das minhas roupas. Espeto-lhe um murro.

E mais um. Os olhos dele reviram-se para dentro, e eu levanto-me, agarro-o pelo colarinho e arrasto-o para os degraus.

Chavez olha para o miúdo, e não faz um gesto para o ajudar.

Dou um passo atrás, e mais um. E mais um.

Milo pode ser estúpido, mas é um lutador. Divertem-me estes conflitos com quem não sabe desistir. A próxima vez será ainda mais especialmente agradável, pois estará mais velho. Tal como o amigo, Callum Ames. Derrubá-los representará um verdadeiro desafio. Graças a Deus.

Encosto-me à traseira da carrinha, observando os comensais, à medida que os polícias vão emergindo da esquerda e o pessoal da Baía que trabalha no restaurante para com bandejas na mão e fica a assistir.

Liv dá a mão a Clay, e eu puxo Krisjen contra mim, assentando um braço por cima do seu ombro.

– Amo-te tanto, porra – murmuro.

Ela recosta a cabeça contra o meu peito.

– Assim suspeitava.

E sorrio, beijando-lhe o cabelo.

*

NASCE a manhã e ainda não adormecemos.

Ficámos acordados a noite inteira, a falar das nossas férias favoritas, as nossas piores memórias, se acreditávamos em Deus, que parte do corpo dela eu mais gosto, e por que motivo a conta da eletricidade subiu acima do dobro, desde que ela começou a viver connosco há dois meses. E concordamos ambos que se deve aos duches quentes e demorados.

E passámos muito tempo sem falar. Horas sem falar. Mas temos de sair da cama, nem que seja para ter vontade de que chegue a próxima noite.

Seguro-a contra mim, traçando-lhe as costas com as pontas dos dedos.

– Devíamos aguardar um pouco, até termos filhos – comento. – Concordas?

Não quero falar agora no assunto, mas ela podia entender no meu anterior comentário um convite para interromper a pílula.

– Queres filhos? – pergunto-lhe.

Ela ergue o olhar ao meu encontro, anuindo.

– E tu?

– Acho que sim – tenho quase trinta e dois anos. Não quero ser um pai velho, mas também não ser um mau pai. – Devia… preciso de algum tempo.

Sinto-me bem, hoje. Tenho-me sentido bastante melhor, ultimamente, mas pode não durar. Não lhe dou garantias. Não estou preparado para ter miúdos. Para já.

Ela toca-me no rosto.

– Quero que fales com alguém.

Remexo-me debaixo de si. Não me apetece nada seguir essa via.

– Ficarei arrasada se algo te acontecer – murmura. – Precisas de alguém com experiência. Tentarás, ao menos?

Engulo em seco. Farei o que ela quiser. Claro que ficaria arrasado, se perdesse alguém na minha vida, mas, a ela, não a posso perder. Quero que sejamos felizes.

Os dias não têm de ser todos fáceis, mas tem de saber, constantemente, que a amo.

– Está bem – respondo.

Ela sorri, e eu sinto o corpo dela descontrair-se nos meus braços.

– Sou difícil de aguentar – aviso-a.

E nem me refiro aos meus humores.

Ela riu-se.

– Tenho duas mãos.

Ela desliza sobre mim, beijando-me os lábios.

– Já te conheço – diz. – E anseio por cada minuto.

Apanho-lhe o braço, esfregando-a contra as minhas virilhas.

– Tens a certeza?

– Oh, também não sou um piquenique – ela beija-me com intensidade, enfiando a língua repetidamente. – Mas afinal, gostas das chatas.

Solto um sorriso. Parecem estar-me destinadas na vida.

Naquele instante, ouvimos um berro do outro lado da porta.

– Ah! – alguém grita.

Foi Mars?

Há passos fortes nos degraus, e ouço Dallas.

– Tirem as roupas do secador!

Abraçamo-nos, à escuta.

– Macon! – chama Trace. – Não podemos viver assim. Precisamos de outra casa de banho. Para ontem!

Pois, precisamos que o anexo seja concluído, para ontem. Estamos completamente cheios.

Enterro a cara no pescoço de Krisjen, reavaliando o desejo de sequer abandonar o quarto. Para sempre.

Mas ela levanta-se e monta-me.

– Podemos ir buscar hoje a árvore de Natal?

Abano a cabeça.

– Eu não vou agora àquela merda de vila.

Ela mostra-me um sorriso ousado, acompanhado dos seios.

– Boas coisas saem daquele pardieiro – agita as sobrancelhas. – Sabes que gostas de visitar os pobres.

Arqueio-me, beijando-lhe o peito, o pescoço.

– Minha princesinha do lado mau da vila…

Ela envolve-me o pescoço com os braços, e ambos começamos a despertar novamente.

Mas, assim que acredito que a consegui distrair, ela afasta-se e olha para mim.

– Esta noite – diz-me. – Levamos a família toda, escolhemos uma árvore, comemos ali, enfiamos os miúdos na cama, e depois entramos no Mariette's para as sobremesas e fazemos sexo numa das mesas.

Rio-me. *Okay*.

– Com os patins? – pergunto, esperançoso.

Ela solta um sorriso aberto, mas depois interrompe-me, quando me pus a beijar-lhe o pescoço, espreitando por cima do meu ombro, vendo-os caídos no chão.

– Já agora, como é que eles vieram parar ao teu quarto?

Deixo-me cair na cama, cerrando os olhos.

– Ah, merda.

Merda. Esqueci-me completamente disso.

– Macon?

– Eu posso explicar – esfrego os olhos. – Dá-me um segun…

Mas ela aperta-me a garganta, os olhos mirando-me como balas.

– Explicar… o quê?

– Não aconteceu nada.

O esgar aprofunda-se.

– O que é que *não* aconteceu?

Levanto as mãos, rendendo-me, adorando tê-la na cama comigo, e tentando conter o riso.

Ela vai mesmo dar muito trabalho.

E estarei sempre ao seu lado.

EPÍLOGO

Krisjen

Quatro anos volvidos

Acho que irei casar com Army a seguir. Ou Trace. É cordato e aprende facilmente. Porque não? Será maravilhoso.

Ou… governo a Baía por conta própria. A nova rainha viúva chega-se à frente, a que *ficou viúva porque vai matar o cabrão do Macon Jaeger!*

– Preciso de tomar duche – informa ele, rindo-se ao entrar pela porta acompanhado dos irmãos.

Tiro o polegar da boca e viro-me para ele. Estou ao lado da janela.

Ele avança pela casa escura, o relógio de pêndulo anunciando as cinco da manhã.

– Deixa-me acordar a Krisjen antes de mais.

Agarro a moldura com a nossa fotografia, em que me encontro nos seus braços, envolvendo-o com as pernas, sorrindo de alegria, e espreitando por cima do ombro de Macon, que ficou de costas. *Bons tempos. Dias melhores*.

Atiro a moldura pela sala, mas limita-se a bater-lhe no ombro.

Ele cambaleia para trás, mas depois endireita-se e olha para mim.

– Ai – esfrega o ponto em que lhe bateu. – Mas que raio?

– Estás dois dias atrasado! – berro.

Faz uma expressão pesarosa, e estica as mãos como se tentasse estrangular um cavalo.

– Desculpa, está bem? Eu…

Mas pego no livro de mesa sobre a Caverna dos Mamutes que comprei no Kentucky – o lugar que escolhemos ao acaso no mapa, de olhos fechados, para a lua de mel.

Atiro-o, e Army, Trace e Dallas afastam-se do caminho. Agarro no comando da TV, numa revista, num vaso com planta, e lanço ao meu marido todos estes objetos. Ele desvia-se enquanto Trace começa a rir.

– Eu avisei-te que seria imprevisível – argumenta Macon.

– E eu disse-te para comprares um telefone por satélite!

Atiro uma vela, a bola de futebol de Dex, e pego na jarra de cristal que Clay nos ofereceu como prenda de casamento, mas paro e pouso-a, pois é bonita.

– Aqui estive eu, raladíssima, sem saber se estavas morto ou estrangulado ou raptado ou se já moravas no fundo do oceano – berro. – E nem posso chamar a polícia!

Ele aproxima-se.

– Anda cá.

– Não gosto muito de ti neste momento!

– Estômago de aço, lembras-te?

Ugh! Piso-lhe o pé, e ele geme, cerrando os dentes. Agarrando-me, lança-me por cima do ombro.

Debato-me, a espernear.

– Solta-me!

– Vão um pouco para o bar – diz aos irmãos. – Tenho de lidar com esta.

E sinto uma palmada no traseiro. Retraio-me e depois rosno.

– Isto vai fazer barulho… – brinca Dallas.

– Não me batas diante deles! – berro.

– Não te preocupes, Krisjen – ri-se Trace, e ouço a porta abrir-se. – Nós sabemos bem que és tu que mandas nele.

As gargalhadas enchem o ar, enquanto saem de casa, e Macon dá meia-volta, carregando-me escadas acima.

Chegam-me as lágrimas aos olhos. Andei tão preocupada. A cada segundo. A cada momento, podia tê-lo perdido para sempre, e jamais descobriria o que lhe aconteceu.

– Larga-me – dou-lhe uma palmada no braço, dependurada do seu ombro. – Mereces que não te dirija a palavra durante dois dias, depois desta brincadeira. Porque esse é o tempo em que não preguei olho!

Chegamos ao alto, e ele leva-me para o nosso quarto e fecha a porta.

– Põe-me no chão! – berro.

A mão dele agarra a minha coxa por trás, os dedos avançando para o interior, ao beijar-me por cima das calças de ganga.

– Pensei que não me ias dirigir mais a palavra – diz a brincar.

Cerro a boca, fazendo beicinho, evitando chorar de alívio.

– Conseguimos obter os recipientes – murmura.

Ótimo.

– Depois empurraram-nos para a água e tentaram afundar-nos o barco – diz.

Prendo a respiração. *Meu Deus*.

É disso que tinha medo.

Entendo que fazer negócio no mercado negro para obter madeira, aço, cimento e tubos – todos os fornecedores locais retêm ou cobram-nos em excesso, por causa de Garrett Ames – seria perigoso, mas sempre esperei que a reputação de Macon o antecedesse.

Contudo, de vez em quando, deparamo-nos com um traficante que prefere ficar com o dinheiro, e tenta matá-los para revender os artigos que já estavam vendidos. É mau para o negócio, mas aqueles que vêm de outras partes estão a borrifar-se, pois não voltarão a ver-nos.

– Em vez disso, levámos o barco deles – indica-me. – Abandonámo-los em Coral Cay. Por enquanto.

Coral Cay é uma ilhota com uma árvore para fazer sombra, e, de resto, estéril. Não existe nada nem ninguém, e se um navio ou um *Cessna* por ali passarem – o que é provável, pois fica a poucas milhas náuticas da costa – esconder-se-ão. Quem quer que Macon ali coloque não quer ser encontrado. Têm alimento e água, e Macon regressará daqui a poucos dias, logo que encontre um navio de carga em que possa escondê-los para se livrar deles.

Mas facilmente teria corrido mal. É uma questão de tempo. O que nos aconteceria, se perdêssemos Trace? Ou Army? Não é apenas Macon que é motivo de preocupação. Perder qualquer um de nós iria arrasá-lo.

Ele encosta os lábios à minha coxa.

– Só pensava nisto, quando me encontrei dentro da água negra – murmura. – Armas apontadas para nós… as águas profundas… tinha de voltar para ti.

Uma lágrima escorre de mim para o chão, e esfrego o olho.

– Continuas a não querer falar comigo? – incita-me.

Ele deposita-me no chão, ajoelha-se e desaperta-me as calças de ganga, puxando-as abaixo do traseiro. Afasta-me as cuecas, faz deslizar a língua pela minha carne, e eu ofego, sustendo-me na cómoda atrás de mim. O clítoris desata a latejar.

– Achas que vou a algum lado? – pergunta-me.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

Morde e brinca comigo.

– Achas que vou tornar viúva a minha jovem noiva e deixar que outro homem aproveite isto?

Tira-me o resto das roupas, levanta-se e depois puxa-me a camisa por cima da cabeça, imitando o gesto com a sua.

– Fala – pede numa voz baixa, forçando-se contra mim.

Contraio os lábios.

Ele pega-me no maxilar, e aperta ambos os lados com a mão.

– O teu marido ordenou-te que abrisses a boca.

Aperta e aperta, até me deixar os lábios franzidos, e então quase desato a rir.

Mas não rio. Há quatro anos que aturo estas histórias arriscadas. Tenho direito a amuar.

– Se calhar, nem estavas preocupada – solta-me. – Achando que passei todo este tempo com outra mulher.

Os meus olhos incendeiam-se. Nem sequer me ocorrera, mas agora plantou-me a imagem na cabeça. Filho da mãe.

Ele roça-se contra mim, imobilizando-me a cintura.

– Sente o que me provocas em mim, Krisjen.

Sinto.

A saliência dura dentro das suas calças de ganga cresce sempre que estou nua. Ou quando visto as roupas dele, ou quando me estico para alcançar um armário alto e a minha barriga fica à mostra. Ou quando me inclino e destapo o fio dental. Ou quando me sento ao seu colo ou lhe dou uma ajuda na garagem. Ele adora ver-me a cara suja de óleo.

– Achas que as pessoas não sabem que a Santinha do Macon Jaeger faz dele tudo o que quer?

Flito o maxilar, com o coração aos pulos.

Ele inclina-se.

– Diz o que preciso de ouvir – murmura.

Não.

– Diz – exige.

Nem pensar.

Acaricia-me por toda a parte, e finalmente afaga-me a cara.

– Só pensava nisto.

Ele debruça-se para me beijar, e eu gemo, parando-o com as mãos.

– Amor… – suplica.

A sua voz está cheia de desespero, e não consigo conter-me mais. Uma onda de alívio espraia-se por mim, e envolvo-o com os braços.

– És meu – encosto a testa à sua.

– Era isso que eu queria ouvir.

Vira-me para o espelho da cómoda, e eu começo a sorrir quando me cinge ao seu corpo e enterra o rosto no meu cabelo. É um gesto de conforto muito pessoal. A forma de sentir-se seguro.

– Amo-te – digo-lhe.

Virando-me de novo para ele, sustém-me o olhar, enquanto me pega ao colo e me transporta para a casa de banho.

Agarro-me a ele com pernas e braços, enquanto se debruça e abre o chuveiro, livrando-se das calças e entrando. Fecha a divisória, o espaço do duche é escuro com azulejos pretos que escolhi quando decidimos incluí-lo na lista de renovações.

O antigo quarto de Liv já não existe, pois Macon e os irmãos tiveram de derrubar a parede para abrir o corredor de acesso à nova ala.

Liv e Clay ponderam adquirir um farol velho e abandonado, a alguns quilómetros de distância, mas restam-nos quartos de reserva para quando quiserem passar a noite connosco. Dex já tem o seu próprio quarto, a Paisleigh ficou com uma varanda em que finge ser Julieta, e Mars optou por ter um quarto no sótão. A sua janela dá acesso direto à árvore com a antiga casinha. Construíram a ala à sua volta, formando assim um pequeno pátio central. Mars gosta de dormir na casinha da árvore. Ainda. Aos dezasseis anos de idade.

Macon pousa-me, e eu ensaboo uma esponja, começando a limpar-lhe a transpiração e o oceano da pele.

– Hoje arranjo um telefone por satélite – diz ele por fim.

– Obrigada.

– Adoras-me realmente, não é verdade?

Viro o olhar bruscamente para Macon, observando o sorriso cheio de orgulho expandir-se, como se me tivesse precisamente onde me queria.

Desvio a atenção da forma como as gotas de água deslizam pela sua pele dourada, e faço-o descer para o assento de pedra do duche. O olhar brilha, pois vê-me ajoelhar, de modo a enfiá-lo na minha boca.

Exala, segurando-me a cabeça contra o seu corpo.

Sim, amo-te. E nunca te perderei.

Foi um longo caminho, até Macon aprender a gerir todos os problemas que lhe inundam a mente, e há dias em que se esquece completamente do processo.

Mas ele sabe que o amo, e que hão de vir dias bons.

Logo que encontrou um médico que não o irritava – e após conhecê-lo melhor –, tornou-se mais fácil continuar a desabafar com alguém.

Sabe que não está sozinho. Trocam mensagens com regularidade.

E o intervalo entre dois dias maus tem crescido continuamente, havendo agora tantos dias em que é ele quem cuida de mim.

Temos sorte.

Sempre que o sinto, a ele, ao odor da sua pele, e o vejo chamar-me com o dedo e um sorriso no rosto, penso na sorte que tive em encontrá-lo.

– Mamã Kris! – berra um miúdo.

Tiro o meu marido da boca.

– Posso comer panquecas? – grita Mato, o miúdo do outro lado da rua. Distingo-lhe a forma escura à porta da casa de banho. – O Willow não me deixa!

Macon olha para mim.

– Mas que merda?

Contudo, o vidro é fosco e ele não nos consegue ver. Não faz mal. Levanto-me.

– Claro que podes comer panquecas – digo ao miúdo de seis anos. – Mas ainda é muito cedo. Volta para casa e arranja-te para a escola. Já desço.

– ´Tá!

E bate a porta ao sair. Olho para Macon, que passa a mão pelo cabelo.

– Tens de dizer ao puto que não pode entrar assim pelo nosso quarto.

– Já disse.

Inclino-me para o beijar.

Mas ele lança-me um olhar admoestador.

– Como é que chegámos a um ponto em que temos de dar de comer diariamente a oito miúdos que nem são nossos?

Desloco o corpo para cima dele, e sento-me ao colo.

– Os miúdos não se concentram nas aulas, se tiverem fome – digo-lhe. – E sem um bom aproveitamento nas aulas, não se tornarão médicos, advogados e presidentes. É uma estratégia a longo prazo, amor.

Ele ri-se, e sei que venci.

No início, não era nada de especial. O pai de Willow e de Mato passa muito tempo em empreitadas distantes, e a mãe deles faz turnos irregulares no hospital, portanto, comecei a sugerir-lhes que podiam tomar o pequeno-almoço connosco. Outros miúdos juntaram-se a eles mais tarde. Os jovens precisam de um pequeno-almoço completo. Se não fosse a minha mania de passar fome, durante o secundário, talvez fosse melhor aluna a matemática.

Levo a mão abaixo, e começo a afagar o meu marido, encaixando-o dentro de mim.

– Começo a ficar velho – endireita-se e aperta-me contra si. – Não posso apanhar sustos daqueles quando o tenho duro.

Pouso a sua mão no meu peito.

– Só um velho é que realmente sabe o que fazer com isto.

E faço descer o corpo que Macon beijou e provou, centímetro a centímetro, milhares de vezes, pois sabe como apreciar devidamente uma mulher.

Beijamo-nos e eu desço ao encontro dele, mas paro.

Sustendo-lhe a cara, afago-lhe a face com o polegar, sentindo os olhos pousados em mim.

Mas não sou capaz de vê-lo, caso contrário, perco a coragem.

– Quero um bebé – digo.

Fica calado. Continuo a acariciá-lo, e, aos poucos, levanto a vista.

Encara-me com uma expressão indecifrável.

– Posso ter um bebé? – pergunto-lhe.

Há muito que evitamos tocar no assunto. Não havia pressa, temos bastante tempo de sobra e adorava tê-lo só para mim.

Mas também sei que evitava o assunto, porque estava assustado.

Aguardo que contraponha. Ou que invente um motivo para aguardarmos mais tempo.

Ou pior ainda, que afinal não deseja filhos.

Embora não responda nada disto. Pegando-me na mão, encosta-a ao peito, por cima do coração.

– Repete.

Sinto a pulsação acelerar.

Sorrio um tudo-nada.

– Posso ter um bebé?

Ele fica ainda mais duro dentro de mim, e arqueja.

– Sim – e depois beija-me profundamente, sem parar, deslocando-se lentamente na minha boca.

Começo a menear-me sobre ele, mas depois batem à porta da casa de banho.

– Macon! Krisjen!

Sobressalto-me ao ouvir a voz de Trace, interrompendo o beijo.

– Vamos partir às nove! – berra.

Retraio-me. *Merda.*

Iron. Esqueci-me por completo.

Começo a afastar-me, mas Macon volta a puxar-me para baixo.

– Onde é que julgas que vais?

– Há tanto para fazer – choramingo.

Pequeno-almoço, mochilas, e tenho de entrar no *site* da escola, para confirmar que Mars – sempre esquecido – entregou o trabalho. Depois há que comprar comida.

Mas Macon prende-me, forçando o pénis dentro de mim.

– Porra, mas não – queixa-me. – Hoje vamos buscar o Iron, *depois* temos o cabrão do Callum Ames… a merda do verão começa hoje à noite, mas antes disso preciso de outro minuto a sós contigo, foda-se.

Beija-me por entre o riso, e a nossa rapidinha – que, no fim, raramente é rápida – tem início, enquanto eu faço rodar as ancas e começo a ofegar em cima dele. Iron vai voltar para casa, finalmente, depois de ter cumprido mais quatro meses por mau comportamento, e Callum Ames também regressará da faculdade, ou assim consta.

Será um verão quente. Se Macon conseguir lidar com todos os problemas, sem ir para a cadeia, será um milagre.

Toca-me nos lábios com os seus.

– Amo-te – diz.

Abraço-o.

– És meu.

AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres em cuja companhia cresci…

À minha mãe, sempre capaz de encontrar uma solução.

À avó, cujos cento e vinte metros quadrados continuam a ser o lugar mais mágico deste planeta.

Para a tia Carol, sempre ao dispor de quem precisa.

E à minha madrasta, que me mostrou o caminho a seguir.

Agradeço por tudo o que correu bem, mas principalmente, pelo que correu mal.

Aprendi bastante, portanto, obrigada.

A todas as mulheres que contribuem para a existência das minhas histórias – Jane Dystel, Lauren Abramo, Kerry Donovan, Adrienne Ambrose, Lee Tenaglia, Claudia Alfaro, Elaine York, Christine Porter, Ashlee O’Brien, Michelle Chu, Ivette Portillo, e Vibeke Courtney – obrigada por me terem descoberto e me ajudarem a continuar aqui.

Virem a página para lerem uma cena adicional de Dallas… a cena decorre durante os

CINCO IRMÃOS,

logo a seguir ao Bug Jam.

Dallas

Acho que não desgosto de Krisjen. Não é entediante.

Julguei que ela ripostaria. Que, no mínimo, se defenderia do ataque das raparigas durante o Bug Jam. Aracely disse que se recusou. Limitou-se a aceitar as pancadas, o que me parece desconcertante.

Ainda mais porque continuou a levantar-se.

Sorrio, o lençol fresco afunda-se entre as minhas pernas e pousa na minha virilha. Enfio o braço debaixo da cabeça, observando as sombras agitadas dos ramos exteriores no teto do quarto. Estou na cama há horas, mas não me sinto cansado.

Exalo, o meu peito cedendo. Não a compreendo, mas gosto da sensação desconcertante. Muito.

O meu telemóvel vibra no chão debaixo de mim, e viro-me, estico o braço pela berma da cama e reconheço o número imediatamente ao agarrar no aparelho. Um sorriso retesa a minha boca, e recosto-me para atender.

– Olá – digo.

– Mandaste mensagem.

– E tu ligaste.

Sabia que ele estava a ver. A câmara em direto por cima do centro de visitantes captura uma imagem a cento e oitenta graus do espaço, e embora não tivesse sido difícil encontrar-me no meio da multidão, bastava-lhe procurar entre as motas. Felizmente para si, Krisjen arrastou consigo a família inteira e por isso também eu ali estava.

Callum Ames deve ter-me visto entrar no parque de estacionamento, a partir da residência da fraternidade na Universidade estatal da Pensilvânia. Conhece a minha mota.

– E tu atendeste – responde.

– Estás com ciúmes?

– Estás sozinho? – espicaça.

Não consigo conter agora o sorriso.

– Queres saber se a suada e doce coninha dela está aqui ao meu lado na cama? – provoco. – Ainda não.

Sei o que está a pensar. O que pensa desde que viu Krisjen na minha moto, pela *webcam*.

– Tu não a desejas.

A voz profunda fica mais carregada, e algo sinistro toca-lhe o tom de voz. Só passaram alguns meses, mas está diferente.

Oxalá não volte a casa no Natal. Nem no verão. Quero reencontrá-lo apenas quando se tornar um homem. Quando a vida o tiver lixado mais um pouco.

– Sabes lá o que eu quero– respondo.

– Sei do que gostas.

– Também gosto de mulheres – saliento –, o que sempre te deixa irritado, pois sabes que nunca poderás ser tudo o que quero.

A voz dele decresce, até se tornar um murmúrio.

– Não digas isso.

Sinto um aperto no peito, mas só por um instante.

Callum Ames foi um erro, do milhão que quero cometer antes de morrer, mas ele queria ser o único. Aconteceu há quase dezoito meses. Eu tinha vinte anos. Ele andava no secundário. Não devia ter acontecido.

– Lembras-te da primeira vez que me puseste as mãos em cima? – pergunta ele com a voz mais suave.

– Um gancho com a direita contra o teu maxilar.

Lembro-me bem. Uma briga entre dois dos amigos deles, aqueles ricos imbecis, contra dois dos nossos.

– Chovia… – prossegue.

A água encharcava-lhe a camisa. Tornando-a transparente. O cabelo dele ficava loiro-escuro, assim molhado.

Fico com tusa. Deslizo a mão para baixo e acaricio-a debaixo do lençol.

– Chovia como hoje.

– Santos contra Pântanos – diz-me. – No arvoredo, estava escuro, ficámos molhados.

– A minha gente dava cabo da vossa… – provoco.

– Estávamos a lutar e logo a seguir… – grunhe, e consigo praticamente senti-lo. – Tinha o meu caralho na tua boca.

Mordo o lábio inferior.

– Não te satisfazias. Vieste-te logo.

Ficou logo duro. Tínhamos lutado, encontrámo-nos sozinhos e então…

– E depois empurraste-me para o assento traseiro do teu carro – diz ele –, desceste sobre as minhas costas e chupaste-me o pescoço.

– E cobri-te a boca enquanto te fodia.

Sinto o caralho encher-se na minha mão, grosso e duro, espetado no lençol.

Fui rápido. Mas meigo. Ele perdera a camisa. Não sei onde. Tinha as calças a meio das coxas. O cabelo molhado pendendo sobre os olhos. Ofegava tanto que não era capaz de falar, e eu respirava tão profundamente que nem conseguia pensar. Não antecipei aquilo.

– Tão alto – digo-lhe em voz baixa. – Tão vistoso. Um futuro CEO, rei dos fundos fiduciários, a emanar futuro poder com um sorriso presunçoso e os teus fatos de cinco mil dólares que põem as gajas molhadas só de verem. Quem me dera que os teus amigalhaços da fraternidade vissem como ficaste duro para mim.

– Igualmente duro na semana seguinte, quando enfiei a merda da tua cara no mesmo assento e te fodi de volta – provoca.

Sorrio. *Pois, foi o que fizeste.* Iron viu as marcas das mordidelas nas minhas costas e abanou a cabeça.

– Estás com tusa agora? – pergunta Callum. – Eu estou.

Uma mão desliza pela minha perna e agarra-me o caralho.

– Oh, não aguento – arrulha Jessica, afastando o lençol e esfregando o corpo nu contra o meu. – Estou a ficar com vontade outra vez.

O meu coração dispara, e agarro-lhe a coxa, puxando-a para cima de mim.

– Senta-te nele.

O outro lado do telefone fica calado enquanto a miúda que dormia ao meu lado encaixa o meu caralho dentro de si novamente, e o enterra.

O calor percorre-me o corpo como uma manta que desce lentamente sobre a minha pele, e gemo, cerrando os olhos e arqueando um pouco as costas.

– Foda-se, que bom – digo para o telefone.

– Oh, sim – geme ela, começando a montar-me. – É mesmo bom.

Levantando-me, envolvo-lhe a cintura com uma mão, e chupo-lhe as mamas suculentas. Ela geme e passo a língua pelos mamilos.

Callum respira contra a minha orelha.

– O que fiz à Liv no ano passado foi um sonho, comparando com a dor que te irei causar, quando voltar para casa – diz, e toda a vontade e ardor da voz desapareceu, substituídas por raiva. – Vai ser o teu fim, Jaeger.

Rio-me, recostando-me e observando as mamas da rapariga saltitarem enquanto agita as ancas pela extensão do meu pénis.

– Se ainda pensares em mim daqui a três anos e meio – digo-lhe –, vou desatar-me a rir…

Desligo, atiro o telemóvel para o lado e seguro-lhe as ancas com ambas as mãos, fechando os olhos.

… e estarei a postos.

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. Nota da Autora
4. Cara leitora
5. Banda sonora
6. 1 - Krisjen
7. 2 - Krisjen
8. 3 - Iron
9. 4 - Krisjen
10. 5 - Krisjen
11. 6 - Krisjen
12. 7 - Krisjen
13. 8 - Trace
14. 9 - Krisjen
15. 10 - Krisjen
16. 11 - Krisjen
17. 12 - Army
18. 13 - Krisjen
19. 14 - Army
20. 15 - Krisjen
21. 16 - Dallas
22. 17 - Krisjen
23. 18 - Krisjen
24. 19 - Krisjen
25. 20 - Krisjen
26. 21 - Krisjen
27. 22 - Macon
28. 23 - Krisjen
29. 24 - Macon
30. 25 - Krisjen
31. 26 - Macon
32. 27 - Krisjen
33. 28 - Macon
34. 29 - Krisjen

35. 30 - Macon
36. 31 - Krisjen
37. 32 - Macon
38. 33 - Krisjen
39. 34 - Macon
40. Epílogo
41. Krisjen
42. Agradecimentos
43. Dallas

Landmarks

1. Cover
2. Title-Page
3. Table of Contents